CONEXÃO, PROTAGONISMO E ESPIRITUALIDADE

TOMO 1

PERSPECTIVAS E OPORTUNIDADES PARA O MINISTÉRIO COM NOVAS GERAÇÕES

UNASPRESS

LUÍS HENRIQUE DOS SANTOS (ORG.)

CONEXÃO, PROTAGONISMO E ESPIRITUALIDADE

PERSPECTIVAS E OPORTUNIDADES PARA O MINISTÉRIO COM NOVAS GERAÇÕES

TOMO 1

Engenheiro Coelho - SP
UNASPRESS
Editora Universitária Adventista

Igreja Adventista do Sétimo Dia

Educação Adventista

Presidente da Divisão Sul-Americana: Stanley Arco
Diretor do Departamento de Educação para a Divisão Sul-Americana: Antônio Marcos da Silva Alves
Presidente do Instituto Adventista de Ensino (IAE), mantenedora do Unasp: Maurício Lima
Secretário do Instituto Adventista de Ensino (IAE), mantenedora do Unasp: Charles Rampanelli
Tesoureiro/CFO do Instituto Adventista de Ensino (IAE), mantenedora do Unasp: Telson Vargas

UNASP

Reitor: Martin Kuhn
Vice-reitor administrativo: Claudio Knoener
Vice-reitor para educação superior e diretor do campus São Paulo: Afonso Ligório Cardoso
Vice-reitor e diretor do campus Engenheiro Coelho: Carlos Alberto Ferri
Vice-reitor para a educação básica e diretor do campus Hortolândia: José Prudêncio Jr.
Pró-reitor financeiro: Paulo Ricardo Monarin
Pró-reitor de graduação: Edilei Rodrigues de Lames
Pró-reitor de pesquisa e desenvolvimento institucional: Allan Macedo de Novaes
Pró-reitor de gestão integrada: Mauricio Guimarães Lima
Pró-reitor de pós-graduação lato sensu: Luis Henrique dos Santos
Pró-reitor de desenvolvimento espiritual: João Brito Netto
Pró-reitor de educação a distância: Jonas Rafael Nikolay

UNASPRESS
Editora Universitária Adventista

Editora-chefe: Jéssica Lisboa Pereira Neto
Editor-assistente: Gabriel Alves da Costa
Responsável editorial pelo EAD: Regiane Cardoso de Oliveira

Conselho editorial e artístico: Dr. Martin Kuhn; Esp. José Prudêncio Jr.; Dr. Afonso Cardoso; Dr. Carlos Ferri; Me. Claudio Knoener; Dr. Allan Novaes; Esp. Jéssica Lisboa; Dr. Edilei Lames; Dr. Evandro Fávero; Dr. Vanderlei Dorneles; Dr. Adenilton Tavares; Dr. Fabio Alfieri; Dra. Silvia Quadros; Dra. Lizbeth Kanyat; Esp. João Brito Netto; Dr. Jonas Nikolay; Esp. Regiane Cardoso de Oliveira; Esp. Carlos Gil; Esp. Henrique Gonçalves; Dr. Jônatas Leal; Me. Diogo Cavalcanti

UNASPRESS
Editora Universitária Adventista

Caixa Postal 88 – Reitoria Unasp
Engenheiro Coelho, SP CEP 13448-900
Tels.: (19) 3858-5171 / 3858-5172

www.unaspress.com.br

Coordenação editorial: Gabriel Costa
Edição: Acsa Mirele e Ygor Lebrank
Diagramação e projeto gráfico: Rodrigo Neto

Conexão, Protagonismo e Espiritualidade:
Perspectivas e Oportunidades Para o Ministério com Novas Gerações.
Tomo 1

1ª edição – 2026

Pareceristas *ad hoc*
Dr. Eduardo Lopes
Ma. Sâmela Lima
Esp. Heron Santana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Conexão, protagonismo e espiritualidade [livro eletrônico] : perspectivas e oportunidades para o ministério com novas gerações / Luís Henrique dos Santos (org.). – Engenheiro Coelho, SP : Unaspress, 2026. – (Conexão, protagonismo e espiritualidade ; tomo 1)
PDF

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-5405-090-6

1. Adventistas do Sétimo Dia - Doutrinas 2. Crianças e adolescentes 3. Fé (Cristianismo) 4. Jovens - Aspectos religiosos - Cristianismo 5. Ministério cristão 6. Vida cristã - Adventistas do Sétimo Dia I. Santos, Luís Henrique dos. II. Série.

26-360417.1 CDD-248.83

Índices para catálogo sistemático:

1. Jovens : Adventistas do Sétimo Dia : Vida cristã 248.83

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Editora associada:

Associação Brasileira das Editoras Universitárias

OP 00303.1

Todos os direitos de tradução e publicação em língua portuguesa reservados à Unaspress - Editora Universitária Adventista. Proibida a reprodução por quaisquer meios, *sem prévia autorização escrita da editora*, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Sumário

- Prefácio 8
  Luís Henrique Dos Santos

- Introdução 12
  Glaucia Clara Korkischko

SEÇÃO I - Infância, formação e bases da fé 14

01 O desenvolvimento da fé na criança e no adolescente: uma análise dos estágios de James Fowler e outros autores 16
Nadma Forti e Dione Ribeiro de Abreu Lanza

02 Educação sexual na infância e adolescência: quais suas contribuições para o desenvolvimento harmônico do indivíduo até a vida adulta 29
Débora Guimarães Ogalha

03 Psicomotricidade e aprendizagem na primeira infância: contribuições da neurociência para o desenvolvimento cognitivo 40
Rosângela Roma Souza Donato

04 Como apresentar as sagradas escrituras às novas gerações 52
Roque Luis Roselot

05 Leitura cristã e as novas gerações 68
Zoraida Ruth Plasencia Salcedo

06 Adoração infantil 84
Janice Pareja

07 A importância da música agregada às histórias bíblicas e o lúdico no culto infantil 98
Silvana Noemi de Gouvêa Oliveira

08 Formação de professores e a escola sabatina 4.0: uma reflexão sobre a prática das metodologias ativas e as necessidades da geração Alfa 116
Glaucia Clara Korkischko

09 Inclusão na escola sabatina 130
Maria Júlia da Silva Cardoso

10 Educação financeira cristã para as novas gerações 144
Cláudia Rodrigues Graep

SEÇÃO II - Juventude, identidade e pertencimento 156

11 Juventude e pertencimento: o papel da participação nos cultos na renovação da igreja 158
Eliane Lopes

12 As novas gerações em uma igreja intergeracional 168
Marcelo Eduardo Quiñones

13 Uma igreja significativa: a importância de "traduzir" a fé para as novas gerações 182
José Antonio Manzanares Sipión

14 Os desafios enfrentados pelas novas gerações: como ajudá-los? 192
Jeferson Santos da Silva

15 Falta de diálogo entre pais e filhos: a triste constatação da quebra dos relacionamentos fraternais 200
Claudio Roberto de Oliveira

16 Isolamento social: o impacto do culto online na religiosidade dos jovens adventistas 211
Wagton Alves Santos

17 Novas gerações: liderando uma geração em crise com a liderança 231
Aline Cristina Francisco Machado de Oliveira

18 O relacionamento da liderança com as novas gerações da igreja 242
Vânia Moreira

19 A juventude adventista e sua experiência com a guarda do sábado 249
Rodrigo Pellegrino

20 Como é fácil trabalhar com os adolescentes! Legado adventista: transferência e adolescência 257
Ruthe Peñafiel

SEÇÃO III - Discipulado, missão e prática ministerial 268

21 Discipulado geracional: a práxis em um mundo pós-moderno 270
Alan Cosavalente Leyva

22 A tutoria no discipulado como estratégia missionária na juventude adventista 284
Max Choque Ortega

23 Uma proposta de discipulado bíblico para as gerações Y e Z 294
Danilo Rodrigues de Abreu

24 Qual o impacto na vida do adolescente que vivencia a missão 306
Luiz Henrique Santos, Lucineide Lucena Lima e Monica Gisele Nery Ramos Pereira

25 Mentalidade missionária: cinco razões para investir na formação e desenvolvimento da "mentalidade missionária" nas novas gerações 318
Krysthiann Zeferino

26 4 fatores importantes para alcançar maior comprometimento dos jovens na atividade missionária 328
Samuel Parada Paniagua

27 Revitalizando o ministério jovem adventista na igreja local a partir do resgate de sua identidade missionária: uma reflexão sobre passado e futuro 341
Cândido Gomes da Silva

28 Importância das escolas cristãs de férias: um método evangelístico para as novas gerações 357
María Virginia Zubco Kwazuk

29 Impacto do projeto geração teen (gteen) nos adolescentes como plano de resgate 367
Yudy Villa de Romero

30 Desenvolvimento dos dons espirituais nas novas gerações 376
Isabel Laborda Vega

31 Estratégias de mobilização e discipulado em rede para alunos do ensino médio no contexto adventista de ensino 387
Matheus Maia

SEÇÃO IV - Cultura, linguagem e desafios contemporâneos 402

32 Sexualidade e conduta cristã: como conversar com crianças e adolescentes sobre sexo 404
Francilene Fróes Prado Gonçalves

33 Identidade de gênero: a preparação do líder de juvenis 412
Noemí Albornoz e Lidia Graciela Schneider

34 Influência da mídia sobre o comportamento da sociedade e como isso influencia as novas gerações 427
Gustavo Menezes Delgado

35 Inferências sobre possíveis impactos das mídias sociais e jogos no cérebro 438
Fabiola Canedo Guedes

36 Pregando na linguagem de hoje: a busca de uma linguagem apropriada para alcançar as novas gerações 449
Marcos Lemes Cardoso

37 Utilização da metodologia de ensino imersivo para a evangelização das novas gerações 464
Daniel Sebastián Cayrus Pereyra

38 Narratologia e gamificação como ferramentas no discipulado de adolescentes..... 475
Mariano Sanz

39 O uso das histórias em quadrinhos no evangelismo da IASD..... 487
Thiago de Passos Lobo

40 Mateus 19:16–22: questões geracionais da juventude e discipulado 495
Aryel Marques de Paula

41 Protagonistas conhecedores do roteiro: um breve panorama das expectativas de Ellen G. White sobre as novas gerações nos eventos finais..... 511
Neila Diniz de Oliveira

42 A relevância da pregação bíblica para adolescentes e jovens 524
Sidnei da Silva Guimarães

43 Características de um líder de adolescentes..... 533
Yasna Liz Cárdenas Seguel Oliveira

Prefácio

Luís Henrique Dos Santos
Coordenador Acadêmico do MBA e Organizador da Coletânea

Data: 14 de maio de 2018
Hora: 8h00
Local: Sala Frankfurt, Centro de Convenções do Hotel Slaviero Aeroporto, em Guarulhos, Brasil
Presentes: 55 estudantes, 4 convidados externos, 1 convidado online (via videoconferência)

Começava assim, em 2018, a primeira aula da primeira turma do MBA em Liderança com Ênfase no Estudo das Novas Gerações, uma iniciativa oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia no território da Divisão Sul-Americana, idealizada para capacitar os líderes a frente dos ministérios com novas gerações – Crianças, Adolescentes, Aventureiros, Desbravadores e Jovens – das Uniões e Associações. A ação foi operada academicamente pelo UNASP - Centro Universitário Adventista de São Paulo, e contou com a colaboração de professores e palestrantes de diferentes instituições do Brasil e do exterior. A ideia central era promover atualização em temas emergentes, reforçar fundamentos bíblicos e denominacionais, promover a troca de experiências entre os participantes e encontrar, em conjunto, formas inovadoras e responsáveis de enfrentar os novos desafios sociológicos e espirituais os quais enfrentavam as novas gerações na Igreja Adventista no contexto contemporâneo.

Hoje, oito anos, uma pandemia e três turmas depois (e uma quarta em andamento), mais de 150 alunos já passaram pelo curso e aplicaram o conhecimento e experiência adquiridos em novos e antigos projetos, no relacionamento com suas equipes de trabalho, e na interlocução com as novas e antigas gerações.

O material ao qual você está tendo acesso, nesse momento, é a materialização das reflexões pessoais de parte significativa desse grupo (um total de 127 autores). São ensaios – uma modalidade de escrita mais reflexiva e pessoal, sem a obrigatoriedade de vinculação a alguma pesquisa científica com metodologia mais rigorosa – nos quais os autores tratam de temas como comportamento, música, tendências sociais, grandes

movimentos culturais e fazem reflexões sobre o papel da Igreja e de suas iniciativas como uma possível resposta à parte das perguntas mais urgentes das novas gerações.

Como em qualquer reflexão pessoal, muito da visão de mundo, das experiências particulares de cada autor e do espírito do tempo são expressas nos textos. Portanto, ainda que seja um material produzido por colaboradores em posições formais de liderança da Igreja Adventista selecionados para cursarem o MBA, não refletem, necessariamente, as posições oficiais da Igreja a respeito de todos os temas, ainda que não tenham sido identificadas dissenções doutrinárias ou organizacionais. É, assim, um material seguro, criado por líderes realmente engajados em fazer o melhor pelas novas gerações e pela causa do Mestre.

A equipe editorial desta coleção também optou pela preservação máxima dos textos originais, aplicando somente as correções ortográfico-gramaticais, ajustando formatações de referências e atualizando outras, ou incluindo a supressão quando identificadas inconsistências que não foram possíveis de serem esclarecidas com os autores. O resultado é um mosaico de estilos, de abordagens, de profundidades, de rigor metodológico e de propostas que não são comuns em obras com linhas editoriais mais formais, mas que, nesse caso, conferem uma riqueza única a todo esse material. E é assim que recomendamos a leitura: uma imersão em diferentes pontos de vista para diferentes cenários e desafios das novas gerações. Alguns serão mais próximos a sua realidade como leitor; outros, menos familiares ou com os quais não haverá unanimidade, mas todos, certamente, contribuirão para uma construção mais extensa do conhecimento sobre o trabalho da Igreja Adventista do Sétimo Dia com as novas gerações.

Esse material completo é composto por 3 tomos, separados por grandes áreas de afinidade – Crianças & Adolescentes, Aventureiros & Desbravadores, e Jovens – e suas temáticas diversas. Recomendamos a leitura deste tomo que você tem em mãos e dos outros dois, em conjunto, para uma percepção mais realista de como os temas foram tratados

em conjunto, em um ambiente único de cooperação e troca de experiências, o que certamente inspirou e influenciou mutuamente os autores.

Encerro este prefácio com uma citação de Ellen G. White sobre a importância do trabalho com as novas gerações. Escreve ela, no livro "Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes", na página 165:

> "Se há tempo em que devamos trabalhar com ardor, é hoje. O inimigo está atacando de todos os lados, semelhante a uma inundação. Unicamente o poder de Deus pode salvar nossos filhos de serem varridos pela maré do mal. A responsabilidade que repousa sobre os pais, professores e membros da igreja, de fazerem sua parte em cooperação com Deus, é tão grande que não pode ser expressa por palavras." (White, E. 1987)

Este material é parte de um esforço conjunto e dedicado em cumprir a responsabilidade de fazer a nossa parte em cooperação com Deus.

Boa leitura.

Introdução

Glaucia Clara Korkischko
Ministério da Criança e do Adolescente - Divisão Sul-Americana

Ao ser convidada para falar sobre a relevância dos ministérios com crianças e adolescentes, lembro-me do famoso pregador Moody. Interrogado sobre sua noite de evangelismo, ele afirmou que "duas pessoas e meia" haviam sido salvas. O ouvinte presumiu: “dois adultos e uma criança”. Moody corrigiu: “Não! Duas crianças e um adulto. Crianças têm a vida inteira para doar ao serviço do Mestre; adultos possuem apenas a metade”.

Seguindo essa premissa de valor à infância, a Igreja Adventista do Sétimo Dia reconhece o preço a ser pago em favor das novas gerações e a urgência de um discipulado intencional. Por isso, tem apoiado líderes e departamentais na formação e ampliação da visão por meio deste MBA. A administração da Igreja tem desenvolvido pesquisas locais para compreender o avanço da fé e investido na base das comunidades — da estrutura física aos recursos humanos —, oferecendo ferramentas práticas para um serviço relevante.

Pesquisadores como Lionel A. Hunt já apontavam que 85% das conversões ocorrem entre 5 e 15 anos. Georg W. True mostrava que 96% recebiam a Jesus antes dos 21 anos. Vejo em nossos líderes esse mesmo desejo de investigar, refletir e criar novos métodos evangelísticos. Discipular e mentorear exigem preparo; nesse sentido, o percurso curricular deste MBA contribui para formar líderes conscientes de uma missão que não pode ser improvisada.

Este material não é apenas uma coletânea de textos, mas um repositório que integra teoria e prática, fé e contexto, princípios bíblicos e desafios contemporâneos. Formar discípulos hoje exige intencionalidade, criatividade, conexão e fidelidade à mensagem.

Desejo que o leitor não apenas adquira novos conhecimentos, mas seja desafiado a uma prática mais profunda. Que cada escrita provoque reflexão, inspire ações e fortaleça a convicção de que trabalhar com as novas gerações é cumprir a missão de fazer discípulos. Que este material ajude comunidades de fé a formarem crianças e adolescentes maduros em Cristo, fortes em seus valores e comprometidos em demonstrar Jesus ao mundo.

Expresso minha sincera gratidão aos administradores, gestores do programa e a todos os autores que, com dedicação e generosidade, contribuíram para esta obra. Este e-book é mais que um registro de texto e experiência, é sobre um desejo de conexão. Desfrute!

Seção I

Infância, formação e bases da fé

CAPÍTULO 1

01

O desenvolvimento da fé na criança e no adolescente: uma análise dos estágios de James Fowler e outros autores

Nadma Forti e
Dione Ribeiro de Abreu Lanza

Na atualidade, não é incomum nos depararmos com crianças e adolescentes vivenciando situações de medo, insegurança, ansiedade, privações e até abusos. No contexto religioso, em que se prega constantemente sobre a fé, nem sempre existe uma conscientização acerca da importância desta e de sua relevância para a vida do ser humano, principalmente na infância e na adolescência.

Segundo Smith (1963 apud Fowler, 1992 [1981]), p. 21

> A fé é uma qualidade do viver humano. Na sua melhor forma ela assume o aspecto de serenidade, coragem, lealdade e serviço: uma tranquila confiança e alegria que capacita a pessoa a sentir-se em casa no universo, e a achar sentido no mundo e em sua própria vida, um sentido que seja profundo e último e que seja estável não importando o que possa acontecer à pessoa no nível dos eventos imediatos. Homens e mulheres com este tipo de fé enfrentam catástrofes e confusão, afluência e dor, sem perturbações; encaram as oportunidades com convicção e energia; e relacionam-se com outros com uma jovial caridade.

Diante desse paradigma, é cabível questionar: como ajudar as gerações Z e Alpha a desenvolverem esse tipo de fé? De que forma os pais e as igrejas podem contribuir intencionalmente para que crianças e adolescentes tenham uma experiência pessoal, individual e significativa de fé em Deus?

Neste trabalho, propomos uma reflexão sobre o desenvolvimento da fé no ser humano, baseada nos estágios da fé de James Fowler (1992).

O QUE É A FÉ?

Diversos indivíduos se consideram plenos de fé, condição que não se estende à totalidade dos seres humanos. Contudo, mesmo sujeitos que alegam a ausência de fé consolidam suas próprias convicções, muitas vezes interpretadas

como tal. Diante desse cenário, torna-se pertinente uma reflexão sobre o conceito de fé. Ademais, esta adota o conceito de fé apresentado por Tillich (1974, p. 12, 17–18), para ele:

> A fé é algo que pertence estruturalmente à condição humana, mesmo quando não se refere a uma experiência religiosa. Porque representa algo mais profundo e pessoal que a religião, pois é a maneira pela qual uma pessoa ou grupo responde ao valor e poder transcendentes, conforme são percebidos e apreendidos através das formas da tradição cumulativa. Ainda assim, fé e religião podem interagir uma com a outra e em alguns momentos apresentam reciprocidade, ajudando-se para continuarem vivas.

No contexto cristão, a fé – entendida como um dom universal dado por Deus ao ser humano – desempenha um papel fundamental na construção do ser. Pressupõe-se que todos os indivíduos nascem com capacidades inatas para o exercício da fé. No entanto, Fowler (1992, p. 10–11) postula que o desenvolvimento da fé do indivíduo está intrinsecamente relacionado com o ambiente no qual este desenvolve a sua linguagem, sociabilidade e rituais:

> A maneira pela qual essas capacidades são ativadas e crescem depende grandemente de como somos recebidos no mundo e do tipo de ambiente em que crescemos. A fé é interativa e social, requer comunidade, linguagem, ritual e alimentação. A fé também é moldada por iniciativas que vêm de além de nós e de outras pessoas, iniciativas e espírito ou graça. A maneira pela qual essas iniciativas são reconhecidas e expressas em imagens, ou despercebidas e ignoradas, afeta poderosamente a configuração da fé em nossa vida.

E, embora seja possível reconhecer que qualquer indivíduo pode desenvolver um relacionamento com o sagrado, impulsionado pela devoção e integridade que deposita nas ações de fé de outrem, conforme sugerido por Fowler (1992, p. 15) "as pessoas, causas e instituições que realmente amamos e em que confiamos, as imagens do bem e do mal, de possibilidade e probabilidade com as quais estamos comprometidos – tudo isto forma o padrão de nossa fé"; o apóstolo Paulo, constata que a fé é, primariamente, um dom concedido por Deus: "Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus" (Ef 2:8). Assim, o que é lido em Romanos 10:17, "A fé vem pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus", adquire um significado mais profundo; isto é, em outros termos, a fé constitui-se, primeiramente, como uma dádiva divina e, sucessivamente, como uma virtude que pode ser desenvolvida e solidificada à medida que o indivíduo conhece e apreende a Palavra, o evangelho de Cristo.

Ainda nesse paradigma, Fowler (1992, p. 9–11) comenta que:

> É possível entender a fé como o mesmo fenômeno em qualquer pessoa e, ainda assim, por sua diversidade, percebê-la como um sentimento e uma experiência únicos em cada uma delas. Por isso, o seu desenvolvimento requer autoexame e compreensão para a fé de outros, uma vez que, além de ser formada por iniciativas próprias e de outras pessoas, também pode receber influência da graça divina, sendo inesgotavelmente misteriosa.

Nesse sentido, a experiência, ou, ainda, o fenômeno da fé, constitui uma realidade passível de ser sentida, testemunhada e vivenciada. Tillich (1974, p. 12–13), elabora o conceito de fé sob um prisma mais específico, ao constatar que é nos estágios inicias do indivíduo – a fase infantojuvenil – que a fé pode e dever ser nutrida: "A fé, ainda que pessoal e tendo sua base na infância a

partir dos adultos de referência que cercam a criança, precisa ser constantemente nutrida para que se desenvolva ao longo da vida. Dentro dessa teoria, é possível afirmar que a fé é interativa e social, requer comunidade, linguagem, ritual e alimentação".

ESTÁGIOS DA FÉ DE JAMES FOWLER

James Fowler (1940–2015), pastor metodista e teólogo americano, propôs a *Teoria dos Estágios da Fé* baseada nos estudos de Piaget, Kohlberg e Erikson. Nela, ele elaborou etapas para o desenvolvimento da fé, semelhante ao desenvolvimento do ser humano. Nos seus estudos, Fowler foi capaz de identificar vivências fundamentais que perpassavam as fases do desenvolvimento humano, as quais se mostram necessárias para a manutenção e para o fortalecimento da fé.

No presente estudo, o interesse recai sobre a relação da criança e do adolescente com o sagrado, descrita por Fowler nos quatro primeiros estágios da fé, que compreendem o período desde o nascimento até os dezoito anos. Em sua obra principal, *Estágios da Fé* (1992), verifica-se a existência de características específicas pertinentes a cada uma dessas etapas.

PRÉ-ESTÁGIO: LACTÂNCIA E FÉ INDIFERENCIADA. DE ZERO AOS DOIS ANOS DE IDADE

Essa fase envolve o início da confiança emocional e nela está a base do posterior desenvolvimento da fé. A vivência da confiança, do amor e da aceitação são fundamentais para que a criança sinta o amor de Deus. Se a criança é cuidada com amor, se há colo, alimentação, higiene e pessoas com as quais possa manter um relacionamento complementar confiável, sua confiança no mundo e nela mesma é equilibrada, gerando confiança. Nota-se também que é nessa fase que as suas primeiras pré-imagens de Deus se originam. Para Fowler (1992, p. 106), é no pré-estágio que:

> [...] as sementes da confiança, coragem, esperança e amor fundem-se de uma forma indiferenciada e contendem com ameaças de abandono sentidas

> pelo bebê, inconsistências e privações no ambiente da criança. A qualidade de mutualidade e a força da confiança, autonomia, esperança e coragem desenvolvidas nesta fase estão subjacentes a tudo que virá mais tarde no desenvolvimento da fé. A força da fé que surge neste estágio é o fundo de confiança básica e a experiência relacional de mutualidade com as pessoas que dispensam os cuidados e amor primários.

Não obstante, é nesse contexto que Fowler (1992) adverte acerca da vulnerabilidade desse estágio, a qual reside na carência de mutualidade. Segundo o autor, tal deficiência pode manifestar-se por meio de um narcisismo exacerbado, no qual a percepção de centralidade do indivíduo compromete a interação mútua, ou, alternativamente, advir de negligências e inconsistências ambientais que confinam o bebê a dinâmicas de isolamento e a processos relacionais defectíveis.

ESTÁGIO 1: FÉ INTUITIVO-PROJETIVA – APROXIMADAMENTE DOS DOIS AOS SEIS OU SETE ANOS DE IDADE

De acordo com Fowler (1992), a fé intuitivo-projetiva caracteriza-se como uma etapa fantasiosa e imitativa, na qual o infante é passível de ser influenciado, de maneira profunda e duradoura, pelos modelos, temperamentos, condutas e narrativas da fé manifesta pelos adultos com os quais estabelece vínculos primordiais. Nesse período, a criança tem uma fé considerada como "forte", pois se relaciona com Deus e preserva a prática da oração. Gosta de se relacionar com Deus através da oração e ama o texto bíblico. Além disso, o cuidado de Deus e dos anjos é real e pessoal para ela.

Nesse estágio, as crianças começam a fazer perguntas sobre os mistérios da fé, como: o significado da morte, do céu, das linguagens e dos símbolos religiosos. Elas já conseguem desenvolver uma experiência de adoração, reverência e gratidão. E, ainda, demonstram capacidade de mensurar a gravidade de seus erros proporcionalmente à severidade das sanções recebidas.

Sob essa ótica, Fowler destaca a relevância das instituições primárias de socialização na formação do imaginário infantil: "A educação nesta idade, no lar, nas sinagogas e igrejas, em escolas maternais e jardim da infância, tem uma tremenda responsabilidade pela qualidade das imagens e estórias que proporcionamos como dons e guias para a fértil imaginação de nossas crianças" (Fowler, 1992, p. 116).

Entretanto, o autor adverte que a plasticidade dessa fase também comporta riscos significativos, especialmente no que tange à manipulação do temor e à imposição de dogmatismos: "Os perigos deste estágio surgem da possível 'possessão' da imaginação da criança por imagens irrestritas de terror e destrutividade ou da exploração, consciente ou não, de sua imaginação ao se reforçarem tabus e expectativas morais ou doutrinárias" (Fowler, 1992, p. 117).

ESTÁGIO 2: FÉ MÍTICO-LITERAL – APROXIMADAMENTE DOS SETE AOS DOZE ANOS DE IDADE

Nesse estágio a criança se encaixa nas operações concretas de Piaget. Ela já pode contar boas histórias, fazer operações aritméticas, usar sistemas de classificação e ter noção da perspectiva de outras pessoas com relação à vida. De acordo com Fowler (1992, p. 128), "É o estágio no qual a pessoa começa a assumir para si as histórias, crenças e observâncias que simbolizam pertença à sua comunidade". A criança, nesse período, já trabalha arduamente para distinguir a realidade do faz-de-conta, ela possui "a melhor compreensão das relações causa-efeito". Tal conjuntura indica que estão presentes os elementos necessários para que as crianças se apropriem das narrativas que lhes são transmitidas e as reproduzam (Fowler, 1992, p. 119).

Ademais, a fé, neste estágio, se apresenta de modo mais linear. O surgimento da narrativa e o aparecimento da estória, do drama e do mito são formas que dão sentido e coerência à experiência. A criança no estágio dois possui uma vívida intuição de uma legalidade natural constituída por Deus, e, por isso, avalia seus mitos diante das crenças que lhe foram ensinadas. Para ela, a justiça e o perdão de Deus estão baseados em reciprocidade. Diante disso, Fowler (1992, p. 129) adverte quanto aos perigos de caráter extremista durante essa fase do desenvolvimento relacional:

> As limitações da literalidade e uma excessiva dependência da reciprocidade como princípio para construir um ambiente último podem resultar ou em um perfeccionismo supercontrolador e empolado ou 'justificação pelas obras', ou em seu oposto, um humilhante senso de maldade, assumido por causa de maus tratos, negligência ou o patente desfavor da parte de outros significativos.

ESTÁGIO 3: FÉ SINTÉTICO-CONVENCIONAL – APROXIMADAMENTE DOS DOZE AOS DEZOITO ANOS DE IDADE

A experiência de mundo, nessa fase, se amplia para além da família, e é marcada pela escola ou trabalho, amigos, sociedade, e até a mídia. Nesse sentido, a religião merece atenção no desenvolvimento do adolescente, de tal forma que: "A fé precisa proporcionar uma orientação coerente em meio a essa gama mais complexa e diversificada de envolvimento. Ela precisa sintetizar valores e informações; precisa fornecer uma base para a identidade e a perspectiva da pessoa" (Fowler, 1992, p. 146).

Nessa fase, a concepção de Deus perpassa por uma recomposição na psique do indivíduo. O adolescente busca um Deus que o conheça, aceite e confirme o seu próprio eu. Fowler (1992, p. 132) salienta que:

> Deus – quando Deus permanece ou se torna saliente na fé de uma pessoa neste estágio – também deve ser reimaginado como alguém possuidor de profundezas inesgotáveis e capaz de conhecer pessoalmente aquelas misteriosas profundezas do eu e dos outros que sabemos que nós mesmos jamais iremos conhecer.

Quando se trata de religião, sentido e símbolo se afetam mutuamente. Os símbolos do sagrado são honrados como grandezas inseparáveis, pois são valiosos e dão sentido à vida. Tal concepção, compreende que qualquer

ameaça ao símbolo pode ser entendida como um ataque ao sagrado. Fowler (1992), argumenta que a trivialização dos símbolos ou o distanciamento das celebrações rituais coletivas provoca o esvaziamento do sagrado. Segundo o autor, quando esse fenômeno se torna disseminado na sociedade – como observado na contemporaneidade –, a ausência de sentido e de representações significativas culmina em quadros de ansiedade aguda e neuroses, além de impulsionar a busca por fenômenos ocultistas e espiritualistas variados.

CARACTERÍSTICAS DAS GERAÇÕES Z E ALPHA

As crianças e adolescentes que hoje, em 2024, se encaixam nestes quatro primeiros estágios da fé de Fowler, fazem parte das famosas gerações Z e Alpha. É importante refletirmos sobre as características dessas gerações para que possamos, diante dos estudos de Fowler, pensar em estratégias e ações intencionais que favoreçam o desenvolvimento da fé de crianças e adolescentes.

A geração Z é constituída pelos nascidos entre 1996 e 2010, abrangendo atualmente a faixa etária dos 14 a 28 anos. É a primeira geração de nativos digitais, cujas principais fontes de informação são os smartphones, com nítida preferência por conteúdos em vídeos curtos e fotos.

Embora estejam imersos no ambiente digital, demonstram-se realistas, competitivos e independentes, haja vista que valorizam a consciência coletiva e manifestam mais tolerância à diversidade comparado a geração anterior. Sentem necessidade de expor suas opiniões, não têm medo de arriscar, valorizam ações criativas e demonstram preocupação com o ecossistema, a sustentabilidade e a preservação dos recursos naturais.

Aprendem de formas diferentes por serem multifocais e convergirem em diferentes plataformas, buscando autonomamente, por meio da internet, informações que desconhecem. Cultivam amizades e relacionamentos virtuais, ao passo que valorizam os influencers digitais. Distanciaram-se, em certa medida, do convívio parental em prol da privacidade e do isolamento, apresentando elevados níveis de ansiedade e predisposição a quadros depressivos.

A geração Alpha compreende os nascidos a partir de 2010, abrangendo, atualmente, as crianças e adolescentes de até catorze anos. Caracterizam-se

por integrarem núcleos familiares reduzidos, advindos, em geral, de genitores com idade mais elevada e com alta incidência de filhos únicos. Ademais, também são considerados como nativos digitais, pois interagem com aparatos tecnológicos desde o nascimento. Para esse grupo, a tecnologia é um elemento intrínseco à existência, sendo a vida dissociada das ferramentas digitais algo virtualmente inimaginável.

Essa geração demonstra espontaneidade e autonomia, aliados a uma célere capacidade de adaptação. São estimulados por recursos sensoriais, sobretudo visuais, graças às mídias digitais saturadas de imagens, vídeos e fotos. O processo de aprendizagem dessa geração é horizontal, manifestando preferência pela educação híbrida (online e offline), conectada a situações do cotidiano. Para essa geração, as estratégias tradicionais de aprendizado são cansativas, tendo em vista que possuem pouco poder de concentração.

Por fim, a geração Alpha é mais receptiva à diversidade e à inclusão, uma vez que enxerga cada vez menos barreiras entre as pessoas; nota-se também, que, para esses indivíduos, a diferenciação é tida como normativa, em outras palavras: ser diferente é ser normal. Distinções binárias como "coisas de menino" e "coisas de menina" caem por terra para essa geração, na qual as crianças apresentam comportamentos menos cerceados por estereótipos.

A INFLUÊNCIA DO CONTEXTO SOCIAL, FAMILIAR E CULTURAL NO DESENVOLVIMENTO DA FÉ

Os estudos de Wallon sobre a afetividade trouxeram contribuições significativas para o processo de aprendizagem infantil. De acordo com o pesquisador, o desenvolvimento da inteligência do indivíduo (infante) depende, essencialmente, das experiências oferecidas pelo meio. Nesse sentido, depreende-se a relevância das construções sociais, familiares e culturais para o desenvolvimento integral da criança e da sua fé (Craydy; Kaercher, 2001).

Consideramos de suma importância as interações sociais para consolidar a aprendizagem da criança e do adolescente. O fortalecimento dos valores éticos é necessário para o desenvolvimento moral. Como ser relacional, a criança e o adolescente precisam de um ambiente que gere amor, carinho

e atenção. Ademais, necessitam também de orientação, controle e aceitação de seus pares e mentores para que alcancem o pleno desenvolvimento. Segundo postula Cloyd (2000, p. 12), é imperativo que se assegure às crianças tempo e espaço adequados à maturação do conhecimento acerca da divindade. Sob essa ótica, cabe à comunidade eclesiástica o papel de orientar esse processo formativo.

Em síntese, James Fowler concorda com a importância das relações interpessoais ao preconizar, em sua teoria o desenvolvimento espiritual, a figura do outro significativo. Sob esse prisma, o outro constitui-se como um guia para a criança, e, por meio dele, ela desenvolve linguagem e pensamento – condições necessárias para a reflexão e intelecção.

FAMÍLIA: O PAPEL DOS PAIS E CUIDADORES NA FORMAÇÃO INICIAL DA FÉ

Esse é o tesouro mais valioso que os pais e cuidadores podem oferecer às crianças porque eles se tornam exemplos vivos, modelos. As gerações Z e Alpha precisam observar nos pais e cuidadores uma fé autêntica e comprometida, apreendendo-a por meio das atitudes, comportamentos e do modo como estes se relacionam com Deus.

De acordo com a mensagem paulina para a igreja de Éfeso, a educação para a fé começa em casa, "E vós, pais, não provoqueis vossos filhos à ira, mas criai-os na disciplina e na admoestação do Senhor" (Ef 6:4). Desse modo, percebe-se que o envolvimento familiar no estudo da Bíblia, o ato de render cultos ao Senhor no ambiente doméstico e o diálogo aberto e transparente são construtores de uma fé e caráter sólido.

Outra forma de aprendizado acontece quando a família se envolve em serviço ao próximo, como o voluntariado, a participação em missões; em grupos de colegas da mesma faixa etária, a exemplo dos clubes de desbravadores e aventureiros, bem como no estímulo a uma vida de oração.

Sugerem-se algumas atividades capazes de despertar na criança e no adolescente o senso de pertencimento, de acolhimento familiar e de vida em comunidade, tais como contar histórias bíblicas e o uso de jogos e brincadeiras com a temática religiosa. Também é importante que a criança e o

adolescente participem de grupos musicais e de louvor, acampamentos e retiros espirituais. Essas experiências concretas ajudam a construir uma base sólida de fé e confiança em Deus.

EDUCAÇÃO: A INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO FORMAL E RELIGIOSA NO DESENVOLVIMENTO DA FÉ DURANTE A INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Na educação formal, encontramos elementos cruciais para o desenvolvimento da fé, visto que nas escolas, além da parte acadêmica, há o desenvolvimento de virtudes como respeito, empatia, solidariedade, tolerância, ética e responsabilidade que estão na base dos princípios religiosos.

Na educação religiosa, que se desenvolve em algumas instituições de ensino, em aulas específicas ou transversais, ocorre uma vivência da fé individual por meio de estudos da bíblia, orações e celebrações, o que gera uma conexão emocional com a espiritualidade e guia a criança e o adolescente na busca por significado, valores e esperança.

Deparamo-nos com alguns desafios para a formação desta geração, como o relativismo e a incerteza; a secularização e individualismo; a influência da cultura e das mídias sociais; a crise de sentido e desesperança; os conflitos éticos e morais; a falta de comunidade e integração; e as famílias fragilizadas.

Lembre-se de que, apesar dos desafios, a formação da fé também oferece oportunidades para ao crescimento, ao diálogo e ao testemunho. Como comunidade de fé, podemos enfrentar esses obstáculos com amor, paciência e esperança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a elaboração deste estudo, ficou evidente que o desenvolvimento da criança na fé ocorre ao longo de diferentes estágios. No início, a criança é introduzida aos conceitos básicos da religião, como a existência de Deus e a importância da oração. Em conformidade com o seu crescimento, ela começa a explorar e questionar a fé, buscando respostas para suas dúvidas e aprofundamento do seu conhecimento religioso.

É importante que os pais e líderes religiosos estejam presentes nesse processo, oferecendo orientação e apoio. Tratando cada criança e adolescente com as suas especificidades próprias em cada faixa etária, lembrando que a fé não é um elemento isolado; ela pulsa dentro da cultura, influenciando e sendo influenciada, e como todo o sentimento ela precisa ser alimentada diariamente, e é exatamente este o papel que deve ser desenvolvido pelos pais, familiares e líderes destes menores.

Sentimos que essa geração precisa da fé para ter esperança genuína, mostrando que a vida tem significado e que Deus está presente mesmo nas dificuldades. Essa fé norteará a vida delas em meio aos desafios atuais. Diante de questões universais como a bioética, a sexualidade, a justiça social e o meio ambiente, as novas gerações demandam orientações sólidas para aplicarem a religiosidade no manejo de situações complexas.

A criança, o adolescente e o jovem que se desenvolvem no conhecimento íntimo de Deus, alimentando sua fé quotidianamente, desempenham um papel fundamental na comunidade religiosa. São jovens que se envolvem em projetos da igreja e da sociedade, visando melhorar a vida do outro. Eles representam o porvir da fé, sendo capazes de transmitir os ensinamentos e valores religiosos para as próximas gerações.

REFERÊNCIAS

CLOYD, B.S. **Papai do céu...** ensinando o valor da oração. São Paulo: Eclésia, 2000.

CRAIDY, C. KAERCHER, G. E. **Educação Infantil:** pra que te quero?. Porto Alegre: Artmed, 2001.

FOWLER, J. **Estágios da fé**: a psicologia do desenvolvimento e a busca de sentido. São Leopoldo: Sinodal, 1992.

LA TAILLE, Y.; OLIVEIRA, M.; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.

MÜLLER, W. **Deixar-se tocar pelo sagrado**. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 25–28.

TILLICH, P. **Dinâmica da fé**. São Leopoldo: Sinodal, 1974.

CAPÍTULO 2

02

Educação sexual na infância e adolescência: quais suas contribuições para o desenvolvimento harmônico do indivíduo até a vida adulta

Débora Guimarães Ogalha

Todas as pessoas, por mais leigas que sejam, são capazes de reconhecer que os seres humanos possuem um aspecto do ser que é sexual, essa característica recebe a nomenclatura de "sexualidade". Mesmo as crianças em tenra idade manifestam em seu desenvolvimento questões que exigem orientações nesse sentido. No entanto, o que vemos frequentemente são adultos negando informações importantes a elas. Os indivíduos tendem a proferir chocarrices e insinuações, mas quando são procurados para fornecer uma orientação consistente a uma criança ou adolescente, recuam e evitam o diálogo. Muitas vezes, recorrem a mentiras e subestimam a capacidade cognitiva desses jovens em compreenderem o escopo e importância da temática. Esse tipo de comportamento compromete o desenvolvimento saudável e, ainda, potencializa a vulnerabilidade dos menores, pois não os prepara para os reais desafios que encontrarão ao lidarem com a própria sexualidade.

Para iniciarmos esta linha de raciocínio, precisamos antes esclarecer o que é sexualidade. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a sexualidade é "um aspecto central do ser humano ao longo da vida, incorporando sexo, identidade de gênero, papéis de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução" (WHO, 2006). Essa definição enfatiza a sexualidade como uma dimensão integral da experiência humana. Em consonância com a OMS, o educador sexual Haffner (1998), entende a sexualidade como a maneira como cada pessoa vive e expressa sua sexualidade, que é influenciada por suas experiências, cultura e valores pessoais. Em ambas as acepções, vemos a complexidade reconhecida. Diante de tal complexidade, entendemos que a educação sexual se configura como um desafio, contudo, revela-se uma necessidade, uma vez que não é possível anular essa dimensão intrínseca do ser humano e visto que essa questão o acompanhará durante toda sua a vida.

Neste trabalho, será analisado o conceito de sexualidade, especialmente na infância, e, ademais, será proposto uma resposta à problemática norteadora do estudo: o que é educação sexual? Como oferecer educação sexual na infância e na adolescência? De que maneira ela pode ser importante na prevenção de abusos e disfunções e como a educação sexual pode impactar positivamente a vida adulta?

Tais questionamentos devem ser levantados por todos aqueles que se propõem a impactar positivamente a vida de crianças e adolescentes, sobretudo, por educadores e responsáveis. Infelizmente, essa não tem sido uma preocupação premente e, quando os problemas surgem, muitas vezes já não é possível realizar as intervenções adequadas.

SEXUALIDADE: UM ASSUNTO PROIBIDO NA INFÂNCIA

Segundo uma pesquisa realizada pelo Instituto de Pesquisa (IPq) do Hospital das Clínicas (HC) da Faculdade de Medicina da USP (FMUSP), 70% das mulheres nunca tiveram um orgasmo, 46% possuem algum tipo de disfunção sexual e 41% afirmam conviver tranquilamente com esses problemas. Mas o que isso tem a ver com a educação sexual na infância?

A sexualidade trata-se de uma necessidade básica, cuja ausência compromete a vivência plena do indivíduo (Rocha, 2018). Segundo Rocha (2018), a grande maioria dos transtornos da sexualidade e do ato sexual tem sua origem na infância, por isso não temos como ignorar o assunto. Em seu e-book, Sexualidade Infantil sem segredos, a autora relata que, em sua prática como palestrante na área de sexualidade para casais, se deparou com mulheres que não tinham nenhum prazer sexual; a maioria delas havia sofrido algum estigma de abuso na infância, contudo, não possuíam repertório para autoproteção. Nota-se que, no ambiente doméstico delas, o assunto "sexo" era proibido ou considerado inapropriado para crianças. Diante de tais considerações, compreende-se que a ausência de educação sexual na infância e adolescência pode gerar problemáticas que se estendem até a vida adulta e, ainda, expõe o infante a um eventual abuso sexual, visto que a escassez de informação os incapacita de lidar com o imprevisto/desconhecido.

A partir dos conceitos apresentados, a sexualidade pode se configurar como uma energia latente e intrínseca ao ser humano que o leva à busca de prazer em todas as áreas da vida, seja profissional, amorosa, familiar, espiritual etc. Em certo sentido, é também ela que motiva o ser humano a se relacionar, a desejar o amor, a concretizar os sonhos e a alcançar a suas potencialidades enquanto ser.

Ademais, embora a sexualidade pareça estar totalmente desvinculada da infância, precisamos entender que a sexualidade não se circunscreve à pratica do ato sexual. A título de exemplo, as crianças não produzem hormônios sexuais, visto que o processo biológico natural os reserva à fase da adolescência, quando os hormônios serão produzidos. É nessa fase – adolescência – que há o surgimento do impulso erótico e do desejo sexual.

Considerando, portanto, que os impulsos sexuais são reservados à adolescência, na fase infantil, as crianças não são orientadas pela busca do prazer sexual, haja vista que a sexualidade nesse estágio se manifesta por meio do seguinte elemento: (1) a sexualidade se dá mediante as primeiras construções afetivas do bebê com os pais, com a família e com a sociedade. Ela está no corpo, no olhar, no sentimento, no pensamento. Está na relação da criança com tudo que lhe dá prazer, principalmente com os órgãos dos sentidos (Rocha, 2018). É válido salientar que o prazer inerente às crianças não é o prazer sexual, mas a satisfação de viver e se relacionar, desvinculada do erotismo. (2) Na fase posterior, no entanto, os adolescentes manifestam sua sexualidade por meio de componentes eróticos; seus corpos produzem hormônios sexuais e eles apresentam desejo, sendo capazes de sentir prazer sexual. Tal conjuntura não significa que o indivíduo esteja apto a iniciar sua vida sexual, mas que demanda orientações sobre como lidar com os referidos impulsos que estão surgindo.

EDUCAÇÃO SEXUAL E AS CONSEQUÊNCIAS DA FALTA DELA

Sem fugir da problemática norteadora deste estudo, verifica-se, ainda que se ramifique uma outra reflexão, o seguinte questionamento: por quais meios as crianças e os adolescentes obterão essas informações? Quem os instruirá sobre o funcionamento da própria sexualidade e sobre a conduta adequada perante as situações que surgirão? Nesse ponto, sobressai o papel da família e, posteriormente, da escola e das instituições confessionais. A educação sexual transcende a mera transmissão de informações sobre anatomia e reprodução. Segundo Lemos (2020), a educação sexual deve abarcar dimensões emocionais, relacionais e sociais, fomentando uma compreensão

holística da sexualidade. Essa abordagem integral é fundamental para que os jovens desenvolvam uma visão saudável e positiva sobre sua própria sexualidade. Entende-se, portanto, que não se deve limitar a educação sexual a uma conversa sobre sexo, mas expandi-la a tudo que envolve o universo infantil e juvenil, considerando suas necessidades, seus desejos e suas opiniões, pois tudo isso constitui a sexualidade.

Embora a família se constitua como a instituição mais importante na vida e no desenvolvimento de uma criança, infelizmente, a maioria dos abusos sexuais ocorre no ambiente doméstico (familiar), perpetrada por membros do núcleo familiar. Por essa razão, revela-se imperativo que escola, a igreja e demais instituições educacionais promovam a educação sexual, a qual servirá não apenas como orientação, mas como mecanismo de proteção.

Inúmeras pesquisas têm apontado a importância da educação sexual como forma de proteger as crianças de abuso sexual. Dentre os estudos pertinentes, destacam-se:

1. Estudo: *Parents' knowledge, attitudes and practices about preventing child sexual abuse: a literature review* (2010). Em suma, o estudo reúne diversas pesquisas a respeito de como os pais podem ajudar a prevenir o abuso infantil, fornecendo ideias valiosas para programas de conscientização para os pais.
2. Estudo: *Impact of a School-Based Sexual Abuse Prevention Education Program on the Knowledge and Attitude of High School Girls* (2012). Em suma, o estudo destaca que: programas de educação sexual nas escolas que abordam habilidades de assertividade e autoestima são eficazes em melhorar o conhecimento das crianças sobre limites corporais e consentimento, o que pode diminuir o risco de abuso sexual.
3. Estudo: *School-Based Education Programmes for the Prevention of Child Sexual Abuse* (2007). Em suma, o estudo destaca que: crianças que participam de programas de educação sexual são mais propensas a identificar sinais de abuso e relatar comportamentos abusivos. A educação sexual capacita as crianças a entender seus direitos e a buscar ajuda quando necessário.

4. Estudo: *The effectiveness of school-based child sexual abuse prevention programmes among primary school-aged children: A systematic review* (2024). Em suma, o estudo destaca que: a educação sexual pode ajudar a reduzir o estigma associado ao abuso sexual, facilitando a comunicação aberta entre crianças e adultos sobre comportamentos inapropriados e preocupações. Programas que abordam a importância da comunicação são fundamentais para a prevenção.
5. Estudo: *Effectiveness of Programs for the Prevention of Child Sexual Abuse* (2019). Em suma, o estudo destaca que: programas de educação sexual adaptados para diferentes idades e níveis de desenvolvimento são eficazes na prevenção de abuso sexual. Esses programas geralmente incluem ensino sobre partes do corpo, noções de privacidade e habilidades de comunicação.

A educação sexual contribui para a conscientização dos cuidados e direitos das crianças sobre seu próprio corpo. É importante ensinar as crianças sobre a autonomia do corpo e os limites é fundamental para que elas possam identificar comportamentos inadequados. Quando as crianças entendem que têm o direito a dizer "não" e que seus corpos pertencem a elas, elas se tornam mais capazes de reconhecer e evitar situações de risco.

Além de promover a autonomia, a educação sexual permite que as crianças aprendam a identificar comportamentos abusivos. Sabe-se que a educação sexual deve incluir informações sobre o que constitui um toque apropriado e inapropriado. Essa clareza pode ajudar as crianças a buscarem auxílio e socorro diante de momentos em que perceberem o perigo imediato.

A educação sexual também facilita a comunicação sobre experiências negativas. Crianças que recebem educação sexual adequada são mais propensas a falar sobre situações de abuso. A criação de um ambiente seguro e de confiança é vital para que as crianças se sintam confortáveis em relatar experiências de abuso. Além de proteção, as crianças se tornam mais autônomas e seguras com relação ao seu desenvolvimento. Está claro, portanto, um dos grandes benefícios de se oferecer educação sexual na infância.

Em relação aos adolescentes, não é muito diferente. Cada fase da vida vai requerer a devida orientação no que se refere à sexualidade. No caso dos adolescentes, eles estão vivendo uma fase de grandes transformações e novas sensações estão surgindo. Eles experimentam nessa fase o interesse sexual e, muitas vezes, sem as devidas orientações, iniciam a vida sexual antes do tempo adequado.

Quando se aborda sexualidade com adolescentes observa-se uma infinidade de ideias, perturbações, expectativas e dúvidas que são manifestadas ao longo desta etapa da vida. Entretanto, é justamente nesse período da vida que a educação sexual deve ser praticada, não de maneira superficial e confusa, mas de forma harmônica e saudável (Charbonneau, 1979). A OMS (2015) confirma que, quanto mais informação de qualidade sobre sexualidade, mais tarde os adolescentes iniciam sua vida sexual; e quanto menos informação, mais precocemente se inicia a vida sexual.

De acordo com pesquisa divulgada pelo Ministério da Saúde do Brasil, em 2020, a taxa de gravidez na adolescência foi de 60,6 nascimentos por 1.000 mulheres entre 15 e 19 anos. Esse número tem mostrado uma tendência de queda, mas ainda é uma questão significativa de saúde pública. A Fiocruz (2021) divulgou que aproximadamente 70% das adolescentes grávidas no Brasil abandonam a escola, o que afeta negativamente suas perspectivas de emprego e renda futura.

COMO OFERECER EDUCAÇÃO SEXUAL ADEQUADA

Segundo Cláudio Mann (2021), em seu blog "Discutindo saúde mental e sexualidade infantojuvenil: de pequenino é que se torce o pepino?"[1], é preciso superar o mito de que a educação em sexualidade pode erotizar ou incentivar a iniciação sexual precoce nas crianças e adolescentes. Nota-se que, popularmente, essa é uma frequente preocupação dos adultos em relação às crianças, no entanto, analisaremos agora, como abordar o assunto sem erotizar os infantes e sem despertar desejos antes do tempo.

[1] Para mais informações, ver: https://blog.cenatcursos.com.br/discutindo-saude-mental-sexualidade-infanto-juvenil/. Acessado em: 01 abr. 2026.

Segundo Rocha (2018), as experiências emocionais que o bebê vivencia na barriga da mãe já fazem parte do processo de construção das suas emoções e do seu psiquismo, que podem levar a consequências durante toda a vida, mas principalmente na primeira infância. De certo modo, isso significa que a educação sexual já se inicia no ventre. Em cada etapa de seu desenvolvimento, a criança vai apresentar uma demanda diferente na área sexual e cabe aos pais darem as devidas orientações. Sempre com clareza e verdade que possam ser assimiladas pela criança. Até que, por volta dos seis anos, elas começam a fazer as primeiras perguntas relacionadas à sua concepção e chegada no mundo.

Ao trocar a criança, dar banho, os pais precisam falar a respeito das partes do corpo, incluindo as partes íntimas, sempre dando os nomes corretos para cada região e orientando sobre a forma correta de higienizar e proteger. É nessa fase que as crianças também percebem as diferenças entre o corpo masculino e feminino, além de identificarem as diferenças no corpo adulto e no corpo infantil. Tudo deve ser apresentado de forma leve e clara, sempre respondendo as perguntas que as crianças fizerem e usando linguagem apropriada.

Quando surgirem as primeiras perguntas como: "como fui parar na sua barriga?", "de onde vem os bebês?", "o que é camisinha?", "por que meu pênis fica grande?" É importante respondê-las com sinceridade, sempre averiguando o que a criança realmente quer saber. Antes de responder, os adultos devem fazer questionamentos como: onde você ouviu esta palavra? O que você acha que é? Esses questionamentos servem para identificar o que a criança de fato quer saber. As respostas devem vir sempre acompanhadas de um tom de voz solícito e uma disposição em ouvir e responder verdadeiramente. Assim, a confiança é construída e, ao passo que as novas perguntas surgirem, novos diálogos serão abertos.

Esses questionamentos se tornarão mais elaborados, à medida que a criança se desenvolver. Entre os sete e dez anos, surgirão perguntas como: "sexo dói?", "beijar na boca engravida?", "quando posso começar a namorar?", entre outras. Mais uma vez, deve-se responder sempre com tom de voz amigável, jamais exercendo julgamentos ou ridicularizando o questionamento; as respostas devem ser sempre verdadeiras e claras.

Ao estabelecer tal comunicação, o caminho para a educação sexual estará pavimentado, e a criança estará segura e bem-informada. Conforme Rocha (2018), é fundamental que os pais estejam prontos para responder a todos os questionamentos com naturalidade, entendendo a importância de manter um diálogo aberto com os filhos. O autor ressalta ainda que a sexualidade constitui a esfera mais íntima do indivíduo e, caso o filho sinta liberdade para abordar esse assunto com os pais, terá facilidade para discorrer sobre qualquer outro tema.

EDUCAÇÃO SEXUAL NA ADOLESCÊNCIA

Os mesmos princípios vão se aplicar à adolescência. Uma comunicação aberta e baseada em confiança, construída desde a infância, se estenderá pela adolescência, ainda mais fortalecida.

Alguns eventos desta fase podem trazer ansiedade e preocupação se o adolescente não estiver consciente da sua naturalidade. As meninas, por exemplo, terão a primeira menstruação e perceberão mudanças significativas em seus corpos. Os meninos, terão polução noturna, além do aparecimento de pelos e mudanças na voz. Esses acontecimentos, se bem explicados, serão apenas a constatação de que tudo está seguindo seu curso normal. No entanto, a falta de informação, pode ser desastrosa.

M. Cole e S. Cole, no livro O *Desenvolvimento da criança e do adolescente*, apontam que a percepção feminina sobre processos naturais, como a menstruação, é influenciada parlas atitudes e crenças daqueles ao redor delas. As meninas que relataram sintomas desagradáveis tinham maior probabilidade de estarem despreparadas para a menarca, de terem amadurecido cedo e de terem sido informadas sobre a menstruação por alguém de quem elas tinham uma opinião negativa.

À luz da discussão realizada, torna-se claro que os efeitos da educação sexual na adolescência reverberam na vida adulta. Uma leitura generalizada, porém viável, dos estudos indica que adultos que receberam educação sexual adequada na juventude apresentam menores taxas de infecções sexualmente transmissíveis (DSTs) e de gravidezes indesejadas. Nos termos de Costa (2021),

aqueles que foram expostos a uma educação sexual abrangente tendem a estabelecer relacionamentos mais saudáveis e a desfrutar de uma vida sexual mais satisfatória.

Quando a adolescência é acompanhada de alguém que, gentilmente, esclarece tudo que está acontecendo, oferece orientações e ainda ouve as demandas do adolescente; o adolescente tende a fazer melhores escolhas que o acompanharão por toda vida. Além disso, ainda que seja uma fase com elevada tendência ao tumulto e à confusão devido às transformações biológicas, esse período pode ser, em contrapartida, mais leve e tranquilo, acarretando benefícios duradouros na vida do adolescente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o tabu sobre a sexualidade pareça invencível, cada vez que alguém decide abordar o assunto com seriedade e compromisso com a educação, as contribuições são incontáveis. Têm-se observado substanciais prejuízos em decorrência da omissão e da negligência no que se refere à educação sexual. Diversos relatos de problemas dessa ordem na vida adulta têm sua origem na infância e na adolescência. Contudo, em vista dos argumentos apresentados, conclui-se que é possível intervir para mudar essa realidade.

Pais e educadores necessitam de preparo e compromisso com a educação sexual de crianças e adolescentes. A maior contribuição perceptível é a proteção e o conforto enquanto estes são ainda muito jovens e, posteriormente, nas escolhas e comportamentos que nortearão a vida adulta.

Por fim, reconhece-se que há uma vasta produção de pesquisas e estudos sobre esse assunto, no entanto, o cenário da educação sexual, carece, ainda, da presença interessada e ativa de pais, responsáveis, docentes e representantes das mais diversas instituições confessionais e de ensino. Refletir sobre a própria trajetória e sobre a carência de informações pretéritas pode ser um fator motivador para agir de maneira distinta. Investir em programas de educação sexual é fundamental para reduzir riscos e promover o bem-estar emocional e físico das futuras gerações.

Almeja-se que as reflexões suscitadas por este tema promovam mudanças significativas para pais, educadores, crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

ABDO, C. Quociente sexual feminino: um questionário brasileiro para avaliara atividade sexual da mulher. **Diagn. tratamento**, 14. 2009. São Paulo: Instituto de psiquiatria do Hospital das

BABATSIKOS, G. Parents' knowledge, attitudes and practices about preventing child sexual abuse: a literature review. **Child Abuse Rev**., 19: 107-129. 2010. Disponível em https://doi.org/10.1002/car.1102. Acesso em 27 abr.

CLÍNICAS. Disponível em: https://docs.bvsalud.org/upload/S/1413-9979/2009/v14n2/a0013.pdf. Acesso em 23 de abr. 2026.

BIRKHEAD, T. **Sexualidade e identidade**: uma perspectiva integrada. [S. l.]: Editora Sociologia, 2010.

COLE, M.; COLE, S. **O desenvolvimento da criança e do adolescente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

COSTA, A. **Sexualidade e saúde**: uma abordagem integrada. [S. l.]: Editora Saúde, 2021.

DEL CAMPO, A.; FÁVERO, M. Effectiveness of Programs for the Prevention of Child Sexual Abuse. **European Psychologist** vol. 25, no. 1. 2019.

OGUNFOWOKAN, A.; FAJEMILEHIN, R. Impact of a School-Based Sexual Abuse Prevention Education Program on the Knowledge and Attitude of High School Girls. **The journal of school nursing,** vol 28, no. 6. 2012

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Definição de sexualidade**. [S. l.]: Organização Mundial da Saúde, 2006.

Pinar C.; The effectiveness of school-based child sexual abuse prevention programmes among primary school-aged children: A systematic review. International Journal of Educational Research Open, vol 7,

2024. Disponível em: https://doi.org/10.1016/j.ijedro.2024.100348. Acesso em 27 abr.

ROCHA, L. **Sexualidade infantil sem segredos:** guia prático para pais sobre educação sexual infantil. [S. l.: s. n.], [2018]. E-book.

Walsh, K., Zwi, K., Woolfenden, S. and Shlonsky, A. School-based Education Programmes for the Prevention of Child Sexual Abuse: A Systematic Review. **Campbell Systematic Reviews**, 11: 1-180. 2015. Disponível em: https://doi.org/10.4073/csr.2015.10. Acesso em 27 de abr.

CAPÍTULO 3

03

Psicomotricidade e aprendizagem na primeira infância: contribuições da neurociência para o desenvolvimento cognitivo

Rosângela Roma Souza Donato

A primeira infância corresponde a um período decisivo do desenvolvimento humano, marcado por intensas transformações físicas, cognitivas, emocionais e sociais. Nessa etapa, a criança passa por importantes conquistas que contribuem para a adaptação ao mundo ao seu redor e para a formação das bases de sua personalidade. Entre os principais desafios do período estão o desenvolvimento da locomoção, a transição para a alimentação sólida, a aquisição da linguagem, o controle dos esfíncteres e a compreensão das diferenças corporais entre os sexos. Além disso, a criança começa a construir noções sobre a realidade física e social, desenvolve vínculos afetivos com as pessoas mais próximas e inicia a internalização de valores relacionados ao certo e ao errado, formando os primeiros fundamentos da consciência moral.

Mas, se a aprendizagem é um processo natural e universal, por que algumas crianças apresentam dificuldades no desenvolvimento físico e intelectual? Qual seria o papel da escola e da família nesse processo? O que acontece em nível celular para que o desenvolvimento físico e motor sejam apropriados? Seria possível potencializar esse desenvolvimento?

Há períodos críticos no desenvolvimento em que as estruturas cerebrais estão apenas esperando que o ambiente mostre como determinada cultura funciona. Os bebês aprendem nos primeiros anos de vida como jamais aprenderão de novo. Aprendem mais rápido dos zero aos três anos do que aprenderão em qualquer outra fase da vida.

Os primeiros anos podem ser comparados à construção da estrutura de uma casa, e a estrutura sobre a qual todo o resto se desenvolverá.

O presente trabalho pretende analisar a influência da intervenção psicomotora em crianças pequenas e como essas intervenções interferem no desenvolvimento cognitivo e na aprendizagem.

O CÉREBRO E O DESENVOLVIMENTO

O conhecimento humano tem uma gênese social, mas também tem uma gênese material: o sistema nervoso central, que se dá através de células nervosas chamadas neurônios. Os neurônios recebem estímulos através dos sentidos e produzem sinapses. Tudo isso acontece no cérebro, em cuja superfície se encontram os lobos:

frontal (atenção, linguagem), parietal (desenvolvimento motor), temporal (audição) e occipital (visão), regiões responsáveis por determinadas funções cerebrais. Essas funções proporcionam o processamento dos estímulos em áreas associadas.

O encéfalo humano apresenta duas grandes estruturas simétricas chamadas hemisférios cerebrais. Elas não funcionam de forma isolada: são interligadas por um conjunto de fibras nervosas conhecido como corpo caloso, cuja função é integrar informações e permitir que ambos os lados atuem de maneira coordenada, compartilhando processos ligados ao aprendizado e à memória. Embora semelhantes na aparência, essas duas metades possuem especializações funcionais distintas.

A comunicação entre o cérebro e o restante do corpo ocorre de maneira cruzada. Isso significa que o lado esquerdo do cérebro controla o lado direito do corpo, enquanto o lado direito controla o lado esquerdo. Esse padrão, chamado de organização contralateral, explica por que movimentos ou sensações de uma das mãos estão associados ao hemisfério oposto. Por essa razão, danos em um dos lados do cérebro costumam provocar alterações motoras ou sensoriais no lado contrário do corpo.

Apesar de sua semelhança estrutural, os hemisférios apresentam diferenças importantes em termos de função. De modo geral, o hemisfério esquerdo está mais associado a processos analíticos, como o raciocínio lógico e a linguagem verbal. Já o hemisfério direito tende a se relacionar com aspectos emocionais, percepção espacial e interpretação de imagens e padrões visuais.

O cérebro humano cresce em tamanho e complexidade desde a formação no ventre, com ênfase especial nos primeiros anos de vida. O ser humano é preparado biologicamente para crescer; o conhecimento deve ser algo que cause prazer no indivíduo em desenvolvimento.

> Se queremos compreender qualquer atividade humana, devemos atentar para a emoção que define o domínio de ações no qual aquela atividade acontece e, no processo, aprender a ver quais ações são desejadas naquela emoção (Maturana, 1997, p. 138).

O que estimula o cérebro do bebê é uma percepção de si mesmo. O que está sendo formado nos primeiros anos de vida é a sua percepção de si mesmo e do mundo. Os bebês aprendem uma imensidão de coisas nos primeiros três anos de vida, e cientistas do mundo todo estão numa corrida para entender como um cérebro tão jovem pode aprender tão rapidamente. Essa é uma época mágica e muito importante para o resto da vida.

O cérebro de uma criança de três anos é duas vezes mais ativo que o de um adulto mediano. A cada segundo o cérebro faz de 700 a 1000 conexões nervosas, proporcionando todo tipo de experiência. Toda essa atividade, porém, não é perceptível, pois nessa época o bebê apenas balbucia e murmura. Há 30 anos, mesmo filósofos, psicólogos e psiquiatras pensavam que os bebês eram irracionais, egocêntricos, imorais e que não entendiam causa e efeito ou não conseguiam se colocar no lugar de outra pessoa. Nos últimos 30 anos, a ciência provou que é exatamente o oposto. Até mesmo os bebês muito novos sabem e aprendem mais do que jamais se imaginou ser possível.

Durante muito tempo no ocidente, acreditava-se que o sistema nervoso só guardava registros quando o bebê estava totalmente formado e maduro, entretanto, esse registro já acontece enquanto o infante está se desenvolvendo. Ele não registra as mesmas coisas que registrará quando estiver maduro, mas mesmo em formação, o sistema nervoso registra as vibrações do ambiente. Ou seja, as vias associativas funcionam antes mesmo do bebê nascer. Mesmo no útero da mãe, o feto percebe as vibrações do som, começando pela voz da mãe. E tudo isso fica registrado.

Não se trata de um ser apenas biológico, mas um ser integral, ou seja, psicossocial e biológico, mesmo quando ele está dentro do útero. O bebê vem ao mundo com o que chamamos de tendências ou preferências, que são parte de seu desenvolvimento.

A epigenética explica como os genes afetam o comportamento e como são afetados pela experiência. Há grupos químicos anexados a esses genes que afetam a expressão dos genes, o que pode afetar seu comportamento. Essa teoria pressupõe que o padrão de criação faz mais diferença do que a descendência biológica no que tange à herança de DNA. Assim como não

existem duas impressões digitais idênticas, também não há dois cérebros organizados exatamente da mesma maneira. As conexões entre os neurônios — as sinapses — se formam e se modificam ao longo da vida de acordo com as experiências individuais, as interações e as formas de aprender. Por isso, cada pessoa constrói um padrão único de funcionamento cerebral, moldado pela maneira como vivencia e compreende o mundo.

Os bebês observam o que as pessoas fazem, ouvem o que se passa e têm memória. Existem vários tipos de memória. O mais simples se chama memória de reconhecimento. É quando o bebê consegue reconhecer o rosto da mãe, por exemplo.

Outro tipo de memória que demora mais para se desenvolver é a memória de recordação, que é quando o indivíduo consegue se lembrar daquilo que viu antes. Não é apenas reconhecer no momento presente, mas é poder pensar no objeto ou situação mesmo quando não está presente.

DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

Muitas vezes, por conta da imaturidade motora, a criança pequena não tem sucesso nas atividades que deseja realizar, acaba cometendo muitos erros e não consegue experimentar tudo que gostaria. Não conseguem, por exemplo, subir na cama – pois é alta demais –, nem abotoar a roupa ou amarrar os cadarços. Logo, é necessário aumentar a autoestima delas, para que se sintam confiantes e possam encarar os desafios. Uma criança confiante se dispõe a arriscar para aprender novas coisas. Ela pode errar ou não atingir os objetivos de imediato, mas com autoestima, é forte o bastante para passar por isso, mantendo a curiosidade e a vontade de explorar.

É preciso que haja certo grau de desafio e a frustração de não conseguir fazer algo tão facilmente para que haja esforço. A motivação para realizar uma tarefa está ligada ao nível de desafio que ela traz. O esforço não é apenas para a aquisição de uma habilidade, mas para descobrir como resolver um problema que, a princípio parece difícil. Os adultos precisam encorajar esse comportamento de esforço constante frente ao desafio, e não simplesmente fazer o que a criança não consegue, para não frustrar o potencial de aprendizagem do cérebro. Tanto a facilidade quanto a frustração constantes não são ideais

para o desenvolvimento. É necessário um equilíbrio: alimentar a persistência da criança sem tentar corrigir tudo o que fazem de maneira apressada.

> O cérebro é o órgão privilegiado da aprendizagem. Conhecer sua estrutura e funcionamento é fundamental na compreensão das relações dinâmicas e complexas da aprendizagem. Na busca pela compreensão do processo de aprendizagem e seus distúrbios, é necessário considerar os aspectos neuropsicológicos, pois as manifestações são, em sua maioria, reflexo de funções alteradas. As disfunções podem ocorrer em áreas de *input* (recepção do estímulo), integração (processamento da informação) e *output* (expressão da resposta).
> O cérebro é o sistema integrador, coordenador e regulador entre o meio ambiente e o organismo, entre o comportamento e a aprendizagem. (Tabaquim, 2003).

Podemos dizer que o ato de aprender é bem complexo. Envolve muito mais que mera memorização de conteúdo, envolve emoção, interação, alimentação, descanso, motivação, entre outros. Uma das estratégias para que o indivíduo desenvolva a aprendizagem significativa é uma abordagem interdisciplinar, como diz Gardner em seu livro sobre as inteligências múltiplas:

> Parece-me, porém, estar cada vez mais difícil negar a convicção de que há pelo menos algumas inteligências, que estas são relativamente independentes umas das outras e que podem ser modeladas e combinadas numa multiplicidade de maneiras adaptativas por indivíduos e culturas. (Gardner, 1994).

Provavelmente a descoberta mais impressionante é que o desenvolvimento cerebral é tão influenciado pelo ambiente quanto pela genética. O presente

período traz uma revolução que demonstra que todo o debate de "inato versus adquirido" já está obsoleto. Portanto, destacamos aqui a importância de um ambiente rico em estímulos e afeto para que a criança tenha uma experiência de desenvolvimento e aprendizagem. A criança apenas conseguirá atingir todo o seu incrível potencial para o aprendizado por meio da exploração e acompanhamento de uma equipe segura, estável e amorosa de cuidadores.

O cérebro da criança pode ser considerado o mais plástico do universo. É o instrumento mais adaptável, mais do que qualquer máquina e certamente mais do que o cérebro de qualquer adulto. Isso significa que as experiências vivenciadas podem enriquecer as conexões neurais ou comprometer o desenvolvimento cerebral. Portanto, podemos aumentar ou limitar o potencial de desenvolvimento humano nesse período inicial com base nas experiências vividas.

A neuroplasticidade, também conhecida como plasticidade neural, refere-se à capacidade do sistema nervoso de mudar, adaptar-se e moldar-se a nível estrutural e funcional ao longo do desenvolvimento neural e quando o sujeito está em contato com novas experiências. Esta característica única faz com que os circuitos neuronais sejam maleáveis. Além disso, está na base da formação de memórias e da aprendizagem, bem como na adaptação a lesões e eventos traumáticos ao longo da vida.

O cérebro possui capacidade de reorganização após uma lesão, podendo restabelecer conexões neuronais comprometidas por meio de processos de plasticidade neural. Em situações em que a perda de conectividade é limitada, é comum que a recuperação ocorra de forma espontânea e gradual. Entretanto, danos mais extensos podem resultar em déficits funcionais duradouros ou irreversíveis. Há casos em que a recuperação é possível, mas depende de intervenções terapêuticas específicas, baseadas em estímulos adequados que favoreçam ou modulem a atividade neural. Esse processo de reorganização está relacionado tanto à extensão e ao local da lesão quanto às áreas cerebrais preservadas, podendo envolver adaptações em ambos os hemisférios do cérebro.

Todo processo de reabilitação neuropsicológica, assim como as psicoterapias de modo geral, se baseia na convicção de que o cérebro humano é um órgão dinâmico e adaptativo, capaz de se reestruturar em função de novas exigências ambientais ou das limitações funcionais impostas por lesões cerebrais.

ATIVIDADE DE COORDENAÇÃO DO SISTEMA NERVOSO

O sistema nervoso dos seres humanos realiza várias funções de extrema importância para o perfeito funcionamento do organismo. Além de executar tarefas específicas, o sistema nervoso atua em conjunto com outros órgãos do corpo humano, auxiliando-os em seu funcionamento.

FUNÇÕES SENSITIVAS

Os diversos estímulos e informações provenientes do ambiente e do próprio organismo são percebidos pelos receptores sensitivos, também chamados de neurônios aferentes. Alterações como ferimentos na pele, processos inflamatórios, variações de temperatura e até pequenos arranhões são identificados por essas estruturas. Após a captação, essas informações são conduzidas rapidamente ao encéfalo e/ou à medula espinal pelos neurônios sensitivos.

FUNÇÕES INTEGRADORAS

Nessa etapa, células nervosas especializadas, sobretudo os interneurônios, também conhecidos como neurônios conectores, são responsáveis por analisar, processar e armazenar os estímulos recebidos. Além disso, elas organizam a resposta que o organismo deverá apresentar diante da situação em curso.

FUNÇÕES MOTORAS

Esta corresponde à etapa final da atuação do sistema nervoso diante de um estímulo. A resposta é realizada pelos neurônios motores, também chamados de eferentes ou efetuadores. As células e os órgãos efetores, em contato com esses neurônios, recebem os comandos enviados pelo cérebro e executam a ação adequada conforme a necessidade do momento.

SISTEMA NERVOSO E DESENVOLVIMENTO MOTOR

Andar, falar, respirar, reagir a estímulos e distinguir sensações como frio e calor estão entre as funções essenciais do ser humano, todas diretamente relacionadas à atuação dos neurônios. Quando alguma dessas capacidades apresenta comprometimento, isso pode indicar que parte das células nervosas não está desempenhando adequadamente sua função.

Os neurônios podem ser classificados em três tipos, e cada um exerce um papel específico. Os neurônios sensoriais, também chamados de receptores, têm a função de captar estímulos provenientes dos órgãos dos sentidos e encaminhar o impulso nervoso ao sistema nervoso central (SNC). Graças a eles, é possível perceber diferenças de temperatura, sons, odores e outros estímulos do ambiente. Os neurônios motores, ou efetuadores, são responsáveis pelas respostas motoras, conduzindo os comandos do SNC até músculos e glândulas, permitindo ações como escrever, mastigar ou levar o alimento à boca. Já os neurônios associativos atuam na conexão entre os neurônios sensoriais e motores, sendo fundamentais, por exemplo, nos movimentos reflexos, como retirar rapidamente a mão de uma superfície quente. Além disso, existem células de sustentação que auxiliam os neurônios na execução de suas funções.

A organização funcional dos neurônios é altamente complexa. Quando um neurônio morre, ele não se regenera, e cada célula nervosa possui uma função específica dentro de uma vasta rede de conexões químicas com milhares de outras células. Qualquer alteração nessa rede pode comprometer o funcionamento harmonioso do sistema nervoso.

PSICOMOTRICIDADE E APRENDIZAGEM

O estudo da psicomotricidade possibilita compreender como a criança desenvolve a consciência do próprio corpo e de suas possibilidades de expressão corporal. No contexto escolar, esse trabalho assume grande importância, favorecendo a passagem da experiência perceptiva para a construção de representações mentais do espaço e do tempo.

A psicomotricidade pode ser entendida como a ciência que estuda o ser humano em movimento e suas relações consigo mesmo, com o outro e com o

mundo, por meio do corpo. Trata-se de um campo da educação que trabalha o movimento ao mesmo tempo em que mobiliza funções ligadas à inteligência. O movimento não se resume ao simples deslocamento de objetos, mas corresponde à ação do corpo como unidade biopsicomotora em funcionamento.

Ao observar o comportamento infantil, é possível identificar características do desenvolvimento da criança, bem como suas respostas reflexas, voluntárias, espontâneas e aprendidas. Assim como o corpo cresce, o comportamento também se transforma. Ao longo do desenvolvimento, a criança evolui nas dimensões física, intelectual e emocional, sendo as manifestações motoras os primeiros sinais de um desenvolvimento mental saudável.

A imagem corporal corresponde à experiência subjetiva que o indivíduo constrói de seu próprio corpo, frequentemente expressa por meio de desenhos, modelagens e outras formas de representação, revelando o grau de elaboração do esquema corporal. O conceito de corpo surge posteriormente, envolvendo um conhecimento mais intelectual sobre sua estrutura e sobre as funções de seus órgãos.

O esquema corporal refere-se à organização das sensações relacionadas aos estímulos do mundo externo. Na atividade motora, é possível reconhecer dois sentidos em relação ao ambiente, e o desenvolvimento inicial da criança depende da qualidade e da quantidade dos estímulos investidos em seu desenvolvimento corporal. Essa intencionalidade constitui a base do domínio afetivo.

Na primeira infância, o desenvolvimento motor ocorre de forma extraordinária e sequencial. Embora a idade em que cada habilidade surge possa variar ligeiramente entre as crianças, em razão das diferenças individuais, a ordem em que essas aquisições acontecem permanece constante entre os indivíduos.

Duas habilidades motoras fundamentais devem ser consolidadas nesse período. A primeira é a manutenção da postura ereta associada à locomoção. A segunda é a capacidade de segurar e manipular objetos. Em todo esse processo sensório-motor, o córtex cerebral exerce papel central, sendo responsável pelos padrões clássicos de desenvolvimento céfalo-caudal e próximo-distal.

A construção do esquema corporal desenvolve-se progressivamente, acompanhando o amadurecimento do sistema nervoso e evoluindo paralelamente ao desenvolvimento sensório-motor. Dessa forma, a educação do esquema corporal torna-se elemento essencial da prática educativa. Dos dois aos cinco anos, toda educação assume caráter psicomotor, fundamentada na estruturação do esquema corporal. Entre os cinco e os sete anos, a psicomotricidade passa a sustentar as primeiras relações lógicas e, consequentemente, a aprendizagem escolar. Nesse período, o aprendizado deve ocorrer por meio de experiências concretas e vivenciadas com o corpo como um todo.

CONCLUSÃO

Para que o desenvolvimento motor aconteça de maneira adequada, é necessário que haja maturação neural, óssea e muscular, além do crescimento físico e do processo de aprendizagem. Em termos gerais, o desenvolvimento motor básico se consolida por volta dos sete anos, sendo posteriormente aprimorado por meio do refinamento da integração perceptivo-motora e do desenvolvimento intelectual.

À medida que o sistema nervoso amadurece, o comportamento infantil torna-se mais diferenciado e elaborado. Inicialmente, predominam movimentos amplos, relacionados à coordenação motora grossa e executados por grandes grupos musculares. Com o tempo, a criança passa a utilizar grupos musculares mais específicos, desenvolvendo a coordenação motora fina.

Do ponto de vista pedagógico, é fundamental trabalhar aspectos como percepção e domínio corporal, equilíbrio, lateralidade, independência dos membros em relação ao tronco e entre si, controle muscular e respiração.

A percepção consiste em um processo cognitivo por meio do qual os sentidos tomam consciência dos estímulos internos e externos, transmitindo-os ao sistema nervoso central para que sejam devidamente interpretados. O desenvolvimento motor dos mecanismos perceptivos constitui a base dos processos cognitivos. Além disso, perceber é reconhecer e compreender os estímulos recebidos, em estreita relação com atenção, consciência e memória. Os estímulos provocam sensações que tornam possível a percepção e a discriminação.

Primeiro, a criança sente por meio dos sentidos; depois, percebe, estabelecendo mediação entre sentir e pensar; por fim, discrimina, identificando diferenças e semelhanças entre os estímulos, como distinguir cores ou números.

Com base nessa compreensão, propõe-se que a criança vivencie inicialmente a sensação, em seguida o uso e, por último, o controle do próprio corpo. O ponto de partida é o conhecimento corporal e de suas diferentes partes, por meio de estímulos sensoriais como textura, temperatura, peso e unidade, que favorecem o desenvolvimento das sensibilidades corporais específicas. Em um segundo momento, a criança passa a utilizar e controlar as partes do corpo de maneira independente, por meio de brincadeiras com água, tinta, areia, barro, blocos e sucata, além de jogos corporais, dramatizações e atividades com patins, bicicleta e brinquedos que estimulem o equilíbrio.

Durante a primeira infância, motricidade e psiquismo mantêm uma relação profundamente integrada. Da mesma forma, desenvolvimento motor, afetivo e intelectual são inseparáveis na formação humana. A psicomotricidade parte do desenvolvimento psicobiológico da criança, acompanhando as leis de maturação do sistema nervoso, especialmente por meio da mielinização. A aprendizagem ocorre em uma complexa rede de inter-relações entre os diferentes aspectos que constituem a criança como sujeito em constante processo de descobertas, desenvolvimento e construção histórico-social.

REFERÊNCIAS

FONSECA, V**. Psicomotricidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

GARDNER, H. **Estruturas da mente:** a teoria das múltiplas inteligências. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

LE BOULCH, J. **O desenvolvimento psicomotor:** do nascimento até os 6 anos. Tradução de A. G. Brizolara. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

MACHADO, Â. **Neuroanatomia funcional**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 1998.

MATURANA, H. **A ontologia da realidade**. Belo Horizonte: UFMG, 1997.

TABAQUIM, M. Avaliação neuropsicológica nos distúrbios de aprendizagem. In: CIASCA, S(org.). **Distúrbios de aprendizagem:** proposta de avaliação interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 87–112.

CAPÍTULO 4

04

Como apresentar as sagradas escrituras às novas gerações

Roque Luis Roselot

O presente trabalho determina como "novas gerações" as idades compreendidas entre 16 e 25 anos. Antes de desenvolver algumas propostas acerca de como apresentar as Sagradas Escrituras para essa faixa etária, apresentaremos algumas características distintivas desse grupo que desejamos alcançar com o evangelho. De acordo com Valerga (2019), as novas gerações são aqueles:

1. Nascidos em meados da década de 1990 e que utilizam múltiplos dispositivos digitais para suas atividades. São grandes produtores de conteúdo digital, nativos digitais. Optam por produtos que estejam de acordo com suas ideologias pessoais;
2. Têm um comportamento multitarefa (*multitasking*), o que significa ter uma aparente capacidade para realizar mais de uma tarefa ou atividade ao mesmo tempo. A multitarefa pode ocasionar perda de tempo devido à mudança de contexto humano e aparentemente causar mais erros devido a uma atenção insuficiente;
3. São altamente ativos nas redes sociais, buscam projetos que os motivem e costumam comprar pela internet. Não buscam escalar posições de gerenciamento; preferem ser felizes e estar à vontade com as atividades laborais que realizam;
4. Em relação à vida profissional, assumem responsabilidades na tomada de decisões, envolvem-se na vida laboral, relacionam-se entre empregados e empregador, são inovadores, assumem riscos e exploram o desconhecido. Adotam um equilíbrio entre a vida profissional e a vida social;
5. Preocupam-se com o meio ambiente, desejam impulsionar a economia, têm consciência dos problemas sociais e são apaixonados por causas, considerando-se como a geração da justiça social;
6. Ao contrário da época moderna, em que a metanarrativa era a única maneira de apresentar os conceitos, as novas gerações precisam de outros métodos para compreender os relatos, sendo um deles o método *storytelling* (contar histórias) (Doukhan, 1995).

AS NOVAS GERAÇÕES E A IGREJA

Segundo um estudo realizado pelo Barna Group, em relação à igreja e à Bíblia, 96% das novas gerações de jovens acreditam que é mais importante ler a Bíblia do que frequentar a igreja. 70% deles, que nasceram na igreja, passaram por um desencanto espiritual após os vinte anos. Ao contrário do que supomos, 81% deles prefere ler a Bíblia em papel, e não em dispositivos móveis. 96% deles acredita que a Bíblia contém tudo o que uma pessoa deve saber para viver uma vida com propósito.

Entre os que dizem que a igreja não é importante, foram apresentadas as seguintes razões:

- 39% diz que a igreja não é importante porque podem encontrar a Deus em outro lugar;
- 35% diz que a igreja não é pessoalmente relevante para eles;
- 31% simplesmente acha a igreja entediante;
- 20% diz sentir que Deus não está na igreja;
- 8% apenas não frequenta a igreja por estar "fora de moda", o que derruba por terra a ideia de que é necessária uma abordagem mais modernizada e atrativa para que os jovens frequentem a igreja.

Mais de 50% dos jovens entre 16 e 25 anos com experiência cristã dizem ser menos ativos na igreja em comparação a quando tinham 15 anos. As novas gerações estão significativamente menos apegadas à religião organizada do que seus antecessores o eram em sua juventude. Em 2012, quase um terço dos adultos jovens entre 18 e 29 anos não estava afiliado a uma instituição religiosa.

As novas gerações compartilham sua fé mais do que qualquer outra faixa etária. Hoje quase dois terços – 65% – apresentaram o evangelho a outra pessoa no último ano. Esse resumo foi extraído de um estudo sobre jovens de 16 a 25 anos realizado pelo *Barna Group* em parceria com a *American Bible Society* e a *InterVarsity Christian Fellowship* (NPR, 11 de abril de 2014).

COMO TRABALHAR COM AS NOVAS GERAÇÕES

A seguir, será feita uma síntese de três considerações significativas que Valerga (2019, p. 54) apresenta para trabalhar com as novas gerações (16 a 25 anos):

a) Criar conexões reais: as novas gerações valorizam o ambiente familiar. O trabalho, a família e as relações sociais estão todos entrelaçados, portanto devemos garantir que o ambiente de convívio seja experiencial e familiar. Tudo está conectado. Eles apreciam o tempo face a face, o feedback e a interação; sentem-se confortáveis trabalhando em equipe, contribuindo com sua singularidade e colaborando em projetos e equipes multidisciplinares. É fundamental criar conexões fora do tempo de trabalho. Muitos *millennials* veem o local de trabalho como uma plataforma para atividades sociais. As amizades e conexões que se estendem além desse local criam maior comprometimento e um maior nível de conexão e eficiência dentro dele. É importante tornar a autenticidade e a honestidade o padrão para a cultura relacional. Custa-lhes confiar em alguém apenas porque está no comando; precisamos ganhar o direito de influenciá-los e guiá-los por meio de uma liderança que abraça a vulnerabilidade;

b) Emponderá-los: devemos nos enxergar como treinadores. Os *millennials* trabalham melhor em equipe e não em hierarquia, e definitivamente preferem ser mentorados em vez de supervisionados por meio de microgestão. Têm fome por mentoria, tutoria, aprendizado e discipulado, e estão interessados na transferência de sabedoria geracional mais do que imaginamos. Uma maneira simples de ser um treinador para eles é focar no empoderamento: explicamos os objetivos, fornecemos uma estrutura básica e depois lhes damos liberdade para encontrar soluções. Apropriam-se dos projetos quando se sentem responsáveis e quando sentem que têm a autoridade que vem com essa responsabilidade. É importante envolvê-los em projetos que não apenas sejam críticos para a missão, mas que também possam criar oportunidades para o aprendizado e o desenvolvimento pessoal. Deve-se treiná-los e encorajá-los; eles desejam ganhar sabedoria por meio da experiência. Devemos

acompanhá-los no processo – ir com eles na jornada; não basta simplesmente dizer-lhes o que deve ser feito. É preciso criar oportunidades para passar momentos de qualidade com eles; as novas gerações gostam de ser guiadas pelo exemplo e não apenas pelas palavras. Em muitos casos, os líderes mais jovens estão muito mais abertos ao aprendizado do que muitos líderes mais velhos;

c) Dar-lhes um verdadeiro senso de propósito: os *millennials* são mais felizes e mais comprometidos com o que fazem quando sentem que estão fazendo a diferença. Não estão interessados em trabalhar para uma pessoa individual, nem em trabalhar longas horas para construir um reino temporário para alguém; mas estão dispostos a se esforçar por uma causa e uma visão maior do que eles mesmos. Não estão tão interessados em "subir" na escala corporativa, mas estão mais preocupados em fazer a diferença e deixar sua marca. Muitas pessoas investem suas vidas em trabalhos que não desfrutam pelo simples fato de não quererem correr riscos perseguindo os sonhos que Deus colocou nelas, ou simplesmente porque têm bons benefícios, mas vivem vidas vazias e sem sentido. As novas gerações não estão dispostas a negociar isso: mais importante do que a posição e os rendimentos é sentir que estão entregando suas vidas por uma causa que vale a pena.

A justiça social e a compaixão são os melhores motores que mobilizam e proporcionam sentido aos jovens; a causa é importante. Precisam saber que, por meio de seu trabalho, esforço e contribuição, podem fazer a diferença na vida de outros. A associação, a colaboração e a generosidade são a linguagem que falam e interpretam.

A TRANSMISSÃO DA BÍBLIA ÀS NOVAS GERAÇÕES

Para chegar às novas gerações, não são necessárias grandes mudanças nem adaptações de ambiente, cenografia ou iluminação. Os jovens precisam de líderes que tenham paixão e sinceridade. Para Nieuwhof (2019, p. 12), "a paixão triunfa sobre a aparência". Isso não quer dizer que a estética seja ruim, e sim que os jovens buscam líderes mais autênticos e interessados. E não podemos negar o fato de que eles detectam facilmente o que é real e o que é falso.

Além disso, os jovens precisam ser valorizados na comunidade, não vistos como irresponsáveis ou imaturos. Não podemos contar com a presença deles se não os estamos ouvindo ou tornando-os parte do processo. As relações são tremendamente importantes, não apenas o discurso, os adornos técnicos ou estéticos de uma reunião. Os jovens precisam ter esse "senso de pertencimento". Portanto, os cultos e as classes bíblicas devem envolver os jovens de alguma forma.

No caso específico de um grupo de estudo bíblico, seria interessante realizá-lo em uma comunidade da qual o jovem se sinta parte. Nos pequenos grupos e outras reuniões semelhantes, onde há abertura para a troca de experiências, perguntas e liberdade de expressão são fundamentais. Além disso, a forma como o estudo é conduzido faz a diferença. É preciso ensinar em uma linguagem que entendam; usar histórias bíblicas; apresentar um programa criativo e humorístico; mas, acima de tudo, colocar Cristo no centro.

Os jovens estão realmente lendo as Escrituras? Entendem o texto sagrado? Conhecem o processo de escrever, traduzir e preservar a Bíblia? Diante dessas questões, é importante que pastores e professores ensinem não apenas as doutrinas bíblicas, mas a razão de sua existência. Além disso, é essencial explicar a metanarrativa das Escrituras, ou seja, o pano de fundo geral, não apenas histórias ou porções dispersas. Também é necessária uma exposição profunda da Bíblia (não se deve subestimar os jovens!); devem-se apresentar dados históricos, complementação teológica e, claro, uma aplicação adequada e coerente com o contexto geral das Escrituras. O uso de "ganchos" e conexões com as áreas de interesse dos jovens também é fundamental.

Para alcançar os jovens atualmente não devemos mudar o essencial do evangelho, mas devemos inovar nas questões periféricas (Leys, 2017, p. 116). Outro aspecto relevante no processo de exposição bíblica é a desconstrução de conceitos e elementos culturais-filosóficos-religiosos que estão na mente dos jovens. Não basta, por exemplo, ensinar os sete dias da Criação; é necessário expor, ainda que brevemente, os argumentos evolucionistas tão comuns nos âmbitos acadêmicos, nos quais os jovens estão envolvidos. O instrutor precisa demonstrar domínio dos temas, construir a teologia correta e desconstruir a mentira.

A tarefa de transmitir a crença da *sola scriptura* para uma mente jovem inclui os dois aspectos básicos da contextualização, segundo Ronaldo Lindório (2011, p. 15): comunicar a mensagem de maneira fiel à "*scriptura*" e fazê-lo de maneira significativa para o jovem, de modo que ele possa aplicar a mensagem em sua vida. Forma e conteúdo devem trabalhar juntos para um mesmo objetivo. Reconhecemos que esses dois aspectos são inseparáveis na transmissão de qualquer mensagem, mas muito mais quando se trata das Sagradas Escrituras. Precisamos conhecer bem a mensagem bíblica e, da mesma forma, os aspectos psicopedagógicos da juventude emergente (Hiebert, 1999, p. 14). Deve-se levar em conta que, desses dois aspectos, apenas um (a Bíblia) é eternamente imutável e não pode sofrer alteração humana (Dt 4:25, 22; 12:32; Pv 30:6; Ap 22:18; Jr 36:32; Ec 3:14).

Essa teologia da contextualização (Burns, 2011, pp. 15–34) conduz a tarefa de transmissão da mensagem em suas duas etapas: o Querigma (proclamação) e o Martyria (testemunho), segundo Mateus 24:14. O que somos e o que falamos para os jovens, embora tenha muito a ver com a forma de transmitir, deve estar alinhado primeiramente com o conteúdo do evangelho (Bíblia). A etapa de testemunho é, sem dúvida, o melhor momento para comunicar tal conteúdo (White, 2011, p. 189). No entanto é importante observar que, no processo de testemunhar, é necessário demonstrarmos paixão pelo assunto (Montoya, 2003, pp. 12–13), ou seja, forma e conteúdo são inseparáveis e se manifestam juntos tanto no momento da testificação quanto no da pregação.

Essa pregação ocorre em duas esferas, a pública e a privada (Lovell; Richardson, 2011, p. 48), sendo esta última a referência mais direta ao ato de dar estudos bíblicos, considerando que a obra de Cristo foi constituída principalmente de entrevistas pessoais: "[Ele] tinha uma fiel consideração pelo auditório de uma só alma" (White, 2007, p. 89).

Nesta seção, pretendemos trabalhar a transmissão da crença na *sola escriptura* para jovens de 16 a 25 anos, levando em conta as diferentes abordagens apresentadas, em especial a individual. Partiremos do pressuposto dos princípios da crença em Deus, seu amor pelo ser humano, sua proximidade etc. Enfim, trabalharemos a transmissão dessa crença para jovens com

entendimento cristão, mas com imaturidade na preservação de seus valores e na aplicação de seus ensinamentos na vida prática.

Os valores que desejamos fixar na mente jovem em relação à Bíblia são encontrados na descrição da crença fundamental relacionada às Sagradas Escrituras, desenvolvida no Manual da Igreja Adventista (2015, p. 158):

> As Sagradas Escrituras, que abrangem o Antigo e o Novo Testamento, constituem a Palavra de Deus escrita, transmitida por inspiração divina mediante santos homens de Deus que falaram e escreveram impulsionados pelo Espírito Santo. Por meio desta Palavra, Deus comunica aos seres humanos o conhecimento necessário para alcançar a salvação. As Sagradas Escrituras são a revelação infalível da vontade Divina. São a norma do caráter, o critério para avaliar a experiência, a revelação autorizada das doutrinas e um registro fidedigno dos atos de Deus realizados no decorrer da história.

Essa expressão condensa verdades que acreditamos imutáveis e que se fundamentam sobre seus próprios dizeres, catalisadores para sua aceitação: 1) a Bíblia é a Palavra de Deus e não do homem; 2) é o caminho comunicado por Deus para a salvação; 3) é infalível para revelar a vontade de Deus; 4) é uma norma e critério para o caráter; 5) é base para outras crenças; 6) é o registro fiel dos atos de Deus na história.

Esses valores devem ser colocados no coração e na mente de cada jovem que desenvolve sua maturidade na fé cristã. Mas, será possível aplicar isso à geração atual de jovens? Como podemos traduzir os valores presentes nessa crença para sua linguagem e cultura? Devemos lembrar que a contextualização consiste na tradução do que não muda para o contexto do que sempre está mudando (Perdomo, 2019, pp. 36–38), e por essa razão devemos considerar essa tarefa em seus três níveis de contextualização: o cultural, o temporal e o

pessoal (Burns, 2011). E é por essa razão que não podemos almejar um formato de transmissão da doutrina totalmente contextualizado para os jovens. Talvez o aspecto cultural ou geracional para o nosso desafio nos permita propor um modelo mais próximo da necessidade juvenil. No entanto, a contextualização deve sempre ser uma tradução de coração a coração (White, 2007, p. 89), e isso significa uma ação contínua por parte do Espírito Santo naquele que há de comunicar a mensagem.

ELEMENTOS PRÁTICOS ÚTEIS PARA APRESENTAR AS SAGRADAS ESCRITURAS ÀS NOVAS GERAÇÕES

A seguir, serão propostos alguns conselhos para a transmissão da crença na doutrina bíblica, levando em conta os elementos práticos propostos por Víctor Bejota (2020, pp. 86–103):

1. Linguagem;
2. Variação no tom de voz;
3. Conteúdo apropriado;
4. Utilização de fontes (boa fundamentação);
5. Criação de um fluxo narrativo;
6. Captação da atenção do ouvinte;
7. Uso dos aspectos-chave do tema;
8. Criatividade;
9. Vitalidade e humor;
10. Abertura para mais possibilidades de interação;
11. Espaço de avaliações;
12. Um lugar para o chamado;
13. Uma autoavaliação.

Esses aspectos nos permitem abrir uma ponte de conexão com os valores subjacentes pré-existentes no jovem, em que a troca de conhecimento lhe permitirá ponderar a nova proposta e, com o tempo, aplicá-la à sua vida.

A UTILIZAÇÃO DE PERGUNTAS NO PROCESSO DE COMPARTILHAR A BÍBLIA COM AS NOVAS GERAÇÕES

A formulação de perguntas é uma poderosa ferramenta para trabalhar com os jovens; seria ideal fazer com que eles mesmos as formulem. Perguntas bem formuladas podem extrair o diálogo, a reflexão e despertar interesse no jovem. A seguir, apresentamos algumas perguntas e respostas conectadas aos valores apresentados anteriormente na crença da IASD acerca das Sagradas Escrituras:

1) O que é a Bíblia para você? (2 Pe 1:21)
Resposta: A Bíblia é a Palavra de Deus e não do homem.
2) Como você pode encontrar o caminho para a salvação? (Sl 119:105)
Resposta: A Bíblia é o caminho e a luz comunicados por Deus para a salvação.
3) Qual seria a vontade de Deus para a sua vida? (Is 30:21)
Resposta: É infalível para revelar a vontade de Deus.
4) Estudar a Bíblia te ajuda a ser uma pessoa melhor? (Sl 119:9)
Resposta: É uma norma e critério para o caráter.
5) A Bíblia é profunda? (2 Tm 3:16, 17)
Resposta: É base para outras crenças, inspirada por Deus.
6) A Bíblia tem sentido para a minha vida? (Jr 15:16)
Resposta: É o registro fiel dos atos de Deus na história, que traz alegria ao coração.

Não é necessário fazer todas as perguntas, como se fossem tijolos soltos sem nenhuma conexão; é preciso construir uma parede com cimento e tijolos, pois a Bíblia será a base para a construção de todo o edifício da fé.

AS NARRATIVAS BÍBLICAS

Uma das tarefas básicas para a mente juvenil é usar a narrativa correta que nos permita ilustrar com paixão o valor da mensagem bíblica. Não é necessário uma história diferente para cada pergunta. Pode ser narrada uma história que desenvolva todas as respostas ou que gere perguntas para debate.

Esse método funciona tanto para introduzir um tema quanto para encerrá-lo. Não é necessário também limitar-se a um relato de personagem: pode ser a exposição de um texto bem coeso que os deixe intrigados, enquanto conecta a difícil realidade do jovem ouvinte com a esperança apresentada pela Bíblia. Nesses casos, o relato da cruz vem a ser o relato de maior valor nas Escrituras (White, 2007).

> Necessitam-se atos de simpatia, além de palavras. Cristo fazia preceder a pregação de Sua mensagem por atos de amor e beneficência. Vão esses obreiros de casa em casa, ajudando onde o auxílio for necessário e, à medida que surja a oportunidade, contando a história da cruz. Cristo deve ser o seu texto. Não precisam insistir em assuntos doutrinários; falem da obra e sacrifício de Cristo. Exaltem Sua justiça, revelando na vida a Sua pureza (White, 2005, p. 227).

A narrativa bíblica está mais próxima do *storytelling* (narração de histórias) do que das metanarrativas. Segundo Doukhan (2011), isso se deve a vários motivos:

1. As histórias da Bíblia não são universais, mas profundamente particulares. O chamado de Abraão, por exemplo, é pessoal. O valor dessa história não tem um chamado universal, mas um chamado que se faz aos interlocutores. São histórias autênticas que levam a humanidade a se aproximar mais de Deus;
2. As histórias bíblicas são plurais. A Bíblia narra uma pluralidade de relações e experiências com Deus que são tão diversas que apelam à diversidade de seus interlocutores;
3. As histórias bíblicas não são coercitivas. As histórias bíblicas não têm nenhuma imposição, sendo apenas o testemunho de um evento ocorrido em determinado momento da história, que permite ao interlocutor refletir e decidir acerca do ensinamento do conteúdo;

4. As histórias bíblicas são autênticas. A narrativa das Escrituras nunca se esforça para esconder as fraquezas e fragilidades de seus protagonistas. Suas dúvidas e erros estão presentes de forma aberta.

O USO DAS MÍDIAS NA TRANSMISSÃO DA BÍBLIA

O mundo está em constante movimento. O pensamento globalizado das gerações atuais, as tecnologias cada vez mais avançadas, a velocidade da informação – tudo mudou muito rapidamente. Essa mudança traz desafios e oportunidades, especialmente para as pessoas e organizações que buscam comunicar a mensagem bíblica de maneira relevante e eficaz. Uma dessas grandes mudanças ocorre nos meios de comunicação, que se modificam e melhoram com o tempo. Esses temas influenciam diretamente a igreja e a propagação da mensagem bíblica, que utiliza esses meios para difundir seus ideais.

O primeiro meio utilizado para esse propósito foi a escrita, por meio da qual o cristianismo tem seu livro base, a Bíblia, disponível para estudo e pesquisa. A escrita foi utilizada para registrar os atos de Jesus por meio de seus discípulos e seguidores. Posteriormente pôde ser mais amplamente difundida e consumida por conta da invenção da imprensa no século 15 por Johannes Gutenberg. Séculos depois surgiram os meios radiofônicos, inaugurando um movimento conhecido como "televangelismo", que começou na década de 1920 nos Estados Unidos e aprimorou a pregação do evangelho de maneira poderosa e inovadora. Esse movimento também se estendeu para a televisão, que, com a combinação de imagem e som, trouxe uma nova revolução na comunicação, influenciando diretamente a comunicação evangelística.

Outra descoberta de grande impacto é a internet, que influenciou a forma como os seres humanos se relacionam entre si e como se comunicam com o mundo. Entre os muitos protagonistas dessa revolução, destacam-se as redes sociais, que são plataformas que permitem a comunicação global quase que instantaneamente. Hoje, por meio delas, é possível alcançar não apenas dezenas de milhares de pessoas, mas milhões, já que a difusão de mensagens bíblicas pela internet não se limita a um espaço geográfico, não requer uma

logística complexa e permite que determinados conteúdos sejam vistos e revisados várias vezes.

> Cerca de 24,3 milhões de crianças e adolescentes, com idades entre nove e dezessete anos, são usuários de internet no Brasil, o que corresponde a cerca de 86% do total de pessoas dessa faixa etária no país. A informação está contida na pesquisa TIC Kids Online Brasil 2018, divulgada pelo Comitê Gestor de Internet no Brasil (CGI.br), pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) do Centro de Informação e Coordenação de Ponto BR (NIC.br) (agenciabrasil.ebc.com).

Guiados pela orientação bíblica de pregar o evangelho em todo o mundo (Mc 16:15), percebemos que os meios de comunicação não representam somente um "mal irreversível", mas proporcionam um modo de transmitir a Palavra de Deus. Com isso em mente, percebe-se que são necessárias habilidades específicas para ter sucesso na pregação por meio das redes sociais, que podem ser desenvolvidas com a formação do comunicador. Nesse sentido, como pode o pregador/comunicador da mensagem utilizar as redes sociais como ferramenta evangelizadora, sem deturpar nem banalizar a verdade revelada?

O conhecimento é transmitido de geração em geração de forma oral, é um dos meios mais antigos para realizar esse processo. Essa mesma difusão se dá com o cristianismo, que utiliza a oralidade e as ferramentas de comunicação próprias de cada época para transmitir seus princípios. No entanto, nos últimos anos, com o surgimento da internet, passamos a ouvir falar de outro grupo, os chamados "social media", que se caracterizam por um "alto grau de interatividade entre pessoas, grupos e organizações, a partir da internet" (Tadeu, 2014, p. 411).

Entre as redes sociais mais utilizadas atualmente, podemos destacar o Facebook, o Instagram e o TikTok. Algumas personalidades cristãs se destacam como referências nesses meios sociais de integração e comunicação.

Murillo Batista (*Escrabajo Binario*), por exemplo, de Buenos Aires, jovem de 23 anos, compartilha mensagens bíblicas relevantes com milhares de internautas por meio de seus vídeos no YouTube. Entre os diversos temas bíblicos que aborda, há um grande incentivo para estudar a Bíblia e sugestões para ler os livros da escritora Ellen White.

Quando notou que estava ganhando mais seguidores, Murillo iniciou uma série de estudos bíblicos regulares (*Decodificando la Biblia*). Seu perfil nessa rede tem milhares de seguidores e mais de 1 milhão de curtidas. Seu estudo bíblico animado é visto por milhares de adolescentes de todo o mundo hispano-falante. Murillo transmite a Bíblia em uma linguagem contextualizada dentro dos princípios sagrados.

O segundo e último exemplo que gostaríamos de comentar é um fenômeno principalmente no Brasil: com mais de 22 milhões de curtidas, Jey fala abertamente de Cristo. A jovem é uma grande influenciadora cristã tanto no Instagram (221 mil seguidores) quanto no TikTok (1,5 milhão de seguidores). Ela diz: "Atualmente, o TikTok tem mais de 1.500 milhões de usuários. Em Marcos 16:15, Jesus diz: 'Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura'. Aonde mais poderíamos ir para alcançar todos, senão em um lugar onde há milhões de pessoas? Sem dúvida, a internet é uma audiência massiva para a pregação do evangelho".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Envolver as novas gerações no estudo da Bíblia é um desafio possível de cumprir. Os jovens estão interessados em questões existenciais profundas que somente as Escrituras podem responder. Ao unir o poder do Espírito Santo, a oração, o interesse real do instrutor, a participação, o estudo contextualizado, a profundidade do argumento e o amor pelos jovens, a mensagem do eterno evangelho pode chegar ao coração das novas gerações. A Bíblia não tem um público-alvo restrito e específico e, bem explicada, levando em conta as novas formas de comunicação, é capaz de suprir os anseios dos jovens. Nesse processo didático, é fundamental contextualizar sem perder os princípios, utilizar meios e ferramentas atuais e comuns ao universo dos jovens, assim

como desconstruir os sistemas teológicos que pertencem aos pressupostos ou paradigmas dos ouvintes. Em todo momento, o professor deve se lembrar de Isaías 55:11, onde Deus diz: "Assim também é a palavra que sai da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que eu desejo e alcançará o propósito para o qual a enviei".

REFERÊNCIAS

BEJOTA, V. **Uma proposta para formação de criadores de conteúdo evangélico direcionada às mídias sociais digitais a partir da análise sobre o processo de comunicação do evangelho**. 2020. 109 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade Batista do Paraná, Curitiba, 2020.

BLACKABY, H. **Mi experiencia con Dios**: cómo vivir la gran aventura de conocer y hacer la voluntad de Dios. [S.l.: s.n.], [200–].

BORELLI, V. **Midiatização, dispositivo e os novos contratos de leitura geram uma outra religião**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/borelli-viviane.pdf. Acesso em: 22 mar. 2019.

BURNS, B. **Contextualização missionária**: desafios, questões e diretrizes. São Paulo: Vida Nova, 2011.

FERREIRA, A. **Miniaurélio século XXI escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

HIEBERT, P. **O evangelho e a diversidade das culturas**: um guia de antropologia missionária. São Paulo: Vida Nova, 1999.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Manual da igreja**. 7. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

LEYS, L. **Liderazgo generacional**. Dallas: e625, 2017.

LOVELL, G.; RICHARDSON, N. **Sustaining preachers and preaching**. New York: T&T Clark International, 2011.

MONTOYA, A. **Predicando con pasión**. Grand Rapids: Editorial Portavoz, 2003.

NIEUWHOF, C. 5 características de igrejas que estão alcançando os Millennials. **Revista Líder** 6–25, ano III, n. 13, p. 12, fev./abr. 2019.

NPR. Os millennials falam com Deus, mas não confiam na religião. **NPR**, 11 abr. 2014. Disponível em: https://www.npr.org/sections/thetwo-way/2014/04/11/301969264/millennials-talk-to-god-but-fewer-rely-on-religion-survey-finds. Acesso em: 10 jul. 2022.

PERDOMO, A. **Hay cosas que nunca cambian... y otras que nunca dejan de cambiar**. E625.com, Argentina, v. 12, n. 13, p. 36-38, fev./abr. 2019.

SBARDELOTTO, M.; GOMES, P.; NETO, A.; SOUZA, T. **Mídias e religiões**: a comunicação e a fé em sociedades em midiatização. São Leopoldo: Editora Unisinos: Casa Leiria, 2013.

VALERGA, S. Claves para trabajar con las nuevas generaciones. **Revista Líder 625**, ano 3, n. 13, 2019.

WHITE, E. **Serviço cristão**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E. **Mensagens aos jovens**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E. **Primeiros escritos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E **O colportor evangelista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

WHITE, E. **Testemunhos seletos**. v. 7. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005

WHITE, E. **A ciência do bom viver**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

WHITE, E. **O desejado de todas as nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

CAPÍTULO 5

05

Leitura cristã e as novas gerações

Zoraida Ruth Plasencia Salcedo

Ao olhar ao nosso redor, observamos com expectativa cada nova geração que se levanta. Suas características e os fatores socioculturais que as influenciam fazem com que, com o passar do tempo, tornem-se cada vez mais vulneráveis ao mundo. Isso implica que, em muitos casos, a baixa espiritualidade, a frivolidade, o sofrimento, a solidão e as más decisões sejam seus companheiros de viagem, deixando marcas que obscurecerão seu caminho e as impedirão de colocar seus talentos a serviço de Deus.

É por essa razão que White (2004, p. 94), em *Mensagens aos jovens*, incentiva os jovens de todas as gerações que "ambicionem cultivar todas as graças do caráter [...], que permaneçam firmes como Daniel, a quem nenhuma tentação pôde corromper", alcançando assim um "caráter formado segundo a semelhança divina, que é o único tesouro que podemos levar deste mundo para o futuro".

Diante desse panorama, é necessário colocar à disposição de cada jovem as ferramentas úteis e necessárias que contribuam grandemente para aplainar o caminho pelo qual começaram a transitar. Um caminho no qual encontrarão tentações, dificuldades, desafios e momentos sombrios, mas que conseguirão atravessar se tiverem a Deus como seu firme apoio.

Assim sendo, o propósito do presente trabalho é analisar de que maneira a leitura incide na forma de pensar e agir de uma pessoa, incluindo a sua tomada de decisões. Embora o ambiente e o contexto no qual vivemos mudem a cada geração, muitas vezes em rumo à degradação, a nossa arquitetura cerebral e as funções cognitivas que desenvolvemos mantêm o mesmo processo orgânico, necessitando de estímulos e de situações específicas para alcançar um bom desenvolvimento. A partir desses conceitos, buscaremos responder como a leitura cristã pode incidir de maneira positiva no desenvolvimento mental, fornecendo melhores ferramentas a uma nova geração de jovens que se prepara para o serviço cristão.

Para abordar o tema escolhido, serão investigadas as teorias relacionadas ao desenvolvimento das funções cognitivas, às características da adolescência e aos antecedentes de estudos de campo já realizados sobre o assunto. Conhecer a resposta a essa questão nos abre um caminho valioso que deve

ser utilizado dentro do ministério jovem para fortalecer o desenvolvimento integral das novas gerações.

UM GRANDE POTENCIAL EM NOSSAS MÃOS

Nossa igreja possui um grupo etário composto por adolescentes e jovens com idades entre 15 e 25 anos, aproximadamente. Esse grupo constitui um grande potencial, já que representa a vitalidade da igreja por seu dinamismo e energia. Isso, combinado com a experiência e o equilíbrio das gerações mais velhas, proporcionará a força motriz necessária para realizar com maior eficácia a missão para a qual fomos chamados: "Vão por todo o mundo e preguem o evangelho a toda criatura" (Mc 16:15). Consciente disso, o apóstolo Paulo orientou o jovem Timóteo: "Ninguém o despreze por você ser jovem; pelo contrário, seja um exemplo para os fiéis, na palavra, no procedimento, no amor, na fé, na pureza" (1Tm 4:12).

McGarry (2019) amplia a ideia de que todos devemos estar envolvidos na formação das novas gerações e de que os próprios jovens devem se apropriar daquilo que os capacita para o cumprimento da missão:

> A próxima geração de obreiros juvenis que proclama o evangelho e discípula aos estudantes, deve fazê-lo sobre uma base sólida. Devem resistir à tentação de simplesmente repetir o que eles mesmos experimentaram e voltar às Escrituras em busca de guia. É hora de que toda a igreja se envolva, de que os pais estejam equipados e de que os trabalhadores juvenis se vejam a si mesmos como uma ponte entre a igreja e o lar. O ministério juvenil é para a adolescência, a família é para toda a vida, mas a Igreja é para a eternidade. Que os trabalhadores juvenis liderem e sirvam em consequência.

White (2005, p. 317), por sua vez, ao falar da adolescência e da juventude, nos diz que: "A juventude é o tempo de oportunidade. Os corações dos jovens

são como cera impressionável, e podeis levá-los a admirar o caráter cristão; dentro de alguns anos, porém, a cera poderá transformar-se em granito". Da mesma forma, a autora reafirma a relevância desta faixa etária ao destacar que:

> É na juventude que as afeições são mais fervorosas, a memória mais retentiva, e o coração mais suscetível às impressões divinas; e é durante a juventude que as faculdades mentais e físicas devem ser lançadas à tarefa, a fim de que grandes aperfeiçoamentos se possam fazer, em vista do mundo que agora existe, e do que há de vir (White, 2005, p. 317).

Essas declarações, que foram inspiradas por Deus, nos fazem ver a importância de não tomar com leviandade o trabalho que pode ser realizado para impactar as mentes de maneira especial nessa fase da vida. Então, como conseguir alcançar esses grandes desafios? O que se deve conhecer sobre os adolescentes e jovens para conseguir influenciá-los de forma positiva?

Para isso, é necessário compreender algumas características inerentes a esse grupo. É muito comum ouvir que os adolescentes se comportam de maneira impulsiva, irracional ou perigosa, muitas vezes sem que seja possível entender o motivo de tais ações. Nesse aspecto, os adolescentes diferem significativamente dos adultos na forma como se comportam, resolvem problemas e tomam decisões.

DESENVOLVIMENTO DO CÉREBRO NA ADOLESCÊNCIA

A adolescência é uma etapa em que o ser humano se prepara para entrar na idade adulta. Muitas mudanças ocorrem internamente no organismo, tanto no nível neural quanto no hormonal. É por isso que os jovens se sentem muito atraídos pelas novidades, por iniciar grandes projetos e por buscar sua própria independência. Segundo Campos (2014) "este é um período de desenvolvimento do cérebro que lhes permite tomar grandes riscos, pelo qual são mais vulneráveis a todo tipo de vícios". Portanto, o cérebro adolescente é

um cérebro em construção. As atitudes, as condutas e a tomada de decisões nessa idade nos confirmam isso.

Estudos relacionados ao desenvolvimento neurológico e o avanço dos exames de neuroimagem têm revelado que o lobo frontal é o responsável por funções como: ter domínio próprio (autorregulação), planejar, organizar, tomar decisões, executar tarefas, postergar, priorizar e pensar em longo prazo em vez de curto prazo. Todas essas funções são realizadas no nível do córtex pré-frontal.

A aplicação de tecnologias modernas de análise computadorizada de imagens, como a ressonância magnética funcional, tem permitido aos cientistas estudar a anatomia do cérebro e as conexões que ocorrem durante o seu desenvolvimento. Por isso, ao compreender que na adolescência a maturação cerebral ainda está em processo, podemos entender a importância de que essas funções sejam trabalhadas e estimuladas. Sendo uma etapa vulnerável, há muitas oportunidades para o desenvolvimento de uma variedade de redes neurais que possam ajudar os jovens a enfrentar as diferentes situações cotidianas pelas quais passam ou podem passar.

Pensemos em algumas funções cognitivas de alta complexidade, chamadas de funções executivas. Essas funções são fundamentais para que possamos realizar todas as atividades exigidas para atuarmos e convivermos em sociedade, pensando não apenas no próprio bem-estar, mas no bem-estar do próximo.

Observemos um caso semelhante às notícias diárias que vemos na televisão. Um jovem, motorista de um automóvel, é interceptado pela polícia por dirigir com excesso de velocidade. Ao sentir-se "ameaçado", o jovem reage violentamente contra o policial, agredindo-o e, assim, causando a própria detenção. Como essa situação tão problemática, não apenas para o jovem, mas também para toda a sua família, poderia ter sido evitada? A sua reação foi benéfica para alcançar um objetivo de bem-estar? Essa atitude lhe permitirá manter um estilo de vida saudável?

Nesse exemplo, podemos ver como a falta de autodomínio sobre a própria conduta pode gerar relacionamentos ruins entre as pessoas, prejudicando toda uma sociedade. Será que é possível promover uma mudança a partir da

nossa posição como pais, professores ou líderes de igreja? Quão importante é intervir nessa fase decisiva? Podem os adolescentes e jovens aprender a ter domínio próprio?

White (1969) afirma que a causa da degradação do mundo se baseia na perda da faculdade do domínio próprio por parte do ser humano. Apenas na medida em que se recuperar essa faculdade poderá haver um verdadeiro progresso. Entendamos o domínio próprio como a autorregulação e a capacidade de gerenciar as funções executivas. Muitas vezes, ouvimos a frase "devemos nos autorregular", que comumente é entendida como regular o próprio comportamento ou ter a capacidade de se controlar. Entretanto, o conceito dessa palavra vai muito além. Conforme afirma Campos (2006):

> [...] a autorregulação é a capacidade de regular nosso próprio comportamento, ainda que em diversas situações atuemos em 'piloto automático' sem medir as consequências de nossos atos. É a capacidade de entender as emoções que sentimos para gerenciá-las e expressá-las de forma apropriada tanto para nós mesmos como para os demais. É a capacidade de compreender nossos pensamentos, nossos processos cognitivos e metacognitivos, de utilizar adequadamente nossas funções executivas e o sistema atencional, o que permitirá o desenvolvimento significativo de nossa capacidade de aprendizagem. (Campos, 2006, [p. X]).

A isso podemos acrescentar que a autorregulação é o autocontrole que os indivíduos exercem em relação aos seus próprios pensamentos, comportamentos e emoções diante de um estímulo externo ou interno. A maturação do córtex pré-frontal e de outras regiões cerebrais conectadas entre si está diretamente relacionada ao desenvolvimento das funções executivas. A "mielinização" é um fator muito importante para essa maturação do córtex cerebral, sendo concluído por volta dos 20 ou 25 anos. Além disso, existem

conexões neurais que permitem ao córtex pré-frontal monitorar a informação em diversos níveis de complexidade, a fim de controlar e regular os nossos comportamentos.

O aspecto externo, por sua vez, envolve tudo aquilo que pode modificar estruturalmente o nosso cérebro a partir das situações vividas, das experiências e da atitude que nós mesmos adotamos sobre as nossas ações, não pensando apenas em nosso bem-estar, mas também na convivência e no bem-estar dos outros. Tem a ver com as emoções, as relações interpessoais, as interações sociais e com a cognição. Segundo Claverie (2014):

> Há fatores sociológicos, próprios do entorno no qual cada pessoa foi criada, que influenciam fortemente na formação de sua personalidade. O trato físico e emocional que os pais lhe proporcionaram desde o nascimento até a primeira infância, especialmente; as experiências infantis; a educação transmitida pelos pais, por pessoas significativas e pelos professores; as tradições familiares; e, evidentemente, as grandes influências dos meios de comunicação em massa. (Claverie, 2014).

Todos esses fatores podem incidir, no melhor dos cenários, de maneira positiva nos adolescentes e jovens. Porém, em más circunstâncias, podem se tornar os gatilhos para gerar problemas emocionais, transtornos alimentares, dependência de drogas e álcool, vício em internet e redes sociais, ideias suicidas, depressão, isolamento, envolvimento com gangues, insegurança nas relações sociais, atitudes temerárias e a prática de relações sexuais antes do casamento.

Por isso, busca-se trabalhar a autorregulação e o domínio próprio em todas as frentes possíveis, seja no lar, nas escolas e na igreja, proporcionando situações e experiências adequadas para o desenvolvimento dessas competências.

Há evidências científicas de que essas habilidades podem ser ensinadas e moldadas ao longo do desenvolvimento humano.

Conforme o cérebro amadurece, a conduta do indivíduo é regulada. Isso significa que ele se prepara para lidar com as responsabilidades implicadas pela vida adulta. Como a adolescência é uma etapa vulnerável para comportamentos de risco, ela também é uma etapa onde o adolescente está altamente receptivo para assimilar tudo aquilo que o favoreça de maneira integral. Como bem resume White:

> Na infância e na juventude é quando o caráter é mais impressionável. Este é o momento para adquirir a faculdade do domínio próprio. No lar e na família, exercem-se influências cujos resultados são tão duradouros como a eternidade. Mais do que qualquer dom natural, os hábitos formados nos primeiros anos decidem se um homem vencerá ou será vencido na batalha da vida. A juventude é o tempo da semeadura. Ela determina o caráter da colheita, para esta vida e para a vindoura. (White, 2007, p. 101).

A LEITURA COMO FERRAMENTA PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESSOA

A leitura tem sido amplamente utilizada dentro do âmbito escolar, recebendo grande importância no desenvolvimento das habilidades comunicativas, as quais são fundamentais para o desempenho do indivíduo na sociedade. Entretanto, seu alcance pode ir muito além, dado que contribui com a formação integral de todo leitor por meio do conteúdo que compartilha.

Cada pessoa se desenvolve a partir daquilo que faz parte de seu contexto: família, professores, companheiros de estudo, situações vividas e, obviamente, os livros que lê. Estes, por sua vez, devem estar em sintonia com os valores e princípios que regem sua vida graças à influência do lar, da igreja e do centro de estudos. Tal como expressa Chacón (2016, p. 121, *tradução nossa*):

> Esse conhecimento e a construção do próprio eu, formados com o auxílio da família e do ambiente, devem ser fomentados na escola por meio de experiências de leitura semelhantes, onde convergem emoções, vivências e a necessidade de interação com um texto, questionando e dialogando com ele, movidos pelo único desejo de se expressar por meio de palavras, desenhos, sorrisos ou lágrimas, onde, sem dúvida, o leitor se permite ser transformado ou deformado pelo que lê[1].

A LEITURA COMO INSTRUMENTO PARA DESENVOLVER AS FUNÇÕES EXECUTIVAS

Compreendendo que a leitura desenvolve um papel preponderante na formação da pessoa cabe destacar alguns aspectos relacionados a ela. Primeiro, ela permite-nos desenvolver nossas próprias ideias e convicções baseadas em princípios e valores transmitidos através do conteúdo que escolhemos. Além disso, ela nos dá a capacidade de ampliar nosso ponto de vista quanto a diferentes situações da vida, desenvolvendo o espírito crítico e a capacidade de compartilhar uma opinião, respeitando a dos demais.

Não obstante, a leitura transporta-nos a outras épocas e nos coloca no lugar de outras pessoas. Isso nos permite ver a situação de dentro e de fora, dando-nos a oportunidade de considerar diferentes pontos de vista diante de problemáticas apresentadas na narrativa, ao mesmo tempo em que nos capacita a aplicar o aprendizado em diversos contextos e circunstâncias.

Por fim, a leitura nos estimula a colocar em ação processos cognitivos de ordem superior, que são fundamentais na tomada de decisões, no domínio próprio e no estabelecimento de metas a curto e longo prazo. Além claro, de motivar-nos a incorporar hábitos e a construir ou modificar atitudes e condutas.

[1] Original: Este conocimiento y la construcción del propio yo, que se ha ido formando con ayuda de la familia y del entorno, de-ben ser potenciados en la escuela con experiencias de lectura similares, donde converjan emociones, vivencias y la necesidad de interactuar con un texto para interrogarlo y dialogar con él, bajo el único deseo de expresarse a través de las palabras, los dibujos, las sonrisas o el llanto, donde sin duda alguna el lector se deja transformar o deformar por lo que lee (Chacón, 2016, p. 121).

Afinal de contas, como diz o ditado popular, "um bom livro é um livro que nos transforma". Essa frase contém uma verdade esperançosa. Ler um livro é iniciar uma viagem da qual seguramente sairemos enriquecidos. Ler um livro nos transforma, nos faz crescer, amplia nosso panorama, nos dá bem-estar, nos ajuda a cicatrizar feridas e nos acompanha em momentos de solidão. Ao ler um livro somos transportados às vivências expostas pelo autor. Podemos viver a experiência dos personagens, ainda que estejamos sentados em uma poltrona de nossa sala. Podemos nos emocionar, rir e chorar, aplaudir ou comentar que a atitude que estão prestes a tomasr não os levará a um bom final.

Pesquisadores espanhóis da Universidade de Jaume I de Castellón (2006) apresentaram diversas palavras para serem lidas por um grupo de voluntários enquanto os submetiam a exame de ressonância cerebral. Algumas palavras os instigavam a evocar aromas como alho, canela ou jasmim; outras eram neutras, sem nenhum aroma associado. O resultado desse teste demonstrou que, ao lerem as palavras relacionadas aos aromas, as áreas olfativas do cérebro eram ativadas – as mesmas que seriam acionadas pelo olfato na vida real. Esse estudo abre as portas para compreendermos o maravilhoso poder que os livros exercem sobre a mente humana. Ao ler, reproduz-se no cérebro tudo o que as palavras evocam do mundo real.

Outros pesquisadores da *New School for Social Research* (2013) demonstraram que ler bons livros melhorava a pontuação dos participantes quando submetidos a testes de empatia. Isso significa que eles se mostravam mais capacitados para captar e entender as emoções alheias e para se colocar no lugar do outro – algo primordial para a convivência em sociedade.

Se analisarmos todos os valores e princípios necessários para viver em sociedade, perceberemos que são muitos. E se pensarmos nas boas leituras como ferramentas para auxiliar no desenvolvimento integral de nossos adolescentes e jovens? Elas podem prepará-los para um melhor desempenho na sociedade e capacitá-los para o trabalho missionário que devem desenvolver como filhos de Deus.

White (2004), ao tratar da escolha das leituras, adverte que os jovens devem ter muito cuidado tanto com o que leem quanto com o que ouvem. A leitura

imprópria pode corrompê-los; por isso, devem vigiar a mente para não serem seduzidos pelas tentações do inimigo. Apenas a mente fortalecida por uma boa literatura terá o poder para estudar as grandes verdades referentes à missão e à obra de Cristo.

FUNÇÕES EXECUTIVAS QUE PODEM SER DESENVOLVIDAS ATRAVÉS DA BOA LEITURA

A Bíblia apresenta exemplos de personagens que foram educados sob os princípios de Deus e que, em circunstâncias adversas, demonstraram estar preparados para enfrentar qualquer dificuldade. Suas trajetórias se convertem em um grande legado para que todos os que as observam sejam influenciados por suas vidas.

A seguir, apresentamos alguns casos como exemplos de desenvolvimento de funções executivas. Compreenda-se que a formação desses jovens foi fortemente influenciada pelo contato e pela leitura constante dos princípios das Sagradas Escrituras.

FLEXIBILIDADE COGNITIVA E RESILIÊNCIA

A flexibilidade cognitiva nos ajuda a tolerar e manejar com maior facilidade as mudanças que podem suceder-nos sem alterar-nos, adaptando-nos mais facilmente a estas mudanças. Na Bíblia, encontramos a história de Daniel e seus três amigos que enfrentaram o desafio de sair de sua terra natal para uma nação estranha. Tiveram que lidar com a perda de sua família e se adaptar a uma nação onde os valores e princípios diferiam daqueles que haviam aprendido. Que opções tinham nessa situação? Ceder ao desânimo e negar ao seu Deus pela situação que estavam enfrentando, ou, apesar da calamidade, reconhecer que os planos de Deus sempre são perfeitos e que ele sempre estaria com eles.

Talvez nunca tenhamos parado para pensar na difícil situação que viveram ao serem arrancados de seu país e verem seus sonhos desmoronarem diante da realidade do cativeiro. Foi necessário ter flexibilidade cognitiva. Eles se encontravam "contra a parede", com seus anseios frustrados, e precisavam visualizar um novo caminho sem perder de vista os princípios que baseavam

suas vidas. E assim o fizeram. Sem dúvidas derramaram lágrimas de dor, mas logo tomaram a decisão de continuar brilhando, mesmo em um país estranho. Por isso, embora tenham recebido a proposta de serem tratados de maneira honrosa no palácio do rei, colocaram em primeiro lugar o desejo de seguir os mandamentos de Deus. Assim, esses quatro jovens, que haviam sido educados no "temor do Senhor", fizeram resplandecer as características de seu caráter. Apesar da dificuldade, decidiram colocar seus temores nas mãos de Deus e prosseguir, seguros de que Ele cuidaria deles.

CONTROLE INIBITÓRIO E DOMÍNIO PRÓPRIO

White (2008, p. 13) afirma, em sua obra *Educação*, que os jovens precisam ser pensadores:

> Cada ser humano criado à imagem de Deus, é dotado de certa faculdade própria do Criador – a individualidade – faculdade esta de pensar e agir. Os homens nos quais se desenvolve esta faculdade, são os que arrostam responsabilidades, que são os dirigentes nos empreendimentos e que influenciam nos caracteres. É a obra da verdadeira educação desenvolver esta faculdade, adestrar os jovens para que sejam pensantes e não meros refletores do pensamento de outrem. Em vez de limitar o seu estudo ao que os homens têm dito ou escrito, sejam os estudantes encaminhados às fontes da verdade, aos vastos campos abertos a pesquisas na Natureza e na revelação. Que contemplem os grandes fatos do dever e do destino, e a mente expandir-se-á e fortalecer-se-á. Em vez de educados fracotes, as instituições de ensino poderão produzir homens fortes para pensar e agir, homens que sejam senhores e não escravos das circunstâncias, homens que possuam

> amplidão de espírito, clareza de pensamento, e coragem nas suas convicções.

O pequeno Samuel é um exemplo de boa tomada de decisões. Sua mãe o levou ainda muito jovem para servir no templo, junto ao sacerdote Eli. Ana teve muito pouco tempo para incutir os princípios divinos em sua tenra idade. Quanta dedicação e cuidado ela deve ter demonstrado para com o seu pequeno! Podemos constatar isso pela atuação do menino dentro do santuário. A Bíblia relata que "os filhos de Eli eram homens maus; não se importavam com o Senhor" (1Sm 2:12), enquanto "Samuel ministrava perante o Senhor, sendo ainda menino, vestido de uma estola sacerdotal de linho" (1Sm 2:18). É impressionante que, sob a péssima influência dos filhos de Eli, Samuel tenha se mantido fiel aos princípios divinos. Tudo isso foi fruto da dedicação de uma mãe que o vinculou ao conhecimento de Deus, gerando no filho a capacidade de ter domínio próprio diante das fortes influências seculares que ele certamente enfrentaria. E, de fato, as enfrentou!

AUTORREGULAÇÃO E PENSAR ANTES DE AGIR

Como já foi mencionado, a autorregulação é a capacidade de regular nosso próprio comportamento, ainda que em situações anteriores tenhamos agido no "piloto automático", sem medir as consequências de nossos atos, o famoso "agir sem pensar". Embora existam situações que "justifiquem" a falta de autorregulação, as consequências dessa atitude são inevitáveis.

Davi, em 1 Samuel 17, encontrou-se diante de uma situação em que pôde ter agido "sem pensar". O gigante Golias, que lutava com o exército filisteu, ousou insultar ao Deus do Céu. Obviamente, os sentimentos de Davi foram de rejeição ante a atitude blasfema. Ele, porém, decidiu não se concentrar nos insultos, e sim na força que vinha da certeza de ter o Deus dos Exércitos ao seu lado. Por isso, diante das ofensas, respondeu: "Você vem contra mim com espada, com lança e com escudo. Eu, porém, vou contra você em nome do Senhor dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel, a quem você afrontou" (1Sm 17:45). Ele conseguiu dar uma resposta nesse nível somente devido à

influência recebida no lar durante os anos de desenvolvimento e à decisão de depositar a sua confiança inteiramente em Deus.

MEMÓRIA MUSCULAR E TOMADA DE DECISÕES

A memória muscular é fundamental para a tomada de decisões, pois nos permite ter consciência do que fazemos, refletir sobre os atos e planejar os passos necessários para alcançar grandes objetivos.

Um excelente exemplo de tomada de decisões é José. O país inteiro foi colocado em suas mãos para que tomasse as decisões corretas e salvasse a nação egípcia dos sete anos de fome que logo chegariam. Ele precisava estabelecer um plano e segui-lo. E assim o fez. Quando apresentou a proposta, Faraó perguntou aos seus oficiais: "Será que vamos achar alguém como este homem, em quem está o Espírito de Deus?" (Gênesis 41:38). José havia sido instruído no lar, nas pequenas tarefas sob sua responsabilidade e na sua constante comunhão com Deus. Tudo isso, reforçado pela "escola das dificuldades" pela qual passou, fez dele o grande governante de que o Egito necessitava. Sobre o hábito de alimentar a mente, White (2004, p. 250) afirma:

> A natureza de uma experiência religiosa é revelada pelo tipo de livro que a pessoa escolhe para ler em seus momentos de lazer. Para ter mente saudável e firmes princípios religiosos, os jovens devem viver em comunhão com Deus, através de Sua Palavra. Indicando o caminho da salvação por meio de Cristo, a Bíblia é nosso guia para uma vida mais elevada e melhor. Ela contém as mais interessantes e instrutivas histórias e biografias que já foram escritas. Aqueles cuja imaginação não se tornou pervertida pela leitura de ficção acharão a Bíblia o mais interessante dos livros.

Essas funções executivas – ou habilidades cognitivas de ordem superior – são exatamente o que se busca desenvolver através da leitura cristã, a fim de

incidir de maneira positiva no desenvolvimento mental, fornecendo melhores ferramentas para uma nova geração de jovens que se prepara para o serviço cristão. Fica como proposta para futuras pesquisas o estudo das estratégias que podem ser desenvolvidas para que a leitura cristã seja trabalhada de maneira efetiva com os adolescentes e os jovens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise apresentada demonstra que a adolescência e a juventude representam uma janela de oportunidade crucial, onde o caráter é mais impressionável e as faculdades mentais estão em pleno desenvolvimento. Como o cérebro adolescente ainda está em processo de maturação, especialmente no que diz respeito ao córtex pré-frontal e às funções executivas, o fornecimento de estímulos adequados torna-se determinante para a formação de adultos resilientes e equilibrados.

A leitura cristã emerge não apenas como um hábito educacional, mas como uma ferramenta transformadora e integradora para essa fase da vida. Através dela, é possível estimular as funções executivas, por meio do contato com conteúdos que promovem o desenvolvimento do domínio próprio, da flexibilidade cognitiva e da capacidade de tomar decisões fundamentadas em princípios, e não apenas em impulsos momentâneos.

Esse hábito também fortalece o desenvolvimento integral. Ao transportar o jovem para diferentes contextos e dilemas, a boa literatura amplia a empatia e a visão de mundo, preparando-o para a convivência em sociedade e para o serviço cristão. Personagens bíblicos como Daniel, Samuel, Davi e José exemplificam como a formação baseada nas Escrituras permite enfrentar adversidades com autorregulação e firmeza de propósito.

Portanto, é responsabilidade da igreja, da escola e, primordialmente, da família, criar um ambiente que fomente a leitura de qualidade. Ao proteger a mente de conteúdos que a degradam e ao incentivar a comunhão com Deus através de Sua Palavra, assegura-se que a nova geração possua o poder necessário para cumprir sua missão com clareza de pensamento e coragem.

Fica evidente que investir na leitura cristã é investir na formação de mentes fortalecidas para esta vida e para a eternidade.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, A. **Arquitectura del cerebro humano.** [S. l.]: Cerebrum, 2014.

CHACÓN MÉNDEZ, A. El cómic: una experiencia de lectura que forma, transforma o deforma al sujeto. **Educación y Ciudad**, Bogotá, n. 30, p. 119-128, 2016.

CLAVERIE, P. **El tesoro escondido**. Buenos Aires: IADPA, 2014.

FARESTAIE. **Biblioterapia**: el poder de un libro sobre tu cerebro. [S. l.], 2022.

MCGARRY, M. **A Biblical Theology of Youth Ministry:** Teenagers in the life of the church. Nashville: Randall House Academic, 2019.

PRESSREADER. **El tipo de lectura que impulsa la empatía**. [S. l.], 2013.

WHITE, E. **Educação**. Sem local: White Estate Inc., 2008.

WHITE, E. **Mensagens aos jovens**. Sem local: White Estate Inc., 2004

WHITE, E. **Mente, caráter e personalidade**. v. 1. Sem local: White Estate Inc., 2005.

WHITE, E. **O Desejado de Todas as Nações**. Sem local: White Estate Inc., 2007.

WHITE, E. **Orientação da criança**. Sem local: White Estate Inc., 1954.

CAPÍTULO 6

06

Adoração infantil

Janice Pareja

Quem não gosta de ouvir uma boa história? Adultos e crianças se deliciam ao ouvir histórias, sejam elas através da leitura de um livro, um filme, representação teatral ou uma simples narrativa oral. É fácil lembrar das histórias ouvidas em nossa infância, histórias estas contadas por nossos avôs e avós, pais, ouvidas na escola e na igreja. Evocam um tempo gostoso que não volta mais.

Nancy Mellon, em seu livro "A arte de contar histórias", diz que: "Contar histórias é acender uma fogueira em seu coração para que a sabedoria e a imaginação possam transformar sua vida". Transformação de vida, essa é uma das razões para se contar histórias.

Jesus já havia dito isso há mais de dois mil anos atrás, e se apropriou deste método de ensino para atingir o coração de seus ouvintes através das parábolas, pequenas narrativas que pretendem trazer algum ensinamento de vida. Elas possuem também simbolismo, em que cada elemento da história tem um significado específico. A Igreja Adventista do Sétimo dia tem uma preocupação especial com as novas gerações, exposta de uma maneira organizada, sistemática e linear através do Ministério da Criança. Este tem como objetivo, em linhas gerais, orientar líderes da igreja a auxiliarem no crescimento espiritual das crianças, auxiliando-as no caminho para o céu.

Dentre inúmeros projetos desse ministério se encontra a Adoração Infantil, cujo voto se encontra no item 106 de 2010: "Votado, que o espaço chamado Adoração Infantil seja desenvolvido regularmente dentro da hora do culto divino, como parte da liturgia eclesiástica em cada igreja e grupo da DAS". Embora esse voto tenha sido construído há poucos anos, essa ideia veio diretamente de Deus, quando deu a Sua serva Ellen White (1954, p. 552) a seguinte instrução:

Repita-se às crianças em todas as ocasiões oportunas a história do amor de Jesus. Reserve-se em cada sermão um tempo para benefício delas. O servo de Cristo pode fazer desses pequeninos, amigos duradouros. Não perca ele, portanto, oportunidade de os ajudar a se tornarem mais inteligentes no conhecimento das Escrituras. Isso contribuirá mais do que avaliamos para impedir o caminho aos ardis de Satanás. Se as crianças se familiarizam cedo com as verdades da Palavra de Deus, erguer-se-á uma barreira contra a impiedade, e elas serão habilitadas a enfrentar o inimigo com as palavras: "Está escrito."

Esse texto é muito claro: é preciso tirar um tempinho para as crianças na hora do culto, pensando em uma história para elas. Se o texto é tão claro, por que ainda temos congregações reticentes a essa prática em seus cultos? Na verdade, deveria haver esse momento em todos os cultos! E, sim! O momento da adoração infantil é na hora do culto, não naquele "intervalo" entre Escola Sabatina e culto, pois a adoração infantil faz parte do culto divino.

Por que ela é tão importante? Elencaremos aqui alguns bons motivos:

1. Dá a criança um senso de inclusão no culto. Seria bem interessante sempre termos sermões intergeracionais, o que não excluiria o momento da adoração infantil, já que este momento é exclusivo da criança;
2. Valoriza, reconhece e aprecia a criança como parte integrante da adoração;
3. Ajuda a criança a crescer com a ideia de que prestar um culto é uma experiência agradável;
4. Contribui para seu ensino, crescimento espiritual, comprometimento com a igreja e desenvolvimento de uma adoração correta;
5. A Bíblia é ensinada de maneira simples e compreensível para as crianças.

Já ouvi os seguintes comentários: "já temos a escola sabatina dos infantis, esse momento não é necessário... O culto já é tão corrido..." Pois bem, o mundo secular gasta milhões de dólares para investir nas crianças; não medem esforços em produzir todo tipo de material para atraí-las com horas e horas de entretenimentos que as afasta do caminho do céu: games, filmes, séries, desenhos e brinquedos. E nós, que temos os valores e princípios do céu sendo transmitidos através das histórias bíblicas, temos muitas vezes negado esse privilégio na hora do culto para as crianças, afirmando ser ele desnecessário. É preciso pensar um pouco a respeito.

QUEM COORDENA ESTE MOMENTO?

A coordenadora do ministério da criança da igreja é a responsável direta por esse projeto. É importante fazer uma escala de pessoas responsáveis para a contação das histórias sábado a sábado. Os dirigentes precisam demonstrar

habilidades para serem práticos, objetivos e espirituais. As pessoas escolhidas precisam ser pessoas que tenham o dom de contar histórias: sejam homens, mulheres, jovens ou idosos.

É interessante também manter uma rotina onde se faça um rodízio no semestre ou no ano, com no máximo quatro pessoas para estarem participando desse momento, de forma que as crianças possam ter familiaridade com os contadores.

QUANTO TEMPO DEVE DURAR?

O tempo dedicado a esse momento deve ser curto, pois o tempo de concentração e retenção das crianças é bastante reduzido. O momento da adoração infantil envolve crianças de 0 a 12 anos, portanto, devemos usar no máximo cinco minutos para a história (sem contar a parte da chegada até a frente da igreja, cumprimentos iniciais e partida). Não adianta querermos aumentar esse tempo com o pensamento de que a história ficará mais completa ou que serão acrescentadas informações importantes para as crianças, pois, após cinco minutos a concentração da maioria delas já se foi.

É válido ressaltar também que o culto mantém uma organização necessária em relação ao horário de tudo o que acontece, o que traz senso de ordem na igreja de Deus. Quando o tempo de determinado momento da adoração é extrapolado, toda a programação fica comprometida, portanto o cuidado com o horário é de fundamental importância.

COMO USAR ESTE MOMENTO?

Este momento é dedicado para as crianças. Ele pode ser usado para o testemunho de uma criança ou para a dedicação infantil, mas o mais apropriado é que seja utilizado para a contação de uma história bíblica, como citamos anteriormente. Uma criança esporadicamente pode até contar a história, mas o mais interessante é que ela ouça a história, por ser esse um momento dedicado a ela.

Contar histórias na era digital é um desafio a mais. As crianças que estão ali são nativas digitais, acostumadas com movimento, luzes, cores e ação

advindas de seus aparelhos digitais. E agora? Temos somente cinco minutos para contar uma história que irá prender a atenção de crianças e ensiná-las valores e princípios que as incentivem a servir a Jesus! Que desafio!

Há mais de 100 anos Deus já nos deu a dica:

> (...) por meio das ilustrações mais bem adaptadas à compreensão da criança, pais e professores podem começar muito cedo a cumprir a ordem do Senhor relativa aos Seus preceitos [ou palavras]: "E as intimarás a teus filhos e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, deitando-te, e levantando-te." Deut. 6:7. O uso de comparações, quadros-negros, mapas e gravuras, será de auxílio na explicação dessas lições e na fixação das mesmas na memória. Pais e professores devem constantemente procurar métodos aperfeiçoados. O ensino da Bíblia deve ter nossos mais espontâneos pensamentos, nossos melhores métodos, e nosso mais fervoroso esforço (White, 1954, pp. 514–515).

Quando Ellen White fala sobre "procurar métodos aperfeiçoados", o que precisamos apreender que podemos utilizar a tecnologia a nosso favor, assim como encenações e inovações que se adequem aos nossos princípios.

QUAL MATERIAL USAR?

A Divisão Sul-americana possui um cuidado muito especial com o tipo de história apropriada para esse momento único com as crianças. A cada ano é preparado um manual contendo 52 histórias bíblicas para cada sábado do ano. Ele é impresso e distribuído gratuitamente para todas as igrejas e grupos através do Ministério da Criança e Adolescente dos campos. Pode ser também encontrado e baixados no site oficial da Divisão, o adventistas.org.

Em 2019 tive o privilégio de escrever este manual, com o título: "No caminho para o céu". Você pode acessá-lo ao consultar as referências bibliográficas

ao fim de nosso ensaio. Todas as histórias foram retiradas exclusivamente da Bíblia. Nas dicas para o preparo de cada história, foram incluídos textos do Espírito de Profecia, para que fosse ampliado o conhecimento do contador da história em torno do tema abordado.

Por exemplo: quando contamos a história de Maria Madalena e o perfume, podemos falar para as crianças que o perfume caríssimo só poderia ser usado uma única vez. Isso as deixa muito admiradas, e faz com que passem a valorizar ainda mais o presente precioso que Maria deu para Jesus. Essa informação se encontra no livro *Desejado de Todas as Nações* no Capítulo 62: *O banquete na casa de Simão*.

O manual traz também um texto bíblico para cada história, que deve ser lido no início desse momento, demonstrando às crianças que aquela história foi retirada da Sagrada Escritura. É sugerido que se faça uma oração ao início e final deste momento.

Em meu material, o manual também se conecta aos sábados de mordomia. A cada sábado de mordomia, a história também falava sobre o tema do sermão. Também foi feita uma conexão com as datas do calendário eclesiástico da igreja. No sábado do pastor, foi contada uma história apropriada para esse dia. O mesmo no dia do ancião, no programa *Quebrando o Silêncio* ou no sábado do livro Missionário. Esses manuais são preparados com mais de um ano de antecedência, e pessoas capacitadas são convidadas a escreverem as 52 histórias para os sábados do ano. São dadas orientações quanto aos recursos que devem ser utilizados, o objetivo a ser alcançado com a história e até mesmo o apelo a ser feito para as crianças ao final da história.

Quero nesse momento me deter neste quesito do manual. Os responsáveis pelo ministério infantil de algumas igrejas insistem em não se guiarem por ele, e contam muitas vezes histórias quem nem estão de acordo com os princípios da igreja (como fábulas). Às vezes transmitem informações erradas para as crianças, como a afirmação de que Naamã foi um grande rei, que Jonas foi engolido por uma baleia gigantesca, Daniel foi salvo na fornalha ardente, entre outras. O uso do manual garante uma história bem contada, com o uso de recursos didáticos apropriados, a segurança de transmitir informações

corretas e uma chance maior de se manter dentro do tempo estabelecido para a história de cinco minutos.

Outra questão importante em relação aos manuais da adoração infantil é que, na maioria das vezes, eles seguem uma sequência cronológica bíblica. Logo, se uma criança não está na sua igreja em determinado sábado, ela ouvirá a sequência da história que ouviu na sua igreja no sábado anterior. Unidade! A adoração infantil também se importa!

O QUE NÃO USAR NESTE MOMENTO

As ideias que serão agora apresentadas são orientações para "contação" de histórias em geral na igreja, não apenas na adoração infantil. O enfoque do presente artigo é a adoração infantil. Contudo, esse momento, como o próprio termo declara, é um momento de adoração, não de entretenimento para as crianças. Ele pede reverência e respeito. Pode sim ser alegre e até mesmo descontraído, mas sempre é necessário lembrar que ele faz parte de um culto, cujo objetivo maior é enaltecer o Criador, não a criatura. Portanto, não devem ser utilizados:

1. Contos, lendas e fábulas;
2. Histórias seculares que envolvam fantasia, terror e ficção;
3. Fantoches: crianças pequenas não podem prontamente discernir entre a realidade e a fantasia. Figuras de animais ou objetos inanimados que são feitos para falar ou representar deixam uma falsa impressão na mente das crianças. Há tipos de fantoches que consistem em animais e figuras à semelhança humana distorcida. Não são naturais, são até sem gosto e grotescos, assumindo um ar de realidade na mente da criança e deixando nela um quadro confuso do nosso maravilhoso Criador, que fez tudo o que existe na natureza. Não desejamos deixar, jamais, um quadro confuso de nosso maravilhoso Criador na mente das crianças. Queremos que elas sejam atraídas pelas cordas de amor ao Seu trono. Os novos fantoches bonitos e felpudos, desenvolvidos nos últimos anos, são um encanto para as crianças. Mas nunca procure fazer suas crianças aprender as verdades da Bíblia como

se fossem apenas mais outro passatempo e diversão. Ensinar de Jesus é uma responsabilidade tão sagrada que deveríamos tremer, dentro de nós mesmos, diante da terrível tarefa que temos diante de Deus. Ensinar e dirigir crianças nos deveria levar a dobrar os joelhos em busca de conselho divino, de bênçãos, de sabedoria e direção (essa é, afinal, a orientação do arquivo dos Ministérios da Igreja da Conferência Geral);

4. Ilustrações contrárias à nossa filosofia;
5. Linguagem secular, gírias e vocabulário acima do nível das crianças. Deve-se evitar cacoetes de linguagem como: "aí", "então", "compreenderam";
6. Saudações exageradas que comprometam a reverência;
7. Distribuição de alimento durante ou ao final da história, pois isso também compromete a reverência;
8. Apologia a ideologia de gênero: quando vestimos uma menina para representar Joás; ou quando uma mulher diz que é Pedro e se veste como tal para melhor ilustrar a história, uma confusão é formada na mente da criança. No momento atual, em que tudo é relativo, precisamos deixar bem claro para as nossas crianças que homem e mulher são seres humanos diferentes e únicos;
9. Ênfase na violência das histórias: ao contar a história de Davi e Golias, não é necessário contar detalhes da morte de Golias; ao contar a história do Dilúvio, não é necessário dizer que todos os animaizinhos morreram afogados, coitadinhos...; ao contar a história de Salomão e as duas mulheres com o bebê, não é necessário levar um bebê e uma espada gigantesca... Talvez esses detalhes até chamem a atenção das crianças, mas a sua atenção também será atraída se a história for contada de maneira que enalteça o amor, a bondade, a generosidade, a alegria, a honestidade e os valores do céu.

OUTRAS IMPORTANTES DICAS PARA CONTAR AS HISTÓRIAS COM SUCESSO

Além dos princípios elencados anteriormente, tenha atenção também aos seguintes quesitos:

1. **No momento da adoração infantil, não coloque as crianças para se sentarem no chão:** isso acontece desde igrejas mais simples até igrejas ditas como modelo. Aqui vão alguns motivos para que isso seja evitado:
   a) O chão é um lugar sujo. Se adultos não se sentarão no chão por motivo algum, por que as crianças deveriam?
   b) As meninas estão na maioria das vezes de vestido e saia... A roupa íntima ocasionalmente fica exposta... Em tempos preocupantes, precisamos estar alerta com todas as questões e devemos ter todo o cuidado com as nossas crianças.
2. **Quem conta a história precisa estar em pé e de frente para a igreja:** sim, a história é para as crianças, no entanto, os adultos continuam na igreja. Quando o/a responsável por contar a história está sentado e também de costas, termina por contribuir para a irreverência. Os adultos também devem participar desse momento com atenção e reverência. É válido reservar os primeiros bancos da igreja, para que na hora da adoração infantil as crianças possam se sentar confortavelmente ao ouvir a história. Alguns podem dizer: "Vamos colocar um tapete!" Não recomendo, pois, a questão das meninas expostas vai permanecer. Na igreja nos sentamos em bancos ou cadeiras e ponto;
3. **Deve-se estudar a história com antecedência:** para os pregadores que estão lendo esse ensaio, faço a seguinte pergunta: quando somos convidados para pregar, principalmente em igrejas consideradas "importantes", como nos preparamos? São horas de preparação com oração e pesquisa. Quando alguém é convidado para contar a adoração infantil, qual o nível de preparação? Segundo o Espírito de Profecia, devemos concentrar nossos maiores esforços para atingir o coraçãozinho das crianças para Jesus, portanto, o nosso preparo precisa ser intenso! Para que uma história seja fantástica e atinja crianças de 0 a 12 anos em cinco minutos, precisamos com certeza de muito preparo! Deve-se ler a história várias vezes, treinar no espelho, contá-la para alguém e pedir por uma avaliação, cronometrar o tempo etc. Se na primeira vez que você contar a história, algo não sair como esperado, não desanime, se prepare melhor, pois a prática vai sendo

aperfeiçoada a cada história. A história jamais deve ser lida. A leitura de histórias é muito importante no desenvolvimento da linguagem na criança, mas esse momento é reservado para os pais lerem as histórias para os filhos em casa e os professores na escola. Na igreja as histórias precisam ser contadas;

4. **As histórias podem ser enriquecidas com o uso de onomatopeias (toc toc, tique-taque...):** é muito enriquecedor também pedir a ajuda da igreja na hora da história. Pode-se solicitar que façam barulho de chuva, trote de cavalos, que repitam palavras, cantem com a igreja uma pequena música no meio da história, complementando o assunto etc. Os adultos amam participar!
5. **Olhe nos olhos das crianças:** os adultos estão na plateia, o contador está em pé para auxiliar na reverência, mas o contato visual é com as crianças. Durante a pandemia contamos com o auxílio da tecnologia para elaborarmos o momento das histórias. Passei quase dois anos gravando vídeos! Graças ao bom Deus pela tecnologia, mas nada substitui uma boa história sendo contada olho no olho;
6. **Pronuncie bem as palavras:** as crianças precisam entender cada palavra que está sendo dita;
7. **Adeque a ilustração ao tamanho da plateia:** não é adequado levar pequenos objetos para exibir às crianças de forma que elas precisem se esforçar para enxergar;
8. **Use encenações (com roupas de época):** os juvenis e adolescentes não se sentem mais tão à vontade para assistirem a adoração infantil, logo, podemos pedir a ajuda deles para nos ajudarem a contar a história com encenações. Já tive experiências com adolescentes que jamais aceitariam fazer uma oração em público na igreja ou participar no momento de louvor, mas para participar na adoração infantil nunca rejeitaram um convite!

Sobre o último tópico, deve-se ressaltar que é mais interessante usar a encenação e não a dramatização. Para a dramatização é exigido mais ensaio, decorar falas, uso de microfone... Temos apenas cinco minutinhos e qualquer problema já vai atrapalhar nosso tempo precioso: um microfone pode falhar,

ou personagens podem se esquecer da fala. A encenação é mais tranquila, visto que quem está contando a história pode narrá-la enquanto os personagens vão apenas encenando sem diálogos.

Há ainda uma controvérsia na igreja em relação a dramatizações e encenações. Vou me valer de um artigo escrito por Timm (1996). Entre outros argumentos a favor do uso de dramatizações e encenações na igreja, ele pontua o seguinte:

> Analisando-se os escritos de Ellen White, percebe-se, por um lado, que ela: (1) endossa reiteradas vezes as dramatizações litúrgicas do antigo testamento (o cerimonial do santuário, etc.), (2) enaltece as dramatizações litúrgicas do Novo Testamento (o Batismo, o Lava -pés, a Santa Ceia, etc.), (3) engrandece o ritual sacerdotal de Cristo no céu, (4) Não criticou a encenação de Natal de 1888, em Battle Creek, mas simplesmente expressou sua aprovação aos pontos positivos do programa e sua desaprovação aos pontos negativos, e (5) não condenou o uso das bestas de Daniel e do Apocalipse como ilustrações evangelísticas. Por outro lado, várias citações de Ellen White desaprovam o uso de qualquer tipo de exibicionismo teatral. Estariam essas citações condenando indistintamente todo tipo de dramatização? Eu creio que não, pois se assim fosse, teríamos que eliminar até mesmo o Batismo e a Santa Ceia em nossas igrejas.
>
> É interessante notarmos que as próprias citações de Ellen White desaprovam o uso de exibições teatrais, identificam também as características negativas básicas que a levaram a se opor a tais exibições. Dentre essas características destacamos as seguintes: (1) afastam de Deus, (2) levam a perder de vista os interesses

> eternos, (3) alimentam o orgulho, (4) excitam a paixão, (5) glorificam o vício, (6) estimulam o sensualismo, e (7) depravam a imaginação.
> Disto inferimos que dramatizações são aceitáveis quando: (1) aproximam de Deus, (2) chamam a atenção para os interesses eternos, (3) não alimentam o orgulho, (4) não excitam a paixão, (5) desaprovam o vício, (6) não estimulam o sensualismo, e (7) elevam a imaginação. O uso adequado de dramatizações e encenações implica não meramente agirmos em conformidade com nossa própria consciência (sendo ela santificada), mas também com base nos princípios bíblicos e dos escritos de Ellen White. Toda cena deve glorificar a Deus e não os apresentadores.

Todas essas se citações se aplicam diretamente às encenações no momento da Adoração Infantil.

9. **O cuidado com a aparência pessoal também merece atenção:** as crianças estão atentas a tudo, e causar "ruídos" com a aparência é realmente desnecessário;
10. **Providenciar todo o material com antecedência:** não dá para executar um bom momento de adoração infantil sem ilustrações. Logo, todo o material deverá ser providenciado durante a semana: pessoas convidadas com antecedência, roupas de época limpas, passadas e do tamanho adequado para quem irá usar. É válido que a igreja aos poucos monte um guarda-roupa com roupas especiais para esse momento. Essa é uma das maneiras de demonstrar na prática a valorização que a igreja oferece para as crianças;
11. **Conte a história com entusiasmo:** as crianças percebem se estamos realmente animados e felizes por estarmos participando com elas neste momento. Estamos falando de salvação e auxiliando as novas gerações no

caminho para o céu. A felicidade, satisfação e entusiasmo precisam estar nítidos em nosso rosto;

12. **Comunhão:** Satanás sabe que pouco tempo lhe resta, e ele está investindo pesado nas novas gerações. Quando perceber que há dedicação e compromisso de sua parte com as crianças, ele provavelmente te atacará sem escrúpulos. Ore, leia a Palavra e se prepare para a guerra. Jesus ama os pequeninos e cuidará de nós.

CONCLUSÃO

Diante de tudo o que foi apresentado, percebe-se que a Adoração Infantil não é um elemento secundário ou opcional dentro do culto, mas parte integrante de sua estrutura e propósito. Trata-se de um momento cuidadosamente pensado para alcançar o coração das crianças, contribuindo de maneira significativa para sua formação espiritual e para o desenvolvimento de uma relação viva com Deus desde os primeiros anos de vida.

Mais do que cumprir uma programação, esse espaço exige intencionalidade, preparo e compromisso por parte daqueles que o conduzem. A simplicidade do formato — poucos minutos, uma história, uma aplicação — não diminui sua importância; pelo contrário, aumenta a responsabilidade de torná-lo significativo, fiel aos princípios bíblicos e adequado à compreensão infantil.

Em um contexto em que múltiplas vozes disputam a atenção das novas gerações, a igreja é chamada a oferecer algo que vai além do entretenimento: uma experiência de adoração que comunique valores eternos de forma clara, envolvente e reverente. Assim, investir na qualidade da Adoração Infantil é, em última análise, investir no presente e no futuro da comunidade de fé.

Portanto, que esse momento seja valorizado, planejado com excelência e conduzido com sensibilidade espiritual, para que as crianças não apenas ouçam histórias, mas sejam conduzidas, de forma consistente, no caminho que as aproxima de Deus.

REFERÊNCIAS

PAREJA, J. **No Caminho para o Céu**. Tatuí, SP: CPB, 2019. Disponível em: https://www.4tons.com.br/SERMAO-6400-2019-ADORACAO-INFANTIL-2019-NO-CAMINHO-PARA-O-CEU.pdf Acesso em: 28 abr. 2026.

TIMM, A. O uso de dramatizações na igreja. Em: **Revista Adventista**, set. 1996. Disponível em: https://imagens.cpb.com.br/acervos/ra/1996_M09.pdf Acesso em: 28 abr. 2026.

WHITE, E. Orientação da Criança. Tatuí, SP: CPB, 1954.

CAPÍTULO 7

07

A importância da música agregada às histórias bíblicas e o lúdico no culto infantil

Silvana Noemi de Gouvêa Oliveira

Atualmente, a agitação da vida moderna impacta a rotina de quase todas as famílias, sendo comum que os pais utilizem a falta de tempo como justificativa para diversas ausências. Diante de uma multiplicidade de compromissos, os quais incluem trabalho, curso, faculdade, academia, redes sociais, a família frequentemente acaba relegada ao último lugar na lista de prioridades. A consequência direta dessa dinâmica é a privação de atenção, carinho e afeto, o que empurra o culto familiar, por exemplo, para um plano secundário e torna os momentos de interação e brincadeira extremamente raros.

Esse mesmo distanciamento reflete-se diretamente no ambiente eclesiástico. Durante visitas às classes infantis da Escola Sabatina, notou-se considerável dificuldade na participação e no conhecimento bíblico básico por parte de algumas crianças. Constatou-se que muitas não vivenciam o momento do culto em família, não possuem o hábito de estudo e sequer acompanham a lição. Absorvidos pela correria e pelos compromissos diários, os pais tornam-se ausentes, deixando frequentemente os filhos aos cuidados de terceiros. Sem o convívio em momentos de adoração e interação lúdica, essas crianças acabam à mercê da televisão, de aparelhos eletrônicos e de videogames. Observa-se, ainda, que em alguns casos de pais separados ocorre a transferência mútua de responsabilidades fundamentais, como a educação espiritual, momentos de brincadeira e o auxílio nas tarefas escolares.

Contudo, é fundamental ressaltar que o lúdico é de extrema importância para o desenvolvimento integral em todas as áreas da vida infantil. O ato de brincar estabelece uma ponte essencial entre o mundo imaginário e o real, configurando-se como um meio indispensável para que a criança aprenda a lidar com as situações do cotidiano, aprimorando, assim, suas relações intrapessoais e interpessoais. Portanto, a ludicidade deve ser resgatada e cultivada prioritariamente dentro de casa, onde toda a formação se inicia. Tendo em vista essa necessidade, o presente trabalho abordará os seguintes eixos temáticos: a função da família na educação espiritual por meio do culto, o uso da música, a narração de histórias bíblicas e a contribuição lúdica proporcionada por brincadeiras e jogos sagrados.

Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como um estudo de natureza qualitativa, pautado em pesquisa e revisão bibliográfica. A fundamentação teórica baseia-se na contribuição de autores que articulam o desenvolvimento humano, a ludicidade e a dinâmica familiar, tais como Vygotsky (2007), Alves (1987) e Kishimoto (1994; 2010), em diálogo com os preceitos de uma educação adventista propostos por White (2003; 2014). O objetivo é demonstrar com a intersecção entre o lúdico e as práticas familiares favorece o ensino de princípios bíblicos, estimulando prazer de brincar entre pais e filhos, além de promover uma aprendizagem sólida para a formação do caráter e da vida espiritual da criança.

A FORMAÇÃO DA FAMÍLIA

Segundo a escritora Ellen White (2014, p. 12), no livro *Orientação da Criança*, "É no lar que a educação da criança deve ser iniciada. Ali está sua primeira escola". Nesse sentido, a família é compreendida como a base dos processos de ensino e aprendizagem da criança. Afinal de contas, ela é a primeira instituição que faz parte da sua vida. É no seio da família que se inicia todo o processo de conhecimento social e cognitivo, amor, afeto, carinho, as primeiras linguagens, pensamentos e ações. A família é a geradora da aprendizagem do ser humano. Ela é a criadora e formadora das relações individuais e coletivas.

Percebe-se que é por meio das interações familiares que se efetivam as transformações nos diferentes ambientes que compõem os sistemas sociais. Embora a escola desempenhe um papel dominante e procure cumprir sua função no desenvolvimento infantil, a família exerce uma forte autoridade na conduta dos sujeitos, moldando as diversas formas de ver o mundo e de construir relações. Quando chegam à igreja, à Escola Sabatina ou a qualquer outro ambiente, as crianças já trazem consigo conhecimentos, valores e crenças adquiridos no lar. A aprendizagem é um processo contínuo e individual de apropriação do conhecimento que se inicia no nascimento e se estende por toda a vida.

O tema "família" tem sido amplamente discutido na contemporaneidade sob diversas óticas: pelo setor corporativo (frequentemente com interesses

econômicos), pelas igrejas (muitas vezes criticadas e taxadas de conservadoras por seguirem princípios bíblicos) e, principalmente, pela escola, que busca mitigar problemas de aprendizagem e relações interpessoais advindos da desestruturação do lar. Independente do perspectiva, conclui-se que a família é a base das relações sociais, e que muitos problemas sociais hodiernos estão relacionados a esses conceitos.

Historicamente, a estrutura familiar passou por profundas transformações, principalmente no século 20. O modelo tradicional era predominantemente patriarcal, patrimonial e matrimonial, centrado na figura do "chefe de família" – o provedor e líder absoluto cujas decisões norteavam todo o grupo. Hoje, os conceitos de família não obedecem ao conceito tradicional de família nuclear, pois as famílias são constituídas por grupos que, com variadas composições, são unidos por laços de aliança, afinidade, solidariedade, respeito e cuidados mútuos. A diversidade também é uma característica das sociedades modernas, na medida em que as famílias se tornam espaço de interação entre várias raças, etnias e religiões. Por consequência, homens e mulheres compartilham funções que antes eram mais precisamente definidos por gênero (Redação, 2017).

Nas famílias tradicionais, como vimos, ao homem era atribuído a função de sustento da família, enquanto a mãe cuidava das crianças e do lar. Atualmente, observa-se, mesmo em um modelo de família nuclear, muitos homens que participam dos cuidados de seus filhos enquanto a esposa trabalha fora. Apesar das mudanças, a característica de um nuclear familiar de cuidado permanece central, em consonância com a base bíblica estabelecida em Gênesis 2:24 que diz: "Por isso, o homem deixa pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne". No entanto, a sociedade pós-moderna tem enfraquecido as tradições familiares: Os momentos especiais no lar, como o almoço de domingo, refeições em família; o que gera o aumento da individualidade dos seus componentes e da dificuldade na definição dos papeis familiares. Percebe-se um aumento de permissividade na educação dos filhos, como se esquecessem que eles precisam de princípios, apoio e educação. Percebe-se também, nesse modelo familiar, dificuldades no relacionamento entre pais

e filhos e no estabelecimento de laços familiares. Segundo Prestes (2018, pp. 35–36):

> Do lado dos pais, a angústia revelada da impossibilidade de dizer "não" e de sustentar seus efeitos diante do filho, sem esmorecer, vacilar ou ceder. Nessa perspectiva percebe-se pais com pouca implicação e disponibilidade em estar com os filhos.

Como a mulher assumiu parte das atividades econômicas da família, entrando no mercado de trabalho, ela passou a dar menos importância as atividades do lar, não valorizando como deveria, a criação e educação dos filhos, o que também reflete negativamente na aprendizagem espiritual da criança.

Diante desse quadro contemporâneo, é urgente que as famílias resgatem os momentos de comunhão, interação e ludicidade com os filhos. Dedicar tempo de qualidade para ensinar princípios estreita os laços de afeto entre os membros da família e com Deus. Crianças que recebem essa dedicação desenvolvem melhor a sociabilidade e a cognição, preparando-se de forma mais sólida para a vida adulta. Assim sendo, independente da estrutura ou formação da família, Kaloustian (1988, p. 22) afirma que:

> A família é o lugar indispensável para a garantia da sobrevivência e da proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como vêm se estruturando. É a família que propicia os aportes afetivos e, sobretudo materiais necessários ao desenvolvimento e bem-estar dos seus componentes. Ela desempenha um papel decisivo na educação formal e informal, é em seu espaço que são absorvidos os valores éticos e humanitários, e onde se aprofundam os laços de solidariedade. É também em seu

> interior que se constroem as marcas entre as gerações e são observados valores culturais.

Em suma, a família é a constituição social primária, responsável por formar gerações estruturadas, equilibradas emocionalmente e aptas ao exercício de uma boa cidadania e do amor ao próximo.

O CONCEITO DE LÚDICO – JOGOS, BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS

A palavra "lúdico", de origem latina (*ludus*), refere-se a jogos, brinquedos ou divertimentos, segundo o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Ferreira (1986) traz duas significações para o termo: "relativo a jogo ou divertimento" e "que serve para divertir ou dar prazer". Trata-se de um adjetivo masculino que, para a Pedagogia, é definido como "relativo a brincadeiras e divertimentos, como instrumento educativo". O lúdico faz parte da atividade humana, sendo caracterizado por possuir uma função clara, ser espontâneo e satisfatório.

Nos momentos em que a ludicidade é vivenciada, desenvolvem-se a criatividade e inúmeros conhecimentos por meio de representações artísticas, músicas, coreografias, jogos, brinquedos e brincadeiras. De fato, as brincadeiras, os brinquedos e os jogos estão inseridos nas atividades lúdicas. Para Ferreira (1986), o lúdico abrange tudo o que tem caráter de jogo ou divertimento. Assim, embora envolva os jogos, os brinquedos e as brincadeiras – e esses termos se relacionem entre si –, seus significados e conceitos estruturais são diferentes.

JOGOS

No que diz respeito aos jogos, existem variados tipos, cada qual com uma finalidade específica. Há aqueles que estimulam a capacidade de imaginação e outros que enfatizam as regras. Segundo Kishimoto (2011, p. 55), "o jogo é uma atividade estruturada, parte de um princípio de regras claras, de fácil entendimento". Já para Antunes (2003, p. 14), "uma criança que joga, faz porque se diverte". É exatamente dessa diversão que surge a aprendizagem, moldada pela maneira como a família ou o professor trabalha as regras e ensina os esquemas de relações interpessoais e de convívio ético.

BRINQUEDOS

O brinquedo, por sua vez, é compreendido por Kishimoto (1994) como um "objeto suporte da brincadeira", ou seja, é representado por itens como peões, bonecas, carrinhos, entre outros. Os brinquedos podem ser classificados em estruturados e não estruturados. São denominados estruturados aqueles que já são adquiridos prontos, como os exemplos citados (bolas, bonecas, carrinhos). Já os não estruturados são materiais não industrializados, objetos simples como paus ou pedras, que nas mãos das crianças adquirem um novo significado, passando a atuar como brinquedos (a pedra se transforma em "comidinha", e o pau em um "cavalinho" ou boneca).

Portanto, nota-se que os brinquedos podem ser estruturados ou não estruturados, dependendo de sua origem ou da transformação criativa realizada pela criança sobre o objeto. Sendo o brinquedo o objeto próprio para brincar, Ferreira (1963) ressalta que se pode desenvolver diversas brincadeiras inter-relacionadas a partir dele, bastando que a criança utilize sua imaginação e o explore de formas variadas.

BRINCADEIRAS

Por fim, a brincadeira é uma ação natural e intencional da criança, presente desde o seu nascimento. É a forma pela qual ela compreende e interage com o próprio corpo, com outros indivíduos e com o mundo. Desde os primeiros meses de vida, a criança começa a brincar sozinha ou com as pessoas que a cercam.

O primeiro objeto referencial para as atividades lúdicas da criança é o corpo da mãe e do pai; é por intermédio deles que ela vai descobrindo sua própria anatomia. Nessa fase (de três meses a um ano), o objeto de maior atenção da criança é o corpo e as brincadeiras ligadas a ele – o seu calor e a relação afetiva, aspectos nos quais se fundamentam as primeiras noções de equilíbrio e segurança (Weiss, 1989, p. 20).

Segundo Vygotsky (2007), a brincadeira não é apenas uma atividade simbólica. Uma vez que, mesmo envolvendo situações imaginárias, ela baseia-se em

regras de comportamento condizentes com o que está sendo representado, isso fará com que a criança internalize condutas, valores e modos de agir e pensar de seu grupo social, o que passará a orientar seu comportamento e desenvolvimento cognitivo. A respeito dessa dinâmica, o autor afirma:

> No brinquedo, a criança sempre se comporta além do comportamento habitual de sua idade, além de seu comportamento diário, no brinquedo é como se ela fosse maior do que na realidade. Como no foco de uma lente de aumento, o brinquedo contém todas as tendências do desenvolvimento sob forma condensada, sendo ele mesmo, uma grande fonte de desenvolvimento. (Vygotsky, 2007, p. 134–135).

Desse modo, no dia a dia da criança, ao brincar, ela estabelece relações, desenvolve sua imaginação, recria situações cotidianas, assume papéis, imita e aprende nas interações consigo mesma e com outros.

PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA ATRAVÉS DA MÚSICA, HISTÓRIAS E LÚDICO NO CULTO FAMILIAR

Desde os primeiros dias de vida, os contatos iniciais do bebê durante a amamentação – ao acariciar o seio materno, ouvir canções de ninar e de gratidão pelo alimento, e experimentar o afeto, o amor e o carinho da família – são fundamentais. Nesses momentos, a criança já estabelece vínculos de amor que serão a base para o seu desenvolvimento natural. Ao dialogar com o bebê, a mãe o estimula a falar; ao sorrir, demonstra alegria e aprovação às suas ações, ao massagear seu corpinho, favorece não apenas o reconhecimento da própria anatomia, mas também o aprendizado sobre o poder criador de Deus. Essa percepção de si mesma se amplia à medida que a criança experimenta sensações diversas como prazer, cócegas, relaxamento e até eventuais incômodos, adquirindo maior consciência corporal. Por fim, ao ter suas mãozinhas

seguradas para ensaiar os primeiros passos, ela internaliza o cuidado recebido e sente-se plenamente segura.

Para tanto, os pais devem sentar-se com a criança para brincar e mostrar como se faz, estimular brincadeiras e inventar novas possibilidades, pois é assim que se efetiva o aprendizado concreto – ao observar como se faz, errando, tentando e conseguindo ao final. A criança aprende repetindo as ações que vê dos pais. Por isso, a importância desses momentos de culto em família, em que a criança aprende também o amor de Deus por ela, ao cantar e ouvir historinhas, experimentando um aprendizado interativo e dinâmico com os pais.

Os brinquedos a serem usados devem ser aqueles que incentivem a imaginação, liberem a emoção e que auxiliem na aquisição da autonomia e da iniciativa, no fito de facilitar o aprendizado da criança por meio da exploração da ludicidade. Ou como postula Zanata, "que desenvolvam a linguagem, a afetividade e a socialização" (Zanata, Revista de Educação do IDEAU, 2014).

No entanto, em tempos hodiernos os pais trabalham excessivamente, o que acarreta em pouco tempo para brincar com os filhos. Muitas vezes, para minimizar o sentimento de culpa, os pais acabam "comprando os filhos", trazendo presentes. Colocam a criança na frente da TV, de jogos ou desenhos animados, isentando-se assim da responsabilidade de ter momentos prazerosos com os filhos. Desse modo, os pais estão suprindo sua ausência através de "coisas". No entanto o comportamento dos pais deveria ser o oposto: deveriam dedicar mais tempo para estar com os filhos, brincando, jogando interagindo, utilizando dos próprios brinquedos comprados para interagir e conhecer melhor a criança.

A família deve propiciar momentos prazerosos aos filhos, utilizando recursos que lhes estimulem a imaginação e a apropriação do lúdico. Durante a primeira infância, é altamente recomendável a inserção da musicalidade na rotina familiar. A aquisição de livros de histórias bíblicas bem ilustrados – cujas narrativas transmitam valores essenciais como higiene, autocuidado, valorização do próximo e cooperação – deve ser acompanhada de uma leitura atraente, para que a criança sinta prazer na atividade proposta.

Além disso, também é imprescindível que os pais dediquem mais tempo de qualidade aos filhos, engajando-se em jogos bíblicos, quebra-cabeças e dinâmicas de adivinhação com a letra inicial de personagens. Essa interação é enriquecida ao se contarem histórias de forma criativa e teatralizada, envolvendo desenhos, pinturas e modelagem de objetos com massa. Uma prática fundamental é o adulto sentar-se à altura da criança, realizando leituras expressivas que deem vida à narrativa. O lúdico pode se estender a brincadeiras com bonecas, casinhas e carrinhos, estimulando a imaginação sobre como teriam sido as brincadeiras de Jesus e de outros personagens bíblicos na infância. Ao conduzir a criança a vivenciar essas histórias, colocando-se no lugar dos personagens, os pais ensinam princípios morais, cuidados e cooperação de forma prática e experiencial. Ademais, o canto de músicas adequadas à faixa etária potencializa a aprendizagem, assim como a utilização de blocos de montar (como Lego), casinhas e peças de encaixe geométrico, recursos que garantem o aprendizado por meio da brincadeira.

Cabe também aos pais a responsabilidade de transmitir os ensinamentos sagrados da Palavra de Deus, sendo o culto familiar o espaço mais significativo para esse propósito. Trata-se da ocasião ideal para colocar o lar na presença divina. Para tanto, é necessário que os genitores amem a Deus sobre todas as coisas, instruindo os filhos não apenas por meio do discurso, mas, essencialmente, pelo exemplo. É nesse contexto que o pai, exercendo o papel de sacerdote do lar, conduz a família à adoração, expressando gratidão pelas bênçãos e pelo cuidado providencial. Esse momento é igualmente dedicado à intercessão por um dia agradável, pelas demandas de trabalho, pelas aulas dos filhos e demais atividades cotidianas. Configura-se, portanto, como uma oportunidade ímpar para a consolidação de preceitos espirituais por meio da vivência e da modelação parental.

Assim, devem usar todos os recursos possíveis para inculcar na mente dos filhos os ensinamentos eternos. E para isso, deve fazer todos os dias, em todas as oportunidades. Começando pela manhã através do culto matutino e encerrando no momento do culto vespertino ao deitar-se. Deus deu ao seu

povo, através de Moisés, instruções muito claras a esse respeito. Podemos ler em Dt 6:5–9, as seguintes instruções:

> Portanto, ame o Senhor, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e com toda a sua força. Estas palavras que hoje lhe ordeno estarão no seu coração. Você as inculcará a seus filhos, e delas falará quando estiver sentado em sua casa, andando pelo caminho, ao deitar-se e ao levantar-se. Também deve amarrá-las como sinal na sua mão, e elas lhe serão por frontal entre os olhos. E você as escreverá nos umbrais de sua casa e nas suas portas.

Os versos acima apresentam alguns métodos que os pais podem usar no ensino da palavra de Deus aos filhos. Outros recursos também podem ser empregados, a exemplo da música, das encenações, das gravuras e de variados objetos. A Bíblia Sagrada, por sua vez, traz ensinamentos fundamentais sobre a utilização da música. No livro de Salmos 96:1–2, está escrito: "Cantem ao Senhor um cântico novo, cantem ao Senhor, todas as terras. Cantem ao Senhor, bendigam o seu nome; proclamem a sua salvação, dia após dia". A escritora norte-americana Ellen White também redigiu diversos conselhos a respeito da música no lar. Em seu livro *Educação* (2003, p. 167), ela elenca cinco poderes inerentes à música:

> Poderes para (1) subjugar as naturezas rudes e incultas; poder para (2) suscitar pensamentos e (3) despertar simpatia, para (4) promover a harmonia de ação e (5) banir a tristeza e os maus pensamentos, os quais destroem o ânimo e debilitam o esforço.

White (2003, p. 167) também aconselha que "[...] haja cântico no lar, de hinos que sejam suaves e puros, e haverá menos palavras de censura e mais

de animação, esperança e alegria". Fica evidente, portanto, o vasto poder da música sobre o ser humano. O próprio Deus pediu que Moisés compusesse uma música e a ensinasse ao povo, para que jamais se esquecessem como Deus os havia libertado da escravidão no Egito, como descrito em Deuteronômio 31:19–22. Assim, as Escrituras enfatizam em muitas passagens o uso da música e a importância de usá-la na adoração, louvor e gratidão a Deus.

Da mesma forma, Jesus usava a sua voz para expressar os louvores a Deus. No seu momento mais difícil, após a ceia, antes de ser julgado e condenado a morte, Ele, com os seus discípulos, cantou o Salmo 117:1–2 , que diz: "Louvem ao Senhor, todas os gentios, que todos os povos o louvem. Porque grande é a sua misericórdia para conosco, e a fidelidade do Senhor dura para sempre". Diante disso, os pais possuem um papel essencial na educação cristã dos filhos. O ensino musical no lar é uma das mais belas formas de fortalecer a fé, a unidade, a esperança e o amor mútuo.

Ora, sendo o lar a primeira escola cristã da criança, os pais devem ter compromisso e participação efetiva na educação espiritual dos filhos. A responsabilidade da educação dos filhos é primeiramente dos pais e depois da igreja. Todos esses momentos vivenciados com os pais são de fundamental importância para o melhor desenvolvimento, estreitamentos dos laços familiares e aprendizagem da criança. Sobre essa função estruturante, White asseverou:

> Em Sua sabedoria o Senhor determinou que a família seja a maior dentre todos os fatores educativos. É no lar que a educação da criança deve iniciar-se. Ali está a sua primeira escola. Ali, tendo seus pais como instrutores, terá a criança de aprender as lições que a devem guiar por toda a vida – lições de respeito, obediência, reverência, domínio próprio. As influências educativas do lar são uma força decidida para o bem ou para o mal. São, em muitos sentidos, silenciosas e graduais, mas, sendo exercidas na direção devida, tornam-se fator de grande alcance em prol da verdade e justiça. Se a criança

> não é instruída corretamente ali, Satanás a educará por meio de fatores de sua escolha. Quão importante, pois, é a escola do lar! (White, 2014, p. 107).

Contudo, atualmente a função da família está diferente, cada vez mais os pais estão delegando a função de correção e educação social à escola, igreja ou outras instituições. Observa-se que muitas famílias falham na imposição de limites e na transmissão de valores sociais, reflexo da falta de interação e de momentos dedicados a ofertar amor, afeto, limites e correção aos filhos. Sendo a família e a escola os dois principais ambientes de desenvolvimento humano, é crucial que cada instituição compreenda e exerça a sua função, evitando inversões de papéis. Para Zamberlan e Biasoli-Alves (1997, p. 98): "O papel dos pais, além de ser o de prover bens, sustento dos filhos, educação informal e preparo para a educação formal, consiste em transmitir valores culturais de diversas naturezas (religiosos, morais, tradicionais e acadêmicos)". Portanto, os pais precisam exercer o seu papel de controlar e administrar a rotina dos filhos, dando tarefas de acordo com a sua idade e verificando os resultados deles.

Nesse contexto educativo, o desenvolvimento por meio do lúdico pode ocorrer de várias formas: brincadeiras, jogos, música, histórias infantis, pinturas, fantoches, leitura e a escrita. Experiências pedagógicas e literaturas da área comprovam que a ludicidade é muito mais abrangente do que a sua simples associação ao lazer. Suas possibilidades relacionam-se intrinsecamente ao prazer, uma vez que não estão presas a um tempo ou espaço rigidamente definidos.

A agitação da vida contemporânea, contudo, afeta a maioria dos lares. É comum que os pais utilizem a falta de tempo como justificativa para as suas ausências, priorizando compromissos como trabalho, cursos, academia e redes sociais, enquanto a família acaba relegada ao último lugar na lista de prioridades. Essa privação de atenção e carinho afeta profundamente os filhos, empurrando o culto familiar e os momentos lúdicos de interação para um plano secundário.

Nas classes infantis da Escola Sabatina, o reflexo dessa realidade é notório: diversas crianças apresentam baixo conhecimento bíblico básico e dificuldade de participação, evidenciando a ausência do culto em casa e a falta de estudo prévio. Absorvidos pela correria diária, muitos pais tornam-se ausentes, deixando os filhos aos cuidados de terceiros ou à mercê das telas (televisão e videogames). Em situações de separação conjugal, observa-se frequentemente a transferência mútua de responsabilidades fundamentais, como a educação espiritual, o ato de brincar e o auxílio nas tarefas escolares.

Apesar desse cenário, as brincadeiras são indispensáveis para o desenvolvimento integral da vida infantil. O ato de brincar conecta o mundo imaginário ao real, configurando-se como um meio vital para que a criança aprenda a lidar com as situações cotidianas e aprimore suas relações intrapessoais e interpessoais. Logo, a ludicidade deve ser cultivada prioritariamente dentro de casa, ambiente onde toda a formação se inicia. Diante dessa urgência, este estudo explora justamente a função da família na educação espiritual (por meio do culto), o uso da música, a contação de histórias bíblicas e a contribuição da ludicidade através de jogos sagrados.

Alves (1987), nesse sentido, mostra como o lúdico privilegia a criatividade e a imaginação, por sua própria ligação com os fundamentos do prazer. Não comporta regras preestabelecidas, nem velhos caminhos já trilhados, abre novos caminhos e vislumbra outros possíveis. Em suas palavras: "O lúdico favorece a utopia, a construção do futuro a partir do presente" (Alves, 1987, p. 22).

Como já citado, a família exerce papel fundamental na vida dos filhos, cabe a eles a formação de base da criança. Segundo Morais (apud Zamberlam; Biasoli-Alves, 1997): "Se o lúdico não fizer parte da vida familiar as outras relações sofrerão alguma interferência certamente". A família exerce um papel fundamental na construção do hábito de brincar na vida dos filhos, que está sendo cada vez menos frequente na infância. Sobre essa forte influência primária, Zamberlan e Biasoli-Alves afirmam:

> Aspectos da dinâmica familiar podem ser muito poderosos na vida da criança. Visto ser no lar que, em geral, ela se desenvolve quase todos os repertórios básicos de seu comportamento, bem como já os tem como funcionais na ocasião que tem acesso à escola (Zamberlan; Biasoli-Alves, 1997, p. 41).

O brincar na infância não apenas prepara a criança para a vida adulta, mas também reflete positivamente em seu desempenho laboral futuro – promovendo a atenção, a concentração e a autoconfiança. Além disso, contribui para que a criança exerça de forma saudável a sua relação com o mundo, compartilhando espaços e experiências com os outros.

Nenhuma criança brinca apenas para passar o tempo; sua escolha é sempre motivada por processos íntimos, desejos, ansiedades ou problemas não verbalizados. Segundo Gardner (apud Ferreira; Misse; Bonadio, 2004, p. 15), "o que está acontecendo com a mente da criança determina suas atividades lúdicas; brincar é sua linguagem secreta, que devemos respeitar mesmo se não a entendemos".

O brincar desempenha, portanto, múltiplas funções no desenvolvimento humano. As relações entre o desenvolvimento cognitivo e a aprendizagem – e o papel central do brinquedo nesse processo – são os grandes pilares dos estudos de Vygotsky. O autor postula que "é no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não dos incentivos fornecidos pelos objetos externos" (Vygotsky, 2007, p. 126). O teórico assevera, ainda, que "as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brinquedo, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação real e moralidade" (Vygotsky, 2007, p. 144).

Sendo a ludicidade essencial para a saúde mental e cognitiva, famílias e educadores devem dar-lhe atenção redobrada. É por meio do brincar que a criança expressa o seu "eu", exercendo o seu pleno direito de relacionar-se com o mundo. Quando utilizado de maneira correta, o lúdico proporciona um

universo de conhecimentos. Por meio de dinâmicas prazerosas, a criança demonstra grande interesse e passa por um contínuo processo de aprendizado, muitas vezes sem perceber. Kishimoto (2010, p. 1) enfatiza essa capacidade mobilizadora de significados:

> Ao brincar, a criança experimenta o poder de explorar o mundo dos objetos, das pessoas, da natureza e da cultura, para compreendê-lo e expressá-lo por meio de variadas linguagens. Mas é no plano da imaginação que o brincar se destaca pela mobilização dos significados. Enfim, sua importância se relaciona com a cultura da infância, que coloca a brincadeira como ferramenta para a criança se expressar, aprender e se desenvolver.

Fica evidente, deste modo, a extrema importância do lúdico na vida das crianças. Cabe aos pais, aos responsáveis desse cuidado, terem mais compromisso com aqueles que estão sob os seus olhos; Atentarem-se para as necessidades da criança e tirarem tempo para elas, desenvolvendo atividades lúdicas, que despertem a imaginação, que sejam significativas, interagindo, brincando, jogando, tendo uma participação ativa na vida desses pequenos. Contribuindo assim no desenvolvimento e aprendizado eficaz em suas vidas.

No lar deve haver o momento do brincar e interagir entre pais e filhos. Esse ato, por simples que seja, produz mudanças no comportamento da criança. E caso os pais desejem algo mais específico, podem se utilizar do lúdico. Conforme salienta Szymanski (2001, p. 48), "tudo o que ocorre numa família tem um significado. Nossas ações refletem nossos modos de pensar nossos sentimentos, nossas ambiguidades, nossas possibilidades no momento, nossas limitações".

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho procurou demonstrar que a infância é um momento único para a criança. É a etapa de crescimento, desenvolvimento e aprendizagem. E

é na família e em casa que se inicia esse processo. Cabe aos pais assumir o seu papel dentro da família, tendo uma participação efetiva no que é proposto e esperado. Realizar o culto familiar diariamente e inculcar princípios e valores cristãos nos filhos, brincar mais, ter momentos de interação, valorizar o tempo juntos com qualidade. Pensando na realização e alegria deles do momento, do futuro e principalmente o preparo para a vida no céu.

A família deve apropriar-se de histórias bíblicas, ambientes, músicas cristãs, brincadeiras e jogos que estimulem o desenvolvimento dos filhos. "Brincar é coisa séria". Mesmo os pais tendo ou não conhecimento pedagógico, é importante estreitar o relacionamento familiar, tão prejudicado atualmente. Os pais devem proporcionar uma base bem estruturada, independente das condições financeiras, da formação acadêmica e onde moram. O mais importante é que o amor reine nesses lares, que a afetividade, o carinho, os valores, a fé e a dependência de Deus sejam vivenciadas na família.

Há muito o que ser discutido sobre o tema, pois há muito que ser estudado e pesquisado sobre o assunto. Pais que realizam o culto familiar, utilizam a música, as histórias bíblicas, vivenciam esses momentos e brincam com os filhos, tornam os filhos mais preparados para o futuro.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **A gestação do futuro**. Campinas: Papirus, 1987.

ANTUNES, C. **Jogos para estimulação das múltiplas inteligências**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução Nova Almeida Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.

FERREIRA, A. **Novo dicionário da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FERREIRA, C.; MISSE, C.; BONADIO, S. Brincar na educação infantil é coisa séria. **Akrópolis**, Umuarama, v. 12, n. 4, p. 222-223, out./dez. 2004.

KALOUSTIAN, S. (Org.). **Família brasileira**: a base de tudo. Brasília: UNICEF, 1988.

KISHIMOTO, T. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 1994.

KISHIMOTO, T. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. **Perspectivas Atuais**, Belo Horizonte, v. 2, 2010.

KISHIMOTO, T. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PORTAL EDUCAÇÃO. **Concepção do brincar e aprender na visão de Piaget e Vygotsky**. [S. l.], [20--?].

PRESTES, I. **Psicologia da educação**. Curitiba: IESDE, 2018.

REDAÇÃO, A. Uma década de esperança. **Revista adventista**. 2017.

SZYMANSKI, H. **A relação família e escola**: desafios e perspectivas. Brasília: Plano, 2001.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WEISS, L. **Brinquedos e engenhocas**: atividades lúdicas com sucatas. 2. ed. São Paulo: Scipione, 1989.

WHITE, E. **Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

WHITE, E. **Orientação da criança**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

ZAMBERLAN, M. T.; BIASOLI-ALVES, Z. M. **Interações familiares**: teoria, pesquisa e subsídios à intervenção. Londrina: Eduel, 1997.

ZANATA, M. A contribuição da estimulação para a aprendizagem. **Revista de Educação do IDEAU**, Getúlio Vargas, v. 9, n. 20, 2014.

CAPÍTULO 8

08

Formação de professores e a escola sabatina 4.0: uma reflexão sobre a prática das metodologias ativas e as necessidades da geração Alfa

Glaucia Clara Korkischko

Uma pergunta fundamental: existem professores preparados para trabalhar com esta nova geração? As pesquisas lideradas por Barna, entre junho e agosto de 2021, indicam que 64% dos líderes do ministério infantil, nos EUA, afirmam que as igrejas não podem crescer sem um ministério infantil. Da mesma forma, 62% dos pais com filhos entre cinco e catorze anos escolheram sua igreja com base no ministério infantil existente.

Conforme Barna (2021) afirma, a infância e a adolescência são os períodos primordiais para a formação da fé. Pesquisas concluíram que as crenças espirituais são estabelecidas, em geral, por volta dos treze anos de idade. Tal dado evidencia a tremenda responsabilidade de pais e educadores. Ainda que a resposta possa ser positiva ou negativa para determinadas comunidades, o objetivo deste trabalho é contribuir para a formação de professores da Escola Sabatina infanto-juvenil, auxiliando-os no discipulado das novas gerações e integrando-os às metodologias e tecnologias contemporâneas.

Vários são os desafios encontrados na tarefa de evangelizar e manter esta geração conectada com Jesus. Observa-se que a capacitação docente é um dos maiores entraves. Além da escassez de professores para a área infanto-juvenil, o trabalho eclesiástico é voluntário; é importante ressaltar que a metodologia aplicada, na maioria dos casos, não é fruto de questionamento crítico, mas sim uma reprodução do modelo que os próprios professores vivenciaram em sua infância.

O Sistema Adventista de Gestão de Igrejas (ACMS) aponta um dado interessante na estrutura das nossas congregações na América do Sul: conforme o último relatório (julho/2022), de 29.207 igrejas e grupos, um pouco mais de 72% possuem menos de 100 membros. Essa pesquisa auxilia na constatação de que a maior parte de nossas igrejas têm espaço físico e recursos limitados, bem como uma equipe de apoio e professores com menor formação.

Portanto, o presente ensaio propôs diretrizes para o grupo de professores, apresentando os papéis da metodologia ativa no fortalecimento das crenças e valores bíblicos. Além disso, o estudo identificou as características da geração Alfa e o uso das tecnologias na Escola Sabatina. Desse modo, esta contribuição pretende estabelecer um paralelo entre a educação formal e regulamentada e a educação cristã. O termo “Educação 4.0” será transposto do campo da

pedagogia para a área da formação de valores morais e espirituais dessa geração Alfa. A formação dos professores, assim como a sua instrumentalização, constitui o escopo desta pesquisa.

O PROFESSOR, A BÍBLIA, A EDUCAÇÃO 4.0 E AS METODOLOGIAS ATIVAS

De acordo com Nóvoa (2022), nada substitui o trabalho de um bom professor(a), uma vez que ele(s) tem a capacidade mediar a experiência do conhecimento. Essa influência jamais será extinta, em razão do adolescente responsável, juntamente com a família, pelos vínculos e relacionamentos que geram os valores e formalizam a cultura.

Mas, nesta época de rupturas e reconstruções tecnológicas educacionais, alguns futuristas especulam sobre o desaparecimento das escolas ou da figura do professor em decorrência dos avanços tecnológicos. Nóvoa (2022, p. 6), porém, contradiz essa concepção:

> Seria um futuro sem futuro, pois a educação implica a existência de um trabalho em comum um espaço público, implica uma relação humana marcada pelo imprevisto, pelas vivências e pelas emoções, implica um encontro entre professores e alunos mediado pelo conhecimento e pela cultura. Perder esta presença seria diminuir o alcance e as possibilidades da educação.

Na leitura do autor, é importante que se proteja, transforme e se valorize as escolas e professores. Essa obra reflete especialmente a adequação da educação ao cenário do século 21, e as necessidades desta geração. Para a educação cristã e religiosa, o papel do professor vai além, pois se compreende essa tarefa especial como nobre e redentora. A pioneira adventista, afirma que:

> Aquele que coopera com o propósito divino em transmitir à juventude conhecimento de Deus, e em lhes

> moldar o caráter em harmonia com o Seu, realiza uma elevada e nobre obra. Suscitando o desejo de atingir o ideal de Deus, apresenta uma educação que é tão alta como o céu e tão extensa como o Universo; uma educação que não poderá completar-se nesta vida, mas que se prolongará na vindoura; educação que garante ao estudante sua promoção da escola preparatória da Terra para o curso superior (White, 2008, p. 14).

Nesse contexto, cabe ao professor unir o conhecimento à prática, tocando mente e coração, despertando a formação de valores cristãos e a fé em um Deus criador e mantenedor da vida, integrando as crenças às ações do cotidiano, e auxiliando na formação da autonomia e raciocínio para a tomada de decisões. Considere a declaração de White (2004, p. 145–146):

> Os professores devem levar os alunos a pensar e compreender claramente a verdade por si próprios. Não basta o professor explicar ou o aluno acreditar; a indagação deve ser despertada e o aluno deve ser levado a estabelecer a verdade. [...] Este pode ser um processo lento; mas é mais valioso do que apressar-se em assuntos importantes sem a devida consideração.

Apesar de muitos estudiosos pensarem ao contrário, a Bíblia é um dos livros mais preciosos para ampliar o pensamento e o raciocínio. Nela, existem histórias, conselhos, regras e práticas buscadas pela ciência atualmente. Inclusive, vários conceitos metodológicos têm sido apresentados historicamente, como o valor da argumentação. Um desses exemplos, encontra-se em Isaías 1:18: "Vinde, pois, e arrazoemos diz o Senhor". O termo "arrazoar", usado, inclusive, no meio jurídico, significa: argumentar, conversar, discorrer, discutir, falar, raciocinar, tratar e expor. Semelhante a este, muitas outras são as expressões e princípios bíblicos que permitem interlocução entre a ciência do comportamento, a fé

e a formação de valores. Seguindo este raciocínio, a proposta é realizar uma análise das metodologias da educação formal como base para o treinamento de professores da Escola Sabatina, que atuam com as novas gerações.

EDUCAÇÃO 4.0

Na educação formal, o termo Educação 4.0 faz menção à integração dos conhecimentos pedagógicos com a tecnologia para suprir as necessidades da indústria 4.0, que vem crescendo exponencialmente no cenário mundial. Entretanto, para Silva *et al.* (2019) a tecnologia, por si só, não desenvolve as competências epistemológicas dos alunos, é necessário a aplicabilidade de metodologias ativas.

O ponto-chave a ser compreendido é que a indústria avançou para suprir as demandas globais. A educação, por sua vez, atualizou-se a fim de preparar uma geração para as necessidades atuais, e, para tanto, demandou metodologias e docentes capacitados para atender às características desta geração. É exatamente nesse cenário que as metodologias ativas ganham relevância, pois são capazes de potencializar a aprendizagem. A esse respeito, Andrade (2019, p. 9) afirma que: "os benefícios dessas metodologias são: autonomia para os alunos; construção do conhecimento; conexão e interação entre os alunos e professores; pensamento crítico; criatividade; engajamento dos alunos e melhor aproveitamento das aulas".

Frente a essa mudança significativa no cenário educacional mundial, o currículo e a metodologia para as unidades da Escola Sabatina também devem ser reestruturados, visto que se destinam a esta geração, que compartilha das mesmas características. Portanto, cabe aos professores serem capacitados nesses novos temas.

As metodologias ativas, por sua vez, oferecem a aplicabilidade necessária para que os professores alcancem o novo perfil dos meninos e meninas que estão sob sua tutela. Mas, antes de alterar a prática, é fundamental que os educadores desenvolvam uma postura reflexiva a fim de intervir na realidade.

Essas reflexões institucionais estão sendo feitas com o ponto de partida na Bíblia, como fonte maior de todo conhecimento, baseando-se também

na linha do desenvolvimento infanto-juvenil, e nos últimos estudos geracionais, como propõe a Associação Geral da IASD no desenvolvimento do novo currículo em que as diretrizes da Escola Sabatina priorizam uma formação espiritual que resulte em uma caminhada cristã plena e permanente. O foco reside em transformar o aprendizado em ação missional, preparando os alunos para que exerçam uma liderança influente e apaixonada na disseminação das boas-novas do cristianismo. Com isso em mente, um curso de liderança, para a formação de professores, fez-se necessário no ministério infantil e adolescente da Divisão Sul-Americana, assim como um novo currículo das lições da Escola Sabatina, a nível mundial.

Partindo dessas reflexões, nas quais a premissa fundamental reside na formação de uma nova geração pensante e influente em sua personalidade, propõe-se ajustar a prática conforme alguns dos princípios da metodologia ativa, a saber: formação da autonomia; reflexão; problematização da realidade; trabalho em equipe; inovação; professor como facilitador e mediador. Assim, no que tange à Escola Sabatina, a aprendizagem cristocêntrica se constitui como o centro pedagógico, no qual o aluno é considerado a principal obra de arte da criação, criado a imagem e semelhança do Criador, com potencialidades infinitas a serem desenvolvidas.

Nessa perspectiva, o estudante tem um papel ativo em sua aprendizagem, deslocando-se da posição de expectador; ele migra, naturalmente, do "ensinar para o aprender", em que se assume a responsabilidade em conjunto com o professor. A partir de uma maior interação do aluno no processo de construção do próprio conhecimento, o aprendiz passa a ter mais controle e participação efetiva, já que exige dele ações e construções mentais variadas, tais como:

> [...] leitura, pesquisa, comparação, observação, imaginação, obtenção e organização dos dados, elaboração e confirmação de hipóteses, classificação, interpretação, crítica, busca de suposições, construção de sínteses e aplicação de fatos e princípios a novas situações,

> planejamento de projetos e pesquisas, análise e tomadas de decisões (Souza; Iglesias; Pazin-Filho, 2014, p. 289).

A transposição desse arcabouço teórico para o ensino bíblico e para as vivências cristãs permite afirmar que tais características são imprescindíveis, pois dão suporte para as convicções e escolhas pessoais. O perfil de aluno engajado aproxima-se da concepção do ser humano criado por Deus, dotado de autonomia, liberdade de escolha, capacidade de reflexão para a tomada de decisões.

O docente que atua como facilitador e mediador possui o potencial de catalisar o desenvolvimento de praticamente qualquer aprendiz. Por isso, o desejo é que todos os professores da Escola Sabatina também possam usar metodologias ativas em suas classes. As estratégias pedagógicas mais difundidas incluem a aprendizagem baseada em projetos, a problematização de casos, a gamificação coletiva, a sala de aula invertida, o *storytelling* e os debates. Todas essas modalidades são aplicáveis às narrativas e atividades bíblicas: os valores morais podem ser assimilados por meio do *storytelling*; a capacidade decisória pode ser estimulada pela resolução de problemas e casos reais; os jogos coletivos fomentam o interesse e o aprofundamento nos temas escriturísticos; e a sala de aula invertida pode funcionar semanalmente através de desafios de leitura, análise e aplicação prática.

Aulas participativas, integradas e dinâmicas atendem com mais eficácia às demandas da geração Alfa. Assim, compreender as características intrínsecas a esse grupo torna-se, então, o próximo passo essencial.

CARACTERÍSTICAS DA GERAÇÃO ALFA E O USO DAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA SABATINA

Nos últimos 20 anos, os avanços tecnológicos e, principalmente, a internet mudaram completamente o estilo de vida e a cultura. No caso das crianças a partir de 2010, a distinta geração Alfa, esse impacto é ainda maior, porque eles nasceram na era digital. Sendo assim, alguns docentes entendem que não é possível continuar a ministrar aulas “analógicas” em um mundo digital.

À vista desse cenário "digital", reconhece-se que o uso da tecnologia pode ser um instrumento valioso no processo de ensino.

O pesquisador Mark McCrindle foi o responsável por cunhar o termo geração Alfa. Observa-se que esses indivíduos estão imersos em um mundo hiperconectado, detendo mais ferramentas de acesso à informação do que em qualquer outro período histórico. No entanto, a nível sociocognitivo, destacam-se nesse grupo, a falta de atenção, a menor capacidade de dedicar tempo a uma tarefa, a necessidade de mudar constantemente de tarefa e a baixa tolerância à frustração, assim como a escassa supervisão parental no uso de mídias e dispositivos tecnológicos (Castro, 2020).

A interação comunicativa dessa geração será predominantemente visual, pautada pelo uso de voz, *emoticons*, memes e vídeos, em detrimento de textos estruturados. A ascensão e a normalização no dia a dia dos assistentes virtuais, *chatbots* e inteligência artificial no cotidiano fará com que esses jovens naturalizem tais formas de diálogo.

Dados do ICEMED (2017), indicam que a geração Alfa desenvolve a habilidade de interagir com dispositivos móveis e localizar os vídeos de que gosta antes mesmo da aquisição da fala. Tal precocidade acarreta riscos significativos, dada a vasta quantidade de material impróprio disponível na rede mundial de computadores.

De acordo com o último relatório do Ofcom sobre o uso das mídias pelas crianças, o número de crianças entre cinco e sete anos que possuem acesso aos smartphones ou tablets continua crescendo: 41% delas já possuíam tablets em 2016. A tecnologia definirá não apenas a experiência da geração Alfa com o mundo, mas também definirá a natureza de suas relações interpessoais. O emprego de orientações adequadas torna-se, portanto, necessário para o acompanhamento desse estrato geracional.

RECURSOS TECNOLÓGICOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CLASSE DE ESCOLA SABATINA

Uma vasta gama de recursos e atividades está disponível para o uso na Escola Sabatina. O ambiente digital, para o qual tivemos que "nos mudar"

à força durante a pandemia de COVID-19, constituiu um desafio para que todos navegassem em um mundo inexplorado e aprendessem sobre diferentes ferramentas que permitem o desenvolvimento de uma classe mais criativa, capaz de manter os alunos motivados a participar e a estudar a Bíblia.

A transição para as aulas presenciais representou uma etapa celebrada na história do mundo, contudo o ambiente virtual também permanecerá extremamente relevante daqui em diante. Portanto, é responsabilidade de cada docente aprender sobre as novas tecnologias, uma vez que tais recursos são e serão instrumentos de elevado valor pedagógico.

É válido salientar, ainda, que os recursos didáticos são um meio, e não um fim. Muitos docentes pensam que os recursos tecnológicos, devido aos elementos da novidade e da atratividade, vão garantir de sucesso em sala de aula. Todavia, na realidade, eles despertam a curiosidade e podem ser usados como ferramentas para os processos de ensino-aprendizagem. Sem dúvida, são recursos valiosos, pois existem para ajudar e facilitar a aprendizagem, mas não são um fim em si mesmos. Em síntese, Nérici (apud Justino, 2013) atesta que os instrumentos de ensino servem para tornar o conteúdo mais tangível e atraente. Ao ilustrar o que é dito oralmente, esses recursos facilitam a percepção da realidade ensinada, economizam tempo na explicação de fatos abstratos e garantem que o ambiente de sala de aula seja mais engajador e menos exaustivo para o corpo discente. A escolha dos recursos didáticos, independentemente de a aula ocorrer em ambiente digital ou presencial na igreja, A escolha dos recursos didáticos, a fim de que resulte em um aprendizado significativo e cumpra a função para a qual o material foi selecionado.

Reflexões emergem dessas questões: que recursos utilizar para fazer com que os alunos fiquem atentos? Como continuar a desenvolver uma amizade com Jesus? Como alcançar mais pessoas por meio de encontros virtuais?

O curso de liderança para o Ministério da Criança da Divisão Sul-Americana (2021) apresentou uma lista de recursos úteis, os quais estão agrupados por função. A pesquisa por tutoriais na internet é recomendada para entender melhor como usá-los e aplicá-los em sua Escola Sabatina. A realização de uma aula digital torna-se viável por meio das plataformas Zoom, Google Meet ou

Microsoft Teams; a promoção de jogos e/ou concursos pode ocorrer via Quizizz, Kahoot, Educaplay ou Mentimeter; a edição e criação de imagens contam com o auxílio do Canva, Freepik ou Pixabay; a edição de vídeo dispões de ferramentas como DaVinci Resolve, Filmora ou Shotcut; e a elaboração de apresentações pode utilizar o PowerPoint ou o Prezi. Esses são apenas alguns recursos.

As aulas não devem ser estruturadas como "um sermão". O incentivo à interação com os alunos é fundamental, embora o formato digital apresente desafios superiores ao presencial. Sendo assim, use perguntas, jogos, desafios, comentários no chat, participação especial com músicas e orações etc. Incentive os meninos e meninas a se sentirem parte da classe. Os próprios alunos, inclusive, podem gerenciar as tecnologias e atuar como instrutores no uso dessas ferramentas, fato que promove seu engajamento e valorização.

A gamificação é outra poderosa ferramenta de uso das metodologias ativas para as novas gerações. Segundo Deterding, citado por Gil-Quintana (2020), a gamificação tem como base a utilização de elementos de design de videogames em contextos educacionais que não se caracterizam por serem especificamente de um jogo, com o propósito de incentivar um processo de aprendizagem divertido, atrativo e motivador. A utilização de um jogo de tabuleiro ou uma dinâmica divertida pode sugerir o emprego dessa técnica. A verdade é que, mais do que o entretenimento, essa metodologia propõe alcançar uma aprendizagem significativa por meio de emblemas, recompensas, classificação, "vidas" ou pontos. Uma das preocupações na adoção dessa metodologia é que, em excesso, pode levar a um espírito de competividade exacerbada, distraindo os estudantes do verdadeiro propósito pedagógico. O desafio é comprometer o aluno na superação de si mesmo ou envolvê-lo em atividades cooperativas. O trabalho em equipe pode promover a colaboração e a empatia. O conselho de 1 Tessalonicenses 5:21–22 deve pautar as escolhas para qualquer ferramenta utilizada: "Julgai todas as coisas, retende o que é bom; abstende-vos de toda forma de mal".

REDES SOCIAIS COMO FERRAMENTAS PARA EVANGELIZAÇÃO

No contexto da pandemia, a internet tornou-se mais um canal para o evangelismo. As igrejas descobriram um novo campo missionário no mundo digital;

desse modo, constantemente ecoam relatos de pessoas que conheceram a Deus e entregaram sua vida a Ele por esse meio (Rainer, 2020).

Dentro do vasto mundo da internet, os canais mais utilizados para evangelizar são as redes sociais. O YouTube, o Facebook e o Twitter, além de aplicativos como Instagram e TikTok, são as plataformas com maior adesão na América do Sul. Novas opções surgem continuamente, e as novas gerações são as primeiras a explorá-las.

Quando se trata de produção de conteúdo, em primeiro lugar se deve considerar qual é o objetivo dos usuários ao estarem em determinada rede social. Esses espaços representam, para muitos, o principal canal de consumo de conteúdo, informação e entretenimento. A existência de indivíduos que procuram uma mensagem de esperança nas redes sociais abre uma oportunidade para transmitir conteúdo às crianças e suas famílias. A clareza de propósito na produção desse material é, portanto, necessária. Devem ser levantados questionamentos prévios em relação à produção, tais como: Qual é o público-alvo? Qual é a mensagem a ser transmitida? Quanto tempo para entregar esse conteúdo? Procure entender as necessidades do público-alvo, e falar na língua que eles possam compreender.

Dúvidas frequentes emergem nessa busca por estratégias de evangelismo digital: Como dar estudos bíblicos on-line? Como pregar na internet? É possível ser um evangelista digital sem ter muitos seguidores? Para pregar na internet, é preciso falar bem em público? Os aspectos mencionados por Natanael Castro (2020), em seu artigo *Missão digital*, fundamenta as respostas a alguma dessas questões:

1. Pesquise conteúdos relevantes. Quando se trata de evangelismo digital, o conteúdo deve ser formulado para informar, educar e inspirar. A igreja assume o papel de modelo na criação de conteúdos que promovam a qualidade de vida e forneçam suporte ao crescimento espiritual das pessoas.
2. Participe da "batida digital nas portas". Essa prática se refere ao compartilhamento de conteúdo espiritual em perfis de redes sociais, mensagens de texto ou e-mails, para criar a oportunidade de que outras pessoas interajam

com você acerca da fé. A vida e o caráter de Jesus Cristo devem ser visíveis em seu conteúdo e interações digitais.

3. Ame as pessoas como Cristo as amou e apresente Seu amor incomparável. Esse deve ser o objetivo máximo na vida do cristão, seja de forma física ou virtual. Lembre-se, o evangelismo digital é uma abordagem que tem por finalidade a conversão de pessoas.
4. Você não precisa "ser famoso" para agir como um evangelista digital. Assim como o evangelismo não deve ser feito apenas por evangelistas renomados, o evangelismo digital não necessita ser feito apenas por aqueles que têm muitos seguidores ou uma "vida ativa" nas redes sociais.
5. Use o meio digital para conectar pessoas fisicamente. O evangelho e a vida cristã vão muito além de um relacionamento digital. A necessidade de levar as pessoas fisicamente aos pés de Cristo e à comunidade da igreja nunca mudará.
6. O digital não é a melhor estratégia de todos os tempos. No entanto, para dar estudos bíblicos a amigos que moram longe, o digital é uma boa ferramenta. Por outro lado, dar estudos bíblicos de forma digital a um vizinho é a melhor opção? Independentemente dos momentos de quarentena, a resposta é não. O estudo presencial deve ser sua primeira escolha. Afinal, estudo presencial e didático pode ter um impacto maior para quem participa.
7. Não condicione o evangelismo. Como o digital não é um fim em si mesmo, mas uma ferramenta, ao fazer planos de evangelização, a pergunta principal não é "como evangelizar com o digital?", mas sim "como evangelizar?". Por conseguinte, uma segunda questão é suscitada: "as ferramentas digitais se encaixam no cenário?". Perceba a diferença: na primeira abordagem a evangelização é condicionada ao meio digital, enquanto na segunda, avalia-se como o digital pode ser usado na evangelização.

O incentivo à participação ativa da classe da Escola Sabatina em projetos missionários personalizados deve ser constante. Iniciativas como o "Evangelismo kids" ou a semana de Evangelismo Infantil servem de exemplo para a mobilização das novas gerações. A consulta ao líder do Ministério da Criança regional auxilia na identificação do projeto mais adequado a cada

perfil. O acesso ao portal oficial de downloads[1] e às redes da Divisão Sul-Americana é recomendado para o acompanhamento das novidades e materiais de apoio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indagação inicialmente proposta sinaliza a necessidade de professores devidamente capacitados para o Ministério Infantil. Tal constatação, embora desfavorável, reflete a realidade das instituições: o fato de 72% das igrejas carecerem de uma estrutura completa evidencia a urgência por orientações e recursos pedagógicos.

Destacam-se, porém, dois pontos favoráveis: a disposição dos professores e a busca por formação continuada. O curso de liderança, estabelecido conforme o planejamento proposto em 2021, apresenta temas que visam suprir as demandas desse grupo dentro de um currículo projetado para o quinquênio. O engajamento crescente de professores e líderes é um fenômeno perceptível nesse processo.

A presente proposta visa colaborar com essa sequência de formação continuada. A geração Alfa vivencia transformações permanentes e suas peculiaridades exigem dos educadores atualizações constantes. As reflexões e estratégias metodológicas aqui apresentadas oferecem caminhos práticos, todavia diversas questões permanecem latentes para abordagens futuras, abrangendo tanto o perfil da liderança quanto os processos de discipulado direcionado a essa nova geração.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO GERAL IASD. **Vivo em Jesus:** Currículo da Escola Sabatina. Disponível em: https://www.sabbathschoolpersonalministries.org/aliveinjesus. Acessado em: 14 abr. 2026.

BARNA; AWANA. **Children's Ministry in a new reality:** building church communities that cultivate lasting faith. Ventura: Barna Group, 2022.

CASTRO, N. **Misión digital.** Portal de Notícias Adventistas. 2020. Disponível em: https://noticias.adventistas.org/es/columna/natanael-castro/como-entender-el-evangelismo-digital/. Acessado em 14 abr. 2026.

[1] Para mais informações, acessar: https://downloads.adventistas.org/pt/.

CASTRO, A.; FERNÁNDEZ, D.; PATERA, S. Cómo aprenden las generaciones Z y Alpha desde la perspectiva docente? Implicaciones para desarrollar la competencia aprender a aprender. **Revista Digital Aula Abierta**, v. 49, n. 3, p. 279–285, julho-setembro de 2020. Universidad de Oviedo. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/346246089_Como_aprenden_las_generaciones_Z_y_Alpha_desde_la_perspectiva_docente_Implicaciones_para_desarrollar_la_competencia_aprender_a_aprender. Acessado em: 14 abr. 2026.

DIESEL, A.; SANTOS BALDEZ, A.; NEUMANN MARTINS, S. Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica. **Revista Thema**, Pelotas, v. 14, n. 1, p. 268–288, 2017. Disponível em: https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/404. Acessado em: 14 abr. 2026.

GIL-QUINTANA, J.; PRIETO, J. La realidad de la gamificación en educación primaria. **Perfiles Educativos**, v. 42, n. 168, p. 107–123, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.22201/iisue.24486167e.2020.168.59173. Acessado em: 14 abr. 2026.

ICEMED, Instituto de Economía Digital ESIC. **Las 6 generaciones de la era digital.** 2017. Disponível em: https://cdn3.icemd.com/app/uploads/2018/12/Estudio_6-generaciones-de-la-era-digital.pdf. Acessado em: 14 abr. 2026.

JUSTINO, M. **Pesquisa e recursos didáticos na formação e práticas docentes**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

NÓVOA, A. **Escolas e professores:** proteger, transformar, valorizar. Salvador: SEC/IAT, 2022. Disponível em: https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2022/02/antonio-novoa-livro-em-versao-digital-fevereiro-2022.pdf. Acessado em: 14 abr. 2026.

RAINER, T.; RAINER, J. **The Millennials:** Connecting to America's Largest Generation. Brentwood–TN: B&H Publishing Group, 2011.

SOUZA, C.; IGLESIAS, A.; PAZIN-FILHO, A. Estratégias inovadoras para métodos de ensino tradicionais – aspectos gerais. **Medicina (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, Brasil, v. 47, n. 3, p. 284–292, 2014. Disponível em: https://revistas.usp.br/rmrp/article/view/86617. Acessado em: 14 abr. 2026.

SILVA, E. C.; VIANA, H.; VILELA JR., G. Metodologias ativas numa escola técnica profissionalizante. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga, v. 33, n. 1, p. 158–173, 2020. Disponível em: https://www.redalyc.org/journal/374/37465219010/html/. Acessado em: 14 abr. 2026.

WHITE, E. **Educação**. Ellen G. White Estate, 2008.

WHITE, E. **Testemunhos para a Igreja**, v. 6. Ellen G. White Estate, 2004.

CAPÍTULO 9

09

Inclusão na escola sabatina

Maria Júlia da Silva Cardoso

A igreja precisa ser relevante para todas as pessoas com dificuldades motoras ou cognitivas. Dentre seus vários ministérios, a Escola Sabatina pode ajudar as crianças a serem acolhidas com respeito e empatia.

Este ensaio oferece informações e atividades relevantes para que o professor de Escola Sabatina possa aprender como entender melhor seu aluno e como incluí-lo nas atividades proporcionadas pela Escola Sabatina, que são parte do processo de aprendizagem e estimulação do desenvolvimento cognitivo. O estudo trata dos três tipos de transtornos comuns na aprendizagem entre as crianças que frequentam as classes de Escola Sabatina. São oferecidas algumas atividades que podem auxiliar no desenvolvimento da criança. Esse é um passo a mais para o professor de Escola Sabatina que possui empatia.

Os transtornos de aprendizagem são transtornos do neurodesenvolvimento e podem estar associados a vários outros. São caracterizados por um conjunto de condições que se manifestam cedo no desenvolvimento dos indivíduos. Na maioria das vezes, aparecem antes da criança ingressar na escola e ficam mais evidente no ambiente escolar. Os prejuízos podem incluir déficits nas áreas pessoais, sociais, acadêmicas ou profissionais, limitações específicas na aprendizagem, no controle das funções executivas e danos globais em habilidades sociais ou inteligência.

Quanto ao diagnóstico, este requer avaliação multidisciplinar com o envolvimento de especialistas das áreas de Psicologia, Psicopedagogia, Neuropsicologia e Neuropediatria. Não existem exames de imagem ou de laboratório específicos para a confirmação, sendo apenas concluído mediante testes e correlações com a evolução pedagógica.

É evidente a necessidade de aprofundamento nas temáticas aqui abordadas, principalmente pela compreensão de que muitos são os desafios da inclusão da criança com necessidades especiais educacionais. Como objetivo geral, este ensaio buscou entender a importância das informações e orientações ao professor da Escola Sabatina para a inclusão da criança dentro da classe. Para tanto, três dificuldades e transtornos específicos da aprendizagem serão abordadas para tanto, bem como sugestões de atividades, vídeos, sites e livros recomendados para cada tema.

FUNÇÕES COGNITIVAS, EXECUTIVAS, DE LINGUAGEM E ESTIMULAÇÃO COGNITIVA

Por trás da realização de ações, tomada de decisões ou do simples pensamento sobre determinado assunto, acontece um intenso processo cognitivo. A essa atividade cerebral cotidiana, que diferencia o ser humano de outros animais, damos o nome de cognição, cuja responsabilidade é interpretar todas as informações armazenadas pelo cérebro. Freitas e Aguiar (2012, p. 457) apontam que,

> [...] cognição pode ser compreendida como uma série de funções mentais que envolvem aquisição, armazenamento, retenção e uso do conhecimento. Esses processos incluem, entre outros, os fundamentos da atenção, da percepção, da memória, do raciocínio e da aprendizagem. Através da execução dessas funções, o homem compreende e interage com o mundo, incluindo seus estímulos internos (pensamentos e sentimentos, entre outros). Pois é por meio da capacidade cognitiva que se pode planejar ações, realizar julgamentos e solucionar problemas.

Graças a esse processo somos capazes de, por meio de experimentações e vivências, nos apropriarmos de novas informações. E a partir delas, compreender situações e definir um posicionamento. Isso acontece, justamente, porque a cognição está relacionada com aprendizagem e conhecimento. E é por meio dela que as capacidades intelectuais e emocionais do indivíduo são desenvolvidas.

Logo, o desenvolvimento cognitivo de cada pessoa interfere diretamente na maneira como ela recebe e processa informações, aprende, se comporta e interage. Os professores da Escola Sabatina podem ajudar no desenvolvimento cognitivo das crianças, auxiliando em várias áreas do aprendizado como a atenção e a linguagem.

ATENÇÃO

Muitas crianças sofrem por falta de atenção. Essa função refere-se ao processo cognitivo responsável pela capacidade de concentração e é essencial para a vida cotidiana por permitir que o indivíduo tome consciência do que está acontecendo no ambiente. Estudos apontam que muitas habilidades cognitivas dependem da atenção. E que, apesar de ser absolutamente normal que seus níveis variem durante o dia, principalmente por conta de estresse, fadiga, cansaço e outros fatores, é importante avaliar se as alterações no processo da atenção são constantes. Nesse sentido, Pires (2010, p. 46) aponta que, evidentemente,

> [...] a atenção não poderia representar um fenômeno unitário. Esta é um processo complexo e multifacetado, que está em constante monitoramento do ambiente, como um fenômeno que envolve outros processos de aprendizagem e/ou cognitivos como percepção, memória, motivação e níveis de consciência. Consequentemente, um déficit atencional pode se manifestar por diferentes sintomas em múltiplas áreas da vida diária.

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é um dos transtornos mais conhecidos que apresentam alteração da atenção. Além dele, lesões cerebrais como derrame e até mesmo a doença do Alzheimer costumam ocasionar essa alteração.

LINGUAGEM

Por meio da linguagem podemos interagir e expressar sentimentos e emoções. Além disso, a linguagem caminha juntamente com o pensamento, de tal modo que um influencia o outro. Para tanto, internamente há uma enorme rede de neurônios, que nos permite falar, compreender outras pessoas e raciocinar logicamente. Para Pires (2010, p. 58),

> De uma maneira geral, podemos considerá-la como uma forma de comportamento usada pelos seres humanos num contexto social, que serve para a representação, expressão e comunicação de pensamentos e/ou ideias, mediante o uso de um sistema de símbolos e a possibilidade de combinação dos mesmos.

Além da linguagem verbal, a linguagem corporal é utilizada para comunicação através do corpo, por meio de gestos. Ambas continuam a evoluir ao longo da vida, principalmente pela relação com as demais funções cognitivas e as consequentes e constantes novas aprendizagens que surgem a todo momento.

ESTIMULAÇÃO COGNITIVA

Com a pretensão de melhorar o desempenho das funções cognitivas, responsáveis pela qualidade de vida e autonomia do sujeito, a estimulação promove a saúde mental e a prevenção do declínio cognitivo, que pode estar associado a diversos fatores. Dessa forma, é importante que a estimulação neurológica aconteça durante toda a vida, a fim de que perdas significativas a longo prazo sejam evitadas. Segundo Dátilo e Cordeiro (2015, p. 118), esse tipo de intervenção tem como objetivo,

> [...] estimular as diversas funções cognitivas do sujeito (memória, atenção, linguagem etc.). Procurando alcançar o desempenho máximo do paciente e, assim, tornar mínima a confusão mental, o que melhora nitidamente a qualidade de vida dessa pessoa. Essa melhoria da qualidade de vida está relacionada diretamente ao fato de que esta estimulação pode auxiliar o indivíduo a ter uma vida mais autônoma, independente e feliz. Pois uma disfunção cognitiva altera toda a vida do paciente, em todas as esferas sociais frequentadas por essa pessoa.

Chamamos de declínio cognitivo as alterações relacionadas a uma ou mais funções cognitivas. Pode ser provocado pelo envelhecimento, acontecimentos traumáticos, doenças clínicas e transtornos mentais. Todas essas ocorrências podem causar alterações expressivas nas funções cerebrais.

Considerando os motivos pelos quais as funções cognitivas podem não apresentar o funcionamento esperado, percebe-se que eles não estão relacionados a uma fase específica da vida, mas podem ocorrer em qualquer momento dela. Apesar dessa constatação, é evidente que a grande maioria dos estudos e pesquisas sobre estimulação cognitiva têm foco na "melhor idade", talvez pelos índices significativos que apontam o envelhecimento como a principal causa dessas consequências negativas.

Em crianças e jovens, os sintomas que caracterizam o declínio cognitivo geralmente estão associados a transtornos capazes de interferir diretamente em sua capacidade intelectual. Embora tais condições não afetem a todos da mesma maneira, a estimulação cognitiva apresenta-se sempre como uma grande aliada no processo. Isso ocorre porque diversos estudos corroboram que a plasticidade cognitiva é o fundamento para uma das formas mais eficazes de tratamento ou estagnação do quadro de declínio (Dátilo; Cordeiro, 2015).

Para estimular a plasticidade cerebral, existem exercícios e atividades que visam preservar e/ou aprimorar o desempenho nas habilidades que envolvem memória, atenção, percepção, pensamento, linguagem, planejamento, estratégias, resolução de problemas, tomada de decisões dentre outros. Para melhor acolher as crianças que apresentam transtornos neurodivergentes, é necessário pelo menos um entendimento básico a esse respeito.

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), segundo muitos pesquisadores da área de Transtornos e Neurociência, é um distúrbio do desenvolvimento que se caracteriza por alterações presentes em algumas áreas do desenvolvimento humano: comunicação, interação social, aprendizado, comportamento e capacidade de adaptação.

PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

Conforme Mello (2000) e muitos outros pesquisadores, educadores e terapeutas, os sinais e sintomas do TEA surgem logo no primeiro ano de vida da pessoa. Porém, pela falta de conhecimento e acompanhamento adequado, muitos adultos estão no espectro, mas nunca foram diagnosticados. Sendo assim, listaremos a seguir alguns dos sinais que nos devem servir de alerta:

- A criança não mantém contato visual por muito tempo;
- Não atende quando chamada pelo nome;
- Não se interessa por outras pessoas;
- Apresenta pouca ou nenhuma verbalização;
- Repete frases ou palavras sem a devida função (ecolalia);
- Apresenta incômodo incomum com sons altos;
- Tem interesse restrito ou hiperfoco;
- Não aponta para objetos e não olha quando apontamos algo;
- É muito presa a rotinas;
- Faz movimentos repetitivos sem função aparente;
- Alinha objetos;
- Não brinca com brinquedos de forma convencional;
- Gira objetos sem uma função aparente;
- Não imita e nem brinca de "faz de conta".

Vale ressaltar, conforme abordado anteriormente, que uma criança com TEA provavelmente não irá apresentar todas estas características ao mesmo tempo. Porém, se apresentar um conjunto de três ou mais, o pediatra que a acompanha precisa ser informado para acompanhar mais de perto a criança e encaminhá-la para profissionais que possam diagnosticar o transtorno. Assim, caso a criança seja portadora de TEA, ela poderá ser acompanhada desde pequena e poderá evitar parte significativa das perdas sociais, afetivas.

ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Considera-se que crianças e adolescentes com TEA são capazes de aprender como as crianças e adolescentes tratados como "normais", pois "O TEA

não impede que a pessoa aprenda e se desenvolva, não há barreiras intransponíveis. Assim, ela pode aprender e se desenvolver desde que sejam utilizadas ações adequadas ao seu modo de aprender" (Mello, 2000, p. 21). Sendo assim, de acordo com Mello (2000), os profissionais que acompanham estas crianças precisam saber alguns caminhos a seguir para facilitar o processo de ensino e aprendizagem, como por exemplo:

- Atividades artísticas: sendo modos de manifestação social e cognitiva, favorecem pessoas com TEA, que podem encontrar caminhos alternativos de expressão nessas atividades;
- O TEA não tem cura: com o tratamento, busca-se aumentar a autonomia e desenvolver habilidades que possibilitem a interação com o ambiente e a comunicação;
- Quanto mais cedo se faz a estimulação, melhor será a inclusão dessa pessoa na sociedade e maiores as possibilidades de desenvolvimento pessoal e interpessoal;
- É de suma importância que a criança ou adolescente sente o mais próximo possível do professor;
- A criança pode ser requisitada como ajudante do professor algumas vezes;
- O uso de agendas, calendários e listas de tarefas pode ser de extrema ajuda;
- A criança deve ser estimulada a trabalhar em grupo e a aprender a esperar por sua vez;
- Deve aprender a pedir ajuda;
- Deve ser elogiada sempre que for bem sucedida.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA CRIANÇAS/ADOLESCENTES COM TEA

Para ajudar as crianças a melhor fixarem os temas aplicados na classe, o professor de Escola Sabatina pode sugerir exercícios e atividades para os familiares aplicarem com as crianças em casa, durante a semana anterior ao sábado em que o tema será apresentado. Em anexo, o trabalho apresenta algumas atividades facilitadoras e adaptadas que podem ser aplicadas para crianças ou adolescentes com TEA. Esse é apenas um exemplo; é possível fazer com as imagens e temas da lição da Escola Sabatina.

Para o momento da lição, no sábado, é importante lembrar que o aluno com TEA apresenta dificuldade em expressar seus sentimentos, de modo que o professor deve auxiliá-lo, por meio de cartões ou sinalizadores que dispensem a comunicação verbal, mas possam indicar como a criança está se sentindo.

TRANSTORNO DE DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE (TDAH)

O Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade é uma síndrome heterogênea de etiologia multifatorial, dependente de fatores genéticos-familiares, adversidades biológicas e psicossociais. É caracterizada pela presença de um desempenho inapropriado nos mecanismos que regulam a atenção, a reflexibilidade e a atividade motora (Maia; Confortin, 2015).

Em 1918, um neurologista americano chamado Straus fez uma pesquisa sobre uma lesão cerebral que provoca uma falha no comportamento e consequentemente na aprendizagem. Ele a chamou de lesão cerebral mínima. Mas em 1962, por um erro do neurologista, o termo "disfunção" substituiu o termo "lesão" e o nome passou a ser Disfunção Cerebral Mínima. Em 1984, a Academia de Psicologia, levando em conta os vagos critérios de diagnóstico estabelecido pela Disfunção Cerebral Mínima, estabeleceu a ADD (*Attention Deficit Disorders*, trad.: Transtornos de déficit de atenção). E só em 1986 surge o TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade), analisado pelo critério A (SNAP IV) composto por dezoito perguntas. Sendo que as primeiras nove são referentes à atenção e as nove seguintes à hiperatividade (Sene, 2008). Confira as características na tabela a seguir:

Tabela 1 – características relacionadas ao TDAH

Desatenção	Hiperatividade	Impulsividade
Falha para prestar atenção a detalhes	Mexe os braços e pernas com frequência ou se move na cadeira	Explode em respostas antes das questões serem completadas
Dificuldade para manter atenção na tarefa à frente	Levanta-se da cadeira na sala de aula ou em outros locais onde é esperado que permaneça sentado	Tem dificuldade de esperar a sua vez

Frequentemente parece não escutar quando se fala diretamente com ele (a)	Corre ou sobe excessivamente nas coisas	Frequentemente interrompe os outros
Frequentemente não segue instruções ou falha na finalização de tarefas	Tem dificuldade para brincar calmamente	-
Tem dificuldade para organizar tarefas ou atividades	Está frequentemente "a ponto de" e parece estar "ligado em um motor"	-
Frequentemente perde coisas necessárias para a realização de tarefas	Fala excessivamente	-
É facilmente distraído por estímulos externos	-	-
Esquece frequentemente atividades diárias	-	-

Fonte: adaptado de Graeff e Vaz (2008).

Diante dessas características (desatenção, hiperatividade e impulsividade), constata-se algumas adaptações simples no modo de lidar com alunos neurodivergentes podem ser muito eficazes para ajudá-los no seu aprendizado O desenvolvimento cognitivo será melhor com essas mudanças pequenas, porém significativas ao portador de TDAH:

- Colocar o aluno na frente da sala e de costas para a porta, evitando assim que ele se distraia;
- Falar frases curtas e claras;
- Criar regras em sala de aula para que o aluno possa se sentir seguro em suas atitudes. Primeiramente, para maior aproveitamento das aulas e maior compreensão das regras, o professor pode construí-las junto com os alunos, para que estes possam entender a importância das regras;
- Elogiar o aluno sempre que ele se comportar bem ou concluir uma tarefa difícil;
- O aluno deve ser estimulado a compensar os erros que cometeu. Se ele desorganizou uma estante, por exemplo, incentive-o a organizá-la;

- Considerando a metodologia do professor, certas atividades são mais eficazes para captar a atenção do aluno: propor, no início de aula, uma atividade que deve ser resolvida ao final, com tudo que foi dito. Oscilar a entonação da voz conforme a necessidade de gravar determinada informação e acrescentar atividades lúdicas, uma vez que elas têm resultados positivos no desenvolvimento do aluno;
- O professor pode sugerir aos pais que estabeleçam uma rotina com seu filho: culto familiar e estudo da lição diários. Assim, ele já estará familiarizado com a rotina da igreja.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tendência de deixar de lado uma pessoa que apresenta dificuldades cognitivas ou comportamentais é frequente, devido à falta de informação sobre como proceder com este indivíduo. Jamais na história, no que tange o campo educacional, professores, pedagogos, diretores, profissionais das áreas da saúde e familiares se preocuparam tanto com síndromes, transtornos e dificuldades de aprendizagem como atualmente.

Cada vez mais, escolas e famílias procuram profissionais atualizados e específicos com o intuito de ajudar crianças, adolescentes, adultos e até idosos a desenvolverem seus potenciais cognitivos e suas experiências educacionais e sociais.

Como igreja, é necessário unir-se a esses profissionais e às famílias para melhor entender as crianças e suas dificuldades, para que seja possível acolhê-las e lhes proporcionar melhor aprendizado e vivência na comunidade onde estão inseridas.

Diante do exposto, espera-se que este material seja relevante para alertar professores da Escola Sabatina que toda e qualquer pessoa que tenha interesse ou envolvimento com processos educacionais deve procurar conhecer um pouco mais sobre alguns transtornos que interferem diretamente na aprendizagem. Todo aquele que pretende amar os pequenos como Cristo amou tem o dever de aprender, acolher e estimular a cognição do público-alvo (crianças e adolescentes) de maneira eficaz e consciente, assim como Jesus acolhia todas as pessoas sem distinção.

ANEXOS

SUGESTÕES DE LEITURA

Livro: Neurociência e Educação: Como o Cérebro Aprende

Autor(es): Ramon M. Cosenza e Leonor B. Guerra.

Ano: 2011.

Sinopse: O cérebro é responsável pela forma como processamos as informações, armazenamos o conhecimento e selecionamos nosso comportamento. Dessa forma compreender seu funcionamento, seu potencial e as melhores estratégias de favorecer seu pleno desenvolvimento é foco principal de estudo e trabalho tanto dos profissionais da saúde mental como da educação.

Livro: Os Processos Cognitivos

Autor(es): Luiz Pasquali.

Ano: 2019.

Sinopse: O conceito de inteligência em Psicologia vem aglutinando uma série de mecanismos intelectuais, tornando-se assim um conceito ambíguo. O livro Processos Cognitivos procura desambiguar essa área, mostrando as características diferenciais desses diferentes mecanismos, em especial, o que seja memória, percepção, intuição, imaginação e raciocínio.

Livro: Atividades Para Estimulação Cognitiva: Memória e Linguagem

Autor(es): Adalberto Henrique e Marta Pires Relvas.

Ano: 2018.

Sinopse: A evolução da inteligência humana acontece pela estimulação cognitiva. É no cérebro que a inteligência humana é construída. Um dos mais fascinantes temas da ciência é como surgiu a inteligência humana ao longo da evolução dos grandes primatas aos hominídeos chegando até o ser humano.

SUGESTÕES DE LEITURAS, FILMES E SITES SOBRE TEA

Livros:

- Um livro diferente – Anita Brito
- Meu amigo autista – Maria Eduarda Loureiro

- O Menino Só – Andrea Viviana Taubman
- Meu amigo faz iiiii – Andréa Werner
- A escova de dente azul – Marcos Mion

Filmes e séries:

- Farol das Orcas (2017)
- Em um mundo interior (2018)
- Temple Grandin (2010)
- Tão forte e tão perto (2012)
- Tudo que quero (2017)
- Gilbert Grape – Aprendiz de sonhador (1993)
- Mary e Max: uma amizade diferente (2009)
- Sei que vou te amar (2007)
- Missão especial (2004)
- Atypical (2019)
- The Good Doctor (2017)

Blogs e sites:

- https://autismoerealidade.org.br/blog/
- https://www.autismoemdia.com.br/
- https://jadeautism.com/blog-jade-autism/
- https://www.vittude.com/blog/autismo/
- https://institutoneurosaber.com.br/

REFERÊNCIAS

COSENZA, R.; GUERRA, L. **Neurociência e educação: como o cérebro aprende**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DÁTILO, G.; CORDEIRO, A. (Orgs). **Envelhecimento humano: diferentes olhares**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

FREITAS, J; AGUIAR, C. Avaliação das funções cognitivas de atenção, memória e percepção em pacientes com esclerose múltipla. **Psicologia:** reflexão e crítica. Vol. 25, nº 03. Porto Alegre, 2012.

GILLBERG, C.; COLEMAN, M. Autismo e doenças médicas: uma revisão da literatura. Editora: **Developmental Medicine and Child Neurology**. 1996.

MAIA, M.; CONFORTIN, H. TDAH e a aprendizagem: um desafio para a educação. **PERSPECTIVA, Erechim**. v. 39, n.148, p. 73-84, dezembro 2015.

Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [recurso eletrônico]: DSM-5 / [American Psychiatric Association; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento... et al.]; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Dados eletrônicos. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

MELLO, A. **Autismo:** guia prático. 5. ed. 2007.

PIRES, E. **Ontogênese das funções cognitivas:** uma abordagem neuropsicológica. Rio de Janeiro, 2010.

SENO, M. **Transtorno do déficit de atenção e hiperatividade (TDAH):** o que os educadores sabem. 2010.

SMITH, C.; STRICK, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CAPÍTULO 10

10

Educação financeira cristã para as novas gerações

Cláudia Rodrigues Graep

Observa-se um número crescente de famílias endividadas em nosso país. Segundo o artigo publicado pela Agência Brasil (2022), utilizando dados da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), o percentual de famílias endividadas (com dívidas em atraso ou não) chegou a 77,7%, atingindo os maiores valores em doze anos. De acordo com o estudo, o principal fator para esse endividamento é o uso indevido do cartão de crédito.

Outro dado bastante pertinente a ser observado é o da revista Exame, publicado em 2021, que atribui a falta de educação financeira de brasileiros entre 18 e 29 anos como um dos motivos para a crescente inadimplência. Segundo esse mesmo artigo, a primeira grande raiz do problema diz respeito à falta de educação financeira na infância e na adolescência. Diante desse cenário, percebe-se que, se no percurso da formação básica, não houver contato com informações claras e acessíveis relacionadas a questões financeiras, a tendência é que os indivíduos cresçam sem saber lidar com dinheiro. Vale ressaltar: saber poupar não é um dom, é uma habilidade que precisa ser desenvolvida.

Nota-se que muitos pais acreditam que esse conhecimento acontece naturalmente na vida dos filhos; outros, por sua vez, podem até pensar diferente, mas não trabalham o assunto em seus lares ou o fazem parcialmente. Esse mesmo comportamento também é percebido em lares cristãos, onde se encarava o assunto como apenas um meio de aprender a lidar com o dinheiro. Sabe-se que isso vai além, pois envolve ensinar aos filhos princípios e valores cristãos que abrangem a fidelidade a Deus em todas as coisas.

Levando em consideração essa afirmação e a abrangência do problema, o presente estudo apresenta orientações sobre “quando” e “como” os pais e responsáveis podem trabalhar essa temática ao longo do processo formativo do indivíduo (crianças, adolescentes, filhos, alunos etc.) que, inevitavelmente, perpassa por diferentes etapas de aprendizado.

FUNDAMENTANDO O ESTUDO

FINANÇAS, UM ASSUNTO DE ADULTO?

Pergunta-se: quando uma pessoa aprende a lidar com o dinheiro? Por vezes, imagina-se que alguém aprende a lidar com os recursos quando ingressa no mercado de trabalho e recebe seu primeiro salário. Afinal, qual a idade ideal para ser ensinado o tema das finanças a uma pessoa? Será esse tema um assunto somente de adultos?

Conforme a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE, 2005), a educação financeira é compreendida como um processo de aperfeiçoamento dos indivíduos e da sociedade acerca de produtos e conceitos do mercado. Por meio de informação e orientação, busca-se o desenvolvimento de competências e valores que permitam uma percepção clara de riscos e oportunidades. Dessa forma, os cidadãos tornam-se aptos a tomar decisões conscientes, buscar auxílio quando necessário e adotar comportamentos que elevem seu bem-estar e promovam sociedades mais responsáveis e comprometidas com o amanhã.

Ainda no cenário brasileiro, a especialista em educação financeira, Allemann (2021), acredita que há uma precariedade a respeito do ensino sobre educação financeira em níveis estruturais, a saber, a ausência desse tema em escolas, universidades, mercado de trabalho etc. Fato é que o Brasil não tem uma cultura de falar sobre educação financeira. Ricardo Pereira (2014), consultor do programa consumidor consciente da Mastercard, atribui essa ausência nas estruturas sociais às dinâmicas da estrutura familiar. Em sua visão, há uma clara dificuldade dos pais em conversar sobre dinheiro com os filhos. Na hora da conversa com os filhos, as finanças ainda são um tabu maior do que o sexo e as drogas. Para Pereira, essa dificuldade se explica pelo fato de que os pais de hoje, muito provavelmente, viveram o período de hiperinflação na década de 90. Em tempos de instabilidade, organizar-se financeiramente era quase impossível. Assim, poucos desenvolveram habilidades financeiras. Soma-se a essa dificuldade, o fato de o Brasil ser um país com enorme desigualdade de distribuição de renda, em que um número significativo da população vive excluída dos serviços financeiros (Abramovay, 2004).

No que diz respeito ao status da educação financeira, os temas abordados transpõem o olhar simplista de "é só aprender como utilizar o dinheiro". Nessa área do saber, elaboram-se temas como: a diferença entre querer e precisar, poupar, investir, ganhar com ética, doar e orçamento financeiro, dentre outros aspectos que compreendem o assunto. Tais elementos são desconhecidos até mesmo para boa parte da população adulta. Segundo Reinaldo Domingos (2015), professor, educador e terapeuta financeiro, o momento vivido atualmente – onde boa parte da população vive em meio às incertezas e ausência de propósitos – demonstra ser um cenário apropriado para educar e reeducar financeiramente nossas crianças e jovens. Em sua opinião, para obtermos sucesso, devemos trabalhar com a base da sociedade: a família.

BASE DA EDUCAÇÃO FINANCEIRA

O coração da comunidade, da igreja e da nação é o lar. A felicidade da sociedade, o êxito da igreja e a prosperidade da nação dependem das influências domésticas (White, 2004). Portanto, a estrutura base para se trabalhar o assunto de educação financeira é a família.

É inquestionável que a melhor educação é aquela que fornece o preceito e o exemplo. Para exemplificar, percebemos o valor da paternidade no processo de formação dos filhos, a qual, na leitura cristã, é um privilégio concedido por Deus. A paternidade vem acompanhada de grandes responsabilidades. Entre elas, destaca-se a educação financeira, que conduz os filhos a viverem com dignidade e com qualidade de vida, viabilizando um bom testemunho no uso de seus recursos pessoais. Crianças que foram educadas por seus pais nesse quesito terão mais facilidade em assimilar os conceitos da área. Uma família estabilizada financeiramente demonstra, mediante ao exemplo, o caminho seguro que os filhos também podem trilhar. Nesse sentido, White (2007, p. 134) afirma que os hábitos de economia, trabalho e sobriedade são, mesmo neste mundo, uma porção melhor para os pais e seus filhos do que um rico dote.

QUANDO INTRODUZIR O ASSUNTO

Quando ainda bem jovens, devem os filhos ser ensinados a ler, a escrever e compreender algarismos, de maneira que mantenham a sua própria contabilidade (White, 2008, p. 386). Especialistas no comportamento humano concordam que os primeiros sete anos de vida são os principais na formação do caráter. Valores como obediência, respeito, honestidade, bondade, generosidade, regularidade, perseverança, diligência e muitos outros já foram integrados nessa idade. Após a infância, nem mesmo a ciência secular acredita em mudanças radicais na personalidade.

Estudos na Universidade da Califórnia Riverside (UCR) observaram que o caráter e a personalidade de uma pessoa são estabelecidos, em grande parte, quando ainda são muito jovens. Os traços que irão definir esse indivíduo ao longo de sua vida podem ser claramente identificados quando ele ou ela tiver em torno dos sete anos de idade. Numa nova investigação, os cientistas mostram que, quando começam a ir à escola, as crianças já exibem os traços de personalidade que permanecerão com elas ao longo de suas vidas (Vieru, 2010).

Sendo assim, ensinar e formar as crianças para que tenham bons hábitos financeiros deve começar desde cedo. Dessa maneira, a educação financeira dos filhos deve ser tratada com todo o cuidado que merece, desde os primeiros anos de vida até a maturidade – fase na qual se tornam responsáveis por suas próprias escolhas e decisões. Domingos (2015), por exemplo, afirma que o ensino da educação financeira deve ser introduzido antes da idade de alfabetização. Ele propõe essa abordagem tendo em vista que a criança tem o primeiro contato com o dinheiro por volta dos três anos de idade, momento em que surgem os primeiros pedidos de compra de itens simples, como doces e brinquedos. Já a partir dos sete anos de idade, a criança demonstra habilidade para compreender o funcionamento e o propósito de algum tipo de mesada.

É notório, portanto, que o processo de aprendizado da educação financeira ocorre a partir dos anos iniciais da criança. Os exemplos transmitidos pelos pais e responsáveis servem de paradigma para o desenvolvimento de hábitos

e costumes dos filhos. Além deles, outros familiares e professores também desempenham – conscientemente ou não – esse papel de referência. Sendo assim, é importante lembrar que os educadores e tutores (pais, responsáveis, familiares e professores) devem ter a sensibilidade necessária para perceber o grau de prontidão da criança em relação ao tema. Esse cuidado garante que a aprendizagem ocorra como um processo natural, ainda que intencional, dos responsáveis, respeitando a individualidade de cada criança.

MÉTODO PROPOSTO: A MESADA

O dinheiro dado a criança ou adolescente constitui um meio para realizar seus desejos de consumo ou não, da mesma forma que acontece no universo do adulto. O salário proveniente do trabalho é também um meio para realização de projetos de vida. White (2007, p. 294) aconselha que:

> Se ensine cada jovem e criança não simplesmente a resolver problemas imaginários, mas fazer com precisão as contas de seus próprios ganhos e gastos. Que aprendam o devido uso do dinheiro, usando-o. Quer seja suprido por seus pais, quer seja ganho por eles mesmos, aprendam os moços e as moças a escolher e comprar sua própria roupa, seus livros e outras coisas necessárias; e, fazendo um registro de suas despesas, aprenderão, como não o fariam de qualquer outra maneira, o valor e o uso do dinheiro.

Diversos autores sugerem que os pais utilizem uma das principais ferramentas na educação financeira: a mesada. Por meio dela, diversas lições podem ser aprendidas. A mesada financeira é um valor fixo determinado pelos pais que é dado de maneira mensal ou semanal a uma criança ou adolescente, com o objetivo de ensinar a administrar o valor que ganha.

Quanto devo dar a meu filho? Qual é a melhor idade para começar a dar uma mesada? Devo remunerar de acordo com as tarefas feitas em casa? Essas

e outras dúvidas são comuns quando se decide educar com a mesada. Embora seja um método eficaz, a mesada deve ser introduzida de maneira correta. Isso pode ser feito ao se estabelecer algumas regras para evitar prejuízos futuros, como veremos a seguir.

IDADE

Sobre a idade, a recomendação é que se faça a partir do momento em que a criança tem noção de números, o que geralmente acontece por volta dos seis a sete anos. Antes dessa idade, o assunto deve ser introduzido de uma maneira diferente, que acompanhe o desenvolvimento infantil. Um exemplo é a utilização de moedas e cofrinhos para que a criança comece a desenvolver suas primeiras noções de economia e fidelidade a Deus.

QUANTIA

Sobre a quantidade que deve ser dada, é preciso levar em consideração principalmente a idade e a realidade financeira da família. O fato é que o montante não é o fator mais determinante. O ônus está no aprendizado que, por sua vez, construirá filhos fortes no cuidado com as finanças, cidadãos dignos e obedientes a Deus.

Domingos (2015) sugere que a definição do valor – do montante – deve ser definido a partir da realização de um diagnóstico financeiro dos gastos da criança. Esses gastos devem ser acompanhados e anotados por 30 dias. Se você tem mais de um filho, deve fazer separado, um para cada filho, e refazê-lo a cada ano, pois eles vão assumindo nossas responsabilidades, o que gera novas necessidades. O autor salienta, ainda, que a criança não deve ter o conhecimento acerca desse valor. Esse diagnóstico serve para os pais e responsáveis terem a noção de qual é o custo para cada filho, e assim poder definir as regras da mesada e que despesas serão contempladas pelo valor estabelecido. A recomendação é que 50% do valor auferido se destine ao fomento dos sonhos – de curto prazo (até três meses), médio prazo (até seis meses) e longo prazo (até um ano) – e 50% para as despesas. Retornaremos a essa temática oportunamente.

ACOMPANHAMENTO

Em pesquisa feita pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil – 2015) e Portal Meu Bolso Feliz em São Paulo: somente uma mãe em cada quatro concede mesada aos filhos. No que tange à destinação desses proventos, os dados revelam que: 45,7% são despendidos com lanches na escola; 39,7% com alguma coisa que gostariam muito de ter; 38,7% brinquedos e jogos; 36,8% com livros e revistas.

Das mães entrevistadas, 26% disseram não acompanhar o que os filhos fazem com a mesada e 40% das mães entrevistadas afirmam conceder mais dinheiro aos filhos quando a mesada termina. Segundo especialistas, instituir a mesada não se limita apenas à concessão de determinada quantia ao filho; tendo em perspectiva que o caráter desse recurso é o crescimento saudável e educativo da criança, a mesada, deve, portanto, ser devidamente acompanhada pelos pais. Isso envolve amplo diálogo e o próprio exemplo deles.

Lembrando que é importante trabalhar a conscientização com relação ao ato de poupar para que seja possível a concretização dos sonhos. Mostrar a diferença entre aquilo que é essencial e supérfluo através de perguntas que levem a criança à reflexão. Pergunta-se: eu quero ou eu preciso? "Eu quero", está relacionado a um desejo, algo bom, mas não essencial. Por outro lado, quando "eu preciso", estamos falando de algo que é necessário para sobrevivência. Mais uma vez, é válido reforçar a importância do diálogo na família, um bate-papo que dá abertura para cada um falar dos seus desejos e sonhos e analisar quais seriam as melhores decisões.

POUPAR

Por que devo poupar? Essa pergunta pode surgir em algum momento no processo de educação financeira. Essa é a hora de sentar-se com o filho e pedir que ele visualize seus sonhos. Essa mentalização vai ajudar a definir o ato de poupar como algo prazeroso, e não como um sacrifício. É essencial, após a conscientização acerca dos sonhos almejados pelos filhos, a valorização e o estímulo ao ato poupar, para que seja viável a concretização dos sonhos. Além disso, é de valia que se comemore junto aos filhos as pequenas conquistas.

Desse modo, a criança se desenvolverá com consciência financeira, podendo se tornar um adulto saudável e financeiramente sustentável.

USO DO COFRINHO

O tradicional cofrinho constitui um meio lúdico para ensinar as crianças a poupar. O "cofrinho" é um instrumento pedagógico interessante por duas razões: primeiro, as crianças se divertem e anseiam pelo momento de "quebrar" e contemplar o tesouro guardado; segundo, o dinheiro é acumulado, provocando a percepção de que o ato de guardar é uma via para a "multiplicação" e o aumento do valor. Todavia, se esse cofrinho não possuir um objetivo, ou seja, não estiver atrelado a um sonho, será fácil para a criança gastá-lo. Por isso, faz-se necessário que o ato de poupar esteja atrelado à realização de um sonho (Domingos, 2015).

Para implementar essa consciência financeira na criança de maneira lúdica, Domingos (2015) sugere o uso de três cofrinhos. Um com o nome de CURTO, que deverá ser para os sonhos de até três meses; outro com o nome de MÉDIO, para sonhos de até seis meses; e um terceiro com o nome de LONGO, para aqueles sonhos de até um ano, que requerem um tempo maior para juntar o dinheiro, pois geralmente têm custo mais alto. Esse(s) cofrinho(s), com o passar da idade, podem ser substituídos por uma caderneta de poupança ou outro lugar que se destine os recursos financeiros.

FIDELIDADE

> A mesada é também uma boa oportunidade de desenvolver na criança o hábito de dizimar. É importante que os pais expliquem a origem de todos os recursos e esclareçam que uma parte das coisas que possuímos precisa ser devolvida, pois não nos pertence. Ensinar a criança a confiar em Deus e ser dependente Dele também nas questões financeiras é um dever dos pais (Tostes, 2018, p. 91).

Dessa maneira, entendemos que, como família cristã, a mesada também é uma relevante ferramenta por meio da qual se pode ensinar filhos a dizimar e ofertar. Esta fidelidade faz parte da mordomia cristã e se torna um antídoto ao consumismo. Segundo o pastor Aniel Barbe (2021), um dos objetivos principais da mordomia é nos levar a redescobrir o verdadeiro valor do dinheiro e colocar Deus em seu devido lugar. Nesse momento, é imprescindível a presença e acompanhamento dos pais no auxílio à criança, a fim de que a realização dos cálculos seja fiel e esclarecida à luz dos princípios bíblicos.

O QUE A MESADA NÃO É

Outro ponto que os pais devem atentar é não transformar a mesada em uma moeda de troca por bom comportamento ou boas notas. Essa prática pode acabar associando valores a hábitos, nos quais ato de fazer algo "bom" é motivado apenas pela obtenção da recompensa. Tostes (2018) afirma que existem tarefas que as crianças devem fazer independentemente de remuneração – como guardar os brinquedos e tirar boas notas, por exemplo. A consciência sobre a responsabilidade deve ser desenvolvida, e esta não depende do que a criança vai ganhar por isso.

INTERVENÇÃO PRÁTICA: APLICANDO A TEORIA

A partir das evidências apontadas nas etapas anteriores e dos problemas ocasionados pela falta de educação financeira, desenvolveu-se um programa de conscientização dos pais e responsáveis durante o primeiro semestre de 2022 em diversas cidades do estado do Rio Grande do Sul, que compreende todo o território da Associação Norte Sul-Rio-Grandense da Igreja Adventista do Sétimo Dia. O programa teve por objetivo auxiliar as famílias no processo da organização financeira de seus filhos e formar ou resgatar o hábito da fidelidade a Deus por meio dos dízimos e ofertas. Para lograr esse objetivo, o programa se preocupou em assistir os pais com filhos na faixa etária de zero a quinze anos. As etapas do programa foram as seguintes:

- Etapa 1: os pais receberam, por meio de palestra, conceitos importantes sobre o assunto de educação financeira e da respectiva instrução direcionada aos filhos;
- Etapa 2: os pais foram incentivados e desafiados a implementar os conceitos apresentados – mediante a utilização da mesada – de maneira prática com os filhos. Para viabilizar esse processo, foi apresentado aos pais o projeto Hiper Fiéis, desenvolvido pela igreja. A dimensão lúdica do projeto consiste em uma caixa de MDF contendo quatro envelopes destinados a: mesada, dízimo, pacto e poupar.

Além disso, o projeto não se restringiu a uma ação pontual, mas apresentou continuidade, incentivada por meio de um álbum de figurinhas bíblicas. Após receberem a sua mesada e efetuarem devolução dos dízimos e ofertas, a criança ou o adolescente recebe o álbum com algumas figurinhas. A partir desse momento, a cada devolução, o participante (criança, filho etc.) receberá novos pacotes de figurinhas até a conclusão de todo o álbum.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho refletimos sobre a importância e necessidade de se instituir um programa consistente e periódico de incentivo e conscientização de pais e responsáveis acerca da educação financeira. Para famílias cristãs, é indispensável incluir nessa temática a fidelidade a Deus nos dízimos e ofertas, uma vez que este é um princípio bíblico.

A intervenção prática, realizada semanalmente ao longo de um semestre, não gerou, aparentemente, um retorno imediato. Todavia, por se tratar de um tema complexo, espera-se colher frutos a longo prazo, pois, neste momento, lançam-se as sementes cujo resultados serão colhidos no futuro. Por outro lado, observou-se um interesse crescente dos pais em orientar os filhos quanto ao uso do dinheiro, bem como o despertamento dos filhos ao assunto de finanças no contexto da mordomia cristã.

Espera-se que, ao promover a conscientização e prática da educação financeira desde a tenra idade, rompa-se o círculo vicioso, convertendo-o em um círculo virtuoso. Fomenta-se, assim, nas novas gerações o que alguns

autores denominam de inteligência financeira, transmitindo um legado superior aos bens materiais. Edifica-se, dessa maneira, uma geração que aprendeu a fazer escolhas conscientes e sustentáveis, objetivando a realização de sonhos, desejos e projetos. Uma geração que se mantém fiel a Deus, como sábios mordomos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Finanças sociais:** o Brasil pensa. Foco. Novembro, 2004.

ABDALA, V. Agência Brasil. **Percentuais de endividados e inadimplentes são os maiores em 12 anos.**

Colunista Meu Acerto. **Endividamento entre jovens**: como reverter esse crítico cenário? Exame. Disponível em: https://exame.com/colunistas/meu-acerto/endividamento-entre-jovens-como-reverter-esse-critico-cenario/. Acessado em: 18 mar. 2026.

DOMINGOS, R. **Mesada não é só dinheiro**. São Paulo: DSOP, 2015.

G1 Globo. **Uma em cada quatro mães dá a mesada para os filhos, diz SPC Brasil.** Disponível em: https://g1.globo.com/economia/seu-dinheiro/noticia/2015/11/uma-em-cada-quatro-maes-da-mesada-para-os-filhos-diz-spc-brasil.html. Acessado em: 18 mar. 2026.

OCDE. **Recomendação sobre Princípios e Boas Práticas para Educação e Conscientização Financeira**. Recomendação do Conselho, julho, 2005.

VASCONCELOS, E. **Mesada pode ajudar criança a ser adulto menos consumista.** Disponível em: https://www.terra.com.br/economia/mesada-pode-ajudar-crianca-a-ser-adulto-menos-consumista,c9a174ab446f8410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html. Acessado em: 18 mar. 2026.

TOSTES, A. **Saldo Extra**: como organizar as finanças e garantir seu futuro. Tatuí, SP: CPB, 2018.

VIERU, T. **Our Personality Is Fully Developed By the Age of 7**. Softpedia, 6 ago. 2010. Disponível em: https://news.softpedia.com/news/Our-Personality-Is-FullyDeveloped-By-the-Age-of-7-151093.shtml. Acessado em: 18 mar. 2026.

WHITE, E. G. **A Ciência do Bom Viver**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, E. G. **Conselho Sobre Mordomia**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E. G. **Lar Adventista**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

WHITE, E. G. **Mente, Caráter e Personalidade**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E. G. **Orientação da Criança**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

Seção II

Juventude, identidade e pertencimento

CAPÍTULO 11

11

Juventude e pertencimento: o papel da participação nos cultos na renovação da igreja

Eliane Lopes

A renovação de gerações é um processo natural e esperado, no entanto, é um processo marcado por conflitos. Essas diferenças que, embora naturais, são acentuadas nos costumes e práticas dos indivíduos na sociedade e, que, com o passar do tempo, tornam-se características distintivas. Não distante, no ambiente religioso, também se testemunha as dificuldades de estabelecer um ponto de equilíbrio nessa convivência.

Por vezes na igreja, onde não se consegue estabelecer uma convivência saudável entre a nova geração e as gerações anteriores, a comunidade religiosa acaba sendo conduzida a um esvaziamento da juventude, o que a leva ao enfraquecimento e, até mesmo, à extinção, uma vez que não permanece em renovação. É notório que a explicação para tal fenômeno perpassa por diversos pontos, porém, neste ensaio, será abordada a questão de "fazer parte" – o sentimento de pertencimento a um grupo –, que é necessário para a vida em comunidade. Esse sentimento é nutrido, entre outras formas, com a participação ativa na vida da igreja, contemplando todas as áreas, inclusive, os cultos oficiais, bem como o respeito de ambas as partes, visando à harmonia, já que os dois extremos trazem prejuízos e um risco para a igreja. Tanto os jovens precisam ter seu lugar de fala e suas individualidades respeitadas, como também devem respeitar os adultos, ouvindo-os e buscando uma convivência harmoniosa.

A participação dos cultos é de grande relevância para crianças e adolescentes, pois, além de contribuir na formação do caráter, soma-se no processo formativo do indivíduo, impactando-o durante toda a vida. Tal envolvimento desenvolve habilidades úteis e relevantes tanto na vida espiritual quanto na social e até mesmo profissional. Esse engajamento proporciona o sentimento de pertencimento, que contribui para um maior apreço pelo estudo, valorização e cuidado com a religião. Por todos esses motivos supracitados, sabe-se que a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) autoriza e solicita um envolvimento das novas gerações nos cultos oficiais. Sendo assim, o objetivo é que mais congregações instituam essa prática em seus cultos.

CONCEITOS DE GERAÇÕES

O conceito de gerações está vinculado a uma ideia que permeia, muitas vezes, as análises comportamentais. Essas análises, frequentemente, abarcam a ideia do senso comum: a de "sucessão" entre gerações; tal senso, no entanto, pode prejudicar a compreensão científica do conceito de gerações.

O debate, porém, pode seguir em direção a outros caminhos. Por exemplo, José Ortega Gasset defende a "coincidência" e "sobreposição" em que as gerações desenvolvem uma coexistência parcial. Bauman (2007, p. 373), em outra perspectiva, afirma que: "As fronteiras que separam as gerações não são claramente definidas, não podem deixar de ser ambíguas e atravessadas e, definitivamente não podem ser ignoradas". Dessa forma, constata-se que temos um assunto de importância crucial, visto que carrega a capacidade de promover mudanças significativas na vida coletiva, mas que, no entanto, não é palpável e nem passível de controle.

A partir das reflexões apresentadas, torna-se claro que as novas gerações devem ser configuradas como um objeto de estudo e reflexão, tendo como objetivo uma convivência harmoniosa. Mannheim (2024) chama a atenção para o fato de que o pertencimento a uma geração não pode ser deduzido imediatamente das estruturas biológicas, mas sim das estruturas sociais. Segundo o autor, a situação de classe e a situação geracional apresentam aspectos similares devido à posição específica ocupada pelos indivíduos no âmbito sócio-histórico. Todavia, essa posição gera uma modalidade específica do viver e do pensar, da forma como os membros interferem no processo histórico, ou seja: uma tendência inerente a cada posição, a qual só pode ser determinada a partir da própria posição.

CULTO NA BÍBLIA

A palavra "culto", etimologicamente, provém da palavra em latim *cultu*, que significa "adoração" ou "homenagem a Deus" (Ferreira, 1996). O termo latino *cultu* envolve a raiz "colo", isto é, *colere*, que indica "honrar", "cultivar" etc. Classicamente, os reformados ortodoxos definiram "religião" como *recta Deum colendiratio*, "a maneira correta de honrar a Deus" (Muller, 1995). Nesse

sentido, a tradição cristã parece ter compreendido o significado de culto na Bíblia, uma vez que a instituição do culto, desde os primórdios da Terra, está vinculado a ação compartilhada e direcionada a Deus. Nessa época, "se começou a invocar o nome do Senhor" (Gn 4:26). Em certa medida, pode-se dizer que é nesse momento que o culto formal é estabelecido. A partir daí, a expressão "invocar o nome de Jeová" passa a aparecer com frequência como referência ao culto público, conforme se observa em passagens como Salmos 79:6, 116:17, Jeremias 10:25 e Sofonias 3:9. Ao tratar do tema da adoração, a Bíblia não adota terminologias semelhantes às utilizadas por outras tradições religiosas. Tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento, o culto é apresentado, de modo essencial, como serviço. Do ponto de vista etimológico, o termo liturgia significa "trabalho realizado pelo povo" ou "serviço desempenhado por pessoas". No Antigo Testamento, a adoração seguia normas prescritas e era cuidadosamente regulada, assumindo, portanto, caráter litúrgico. Já no Novo Testamento, encontram-se referências a três modalidades de culto: o culto individual, o culto doméstico e o culto no templo.

CULTO PESSOAL

A adoração é um ato de resposta à ação bondosa de Deus, o qual nos chamou com um propósito muito claro: "Assim, por Jesus, ofereçamos sempre a Deus um sacrifício de louvor, que é fruto dos lábios que confessam o seu nome" (Hb 13:15). Nesse viés, os atos de adoração são expressões de gratidão por tudo o que Deus provê; além de serem manifestações de arrependimento pelos pecados cometidos, constituem, ainda, expressões de fé e fidelidade, bem como testemunhos eloquentes da busca da vontade de Deus. Isso gera progresso, pois provoca a inclusão daqueles que, outrora excluídos por sua condição, encontram nos fiéis cuidado e proteção. Assim ocorreu na igreja primitiva.

CULTO EM CASA

As comunidades eclesiásticas do NT eram constituídas por pequenos grupos de membros. Habitualmente a igreja se reunia no templo (judaísmo) e nas

casas (cristianismo). A palavra grega *oikos* (casa) aparece mais de dez vezes no NT, algumas delas se referindo a um grupo de pessoas que usam uma casa para se reunir periodicamente, como visto abaixo:

- Atos 2:46: a Ceia do Senhor foi celebrada em cada casa em sua refeição;
- Atos 5:42: a casa do convertido era usada como local de culto e ensino, identificando-o como cristão na comunidade;
- Atos 20:20: equilibrando o programa – ensino em público e reuniões familiares;
- Romanos 16:3, 5: Priscila e Áquila recebem um grupo em sua casa. A igreja cristã em Roma era composta por esses vários grupos domésticos;
- 1Coríntios 16:19: enquanto em Éfeso, Áquila e Priscila também acolheram a igreja em sua casa. Percebe-se, portanto, que durante a semana a igreja se reunia nas casas e no dia do Senhor a reunião era realizada em um só lugar: o templo.

CULTO NO TEMPLO

A partir de Atos 20:7, entende-se que o primeiro dia da semana era o período em que a igreja apostólica se reunia para partir o pão – ou seja, para celebrar a ordenança da ceia. Como mencionado em 1Coríntios 10:14–22, toda a congregação se reunia como um ato de fraternidade entre os irmãos. Já 1Coríntios 11:17–22, em perspectiva, demonstra quais condutas deveriam ser evitadas em reuniões dessa natureza. Ainda na epístola aos Coríntios, o apóstolo Paulo os instrui a realizarem sistematicamente suas ofertas no primeiro dia da semana, sugerindo que este era o dia destinado à adoração comunitária (1 Co 16:2). Observa-se, outrossim, que as reuniões regulares da igreja primitiva não detinham propósitos essencialmente evangelísticos, dando ênfase, sobretudo, ao encorajamento e a adoração. É por essa razão que o autor de Hebreus escreve: "Consideremo-nos também uns aos outros para estimular o amor e as boas obras. Não deixemos de nos encontrar, como é costume de alguns; antes, exortemos, e muito mais ao vermos chegar aquele Dia" (Hb 10:24–25). Por serem reuniões públicas, havia momentos em que os incrédulos participavam das assembleia dos crentes, conquanto isso fosse considerado apenas uma possibilidade (1 Co 14:23). De modo correlato, o

evangelismo, segundo o texto de Atos 2, processava-se no contexto da vida cotidiana, à medida que os cristãos proclamavam o evangelho.

CULTO ATUALMENTE

Na atualidade, verifica-se formatos diferentes de cultos que seguem as definições de sua religião. No Brasil, segundo os dados proporcionados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[1], as principais religiões são:

- Católica: na tradição católica, além do culto de adoração dirigido exclusivamente a Deus, denominado *latria*, há também a veneração prestada aos santos, chamada *dulia*, e à Virgem Maria, denominada *hiperdulia*. A missa constitui a celebração da eucaristia. Conforme a doutrina católica, cada missa é entendida como um verdadeiro sacrifício, no qual Cristo ressuscitado se faz presente de forma corporal no altar, sendo oferecido novamente pela igreja a Deus Pai como expiação pelos pecados da humanidade;
- Evangélica: nas igrejas evangélicas, o culto é compreendido como um momento de adoração a Deus. Nas denominações pentecostais e neopentecostais, em geral, não há uma liturgia rigidamente estruturada, e a celebração costuma ocorrer de maneira mais espontânea e informal, normalmente conduzida por um pastor. De modo geral, o culto é composto por duas partes centrais: o momento de louvor, com músicas cristãs, e a pregação da mensagem, além da realização periódica da santa ceia;
- Espírita: é uma religião sem culto externo, sem sacerdócio organizado, sem cerimônias de qualquer natureza, sem intermediários entre a criatura e o Criador. O espiritismo é considerado uma religião cósmica, tendo o amor e a caridade como seus ideais principais;
- Umbanda: as cerimônias e cultos de umbanda são realizados em casas, terreiros e barracões, ou ao ar livre, junto à natureza. Os ritos são presididos por um "pai" ou uma "mãe", responsáveis por ensinar a doutrina aos discípulos.

O adventismo, por sua vez, é reorganizado dentro de uma estrutura evangélica, no entanto, distingue-se devido a sua principal celebração: os cultos

[1] Para mais informações, ver: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pesquisa/23/22107. Acessado em: 08 abr. 2026

aos sábados. De modo habitual, os cultos se iniciam com a Escola Sabatina, na qual pequenos grupos se estruturam para recapitular o conteúdo estudado individualmente durante a semana. A Escola Sabatina caracteriza-se pela versatilidade, e as congregações possuem autonomia para organizá-la conforme as necessidades locais, preservando momentos de louvor, oração, aprendizado e testemunho missionário, tanto no regime local quanto no internacional. O rito segue o formato típico do serviço evangélico, tendo o sermão como parte central, além de louvores instrumentais, leitura bíblica, oração e recolhimento de ofertas.

ADOLESCENTES E O CULTO

A religião é o grande princípio a ser incutido; pois "o temor do Senhor é o princípio da sabedoria" (Pv 9:10). É necessário que os cultos sejam tão aprazíveis quanto possível, evitando-se extensões cansativas que incutem nos jovens uma visão da religião como algo desinteressante. No contexto adventista, para que os momentos na capela e as reuniões sabatinas não se tornam exercícios formais e enfadonhos, é essencial que o professor possua piedade ativa e seja vivificado pelo Espírito de Deus. Um princípio norteador, tendo sua base na igreja primitiva, é o deleite de pertencer a uma comunidade. A partir dessa mentalidade, entende-se que as ocasiões sociais devem ser dirigidas para proporcionar não apenas proveito espiritual, mas real prazer (Wainwright; Tucker, 2006).

Dessa forma, não podemos desconsiderar as características das novas gerações ao compormos um culto onde a presença deles é efetiva. A necessidade de proporcionar uma linguagem, um ambiente e uma doxologia é natural e urgente; pois esses fatores são, irremediavelmente, as bases de uma experiência religiosa sólida e envolvente.

LITURGIA NA IGREJA

A igreja adventista opera de forma colegiada, reunindo-se em comissões nas quais são estabelecidos votos que regem o seu funcionamento em todas as áreas, tendo como documento principal o: *Manual da Igreja*. Esse texto

normativo da igreja existe em seu formato atual desde 1932, descrevendo a operacionalidade e as funções de igrejas locais, bem como o seu relacionamento com a estrutura denominacional, na qual estão reunidos seus membros.

Além do manual, votos que contemplem a maioria são realizados de forma escalonada, todas as vezes que necessários. Dentro desses votos, a igreja estabeleceu orientações para a realização dos cultos, como visto a seguir (Tabela 1):

Tabela 1 – Formas do Culto[2]

Ordem de Culto Mais Longa	Ordem de Culto Mais Curta
Prelúdio Musical	Anúncios
Anúncios	Hino
Entrada dos participantes	Oração
Doxologia Invocação (oração)	Oferta
Leitura das Escrituras	Hino ou música especial
Hino de louvor Oração	Sermão
Cântico ou música especial	Hino
Oferta Hino de consagração	Bênção
Sermão	Congregação fica em pé ou sentada para alguns momentos de oração silenciosa
Hino	
Bênção	
Congregação fica em pé ou sentada para alguns momentos de oração silenciosa	
Poslúdio musical	

Fonte: adaptado pela autora.

[2] As formas do culto variam de um país para outro e de uma cultura para outra, além de, em certas igrejas, ser organizado para atender ao projeto local. Para mais informações, ver: IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. *Manual da Igreja*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015. p.178–189.

REALIDADE NA IGREJA

Diante do exposto, cabe agora apresentar uma parcela da realidade da IASD. Na experiência da autora, identificaram-se, via formulário aplicado a 50 líderes distribuídos entre os estados da Bahia e Sergipe, as atividades e a presença de adolescentes na IASD:

- Registra-se uma média de vinte juvenis e adolescentes frequentes na igreja;
- Nos locais pesquisados, constatou-se que 50% apresentam uma participação frequente das novas gerações na doxologia dos cultos oficiais; nos outros 50%, embora esse envolvimento exista, ocorre em uma frequência reduzida, limitando-se a uma ou duas vezes por trimestre. Tal dado revela uma participação incipiente, contudo, já demonstra um despertamento para a necessidade de manter essa geração ativa nos cultos eclesiásticos;
- Entre as atividades desempenhadas estão: recepção, louvores, orações e sermões. Dentre essas incumbências, a música ocupa a maior frequência, ressaltando que a musicalidade representa uma oportunidade fidedigna de engajamento com as novas gerações. Iniciativas inspiradoras, como as do Projeto Fé, situado na cidade de Teixeira de Freitas, envolvem as crianças de forma orgânica em todos os cultos. A igreja busca, no universo infanto-juvenil, formas de envolvimento que atendam às necessidades da criança, ao mesmo tempo em que beneficiam a instituição. O mesmo ocorre com a igreja central de Itabuna, que costumeiramente escala juvenis e adolescentes para participarem da doxologia do culto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depreende-se, por intermédio desse breve ensaio, a importância de envolver as novas gerações nos cultos oficiais da igreja. Importância esta que exerce um benefício de mão dupla, tanto na direção das crianças e adolescentes bem como para o engajamento da igreja. Ocorre que, em alguns lugares, a visão de que as novas gerações podem tumultuar, inovar de forma desordenada ou até mesmo multiplicar o trabalho, traz para a igreja a triste realidade de não ter esse envolvimento intergeracional. Contudo, essa concepção cada

vez mais é superada e crescem iniciativas de valorização e oportunidade de envolvimento para as novas gerações, levando, assim, a igreja a cumprir seu papel de levar o evangelho a toda criatura.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. Between us, the generations. Em: LARROSA, Jorge (ed.). **On generations**: on coexistence between generations. Barcelona: Fundació Viure i Conviure, 2007. p. 365–376.

MANNHEIM, K. El problema de las generaciones. **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, *[S. l.]*, n. 62, p. 193–242, 2024. Disponível em: https://reis.cis.es/index.php/reis/article/view/1980. Acessado em: 9 abr. 2026.

FERREIRA, A. **Novo Dicionário Aurélio de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1996, s.v. "cultu".

MULLER, R. **Dictionary of Latin and Greek Theological Terms:** Drawn Principally from the Protestant Scholastic Theology. Carlisle, United Kingdom: Paternoster Press, 1985, s. v. "cultus".

WAINWRIGHT, G.; Tucker, K. B. W. **The Oxford history of Christian worship**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

CAPÍTULO 12

12

As novas gerações em uma igreja intergeracional

Marcelo Eduardo Quiñones

A ideia de uma igreja para todas as idades implica na visão de uma igreja integrada por diferentes gerações[1], considerando que uma geração não é simplesmente um conjunto de pessoas que nasceram na mesma época, mas sim um conjunto de pessoas que compartilharam as mesmas experiências de vida num mesmo intervalo temporal (Novaes, 2018). Portanto, uma igreja multigeracional deve compreender um conceito básico de convivência.

De acordo com Novaes (2018), a promoção de trocas entre gerações exige a aceitação das realidades contemporâneas e das diferenças entre os grupos de idade. A consciência das habilidades específicas de cada fase da vida permite que a cooperação e a solidariedade ocorram de forma autêntica, aproveitando o potencial máximo de cada indivíduo dentro do seu contexto geracional. Ora, essa integração não é uma realidade no devir da igreja, o que leva a grandes deserções da membresia, sobretudo dos jovens.

Com base no exposto, cabe perguntar: como deveríamos abordar a problemática da apostasia juvenil sem segregar a igreja por faixa etária e, ao mesmo tempo, atender à grande necessidade de discipular e evangelizar as novas gerações com pessoal idôneo?

O presente ensaio pretende fornecer orientações para que a igreja conviva de maneira harmoniosa, com uma saudável relação intergeracional.

BASES BÍBLICAS PARA UMA IGREJA INTERGERACIONAL

O conceito observado nas passagens bíblicas é o de um povo, uma instituição corporativa interconectada. John McVay (2015, p. 38) o explica detalhadamente ao apresentar as "metáforas bíblicas da igreja". O referido estudo apresenta cinco metáforas para entender o conceito de unidade integrada na igreja:

1. Corporal: a igreja como um corpo;
2. Agrícola: a igreja como uma planta/campo/vinha/videira;
3. Arquitetônica: a igreja como um edifício/templo;

[1] Neste ensaio, o conceito de gerações difere daquele composto por avós, pais, filhos e netos e está relacionado a grupos da sociedade, de acordo com Wasiek (2009).

4. Marcial: a igreja como um exército;
5. Familiar e marital: a igreja como família e esposa.

Essas metáforas ajudam a compreender a integração de cada elemento que forma a imagem da igreja. Ou seja, a igreja é formada por vários membros, e todos são necessários. Todos têm suas funções particulares e, separados da instituição, não cumprem nenhuma função corporativa; exercidas exclusivamente, produzem um desequilíbrio no crescimento – a ponto de poder lesionar o corpo todo.

O problema que McVay (2015, p. 58) aponta é que a igreja, em seu desenvolvimento histórico, foi comparada metaforicamente com outros elementos que distorciam seu propósito: "A igreja refletiu sucessivamente modelos feudais, imperialistas, colonialistas, democráticos ou imperiais". Talvez esse tenha sido o motivo de a igreja se dividir em ministérios que não se relacionam entre si, nem formam um evangelismo integrado.

Atender a igreja por setores poderia levá-la à fragmentação e ao enfraquecimento. Isso não é um ataque aos ministérios diversos segundo os dons, mas sim aos "ministérios divisores". Criar ministérios focados em uma geração particular e excluir o restante da igreja, como desarticulado desse outro ministério, não fala de um corpo integrado, mas sim de um arquipélago de ministérios[2].

Ao longo da história do cristianismo, trabalhou-se para levar uma mensagem unificada a todas as gerações que conviviam na época; no entanto, nos últimos anos, foi dada ênfase em atender os membros "importantes" da igreja – e, consequentemente, evangelizar – segundo essa faixa etária. Os pioneiros da América do Sul faziam evangelismo pensando nos adultos, e isso fez com que o evangelismo intergeracional fosse descuidado de modo que, hoje, a igreja prioriza o critério dos adultos sobre o das crianças e dos jovens. Os cânticos, a vestimenta, o mobiliário, a liturgia, entre outros, foram

[2] As diferentes gerações são uma realidade, mas todas se necessitam mutuamente e não são inimigas. Os jovens precisam da experiência, longevidade e fé daqueles que caminharam por um pouco mais de tempo na vida. E a geração mais velha precisa da vitalidade, criatividade, inovação e ousadia dos jovens (Méndez, 2019).

transmitidos de geração em geração, assumindo que essa era a forma correta de fazer evangelismo bíblico[3].

Essa rigidez acabou causando estranhamento nas crianças e adolescentes. A solução encontrada, em vez de flexibilizar, foi dividir a igreja em "gerações"[4], priorizando umas em detrimento de outras, indo contra o modelo bíblico (Dt 6; Sl 78:1–7). Assim, a maior responsabilidade em relação às crianças recaiu sobre suas respectivas famílias.

Este ensaio pretende conduzir um estudo rumo ao equilíbrio entre uma sociedade que oferece mais espaço e oportunidade aos jovens e uma igreja que valoriza a opinião e o conceito dos adultos.

Tome-se o seguinte exemplo: é comum que o assunto sobre "mudanças" ou adaptações na igreja que favoreçam os jovens costuma desagradar os adultos e aqueles de idade mais avançada. No entanto, há uma realidade que estes não consideram: caso haja alguma mudança que contextualize a igreja aos tempos atuais, os adultos não abandonarão a comunhão. Talvez reclamem e se queixem, mas dificilmente vão desertar; porém, se não houver mudança na igreja, é extremamente provável que a taxa de apostasia dos jovens continue crescendo.

É necessário enfatizar que o objetivo não é desenvolver um ministério excludente e isolado, mas sim um que faça parte de uma igreja multigeracional5. Deve-se considerar que uma comunidade intergeracional é parte da visão divina. Em Tito 2:1–15, isso fica evidente de forma mais detalhada e sistemática.

Paulo recomenda ao jovem discípulo que "fale da sã doutrina" (v. 1): a) aos homens idosos (v. 2); b) às mulheres idosas (v. 3); c) às mulheres jovens (v. 4), d) aos jovens (v. 6) e e) aos servos (v. 9). Ou seja, a mensagem é multigeracional.

[3] "Usar terno ou cantar hinos europeus não é uma doutrina; alguns poderão sentir-se bíblicos ao fazê-lo [...], ter um pedaço de tecido pendurado no pescoço chamado gravata não tem nada a ver com a Bíblia, tem apenas a ver com tradições humanas provenientes do movimento missionário do século passado" (Leys, 2019, p. 6).

[4] Há quem pense que os rótulos geracionais são uma estratégia de marketing para direcionar suas vendas.

[5] Na atualidade pode-se perceber uma problemática dentro de uma igreja que não envolve todas as gerações, ou de um ministério jovem que só pretende atender aos jovens sem incluí-los e envolvê-los com o restante da membresia. Leys enfatiza essa ideia dizendo que, para reduzir o número de filhos que saem da igreja, devemos chegar a uma "aproximação intergeracional mais do que uma focada apenas em um segmento" (Leys, 2019, p. 7).

Um ensinamento/exortação para todos e, ao mesmo tempo, para cada grupo em particular[6].

PERDENDO AS NOVAS GERAÇÕES

Embora o modelo bíblico seja integrador e inclusivo, na atualidade percebe-se uma grande apostasia de jovens, sobretudo devido ao descuido da igreja para com essa geração[7]. Existem muitas razões pelas quais as pessoas abandonam a igreja, mas a falta de uma atmosfera positiva e estimulante encontra-se, provavelmente, no topo da lista. As pessoas vêm à igreja não apenas para adorar ao Senhor; vêm para sentir-se parte de uma família. Esse fenômeno é muito mais importante entre os jovens.

Leys (2019, p. 8) apresenta uma série de inquietações pertinentes a esse assunto:

> Mas por que tantas crianças que alguma vez passaram por uma igreja cristã já não se congregam? Por que tantos filhos de bons cristãos decidem virar as costas para a fé de sua família? Por que tantos adolescentes que participam das reuniões e se emocionam com as músicas tomam depois decisões que vão contra o que pregamos? Por que não há mais e mais millenials chegando às nossas congregações se somos o sal da terra, a luz nas trevas e os portadores do verdadeiro segredo para uma vida abundante?

Nota-se que as igrejas têm jovens que nasceram em lares cristãos – em alguns casos de segunda, terceira e até quarta geração –, que conhecem as Escrituras, que evitaram o sofrimento que produzem as más decisões vinculadas ao pecado e que, em geral, levam uma vida digna. Contudo, ao chegarem

[6] Algo semelhante é descrito em 1Timóteo 5:1–2 a respeito de como tratar as pessoas das igrejas: a) os homens idosos (v. 1); b) os jovens (v. 1); c) as mulheres idosas (v. 2); d) as mulheres jovens; e) as viúvas, conforme sua idade (v. 5–14).

[7] Cabe destacar que por muitos anos essa geração foi desatendida pela igreja, mas nos últimos tempos a sociedade a empoderou tanto que eles escolhem a vida que lhes é oferecida fora da igreja, a ponto de nem sequer considerar que estão fazendo algo errado.

à etapa em que começam a experimentar independência de seus pais, questionam profundamente sua fé. Como a crença que possuem foi adquirida por transmissão de informação, e não por vivência própria, essa fé herdada não é suficiente para enfrentar os desafios que a vida lhes apresenta (Valerga, 2019). Se não encontrarem na igreja um grupo de companheiros com quem possam se identificar, uma comunidade que os aceite, acolha e acompanhe nesse processo, assim como líderes que os amem incondicionalmente, é provável que optem por se afastar. Isso vai além de sua identidade com Jesus e da compreensão doutrinal, tem a ver com aceitação.

Visando algum tipo de solução, vários líderes de jovens quiseram "barrar a saída" promovendo entretenimento com instrumentos antes mal vistos pelos conservadores, instalando telas de LED e luzes coloridas. Entretanto não é isso que as novas gerações precisam para permanecer na igreja[8].

Em seu livro *Quando seus filhos se afastam de Deus*, Dorothy Watts apresenta, em um de seus capítulos, a necessidade de trabalhar no fortalecimento das relações interpessoais e expõe de que maneira isso ajudaria na saúde emocional de uma igreja que teria baixa evasão de nossos filhos.[9]

Por sua vez, David Kinnaman (2013), em sua excelente obra *Me perdieron* [trad. Me perderam], mostra como muitos jovens cristãos vão se desconectando da igreja à medida que vão "amadurecendo" e se tornando adultos[10]. Esse fenômeno não acontece pela vontade dos pais. O problema é que muitas vezes estes não compreendem seus filhos nem sabem como guiá-los para que permaneçam na igreja. Por isso, é necessário desafiar os líderes a renovar as instituições a fim de satisfazer as profundas necessidades espirituais da nova geração. Com isso em mente, Kinnaman (2013, p. 36) propõe o questionamento:

[8] "A parte mais importante de uma reunião nunca foi o sermão e muito menos a música, e disso os millennials se deram conta. O millennial não se surpreende com as telas e as luzes: fora da igreja há eventos produzidos de maneira muito melhor. Spotify e YouTube podem nos dar a experiência de ter boa música, excelentes encenações e sermões mil vezes melhores do que os que podemos ouvir na igreja; o que o virtual não provê é a experiência completa do que é uma comunidade. O mais importante de uma reunião são as relações, é estar juntos, é saber-se pertencente a algo maior" (Soto, 2019, p. 17).

[9] Fortalecimento das relações interpessoais mediante afirmação e apreciação, comunhão escrita, lembranças, celebrações especiais, conversação e riso, presença pessoal e ações bondosas (Watts, 2010)

[10] Cerca de 60% dos jovens que frequentavam a igreja quando adolescentes a deixaram após o ensino médio. Especificamente entre dezoito e vinte anos Kinnaman (2013, p. 22) os considera como o "buraco negro da frequência à igreja".

"Como a sua igreja e o seu ministério podem expandir e refinar a visão de cultivar uma fé duradoura em cada geração?

É importante considerar que os jovens não se formam sozinhos. As novas gerações são o resultado das gerações anteriores. E o mais provável é que convivam três ou quatro gerações em uma mesma igreja, em um mesmo lar, e isso condiciona as ações e decisões dos jovens.

O problema surge quando a nova geração não compreende por que a anterior quer que ela viva uma religião que não está em sintonia com seu contexto sociocultural. A nova geração está vivendo em uma nova realidade tecnológica, social e espiritual, e muitas vezes se sente pressionada a ser o estereótipo proposto pelas antigas gerações[11].

Embora tenhamos certeza de que Deus está mais interessado e ocupado na salvação da juventude atual do que nós estamos, não obstante, devemos nos comprometer a entender nossa cultura atual para sermos tradutores eficazes de nossa fé para as novas gerações. A igreja deve atualizar-se para compreendê-los, não para estar na moda, mas porque atualizar-se é parte de uma igreja orgânica, viva e crescente (Leys, 2019).

Todos os jovens precisam de um grupo para ter um senso de pertencimento, que lhes dará um senso de identidade. Pode-se dizer que eles transferem para o grupo de amigos a dependência – identidade e pertencimento – que antes tinham de seus pais. Os jovens começam a fixar identidade e personalidade em algo que os faça sentir mais representados e, ao não encontrar esse algo na igreja, ou ao descobrir a hipocrisia na religiosidade, afastam-se dela, embora não necessariamente deixem de crer no que aprenderam. Kinnaman registra vários testemunhos que respaldam essa afirmação. Entre eles pode-se apresentar o de Kelly, um jovem que declara: "Nunca perdi minha fé em Cristo, mas perdi a fé na igreja"(Kinnaman, 2013, p. 27).

Ora, por que então fala-se dos jovens, de sua falta de identidade com a igreja, o Senhor e sua missão – o que os leva a uma deserção ou a uma convivência

[11] "A transmissão da fé de uma geração para a seguinte depende do processo desordenado e por vezes defeituoso dos jovens de encontrar significado para suas vidas nas tradições de seus pais. Precisamos buscar novos processos, uma nova mente, que dê sentido à fé de nossa nova realidade" (Kinnaman, 2013, p. 41).

desinteressada, despreocupada e sem compromisso com a igreja – quando o problema parece estar enraizado no espaço que encontram na igreja?

Essas presunções, segundo Somoza (2016), levantam uma série de desafios sobre como ajudá-los a ser cristãos sem deixar de ser jovens e como auxiliá-los a ser efetivamente jovens cristãos. A autora indaga como fazer com que se integrem à igreja para que nela encontrem uma comunidade de desenvolvimento integral, e de que forma se pode ensinar os valores cristãos e o estilo de vida desejado por Cristo neste difícil momento pós-moderno. Por fim, questiona como ajudá-los a confirmar sua identidade em Cristo.

A falta de identificação com a igreja, com Cristo e sua missão não é de responsabilidade exclusiva do jovem. Assim como o número de jovens que se afastam do meio religioso e do Salvador não é de responsabilidade exclusiva da igreja. A responsabilidade de cuidar uns dos outros recai sobre todos, e é necessária conscientização geral a esse respeito.

Os adolescentes e jovens que estão descobrindo a fé integram-se às igrejas em que se sentem compreendidos e não julgados pelos adultos (Kinnaman, 2013). Quando um jovem se aproxima da igreja, o faz buscando um grupo ao qual pertencer, um lugar onde possa estabelecer laços profundos, amizades e encontrar acolhimento. Valerga (2019) afirma que "quando a igreja trabalha em conjunto para oferecer o que eles estão buscando, então eles encontram nela o que ninguém mais pode lhes oferecer. Dessa forma, recebem ajuda para crescer e amadurecer".

A carência de modelos de referência é um dos elementos fundamentais que afetam negativamente a integração dos jovens à vida da igreja. Os adultos, de alguma forma, tornaram-se suspeitos para essa geração; os jovens duvidam das intenções dos mais velhos e de atitudes contraditórias que os desanimam em seu caminhar com o Senhor. Isso se deve, em parte, a estilos de liderança obsoletos e individualistas, e porque os jovens percebem que os adultos estão mais interessados em fazê-los participar de seus projetos ministeriais do que em suas vidas juvenis.

Para concluir, Samoza (2016) apresenta, entre vários princípios importantes, uma forma de ensinar valores cristãos aos jovens. Para ela, a permanência

do adolescente na igreja está diretamente ligada ao sentimento de pertencimento, o que exige que a comunidade supere a barreira do preconceito contra a estética e os hábitos juvenis. Muitas vezes o jovem enfrenta um ambiente de censura à sua identidade, quando deveria encontrar um espaço de escuta e diálogo. Ao substituir a crítica pela participação ativa e pelo reconhecimento dos dons desses jovens, a igreja não apenas os integra, mas também se renova através da criatividade e do entusiasmo próprios dessa fase, permitindo que todas as gerações construam juntas um estilo de vida pautado nos valores cristãos.

MENTORIA DAS NOVAS GERAÇÕES

Sob esse pano de fundo, percebe-se a dificuldade de liderar a nova geração, devido aos vários aspectos nos quais é necessário se reinventar. É uma missão que requer não apenas tempo e talento, mas, sobretudo, visão e dedicação contínuas.

Os clubes de futebol, por exemplo, trabalham para obter resultados imediatos, mas ao mesmo tempo pensam em como poderão crescer e ganhar mais no futuro. Para isso, investem nas novas gerações, ou "categorias de base", como costumam ser chamadas. Esse grupo de crianças, adolescentes e jovens está sendo formado para que, ao chegarem ao início de sua juventude, estejam em condições físicas, mentais, sociais e no nível de habilidade necessário para competir profissionalmente. Trabalhar com essas gerações é parte do propósito de seus treinadores-líderes, que deverão discernir as qualidades, atitudes, aptidões e destrezas dos jogadores. Avaliarão a inteligência e maturidade emocional deles, seu trabalho em equipe e a capacidade de obedecer e de ser liderado, a fim de que sejam úteis à causa do clube e, quem sabe, algum dia eles mesmos poderão ser treinadores.

A igreja precisa trabalhar na formação de líderes que atendam a essas novas gerações, e não apenas se concentrar em estudar como se formaram, por que e quando. Se não trabalharmos por uma mudança geracional, a igreja passará a ser um movimento que será mais histórico do que ativo (Leys, 2017).

Com esse pensamento é que deve-se recrutar os líderes que ajudarão a forjar uma igreja que se perpetue até que Cristo venha. Esses líderes serão desafiados a realizar algo além do comum, mas colherão com alegria os resultados de seu trabalho: "aqueles que investem sua vida em formar opiniões e forjar o caráter das novas gerações são espiões na terra do amanhã, artesãos do futuro e arquitetos da mudança" (Leys, 2017, p.18).

O principal foco não deve ser tanto na visão, mas no processo. Ou seja, é necessário planejar a longo prazo e ter uma estimativa de metas a alcançar ao final de um determinado período. Não apenas metas gerais da igreja, mas metas individuais que o jovem possa imaginar para si mesmo daqui a dez anos, por exemplo. Hesselbein (2012, p. 395) apresenta uma lista de objetivos a se considerar para enfrentar os próximos dez anos, pois "construir uma organização sustentável é uma das principais responsabilidades de um líder". E as novas gerações são mais do que uma organização: são uma instituição (familiar).

Ora, pensar nos próximos anos querendo conservar aspectos culturais e modismos antigos é pôr freios na pista. Os grandes conquistadores e governantes, como Alexandre Magno e vários imperadores romanos, eram famosos por sua tolerância com os costumes locais dos territórios conquistados, permitindo-lhes conservar parte de suas crenças culturais e religiosas, mas sempre e quando estas se submetessem aos "princípios" do conquistador. É isso que empresários chamam de adaptabilidade sem comprometer a autenticidade: "Acomodam sua verdadeira identidade ao contexto da organização de tal maneira que se ajuste – e, se necessário, que mostre respeito ou ao menos tolerância – à cultura existente" (Goffee; Jones, 2012).

Por isso, pensar em novas gerações tendo líderes antiquados e obsoletos, que não são o modelo-referente de que precisam, é ir contra a corrente. Isso ocorre porque, na visão de Kouzes e Posner (2012), o conhecimento técnico é insuficiente se não houver um exemplo visual a ser seguido; sem figuras que personifiquem a excelência, qualquer esforço de capacitação acaba se tornando inútil.

Talvez, por isso, seja possível constatar que uma das problemáticas para formar novas gerações são os líderes que as moldarão e que se moldarão a

elas. À título de exemplo, mais do que querer impor suas normas e condutas, Benjamin Disraeli defendia que a contribuição mais valiosa de um líder não reside simplesmente em oferecer suas próprias virtudes ou conhecimentos, mas em capacitar o outro a descobrir as riquezas e talentos que já possui. Sob essa ótica, o líder deve ser capaz de enxergar o potencial latente nos jovens, atuando como um facilitador para que eles próprios o desenvolvam.

Prensky, um dos gurus da educação contemporânea, cunhou o termo "nativos digitais" para referir-se às novas gerações, àqueles que nasceram plenamente na era digital (Ortiz, 2017, p. 13). Essa geração é completamente distinta daquela de seus líderes; por isso, se nosso intuito é atendê-los, guiá-los e liderá-los no discipulado, é necessário entender que os adultos que são os "estranhos", "imigrantes digitais". Portanto, devemos contextualizar-nos a eles para poder ensiná-los. Muitas vezes estamos mais preocupados em transmitir nossa cultura e liturgia do que em compartilhar nossa experiência espiritual. Estamos mais preocupados em mudar os jovens do que em levá-los a ter uma experiência espiritual com Jesus.

Embora os jovens de hoje tenham maior acesso à informação do que o tinham as gerações anteriores, "ter mais informação não implica necessariamente ser mais sábio. Esta é, certamente, a geração mais informada, mas menos formada em termos de caráter, valores e princípios" (Ortiz, 2012, p. 18). Por tal motivo, devemos estar em sintonia com as novas gerações para ajudar em sua formação em meio a toda a informação que recebem.

A preocupação se agrava quando se percebe que, durante o processo de formação de uma nova geração, é necessário que esta conviva (sobreviva) com duas ou três gerações a mais dentro da mesma igreja. O desassossego em relação à convivência intergeracional não é exclusiva do âmbito eclesiástico, tem sido motivo de estudo nas áreas empresarial, trabalhista, acadêmico, entre outros (Rius, 2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi apresentado, pode-se considerar que, para que exista harmonia na convivência intergeracional, deve-se ter em conta o princípio

bíblico de uma liderança para todas as idades. Tendo em conta a responsabilidade, em primeiro lugar, da família em transmitir de geração em geração as lições aprendidas.

Essa orientações são essenciais para mitigar a apostasia dos jovens, exacerbada pelos sentimentos de exclusão, incompreensão e rejeição da família de fé. Assim, suprirão sua necessidade de identidade e pertencimento em grupos nos quais se sintam bem-vindos e encontrem um espaço para potencializar suas virtudes.

Para colocar um freio na apostasia e melhorar os resultados evangelísticos nas novas gerações, precisam-se de líderes que saibam como tratar as novas gerações: que saibam navegar no mundo pós-moderno para acolher e aconselhar nossos jovens, e apresentar métodos atraentes no evangelismo. Líderes que sejam mentores e desenvolvam o discipulado nas novas gerações. Portanto, a igreja deverá trabalhar mais no recrutamento, capacitação e motivação de líderes para as novas gerações do que em tentar entendê-los.

A partir dessa pesquisa, foram levantadas várias inquietações que merecem um posterior estudo mais aprofundado:

1. As igrejas percebem com clareza qual é o processo necessário para formar uma nova geração de líderes cristãos que possam conduzir o povo a um encontro com Jesus?

2. Existe um estudo que ajude a prevenir os choques geracionais, ou a amortecer o impacto na participação protagonista de cada uma das gerações dentro do mesmo âmbito da igreja?

3. De que maneira as diversas gerações que fazem parte da igreja podem conviver harmoniosamente no mesmo culto?

REFERÊNCIAS

DOS SANTOS, L. **Ética e Filosofia Cristã**. Curso de Pós-graduação; MBA em Liderança com Ênfases no Estudo das Novas Gerações. Guarulhos, setembro 2018.

ESTEVES, L.; ABRAMOVAY, M. **Juventude, juventudes:** pelos outros e por elas mesmas. UNESCO, Brasil, 2008.

GRENZ, S. **Pós-modernismo:** um guia para entender a filosofia do nosso tempo. São Paulo, Edições Vida Nova, 1997.

HESSELBEIN, F. **Hesselbein on leadership**. São Paulo, Editora Futura, 2012.

KINNAMAN, D. **Me perdieron:** por qué hay jóvenes cristianos dejando la iglesia y repensando su fe. São Paulo, Editora Vida, 2013**.**

KIŠ, M. Estilo de vida y comportamiento cristiano. Em: REID, G(ed.). **Tratado de Teología Adventista del Séptimo Día**. Florida: ACES, 2009.

LEYS, L. A igreja do século XXII. **Líder 625**, edição XII, ano 3, n. 3, 2019. p. 5–9.

LEYS, L. **Liderazgo Generacional.** Dallas: E625, 2017.

MARISCAL, C. **Ética y religión en la España reciente**. Tese (Doutorado), –Universidade de Castilla-La Mancha, Cuenca, 2007.

McVAY, J. Metáforas bíblicas de la iglesia: módulos para la construcción eclesiológica. In: RODRÍGUEZ, Á(ed.). **Mensaje, misión y unidad de la iglesia**. Florida: ACES, 2015. p. 38-59.

NASH, R. **Worldviews in Conflict:** Choosing Christianity in a World of Ideas. Grand Rapids: Zondervan, 1992.

NOVAES, A. **As novas gerações na literatura acadêmica**. Em: Curso de Pós-graduação; MBA em Liderança com Ênfases no Estudo das Novas Gerações. Guarulhos, maio 2018.

NOVAES, A.; CARMO, F. **O Adventista e a Cultura Pop**. Engenheiro Coelho-SP: Unaspress, 2017.

ORTIZ, Félix. **Las nuevas generaciones y el mundo digital**. [S.l.: s.n.], 2017.

RIUS, Mayte. Choque de generaciones en el trabajo. **La Vanguardia**, 2010. Boletín de Factor Humà. Sólo Consultores en Cambio, 2012. Disponível em: https://factorhuma.org/attachments_secure/article/11575/annex_Nuria_Povill.pdf. Acessado em: 20 abr. 2026.

SENTRANDEU, José G. **Adolescente y su visión sobre la religión**. Disponível em: http://es.catholic.net/op/articulos/48130/cat/141/adolescentes-y-su-vision-sobre-la-religion.htm. Acessado em: 20 abr. 2026.

SOMOZA, A. R. Culturas, adolescentes y valores cristianos I. **E625**, 2016. Disponível em: https://e625.com/culturas-adolescentes-y-valores-cristianos-parte-i/. Acessado em: 20 abr. 2026.

STONE, L. J.; CHURCH, J**. El adolescente de 13 a 20 años**. Buenos Aires: Paidós, 1968.

UNESCO. **Cultura.** Disponível em: http://www.unesco.org/new/es/mexico/work-areas/culture/. Acessado em: 20 abr. 2026.

VALERGA, Sergio. Uma igreja que abraça as novas gerações. **E625**, 2019. Disponível em: https://e625.com/una-iglesia-que-abraza-a-las-nuevas-generaciones/. Acessado em: 20 abr. 2026.

WASIEK, C. Hacia una sociedad para todas las edades: experiencias latinoamericanas de relaciones intergeneracionales. **Red Latinoamericana de Gerontología**, 2009. Disponível em: https://www.gerontologia.org/hacia-una-sociedad-para-todas-las-edades/. Acessado em: 20 abr. 2026.

WHITE, E. **Testemunhos seletos. v. 1**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004

WHITE, E. **Mente, caráter e personalidade. v. 2**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007

CAPÍTULO 13

13

Uma igreja significativa: a importância de "traduzir" a fé para as novas gerações

José Antonio Manzanares Sipión

A Igreja Adventista do Sétimo Dia viu a luz em meio a uma realidade social muito definida, a saber, a época vitoriana estadunidense. Os pioneiros usaram métodos que foram significativos para as pessoas daquela época, visto que atendiam necessidades identificadas. Essa mesma forma de "fazer igreja" teve sucesso ao longo dos anos em diversos lugares do mundo, razão pela qual a igreja experimentou notável crescimento.

A fonte de inspiração para o crescimento da Igreja tem sido, sem dúvida, a "Grande Comissão", localizada em Mateus 28 e Marcos 16. Essa comissão dada pelo próprio Jesus Cristo consta de dois imperativos claros: o primeiro é "μαθητεύσατε" (mathēteusate), que se traduz como "fazei discípulos" (Mateus 28:19), e o segundo é "κηρύξατε" (kēruxate). Esta palavra deriva de "κηρύσσω" (kērusso), verbo que no Novo Testamento se usa quase que totalmente para o ato de pregar o evangelho. Atendendo a este imperativo o mundo ouviu ao longo da história a voz de homens, mulheres e até crianças que se levantaram para proclamar o evangelho. Em diferentes lugares centenas de milhares subjugaram seus corações como resultado do trabalho missionário da Igreja.

Porém temos sido testemunhas de profundas mudanças no mundo; o surgimento de novas características sociológicas; o massivo desenvolvimento da tecnologia; o acesso ao conhecimento e a vias de comunicação que encurtaram e quase desapareceram; as distâncias que prepararam o ambiente para o surgimento de novas gerações com características muito marcadas. Embora os *millennials* (pessoas basicamente nascidas nos anos 80) assumam a liderança social atual, não são senão as gerações digitais – a geração Z (nascidos desde meados dos anos 90) e os chamados *multi touch* – que apresentam novos desafios à igreja. Desafios que têm a ver com desenvolver um método significativo missiológico que não coloque em risco o ensino bíblico, mas que, por sua vez, faça com que tal ensino tenha sentido nas mentes das novas gerações. Por sua vez, apresenta o desafio de considerar o repensar de nosso modelo eclesiológico, considerando atender às necessidades espirituais dos mais jovens e providenciar um ambiente e ferramentas que garantam seu desenvolvimento em Cristo. Afinal de contas, o mandato do Mestre é apresentar o evangelho da salvação a toda "nação, povo, tribo e língua"... e idade.

AS GERAÇÕES DIGITAIS

A denominação "geração digital" vai se referir a indivíduos que nasceram no pleno desenvolvimento tecnológico, muito característico deste tempo. Enquanto a maioria dos nascidos nos anos 80 foi testemunha da implementação de maravilhas como a internet, os smartphones, os tablets etc., os nascidos a partir dos anos 90 encontraram tudo isso como ferramentas que estavam muito ao alcance deles. É tal a familiaridade que têm com a tecnologia que muitas vezes se convertem nos "instrutores" de como usar tais elementos para os mais velhos. Porém, para considerar os traços característicos desses indivíduos, devemos considerar o seguinte: sobre a geração *touch*, isto é, os nascidos desde a primeira década do novo século, não se poderia dizer muito ainda, visto que são crianças em pleno desenvolvimento; porém, os adolescentes atuais têm um perfil muito bem definido e, embora a adolescência seja uma etapa que alguns chamem "transicional" no desenvolvimento do ser humano, apresenta desafios muito particulares, muito específicos e bem definidos.

O avanço da tecnologia, o surgimento da interconectividade e a multiplicação de dispositivos que colocam em nossas mãos todo tipo de conteúdo multimídia propiciaram o surgimento de uma geração de adolescentes que possuem características muito específicas, se as compararmos com os adolescentes de outros tempos. E, embora se os tenha chamado de muitas formas, adotaremos a nomenclatura mais difundida nos âmbitos de pesquisa: a Geração Z, geração conformada pelos nascidos entre 1995–2005. Esta geração tem traços muito definidos: a afeição pela tecnologia, a conectividade virtual e o consumo de multimídia móvel, entre outros. Isso conduz a resultados positivos interessantes; por exemplo, o fácil acesso que se tem ao conhecimento: frente a um aspecto que se desconheça, basta acessar um "tutorial" em vídeo e o assunto está resolvido. Porém, isso, por sua vez, gera uma problemática particular: a dificuldade de estabelecer conexões sociais não virtuais, sendo muito mais fácil ser extrovertido, opinar ou ter amigos no "ciberespaço" do que na "vida real"; é o marcado sentido de imediatismo – todas aquelas coisas que não se possam obter rapidamente simplesmente são descartadas – e a predisposição à apatia.

Outra característica notável, entre outras, é sua participação ativa em redes sociais, tornando-as uma plataforma para a interação entre eles e com a sociedade. Nunca antes na história da humanidade presenciamos o fenômeno de *social media* que o século 21 trouxe; as distâncias se encurtaram, e muitos dos movimentos sociais vistos na atualidade tiveram nas redes sociais um fator determinante, impulsionador de mudanças significativas.

Essas características evidenciam a necessidade de repensar as técnicas e metodologias usadas no passado para chegar significativamente a esse grupo etário em todas as áreas e níveis de comunicação. Aqueles que quiserem trabalhar com eles devem pensar em adquirir capacidades específicas que lhes permitam chegar a eles de forma efetiva. Essas capacidades não têm a ver somente com o manejo de tecnologia, "gadgets" ou redes sociais; vão muito além: têm a ver com o entendimento de seus processos de pensamento, com entender suas estruturas epistemológicas e ontológicas; em outras palavras, entender sua cosmovisão de forma holística. E deve-se pensar rápido, visto que, em muitos países esse grupo representa mais de um quarto da população total e continua crescendo.

O PANORAMA NA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

A Igreja Adventista do Sétimo Dia não está alheia a esses desafios contemporâneos. Há muitos lugares no mundo onde a igreja está se tornando uma igreja "adulta", porque os adolescentes têm cada vez menos interesse e participação nos programas locais. Investigações realizadas mostram que os níveis de deserção dos adolescentes são altíssimos e alarmantes. Há um índice de deserção que se evidencia cada vez mais em todos os territórios. Jorge de Souza Matias, em sua tese doutoral sustentada em 2009, diz que somente na União Argentina, por ano, a igreja perde 35% da população juvenil, representando uma perda significativa. Igualmente, o Barna Group, uma importante agência de pesquisa em temas religiosos e espirituais, em 2007 realizou uma pesquisa intitulada *A New Generation Expresses its Skepticism and Frustration With Christianity*. Esse estudo revelou aspectos preocupantes e perturbadores sobre a percepção geral da juventude contemporânea.

David Kinnaman, pesquisador do Barna responsável por este estudo, menciona que: "O estudo mostra que os jovens de 16 a 29 anos apresentam um maior grau de crítica ao cristianismo do que as gerações anteriores", quando estavam na mesma etapa da vida. De fato, em apenas uma década, muitas das medidas de Barna da imagem cristã mudaram substancialmente para pior, alimentadas em parte por uma crescente sensação de desengajamento e desilusão entre os jovens. Por exemplo, há uma década a grande maioria dos estadunidenses fora da fé cristã, incluindo os jovens, se sentiam favoráveis ao papel do cristianismo na sociedade. Na atualidade, porém, somente 16% dos não cristãos em seus últimos anos da adolescência ou com pouco mais de 20 anos disseram que têm uma "boa impressão" do cristianismo". Sem a presença de novas gerações que assegurem a continuidade da liderança e da ação da Igreja local, colocamo-nos frente a uma situação crítica que deve ser seriamente considerada e implementada.

Um estudo ainda mais revelador foi realizado em 2014 com adolescentes adventistas durante a celebração do Campori Mundial dos desbravadores, denominado *Forever Faithfull*. O *Center of Youth Evangelism*, da Universidade Andrews, elaborou uma pesquisa entre 940 jovens de 14 até 22 anos de idade, de múltiplas origens geográficas. Essa pesquisa tinha um título peculiar: *I love the Adventist Church but I won't ask friends to worship with me* (Amo a Igreja Adventista, mas não perguntarei a meus amigos se querem vir adorar comigo). A pesquisa apresentou dados reveladores e significativos sobre a percepção dos adolescentes (os "Zs") sobre o culto e a igreja. Algumas respostas reveladoras foram as seguintes: ante a afirmação "gostaria de fazer mudanças na forma em que adoramos em minha igreja", 41% respondeu afirmativamente, demonstrando insatisfação; e ante a afirmação "me dá gosto convidar amigos para adorar comigo na igreja", 66% respondeu "nunca", "raramente" ou "ocasionalmente", indicando resistência.

Mas o que é que não lhes agrada na adoração da igreja? No estudo do grupo Barna citado linhas acima, menciona-se que as três coisas mais desfavoráveis que a igreja tem, e sobretudo seus membros, de acordo com os jovens, são: o espírito de crítica (o fato de julgar), 87%; a hipocrisia, 85%; e o caráter

antiquado, 78%. Além disso, Kinnaman, do grupo Barna, em um estudo mais recente (2011), identifica seis razões pelas quais os adolescentes deixam a igreja. Estas razões são:

1. As igrejas, com frequência, mostram-se superprotetoras, o que dificulta sua conexão com o mundo;
2. A experiência cristã dos adolescentes e jovens é pouco profunda. Dizem que a igreja é irrelevante para sua vida cotidiana, que não há estudo suficiente em profundidade da Bíblia e uma relação real e profunda com Deus;
3. As igrejas são vistas como antagônicas à ciência. As pesquisas demonstram que muitos jovens cristãos com mentalidade científica estão lutando por encontrar formas de manter-se fiéis a suas crenças e à sua vocação profissional nas indústrias relacionadas à ciência;
4. As experiências dos jovens cristãos relacionadas à sexualidade são frequentemente simplistas ou judiciais. As formas de ensino que a igreja usa para abordar os temas sexuais não são relevantes em relação à exposição sexual que os jovens têm fora da igreja;
5. Os jovens cristãos lutam com a natureza exclusiva do cristianismo. "Os jovens estadunidenses foram moldados por uma cultura que considera a abertura mental, a tolerância e a aceitação como valores supremos";
6. A igreja se mostra hostil para aqueles que apresentam dúvidas durante seu desenvolvimento espiritual.

Sobram razões para que a Igreja Adventista no território da Divisão Sul-Americana –que compreende Equador, Peru, Brasil, Bolívia, Argentina, Uruguai, Paraguai e Chile – tenha enfatizado, entre outros aspectos importantes, o trabalho com as novas gerações, a saber, as crianças e adolescentes das comunidades locais.

APRESENTANDO NOVAS METODOLOGIAS

Entendendo tudo o que foi apresentado anteriormente, notamos que há fraquezas no culto que fazem com que a igreja deixe de ser atrativa para os adolescentes contemporâneos. Como se mencionou linhas acima, as

mudanças e as características que se observam neles agora não permitem que continuemos usando nossas estratégias passadas, funcionais, mas em tempos nos quais não tínhamos uma realidade como a atual. É imperante a necessidade de levar em conta o conhecimento sociológico, tecnológico, psicológico, entre outros, ao momento de elaborar planos para alcançar os adolescentes e crianças atuais. Requer-se uma aproximação que transcenda o conhecimento empírico da missiologia e da eclesiologia.

Se quisermos desenvolver uma vida cristã plena em nossos adolescentes e crianças, deveríamos levar em conta aspectos que, no passado, não foram transcendentais, mas que hoje o são para este público. Essas características apresentam um grande e real desafio ainda no momento de proclamar o evangelho desde o púlpito. Deve-se propor um modelo atual que procure construir pontes e que entenda os aspectos que deve considerar o pregador, pastor ou líder de igreja que queira ministrar aos adolescentes da geração Z, para que a mensagem eterna possa ser significativa nestes tempos de mudança acelerada. Consideremos o que escreveu Ellen White sobre isto: "Deveria se dar oportunidade aos menores para que recebam melhor instrução na Palavra de Deus. Deveria-se lhes explicar com clareza as verdades bíblicas. As pessoas que possuem um conhecimento cabal da verdade deveriam estudar as Escrituras com eles, porque serão sementes semeadas em terra fértil. A essas reuniões para crianças e adolescentes bem conduzidas assistirão muitos que não são de nossa fé, e as lições aprendidas as repetirão no lar. Os pais podem ser alcançados através de seus filhos".

Não podemos ignorar o potencial de nossos adolescentes, como menciona Samuel Reyes em um artigo publicado na página da Divisão Norte-Americana da IASD: "a igreja precisa acordar para se dar conta de que a geração emergente não é somente a chamada igreja do futuro, mas que é a igreja de agora mesmo. Esta geração de jovens valentes e audazes, cristãos adventistas do sétimo dia, está redefinindo a estrutura mesma de como "fazemos Igreja" em nossas cidades, comunidades e país".

É necessário ressaltar que a apresentação de novas metodologias ou estratégias não supõe, nem deveria supor, uma mudança do ensino bíblico

fundamental. De modo algum isso deveria ser tomado como uma vulneração à pureza doutrinária da Bíblia; talvez se deva pensar que o que deveria ser vulnerado é nossa negação em reconhecer que vivemos em outros tempos, que as diferenças etárias são reais e que precisamos tornar significativo o cristianismo para os mais jovens e suas realidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma das coisas que a Bíblia menciona acerca da mensagem de Cristo Jesus é que esta tinha "autoridade" (Mateus 7:29). A pergunta que surge é: o que tornava autoritativa a mensagem de Jesus em relação à mensagem dos líderes religiosos daquele tempo? Pois há de se notar que quem reconhecia essa autoridade eram seus ouvintes; podemos entender que o fato de que a mensagem fosse entendida como significativa e atual lhe dava autoridade inquestionável e relevante em seu tempo.

A mensagem bíblica não mudou ao longo dos séculos; a Bíblia segue conservando a doutrina de Deus que guiou milhões de crentes ao longo da história. Porém, assim como no tempo de Jesus, deve ter autoridade, e deve ser reconhecida por quem escuta a mensagem; é mister repensar a forma de apresentar essa mensagem eterna em um contexto atual, atendendo necessidades atuais, tendo significado relevante hoje e para as próximas gerações.

Isso não supõe a adaptação da mensagem em si, em seu fundamento escritural original, de modo algum. Erroneamente se pode pensar que o enunciado da mensagem tem que se adaptar às características das pessoas para que seja atrativo ou fácil de seguir. Não falamos aqui de uma mudança do conteúdo, mas sim das formas de comunicação e apresentação. A mensagem da Bíblia deve ser a mesma, sem edição; recordemos que o apóstolo Paulo menciona de maneira categórica: "Porém, se até nós mesmos ou um anjo do céu vos anunciar outro evangelho diferente do que vos temos anunciado, seja anátema. Como antes temos dito, também agora o repito: se alguém vos pregar evangelho diferente do que recebestes, seja anátema." (Gál. 1:8,9).

É a doutrina bíblica que outorga identidade ao cristão; o apóstolo Paulo, testificando sobre este assunto, diz aos irmãos de Éfeso: "edificados no

fundamento dos apóstolos e profetas, sendo Cristo mesmo a pedra angular" (Efésios 2:20). Portanto, pensar em "relaxar" a doutrina com forma de alcançar as novas gerações seria desbaratar o próprio alicerce do cristianismo e suas estruturas fundamentais. Qualquer tipo de esforço que conduza a uma nova versão de doutrina, e que não seja fiel ao fundamento escritural, ainda que lograsse congregar milhares, demonstra ser uma empreitada perniciosamente enganosa e destrutiva para a fé.

O desafio para esse tempo é descobrir métodos e estratégias missionais para alcançar um grupo etário especial, pensando em como elaborar os conteúdos, serviços e ministérios da igreja para que sua vivência espiritual seja consistente, profunda e significativa. Isso demandará entender os códigos e os sistemas de comunicação apropriados, de forma a usá-los para apresentar uma mensagem eterna em um mundo atual e dinâmico. Essa não é uma tarefa que deva ser postergada; os adolescentes atuais são somente a primeira de uma série de gerações hiperconectadas, digitais e virtuais. Pretender que os mesmos métodos que funcionaram em tempos passados funcionem da mesma maneira hoje seria um crasso erro de avaliação. Precisamos abordar esse desafio a partir de uma plataforma científica que responda a questionamentos e apresente modelos de trabalho e, dessa maneira, tenha por objetivo chegar ao coração das gerações digitais contemporâneas que definem nosso futuro institucional e missionário.

REFERÊNCIAS

BENCSIK, A. G.; HORVÁTH-CSIKÓS, A.; JUHÁSZ, T. Y and Z generations at workplaces. **Journal of Competitiveness**, v. 8, n. 3, p. 90–106, 2016.

CANDÓN-MENA, J. **Movimientos sociales y procesos de innovación: una mirada crítica de las redes sociales y tecnológicas**. In: SIERRA CABALLERO, F. (ed.). **Ciudadanía, tecnología y cultura: nodos conceptuales para pensar la nueva mediación digital**. Barcelona: Gedisa, 2013. pp. 233–256.

COLEMAN, J.; HENDRY, L. **Psicología de la adolescencia**. 4. ed. Madrid: Ediciones Morata, 2004.

CSOBANKA, Z. E. The Z generation. **Acta Technologica Dubnicae**, v. 6, n. 2, 2016.

FERNÁNDEZ-CRUZ, F. J.; FERNÁNDEZ-DÍAZ, M. J. Generation Z's teachers and their digital skills. **Comunicar**, 2016.

FERREIRA, Y. S. **De la predicación a la práctica**. Charleston, SC: CreateSpace, 2012.

KINNAMAN, D. A new generation expresses its skepticism and frustration with Christianity. **Barna Group**, 2007.

KINNAMAN, D. Six reasons young Christians leave church. **Barna Group**, 2011.

KUHN, T. S. **La estructura de las revoluciones científicas**. México: Fondo de Cultura Económica, 2004.

MATIAS, J. D. S. Análisis de razones por las que los jóvenes abandonan la Iglesia Adventista. Andrews University, 2009.

MINISTRY CENTER OF YOUTH EVANGELISM. **I love the Adventist Church**. 2014.

NICHOLS, F. **Evangelio según San Mateo**. Comentario Bíblico Adventista, 1960.

RESENDES, D. J.; POTTS, J. **Using illustrations and storytelling via incarnational ministry**. Andrews University, 2016.

REYES, S. **Generation change**: why our youth leave. North American Division Ministerial, 2017.

RIGIK, E. Understanding Gen Z. **Convenience Store Decisions**, 2015.

TAMEIFUNA, T. Youth pastor youth program and their influence on religious satisfaction. La Sierra University, 2008.

TURNER, A. Generation Z: technology and social interest. **The Journal of Individual Psychology**, v. 71, 2015.

WHITE, E. G. **Testimonios para la iglesia**. Ellen G. White Estate, 2004.

CAPÍTULO 14

14

Os desafios enfrentados pelas novas gerações: como ajudá-los?

Jeferson Santos da Silva

As novas gerações, especialmente a Z e a Alpha, usufruem da tecnologia desde pequenas e são conhecidas como nativas digitais, por isso, entendem a vida por intermédio da internet e das diferentes tecnologias. Por serem cercadas de tantas informações, acreditam ser capazes de dominar qualquer assunto. No entanto, acabam sendo rasas e superficiais no processo de autenticação das informações que recebem e compartilham. Não obstante, esse não é o único dilema enfrentado: pesquisas revelam um aumento, nas novas gerações, daqueles que se denominam "sem religião", que não reconhecem a autoridade das Escrituras e que, infelizmente, confiam cada vez menos em pastores e líderes eclesiásticos.

Todas essas questões acendem um alerta para nós. Diante disso, como auxiliar os juvenis, os adolescentes e jovens a discernirem essa vasta gama de dificuldades do mundo moderno? De que maneira podemos contribuir e estimular as novas gerações a avaliarem a cultura em que estão inseridos com equilíbrio e discernimento espiritual?

Sem dúvida, o desafio de todos os pais, líderes e educadores é ajudá-los a desenvolver habilidades que servirão de apoio para enfrentar seus dilemas e crises cotidianas.

CONHECENDO MELHOR OS TIPOS DE GERAÇÕES

A ideia de divisão em grupos geracionais surgiu como uma estratégia para conhecer os indivíduos e contribuir de forma a compreender as características existentes entre eles. Cada uma dessas gerações possui qualidades específicas, a saber: a forma de agir, de aprender, de pensar e de se comportar. A seguir, será apresentado um breve resumo das características distintivas de cada geração.

GERAÇÃO *BABY BOOMERS* (1946 A 1964)

Com o término da segunda guerra mundial e o retorno dos soldados para casa, foi identificado um aumento do número de nascimento de bebês. Nesse contexto, os novos bebês, oriundos desse fenômeno histórico-social, foram denominados como os *baby boomer* (em alusão ao termo *boom*).

Reconhece-se, ainda, que essa geração contribuiu no processo de reestruturação de seus países no período pós-guerra. Suas características principais são: a disciplina e a valorização da estabilidade – em todos os sentidos (casamento, família, trabalho e finanças).

GERAÇÃO X (1965 A 1980)

É uma geração que compartilha pontos em comum com os *babys boomers*, no entanto, esse grupo presenciou o surgimento da revolução *hippie*, diante do contexto da Guerra do Vietnã. Ademais, lidou com o estabelecimento de ditaduras em vários países, bem como com o avanço tecnológico e dos meios de comunicação. Por isso, as características marcantes são o menor otimismo, o individualismo, o ceticismo e a busca por espaço social e liberdades.

GERAÇÃO Y OU *MILLENNIALS* (1981 A 1996)

É apelidada de *millenial* por nascer ou crescer próxima à virada do milênio. Essa é uma geração que assistiu à transição do mundo analógico para o digital. São os indivíduos mais adaptáveis e flexíveis às mudanças, se comparados às gerações anteriores, além de possuírem características influenciadas pela competitividade do mercado, as quais os tornam mais multitarefas e dinâmicos.

GERAÇÃO Z (1997 A 2010)

Os integrantes dessa geração são conhecidos como "nativos digitais", haja vista que, desde a tenra idade, foram envolvidos pelas tecnologias digitais. Como suas características principais, podemos citar: a agilidade, a flexibilidade e o engajamento em causas sociais, solidárias e ecológicas, além de possuírem facilidade para o aprendizado de novos conteúdos.

GERAÇÃO ALPHA (2010 A 2025)

É uma geração 100% digital, que possui uma vasta afinidade com as tecnologias digitais. Desde cedo, os indivíduos dessa geração, cresceram interagindo com tablets e aparelhos celulares. As características dominantes da

geração Alpha são: a agilidade e flexibilidade acentuadas, o perfil observador, baixa concentração e, consequentemente, a impaciência.

SINAL DE ALERTA

Pesquisas recentes indicam transformações significativas no campo religioso, especialmente entre os jovens. Essas pesquisas apontam tanto para o crescimento do número de pessoas que se identificam como "sem religião" quanto para uma redução da adesão às autoridades religiosas tradicionais, como a Bíblia e líderes eclesiásticos.

No Brasil, esse fenômeno pode ser observado ao longo das últimas décadas. A proporção de indivíduos sem filiação religiosa, que era de apenas 0,5% em 1960, passou para 1,6% em 1980, alcançou 4,8% em 1991 e chegou a 7,3% em 2000, atingindo 8% no Censo de 2010 (Carrança, 2022). Ainda que o censo mais recente tenha sido impactado pelo adiamento causado pela pandemia, pesquisas posteriores sugerem continuidade nessa tendência de crescimento.

Levantamentos nacionais mais recentes também indicam mudanças no perfil religioso da população. Segundo dados do IBGE, a maioria dos brasileiros ainda se declara católica, seguida por evangélicos e, em menor proporção, por aqueles que afirmam não possuir religião (IBGE, 2022). Entretanto, quando se observa especificamente a população jovem, sobretudo em grandes centros urbanos como São Paulo, o cenário apresenta diferenças mais marcantes: entre indivíduos de 16 a 24 anos, os "sem religião" já representam o maior grupo, superando católicos, evangélicos e outras tradições religiosas (Carrança, 2022).

Esse crescimento não implica, necessariamente, ausência de crença. Pelo contrário, estudos na área da sociologia da religião indicam que a maioria das pessoas que se declaram sem religião não se identifica como ateia ou agnóstica. Trata-se, em grande medida, de um processo de distanciamento institucional, no qual o indivíduo deixa de se vincular a organizações religiosas formais, mas mantém crenças e práticas espirituais diversas. Nesse contexto, como afirmou Silvia Fernandes, é comum a construção de uma espiritualidade mais individualizada, que pode reunir elementos de diferentes tradições religiosas, em uma espécie de sincretismo contemporâneo (Carrança, 2022).

Esse fenômeno também se relaciona com transformações culturais mais amplas. Entre jovens, por exemplo, observa-se maior abertura à diversidade religiosa e menor disposição para aderir a doutrinas exclusivistas. Nesse sentido, pesquisas conduzidas pelo Barna Group revelam tendências importantes entre os chamados millennials nos Estados Unidos. De acordo com esses estudos, há uma forte inclinação ao sincretismo religioso, com grande parte dos jovens combinando crenças de diferentes tradições. Além disso, parcela significativa demonstra ceticismo em relação à autoridade das Escrituras e às lideranças religiosas, ao mesmo tempo em que relativiza a ideia de verdade absoluta (Instituto Humanitas Unisinos, 2022).

Paralelamente a essas mudanças no campo religioso, observa-se o surgimento de novos desafios no âmbito social e psicológico das novas gerações. Um estudo publicado pelo The New York Times aponta para uma alteração no perfil dos principais problemas de saúde enfrentados por adolescentes nos Estados Unidos. Enquanto, no passado, questões como consumo de álcool, tabagismo e gravidez precoce eram predominantes, nas últimas décadas houve uma redução desses fatores e um crescimento expressivo dos transtornos mentais (Richtel, 2022).

Dados indicam que, em 2019, cerca de 13% dos adolescentes relataram episódios de depressão grave, representando um aumento significativo em relação aos anos anteriores. No mesmo período, houve elevação nos atendimentos emergenciais relacionados à ansiedade, transtornos de humor e comportamentos de automutilação, além de um aumento nas taxas de suicídio entre jovens. Embora a pandemia de COVID-19 tenha agravado esse cenário, especialistas destacam que essa tendência já vinha se consolidando anteriormente.

As causas desse fenômeno ainda são objeto de debate. Muitos estudos sugerem uma relação com mudanças no estilo de vida contemporâneo, incluindo o aumento do tempo de exposição a telas, a redução do sono e a diminuição das interações sociais presenciais. Esses fatores, combinados, podem contribuir para o desenvolvimento de quadros de ansiedade, depressão e outros transtornos, especialmente em um período da vida marcado pela construção da identidade e pela busca de pertencimento social (Richtel, 2022).

Dessa forma, tanto no campo religioso quanto no psicológico, as novas gerações parecem estar inseridas em um contexto de maior pluralidade, mas também de maior complexidade. A flexibilização das identidades religiosas e a ampliação das possibilidades de escolha coexistem com desafios significativos relacionados à saúde mental e ao sentido de pertencimento, configurando um cenário que exige atenção e aprofundamento analítico.

A crise é frequentemente atribuída à ascensão das mídias, mas os dados confiáveis sobre isso são limitados, as conclusões são sutis e muitas vezes contraditórias, e alguns adolescentes parecem ser mais vulneráveis do que outros aos efeitos do tempo de tela. Pesquisas federais mostram que os adolescentes, como grupo, também dormem menos e se exercitam e passam menos tempo saindo pessoalmente com os amigos, o que é crucial para um desenvolvimento saudável. O resultado combinado de todos esses fatores para alguns adolescentes é uma espécie de implosão cognitiva: ansiedade, depressão, comportamentos compulsivos, automutilação e até suicídio.

COMO AJUDÁ-LOS?

INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

A adolescência é uma fase crítica da vida humana, pois revela desafios para o crescimento pessoal, por isso a importância de desenvolver a inteligência emocional. Essa é uma habilidade usada para entender e controlar as próprias emoções de forma a diminuir a ansiedade, o estresse, superar dificuldades e diminuir conflitos. Para criar essa valorosa ferramenta, precisamos: (1) Entender e identificar o que o adolescente está sentindo; (2) Decidir como se comportar e agir mediante as consequências disso; e (3) Passar pelos sentimentos ruins (raiva, medo e tristeza), mas deixá-los ir embora, não alimentando o que não faz bem.

BOM RELACIONAMENTO COM OS PAIS E OS LÍDERES

Estabelecer um bom relacionamento com alguém das novas gerações é importantíssimo para que se desenvolva o respeito, e haja disposição para ouvir e entender suas opiniões, princípios e valores. Sendo assim, eles baixam

a guarda e apresentam menos resistência, pois se sentem mais valorizados e reconhecidos em sua dignidade humana. Isso é de extrema relevância para que o adolescente ou o jovem considere as suas orientações e recorra a você quando necessitar.

COMUNICAÇÃO

Mantenha o diálogo aberto. A maior parte da aprendizagem ocorre através da interação. Quando o adolescente se sente à vontade para perguntar e discutir, ele desenvolve amadurecimento para entender como as relações saudáveis se dão de verdade, sempre com clareza e empatia.

Uma comunicação eficaz será essencial para eles encontrarem soluções adequadas e gerenciar conflitos de forma a ser positivo para todos os lados.

RESPONSABILIDADE

Desenvolva tarefas simples da vida cotidiana, mas que sejam convenientes a faixa etária da pessoa. Essas atividades, cumpridas com compromisso, contribuirão para torná-lo mais responsável e concentrado.

CONFIANÇA EM DEUS

Além de orar por eles e com eles, além de ensinar e estimular o estudo da Bíblia para os nossos adolescentes e jovens, precisamos também ajudá-los a entender o grande amor de Deus. Necessitam saber que não estão sozinhos em meio às lutas pessoais, emocionais e familiares que possuem, mas que existe um Deus que entende o "seu mundo" e desafios, e que principalmente, se encontra a disposição para salvá-los.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Existem inúmeros desafios a serem enfrentados pelas novas gerações. As questões são as mais diversas: problemas de conflitos geracionais em decorrência da cultura moderna ou dificuldades emocionais e espirituais.

No entanto, pais, líderes e educadores podem fazer a diferença para auxiliar, apoiar e ajudar nossos adolescentes e jovens. Quando essa obra é

considerada em toda a sua importância e é operada por pais diligentes e tementes a Deus, anjos são comissionados para ajudá-los.

REFERÊNCIAS

CARRANÇA, T. Jovens 'sem religião' superam católicos e evangélicos em SP e Rio. **BBC News Brasil**. 09 maio 2022. Disponível em: Acesso em: https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61329257 28 abr. 2026.

IBGE. CENSO 2022. Religiões: resultados preliminares da amostra. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/3f1708b5d315aca50d5a7d8764469c45.pdf Acesso em: 28 abr. 2026.

PESQUISA ACENDE LUZ VERMELHA NO PASTORADO DE IGREJAS DOS EUA. **INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS**. 08 mar. 2022. Disponível em: Acesso em: https://www.ihu.unisinos.br/categorias/616702-pesquisa-acende-luz-vermelha-no-pastorado-de-igrejas-dos-eua 28 abr. 2026.

RICHTEL, M. 'Questão de vida ou morte': a crise de saúde mental entre adolescentes americanos. **Estadão**. 29 abr. 2022. Disponível em: https://www.estadao.com.br/saude/questao-de-vida-ou-morte-a-crise-de-saude-mental-entre-adolescentes-americanos/ Acesso em: 28 abr. 2026.

CAPÍTULO 15

15

Falta de diálogo entre pais e filhos: a triste constatação da quebra dos relacionamentos fraternais

Claudio Roberto de Oliveira

A superficialidade do relacionamento entre pais e filhos atualmente dificulta o relacionamento entre as partes, trazendo prejuízo para os filhos, principalmente quando a comunicação passa a ser substituída pelas mídias sociais. Os filhos desejam ser ouvidos e compreendidos em seus questionamentos, e os pais desejam participar do crescimento emocional, social e espiritual de seus filhos. Porém, o que se tem percebido entre muitos adolescentes e pais é a falta dessa comunicação e os resultados trágicos acarretados em várias áreas de suas vidas.

A comunicação é algo relevante para todo ser humano e traz benefícios de interação, sobretudo, em relacionamentos de casais, pois o comprometimento entre ambos é construído por intermédio da escuta e do diálogo. Segundo Smalley (2004, p. 37) fomos feitos para nos relacionarmos, com os outros, conosco e com Deus. No entanto, ao observar a realidade do mundo hiperconectado em que vivemos, parece ser incoerente afirmar que as famílias não estão se conectando ou se comunicando como antigamente, já que não existiam os meios de comunicação do mundo atual. É clara a ideia de que a comunicação no contexto familiar difere das demais, pois ela transcende a simples transmissão de uma mensagem ou de um conteúdo superficial; essa comunicação está para além da escuta ou da fala, uma vez que manifesta o seu significado a partir do coração de quem fala.

Nesse sentido, a presente pesquisa se torna importante, pois tem por finalidade contribuir com as famílias cristãs no sentido de fortalecer seus relacionamentos e desenvolver competências no exercício da comunicação com as novas gerações. Além de colaborar com os pais, os líderes e os adultos no diálogo proativo com as novas gerações.

Após um breve levantamento bibliográfico, é perceptível a plausabilidade de materiais nas diferentes áreas sobre esse assunto, e os estudos conduzidos com as novas gerações fornecem subsídios que podem ajudar a compreender o relacionamento entre pais e filhos, apontando diferentes pontos de vista e percepções sobre esse problema.

Diante desse cenário, o método que foi adotado para o presente estudo foi a pesquisa explicativa, com base em Gil (2002, p. 42). Segundo o autor, a pesquisa

explicativa tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos, contrastando-os com a leitura de livros, artigos de revistas, internet, periódicos e materiais publicados sobre o assunto, visitas à biblioteca, bem como a elaboração de material para palestras entre outros. Ademais, no artigo também abordamos o conceito de geração com base em Feixal e Lecardill (2010), o qual permitiu identificar o ruído existente na comunicação entre as novas gerações e a geração passada – que parece se relacionar com mais tranquilidade – , além de entender como era a comunicação na família tradicional, em que a convivência entre pais e filhos dava-se dentro de um ambiente no qual a progenitora permanecia mais tempo com os filhos. Objetivou-se compreender as mutações na forma de comunicação familiar contemporânea, em que existem várias opções de interação, com o advento da internet e das mídias sociais. Percebemos ainda como a família se comunica hoje e como diferentes gerações lidam com essa comunicação que torna a vida mais interativa. O estudo não pretende explorar exaustivamente todos os meios de comunicação que as famílias de hoje usam, e sim analisar dentro do círculo de relacionamento entre pais e filhos, quais as causas para a quebra desse contato relacional comunicativo.

CONCEITO DE GERAÇÃO

Ao observarem-se as diferentes compreensões sobre a juventude e o jovem ao longo da história do ocidente, é possível perceber que as expectativas sociais, somadas aos fatores biológicos e ao cenário político-cultural, definiam as gerações. Naturalmente, as categorias eram definidas da seguinte maneira: criança, jovem ou adulto – sendo fundamentadas mediante a identificação da faixa etária. De acordo com Feixal e Leccardill (2010):

> O conceito de geração tem sido um tema relevante nas ciências humanas e sociais. Como metáfora para a construção social do tempo, tem sido uma das categorias mais influentes não só no debate teórico, mas também no impacto público das pesquisas sobre juventude.

> Mesmo que o uso e abuso do conceito esteja enraizado no contexto europeu no período entre a Grande Guerra e a Segunda Guerra Mundial, tem sido relevante nos debates ideológicos e políticos de outras regiões.

Habitualmente, a comunicação entre pais e filhos na família tradicional ocorria por meio de conversas dentro do espaço doméstico, em momentos de ócio, de resolutivas e ocasiões de atividades externas, como lazer, viagens, escola e igreja etc. Assim sendo, nota-se que havia diversas oportunidades para o estreitamento de relacionamentos e a construção de amizades. Diante desse cenário, os pais manifestavam preocupação com a comunicação externa dos filhos, pois estes poderiam desenvolver más amizades ou, ainda, acreditava-se que os filhos poderiam obter informações e conhecimentos que os conduzissem a um caminho tortuoso.

No clássico *História dos jovens*, Levi e Schmitt (1996, p. 14) comentam a necessidade de se levar em conta a contribuição da história e das ciências sociais para entender a juventude:

> [...] em nenhum lugar, em nenhum momento da história, a juventude poderia ser definida segundo critérios exclusivamente biológicos ou jurídicos. Sempre e em todos os lugares, ela é investida também de outros símbolos e de outros valores. De um contexto a outro, de uma época a outra, os jovens desenvolvem outras funções e logram seu estatuto definidor de fontes diferentes.

Não se têm dúvidas, por exemplo, de que os pais necessitam ouvir e prestar atenção nas mudanças de visão de mundo e nas influências recebidas atualmente; no entanto, verifica-se que as mudanças ocorridas na sociedade têm sido repentinas e velozes. Consequentemente, a maneira de se comunicar também foi impactada. A forma de comunicação entre genitores e

descendentes passou a perder lugar para as mídias sociais, criando um espaço em que essa interação tem ficado paulatinamente dificultada. A comunicação é de extrema relevância tanto para os pais como para os filhos, pois promove um conhecimento e interação entre todos os envolvidos.

ENTENDENDO A COSMOVISÃO DO PASSADO

A todo tempo, é possível se perguntar como as mudanças aconteceram de modo tão rápido nos últimos anos, e às vezes tem-se a impressão de que a realidade atual é totalmente distinta daquela de poucos anos atrás. É possível verificar na Bíblia, por exemplo, a questão de percepção do tempo em várias situações: o relato de 1 Crônicas 12:32, em que os filhos de Issacar eram conhecedores do seu tempo, para saberem o que Israel devia fazer. Essa percepção bíblica, ainda que aplicada de modo ilustrativo, reforça que, para orientação das novas gerações, os pais precisam primeiro compreender as dinâmicas da própria época. É validado, portanto, a ideia da importância de entender o momento em que se vive e atribuir-lhe o devido valor. Dan Kimball (2003, p. 55) reitera que:

> Ao longo da nossa história, períodos importantes de transição cultural afetaram drasticamente a nossa visão de mundo. Francis Shaeffer rastreou esses períodos em seu livro, e também na série de vídeos *Como viveremos?* publicado pela Ed. Cultura Cristã (N. do T.). Filósofos e sociólogos chamam isso de nossa epistemologia (n. do grego episteme, conhecimento; logos, teoria) (teoria filosófica do método ou das bases que usamos para obter nosso conhecimento), ou poderíamos dizer nossa cosmovisão, ou visão do mundo. A nossa cosmovisão consiste nas pressuposições (aquilo que acreditamos ou admitimos a priori) e nos fundamentos sobre os quais o significado e o propósito de nossa vida são construídos.

Em síntese, para que se compreenda a cosmovisão integrada ao indivíduo – a qual, por sua vez, é refletida na sociedade – faz-se necessário o exercício do ócio. Isto é, requerem-se a pausa, disposição e dedicação para que se percebam os elementos envolvidos na transformação cultural e nos valores da humanidade. Não seria equivocado imaginar que tais estruturas têm afetado a cosmovisão bíblica, perpetuada e ensinada por longo período.

Compreender que pais e filhos podem coabitar no mesmo lar, mas possuir visões de mundo distintas, é fundamental, visto que tais divergências afetam o relacionamento e a comunicação, gerando, inclusive, conflitos de posicionamentos e ensinamentos. É possível ilustrar essa complexidade em uma metrópole como a cidade de São Paulo, onde a comunicação se tornou mais complexa, principalmente dentro do núcleo familiar.

A cosmovisão bíblica, notadamente, ratifica a prioridade da educação dos filhos. Os pais e responsáveis, nesse cenário, são os transmissores dos ensinamentos e princípios bíblicos, no entanto, eles não são imunes às influências externas, pois também são afetados pela cultura vigente. Não somente os pais são afetados, como também, aqueles que são responsáveis pelo ensinamento das Escrituras para as mais diversas gerações. Nesse contexto, Dan Kimball (2003, p. 183) nos instiga a refletir sobre como as questões locais interferem na visão de mundo e na proclamação do evangelho, ele indaga: "Portanto, apesar do crescente número de missionários ao redor do mundo, a pergunta poderia ser refeita: como é possível um cristão que cresceu em Alphaville apresentar claramente o evangelho a alguém natural de Paraisópolis?".

Quando se pensa no diálogo com os filhos, a visão judaico-cristã é clara em orientar os pais a ensinarem os filhos tanto com respeito às ordenanças do Senhor como a viverem dignamente na sociedade (Dt 6:7; Pv 22:6, Ef 6:4). Principalmente em Deuteronômio 6, em que lê-se nitidamente a orientação para ensinar as novas gerações: o conhecimento de quem é Deus, amando e obedecendo os Seus ensinos. Assim, percebemos que o conhecimento extraído da Bíblia não somente funciona, mas ajuda no trilhar de um caminho mais sólido entre tantas variáveis que a cultura nos oferece hoje para a efetiva comunicação entre pais e filhos.

Procurar desenvolver uma cosmovisão bíblica é benéfico para as novas gerações, pois elas crescem absorvendo os valores da Bíblia. Com o passar dos anos, observa-se que a aplicação desses princípios nos relacionamentos com o Senhor e com o próximo requer, sobretudo, coerência entre o discurso e o relacionamento pessoal com Deus, com a família e com as pessoas de sua interação a fim de que se construa vínculos relacionais reais e virtuosos, bem como o desenvolvimento de práticas construtivas e duradouras. Além dessas valias, as novas gerações estabelecem um compromisso com as verdades bíblicas, consolidando uma vida religiosa e de fé sólida.

Dessa forma, será possível compreender que as regras possuem um propósito, não se limitando a uma obediência mecânica ou imposta, mas constituindo-se como um auxílio para a vida prática e para relacionamentos futuros. Isso potencializa a comunicação entre todos os envolvidos.

ENTENDER A COSMOVISÃO DO PRESENTE

Neste tópico será proposta uma reflexão sobre as mudanças na forma de comunicação entre pais e filhos, fenômeno que pode ser observado entre as novas gerações devido ao advento da internet e das mídias sociais. Como foi dito anteriormente, no passado, os pais manifestavam preocupação com o desenvolvimento intelectual e moral da prole; havia o entendimento de que, se os filhos permanecessem no ambiente doméstico sob a vigilância de tutores, estariam seguros. Atualmente, com a onipresença tecnológica, essa percepção alterou-se drasticamente. Como interpretar essa nova realidade, na qual o processo de aprendizagem transcende os muros da família e da escola, deslocando-se para as plataformas digitais? Autores como Botelho e Fontana (2015) utilizam o seguinte termo emergente:

> Na maioria dos livros que tratam do tema, esse jeito novo de pensar recebe o título de pós-modernidade. Cabe aqui dizer que a pós-modernidade não é uma certeza. Ela decreta o fim de uma modernidade que não sabemos se, de fato, morreu. É evidente, porém que há mudanças

> e processos de transformação cultural acontecendo. Para não ficar em rótulos, alguns pensadores preferem utilizar o termo emergente, que é menos comprometedor. Emergente significa apenas que há algo emergindo. Algo novo que está surgindo. Mas nada diz sobre as características dessa novidade.

Estudos têm sido realizados sobre o efeito das novas tecnologias na vida dos jovens e a interação social entre eles, e como as mídias sociais têm modificado a relação de comunicação entre pais e filhos, bem como entre outras pessoas que se comunicam entre si. Essas modificações têm provocado distúrbios entre os jovens e preocupa os pais, tendo em vista que os distúrbios trazem prejuízos à saúde:

> A dependência tecnológica tende a ser estabelecida através do Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais (5ª edição – DSM-V), como um distúrbio psiquiátrico, já que, os sintomas encontrados nas pessoas com esse tipo de patologia estão associados à mudança de humor, crises de ansiedade, diante da ausência do acesso é possível perceber nervosismo e agressividade. De acordo com Lemos *et al.* (2014), geralmente aqueles indivíduos que possuem limitações quanto a socialização, tendem a voltar para o mundo virtual, para fugir da dificuldade de se comunicar face a face com o outro (Fonseca e Cafieiro, 2018, p. 2).

Muitos estudiosos têm pesquisado e estudado os efeitos negativos gerados pela falta de comunicação no relacionamento entre pais e adolescentes, que precisam ter segurança e cuidado nessa fase tão importante da vida, e é perceptível que essa dificuldade na comunicação permeou toda a vida desse adolescente ou jovem. Segundo Campos, Prette e Prette (2014):

> O início da adolescência parece ser um momento em que os contextos interpessoais vivenciados pelos adolescentes assumem essencial importância, uma vez que os relacionamentos com os pais se modificam, adquirindo um padrão bastante diferentes dos da infância. Além disso, novas formas são exigidas para se relacionar com os outros adultos. Esta é, também, a etapa de estabelecimentos dos primeiros relacionamentos afetivos/sexuais (Novak & Pelaez, 2004). Pode-se supor que estes momentos são críticos para a expansão de contatos sociais, o que requer habilidades sociais novas para prover redes sociais, resolver problemas diários e tomar decisão com maior autonomia. Paralelamente, é provável que uma parcela dos adolescentes possa estar exposta a condições estressantes e de risco para o aparecimento de transtornos depressivos (Hammen, 2009), tais como facilidade de obtenção de drogas (cigarros, bebidas alcoólicas, drogas ilícitas), dificuldade para realizar sexo com segurança, como sinaliza o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009), dificuldade de relacionamentos com os pares e afetivos (Davila, 2008) e pais que apresentam práticas parentais inadequadas (Soenens, Park, Vansteenkiste, & Mouratidis 2012).

Em vista dos argumentos apresentados, podemos perceber que as formas de interação e disponibilidade de se aprimorarem a comunicação, as novas estratégias e as habilidades vão sendo desenvolvidas bem como o estabelecimento de prioridades nos relacionamentos entre pais e filhos, trazendo benefícios imensuráveis para a dinâmica familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a reflexão do presente estudo foi possível observar como era a comunicação antes da era digital, período em que pais e filhos relacionavam-se com maior proximidade e menos complexidade. Porém, com o advento tecnológico trazendo transformações céleres, embora desenvolvida com o intento de melhorar a comunicação entre as pessoas; percebe-se a necessidade de se criarem estratégias de desenvolvimento relacional a fim de preservar a construção de valores e a qualidade das interações humanas.

O retrocesso tecnológico é inviável e, por isso, torna-se imperativo que pais e filhos reconheçam a centralidade da comunicação familiar, selecionando meios para atenuar as dificuldades contemporâneas, como a dependência digital e o conflito de gerações. Sem dúvidas, cabe aos indivíduos estabelecerem mecanismos para que a interlocução não seja afetada de forma ainda mais intensa. Espera-se, por fim, compreender como as novas gerações se articularão no convívio doméstico, partindo do princípio de que os seres racionais devem estabelecer os limites frente ao uso indiscriminado das tecnologias e às barreiras que impedem o diálogo e o relacionamento saudável.

REFERÊNCIAS

BOTELHO, M; FONTANA, V. **Ontem esponja, amanhã peneira:** direito de ligar e desligar na sociedade da informação. Viçosa, MG: Ultimato, 2015.

CAMPOS, J.; PRETTE, A.; PRETTE, Z. D. **Depressão na adolescência: habilidades sociais e variáveis sociodemográficas como fatores de risco/proteção**. Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos, São Paulo, Brasil, v. 14, nº 2, 2014.

FEIXAL, C.; LECCARDILL, L. O conceito de geração nas teorias sobre juventude 1. **Sociedade e Estado**, Print Version ISSN 0102-6992. Soc. Estado. Vol. 25, nº 2, Brasília, May/Aug. 2010.

FOLLIS, R.; NOVAES, A.; DIAS, M. **Sociologia e Adventismo:** desafios brasileiros para a missão. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2017.

FONSECA, D.; CAFIEIRO, G. Redes Sociais e suas influências nas inter-relações entre jovens e adultos. **Revista Brasileira de Ciências da Vida**, v. 06, 2018.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

KIMBALL, D. A **Igreja Emergente:** cristianismo clássico para as novas gerações. São Paulo: Vida Nova, 2003.

LEVY, G.; SCHMITT, J. **História dos Jovens 1:** da Antiguidade à Era Moderna. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

NOVAES, A. **Fragmentos de Cultura**. Goiânia, v. 28, n. 2, p. 246-257, abr./jun. 2018.

OLIVEIRA, J.; SALES, C. **Juventudes e as novas tecnologias da informação e comunicação: tecendo encontros nas tramas das redes**. Universidade Federal do Ceará.

SMALLEY, G. **O DNA dos relacionamentos:** descubra que você foi projetado para relacionamentos satisfatórios. São Paulo: Hagnos, 2007.

CAPÍTULO 16

16

Isolamento social: o impacto do culto online na religiosidade dos jovens adventistas

Wagton Alves Santos

Ao longo da era moderna, as mídias sociais foram se desenvolvendo e tomando forma, principalmente na vida dos jovens, impactando profundamente seu comportamento e forma de relacionar. Se antes as pessoas se relacionavam predominantemente face a face, hoje não há necessidade de contato físico para a existência de trocas de experiências, conversas ou até mesmo comprometimentos, como é o caso dos namoros virtuais. Observa-se então que, mesmo em meio ao caráter paradoxal das mídias sociais, isso é, que aproximam os que estão longe, mas distanciam os que estão perto, os meios midiáticos têm se tornado um ponto de refúgio relacional, de entretenimento e até mesmo de suporte espiritual. Nesse último quesito, nota-se um crescimento constante de sua utilização, sobretudo, após o isolamento social causado pelo Covid-19.

Sabe-se que o culto congregacional é parte integrante do processo de adoração e crescimento espiritual. Mas além disso, ao congregar, o indivíduo também tem o convívio relacional que é fundamental para o ser humano, por meio da troca de experiências, intercessão e interação. No entanto, para evitar a proliferação do vírus e na tentativa de conter a pandemia, foi estipulado o distanciamento social. Em decorrência disso, em alguns municípios brasileiros foi proibida a congregação das comunidades religiosas em seus templos físicos. Dessa forma, os cultos online foram utilizados como um método substitutivo dos cultos presenciais.

Observa-se que, tanto nos cultos presenciais como online, existem pontos favoráveis e desfavoráveis. Nos presenciais, por exemplo, há o calor humano, o abraço e a atenção que diferem notavelmente do virtual. Além disso, o relacionamento se torna mais efetivo, pois as pregações, orações e músicas tomam mais forma quando acontecem ao vivo, fazendo com que as interações presenciais se constituam em experiências mais inspiradoras do que de qualquer outra maneira. Sem contar que, de acordo com a cosmovisão bíblica, o meio congregacional é o modelo mais adequado para alcançar o objetivo final de um culto.

Já no estilo online de cultuar, tem-se a qualidade do culto, o conforto ao assisti-lo, a comodidade, a acessibilidade e a disponibilidade de horários, além

dos tipos e locais de culto, sem contar a qualidade das mensagens musicais e da pregação. Por outro lado, dentre os pontos negativos relacionados ao culto presencial, nota-se que em muitos lugares há uma certa dificuldade devido à limitação e diversificação de pregadores. Além disso, a irreverência é notória em algumas igrejas, sem contar os locais de difícil acesso para congregar, como comunidades interioranas ou cidades grandes em que os membros precisam de mais de uma condução devido à distância até a igreja. Já os desafios do culto online referem-se ao distanciamento, à indiferença, à frieza nas relações, ao afastamento e à perda dos laços afetivos, sendo esses elementos indispensáveis na vida do ser humano, pois estar na igreja significa viver em comunidade.

Com tudo que foi dito anteriormente, percebe-se que todos precisam de relacionamentos, e com os jovens não é diferente. A religiosidade é uma forma excepcional para o desenvolvimento saudável das relações, não apenas para com Deus, mas acima de tudo para com o próximo. Apesar das novas gerações serem grandemente afetadas pelos meios midiáticos – pois esses muitas vezes impossibilitam o processo relacional de uma forma mais natural –, existem inúmeros pontos a serem considerados como fatores impactantes quando se trata do quesito espiritualidade. Justifica-se assim o estudo desta pesquisa, objetivando a reflexão sobre os impactos do culto online na vida dos jovens adventistas e suas implicações no processo espiritual e relacional, em meio ao isolamento social.

ISOLAMENTO SOCIAL, PANDEMIA E CULTO ONLINE

A humanidade passou por momentos difíceis. O impacto mundial decorrente da pandemia do Covid-19 foi devastador, afetando todos os cenários possíveis, tais como economia, educação, religião e, principalmente, a saúde, entre outros. O Conselho Nacional de Saúde afirmou, à época, que

> [...] desde que foram detectados os primeiros casos de uma nova infecção respiratória em Wuhan, capital da província de Hubei na China, identificada e denominada

> de Covid-19 provocada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2, o mundo entrou em alerta e, de acordo com grandes pensadores, o mundo nunca mais será o mesmo (BRASIL, 2020).

Para evitar então a proliferação do vírus de uma forma mais intensa e como método de proteção para a população, muitas medidas foram tomadas. Dessa forma, o Conselho Nacional de Saúde retratou que:

> [...] o enfrentamento à pandemia do Covid-19 tem sido mais efetivo em países que têm como referência política a soberania e o desenvolvimento nacional, que atenderam as orientações da OMS, utilizando métodos como a testagem em massa, isolamento social e uso de máscaras pela população, bem como a tomada de decisões e ações rápidas, efetivas e sustentáveis, para atender à necessidade urgente de preservação das vidas [...]. (BRASIL, 2020).

O isolamento social, considerado um dos métodos mais eficazes para conter a pandemia, é amplamente incentivado por todos os órgãos públicos. Esse processo acontece quando uma pessoa, de forma voluntária ou involuntária, afasta-se dos vínculos sociais e dos indivíduos da sociedade. O isolamento voluntário ocorre quando um indivíduo se afasta por vários motivos, tais como depressão ou não aceitação do grupo social, dentre outros fatores. Já o isolamento involuntário pode acontecer por questões como guerras, crimes e, como ocorreu naquela ocasião, por pandemias.

Sendo assim, devido ao isolamento social, como forma de evitar aglomerações para combater a disseminação do novo coronavírus, ocorreu naturalmente uma mudança de rotina em várias áreas da sociedade. Comprovou-se essa assertiva pelo fato de muitos estabelecimentos comerciais terem sido fechados em diversos municípios brasileiros, sendo autorizado somente o

funcionamento dos considerados serviços essenciais. Além disso, ocorreram mudanças na jornada de trabalho e no salário de muitos trabalhadores, sem contar os que perderam seus empregos. Aconteceram também modificações relacionadas ao ambiente escolar, como a paralisação das escolas, impactando profundamente a vida acadêmica de muitos alunos e professores.

Dentro desse novo cenário, no que diz respeito ao culto congregacional, muitas e significativas mudanças também precisaram ocorrer nas igrejas. Como forma de atendimento a esse quesito, começou a crescer notoriamente a quantidade de cultos online. Utilizando as redes sociais, tais como Facebook e YouTube – ferramentas mais usadas no Brasil e no mundo para a transmissão dos cultos online –, qualquer pessoa que possuísse um celular e uma boa conexão com a internet podia assistir ao culto sem problema algum, de modo que nem o pregador, nem os membros necessitavam sair de casa para que a mensagem pudesse ser comunicada.

Assim, o isolamento social, aliado ao crescimento exponencial do acesso à internet e às inovações tecnológicas nos últimos anos, ampliou significativamente a influência da tecnologia sobre a sociedade, em especial sobre os jovens. Como afirmam Santaella *et al.*:

> Enfim, a tecnologia computacional está fazendo a mediação das nossas relações profissionais, sociais, de nossa autoidentidade e do nosso sentido mais amplo de vida social. O telefone celular, o fax portátil, o computador notepad e várias outras formas eletrônicas de extensão humana se tornaram essenciais à vida social e se constituem nas condições para a criação da cibercultura. Esta vai se estabelecendo com firmeza na medida em que crescentemente usamos formas mediadas de comunicação digital (Santaella *et al.*, 2008, p. 20).

Assim, além de tomar espaço no mundo contemporâneo, os meios tecnológicos entraram também na rotina e em vários aspectos cognitivos do ser humano. Os autores ainda acrescentam que:

> O que mais impressiona não é tanto a novidade do fenômeno, mas o ritmo acelerado das mudanças tecnológicas e os consequentes impactos psíquicos, culturais, científicos e educacionais que elas provocam [...] A convergência explosiva do computador e das telecomunicações foi muito rapidamente criando uma gigantesca rede planetária de troca de informações. Cada vez se produz mais informação, surgem mais empregos cuja tarefa é informar, mais pessoas dependem da informação para viver. A economia mesma está crescentemente se sustentando da informação, pois esta penetra na sociedade como uma rede capilar, como infraestrutura básica e, ao mesmo tempo, como geradora de conhecimentos que se convertem em recursos estratégicos (Santaella *et al.*, 2008, p. 18).

O desenvolvimento da tecnologia, somado ao fator pandêmico, fez com que as igrejas virtuais crescessem muito. Houve pessoas que consideraram esse fenômeno muito proveitoso, devido ao dinamismo e praticidade, tanto de quem executava quanto de quem assistia, sem contar o alcance, que não teria o mesmo resultado se fosse presencial. Por outro lado, houve quem encarasse as consequências dessa experiência como algo não tão produtivo, por causa da mentalidade arcaica e dos métodos tradicionais do que se entendia ser a igreja. Mas, acima de tudo, por terem uma leitura negativa dos meios midiáticos. Sabia-se que:

> [...] a nossa crença cultural profundamente entrincheirada na necessidade de proteger as crianças

> da influência externa 'prejudicial' da cultura de massa (por exemplo, videogames, música gótica, internet) teve ramificações poderosas, influindo na forma como concebemos a relação entre os jovens e a mídia [...] ficamos tão apegados a nossas preocupações a respeito do que as mídias vêm fazendo com as crianças que falhamos em compreender o que 'as nossas crianças estão fazendo com as mídias' (Jenkins, 1999 apud Mazzarella, 2009, p. 81).

Essa questão cultural fez com houvesse dificuldade em desenvolver mais amplamente o culto online naquele momento. Houve, assim, um choque no que diz respeito às questões culturais e à forma de cultuar. Sendo que a religiosidade tem seus princípios litúrgicos fundamentados nas normas e costumes de um local, tornou-se notório o atrito do culto online ao ser comparado com alguns aspectos do culto presencial. Concernente a essa questão cultural e ao que (ou a quem) estava por trás das mídias digitais, inferia-se que:

> As formas nacionais e locais de produção de mídias para os jovens, especialmente em setores como televisão, filmes, computação, música e esportes, são cada vez mais influenciadas e moldadas por uma série de gigantes transnacionais da mídia. A tensão entre as forças globais e a herança cultural local apresenta um desafio importante para que muitas sociedades mantenham o que é percebido como sua única identidade cultural no mundo de hoje (Mazzarella, 2009, p. 357).

Outro fator foi a questão geracional. As gerações mais novas tiveram maior aceitação e facilidade quanto ao uso dos recursos tecnológicos, pelo fato de já terem nascido imersas no meio digital. Conforme disserta Campitelli:

> O século XXI viu surgir uma nova geração, com novos comportamentos, novas expectativas e novas soluções. As características dos jovens da atualidade estão determinando os destinos da sociedade e também da igreja. Para liderar essa geração revolucionária, é preciso lidar com os problemas que as gerações anteriores não puderam superar e solucionar aqueles que ainda nem existem (Campitelli, 2019, p. 159).

Já as gerações anteriores tiveram maior dificuldade de aceitação e utilização dos meios midiáticos, por ser algo relativamente novo para elas. Muitos estavam entrando em contato pela primeira vez com a era digital. Afinal de contas, são gerações que nasceram fora do contexto da pós-modernidade, mas que a viram surgir e se tornaram imigrantes desse mundo digital:

> Nesse grupo de imigrantes no mundo digital estão inclusos muitos dos pastores, professores e líderes JAs. Muitos têm dificuldade em deixar antigos métodos para trás. Basta ver exemplos de pessoas que imprimem e-mails e/ou não usam a internet como primeira fonte de informação. Eles têm um grande desafio diante deles, porque estão trabalhando com as novas gerações que descobriram o mundo por meio de diferentes mídias (Campitelli, 2019, p. 122).

Uma vez que a igreja tem vários grupos geracionais, foi natural o choque, principalmente quando se trata dos métodos de adoração. O que é relevante para uma geração, possivelmente para outra é irrelevante e pouco aproveitado. Por isso, a necessidade de entender que a igreja precisa ser para todos, independentemente da faixa etária. Pois, como afirma Campitelli:

> Contrariando a crença popular, não existe uma igreja de ontem e nem uma de amanhã; a igreja de hoje precisa ser intergeracional. Isso significa que crianças, jovens, adultos e idosos comparecem juntos para adorar e servir ao Senhor. Essa junção de todos representa a chave da adoração (Campitelli, 2019, p. 40).

Assim sendo, percebeu-se que os cultos online, como parte integrante dos elementos midiáticos, tinham muitos pontos positivos. Um desses pontos foi o alcance de sua influência, na medida em que jovens do mundo inteiro puderam se reunir para assistirem juntos a um culto online, o que não seria possível se fosse presencial. Pois, como já destacava Mazzarella:

> [...] existe mais do que nunca um acesso crescente à informação e às ideias, a partir das mais diversas fontes, e oportunidades de ampliar o nosso ponto de vista sobre o mundo, e também para incentivar a consciência das outras pessoas. As influências potencialmente positivas da mídia também incluem a destruição dos estereótipos e o preconceito social, promovendo o pensamento crítico e a participação na vida social e política dentro e além das fronteiras nacionais. As mídias hoje também podem facilitar certo nível de interconectividade entre os jovens de várias partes do mundo. (Mazzarella, 2009, p. 357).

O mundo naturalmente passou por mudanças ao longo da história, principalmente tecnológicas. No entanto, observou-se que, com o surgimento de uma pandemia, as mudanças se tornaram bem mais aceleradas. Dessa forma, a realidade foi afetada de uma maneira tão impactante que nunca mais voltou a ser como antes. Pode-se afirmar então que o culto online tomou proporções ainda maiores nesse novo cenário. Ele não veio para substituir o

culto presencial, mas para atender pessoas e situações que de outra forma não seriam atendidas. Cabe hoje administrar com sabedoria essa herança, estando acima de tudo aberto e receptivo ao novo.

RELIGIOSIDADE: O JOVEM ADVENTISTA, O PROPÓSITO DA IGREJA E AS MÍDIAS SOCIAIS

A Igreja Adventista do Sétimo Dia, com o intuito de cuidar, treinar, capacitar e motivar seus jovens, decidiu fazer uma separação específica por idade, para melhor atender à linguagem de cada fase. Sendo assim, os jovens adventistas se enquadram na faixa etária entre 16 e 30 anos. Sobre o surgimento desse movimento, destaca-se que:

> A ação mais efetiva ligada ao surgimento do Ministério Jovem se deu em 1879, com dois garotos: Harry Fenner, de 16 anos, e Luther Warren, de 14 anos. Eles começaram organizando reuniões em Hazelton, Michigan, apenas para rapazes, num pequeno cômodo da casa dos pais de Luther. O objetivo deste primeiro grupo de jovens era promover o trabalho missionário, levantar fundos para a literatura missionária e promover a causa da temperança. Um pouco mais tarde, as moças também foram convidadas a participar (Campitelli, 2019, p. 9).

Como forma de metodologia e estratégia, a igreja sentiu a necessidade de criar uma área específica, para que houvesse um maior envolvimento dos jovens. Assim:

> Pouco tempo depois, em 1901, a Associação Geral tomou as primeiras providências para a formação oficial de uma organização de jovens, aprovando o conceito da Sociedade de Jovens e recomendando que fosse formada

> uma comissão para estabelecer um plano de organização (Campitelli, 2019, p. 9).

Ou seja, o Ministério Jovem não tem o propósito de entreter e divertir os jovens, pelo contrário, o principal objetivo é prepará-los para a eternidade, mas enquanto ela não chega, conservar os que já estão nesse propósito e, acima de tudo, levar outros por meio da missão. Conforme afirma Allen:

> O ministério jovem adventista não é um programa de entretenimento, uma instituição para atender crianças ou outro órgão de serviços comunitários. É ordenado por Deus para salvar Sua juventude. E o veículo que deve transportar nossos jovens em segurança da terra para o céu, a fim de que não se percam pelo caminho. Todos os programas e atividades deveriam captar e estimular a atenção dos jovens. O interesse e envolvimento deles deveriam aprofundar o relacionamento com Deus e focalizar a atenção no rumo e no alvo do adventismo (Allen, 2014, p. 11).

Uma vez que o objetivo da igreja e do ministério jovem é salvar, todos os esforços devem estar voltados para esse quesito. De acordo com Allen (2014, p. 154), "se nossa prioridade é salvar os jovens, então nossa ênfase deve ser puramente espiritual". Tendo dito isso, sabendo que o propósito da igreja é a salvação de todos quantos for possível, seus métodos devem estar em comum acordo com esse objetivo, incluindo seus cultos. Nesse processo, devemos alcançar nossa juventude, pois eles, por sua vez, querem participar ativamente dessa causa. Mas cabe agora à igreja usar a linguagem apropriada e estratégias específicas para motivar os jovens a continuarem nos designíos de Deus e envolvidos na missão. Como explicita Allen:

> Os jovens ajudaram a construir esta igreja. Têm uma grande responsabilidade por seu atual crescimento e, no futuro, para que se complete nossa missão e se conclua a obra, eles precisarão estar envolvidos. E a juventude está disposta a se envolver. Essa participação deve ser intensa. Os jovens estão pedindo que alarguemos nossa visão para enxergar a igreja e o envolvimento através dos olhos deles. Nossa definição de envolvimento precisa ser ampliada. Para os jovens significa entrega total a uma causa na qual são sócios (Allen, 2014, p. 152).

Nota-se que as mídias sociais fazem parte ativa da vida dos jovens, mas sempre foram um desafio para a igreja. E muitos líderes enfrentam uma problemática em harmonizar os costumes dos jovens em relação à mídia e o propósito da igreja. Isso acontece também com muitos pais, pois a salvação e o envolvimento dos jovens nas questões espirituais começam em casa, desde os primeiros anos de vida. O lar é o primeiro grupo social em que o indivíduo é inserido, é bem ali que ele aprende questões fundamentais sobre religiosidade. Cabe então aos pais essa primordial tarefa e cuidado. Nessa direção, Silva e Silva apontam:

> Nesta era secularizada, os pais precisam de muita sabedoria e dedicação para desenvolver ou manter o interesse dos filhos maiores no culto familiar. Acostumados a experiências como: comunidades virtuais, bate-papos online, vídeos interessantes, músicas envolventes, amigos das mais diversas partes do país e do mundo, jogos eletrônicos, entre tantos outros atrativos, parar para estudar a Bíblia tem sido um grande desafio para os pais que desejam manter a chama do altar acesa a cada dia, conforme nos orienta a Palavra de Deus (Silva; Silva, 2011, p. 38).

Como o principal propósito da igreja é a conservação dos jovens congregando e participando ativamente de seus ritos, os cultos se tornaram parte integrante desse processo. Porém, ao longo do tempo, muitas igrejas têm se tornado obsoletas quanto ao uso da linguagem e dos métodos de cultuar para alcançar os jovens. Encarando uma dura realidade – a de harmonizar os princípios bíblicos com a linguagem adaptada para as novas gerações –, Allen afirma que:

> As igrejas simplesmente não estão fazendo o suficiente para incentivar uma programação cuidadosa, atenta e interessante para a juventude. Como resultado, os jovens adventistas sentem-se deixados de fora. A igreja adventista parece estar perdendo quase um terço de seus jovens porque se recusa a convidá-los a participar da programação e do envolvimento na vida congregacional, deixando também de propiciar um diálogo aberto e sem pré-julgamentos acerca das questões da igreja e de preocupações teológicas. A liderança é zelosamente constituída por membros adultos da igreja e raramente confiada aos jovens. Como resultado, os jovens sentem que são muitas vezes usados para fazer o trabalho servil e tarefas insignificantes, raramente sendo solicitados a conduzir importantes projetos. Os jovens querem participar da obra da igreja. Muitos se comprometem a cumprir a missão da igreja (Allen, 2014, p. 149).

Observa-se que é muito importante que haja uma mensagem eficaz que fale ao jovem de uma forma relevante e intencional. Será muito mais produtivo e haverá um resultado mais significativo se as expectativas das novas gerações

forem atendidas, mesmo que a igreja necessite se adaptar às novas realidades e reinventar seus métodos. Conforme aponta Allen:

> Nossa juventude precisa ser desafiada hoje com uma mensagem que lhe seja relevante, que lhe supra as necessidades. Precisa ver essa mensagem vivida pela igreja e seus membros. Precisa ser levada, por preceito e exemplo, a adotar um estilo de vida que lhe permita apreciar a presença de Deus neste planeta, a fim de que esse apreço e comunhão possam ter prosseguimento nas cortes celestiais. É essa a mensagem e a missão da igreja aos jovens (Allen, 2014, p. 10).

Nesse sentido, o *Manual do Ministério Jovem Adventista* assegura, segundo Capitelli (2019, p. 66), que "para a igreja conseguir socializar a juventude, ela precisa fortalecer sua imagem na vida do jovem, preocupando-se intencionalmente em ser relevante para ele e suprindo suas necessidades. Essa relevância não deve, nem precisa, ferir os princípios bíblicos".

Basicamente, quando se coloca na mente e no coração do jovem a importância de ser fiel a Jesus e de priorizar as questões espirituais, naturalmente cumpre-se o propósito da igreja. Quando o jovem tem uma experiência com Deus a ponto de servi-Lo da melhor maneira possível, o culto alcançou seu objetivo, mesmo sendo virtual. Pois a adoração, conforme aponta Campitelli:

> é a motivação do verdadeiro culto. Adoração não significa meramente estar na igreja. O exercício religioso do culto consiste em aprender a viver na presença de Deus e a integrar na vida diária o que se aprendeu na igreja. [...] a adoração tem uma destacável posição nos eventos finais. A despeito do tempo ou da cultura, a genuína adoração pode ser reconhecida e praticada (Campitelli, 2019, p. 39).

Os resultados são mais satisfatórios quando temos líderes com a mente e o coração abertos para as novas gerações, que saibam dosar o uso das mídias sociais, principalmente no que diz respeito à religiosidade dos jovens. É evidente que o culto online não substitui o presencial, mas saber usar as ferramentas corretas, especialmente como ocorreu no período pandêmico e se estende no pós-pandêmico, tornou-se um requisito chave para envolver a juventude. Assim:

> Um time de líderes criativos, inovadores e que use as mídias para se conectar com as novas gerações é fundamental para que qualquer ministério seja bem-sucedido no século XXI. Contudo, a essência da liderança e a característica indispensável para um líder jovem eficaz é a capacidade de servir (Campitelli, 2019, p. 160).

Tirando o contexto de isolamento decorrente da pandemia, a modernidade já havia formado a geração atual em integrantes ativos da internet. Somado ao fato de que nenhum ser humano é uma ilha e que todos têm em sua natureza a necessidade de viver em comunidade, muitos jovens têm mergulhado no mundo virtual para atender a essa exigência natural, a fim de firmar relacionamentos e se sentirem pertencentes a um grupo. Como pontua Campitelli:

> O ser humano é intrinsecamente social e na juventude essa característica é ainda mais intensa. Sem desconsiderar a triste realidade da solidão e do isolamento social vivido por muitos jovens, em geral eles passam mais tempo com seus pares, nas redes sociais, na escola, na faculdade, no trabalho, ou nos encontros das tribos, nas quais a sociedade urbana está organizada. Eles querem pertencer a um grupo, a uma comunidade onde possam nutrir relacionamentos profundos e ter

> momentos de recreação e lazer. A igreja deve ser esse lugar! (Campitelli, 2019, p. 66).

É nesse momento que entra a igreja e seu papel em todas as gerações. Quando o foco está na adoração, independentemente das formas aplicadas, as igrejas convivem em harmonia entre as gerações e respeitam cada método empregado para salvar, quer seja no culto online ou no presencial. Assim, o jovem automaticamente sente que a igreja é uma extensão do seu lar. Sabendo, pois, que "o culto pessoal deve ser um hábito na vida do jovem adventista e ele não pode abrir mão desse privilégio" (Campitelli, 2019, p. 66), evoca-se a necessidade de uma modificação nos paradigmas para incentivar as formas de cultuar das novas gerações, pois quando a igreja vive momentos harmoniosos, tudo passa a fluir melhor.

Por isso, faz-se importante um diálogo com a parte mais velha e experiente da igreja, a fim de auxilia-los a entender que os tempos em que vivemos são tendenciosos à modernidade, abrindo assim espaço para o bom uso das tecnologias e, principalmente, quanto à forma de cultuar. É nesse sentido que o culto online tem sua funcionalidade nesse momento pandêmico, como diz Allen:

> Precisamos dar nova ênfase às práticas que promovem uma rica vida devocional e um envolvimento pessoal com a religião. Devemos incentivar a troca de ideias acerca do significado da fé e do lugar que ocupam as doutrinas. Precisamos ensinar que a religião é basicamente uma questão de relacionamento com Deus e com o próximo – em vez de um sistema de doutrinas ou um código de comportamento (Allen, 2014, p. 149).

Observa-se que, por um lado, existem gerações mais antigas que têm dificuldades com as novas tecnologias, principalmente quando veem essas ferramentas sendo inseridas no contexto da adoração. Por outro lado, têm-se

jovens que já nasceram nessa era tecnológica, são conhecidos como nativos digitais. Alguns, porém, infelizmente, não possuem habilidades para administrar os meios midiáticos, usando-os em todo o tempo e de qualquer maneira.

> Tornou-se cada vez mais comum presenciar jovens andando pelas ruas como zumbis, imersos em seus perfis nas mídias sociais e jogando online em seus smartphones. Eles são nativos digitais, indivíduos que estão crescendo na era das conexões. A verdade é que os nativos digitais cresceram com a tecnologia digital e usam isso brincando, por isso não têm medo dela; eles a veem como uma aliada (Campitelli, 2019, p. 122).

Sendo assim, é importante criar uma harmonia nos padrões de adoração, respeitando os diferentes tipos de gerações na igreja, a fim de que o culto alcance seu objetivo. Isso exige uma via de mão dupla: se por um lado é dever dos mais novos respeitar e ouvir os mais experientes, por outro lado, os mais velhos precisam rever seus métodos para não se tornarem obsoletos. Dessa forma, o culto online não deve ser considerado algo irrelevante, mas sim uma ferramenta que a cada dia está ganhando mais espaço e que, se bem administrado, proporcionará grandes e significativos efeitos em uma época puramente digital. Assim afirma Allen:

> Corremos o perigo de criar uma nova geração de jovens que não se apegue firmemente aos ensinos exclusivos do adventismo. Precisamos fazer tentativas mais eficazes para oferecer aos jovens a oportunidade de estudar nossas principais doutrinas de uma forma que lhes seja interessante e convincente (Allen, 2014, p. 149).

A recomendação bíblica é clara para se congregar, pois o ser humano necessita disso para se fortalecer na fé, bem como para intercessão e interação

uns com os outros. Porém, como o objetivo da igreja é a adoração e a finalidade da adoração é ter uma experiência com o Espírito Santo, nesse contexto, o local não se torna parte do processo. Na verdade, a adoração começa bem antes do momento do culto – ela parte de uma comunhão diária com Deus. Conforme aponta Campitelli:

> Adorar a Deus é algo que requer o preparo da pessoa antes que ela compareça ao local de culto, e os passos essenciais para esse preparo são o arrependimento e a confissão. Isto abre o coração à influência do Espírito Santo, ajudando o adorador a tornar mais clara a consciência da presença de Deus (Campitelli, 2019, p. 40).

Os líderes atuais, ao perceberem o potencial que o jovem tem, utilizarão mais as ferramentas tecnológicas à sua disposição e, atrelados ao poder do Espírito Santo, farão coisas extraordinárias. Conforme destaca o *Manual do Ministério Jovem Adventista*, os líderes sábios reconhecem que "encarar as mídias sociais como aliadas, ao invés de um cenário desconhecido, também é de grande valia; permitindo que a familiaridade com as ferramentas apareça de maneira natural [...]" (Campitelli, 2019, p. 129).

Por isso, essas ferramentas da modernidade se tornam aliadas fundamentais para alcançar os objetivos finais da igreja. Tendo equilíbrio e sabedoria para lidar com elas e com as novas gerações, o método mais eficaz acontece quando há uma reciclagem e atualização de pensamentos, direcionando-os aos tempos atuais. Dentro de todo esse contexto, o culto online pode se transformar em uma ferramenta relevante e intencional para o cumprimento do objetivo final do que é ser uma igreja. Mas muitos líderes precisam ainda se reciclar e inovar.

> Percebe-se, então, que os líderes que não estão usando as redes sociais de nenhum modo, ou apenas as utilizam internamente, deveriam estar atentos para os

> significantes benefícios de ser proativo na estratégia de comunicação das mídias sociais (Campitelli, 2019, p. 124).

No geral, a igreja não é um templo físico, mas sim as pessoas. Sem elas, não há o convívio pessoal e, assim, não existe socialização e engajamento. Percebe-se, dessa maneira, que a igreja tem um papel fundamental na vida de qualquer indivíduo: a interação uns com os outros e a salvação de todos.

O *Manual do Ministério Jovem Adventista* assegura que a "socialização é necessária para uma vida bem equilibrada. Os especialistas em saúde mental afirmam que uma vida equilibrada inclui trabalho, recreação, companheirismo e espiritualidade" (Campitelli, 2019, p. 67). A palavra-chave então para esse momento de isolamento social é o equilíbrio. Quando este é usado de maneira satisfatória e relevante, o objetivo final acontece na igreja, que é o de salvar a todos, de qualquer maneira e em qualquer lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O culto online, como citado anteriormente, é um processo que precisa ser trabalhado pela liderança das igrejas e entre os jovens. Dessa forma, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre essa temática, para destacar possíveis benefícios ou malefícios que o culto online traz para o aspecto religioso dos jovens adventistas.

Observou-se que, em um período essencialmente marcado pelos avanços tecnológicos, tornou-se primordial incluir novas ferramentas para alcançar o objetivo final da igreja, que é o de levar o conhecimento bíblico ao máximo de pessoas possível e conservar as que já conhecem as orientações bíblicas e fazem parte do âmbito congregacional. Para tanto, diferentes formas de cultuar podem ser perfeitamente harmonizadas, principalmente como se fez necessário naquele contexto de isolamento social por decorrência da pandemia do Covid 19. O culto online, se corretamente introduzido, com equilíbrio e de forma sensata, mostrou que tem seu espaço como método de evangelizar e alcançar pessoas para Cristo.

Por fim, esse estudo foi realizado para viabilizar uma mudança de paradigmas no que diz respeito à adoração, ampliando conceitos e métodos, além de estimular a discussão para outras ideias e ferramentas dentro do atual cenário marcado pela pós-modernidade. Nunca se precisou tanto de uma igreja assim como agora – que saiba conservar os princípios bíblicos e que cumpra perfeitamente a funcionalidade proposta para ela, mesmo utilizando meios inovadores e modernos. Essa é a igreja relevante para a atualidade.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Malcolm. **Salvação e serviço**: o desafio do ministério jovem. 4. ed. São Paulo: Sobre Tudo, 2014.

BRASIL. **Conselho Nacional de Saúde**. Recomendação n.º 027, de 22 de abril de 2020.

CAMPITELLI, Carlos (Org.). **Manual do Ministério Jovem Adventista**. Brasília: Divisão Sul-Americana, 2019.

HABENICHT, Donna J. **Como ajudar seu filho a amar Jesus:** sugestões práticas para transmitir valores espirituais. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

MAZZARELLA, Sharon R. (Org.). **Os jovens e a mídia**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

SANTAELLA, Lucia et al. O impacto das novas mídias sobre a cultura. In: VILLARES, Fábio (Org.). **Novas mídias digitais (audiovisual, games e música):** impactos políticos, econômicos e sociais. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

SILVA, Wélida D.; SILVA, Edinaldo J. **Filhos**: escola de pais. 2. ed. Paraná: Gráfica Maranata, 2011.

CAPÍTULO 17

17

Novas gerações: liderando uma geração em crise com a liderança

Aline Cristina Francisco Machado de Oliveira

Nos últimos anos tem-se estudado, observado, pesquisado e falado sobre as novas gerações, especialmente no setor corporativo, mas também no mercado de consumo, de trabalho e universidades. Na Igreja Adventista do Sétimo Dia o tópico de discussão não é diferente. A importância e a relevância das novas gerações se mostraram tão vivas para a igreja que essa se tornou uma de suas ênfases de trabalho – de forma oficial – desde o ano 2021.

As características e peculiaridades que essas gerações apresentam geram um desafio e até um desconforto para as gerações anteriores. A título de exemplo, é comum na sociedade, quando ambas as gerações estão alocadas em um mesmo ambiente, fazer-se necessária a coexistência, além do estabelecimento de uma liderança – tal como acontece na igreja, em seus diferentes níveis –, causando assim, conflitos, expectativas, problemas e frustrações para ambos os lados. Aqui, não estamos nos referindo apenas aos líderes que desenvolvem uma liderança direta com as novas gerações, por intermédio dos pastores departamentais do Ministérios Jovem, Desbravadores, Aventureiros, Criança ou Adolescente, mas também nos referimos aos líderes da igreja local, em suas diferentes funções, como: anciãos, diáconos, professores da Escola Sabatina, líderes do Ministério Pessoal, líderes de Mordomia etc.

Diante desse cenário, é imprescindível entender os fatores que podem gerar conflitos entre as lideranças, além de indicar as razões pelas quais estes acontecem. Ademais, precisamos entender as características, expectativas e peculiaridades de cada uma das gerações envolvidas. Isso fica claro quando lemos o que John Stott (2004, p. 49) escreveu em seu livro *Os desafios da liderança cristã*:

> A geração dos mais velhos nem sempre confia na geração dos jovens. Com frequência os tratam como se fossem crianças; não aceitam facilmente seus direitos e é com muito trabalho que os aceitam como líderes. Esta é uma das razões por que com frequência os jovens se irritam e frustram-se.

Diante dessa visão, nos deparamos com a seguinte problemática: como liderar uma geração que está em conflito com a liderança? Como a atual geração líder pode influenciar de forma positiva essa nova geração a ser liderada? No presente trabalho, não buscamos descobrir ou dar uma solução definitiva para a problemática, mas sim, suscitarmos uma breve reflexão sobre o tema.

CONHECENDO AS GERAÇÕES

Valerie M. Grubb, em seu livro *Conflito de gerações: desafios para gerenciar quatro gerações*, afirma que as gerações são definidas por sua respectiva data de nascimento, do ano X ao ano Y, podendo ter uma variação de alguns anos entre os autores. No entanto, Grubb também argumenta que outros fatores podem unir uma geração, por exemplo: a idade, a localização, os eventos significativos e os estágios de desenvolvimento (Grubb, 2018). O pesquisador vai ainda mais longe, ao declarar que,

> Para gerenciar pessoas, é preciso compreendê-las. E como as experiências e atitudes geracionais influenciam em muito, não só como as pessoas executam o próprio trabalho, mas também como se relacionam umas com as outras, qualquer indivíduo que gerencie um local de trabalho multigeracional deve priorizar a compreensão dessas experiências e atitudes (Grubb, 2018, p. 587).

Em sua análise, a primeira geração que se destaca é a geração que nasceu entre os anos de 1946 e 1964, chamados de *baby boomers*. Essa geração foi marcada por um emergente contexto de fragilidade social, alicerçado no conturbado período de guerras, de grandes mobilidades sociais, crescimento ou *crash* econômico e incertezas quanto ao "futuro". Tais fatores geraram neles o sonho da estabilidade financeira através de empregos fixos e duradouros (Grubb, 2018).

Em seguida, surge a geração X – nascidos de 1965 a 1980 –, marcada por uma volátil estrutura familiar, geralmente com dupla fonte de renda. Nesse

cenário, os filhos permaneciam sozinhos em casa, já que a mulher (figura materna) passou a ser inserida no mercado de trabalho com mais frequência. Isso lhes desenvolveu a independência e, ao mesmo tempo, uma certa desilusão em relação à família (Grubb, 2018, p. 466–498). Pedro Salomão (2018) complementa que essa geração apresenta um alto índice de divórcios, além de ver o avanço tecnológico como uma grande ameaça ao seu estilo de vida. Contudo, essa geração ainda mantém o respeito pela hierarquia – inclusive a familiar –, sendo esta uma característica marcante de seu perfil.

Na sequência, surge a geração dos *millennials* ou geração Y – os nascidos entre os anos de 1981 e 1997. Essa geração recebeu um cuidado maior dos pais (responsáveis), por isso insere-se em um cenário com maiores oportunidades de educação e estudo. Ela acompanhou de perto a popularização da internet e o desenvolvimento de computadores e *smartphones*, propondo-se a construir algo além da estabilidade financeira, movidos pela crença de que as possibilidades são infinitas. Para os *millennials* a hierarquia até faz um pouco de sentido no ambiente de trabalho, mas, fora dele, é percebida como uma ferramenta que afasta as pessoas (Oliveira, 2016).

Posteriormente, surge a geração Z, que abrange aqueles que nasceram de 1998 a 2010. Estes têm características semelhantes a anterior, são chamados de "nativos digitais" por já nascerem após a popularização da tecnologia; são inovadores e independentes, tendem a interagir mais com o grupo que apoia suas ideias, cargos e hierarquias não fazem sentido para eles. Curiosamente, são apresentados como a geração com maior número de pessoas que se declaram ateus ou agnósticos (Emmanuel, 2020).

Depois de observar cada uma dessas gerações e voltarmos o nosso olhar para a igreja, percebemos que a liderança da igreja está nas mãos de pessoas que representam, em sua maioria as gerações dos *Baby Boomers* e da geração X, no entanto, a maioria dos membros que a compõem, são das gerações Y e Z.

ENTENDENDO LIDERANÇA PARA AS GERAÇÕES

Ainda que o termo liderança possa ser apresentado de diferentes formas pelos autores, a definição que Maxwell (2012, p. 9,12) apresenta em Os 5 *Níveis*

da Liderança, evidencia as qualidades de uma boa liderança. Em sua análise, o autor identifica que a "liderança é um processo, não uma posição" visto que a "liderança lida com pessoas e suas dinâmicas, as quais estão em constante mudança", assim, ele concluí que "liderança é influência". Ademais, pode-se dizer que outros autores apresentados neste trabalho seguem essa mesma linha de pensamento, tais como Bill Hybels (2002), John Stott (2004) e Pedro Salomão (2018).

Para avançarmos, pensemos agora na definição de liderança de acordo com a ótica que as diferentes gerações têm sobre o assunto. Salomão (2018) descreve, sob uma visão corporativa, a opinião que cada grupo apresenta e podemos nos valer dessa visão para refletirmos sobre a postura e ações de nossos membros.

A começar pela geração dos *Baby Boomers* e da geração X, nota-se que eles veem a liderança de forma parecida. Enxergam o líder como um chefe, tangenciando-se sob a perspectiva de "onde um manda e o outro obedece". Preservam um sistema de hierarquia muito bem estabelecido, onde os papéis são definidos e há pouco ou nenhum espaço para o diálogo e troca de ideias. Essas gerações foram desenvolvidas em um ambiente onde se valorizava o trabalho duro, especialmente a permanência na mesma empresa, mesmo que não houvesse oportunidade de crescimento e aprendizado. Se questionados sobre um modelo de líder que admiram, facilmente levantariam nomes de chefes ou pessoas que julgam ser importantes e que, geralmente, estão uma "categoria" acima deles, são mais instruídos e têm uma condição financeira melhor. São dominados pelo medo de perder o emprego e a fonte de renda; por isso, se submetem aos desejos do "líder" ou do patrão (Salomão, 2018).

Quando trazemos essas características para a igreja, temos um grupo de pessoas que apreciam e respeitam a hierarquia organizacional que ela apresenta. tendo como autoridade eclesiástica desde o pastor distrital, passando pelos pastores administradores e departamentais de campo, pastores administradores e departamentais de União, seguindo para Divisão e por fim chegando ao mais alto posto, o pastor presidente da Conferência Geral. Sob esse viés, é válido notar que grande parte desses membros das gerações *Baby*

Boomers e X não têm ou nunca tiveram um contato próximo com a maior parte dos pastores que admiram, mas os respeitam como autoridade mesmo assim. Eles respeitam também aqueles que demonstram conhecimentos acima da média.

Para a geração *Millennials*, o líder não é apenas uma pessoa que tem uma função acima da sua, mas alguém que os motiva a serem cada dia melhores e os incentiva a buscar crescimento. Eles definem "líder" e "chefe" com características diferentes, mesmo que ambas possam coexistir em uma mesma pessoa, pois "se tornaram jovens adultos com expectativas altíssimas nas costas, que podem ser resumidas numa única frase: 'Você pode ser o que quiser'" (Salomão, 2018, p. 20). Respeitam os "chefes", mas não lhe dedicam a mesma admiração que tem para com seu "líder", ao mesmo tempo em que entendem e apreciam a hierarquia no ambiente de trabalho. São ideologistas, cobram o que lhes foi prometido, querem um resultado mais rápido, sonham alto e querem mudar a situação das pessoas ao seu redor. De modo peculiar, essa geração não tem medo de perguntar, de perder o emprego, de apontar os erros e as incoerências vistas na liderança (Salomão, 2018). Na igreja, essas idiossincrasias encontram eco, pois são capazes de respeitar a opinião e a função pastoral ou dos líderes dos departamentos da igreja local, mesmo sem admirá-los, ao mesmo tempo em que os questionam sobre os motivos que levaram a uma decisão tomada.

A geração Z, por sua vez, vê a liderança como algo a ser conquistado e não uma função que lhe foi imposta ou um cargo que a pessoa ocupa. Mesmo que apresente características semelhantes à sua geração anterior – como por exemplo, serem mais questionadores –, pouco importa se a pessoa que se direciona a eles tem um cargo mais elevado na empresa, se é mais estudada, ou se tem uma condição financeira superior e estável. A conexão de ideais, projetos, perspectivas e incentivos é mais importante do que a placa afixada à porta de uma sala. Isso ocorre porque essa geração valoriza ambientes de trabalho abertos, nos quais a interação seja facilitada; é mais individualista, embora valorize o grupo em que está inserida e valide os sentimentos diversos; é também uma geração que não aceita imposições (Emmanuel, 2020). Não

distante dessa percepção, Oliveira (2016) afirma que a geração Z valoriza a liderança compartilhada – onde não há espaço para a liderança autoritária –, a interação com os colegas de trabalho, a oportunidade de dar opinião e ela ser levada consideração; destaca também que essa geração é mais tolerante com as diferenças entre as pessoas, pois consegue respeitar e discordar ao mesmo tempo; além disso, troca de prioridade e de emprego com facilidade, optando por estar inserida num ambiente em que ela – geração Z – possa ser autêntica e verdadeira.

Quando posicionados na igreja, a geração Z traz consigo os questionamentos, a demanda do líder com virtudes que lhe garantam confiança e, especialmente, a validação dos sentimentos alheios. As opiniões e doutrinas da igreja precisam fazer sentido para que sejam seguidas, pois não as seguirão por imposição, querem sentir que fazem parte da igreja, que sua opinião é levada em consideração, querem sentir Deus de forma real em suas vidas, querem sentir que são importantes e valorizados, precisam de mais "provas" para serem conquistados. Iracy da Costa (2022, p. 33) expressa sua opinião afirmando, em seu livro *Geração 3000: um novo líder para um novo cérebro & uma nova sociedade*:

> A cada período percebemos que há comportamentos e crenças dominantes, muitas apenas com novas roupagens a partir de novas denominações, mas que expressam a mesma base, apenas adaptada à época. Ao mesmo tempo, em cada um desses períodos alguns grupos se destacam por não aceitar as crenças construídas.

A geração Z não aceita liderança por imposição. Para engajá-los na igreja, é essencial que o líder demonstre virtudes que gerem confiança real e valorize a dimensão emocional e o pensamento crítico desses jovens. Como aponta Iracy da Costa, embora as "roupagens" culturais mudem a cada época, a

essência humana permanece a mesma: uma busca profunda por coerência, pertencimento e um contato autêntico com a experiência religiosa.

PRINCÍPIOS NORTEADORES PARA LIDERANÇA

Os princípios de liderança disseminados no mundo corporativo também podem ser aplicados e direcionados aos líderes das igrejas. Tal afirmação se justifica no propósito maior conforme apresentado por Hybels (2002, p. 12), "os líderes das igrejas locais" possuem o potencial de serem "a mais influente força do planeta". O autor salienta, ainda, que homens e mulheres com o dom espiritual da liderança precisam liderar de forma "vigorosa", "alegre e eficiente nas igrejas locais". Em diálogo com esse pensamento, Maxwell (2012, p. 19), identifica um primeiro princípio norteador para a liderança: o gosto pelas pessoas e o sincero interesse em criar um relacionamento com elas, para que, de fato, lhes seja agregado valor.

Um segundo princípio é formulado por Bill Hybels (2002, p. 37–38), no livro *Liderança Corajosa*, ao considerar que, segundo ele, um bom líder é aquele que vive de acordo com suas crenças e princípios, isto é, não é hipócrita. A vida de um bom líder, portanto, pode ser um testemunho fiel para aqueles que o ouvem.

A frase de Stott (2004, p. 47) "Escutar é algo bom em si mesmo, porque é uma atitude de respeito" extraída da obra *Os Desafios da Liderança Cristã*, apresenta-nos o terceiro princípio norteador de uma liderança: o exercício da escuta ativa. Para Stott, escutar é uma forma de alcançar um consenso, especialmente quando as opiniões são divergentes. Esse exercício se mostra eficaz e pertinente para um líder que deseja liderar com empatia e assertividade.

Por fim, o quarto princípio norteador, segundo Pedro Salomão (2018, p. 30), é a confiança,

> Ser líder, para mim, é confiar em um grupo de pessoas, muito mais do que conduzi-lo. Ninguém lidera sem estabelecer com sua equipe [...] um sentimento rico e profundo de confiança. [...] O problema é justamente

> que em geral, em vez de apostar na confiança, ainda baseamos nosso comportamento profissional no controle.

A partir do que foi exposto – os quatro princípios norteadores – Maxwell (2012, p. 186) parece sintetizar bem que uma boa liderança está ligada, sobretudo, a identificar e treinar pessoas com potencial ao seu redor, para que também sejam líderes não apenas no futuro, mas no presente. Identificar, treinar, ensinar, capacitar e incentivar o crescimento são atributos de um bom líder. Segundo ele, um bom líder faz outro bom líder, deixando, assim, seu legado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como cristãos cremos que a liderança é um dom de Deus, como está descrito no livro de Atos 20:28: " Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho no qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue." Acreditamos que isso é especialmente verdade, ao considerarmos todos os líderes que compõem nossa igreja, desde o líder da congregação local até a liderança em nível mundial.

Paulo, em sua primeira carta ao jovem Timóteo, escreve: "Ninguém o despreze por você ser jovem; pelo contrário, seja um exemplo para os fiéis, na palavra, na conduta, no amor, na fé, na pureza" (1Tm 4:12). Em outra passagem, Paulo declara: "Não repreenda um homem mais velho; pelo contrário, exorte-o como você faria com o seu pai. Trate os mais jovens como irmãos, as mulheres mais velhas, como mães, e as mais jovens, como irmãs, com toda a pureza" (1Tm 5:1–2). Ao comentar esse texto, Stott (2004, p. 63) afirma que o jovem Timóteo deveria dar o exemplo, em vez de impor sua autoridade pela força. Deveria, ainda, respeitar e demonstrar afeto aos mais velhos, bem como aos jovens de sua idade ou mais novos, escrevendo as seguintes palavras: "Os líderes jovens devem ser sensíveis a essas diferenças e não tratar a todos por igual, mas tratar os mais velhos com respeito, sua própria geração com

igualdade, o sexo oposto com prudência e pureza, e todas as idades de ambos os sexos com amor que une a família cristã".

Aqui temos um ponto de vista a ser levado em consideração: a postura, o respeito, o afeto e ações que as novas gerações devem desenvolver e apresentar para com as gerações anteriores à sua. Sua energia, ímpeto, curiosidade, desprendimento, diversidade e empreendedorismo devem estar alinhados à prudência, à sabedoria e à experiência que as gerações anteriores podem oferecer. Essa relação, contudo, não é unilateral; ela encontra sua plenitude quando os líderes experientes assumem o papel de mentores. Em contrapartida, Bill Hybels (2002, p. 127), em seu livro *Liderança Corajosa*, encerra um de seus capítulos dizendo:

> Experimentar Deus operando por meio do meu dom de liderança ainda sacode meu âmago de tempos em tempos. Mas ver a mesma coisa ocorrendo por meio da minha filha... vê-la decolando... ver a próxima geração de líderes abrir suas asas e começar a voar – isso é realmente o melhor que há na liderança. Quaisquer que sejam os desafios a serem enfrentados pelas nossas igrejas nos anos vindouros, espero que possamos enfrentá-lo confiantemente, sabendo que fomos sábios o suficiente para investir na próxima geração de líderes.

Os líderes mais experientes precisam se esforçar para desenvolver uma liderança que busque valorizar as pessoas, viver de acordo com suas crenças e princípios, ouvir e respeitar as diferentes opiniões, bem como confiar nas ações e decisões que seus liderados tomam e, por fim, devem formar novos líderes.

Ao nos depararmos com todas as gerações que hoje compõem a sociedade – e consequentemente, a igreja –, percebemos que nosso maior desafio é equilibrar a relação da atual liderança e sua forma de liderar para com seus líderes e liderados mais novos, já que pertencem a gerações distintas.

Sendo assim, pode-se concluir que todas as gerações têm características importantes e relevantes para o desenvolvimento e crescimento da igreja. Se cada geração entender e desempenhar o seu papel, os conflitos e frustrações causados por essas diferenças podem ser amenizados.

REFERÊNCIAS

COSTA, I. **Geração 3000**. São Paulo: Literare Books International, 2022.

EMMANUEL, S. P. C. **Geração Z**: quem são e como se comportam os jovens nascidos na era digital. Rio de Janeiro: [s.n.], 2020.

GRUBB, V. M. **Conflito de Gerações**: desafios e estratégias para gerenciar quatro gerações no ambiente de trabalho. São Paulo: Autêntica Business, 2018.

HYBELS, B. **Liderança corajosa**. São Paulo: Editora Viva, 2002.

MAXWELL, J. C. **Os 5 níveis da liderança**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

OLIVEIRA, S. **Gerações:** encontros, desencontros e novas perspectivas. São Paulo: Interage Editora, 2016.

SALOMÃO, P. **LYdereZ:** o exercício da liderança para conectar gerações. Rio de Janeiro: Best Business, 2018.

STOTT, J. R. W. **Os desafios da liderança cristã**. São Paulo: ABU Editora, 2004.

CAPÍTULO 18

18

O relacionamento da liderança com as novas gerações da igreja

Vânia Moreira

Diante da revolução tecnológica pela qual o mundo tem passado em tempos recentes, percebem-se transformações em quase todas as áreas que envolvem a influência humana, inclusive nas sociais; sendo que neste campo, esse movimento tem acontecido de forma muito veloz e significativa, diferenciando-se da forma como se dava anteriormente, até o final da segunda metade do século 20. Essas mudanças estão relacionadas não apenas no âmbito das ferramentas tecnológicas, mas também com o modo que estas têm impactado a forma de perceber e se relacionar com o mundo, isto é, com suas práticas, os seus símbolos, significados, costumes, entre tantas outras áreas que fazem parte do mosaico das experiências humanas.

Essas rápidas mudanças, como as que têm ocorrido na contemporaneidade, têm produzido, com mais intensidade do que em outras épocas, choques transgeracionais significativos, que por vezes geram desconfortos entre os indivíduos e frustram as expectativas de uma ou de outra geração. Nesse sentido, uma vez que a igreja se encontra imersa no contexto social, muitas vezes dentro do ambiente das congregações religiosas mais tradicionais, pode acontecer que uma liderança, normalmente constituída em sua maior parte por pessoas que se formaram em uma geração anterior, não compreenda as demandas trazidas pelas novas gerações.

Na prática, isto pode ser visto inclusive quando uma liderança já estabelecida passa a não entender as preferências das novas gerações no tocante à música, à vestimenta, aos usos e costumes, vocabulário, entre tantas outras coisas. Assim sendo, torna-se premente a necessidade de se abordar esse tema, num esforço por desvendar mecanismos e motivações pelos quais esses conflitos têm acontecido, num esforço por buscar alternativas para resolver a questão.

Por essa via, esse trabalho procura lançar luz sobre o tema, provocando algumas reflexões, no sentido de buscar um olhar diferenciado sobre a questão e sugerindo o debate para que, através de um olhar mais treinado, seja possível preparar uma liderança mais capacitada, de forma a encontrar caminhos para pacificar e conciliar relações intergeracionais, para que a igreja esteja mais bem preparada para receber as novas gerações que estão chegando.

Lembrando sempre que, acima de qualquer outra visão, é importante considerar a igreja como um corpo unido, não importando a idade de seus membros, tendo todos colaborando para a pregação do evangelho e conclusão da obra.

AS DIFERENÇAS SIMBÓLICAS E O CHOQUE DE GERAÇÕES

Cada geração apresenta características diferentes umas das outras, de maneira que, na busca de certa coesão e continuidade entre estas, se torna necessária a procura pelo entendimento e compreensão das bases que produzem as peculiaridades de cada uma delas. A partir deste entendimento, será possível encontrar e alternativas que possam atenuar significativamente os conflitos entre as gerações.

Norteando essa discussão, existe a premissa de que, sendo parte do mesmo gênero humano, as pessoas, tanto das gerações mais novas quanto das gerações mais antigas, têm muito próximos, em sua condição basal, os mesmos sentimentos, aspirações e até valores; sendo que, o que as diferencia não seriam tais condições estruturais, que as caracterizam como humanos, e sim, os símbolos subjetivos que elas adquirem a partir das relações que têm com as coisas, pessoas e condições que as cercam e nas quais estão imersas, durante seu desenvolvimento como pessoa. Sendo que o conjunto destes é que lhes dão sentido a sua própria noção identitária, ou seja, são o que conferem sentido às suas identidades como pessoas, da mesma forma como são os meios pelos quais se expressam para com o mundo exterior juntamente com os valores que carregam.

No entanto, como esses símbolos se alteram com o tempo, acabam por se tornarem tão diferentes, ampliando a questão das diferenças intergeracionais, com rebatimentos significativos na interação entre os entes que se desenvolveram em épocas distintas separadas pelo tempo; uma geração é diferente da outra, em sua forma de se expressar e de enxergar o mundo e, consequentemente, criam formas e estratégias diferentes para relacionar-se com ele.

Nesse movimento, pode acontecer de que uma geração passe a não entender a outra, o que fatalmente acabará criando certa desconfiança entre elas,

baseada, entre outros aspectos, no pressuposto de que, de alguma maneira, a geração vindoura esteja transtornando todo um paradigma de costumes e valores; vale pontuar que tal desconfiança, na maioria das vezes, está baseada em preceitos que não são necessariamente verdades.

É fácil notar que o mundo das novas gerações é fundamentalmente diferente daquele em que viveram as gerações passadas. Hoje, há acesso a computadores, celulares, iPods, iPads e uma infinidade de inovações tecnológicas; há músicas construídas a partir de concepções harmônicas e melódicas novas, executadas por instrumentos eletrônicos, virtuais e digitais numa sequência vertiginosa de lançamentos. Existe, ainda, uma forma totalmente diferente de formar e manter relacionamentos sociais por meio de redes como TikTok, Facebook, Instagram, Snapchat e Twitter, além de *games* compartilhados on-line. Há, também, plataformas de *streaming*, nas quais se acessam conteúdos diversos com poucos filtros e em quantidades quase ilimitadas.

O PAPEL DA LIDERANÇA ECLESIÁSTICA NA CONSTRUÇÃO DE PONTES GERACIONAIS

O contato entre gerações é uma troca de sabedoria; a pessoa idosa tanto compartilha quanto adquire conhecimento, isto é, a relação intergeracional é um movimento de sabedoria, uma arte de partilhar. Desse modo, como os longevos, os jovens também são protagonistas no partilhar de suas experiências. Conforme postula Ferrigno (2006), estes últimos repassam a educação tecnológica para o manuseio de aparelhos eletrônicos e da linguagem digital, bem como a destreza e habilidades necessárias ao manuseio dos dispositivos do mundo atual (Poltronieri *et al*, 2015).

Há apenas poucos anos, toda a rede de relacionamentos, toda a forma de convivência, todas as maneiras de entrar em contato com a sociedade, com o mundo, com a igreja, com a fé se davam em outros patamares e lugares. Dessa forma, quando duas gerações tão diferentes se encontram, embora carreguem uma série de aspirações e valores muito semelhantes, mas que se expressam através de sistemas simbólicos tão distintos, é possível que

não haja identificação ou compreensão, levando uma a desconfiar da outra, gerando uma abismo entre ambas.

Esse abismo, por sua vez, precisa ser transposto para que se alcance um movimento capaz de produzir uma troca salutar de experiências e saberes. Esse processo constitui o caminho pelo qual o desenvolvimento de uma compreensão mútua se tornará possível. Esse esforço ajudará a enfrentar o desafio transgeracional, permitindo que cada grupo, com suas peculiaridades, vivencie a plenitude de suas experiências, compartilhe seus pontos de encontro e, ao mesmo tempo, estabeleça uma cooperação construtiva baseada no fortalecimento da verdadeira confiança.

No entanto, essa aliança intergeracional só será efetivada a partir do momento em que os líderes da igreja estiverem abertos ao diálogo e dispostos a se empenhar na busca por uma aproximação compreensiva com os mais novos. É preciso que, despidos de preconceitos, os líderes tentem compreender as formas como os jovens se expressam, convivem uns com os outros e buscam suas identidades dentro de seu grupo. É necessário tentar entender a sua linguagem e a maneira de se relacionarem com seu sistema simbólico num mundo real e virtual. No íntimo, as novas gerações, a seu modo, têm os mesmos valores e almejam as mesmas coisas: querem ser felizes, encontrar caminhos para si, encontrar-se com Deus, dar sentido às coisas da igreja e alcançar a salvação.

Nessa aproximação, os líderes da igreja precisam buscar entender crianças e adolescentes, construir uma amizade, aproximarem-se deles, comunicando-lhes segurança; ainda que para alguns seja difícil de lhes entender. Talvez seja necessário menos reprovação e mais compreensão e exemplo. Dessa forma, será possível comunicar-se com a nova geração em linguagem que lhe faça sentido, para que entendam.

É importante que entender que, ainda que essa inserção no mundo da nova geração acabe, por vezes, ocorrendo de uma forma meio desajeitada (como se entrando num mundo alienígena), as crianças e adolescentes saberão reconhecer esses esforços. Rapidamente se perceberá a contrapartida: o jovem demonstrará entender que aquele líder tem um jeito diferente de tratar as

suas questões e estenderá a mão para esse amigo mais velho que, além de se tornar um apoiador, alcançará um grande poder para influenciar a sua vida.

Ao aproximar-se dos mais jovens, é preciso manter em mente o seguinte: por mais que, no contexto da igreja, um ancião tente, dificilmente a geração anterior conseguirá se atualizar o suficiente, na visão de um adolescente. Essa constatação, no entanto, não pode ser motivo de desânimo diante de tal empreitada, pois, quando os mais experientes fazem decididos esforços para, com discernimento e inteligência, se aproximarem dos mais jovens; estes percebem a intenção. Crianças e adolescentes irão se sentir amadas, protegidas e cuidadas, e, ao seu modo, se abrirão para o diálogo.

Desse encontro, numa via de mão dupla, surgirão pessoas abertas para transmitir experiências de vida das quais lições se fixarão profundamente no íntimo de cada um, isso tudo, em meio a uma real troca de valores, de sentimentos, de visão de mundo, onde juntos, poderá se criar um sentimento de pertencimento a um só povo, com um objetivo comum, sendo este maior que quaisquer questões geracionais. Por essa via, novamente a igreja poderá se tornar coesa, como um exército unido, com a disposição de todos, de todas as idades, em ajudar e colaborar mutuamente para avançar na terminação da obra de Cristo; e estarem de pé, como vencedores, no dia da volta de nosso Senhor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do abismo simbólico escavado pelas rápidas transformações tecnológicas e sociais contemporâneas, a construção de pontes intergeracionais deixa de ser uma mera opção e torna-se um desafio eclesiástico constante. Conforme discutido, a superação das barreiras comunicacionais exige da liderança um movimento intencional de empatia, despindo-se de preconceitos, a fim de acolher as novas gerações em seu próprio universo de significados. Quando o vigor e as novas perspectivas da juventude se unem à sabedoria e à experiência dos mais velhos em um ambiente de escuta ativa e tolerância, o choque cede espaço à cooperação. É justamente sobre a beleza e a eficácia dessa união de dependência mútua que a escritora Ellen White reflete:

> Há uma bênção no convívio dos mais idosos com os mais jovens. Esses podem iluminar o coração e a vida dos idosos. Aqueles cujos laços da vida se estão enfraquecendo necessitam o benefício do contato com a esperança e a vivacidade da juventude. E os jovens podem ser auxiliados pela sabedoria e a experiência dos idosos. Sobretudo, eles precisam aprender a lição do abnegado ministério (White, 2013, p. 205).

Por fim, vale a pena lembrar: são nossas crianças e adolescentes que, daqui a poucos anos, se tornarão os anciãos, diáconos, diaconisas, enfim, conduzirão a igreja. Com comprometimento e com a mesma paixão que os líderes atuais demonstram, conduzirão o povo de Deus, até que Cristo volte. Afinal de contas, Jesus voltará para todas as idades. Como afirma a Escritura: "Porque, ainda dentro de pouco tempo, aquele que vem virá e não irá demorar" (Hb 10:37).

REFERÊNCIAS

FERRIGNO, J. C. **Co-educação entre gerações**. Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo, v. 20, n. 5, p. 67–69, 2006.

POLTRONIERI, C.; COSTA, D.; COSTA, J.; SOARES, N. Os desafios da construção da intergeracionalidade no tempo do capital. **Revista Kairós Gerontologia**, 18(4). 2015.

WHITE, E. G. **A Ciência do Bom Viver**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

CAPÍTULO 19

19

A juventude adventista e sua experiência com a guarda do sábado

Rodrigo Pellegrino

Esta pesquisa pretende identificar comportamentos e ações que a juventude adventista pratica em relação à guarda do sábado – situações que podem gerar a desconstrução de uma experiência sabática sólida, de acordo com os preceitos das Escrituras Sagradas.

Na vivência distrital, vemos nossa juventude sendo tragada para a apostasia, para um distanciamento de Deus em diversos contextos; muitas dessas experiências ocorrem nas horas do sábado. O estudo de tal temática visa quantificar situações para que nossa juventude possa reavaliar sua atual experiência, mudar o paradigma e obter uma vivência mais sólida com Deus, dentro dos ideais divinos. Também almejamos colaborar para a salvação das futuras gerações.

O método que utilizaremos será uma pesquisa quantitativa, em que dividiremos o período sabático de pôr do sol a pôr do sol em três frações de tempo: sexta-feira à noite (as primeiras horas do sábado), sábado de manhã (período que abrange escola sabatina e culto divino) e sábado à tarde (horas finais do sábado).

Apontaremos as atividades que a juventude adventista pratica no sábado em relação à família, adoração pessoal, adoração no templo e aspectos missionários e sociais. Mapearemos, por meio de gráficos, as ações que evidenciam como nossa juventude vivencia a experiência em relação à guarda do sábado.

Em levantamento bibliográfico, foi possível apontar, por meio da literatura referenciada na presente pesquisa, várias informações que embasam a problemática. A hipótese a ser tratada consiste, de forma quantitativa, no seguinte: quais experiências vivenciadas pela juventude adventista no período sabático podem corroborar para uma experiência sólida, dentro dos padrões divinos, e quais podem fomentar um distanciamento e até mesmo a apostasia de nossas futuras gerações? Um dos fatos que estudiosos abordam, como Kimball, é a apatia existente na faixa etária que analisaremos, devido ao fato de gostarem de Jesus, mas não gostarem do ambiente da igreja – o que pode dar base teórica para observar as atitudes que a juventude tem em relação à guarda do sábado.

Esta pesquisa é importante para identificar os tipos de ações praticadas que podem levar a juventude a um estado cada vez maior de apatia e apostasia. Com esses dados, será possível ressaltar e ampliar as experiências positivas, fazendo com que a juventude tenha uma experiência sabática cada vez mais profunda, fortalecendo sua espiritualidade e o seu relacionamento com Deus, atuando com um senso maior de urgência e de missão.

A pesquisa foi efetuada no primeiro semestre de 2019, com a juventude adventista da área geográfica do distrito de Vila Rica, zona norte da cidade de São Paulo, com a faixa etária de 12 a 24 anos. O método utilizado foi o questionário por meio de formulário eletrônico, envolvendo questões atreladas às ações e atividades vivenciadas no período sabático, abordando aspectos ligados à adoração em família, adoração pessoal, adoração no templo e ações missionárias e sociais. Apresento aqui as informações sintetizadas.

OS RESULTADOS

No que tange à adoração pessoal, 57% de nossa juventude pratica algum devocional nas horas sabáticas; em contrapartida, 52,7% já praticou algum ato que considerou impróprio ou imoral dentro do mesmo período sabático em que praticou o ato devocional.

Um dado que chama a atenção é o fato de que 37,6% de nossa juventude gasta tempo com a internet ou em redes sociais com algum conteúdo espiritual no período de início do sábado – mas o exato mesmo percentual também gasta tempo conectado à rede em conteúdos não espirituais, com material secular. Nesse ponto, fica a reflexão: como está a visão de nossa juventude em relação à santidade do sábado e do que é ou não lícito dentro do parâmetro bíblico?

Esses dados evidenciam que nossa juventude está tendo um relacionamento superficial com Deus? Os dados demonstram que a resposta é afirmativa. Kauflin destaca o seguinte pensamento (2018, p. 128): "Cantamos sobre Deus, porém sem a perspectiva de nos entrosarmos com Ele. Ouvimos e lemos Sua Palavra; todavia, ela não passa de história, promessas, mandamentos e princípios escritos num livro." A experiência sabática – que consiste nas

ações praticadas pela juventude adventista no período sabático em relação ao trabalho missionário – é algo preocupante: 36,3% alegam participar de alguma atividade missionária; porém, boa parte destes considera como atividade missionária o fato de assistirem a um culto jovem no sábado à tarde.

Em levantamento feito no primeiro semestre de 2019, no público alvo de nossa pesquisa, cerca de 4% dos batismos realizados ocorreram por ações missionárias praticadas por nossa juventude; desse percentual, grande parte foi resultado do clube de desbravadores, limitando ainda mais a faixa etária que é objeto de nosso estudo de caso. "Uma questão predominante que precisamos enfrentar é se os líderes mais jovens têm lugar de liderança e voz em nossas igrejas [...] Com que frequência um líder jovem ganha espaço para influenciar e inovar na igreja? (Kimball, p. 82)."

Outra informação significativa e digna de destaque é o fato de que 75,3% da nossa juventude entrevistada declarou participar da escola sabatina e, 53,8%, possuir algum cargo ou função na igreja local; porém, somente cerca da metade dos entrevistados – 55,9% – frequenta a igreja regularmente.

Podemos inferir que metade da juventude frequenta a igreja com regularidade e, dessa metade, em média 72% frequenta a escola sabatina e o culto jovem – ou seja, 36% de nossa juventude (frequentes e não frequentes aos cultos eclesiásticos) participam da escola sabatina e dos cultos JA.

Podemos deduzir que a grande flutuação de jovens e adolescentes em nossos cultos sabáticos é reflexo da não aceitação do padrão estabelecido pela religião organizada ou institucionalizada? Kimball (2011) chama a igreja de "religião organizada" e destaca que, se estou orando por conta própria, sempre que quiser, o faço com extrema liberdade. Entretanto, se vou a uma igreja e alguém me diz: "levante-se", "sente-se", "cante", estou vivendo apenas uma espécie de "siga-o-líder religioso". Por que tanto trabalho, se posso conversar com o Bom Senhor por conta própria, sem todo esse controle extra?

Kauflin (2018) destaca que há diversos benefícios em nos reunirmos na igreja, que também nos levam à ação: reunir-se com o povo de Deus é importante. Alguns desses benefícios são: pontualidade nos cultos, vida com mais oração, estar mais disposto a servir. Ele ainda destaca que nossos cultos

devem ser tanto um acontecimento que esperamos quanto uma preparação para o restante da semana.

Pelo constatado na pesquisa, concluímos que, em média, 18% de nossa juventude declarou ter praticado relacionamento sexual – até mesmo no período atribuído ao culto –, seja fornicação ou adultério. Qual é a compreensão que nossos adolescentes e jovens que praticam relações sexuais no dia de sábado têm a respeito da santidade do sábado e da santidade do corpo como templo, morada do Espírito Santo?

Podemos inferir que a experiência de nossa juventude com o sábado está muito atrelada aos conceitos midiáticos expostos nas redes sociais e nos diversos meios de comunicação. A relatividade é algo marcante e um fator de peso; as ações e experiências vividas pelos nossos jovens e adolescentes também possuem ampla ligação com a cosmovisão que estes têm da igreja. Kimball destaca um pensamento que dá base para essa dedução (2011, p. 84):

> O conceito de religião organizada é bom; não há nada de errado com isso. Para o que a igreja faz, é preciso ter estrutura e uma liderança bem pensada. Isso não me incomoda. O que realmente me incomoda é quando a igreja se organiza visando controlar e manipular as pessoas, como acontece na política. Não estamos mais na idade das trevas. Não somos obrigados a simplesmente ficar parados e obedecer cegamente a líderes que tentam controlar-nos como faziam naquela época (Kimball, 2011, p. 84).

Aqui vai uma questão para reflexão: será que o fato de praticamente metade de nossa juventude não frequentar os cultos com assiduidade e 40% ficar conectada em conteúdo não espiritual no período sabático está relacionado à visão e ao conceito que possuem de igreja?

Timothy cita o modelo transformacionista de igreja. Parece que nossas futuras gerações moldam sua visão nesse conceito, em que a ação verdadeira

é fora da igreja, e não dentro dela. O que realmente anima os transformacionistas não é o desenvolvimento da igreja, mas adentrar, para Cristo, as fortalezas da influência cultural (Keller, 2014, p. 236).

Temos um grupo seleto – 40% dos entrevistados – que gasta seu tempo, no período sabático, conectado nas redes sociais ou na internet, acessando conteúdos seculares. A questão da conectividade sem limites é preocupante. Na obra de Dorneles, *Mundo virtual*, lemos o seguinte (2016, p. 79):

> Com a conectividade ininterrupta por meio de equipamentos velozes e "inteligentes", o tempo passa a ser um elemento central nas ações humanas. A intensidade e a velocidade próprias de nosso tempo nos arrastam para experiências fugazes, imediatas e sem compromissos. Não se dispõe de horas para usufruir as bênçãos de um momento separado para restaurar a imagem do ser ao seu Criador.

A experiência de nossa juventude com o sábado torna-se cada vez mais evasiva e vazia; o foco que deveria estar em Deus e em Sua Palavra está sendo minado pelas telas e dispositivos "inteligentes". Dorneles ressalta a ideia de que o sagrado é distinto do profano, mas se integra a ele; notamos que há conexão entre ambos. A confusão e a libertinagem que vislumbramos hoje são um retrocesso da verdadeira adoração (Dorneles, 2016).

Um número considerável de nossa juventude afirma que, no período sabático, trabalha, estuda, vai ao shopping e ao supermercado, frequenta o cinema. Somando todas essas atividades seculares de modo cumulativo, nos três períodos analisados, elas chegam a quase 10% do público entrevistado. Surge o questionamento: qual a visão que nossa juventude tem dos princípios bíblicos? O evangelho está alcançando nossa juventude de maneira eficaz?

Aplicando a dinâmica de Burns (2017), que consiste em um questionamento de três peneiras, averiguamos até que ponto nossa juventude está sendo alcançada de forma eficiente, pelas perguntas destacadas a seguir:

1. Nossa juventude percebe o evangelho como uma mensagem relevante no universo no qual vive?
2. Nossa juventude entende os princípios cristãos em relação à cosmovisão local?
3. Nossa juventude sabe aplicar os valores do evangelho como respostas aos seus conflitos diários?

Nossa juventude, como já citado por Dorneles, faz uma mesclagem muito significativa entre o sagrado e o profano: no mesmo sábado separado para a comunhão com Deus, vivemos experiências ambíguas. É possível notar que há uma compatibilização entre o secular e o sagrado (separado).

A pesquisa revela que precisamos cuidar mais de nossa juventude, orientando, instruindo e sendo exemplo. White destaca (2014, p. 142):

> A causa de Deus deve estar em nosso coração. A luz da verdade que se tem demonstrado uma bênção para uma família, se comunicada pelos pais e filhos, se revelará benção igualmente grande a outras famílias também. (White, 2014, p. 142).

Temos de ponderar se a experiência que nossa juventude vive hoje em relação ao sábado não é, em grande parte, reflexo da herança familiar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos, pelos dados obtidos na pesquisa, a existência de pontos positivos: há uma parte significativa de nossos adolescentes e jovens frequentando os cultos e que aceitam auxiliar os ministérios da igreja. Ainda há uma boa parte de nossa juventude usando sua liberdade religiosa para manter uma conexão distinta com Deus dentro do período sabático.

A pesquisa analisada mostra que temos um divisor de águas: praticamente metade dos jovens guarda o sábado e mantém algum tipo de comunhão com Deus nesse dia; e uma outra metade não sente tanta necessidade disso.

Concluímos que nosso foco deve ser fortalecer o relacionamento com o percentual que permanece e resgatar o outro grupo, que não vê mais tanta

necessidade de se relacionar com Deus. Exercitar sua liberdade religiosa para guardar o sábado parece ser algo prescindível para este grupo.

Faz-se necessário mantermos em mente a advertência do apóstolo Paulo: "Não deixemos de reunir-nos como igreja, segundo o costume de alguns, mas encorajemo-nos uns aos outros, ainda mais quando vocês veem que se aproxima o Dia" (Hb. 10:25, NVI).

Ter uma experiência sabática, relacionar-se com Deus e com o semelhante nesse dia é questão de amar a Deus. "Quem tem os meus mandamentos e lhes obedece, esse é o que me ama. Aquele que me ama será amado por meu Pai, e eu também o amarei e me revelarei a ele" (Jo. 14:21, NVI). Reavaliar a experiência sabática é imprescindível para a redenção das futuras gerações.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Nova Versão Internacional. São Paulo: Vida Nova, 2015.

BURNS, B. **Contextualização missionária: desafios, questões e diretrizes**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

DORNELES, V. **Cristãos em busca do êxtase:** adoração e espiritualidade no cenário atual. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

DORNELES, V. **Mundo virtual:** riscos e oportunidades das novas tecnologias. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

KAUFLIN, B. **Verdadeiros adoradores:** buscando o que Deus valoriza. São Paulo: Vida Nova, 2018.

KELLER, T. **Igreja centrada**. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KIMBALL, D. **Eles gostam de Jesus, mas não da igreja**. São Paulo: Vida, 2011.

WHITE, E. **Mensagens aos jovens**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

WHITE, E. **Conselho a pais, professores e estudantes**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

CAPÍTULO 20

20

Como é fácil trabalhar com os adolescentes! Legado adventista: transferência e adolescência

Ruthe Peñafiel

A dificuldade para inserir, valorizar e apoiar a dinâmica intergeracional em diversos contextos é uma realidade constante em nossas estruturas eclesiásticas. Essa dinâmica não apenas reflete o trabalho em prol da vida espiritual dos jovens, mas é também um trabalho que determinará a transmissão dos princípios bíblicos, estabelecendo um legado adventista de geração em geração.

Existem múltiplas estratégias já implementadas como clubes de desbravadores, aventureiros, escolas sabatinas divididas por idade e pequenos grupos, que sem dúvida proveem espaços para formação, aproximação e interação útil, benéfica e relevante para esse relacionamento ambivalente.

Porém, apesar dos esforços, existem igrejas que não conseguem manter a assiduidade de seus adolescentes (chamados também de "juvenis" no Brasil, abrangendo as idades de 13 a 16 anos). Muitos deles percebem que o ensinamento da igreja que frequentam não dialoga com sua realidade cotidiana, além disso, sentem-se excluídos e anônimos na organização das atividades da igreja.

Essa realidade nos confronta com as seguintes perguntas: como podemos alcançar o coração dos adolescentes de maneira mais eficaz? Quantas estratégias preciso utilizar para que cada vez menos sejam arrastados pela vertigem contemporânea que os afasta do propósito de Deus para suas vidas?

No plano divino, a estratégia de inclusão das novas gerações é fundamental. Em Deuteronômio 31:12, segundo a versão Nova Bíblia Viva (NBV-P), está escrito: "Reúnam todo o povo, homens, mulheres, crianças e os estrangeiros que estiverem nas suas cidades. Todos deverão ouvir e aprender estas leis, para que aprendam a respeitar o Senhor, o seu Deus, e obedecer a todas as palavras desta lei". "Todo o povo" deveria participar não apenas como ouvintes, mas como personagens ativos no aprendizado dos princípios de Deus para a humanidade. O texto bíblico menciona especificamente a nova geração para enfatizar sua participação no desenvolvimento espiritual de uma nação.

Nos tempos atuais, Deus deixou uma mensagem para sua igreja e uma vez mais especificou a relevância da tendência retroativa na interação entre mestre-discípulo e discípulo-mestre, natural da conexão intergeracional. Ele o especificou assim: "Cristo avaliou tão alto as crianças que deu a Sua vida por elas. Tratai-as como o preço do Seu sangue. Paciente e firmemente

educai-as para Ele. Disciplinai com amor e paciência. Ao assim fazerdes elas se tornarão uma coroa de alegria para vós e brilharão como luzes no mundo" (White, 2021, p. 254).

É imperativo considerar que os princípios de Deus são atemporais e ao mesmo tempo atuais e aplicáveis nos contextos, realidades e situações que enfrentamos hoje. Por isso, liderar os adolescentes das igrejas que compõem a Associação Argentina do Norte é, no mínimo, um desafio e na prática uma bênção. Como menciona Héctor Hermosillo (2018): "Atualmente, é preferível que a função do mestre, mais que ser uma fonte inesgotável de conhecimento, seja a de um moderador, um mentor". Em termos contemporâneos, Fontana (2021, p. 131) especifica: "Coaching é um processo interativo que permite a um coach (treinador) assistir seu coachee (o que recebe o coaching) a conseguir o melhor de si mesmo. O coach, portanto, contribui para que a pessoa possa chegar a uma meta determinada através de suas habilidades e recursos próprios da maneira mais eficaz".

Partindo dessa base, consideramos que, para discipular adolescentes, é imperativo ter estratégias. Poucas, porém eficientes, simples e relevantes, baseadas na vivência dos grupos de adolescentes estudados para esse propósito. Em meio a tantas vozes que nos assustam com a complexidade avassaladora que é o trabalho com adolescentes, nos propomos a percorrer um caminho de análise e reflexão, pavimentado com oração e entusiasmo, que nos permita concluir: como é fácil trabalhar com os adolescentes!

UM MUNDO ADOLESCENTIZADO

O estudo da história da adolescência tem diferentes enfoques, alguns a partir das ciências naturais, outros a partir da psicologia e ainda outros no contexto histórico social. Novaes (2018, p. 248), em seu artigo O *jovem na literatura acadêmica: elementos para um estado da arte dos estudos da juventude*, analisa a obra do jornalista Jon Savage, que propõe

> que a adolescência é uma invenção cultural que os caracterizou como rebeldes sem causa e transgressores;

> consolidados no século 20 pela indústria do marketing e consumo, paralelo aos descobrimentos científicos da medicina e da psicologia sobre o funcionamento da mente e do corpo do adolescente.

O estudo da adolescência teve um enfoque naturalista na França pós-revolucionária, onde o surgimento das ciências naturais foi o prisma pelo qual desvendavam-se todas as incógnitas. O estudo das gerações foi abordado com base exclusiva no aspecto biológico, limitando-se à análise das mudanças físicas que diferenciam a infância da idade adulta. Esse enfoque unilateral não considera os outros aspectos que são influentes e condicionantes no desenvolvimento do adolescente.

No contexto da revolução industrial na Europa, que causou uma migração em massa das zonas rurais para as cidades, os adolescentes sofreram com o desenraizamento, ruptura da organização familiar e mudanças nas estruturas tradicionais de trabalho consequentes. Além disso, a falta de atenção adulta ocasionou uma liberdade que os levou a se aglomerarem em grupos da mesma faixa etária, considerados perigosos pelas autoridades. Essa situação foi a origem da percepção da juventude como uma etapa problemática, de crise e rebeldia às normas e tradições. Essa compreensão continua impactando o pensamento coletivo e gerando em pais, professores e líderes uma perspectiva negativa que os limita diante das amplas possibilidades e oportunidades que essa etapa da vida oferece.

É a literatura alemã que nos proporciona uma moldura histórico-social das gerações que enquadra a adolescência como parte de um ritmo geracional de grande importância para a preservação de valores culturais, artísticos e religiosos. Karl Mannheim (1928), um dos representantes desta mudança de enfoque, caracteriza a adolescência como parte da conexão intergeracional entre a saída dos antigos portadores da cultura e a irrupção dos novos portadores de cultura necessária para uma renovação, caracterizada pela chegada de novos acessos ao bem sociocultural, revisão das tradições, conservação de costumes, experiências aprendidas e transmitidas da geração anterior.

Há também o esquecimento do que já não é útil e o desejo de alcançar o ainda não conquistado, valorizando tanto a experiência dos anciãos como a inexperiência da juventude, que representa uma diminuição de controle e facilidade para prosseguir a vida.

Aproximando-nos do final do século 20, encontramos um foco mais comercial da etapa adolescente, onde essa se torna alvo da indústria do consumo: os produtos, filmes e modas começaram um lento, porém constante caminho rumo à entronização de sua "majestade, a adolescência". O adolescente busca a tecnologia e a comunicação virtual como um espaço próprio, afastado do mundo adulto, onde encontra identificação, criatividade e novidade.

Desde o extremo de perceber a adolescência como uma etapa de transição meramente física-biológica – necessária apenas para chegar à almejada idade adulta, sem valorizar o adolescente como pessoa com necessidades biopsicossociais e espirituais individuais – até o extremo de valorizar essa etapa como o objetivo em que transcorre toda a vida – com a prevalência da imagem, a realidade virtual ou mediática –, cabe a pergunta: estaria a sociedade apontando todas as suas armas para essa etapa, numa provável tentativa de eliminação não intencional, devido à pouca consideração ou ao excesso de atenção?

UMA IGREJA ADOLESCENTIZADA?

A Bíblia é a fonte por excelência para conhecer o plano de Deus para a humanidade, e há princípios claros em suas páginas em relação ao desenvolvimento do ser humano e o papel das gerações. Consideraremos agora dois dos tantos princípios que podemos encontrar na Bíblia em relação a este tema: 1) Deus usa as novas gerações como Seus instrumentos para cumprir Seus propósitos; 2) Deus deseja que exista uma relação intergeracional saudável nas comunidades de fé.

Existe uma ampla variedade de personagens bíblicos que foram chamados em sua infância, adolescência e juventude para cumprir os propósitos de Deus. As circunstâncias foram variadas e os tempos distintos, mas isso não impediu que fossem parte ativa do plano divino. Alguns desses personagens são:

1. Joás, cuja vivência encontramos registrada em 2 Crônicas 23 e 24. O menino de sete anos que se tornou rei foi usado por Deus para a renovação espiritual do povo de Israel, contaminado pelas práticas pagãs;
2. Jovem cativa da história de Naamã; essa história se desenvolve em 2 Reis 5 e, em contraste com o rei de Judá, essa criança missionária é anônima. Nas piores circunstâncias, perdoadora e empática;
3. Três clássicos da literatura bíblica, valentes, proativos e de grande transcendência cujas histórias se iniciam em plena adolescência, o que otimiza sua missão: Daniel, registrado no livro que leva seu nome. Davi, cuja vida marca uma linha real messiânica registrada nos livros de Samuel 1 e 2, Reis 1 e 2 e, finalmente, José, cuja tarefa de resiliência, trabalho organizado e honestidade permite a sobrevivência da humanidade no Oriente Médio;
4. Uma criança anônima que com fé e generosidade dá lugar a um milagre que beneficiou uma grande multidão (Jo 6: 115);
5. Um adolescente, Êutico, ressuscitado como evidência da necessidade de sua presença nos primórdios da igreja (At 20:17);
6. Por fim, dois clássicos também do Novo Testamento: João e Timóteo. Chamados desde sua juventude e considerados úteis e valiosos para a missão, direção e liderança da igreja cristã primitiva (Mc 3:1319; 1 Timóteo 4:12).

Em cada exemplo, cada história confirma que:

> Não sabemos em que atividade nossos filhos irão servir. Poderão passar a vida no círculo do lar; podem-se empenhar nas carreiras comuns da vida, ou ir, como ensinadores do evangelho, para terras pagãs; todos serão, entretanto, semelhantemente chamados a ser missionários de Deus, ministros da misericórdia ao mundo (White, 2021, p. 286).

Deus deseja uma relação saudável entre as diferentes gerações nas comunidades de fé. A Bíblia expressa claramente a intenção e o agir divinos

quando o Senhor, falando ao povo de Israel, diz: "para que temas ao Senhor, teu Deus, e guardes todos os seus estatutos e mandamentos que eu te ordeno, tu, e teu filho, e o filho de teu filho, todos os dias da tua vida; e que teus dias sejam prolongados" (Dt 6:2, ARA). Deus está especificando a importância da conexão geracional orgânica (Mannheim, 1928) e os benefícios implícitos na transmissão desse conhecimento. Além disso, em Deuteronômio 6:7, na Nova Bíblia Viva, a citação diz: "Ensine-as com diligência aos seus filhos. Converse sobre elas quando estiver em casa, quando estiver andando por algum caminho, quando se deitar e quando se levantar". Reforçando com essa mensagem a intencionalidade da transmissão de um bem espiritual acumulado em um contexto teórico-prático e de experiência ativa.

Nos momentos de instrução que Deus dava a seu povo, repetidamente fazia um chamado para que estivessem presentes as diferentes gerações que conviviam no mesmo período temporal, ao mesmo tempo que reforça a tarefa dos pais com estas palavras. As conexões intergeracionais são o ambiente propício para que os legados espirituais de valores e princípios sejam adequadamente transferidos de geração em geração, através do ensino explícito e das vivências práticas.

TEMPO E ESPAÇO

Dois fatores foram determinantes para facilitar o trabalho com os adolescentes nas igrejas da Associação Argentina do Norte nos anos 2018 e 2019. Durante o período delimitado foi utilizado o método de: pesquisas, experimentos sociais e estudos de casos para chegar à informação de por que em algumas igrejas se percebia que o trabalho com as novas gerações era fácil, enquanto em outras o trabalho aparentava ser exaustivo, estressante e desmoralizador para professores, pais e líderes dos adolescentes.

A partir do ano 2018 foi inaugurada na União Argentina uma programação especial e diferenciada para as classes de juvenis da igreja, com a intenção de promover um atendimento personalizado, relevante e motivador para as classes de juvenis. A proposta central era de que os adolescentes desenvolvessem, vivessem e desfrutassem de sua relação com Deus de maneira ativa,

prática e criativa através de desafios e atividades concentradas nas três áreas do discipulado: comunhão, relação e missão. Baseando-se na mensagem de Romanos 14:8, o desejo era: formar uma geração que assuma o caráter e a identidade de Deus. Uma geração que, se necessário for, viva ou morra por Ele; que alcance esse nível de entrega espiritual e especial, de modo tal que possa resistir firme ante qualquer conflito. Por outro lado, também surgia a necessidade de criar uma forma de transmitir as verdades bíblicas de maneira que os adolescentes consigam crer, concordar, valorizar, desejar e praticar essas verdades. Precisamos aproximar essas verdades à linguagem deles. Foi assim que nasceu a proposta de trabalho *Geração 148 Teen.*

O crescimento, entusiasmo, compromisso e transformação manifestados não apenas no grupo de adolescentes, mas também nas igrejas onde essas estratégias foram realizadas, abriu caminho para essa pesquisa, que traz uma provocação: é possível que trabalhar com os adolescentes seja fácil?

Essa pesquisa envolveu 45 grupos de adolescentes identificados com o nome "Base G148teen". Foram entregues tabelas de metas, bandeiras, desafios e incentivos surpresa. Foram promovidas capacitações para líderes das "Bases", vídeos de testemunho da transformação das classes de juvenis em "Bases G148teen" e finalmente um encontro geral (*Celebrateen*) com os grupos envolvidos no projeto.

Ao longo do ano foi possível perceber resultados diferentes entre os grupos, apesar das estratégias semelhantes. Características regionais, métodos de liderança e o apoio institucional permitiu que 20% dos grupos de estudo se destacassem pelos resultados positivos. Para obter informação foram entrevistados 50% dos líderes desses 20% das bases destaque das províncias de Chaco, Corrientes, Misiones e 70% dos adolescentes que integravam as diferentes bases.

As entrevistas com os líderes eram realizadas de forma presencial ou por vídeochamada, e as perguntas foram direcionadas para conhecer quais eram os fatores que permitiam que algumas bases tivessem melhor êxito que outras.

RESULTADOS

A pesquisa com os líderes revelou dois fatores predominantes que podem ser descritos como:

Tempo: os professores relataram que quanto mais tempo era investido com os adolescentes, maior era o entusiasmo para as atividades em grupo. Observa-se então que a premissa do tempo é primordial, pois os adolescentes sentiram que a igreja se converteu em um lugar onde os líderes dedicavam tempo para ouvi-los, construir confiança, comer juntos, capacitá-los e depois inseri-los nos cargos, programações e organização das atividades de suas igrejas. Tempo para orar com e por eles, pelos seus amigos, suas falhas e pecados, suas conquistas e desafios. Tempo para estar juntos sem agenda; e tempo para planejar ideias (que surgiram dos mesmos adolescentes); tempo para acompanhá-los em suas prioridades: estudos, competições esportivas, aniversários, problemas familiares, crises religiosas e de identidade. Tempo para visitar, ajudar e fazer missão.

Espaço: um dos primeiros desafios propostos foi a renovação do espaço onde os adolescentes se reuniam, incentivando-os a ser parte dessa transformação. Os resultados foram satisfatórios, pois os adolescentes das bases encontraram seu lugar físico na igreja (apesar das carências, pois muitos deles se reuniam sob uma árvore ou em um espaço aberto nos fundos da igreja), que lhes deu um sentido de pertencimento que os motivou a encontrar também espaços nas casas dos professores, pastores e adultos da igreja, gerando essa conexão entre diferentes gerações que é tão necessária para o desenvolvimento e a troca de valores e princípios.

Por sua vez, os adolescentes responderam que os aspectos que mais lhes agradaram no projeto G148teen estavam relacionados ao tempo e ao espaço, de acordo com as seguintes respostas:

- 55% mencionaram as saídas missionárias;
- 25% gostaram das reuniões de aniversário e jogos;
- 10% valorizaram a participação na igreja;
- 15% mencionaram encontros com outros adolescentes em acampamento e visitas.

Por outro lado, 85% sinalizaram que a falta de tempo ou o pouco tempo para interagir com seus amigos nas reuniões e atividades era um aspecto negativo a considerar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho pelas novas gerações é um grande desafio, que urge pelo melhor esforço realizável, pois implica a transferência de valores, princípios e legados. É necessário que, como geração que recebeu esta tocha, repassemo-la aos que vivem em contextos diferentes, com ferramentas novas, apesar dos desafios complexos que parecem dificultar a tarefa.

Considerando estes aspectos, podemos também destacar a importância de proporcionar espaços e momentos que sejam relevantes, transcendentes e formadores para quem enfrenta os desafios desse mundo desalentador e em constante mudança. Em uma sociedade marcada por relações cada vez mais superficiais e aceleradas, os adolescentes necessitam de ambientes onde possam sentir pertencimento, acolhimento e propósito. Nesse contexto, a igreja local possui um papel fundamental como espaço de discipulado, convivência e desenvolvimento espiritual.

Os resultados observados na experiência com as Bases G148teen demonstram que o êxito do trabalho com adolescentes não depende apenas de grandes estratégias ou programações complexas, mas principalmente da construção de vínculos intencionais. O tempo investido, a escuta ativa, a convivência e a participação nas atividades da igreja fortaleceram o senso de pertencimento e tornaram a experiência espiritual mais significativa para os adolescentes envolvidos.

Além disso, percebe-se que a conexão intergeracional continua sendo indispensável para a transmissão dos princípios bíblicos e do legado adventista. Mais do que receptores passivos de conhecimento, os adolescentes precisam ser reconhecidos como participantes ativos da missão da igreja, desenvolvendo seus dons, sua identidade espiritual e seu compromisso com Deus. Quando a igreja oferece espaço, acompanhamento e confiança, o discipulado torna-se mais natural, relevante e transformador para toda a comunidade de fé.

REFERÊNCIAS

FONTANA, C. **Pluma Digital Ediciones**. Buenos Aires, 2021.

HERMOSILLO, H. Pastorea a tu hijo adolescente. **Especialidades 625**. Dallas, EUA, 2018.

MANNHEIM, K. O problema das gerações. **Revista Espanhola de Investigações Sociológicas**, n. 19, pp. 193–242, 1993.

NOVAES, A. **O jovem na literatura acadêmica:** elementos para um estado da arte dos estudos da juventude. Aprovado em: 04 de maio de 2018.

WHITE, E. **Educação**. Ellen G. White Estate, Inc. 2021.

WHITE. E. **A ciência do bom viver**. Ellen G. White Estate, Inc. 2021.

WHITE, E. **Patriarcas e profetas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira. 2007

WHITE, E. **The signs of the times**, 3 de abril de 1901. Citado em: O Lar Adventista. Ellen G. White Estate, Inc., 2021.

Seção III

Discipulado, missão e prática ministerial

CAPÍTULO 21

21

Discipulado geracional: a práxis em um mundo pós-moderno

Alan Cosavalente Leyva

O discipulado geracional como um plano estratégico efetivo ainda está dando seus primeiros passos no Peru; na América do Norte e em alguns países da América Latina, já vêm sendo aplicados alguns modelos de discipulado para as novas gerações. Nesse contexto, surgem perguntas como: existe um modelo definido para discipular as novas gerações da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD)? Sua aplicação é eficaz? Que esforços são realizados para a consolidação de uma estratégia, caso já exista, ou implementá-la caso contrário?

Um dado alarmante em nossa geração é a realidade latente de que perdemos mais membros jovens da IASD do que ganhamos. O grupo Barna, cujo diretor geral é David Kinnaman, realizou diversos estudos com os *millennials* da América do Norte, chegando a diversas conclusões. Em seu livro *Geração perdida*, ele diz que dos jovens de 18 a 29 anos, 59% estão abandonando a igreja (Kinnaman, 2013).

No norte do Peru, no ano de 2017, ingressaram 20.329 novas pessoas à IASD, sendo 58% pessoas entre os 6–30 anos; mas naquele mesmo ano saíram da igreja, por apostasia, 13.688; dos quais 59,2% correspondem às mesmas idades de 6–30 anos. Esses dados, aparentemente, nos colocam em uma posição mais confortável do que a realidade da igreja norte-americana. Apesar disso, a análise dos dados ainda mostra que, do total de 59,2% (saídas da IASD), cerca de 49% correspondem a jovens entre os 16 e 30 anos de idade. Diante desse parâmetro, é possível inferir que as nossas realidades não são muito distintas.

Para analisar essas questões e assumir um direcionamento no desafio de discipular as novas gerações, é necessário olhar ao nosso redor e propor soluções que ajudem a reter este grupo que vem abandonando a igreja, identificar quais fatores influem para esse fenômeno em meio a um mundo pós-moderno. Além disso, é necessário explorar alguns projetos de discipulado que vêm sendo realizados tanto no Peru, América do Sul e América do Norte; qual tem sido sua transcendência e impacto na vida dos jovens atualmente.

ENTENDENDO AS CAUSAS

Na América do Norte, 60% dos jovens que abandonam a igreja o fazem por falta de uma clara intencionalidade no processo de discipulado. Rainer

e Rainer (2008) afirmam que um dos fatores principais pelos quais jovens adultos, entre 18–22 anos, saem da igreja é a falta de um processo simples de discipulado.

Em seu livro *Geração perdida*, David Kinnaman comenta que há seis queixas principais que os *millennials* têm contra a igreja: (1) intolerância com dúvidas; (2) elitismo nos relacionamentos; (3) crenças anticientíficas; (4) superproteção com os membros; (5) ensinamentos superficiais e (6) repressão de diferenças.[1]

No manual de liderança juvenil da Associação Geral2, encontra-se um estudo baseado nos mesmos indicadores realizado pelo *Barna Group* e os dados dos *millennials* adventistas são ainda mais alarmantes que os encontrados em *millennials* de outras denominações. Podemos observá-los, com clareza, no quadro a seguir:

Tabela 1 – comparativa de estudo sobre os *millennials*

Principais queixas	Estados Unidos	Adventistas
Intolerante com dúvidas	10%	28%
Exclusivista/Elitista	22%	34%
Anticientífica	25%	47%
Superprotetora	23%	36%
Superficial	24%	29%
Repressiva	25%	37%

Fonte: elaborado pelo autor.

Como líderes, esses dados nos levam a analisar as ações implementadas no trabalho com as novas gerações. Na América Latina, a realidade não é muito distante da vivenciada no continente norte-americano, já que, no contexto de globalização e interconectividade, torna-se mais fácil adotar costumes e hábitos de outras latitudes; sendo assim, as reações ao discipulado estão altamente relacionadas. Para Castells (2009), a interconectividade em uma sociedade gera mudanças estruturais em sua cultura, o que ele denomina

[1] Pesquisa realizada pelo grupo Barna em 2014.
[2] A Associação Geral é a maior estrutura de liderança da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

"sociedade em rede". Uma "sociedade em rede", segundo Choque (2010), é engendrada por meio da informação e do conhecimento. Esses elementos são fatores determinantes para produzir mudanças na estrutura social, já que, ao se alterarem os modos de produção, mudam-se também os aspectos culturais, econômicos, políticos, sociais, psicológicos e comunicacionais, entre outros.

García (2018), na revista *Investigações Sociais* da UNMSM[3], escreve sobre a influência da cultura *K-pop* nos jovens limenhos e, em sua pesquisa, apresenta um paradigma que é facilmente aplicável em todos os aspectos culturais das novas gerações. Ele diz que os jovens limenhos, por viverem em um mundo globalizado e cada vez mais interconectado, envolvem-se facilmente no intercâmbio de informação com pessoas de outros países através das tecnologias de comunicação, como a internet ou redes sociais – como chamamos hoje em dia. Dessa maneira, a cultura *K-pop* ultrapassou fronteiras e é tomou espaço não só no país, mas também na igreja, afetando tradições, costumes, valores e o estilo de vida.

Aliado ao fenômeno da cultura *K-pop*, Lipovetsky (2003), em seu livro *A era do vazio*, apresenta os comportamentos e mudanças que acompanham a pós-modernidade. Ele diz que o poder da sociedade radica no consumo, em suas práticas culturais, na liberdade individual, na quantidade de informação, na velocidade das comunicações, na busca intensa do prazer, no cultivo do corpo, na conectividade, na incerteza, na mobilidade internacional, na indiferença. Tudo isso contribui para o impacto que o ambiente sociocultural exerce sobre as novas gerações dentro da igreja.

Diante desse cenário, o mundo cristão e os adventistas enfrentam um grande desafio: reter uma geração que está destinada a se perder, a menos que se tomem ações contundentes para encontrar a estratégia mais adequada. O que é um desafio significativo, considerando que o ambiente, seus desejos, necessidades, paradigmas, valores e sua própria cultura vêm sendo influenciados pelo pós-modernismo de forma aberta.

[3] A sigla UNMSM corresponde à Universidade Nacional Maior de San Marcos em Lima – Peru. Universidade reconhecida mundialmente por seus contributos para a pesquisa científica e sociológica do Peru.

Como líderes das novas gerações, não podemos sossegar, pensando que os modelos de liderança e as estratégias que foram usadas em anos passados seguirão sendo efetivos no presente.

ESFORÇOS DO DISCIPULADO

AS SEIS METAS DO DISCIPULADO

No Peru, no ano de 2013, foi implementado um plano de discipulado para toda a IASD chamado "as 6 metas do discipulado"[4]. Este está construído sobre uma base de princípios orientadores como: crescimento integral, causalidade, simplicidade e sinergia; cuja estrutura vem sendo desenvolvida por seis indicadores de crescimento: estudo da Bíblia, pequenos grupos, duplas missionárias, plantio de igrejas, batismos e dizimistas fiéis (Heindinger, 2016). Essa estratégia foi determinante para alcançar um crescimento sustentado nas metas propostas a nível da IASD em geral, já que tinha um sustento sólido na Bíblia e no Espírito de Profecia.

Em um dos campos do território norte do Peru, comparando um dos indicadores com relação a novos membros e a quantidade dos que abandonaram a igreja por apostasia e paradeiro desconhecido, encontramos dados que demandam uma atenção especial. Desde 2013, quando foi implementada essa estratégia até agora:

Tabela 2 – indicadores de adesão e saídas da IASD

	Todas as idades	Idade 6–30 anos	NexGen[5]
Ingressos[6]	22.205	12.746	57,38%
Saídas[7]	11.544	6.433	55,72%
Porcentagem de perda por geração	51,99%	50,48%.	

Fonte: elaborado pelo autor.

[4] Os índices de crescimento e decrescimento correspondem ao território da Associação Peruana Central em Lima, capital do Peru. Os índices foram processados considerando os intervalos de idade em geral da membresia da igreja e de maneira específica as idades de 6–30 anos, que é o que o "Sistema de Gerenciamento da Igreja Adventista" (ACMS) administra.
[5] NexGen corresponde a Novas Gerações.
[6] Dado que coleta o número referente ao batismo, rebatismo e profissão de fé.
[7] Dado que coleta o número referente as saídas devido à apostasia e ao paradeiro desconhecido.

Embora haja o desafio de manter os novos conversos, o quadro confirma, uma vez mais, que a igreja e sua mensagem ainda são determinantes na vida da "NextGen", já que 57,38% dos que entraram na igreja nos últimos sete anos são crianças, adolescentes e jovens. O ponto alarmante dessa estatística é que, assim como há novos adeptos dessa geração, também há uma grande evasão, totalizando 55,72% em relação ao total dos que abandonaram a igreja no mesmo período. Agora, se compararmos apenas o intervalo etário de dezesseis a trinta anos, é possível perceber que 50,48% destes abandonaram a igreja no período de 2013–2020.

No entanto, isso definitivamente não quer dizer que a estratégia esteja errada. Ao contrário, permite comprovar que há necessidade de aplicá-la no contexto do grupo etário. Marquez (2017) salienta que a igreja tem abordado o discipulado como um processo único para todos. Esse argumento é válido quando tentamos hegemonizar uma estratégia de forma geral; contudo, Ortberg (2010) adverte que, na tentativa de aplicar um plano genérico, apenas se encontrará frustração. É por essa razão que é necessário implementar um plano de discipulado intencional voltado especificamente para as novas gerações.

Ademais, Gonçalves (2017) argumenta que não se pode fazer um discipulado eficaz com o foco em uma única geração. Segundo ele, cedo ou tarde, isso resultaria em um trabalho religioso centrado no eu. Em última análise, é o que está ocorrendo em nossas igrejas, apesar de as gerações apresentarem diferenças nítidas no processamento de um estilo de vida como verdadeiro discípulo.

No que diz respeito à linguagem de comunicação, o *Barna Group* identificou em seu artigo sobre "o futuro das missões"[8] que as novas gerações preferem utilizar uma linguagem diferente da tradicional, sendo cautelosos quanto ao uso de termos que descrevem sua fé. Eles, por exemplo, preferem dizer "compartilhar sua fé" em vez de dizer "evangelizar"; ambas expressões significam o mesmo, apenas manifestadas de forma diferente. O *Barna Group*

[8] Artigo digital sobre o futuro das missões. Para mais informações, ver: https://www.barna.com/research/next-gen-missions-terminology/. Acessado em: 11 mar. 2026.

também revela que os termos mais contestados são "convertido" e "ganhar almas", sendo as novas gerações as que mais os contestam, apesar do estudo ter sido feito com uma população totalmente comprometida com suas igrejas.

POWER UP

O *Power Up* é um modelo de discipulado juvenil projetado para ajudar os jovens a se converterem em discípulos de Jesus Cristo. Esse modelo foi baseado em uma pesquisa exaustiva feita por Marquez (2017), com diversos especialistas que falam de discipulado, e alguns modelos existentes que foram desenvolvidos na América do Norte.

Em sua pesquisa, ele constata que existe certa similaridade em alguns aspectos do discipulado com o público juvenil. Por exemplo, o estudo da Bíblia, que é a base da experiência de discipulado e crescimento espiritual, bem como a opção por uma vida em comunidade – motivada pela necessidade vital do ser humano de se relacionar com as pessoas e com o Criador –, sendo esta o seu núcleo de apoio para que se cumpra o processo. Por outro lado, há o foco no próprio ministério; uma vida centrada em um ministério com propósito faz com que o discípulo se conecte com a igreja, execute seu ministério e compartilhe o evangelho.

A base para construir *Power Up* foi o modelo "Passos rumo ao discipulado", criado por Benjamin Maxson, que consiste em um enfoque simples e, ao mesmo tempo, completo, que oferece um marco simples sobre o qual se deve construir um modelo de discipulado adequado. Esse modelo é uma jornada de discipulado de sete semanas que consiste em oito sermões sabáticos, além de sete semanas de estudos bíblicos e treinamento em habilidades devocionais e disciplinas espirituais. O processo passa por etapas que se constroem umas sobre as outras: (1) observar – olhar para Jesus; (2) seguir – escolher seguir os passos de Jesus; (3) permanecer– tornando-se amigo e companheiro de Jesus; (4) morar – permitindo que Cristo habite em nós; e (5) viver – a obediência natural que se produz através de nosso relacionamento com Deus.

O *Power Up* foi aplicado em um grupo de estudantes da *Paradise Academy*, o projeto foi criado com o propósito de implementar um processo de discipulado

efetivo para as novas gerações. O aspecto singular desse projeto é que o processo de discipulado ocorre por meio da tutoria – ou, em outras palavras, da mentoria9; além disso, envolve dinâmicas de pequenos grupos, estudo pessoal da Bíblia e o exercício de práticas espirituais.

O modelo *Power Up* está organizado em sete temas ou práticas: visão, evangelho, entrega, intimidade, testemunho, corpo de Cristo e serviço. Em seus resultados, observa-se um crescimento estatisticamente significativo para os jovens nas áreas do estilo de vida sob a orientação do evangelho e participação no corpo de Cristo. Para os adultos, os temas estatisticamente significativos foram o testemunho, a entrega e a intimidade. Em geral, a resposta de ambos os grupos foi positiva com relação ao processo Marquez (2017, p. 69).

Tabela 3 – crescimento de práticas nos jovens[10]

Prática	Pré-teste	Pós-teste	Diferença	Significância (*p-value*)
Corpo de Cristo	3,07	3,96	+0,89	0,003*[11]
Testemunho	2,46	3,23	+0,77	0,058
Serviço	2,89	3,46	+0,57	0,079
Evangelho	4,05	4,51	+0,46	0,019*
Intimidade	3,43	3,74	+0,31	0,500
Visão	3,94	4,23	+0,29	0,328
Entrega	2,96	3,12	+0,16	0,425

Fonte: elaborado pelo autor.

A partir da análise das estatísticas, é relevante notar que as áreas do "Evangelho" e do "Corpo de Cristo" são significativas para a avalição do crescimento espiritual entre os jovens. Ao avaliar os componentes descritivos

[9] A RAE o define como "Guia". Ver em: https://dle.rae.es/mentor. Acessado em: 11 mar. 2026.

[10] Tabela de resultados da pesquisa de Marquez com jovens da *Paradise Academy*. Para conferir os resultados completos, tanto de jovens quanto de adultos, ver a dissertação doutoral de Marquez, Milton Daniel, "Um modelo de discipulado para jovens na Igreja Adventista Paradise" (2017). Dissertações Profissionais DMin. 348. Disponível em: https://digitalcommons.andrews.edu/dmin/348.

[11] Os dados representam a evolução das médias de autopercepção. O asterisco (*) indica significância estatística ao nível de 5% ($p < 0,05$), validando o crescimento expressivo nas categorias "Corpo de Cristo" e "Evangelho". As demais práticas apresentaram evolução numérica positiva, indicando tendência de desenvolvimento, embora com menor relevância estatística no período amostrado.

dessas duas práticas, de acordo com o Glinys Bradfield (2011) (GDI)[12] – que foi o instrumento usado por Marquez para sua pesquisa –, verifica-se que as novas gerações estão mais ligadas à experiência prática do "Evangelho" e ao senso de pertencimento a grupos com os quais se identificam.

Kinnaman (2011), em artigo publicado pelo *Barna Group* intitulado "Seis razões pelas quais os jovens cristãos abandonam a igreja", explica que uma das causas da evasão juvenil é o fato de a experiência cristã – de se viver o "Evangelho" plenamente – ser vivenciada de modo superficial. A saber, um terço dos jovens afirmou que "a igreja é chata" (31%); um quarto dos jovens afirmou que "a fé não é relevante para minha carreira ou interesses" (24%); ou ainda, que "a Bíblia não é ensinada com suficiente clareza ou frequência" (23%). Infelizmente, um quinto desses jovens adultos, que frequentaram uma igreja quando adolescentes, comentou que "Deus parece não estar presente em minha experiência na igreja" (20%).

Diante desse cenário, percebe-se que, ao comparar os resultados do modelo *Power Up* com os do *Barna Group* – relacionados à experiência do "Evangelho" e da igreja entre os jovens e adolescentes –, nota-se que o fator determinante para a evasão ou adesão das novas gerações será sempre responsabilidade da comunidade eclesiástica. Shirley (2008, p. 220) expressa que a comunidade da igreja, na qual estão envolvidos a família, os relacionamentos pessoais, os grupos e ministérios, é parte importante no desenvolvimento do discipulado. Além disso, Cloud e Townsend (2001, p. 194) argumentam que o relacionamento com Deus e com o próximo é uma necessidade para o crescimento espiritual e emocional. Em consonância com esse pensamento, Leys e Noboa (2020) afirmam que a igreja não é um lugar ao qual se vai, mas uma família à qual se pertence. Isso quer dizer que o verdadeiro discipulado ocorre em função das pessoas, conduzindo-as a um encontro pessoal com Deus, sendo este passo indispensável para transformá-las em verdadeiros discípulos. Diante disso, surge a pergunta: como implementar esse processo?

[12] O "Inventário de Discípulos Crescentes" (GDI) é uma autoavaliação alinhada com o currículo projetada para facilitar o crescimento espiritual cristão através da educação cristã no lar, na igreja e na escola. Ver em: https://www.growingfruitfuldisciples.com/aboutgdi. Acessado em: 11 mar. 2026.

Ao recordarmos o modelo Power Up, salta aos olhos uma proposta clara de aplicabilidade. Destaca-se que o Power Up funcionava por meio de uma plataforma básica de tutoria ou mentoria; assim, parece haver um protagonismo no processo de discipulado centrado em pessoas, relacionado à posição do "mentor" – isto é, aquele que atua como instrumento para consolidar o processo no jovem. Ortiz (2017, p. 9) propõe que a essência de um mentor está intrinsicamente relacionada a uma maior experiência e conhecimento de vida, proporcionando as aptidões necessárias para auxiliar outrem com menor bagagem vivencial.

Para esclarecimento, é válido questionar: "Qual é a função do mentor?". Uma breve resposta define essa função como a responsabilidade de acompanhar e ensinar espiritualmente o jovem discípulo. O ensino sempre foi parte fundamental do processo de discipulado, por fornecer o conhecimento; no entanto, o problema surge quando o desligamos da experiência. Nesse sentido, Shirley (2008, p. 218) divide a tarefa do ensino em dois níveis: o bíblico e o experimental (relacionado à vivência). Leys e Noboa (2020) afirmam que o ensino isolado não é suficiente para formar discípulos. Logo, o desafio é implementar técnicas de ensino que sejam, simultaneamente, modernas e efetivas no discipulado das novas gerações.

Tabela 4 – comparativo: ensino vs. discipulado (Leys e Noboa)

Característica	Ensino	Discipulado
Foco principal	Transmissão de conhecimento	Transmissão de cultura e valores
Relacionamento	Limita-se a aulas; exige pouca relação com o mestre.	Exige acompanhamento e relacionamento próximo com o discipulador.
Base	O que a Bíblia ou a teologia diz (teoria).	Praticar o que a Bíblia diz (vivência).
Objetivo final	Levar a um maior conhecimento intelectual.	Levar à maturidade e semelhança com Cristo.
Natureza do processo	Momento ou etapa curta (fim de programa).	Processo contínuo focado na formação do caráter.

Fonte: elaborado pelo autor.

Como aponta o estudo de Leys e Noboa, a distinção é fundamental: enquanto o ensino é o combustível necessário para informar a mente, o discipulado é o ambiente onde essa informação se torna parte da identidade do indivíduo. O ensino informa, mas o discipulado forma.

GERAÇÃO 148

O modelo Geração 148 é um dos principais projetos de discipulado para os jovens da América do Sul, seu foco está na experiência cristã vivida em comunidade. Seu principal desafio é fazer com que cada jovem não se contente somente em estar na igreja, mas que deseje *ser* a igreja. O modelo tem ainda o intento de fomentar nas novas gerações um relacionamento íntimo com Cristo, sua palavra e a igreja; transformando-os em uma comunidade relevante na salvação e discipulado.

Para alcançar os objetivos propostos e superar os desafios geracionais, a unidade básica do projeto é composta por pequenos grupos denominados "BASE G148". Nesse contexto, Ogden (2007) também abordou uma estratégia similar, na qual apresenta o desenvolvimento de um discipulado efetivo por meio de pequenos grupos. Isso evidencia que o modelo de discipulado através desse método é uma prática consolidada e aplicada com sucesso em diferentes contextos ao redor do mundo.

No novo manual do ministério juvenil da DSA[13], Campitelli (2019) e sua equipe editorial definem claramente os objetivos desse projeto e ressaltam sua relevância para o discipulado das novas gerações: (1) Inspirar jovens a viverem para a glória de Deus através de um relacionamento íntimo com Cristo. (2) Resgatar um cristianismo estritamente bíblico e prático. (3) Promover relacionamentos concretos em redes de amizade. (4) Desenvolver o voluntariado e o serviço social junto à comunidade. (5) Estimular novos métodos criativos de evangelização. (6) Capacitar e desenvolver a multiplicação de dons, e gerar oportunidade para a utilização desses dons. (7) Espalhar a mensagem contextualizada da salvação em Jesus Cristo. (8) Criar um ambiente

[13] Nível institucional que administra a IASD em oito países da América do Sul. Sob a direção do Pr. Carlos Campitelli, líder de jovens para todo o território, elaborou-se um manual oficial do ministério juvenil.

propício para atrair os amigos não cristãos. (9) Promover o reavivamento e a reforma nos jovens adventistas. (10) Formar um estilo de vida jovem guiado por princípios bíblicos.

Como se pode observar, o projeto/modelo Geração 148 é uma estratégia sólida que, aplicada efetivamente, pode ser contundente para reter as novas gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perda constante das novas gerações no mundo cristão é avassaladora; não existe discriminação de credo ou religião. Todos estamos perdendo uma geração que enfrenta um mundo pós-moderno no qual, para muitos de seus colegas, a religião não é relevante.

As "Seis Metas do Discipulado" efetivamente cumpriram seu objetivo de dar visibilidade aos resultados esperados para sua época; cada um de seus indicadores esteve bem definido e, quando olhamos os quadros de resultados de todos os anos de sua implementação, observamos que efetivamente houve crescimento; porém, o grande desafio foi reter os que vinham se agregando à igreja. Isso, provavelmente, porque havia uma maior ênfase em avaliar os resultados mais que os processos.

O modelo *Power Up* é congruente, já que desde sua formulação aponta para o processo de discipulado das novas gerações. Esse modelo também apresenta indicadores para o desenvolvimento integral do discípulo, tais como: reflexão bíblica, uso de meios digitais, manutenção de diário, memorização das Escrituras, práticas espirituais, pequenos grupos e mentoria. Esta última é vital para que o processo se concretize, visto que um dos principais fatores para a ausência do discipulado é a falta de consciência sobre a espiritualidade e a importância da mentoria na experiência cristã.

Moon (2014), ex-líder mundial de universitários da IASD, apresentou em sua tese doutoral a necessidade de um programa de tutoria intencional e discipulado para os jovens na igreja, especialmente para os adolescentes. Diante disso, nota-se que o modelo Geração 148 pode ser considerado um processo de discipulado geracional sustentado. Na América do Sul, já existem

vários projetos de discipulado para as novas gerações, como *DNA.com*, *GP My Style*, *Life*, *La Sociedad*, *GPS la Ruta de la Amistad*, *Conexión GP*, entre outros; todos sob a mesma estrutura de vida em comunidade e com indicadores similares. Talvez o que se necessite seja incrementar uma estratégia de mentoria intencional dentro de sua estrutura.

Em suma, o discipulado das novas gerações é um campo de estudo perene, cujos desafios se renovam à medida que novos membros integram a comunidade eclesiástica. Portanto, a igreja deve manter-se em constante alerta e estudo, garantindo que o processo de formação espiritual acompanhe a evolução das necessidades e demandas desses jovens – como filhos do seu tempo –, assegurando a continuidade e a mentoria necessárias ao desenvolvimento de sua caminhada cristã.

REFERÊNCIAS

BARNA GROUP. **Six reasons young christians leave church.** Disponível em: https://www.barna.com/research/six-reasons-young-christians-leave-church/. Acessado em: 16 mar. 2026.

BRADFIELD, G. **Growing Fruitful Disciples Framework.** General Conference of Seventh-day Adventists, 2011. Disponível em: http://growingfruitfuldisciples.com/. Acessado em: 16 mar. 2026.

CAMPITELLI, C. **Manual do ministério juvenil.** Divisão Sul-americana. Lima: Editorial Imprensa União, 2019.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede:** uma visão global. Madri: Alianza Editorial, 2006.

CHOQUE, R. **Novas competências tecnológicas em informação e comunicação**. Lima: Concytec, 2011.

CLOUD, H.; TOWNSEND, J. **Como as pessoas crescem**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2001.

GARCÍA, M. G. J. Influencia cultural del K-pop en jóvenes limeños. **Investigaciones Sociales**, [S. l.], v. 21, n. 39, p. 237–246, 2018. DOI: 10.15381/is.v21i39.14678. Disponível em: https://revistasinvestigacion.unmsm.edu.pe/index.php/sociales/article/view/14678. Acesso em: 16 mar. 2026.

GONCALVEZ, M. **El discipulado es un proyecto geracional.** Disponível em: http://moisesgm.blogspot.com/2017/02/el-discipulado-es-un-proyecto.html. Acessado em: 16 mar. 2026.

HEIDINGER, Z. E. **El plan "Las seis metas del discipulado" en la Unión Peruana del Norte**: **su fundamento bíblico-teológico y en los escritos de Ellen G. White y su descripción**. 2016. 156 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Unidade de Pós-graduação em Teologia, Universidade

Peruana Unión, Lima, 2016. Disponível em: https://pt.scribd.com/document/638290646/El-plan-Las-6-metas-del-discipulado-en-la-UPeN-HEIDINGER-ZEVALLOS. Acessado em: 16 mar. 2026.

KINNAMAN, D. **Geração perdida**. Pompeia, SP: Universidade da família, 2014.

LEYS, L.; NOBOA, D. **Projeto discipulado:** Ministério com jovens. Dallas, TX: E625, 2020.

LIPOVETSKY, G. **A era do vazio.** Buenos Aires: Editorial Anagrama, 2003.

MARQUEZ, M. D. **A Discipleship Model For Youth At The Paradise Adventist Church**. 2017. 177 f. Tese de Doutorado (Doctor of Ministry) – Seventh-day Adventist Theological Seminary, Andrews University, Berrien Springs, 2017. Disponível em: https://dx.doi.org/10.32597/dmin/348/. Acessado em: 16 mar. 2026.

MOKGWANE, P. (Org.). **Líder de Juventude Sênior:** um currículo de liderança para líderes embaixadores e jovens adultos. General Conference of Seventh-day Adventists, UK, Advent Press Limited, 2018.

MOON, J. S. **Mentoring and Discipling the Early Adolescents of the Kitchener-Waterloo Seventh-day Adventist Church**. 2014. 148 f. Tese de Doutorado (Doctor of Ministry) – Seventh-day Adventist Theological Seminary, Andrews University, Berrien Springs, 2014. Disponível em: https://dx.doi.org/10.32597/dmin/87. Acessado em: 16 mar. 2026.

OGDEN, G. **Essenciais do discipulado:** Um guia para construir sua vida em Cristo. Downers Grove, IL: InterVarsity, 2007.

ORTBERG, J. **A pessoa que quero ser:** tornando-se a melhor versão de você para Deus. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2010.

RAINER, T.; RAINER, S. **Igreja essencial?**. Nashville, TN: B&H Publishing Group, 2008.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Dicionário da língua espanhola**, 23ª edição, [versão 23.3 on-line]. Disponível em: https://dle.rae.es. Acessado em:16 mar. 2026.

SHIRLEY, C. It Takes a Church to Make a Disciple: An Integrative Model of Discipleship for the Local Church. **Southwestern Journal of Theology**, Fort Worth, v. 50, n. 2, p. 207–224, 2008. Disponível em: https://equipthecalled.com/swjt-journal-article/it-takes-a-church-to-make-a-disciple-an-integrative-model-of-discipleship-for-the-local-church/#:~:text=The%20model%20begins%20by%20envisioning,transformed%20disciples%20and%20healthy%20churches. Acessado em: 16 mar. 2026.

Notas de Rodapé

Pako Mokgwane (Org.), Líder de Juventude Sênior: Um Currículo de Liderança para Líderes Embaixadores e Jovens Adultos. General Conference of Seventh-day Adventists, UK, Advent Press Limited, 2018. p. 42.

CAPÍTULO 22

22

A tutoria no discipulado como estratégia missionária na juventude adventista

Max Choque Ortega

Como Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), sabemos que o discipulado é um dos eixos fundamentais para envolver, cuidar e conduzir novos membros e, sem dúvida, existem muitas definições e práticas sobre o discipulado com as quais concordamos majoritariamente.

A passagem bíblica de João 13:35 resume uma das distintas características principais na vida do verdadeiro discípulo: "Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros". A palavra "discípulo", gramaticalmente, pode ser entendida em vários sentidos. No grego é mathētḗs e refere-se, em geral, a qualquer "estudante", "aluno", "aprendiz" ou "seguidor", que espera-se que imite seu mestre.

O fator "amor" para João é a característica principal dos que são seguidores verdadeiros e fiéis de Jesus, pois pode-se ser um seguidor sem, contudo, reproduzir esses mesmos valores na vida; a isso somam-se várias perguntas: o que é o amor? Como posso amar aos demais?

O DISCIPULADO: PERSPECTIVA BÍBLICA DO DISCIPULADO JOVEM

Um dos argumentos para o discipulado com base bíblica é o que o próprio Cristo estabeleceu ao entregar a grande comissão a seus discípulos por ocasião de sua ascensão:

> Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado; e eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém (Mt 28:19–20).

Sem dúvida alguma, este mandato é o eixo central sobre o qual se estabelece a base bíblica para o discipulado. No entanto, podemos encontrar, ao longo de toda a Bíblia, algum fundamento para o discipulado? Fala o Antigo Testamento sobre o discipulado? Sustenta o Novo Testamento tal conceito? Nas páginas seguintes, ocupar-nos-emos de responder, de maneira breve, estas perguntas.

PERSPECTIVA BÍBLICA DO DISCIPULADO NO ANTIGO TESTAMENTO

No céu,

> Deus e Cristo sabiam desde o princípio acerca da apostasia de Satanás e da queda de Adão pelo poder enganador do apóstata. O propósito do plano de salvação era redimir a raça caída, dar-lhe outra oportunidade. Cristo foi designado como mediador desde a criação, designado desde a eternidade para ser nosso substituto e garantia (White, 1997, p. 26).

O próximo passo da gênese humana discorre mediante as palavras do Criador: "E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança [...] E criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou" (Gn 1:26–27). Depois de haver criado tudo, o Senhor "tomou o homem, e o pôs no jardim do Éden, para o cultivar e guardar" (Gn 2:15).

Com cuidado paternal, Deus instruía dia após dia o feliz casal, a tal ponto que até anjos do céu os visitavam, o primeiro casal desfrutava de uma relação que ia além da dependência paternal, assemelhando-se a uma dinâmica entre estudantes e o Criador. Nesse contexto, Adão e Eva recebiam orientações diretas de Deus e mantinham um intercâmbio constante com seres celestiais, desfrutando de uma comunhão plena com a divindade (White, 2008).

É aqui, na atmosfera do Éden, que se estabelece a primeira escola de discipulado – um centro de formação personalizada no qual o homem devia ser instruído acerca do plano da salvação e devia superar a prova, pois com isso estaria habilitado para continuar crescendo até tornar-se um com a família celestial. White detalha assim: "Deus criou o homem para a glória divina, para que, depois de passar pela prova e pela aflição, a família humana pudesse tornar-se uma com a família celestial. O propósito de Deus era repovoar o céu com a família humana" (White, 1997, p. 53).

Algum tempo depois, precisamente na época patriarcal, encontramos Deus numa relação pessoal com os patriarcas – uma relação na qual o próprio Deus concedia as instruções que nossos primeiros pais deveriam seguir. Por exemplo, a Bíblia registra que o Senhor entregou a Noé o encargo divino quando menciona: "Disse mais o Senhor a Noé: Entra tu e toda a tua casa na arca; porque a ti tenho visto justo diante de mim nesta geração" (Gênesis 7:1). Por outro lado, o próprio Deus convidou Abraão a sair de sua terra para conquistar outra, em sua companhia: "Ora, o Senhor disse a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que eu te mostrarei; e far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção. Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra" (Gn 12:1–3). Isaque vê a Deus buscando uma relação com suas criaturas: "E apareceu-lhe o Senhor, e disse: Não desças ao Egito; habita na terra que eu te disser" (Gn 26:2). Jacó buscou a Deus num momento de desespero: "Então disse: Deixa-me ir, porque já rompeu a alva. Mas Jacó respondeu: Não te deixarei ir, se não me abençoares" (Gn 32:26). Indubitavelmente, são todas essas evidências do processo discipulador por meio do qual nosso Soberano Deus preparava os seus filhos.

Continuando a travessia bíblica, adentramos numa época em que Deus utiliza homens consagrados à sua causa e dispostos a renunciar a tudo para servir no plano de salvação das almas. Foram então chamados homens aos quais foi dada a função de mediar entre o povo e Deus – homens cujo privilégio seria falar ao povo as mensagens divinas –, aos quais se outorgou o título de profetas.

Para a formação destes, surgiu a necessidade de criar uma escola cuja finalidade seria formar os jovens e prepará-los para o serviço de Deus. White (2008, p. 58) menciona que nessa escola "as grandes verdades da providência de Deus e a vida futura eram inculcadas na mente dos jovens". O próprio Deus era o encarregado de dirigir a educação de Israel. A Bíblia nos ensina o seguinte acerca do tempo dos profetas: "E deram aviso a Saul, dizendo: Eis que Davi está em Naiote em Ramá. Então Saul enviou mensageiros para

trazerem a Davi; e eles viram uma companhia de profetas que profetizavam, e Samuel estava ali e os presidia" (1 Sm 19:19–20).

Em conclusão, três escolas são as que encontramos descritas nos parágrafos anteriores: a Escola do Éden, as Escolas dos Patriarcas e a Escola dos Profetas – todas elas escolas de discipulado.

PERSPECTIVA DO DISCIPULADO NO NOVO TESTAMENTO

Os fundamentos do discipulado no Novo Testamento podem ser notados de maneira mais implícita. Sua espinha dorsal encontra-se em Mateus 28:18–20, mencionada no início desta seção, e que Ellen White (1957, p. 23) define da seguinte forma: "A comissão evangélica é a carta magna missionária do reino de Cristo. Os discípulos deveriam trabalhar fervorosamente pelas almas, dando a todos o convite de misericórdia. Não deviam esperar que o povo viesse a eles; mas deveriam ir eles ao povo com a sua mensagem". No entanto, essa grande comissão foi dada ao final de um processo de três anos e meio no qual, à semelhança do Antigo Testamento, o próprio Deus treinou seus estudantes – que nessa ocasião eram simples pescadores.

Cumprido então o tempo, Jesus aparece no cenário bíblico, iniciando assim uma ênfase mais profunda no discipulado: "E subiu ao monte, e chamou a si os que ele quis; e foram para ele. E estabeleceu doze, para que estivessem com ele, e para os enviar a pregar" (Mc 3:13–14). Estes que chamou, conhecemos no contexto do Novo Testamento como os discípulos.

Ao ser o discípulo um "estudante", "aluno", "aprendiz" ou "seguidor", vê-se na imperiosa necessidade de compartilhar experiências com seus mestres. Nesse sentido, os evangelhos apresentam inúmeros momentos nos quais os discípulos experimentam as maravilhas e os milagres ao lado de seu Grande Mestre; por exemplo, em Marcos, ficam atônitos com a alimentação dos cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças, apenas com dois peixinhos e cinco pãezinhos (Mc 6:30–44). Quanto sobrou? De onde seu Mestre tirou toda aquela comida? Como pôde multiplicar aqueles escassos alimentos de uma criança? Como discípulos, participavam das obras, das bênçãos e do cuidado.

Ora, Lucas, o médico, apresenta-nos os discípulos não apenas como aprendizes, mas como praticantes: o Salvador enviou seus discípulos e lhes deu poder e autoridade para expulsar demônios e curar toda doença, ao pregar o reino de Deus. Aconselhou-os sobre como deveriam apresentar-se e conviver com o povo ao compartilhar o evangelho; além disso, deveriam sacudir os pés onde não os recebessem, em testemunho contra eles. É interessante observar que percorreram todas as aldeias pregando o evangelho e curando por toda parte (Lc 9:1–6).

Após a ascensão de Jesus, chega o momento em que os discípulos começam a atuar no cumprimento da grande comissão. E, em meio a dias de grande agitação, surge Paulo – homem justo, valoroso, perseguidor e zeloso –, chamado sob a luz especial do céu para que também se constituísse em discípulo; um apóstolo de Jesus Cristo, como ele próprio se apresenta, chamado pelo próprio Jesus e não por votação ou eleição humana. Desenvolveu um dos labores discipulares mais bem-sucedidos do Novo Testamento depois do Senhor Jesus. Adestrou a igreja, edificou-a sobre um fundamento sólido, advertiu-a contra os falsos mestres e vislumbrou os desafios que a igreja deve enfrentar para encontrar-se com o Rei do universo.

Paulo apresenta os desafios do discípulo em várias de suas etapas e os descreve sob as circunstâncias em que os homens lidam com eles na vida diária. Por isso o apóstolo anima os seus semelhantes a manter a integridade, mesmo em meio ao sofrimento, como um soldado leal que segue as ordens de seus superiores. O discípulo não deve ser alguém distraído com assuntos materiais; antes, Paulo recomenda que seja como o atleta que, para ser coroado, deve lutar e correr na corrida da vida cristã de maneira inteligente e legítima.

Paulo realiza uma comparação com o lavrador que deve trabalhar primeiro para participar dos frutos que semeou com cuidado e que depois colhe com alegria:

> Tu, pois, filho meu, fortalece-te na graça que está em Cristo Jesus. E o que ouviste de mim na presença de muitas testemunhas, isso confia a homens fiéis que sejam idôneos para também ensinarem a outros. Sofre

> penalidades comigo, como bom soldado de Cristo Jesus. Nenhum soldado em serviço ativo se envolve nos negócios da vida diária, a fim de agradar àquele que o alistou como soldado. E também o que compete como atleta, não ganha o prêmio se não competir de acordo com as regras. O lavrador que trabalha deve ser o primeiro a receber a sua parte dos frutos (2Tm 2:1–6).

TUTORIA/TUTOR

Etimologicamente, a palavra tutor vem do latim tutor e do verbo *tueri* (observar, vigiar, proteger). Essa é também a origem das palavras: tutelar, tutela, tutoria, intuir, intuição. Outra acepção é a de uma vara forte e reta amarrada com uma corda fina à árvore torta que precisa ser endireitada.[1]

A existência do tutor remonta à própria formação dos pilares que constituem os sistemas de educação atuais. A figura do tutor ou mentor, levando educação e instrução ao seu pupilo, é tema comum em todos os papiros egípcios e nos textos gregos, antes mesmo das salas de aula da Idade Média.

O TUTOR COMO MEDIADOR EDUCATIVO

A palavra "mediador" liga-se ao discurso jurídico, assim como existem outros termos importados da medicina que fazem parte da linguagem educativa. Quando o tutor constrói seu papel a partir da mediação, coloca-se no meio, tenta controlar as condutas de todos os atores escolares e assume para si a responsabilidade de "resolver conflitos": entre estudantes e docentes, entre docentes e equipes de direção, os docentes entre si mesmos etc. Pode o tutor afastar-se desse lugar, naturalmente atribuído e assumido, e construir outra posição – não mais "no meio", mas "com"? (SATULOVSKY; THEULER, 2009).

NA DIMENSÃO ESPIRITUAL

O desenvolvimento da dimensão espiritual é fundamental no ser humano. Ele acontece quando a pessoa os princípios e valores que subjazem às normas

[1] Real Academia Española. Diccionario de la lengua española. 22. ed. Madrid: RAE, 2009.

que regulam a convivência num determinado contexto, levando à prática suas decisões éticas. Essas ações devem ser coerentes com sua identidade espiritual, é a possibilidade que tem o ser humano de transcender, ir além de sua existência para colocar-se em contato com as demais pessoas e com Deus, com o objetivo de dar sentido à própria vida.

Como se desenvolve: quando é oferecida à pessoa a possibilidade de sair de si mesma para relacionar-se e acolher os outros, e quando esta tem a possibilidade de estabelecer e cultivar uma relação pessoal e comunitária com Deus. Todas as ações educativas que contribuem para alcançar esses dois aspectos permitem que essa dimensão se desdobre em toda a sua plenitude. A finalidade é que o tutorado seja capaz de assumir um compromisso cristão em sua opção de vida.

MODELOS EDUCATIVOS

O novo conceito de ensino-aprendizagem vai além dos aspectos conceituais da disciplina ou disciplinas. A tarefa de ensinar nesse novo contexto contempla novas dimensões, entre as quais destacamos: motivar o aluno; esforçar-se para ele que conheça e confie em suas possibilidades; desenvolver um autoconceito positivo de seu desenvolvimento pessoal e profissional; o desenvolvimento de sua própria autoestima; o desenvolvimento espiritual; e que seja capaz de construir seu próprio projeto de desenvolvimento pessoal e profissional. A necessidade de ligar a formação universitária às demandas laborais coloca a necessidade de orientar o aluno nas dimensões mentais, socioespirituais e físicas.

A tutoria é um elemento-chave em qualquer modelo educativo centrado na aprendizagem do estudante, sendo um meio de grande interesse para estimular, guiar, apoiar e avaliar a aprendizagem e o desenvolvimento integral do aluno (Rodriguez Espinar, 2010).

A ação tutorial é a orientação levada a cabo pelo tutor e pelo restante do professorado. Poderíamos defini-la como a ação formativa de orientação e ajuda que o professor-tutor e o restante da equipe docente realizam com

seus estudantes, a nível individual e grupal, nos âmbitos pessoal, escolar e profissional, ao mesmo tempo que exercem sua função docente.

Essa ação formativa deve dirigir-se e estar inserida na atividade docente. Com isso, a docência terá um caráter mais pessoal e formativo e possibilitará a formação integral do alunado (GONZÁLEZ, 2006, pp. 71–88).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este ensaio encerra-se com uma breve proposta estratégica de discipulado, fundamentada na premissa de que o acompanhamento intencional – tanto do aluno quanto do estudante da Bíblia – deve seguir padrões de interesse pelo crescimento integral. Essa proximidade entre mestre e aprendiz reflete os modelos discipuladores bíblicos, que não representam afastamento, mas comunhão.

Pode-se notar com clareza que o acompanhamento desse desenvolvimento é contínuo, constante e consequente. Isso confronta diretamente muitas práticas discipuladoras que buscam resultados (batismo) e prontamente abandonam o aluno à sua própria sorte.

Considerando as funções de uma equipe de tutoria e alinhando-as a um grupo de jovens de uma igreja, é possível aplicar as seguintes estratégias:

1. Informar, orientar e guiar o estudante sobre a instituição (igreja) e os aspectos curriculares (doutrinas);
2. Orientar e apoiar o estudante durante as avaliações (estudo sistemático);
3. Oferecer suporte em questões pessoais, como situações de desânimo e de confusão sobre a caminhada de fé (método de Cristo);
4. Realizar o trabalho de acompanhamento e controle (amizade real).

REFERÊNCIAS

ESPINAR, S. **Manual de tutoría universitaria**. Barcelona: Octaedro, 2010.

GONZÁLEZ, M. La tutoría académica en el espacio europeo de la educación superior. **Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado**, v. 20, n. 3, p. 71–88, 2006.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**. 22. ed. Madrid: RAE, 2009.

RODRÍGUEZ ESPINAR, S. **Manual de tutoría universitaria**. Barcelona: Octaedro, 2010.

SATULOVSKY, S.; THEULER, S. **Tutoría: un modelo para armar y desarmar**. Buenos Aires: Noveduc, 2009.

SOCIEDADES BÍBLICAS DO BRASIL. **Bíblia Sagrada: Almeida Revista e Corrigida**. Barueri: SBB, 2009.

WHITE, E. **A verdade sobre os anjos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

WHITE, E. **Atos dos Apóstolos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1957.

WHITE, E. **Patriarcas e Profetas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

CAPÍTULO 23

23

Uma proposta de discipulado bíblico para as gerações Y e Z

Danilo Rodrigues de Abreu

Os adolescentes e jovens têm se tornado os grupos que mais elevam a preocupação dos líderes das igrejas cristãs – fenômeno facilmente observado já a algumas décadas na Europa e nos Estados Unidos da América (EUA) e mais recentemente também notado no Brasil. A causa dessa preocupação deve-se à diminuição da juventude frequentadora da igreja.

Tal diminuição possui um aspecto que poderíamos chamar de natural, isto é, uma causa puramente social, demográfica, que não tem que ver diretamente com a espiritualidade das novas gerações. Ocorre que, com o envelhecimento da população – experimentada primeiro nos países desenvolvidos, mas que também chega (mesmo que mais vagarosamente) no Brasil –, os membros da igreja nessa faixa etária também diminuem. É válido ressaltar, no entanto, que o problema não se restringe a essa única causa.

A segunda razão, e a mais alarmante, diz respeito à evasão de adolescentes e jovens da igreja, motivados pela insatisfação com as instituições religiosas. Numa análise empírica e mensurável do problema, foi constatado que, em determinada comunidade cristã, mais de 66% dos adolescentes que se formam no ensino médio e permanecem na mesma região geográfica acabam saindo da igreja e que, em outra comunidade da mesma matriz religiosa, a condição é ainda mais alarmante ao revelar que as pessoas na faixa etária dos vinte anos estão desaparecendo (Kimball, 2011, p. 15).

Parte dos adolescentes e jovens, caracterizados por uma mente mais crítica, criteriosa e exigente, e por uma postura que enfatiza a busca por novidade, o engajamento social, o aumento da intensidade emocional e a explosão criativa (Siegel, 2016, p. 12), não se permite mais ser influenciado por um discurso religioso sem solidez e coerência. Daí a necessidade da igreja contemporânea repensar o seu discurso, de modo a torná-lo relevante e coerente.

Uma vez que a principal tarefa do adolescente em seu desenvolvimento é adquirir identidade (Parrott, 2003, p. 15), o discurso religioso unilateral – que não considera todos os elementos em ebulição nessa faixa etária (mudanças físicas, sexuais, sociais, religiosas e morais) – se apresenta como algo retrógrado, se estabelecendo como um elemento impositivo, uma barreira, entre as novas gerações e a religião institucionalizada.

A relevância deste trabalho, portanto, conecta-se intrinsecamente com à sua problemática. Em outras palavras, a evasão das novas gerações da igreja – motivada pela perda de relevância do discurso religioso em seu formato atual – justifica a necessidade de debruçar-se sobre o tema. Assim, o estudo busca por respostas inteligentes que possam dirimir essa preocupante disfunção, a qual ameaça extinguir as gerações Y e Z das comunidades cristãs.

Qual a raiz do problema? Naturalmente, a resposta não é tão fácil quanto a pergunta, mas alguns caminhos podem ser apontados.

Existe o evangelho de Cristo e existe aquilo que é ensinado sobre o evangelho. Assim, o que é ensinado sobre o evangelho raras vezes, senão em nenhuma, deixa de ter as marcas danosas (provavelmente não voluntárias) de quem o ensina. Em outros termos, o evangelho ensinado de humano para humano nunca faz jus ao que, de fato, é o evangelho de Cristo. Seja pelo filtro da visão de quem o transmite (comunicador) ou pelos pressupostos e visão de mundo de quem ouve (interlocutor), as boas novas tais quais ensinadas por Cristo (a mensagem), via de regra, perdem parte de sua essência e originalidade ao serem transmitidas. Isso se dá, possivelmente, porque o evangelho, o qual trata essencialmente sobre o amor divino, é tão elevado e surreal que, dificilmente, pode ser ensinado em sua plenitude, e trata de um amor tão extraordinário à realidade humana que tende a causar um estranhamento involuntário, tanto naquele que o transmite quanto em quem o ouve.

Há também, e isso jamais pode ser ignorado, o fato de que, ao longo da história, a mensagem de Cristo tem sido transmitida pelas lentes da religião institucionalizada, a qual, por séculos – inclusive no presente – propagandeia posições políticas, interesses e posturas que seriam insustentáveis e indefensáveis se passados pelo crivo daquilo que foi dito e vivido por Jesus enquanto homem.

A partir da discussão introdutória acima, queremos dizer que concordamos com a tese levantada por Kimball (2011), o qual afirma que as novas gerações não têm problemas com Jesus, elas têm problema com o Jesus ensinado por alguns cristãos e pelas igrejas institucionalizadas.

Como é sabido por todos, uma das marcas bastante característica das novas gerações é o descrédito dado às instituições (igreja, governo e família) e figuras de autoridade (líderes religiosos, professores e políticos). Naturalmente, portanto, é evidente que adolescentes e jovens teriam ressalvas quanto ao que é ensinado pela igreja (instituição), representada por figuras de autoridade (pastores, por exemplo).

Contudo, aquilo que parece sugerir uma reação de desânimo, diante de uma leitura superficial e apressada, frente às novas gerações, quando esmiuçada, a partir de um olhar mais analítico, pode revelar-se como uma boa notícia: não há apatia ou desinteresse dos adolescentes e jovens por Jesus. Há, na verdade, desinteresse pela maneira como Jesus tem sido apresentado. Sendo assim, há um caminho que pode ser trilhado por aqueles que desejam discipular eficazmente as novas gerações.

Neste trabalho, partimos do pressuposto bíblico de que o chamado de Jesus a fazer discípulos não exclui nenhum grupo – seja étnico, social, de gênero ou etário –, e que, se não estamos sendo bem-sucedidos no alcance das novas gerações, o problema não é o chamado ao discipulado feito por Cristo aos adolescentes e jovens, mas, possivelmente, é o método utilizado. Portanto, o cristianismo não enfrenta, relativo à sua missão, um problema de conteúdo (a mensagem que possui), mas um problema metodológico (a forma como apresenta sua mensagem).

Desse modo, a hipótese sugerida é que o evangelho apresentado por Cristo atende as demandas ansiadas pelas novas gerações – essencialmente marcadas pelo pensamento pós-moderno; e o presente trabalho objetiva-se a desmistificar o suposto desinteresse das gerações Y e Z pelo evangelho. Por fim, o estudo propõe, de forma sumarizada, alternativas de trabalho de discipulado com adolescentes e jovens.

A metodologia utilizada na realização deste trabalho se restringe à análise bibliográfica e breve experiência de seu autor no trabalho com adolescentes e jovens como professor, capelão escolar e líder do projeto "Um Ano em Missão".

DEFINIÇÃO DE CONCEITOS

Numa sociedade onde a pós verdade e o relativismo parecem agregar ao indivíduo a prerrogativa de dar sentido e significado pessoal a qualquer fato social, até mesmo um determinado conceito passou a ter acepções múltiplas – à vontade daquele que o escreve enquanto emissor ou daquele que o lê enquanto interlocutor. Assim, nem sempre aquilo que o comunicador desejava comunicar é, de fato, comunicado. Diante disso, objetivando maior clareza e assertividade naquilo que nos propomos a sugerir, consideramos cabível que, mesmo que brevemente, estabeleçamos as definições dos principais conceitos que amiúde são mencionados nesse trabalho.

O primeiro termo a ser definido é o "discipulado cristão": de forma sumariada, pode ser assentido como a busca por ser semelhante a Cristo, no que diz respeito ao Seu caráter e modo de vida registrado nas Escrituras. O segundo termo é o das "novas gerações": competem as gerações Y (adolescentes) e Z (jovens). Sendo que os adolescentes se encontram na faixa-etária de 12 a 24 anos e os jovens entre 25 e 35 anos. Por fim, elabora-se o conceito da "pós-modernidade": entendida socialmente como o período da história marcado por ciclos de mudanças em curto espaço de tempo – a aceleração das mudanças tecnológicas impacta diretamente na velocidade das mudanças sociais. A nota tônica dessa sociedade é o seu interesse por emoção e experiências, visto que a intuição tomou o lugar que a razão e a ciência ocupavam no período da modernidade.

DISCIPULADO PARA AS NOVAS GERAÇÕES E O SENSO COMUM CRISTÃO

Para o senso comum cristão, a percepção de uma parcela da liderança eclesiástica parece ser a de que as novas gerações são desinteressadas e apáticas quanto à espiritualidade. Tal ideia, no entanto, não se sustenta biblicamente e nem empiricamente. De acordo com a Bíblia, o escritor de Eclesiastes já havia anunciado que Deus colocou no coração do homem o anseio pela eternidade (Ec 3:11), isto é, a espiritualidade como algo constitutivo do ser humano. De conhecimento comum a todos é o fato de que a religião, manifestação religiosa

ou espiritualidade é algo presente em todas as culturas. Até onde se sabe, não há registro de nenhuma sociedade na qual algum tipo de espiritualidade não se manifeste. Isto é um fato antropológico. A espiritualidade é tão real quanto o corpo e as emoções na composição de qualquer indivíduo. Seria precipitado, portanto, excluir as novas gerações dessa realidade.

Mas as evidências de que há, sim, inclinação das novas gerações à espiritualidade não se restringem ao texto bíblico. Há também comprovações empíricas disso. O senso da população adventista no Brasil, mencionado no livro "Sociologia e Adventismo", aponta para um caminho surpreendente. Se 11,3% de toda a membresia adventista no país figura-se na faixa-etária de 11 a 15 anos e 18,1% na faixa etária de 16 a 25 anos (Ferreira *et al.*, 2017, p. 114), totalizando quase 30% da membresia total no país, a afirmação de que as novas gerações adventistas não se interessam pela religião simplesmente não se sustenta. Afinal, quase um terço da membresia atual encontra-se em um curto período de 15 anos (11 a 25 anos), que é formativo para a vida do indivíduo, o que aponta uma aproximação espiritual dessa fase, e não afastamento.

Indo para além da realidade adventista e partindo para um escopo religioso mais abrangente – espiritualidade jovem em todas as suas vertentes e possíveis variáveis de demonstração de fé no transcendente –, a matéria de capa de umas das edições da revista *Newsweek* constatou que os jovens estão profundamente receptivos à religião (Leland, 2000, p. 61 *apud* Kimball, 2008, p. 71).

Nesse sentido, não há apatia – contrariando o que alguns líderes de igreja, avessos às novas gerações, sugerem. Na verdade, existe apenas a necessidade de direcionamento – o que chamamos aqui de discipulado para as novas gerações.

Outro ponto é que, para o senso comum do meio cristão, os jovens tendem a ser descomprometidos e superficiais – dentro deste mito, só não é sabido se o descompromisso e a superficialidade seria a causa ou o efeito do suposto desinteresse pela religião. Entretanto, não se faz necessário profundo embasamento teórico para desmistificar tal suposição. A observação cuidadosa já se encarrega disso.

Sobre a ideia de os jovens serem descomprometidos, não é difícil perceber que eles são comprometidos com aquilo em que acreditam. E sobre a conjectura de serem superficiais, eles são profundos em suas convicções. O problema talvez esteja no fato de que, historicamente, a religião institucionalizada impõe dogmas e modelos de vida sem apresentar uma causa ou sem abrir espaço para a reflexão e diálogo – o que não é palatável para as novas gerações.

Se as novas gerações não têm problemas com Jesus – estão dispostas a fazerem o que Ele orienta e se ajustam às causas estabelecidas pela Bíblia –, são, portanto, discípulas. O que há de errado, possivelmente, é que a igreja não reproduz o compromisso exato exigido por Cristo. A igreja parece acrescentar coisas periféricas e extrair outras essenciais daquilo que, de fato, caracteriza o genuíno discipulado.

UMA PROPOSTA DE DISCIPULADO PARA AS NOVAS GERAÇÕES

O chamado ao discipulado é ainda o mesmo – e o será até o segundo advento de Cristo. Ser discípulo no século 21 ainda tem o mesmo significado que carregava as palavras pronunciadas por Cristo aos seus ouvintes no primeiro século, quando os convidava a segui-Lo. Mas o método de aproximar novos conversos a Cristo e torná-los discípulos possui mais diferenças que semelhanças com o modo como era feito no passado. A pergunta cabível: como fazer discípulos num mundo pós-moderno, onde a forma de assimilação de informações e as premissas quanto ao que é verdade têm significados tão distintos da realidade moderna e antiga? E como atingir as novas gerações que nascem e têm sua criação e educação forjadas dentro deste contexto pós-moderno?

Tratando a respeito da necessidade imperativa de a igreja ser relevante e propondo o que ele considera ser contextualização contínua, Kraft (2002, p. 135 *apud* Gonçalves, 2017, p. 122) advoga que ser relevante como igreja,

> [...] envolve reavaliação dos costumes da igreja continuamente, geração a geração e experiência em uma geração com abordagens que podem ser abandonadas.

> Isso é necessário pois os problemas são diferentes a cada geração, especialmente em vista do rápido ritmo da mudança cultural.

Nesse sentido, se os problemas de cada geração se alteram, muda-se, fatalmente, a forma de se apresentar o Evangelho de modo relevante, haja vista que é responsabilidade da igreja urbana traduzir o evangelho à mente pós-moderna (Gonçalves, 2017). Se a igreja como comunicadora não traduz a mensagem, as novas gerações não a entenderão. Se não entendem, não aceitam. A questão está relacionada a tornar o Evangelho inteligível – fazer uso de um método eficaz de discipulado.

Aqui, uma definição mais abrangente de conceito se faz necessária. O que se entende por discipulado cristão? Não são poucas as definições existentes, mas a variedade entre elas não parece ser uma contradição, mas um complemento. Um autor de notoriedade no meio cristão, define discipulado como a ação de levar as pessoas a serem mais parecidas com Jesus (Fields, 2006, p. 157). Já o clássico da teologia de Bonhoeffer (2016, p. 124) estabelece que discipulado é um compromisso exclusivo com Jesus Cristo.

Em sua etimologia, a palavra grega mais usada para discípulo no Novo Testamento, *mathetes*, refere-se a um aluno ou aprendiz (Pope, 2017). Considerando o fato de conhecimento comum que, na mentalidade judaica/hebraica não há distinção entre conhecer e fazer, podemos afirmar que, de forma ampla, mesmo que por inferência, ao utilizar a palavra *mathetes*, os escritores do Novo Testamento não estão se restringindo a um mero aluno – aquele que aprende cognitivamente uma informação –, mas se referindo a um aluno que aplica à vida prática aquilo que aprendeu do mestre. Discipulado cristão seria, nessa concepção, a reprodução do caráter de Cristo em Seus seguidores. Ou melhor, não apenas a reprodução do caráter, mas a implantação da visão que Cristo tem sobre o Pai.

John Stott (2011, p. 10) corrobora com esta ideia, sintetizando discipulado cristão como o relacionamento entre o cristão e Cristo. Desse modo, o ato de discipular está muito além de transmitir uma série de doutrinas ou tornar

um indivíduo associado a uma igreja. Discipular é conduzir pessoas a um relacionamento salvífico e transformacional com Jesus. E aqui uma observação se torna cabível: embora o evangelicalismo cresça exponencialmente em países emergentes como o Brasil, isso não parece causar, ao menos de forma perceptível, alterações no que tange à injustiça social, violência, desonestidade e criminalidade da sociedade. Ora, se discipulado possui um caráter transformacional e o número de crentes cristãos cresce aos milhões a cada ano, isso não deveria afetar as estruturas da sociedade brasileira? A resposta é negativa porque evangelizar se tornou extrair uma profissão de fé do indivíduo, ao invés do discipulado que impacta no modo de vida, alterando todas as suas bases – tal qual o ensinado por Cristo.

Num sólido e difundido livro que trata sobre a igreja emergente, Kimball (2008, p. 84) é enfático ao afirmar que as novas gerações estão profundamente receptivas para as questões espirituais. O que fazer, então, para torná-las interessadas pelo cristianismo? Uma possível resposta se encontra na própria essência do ser humano, as necessidades humanas fundamentais – ontologicamente – como amor e aceitação nunca mudam, afirma Kimball (2008, p. 80). O ministério de amor de Cristo e o amor por Ele estendido a todos parece ser o meio que deve atrair a atenção das novas gerações. Ravi Zacharias corrobora com essa ideia ao fazer a pergunta retórica e se encarregar de respondê-la: "Onde está o ponto de relevância [do Evangelho] em nossos dias? Creio que seja na fome de amor. Mesmo alguém tão intimidante do ponto de vista intelectual quanto Bertrand Russell disse que o amor era uma fome não satisfeita em sua vida" (Zacharias, 2015, p. 42). Diante de tal fato, não importa a classe social, o grau de secularismo e nem mesmo a faixa etária, as pessoas podem ser alcançadas pelo evangelho porque elas têm fome de amor. E ninguém falou tão radicalmente sobre a abrangência do amor quanto Cristo.

Para Doug Fields (2006, p. 157), a essência do discipulado eficaz direcionado aos jovens encontra-se num processo pessoal e relacional. Isso não deveria surpreender se levássemos em conta que um dos marcos profundos que caracterizam as novas gerações é a valorização dos relacionamentos. Entende-se que entre os adolescentes e jovens contemporâneos há um senso

muito aguçado de comunidade, desejo de pertencimento e interesse de fazer a diferença na sociedade – daí, talvez, o número elevado de jovens que têm dedicado períodos (às vezes nas férias, às vezes o ano inteiro) à realização de trabalhos sociais e projetos comunitários. As novas gerações anseiam por relacionamentos. É relevante salientar, portanto, que o discipulado proposto por Jesus é essencialmente relacional; consequentemente, o cristianismo autêntico, se praticado pela igreja e por sua liderança, atende às demandas dos adolescentes e jovens.

No livro "Igrejas que Transformam o Brasil", um sólido material da área de crescimento de igreja que une teoria e dados empíricos, seus autores propõem que a intencionalidade nos relacionamentos, "regada pelo amor [...é] o diferencial para o sucesso" (Stetzer; Queiroz, 2017, p. 110) naquelas igrejas que apresentam crescimento significativo e relevância na comunidade onde estão inseridas.

A estrada que serve de ponte entre o comunicador contemporâneo do evangelho de Cristo e as novas gerações é, portanto, pavimentada por relacionamentos sólidos, caracterizados pelo amor. Nesse sentido, os representantes de Cristo que se propõem a percorrer esse caminho como proclamadores do evangelho não terão êxito se transitarem apenas comunicando palavras enquanto caminham. Pelo contrário, o verdadeiro sucesso reside em interessar-se pelas pessoas que nelas se encontram, passando a fazer parte de suas vidas, aprofundando relacionamentos e amando como o sujeito central do evangelho (Cristo) amava: com palavras e ações genuínas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É inegável o fato de que a Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), ao longo de sua história, sempre demonstrou preocupação e interesse pelas novas gerações, evidência disso são os ministérios voltados especificamente para esses grupos, a saber: Desbravadores, Aventureiros, Ministério Infantil, Ministério dos Adolescentes e Jovens. No entanto, é cabível perguntar: estariam esses ministérios cumprindo o papel de discipulado ou apenas se restringindo a manter as novas gerações pertencentes à igreja ocupadas com as coisas

espirituais, empenhados em tarefas e programas que não possuem cunho de enraizar e solidificar a fé por meio do discipulado? Tais questionamentos emergem, inevitavelmente, no decurso da reflexão deste artigo, contudo, elucidar respostas definitivas para elas no curto espaço deste trabalho pode se tornar algo temerário e superficial.

O que parece claro ao término deste sumarizado trabalho: (1) a igreja é chamada a fazer discípulos de todas as nações, e isso inclui as novas gerações. (2) Apenas falar sobre o evangelho para adolescentes e jovens não crentes e cuidar meramente da permanência na igreja daqueles que já são considerados como pertencentes à determinada instituição religiosa não é discipular. (3) Se o primeiro passo para discipular as novas gerações é querer fazê-lo – de forma intencional –, o segundo certamente é vencer os mitos e preconceito que carregamos a respeito da realidade de adolescentes e jovens.

Faz-se necessário, portanto, que a igreja hoje conheça de forma experiencial o modo de vida e visão de mundo das novas gerações. Experienciar, como referido aqui, tem o sentido de se envolver – relacionar-se – com elas. Uma vez que a sociedade pós-modernizada é marcada, também, pela busca por emoções e experiências – e não mais apenas pelo discurso fundado na razão, é quase que imperativo que os discipuladores não se restrinjam à transmissão de conteúdo informativo. À exemplo de Cristo, o qual se misturou com as pessoas e demonstrou a elas, por discurso e prática, o que significava se submeter a Deus como discípulo, a igreja contemporânea deve fazê-lo. Discipulado não se realiza dizendo como ou o que fazer, mas sendo um exemplo de quem o faz.

Compreendemos que o problema – a perda de relevância da igreja às novas gerações –, apesar de generalizado e alarmante, não se apresenta irreversível – haja vista a existência de comunidades cristãs que, mesmo hoje, conseguem estabelecer um diálogo eficaz com a audiência adolescente e jovem e mantêm uma taxa de crescimento significativa em seu número de membros entre nessas faixas etárias. Destaca-se que o passo inicial para um caminho de mudança se constrói mediante a aceitação da liderança eclesiástica de que, a fim de mitigar a evasão de membros entre as novas gerações, torna-se indispensável repensar os métodos de abordagem do conteúdo bíblico e

reconfigurar, em conformidade com cada cultura e faixa etária, a apresentação do evangelho eterno.

REFERÊNCIAS

BONHOEFFER, D. **Discipulado**. São Paulo: Mundo Cristão, 2016.

FERREIRA, B. O crescimento do reino: desafios demográficos para o adventismo brasileiro. Em: FOLLIS, R.; NOVAES, A.; DIAS, M. (org.). **Sociologia e adventismo:** desafios brasileiros para a missão. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2017.

GONÇALVES, K. **Igreja relevante:** missão urbana para a pós-modernidade. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2017.

FIELDS, D. **Um ministério com propósitos para líderes de jovens**. São Paulo: Editora Vida, 2006.

KIMBALL, D. **A igreja emergente:** cristianismo clássico para as novas gerações. São Paulo: Editora Vida, 2008.

KIMBALL, D. **Eles gostam de Jesus, mas não da igreja**: insights das gerações emergentes sobre a igreja. São Paulo: Vida, 2011.

PARROTT, L. **Adolescentes em conflito – os 36 problemas mais comuns na adolescência:** um guia prático para pais e educadores. São Paulo: Editora Vida, 2003.

POPE, R. **Discipulado na igreja local**. Viçosa: Ultimato, 2017.

SIEGEL, D. J. **Cérebro adolescente:** a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos. São Paulo: Versos, 2016.

STETZER, E.; QUEIROZ, S. **Igrejas que transformam o Brasil.** São Paulo: Mundo Cristão, 2017.

STOTT, J. **O discípulo radical.** Viçosa: Ultimato, 2011.

ZACHARIAS, Ravi. O toque da verdade. Em: CARSON, D. A. (org.). **A verdade:** como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno. São Paulo: Vida Nova, 2015.

CAPÍTULO 24

24

Qual o impacto na vida do adolescente que vivencia a missão

Luiz Henrique Santos, Lucineide Lucena Lima e Monica Gisele Nery Ramos Pereira

O objetivo desse estudo é demonstrar o impacto positivo que um projeto de missão pode exercer na vida dos adolescentes. A principal motivação para esse tema foi uma viagem missionária ao Chile, que contou com um grande envolvimento de adolescentes. Desde os esforços para arrecadar os fundos necessários até as atividades diárias da missão de fato, foi possível observar grande transformação entre os jovens.

Muitos adolescentes começaram essa jornada experimentando o amor, o sofrimento e a solidariedade dos membros da igreja durante o processo de arrecadar fundos para ajudar nessa missão; muitos deles tiveram que vender itens de confecção própria para completar o valor necessário para participar da viagem missionária.

Felizmente, nenhum esforço foi em vão. Embora a missão tenha durado apenas doze dias, foram momentos intensos de imersão em uma nova cultura, onde os participantes tiveram que aprender a comer uma comida extremamente diferente, numa rotina intensa de visitas e ações sociais. Pudemos ver esses jovens sendo moldados e tocados pelo Espírito Santo como jamais poderiam sê-lo de outra forma.

Observar o impacto positivo que essa experiência exerceu sobre a vida dos adolescentes nos levou a meditar sobre a relevância de tais experiências para a espiritualidade deles. Assim, pretende-se, nesse estudo, desenvolver reflexões sobre a importância de apoiarmos os sonhos dos nossos jovens e de despertar neles esse ideal para que possam aproximar-se mais de Deus – e, principalmente, para que permaneçam fiéis ao objetivo de abreviar a volta de Jesus através do uso dos dons no servir à obra do Céu.

Portanto, já no início desse tema, é importante ressaltar a pertinência da missão para o desenvolvimento dos jovens e adolescentes dessa nova geração. O voluntariado é um dever antigo, confiado pelo próprio Deus: "Portanto ide, ensinai a todas as nações, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ensinando-os a obedecer a tudo o que eu ordenei a vocês. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos" (Mt 28:19–20).

Esse dever tão solene deve despertar no indivíduo interesse pelos projetos de evangelismo da igreja, visando levar o próximo ao encontro com Cristo. Infelizmente, é comum a percepção de que os adolescentes são "desinteressados", a tal ponto que nem uma ordem do mestre poderia motivá-los.

Entretanto, essa concepção é errônea e perigosa. Nossos jovens necessitam de apoio, orientação, e a percepção de que suas ações têm impacto real no mundo. Portanto, este trabalho visa trazer reflexões sobre como a igreja pode oferecer esses elementos e envolver os jovens e adolescentes em seus projetos evangelísticos, promovendo seu desenvolvimento acadêmico, social e espiritual.

A IMPORTÂNCIA DO ENVOLVIMENTO DOS ADOLESCENTES NA MISSÃO

Quando se fala sobre "fases", deve-se ressaltar que cada uma tem um impacto diferente no desenvolvimento do indivíduo. A fase da adolescência, por exemplo, afeta o desenvolvimento de hábitos e atitudes.

Alguns desses comportamentos são percebidos pela sociedade como estereótipos negativos. É comum ouvir que os adolescentes são preguiçosos, viciados em celular, do contra, tolos, "hormonais" dentre outros termos pejorativos. Esse estigma influência até na forma como eles enxergam a si mesmos. Por conseguinte, a visão que a igreja tem dessa fase de transição, de juvenis para jovens, é igualmente limitada. Assim, esses indivíduos nessa etapa de desenvolvimento tão crucial recebem pouco espaço e voz no seio religioso, o que contribuí para que essa fase seja solitária e gere desinteresse pela igreja e seus assuntos.

Em contrapartida, percebe-se que, recentemente, as igrejas têm dado mais atenção ao trabalho com as novas gerações. Muitos estudos e pesquisas estão sendo realizados para entender a elas e sua relação com a religião e a igreja. O grande questionamento é: como podemos conquistá-los e envolvê-los na missão, ajudando-os a ficar ao lado de Jesus?

Como destacado pelo então presidente da Divisão Sul-Americana, pastor Erton Köhler (2015), os dados estatísticos daquele ano revelavam um cenário de contrastes para a juventude adventista. Apesar de serem responsáveis

por 70% das novas admissões via batismo, o índice de evasão desse grupo aproximava-se de 68%, evidenciando que a maioria dos membros e dos desligamentos da denominação concentrava-se nessa faixa etária.

Estatísticas mais recentes da DSA apontam que o maior índice de é registrado na faixa dos dezesseis aos vinte anos (28,82%). A onda que esvaziou as igrejas da Europa e dos EUA está caminhando, como se percebe, para a América do Sul. A igreja encontra-se no seu período mais crítico, onde mais de dois terços dos jovens se afastam na idade de dezoito a vinte dois anos. A atenção especial às novas gerações, de acordo com Barry Gane (2010), é justificável, pois a próxima geração sempre pode ser a última. Os jovens da igreja são seu maior patrimônio e esperança.

As novas gerações abrangem os indivíduos com menos de 35 anos, e estão divididas em três grupos: – geração Y (1985–2000), Z (2000–2010) e Alfa (2010–2025). Essas três gerações foram afetadas pelo grande impacto tecnológico do novo século e são chamadas de nativos digitais. As duas principais características que fazem as novas gerações serem diferentes das demais são:

1. Vivem intensamente os principais conceitos da pós-modernidade. De acordo com o sociólogo Zygmunt Bauman (2001), as estruturas sólidas das gerações anteriores estão se tornando líquidas.

2. As novas gerações são profundamente afetadas pelo impacto da revolução tecnológica. Segundo a psicóloga Jean Twenge (2018), o modo de pensar e se relacionar foi tão afetado que é possível considerar as novas gerações como uma nova "raça humana".

No fim, é preciso incentivar os adolescentes a pensar de forma diferente, a ter conceitos em uma escala de valores diferente. Em uma igreja com pessoas de diferentes faixas etárias, é essencial encontrar um equilíbrio, com pontos em comum entre os diversos públicos, para que o trabalho, por mais desafiador que seja, aconteça de forma harmoniosa e integral.

De acordo com o livro *Passaporte para a missão* (2011), numa análise dos diferentes perfis de pessoas (incluindo adolescentes) que entram em contato, em algum momento, com a igreja, é possível encontrar: descrentes (criados no mundo sem interesse na igreja); aqueles que perdem ou abrem mão da

fé (abandonaram as crenças da igreja); seduzidos pelo mundo (são adeptos a práticas mundanas, mas se consideram cristãos); crentes sem igreja (permanecem na fé, mas não querem a igreja); crentes frequentes (participam dos cultos e atividades da igreja).

Com esses dados em mente, o questionamento é: o que pode ser feito para aumentar o número de adolescentes na igreja? De acordo com pesquisa realizada com adolescentes e juvenis na faixa etária entre doze e dezenove anos no campo da Associação Bahia Norte (ABN), contando com a participação de 218 entrevistados, esse número hoje gira em torno de 30%.

A pesquisa foi realizada no formato Google Forms, encaminhada ao grupo dos adolescentes das igrejas, entre os dias 15 e 29 de junho de 2024, com o objetivo de trazer maior veracidade aos argumentos apresentados neste trabalho.

Nota-se que, assim como detalhado acima, a menor quantidade é de adolescentes entre dezesseis e dezenove. Por isso, são listadas a seguir quatro formas de preservar as novas gerações na igreja:

1. Tornar a igreja um ambiente acolhedor, relevante e significativo;
2. Envolvê-los na missão;
3. Oferecer o que é essencial;
4. Discipular os pais de forma que os pais discipulem os filhos.

Na teoria defendida pelo pastor adventista Jiwan Moon, deve-se envolver os jovens no processo, pois esse maior contato ajudará os líderes a perceber os perigos e oportunidades frequentes nessa idade. Essa geração, promissora e idealista, corre grande risco, mesmo dentro da igreja. Não deixar espaço para a atuação e envolvimento dos jovens coloca em perigo a salvação de uma geração inteira.

A aplicação dessa teoria para o melhor aproveitamento das aptidões das novas gerações exige o direcionamento coletivo sob um mesmo propósito. A contextualização – processo que fundamenta os motivos e os precedentes históricos das normas e do regimento eclesiástico – constitui o método central desse trabalho.

Esses fatores promovem a compreensão plena do assunto, considerando que a exemplificação prática configura a estratégia mais eficaz de ensino.

Assim, chega-se à missiologia: processo de traduzir o evangelho a uma nova cultura, algo que vai além de um novo idioma: uma tradução que apresenta um novo modo de vida. Pode também ser conhecida como inculturação, que é o processo de tornar o evangelho e a igreja significativos e apropriados em determinado contexto cultural. Infelizmente, pesquisas nos permitem observar que o número de adolescentes que já tiveram a oportunidade de realizar um curso de missão para compreender esses e outros conceitos doutrinários, é significativamente reduzido.

Aproximadamente 80% dos entrevistados na pesquisa desconhecem, sob a perspectiva teórica, um dos principais projetos de impacto integral: os dízimos e as ofertas. Essa lacuna de conhecimento impacta diretamente a fidelidade dessa nova geração. Programas como o momento do ofertório, Provai e Vede, Maná, Informativo Missionário, ASA e ADRA constituem iniciativas que promovem a assistência por meio da fidelidade.

A instrução acerca desses temas deve ser ministrada desde a infância. Observa-se, contudo, que muitos desses meninos e meninas que desconhecem tais assuntos são os únicos adventistas em suas famílias ou, devido a diferentes fatores, não seguem as normas e regras da igreja por integrarem lares menos participativos e sem frequência regular aos cultos. A definição de estratégias para trabalhar um assunto tão importante como os dízimos e as ofertas com esse público torna-se, portanto, essencial.

A coleta de dados realizada visa fornecer a esses jovens a devida assistência e incentivo para que se envolvam progressivamente nos projetos de missão da igreja. Iniciativas como o Projeto Fischer, que será detalhado a seguir, exemplificam esse propósito.

O PROJETO FISHER

O Projeto Fisher é um movimento missionário cujo público-alvo são os adolescentes entre treze e dezesseis anos, envolvendo os departamentais de evangelismo, ministério do adolescente, comunicação, pastores distritais,

professores da BaseTeen e a família do adolescente. Assim, cumprimos as instruções de Jesus, que disse: "Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens" (Mt 4:19; Mc 1:17). Ao dizer "eu vos farei pescadores de homens", Jesus estava prometendo treinar aqueles homens para uma tarefa tão honrada que só possível participar dela mediante à graça divina. Em vez de pescarem peixes, aqueles discípulos pescariam homens para o reino de Deus. O texto bíblico diz que, imediatamente após o chamado de Jesus, eles deixaram suas redes e, animados, O seguiram.

Hoje, essa convocação é estendida às novas gerações, com o diferencial de que as redes se tornaram digitais e é possível navegar por elas exaltando e proclamando as novas de um Salvador ressurreto, prestes a vir. Nosso objetivo principal é envolver adolescentes no evangelismo de forma digital, ajudando-os a levar a mensagem a seus colegas e motivando outros adolescentes a se envolverem na missão.

Para cumprir esse objetivo, propõe-se um planejamento sugestivo[1]:

1. Recrutar e montar uma equipe de evangelismo digital;
2. Capacitar os selecionados em aulas on-line;
3. Realizar um evangelismo digital conduzido e assistido por adolescentes;
4. Designar cinco adolescentes de cada campo, formando uma equipe de 30 evangelistas voluntários; os requisitos para escolher os adolescentes serão: ser membro ativo de uma Base Life Teen; ter entre treze e dezesseis anos; expressar o desejo de pregar o evangelho através das mídias sociais;
5. Cada campo deve cadastrar esses participantes na plataforma de cadastro (no campo do projeto);
6. Reunir a equipe de apoio para treinamento. Deverão participar: os diretores das bases, os pastores distritais, departamentais de evangelismo, comunicação e ministério do adolescente, além de convidados especiais, presidente da União e dos campos.

Após a etapa de preparo, os passos para o lançamento deverão ser feitos da seguinte forma:

[1] Obs.: Nesse dia, os adolescentes não participam. Cada participante receberá um kit contendo: uma camiseta; uma Bíblia; um ring light e um microfone.

1. Live prévia pelo Instagram (antes do dia oficial do lançamento);
2. O lançamento deve ser realizado no encerramento da webinar de mídia;
3. Apresentar o testemunho de um adolescente que tenha obtido frutos de um evangelismo digital;
4. Disponibilizar nas redes sociais um card apresentando a equipe;
5. Durante o mês de julho, lançar diariamente no Instagram o vídeo de apresentação de um participante, juntamente com um card de oração intercessora.

A EXECUÇÃO DO TREINAMENTO

As atividades programadas compreendem:

1. O treinamento via Zoom, a ser realizado nos meses de julho e agosto, com reuniões semanais;
2. O encerramento da capacitação, que ocorrerá em um almoço com a família do adolescente e o pastor distrital, ocasião em que serão entregues os kits e o certificado.

A REALIZAÇÃO DO EVANGELISMO

O cronograma das atividades se estende ao longo de três meses: setembro, outubro e novembro.

1. Os adolescentes contarão com o mentoreamento dos evangelistas dos campos correspondentes e o acompanhamento dos pastores distritais;
2. A disponibilização da lista de interessados aos adolescentes visa potencializar a execução do trabalho;
3. A interação entre os envolvidos ocorrerá por meio de um grupo na plataforma WhatsApp, destinado ao envio de conteúdos, mentoreamento e compartilhamento de testemunhos.

POSTAGENS NO GRUPO

A produção de postagens de meditação e oração abrange os formatos de vídeo, áudio ou texto, podendo ser executada pelo departamental, distrital ou convidado. A definição da escala de participantes e convidados constitui uma atribuição da líder do Ministério do Adolescente (MA) do campo;

- A publicação de orientações e materiais é de responsabilidade dos Departamentais Evangelistas, sem a obrigatoriedade de periodicidade diária;
- O compartilhamento de testemunhos ocorre de forma livre, permitindo que os participantes utilizem este canal para relatar o desenvolvimento das atividades;
- O período da colheita compreende o intervalo de 28 de novembro a 4 de dezembro, sempre em conformidade com o cronograma do pastor distrital;
- O encerramento do projeto será realizado na live da União, prevendo-se a possibilidade de batismos;
- A condecoração dos adolescentes com um pin ocorrerá durante a transmissão de encerramento.

Projetos como esse fazem parte dos sonhos de muitos líderes de adolescentes, que visam redirecionar seus liderados do foco em jogos, séries, redes sociais e outras atividades pouco construtivas para o Salvador e sua obra. Para estudar o seu envolvimento, fizemos uma pesquisa com 250 adolescentes, colhendo informações sobre o quanto se envolviam nos projetos da igreja. A partir dos dados recolhidos, percebemos que há um longo caminho a trilhar a fim de cada um alcance seu pleno potencial missionário. Os desafios para essa missão abrangem desde as distrações externas até o ceticismo interno dos membros quanto a relevância da participação juvenil.

Ainda há muitos crentes desinformados, que simplesmente se dizem cristãos, mas ignoram as necessidades da missão. Apegam-se a algumas meias-verdades fundamentadas em uns poucos fatos dispersos. O conhecimento de muitos a respeito da missão procede de alguns programas ouvidos desatentamente e que normalmente focam no progresso em vez dos desafios. Por isso, é essencial instruir a igreja quanto às necessidades missionárias.

Infelizmente, esta ainda está muito focada em si mesma; é comum que a membresia se distraia com as coisas do mundo, guerras terrenas e a busca desenfreada pela sobrevivência, enquanto o mundo perece dentro de uma guerra espiritual. Apesar do longo caminho à frente, é preciso perseverar. Deve-se sonhar e acreditar em projetos que envolvam os adolescentes na

missão. Sem dúvidas, tais projetos são um chamado que transformará a vida desses jovens para sempre.

Um exemplo de um projeto bem-sucedido em transformar vidas pode ser encontrado na União Leste Brasileira, onde são lançados desafios mensais com o objetivo de atrair os adolescentes à missão.

Durante o primeiro semestre de 2024, o estado do Rio Grande do Sul foi acometido por enchentes que devastaram casas e pessoas; a igreja adventista no Brasil propôs várias iniciativas de assistência humanitária, inclusive uma que abria espaço para o envolvimento dos adolescentes. No mês de junho, cada campo foi desafiado a adotar uma família desabrigada pelas enchentes no RS; cada BaseTeen foi motivada a contribuir para ajudar a família escolhida, com valores de até R$ 10,00. O resultado foi muito significativo: muitos adolescentes se envolveram nessa missão. Bastou desafiá-los a ajudar, a serem relevantes nessa campanha.

Na Associação Bahia Norte, durante o mês de junho de 2024, arrecadamos, através de campanhas com os adolescentes, R$ 9.063,24, que foram destinados ao Sr. Gilberto e à Dona Sandra, uma família que perdeu tudo nas enchentes. Com esse ato de doação e envolvimento, pudemos ver a satisfação e a alegria dos jovens ao poder contribuir com a felicidade do casal que recebeu essa ajuda.

Por seus próprios motivos, Deus escolheu nos usar. Poderia haver empregado anjos ou sonhos ou outros meios sobrenaturais, mas escolheu enviar-nos para pregar aos membros perdidos de Sua família (Rm 10:11–15).

Em seu livro *Mensagens aos Jovens*, Ellen White (2002, p. 602) diz:

> Deus quer que os jovens se tornem homens de espírito zeloso, a fim de estarem preparados para a ação em Seu nobre trabalho e serem aptos a assumir responsabilidades. Deus pede jovens de coração incorrupto, fortes e valorosos, e determinados a combater varonilmente na luta que se acha diante deles, a fim de glorificarem a Deus e beneficiarem a humanidade.

Jesus deseja empregar-nos para cumprir Seu propósito original de amor para o mundo, e esse envolvimento não é opcional: é essencial. É parte do ser membro da grande família de Deus. Além disso, Deus associou a segunda vinda à pregação das boas novas a outros membros da "família" ao redor do mundo (Mt 24:14).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por conseguinte, por meio dessas reflexões e dados, foi possível perceber que a igreja pode fazer muito mais pelas novas gerações através do apoio e da valorização de projetos que contemplem essa faixa etária. Muitos caminhos se abrirão quando a igreja adotar essa atitude de apoio e iniciativa.

Cristo convida a seu povo a marchar, a permitir que as novas gerações possam ir até Ele. O melhor método para alcançar esse objetivo é envolver a juventude na missão para que, através dela, possam ter um verdadeiro encontro com Cristo e conduzir outros pelo mesmo caminho. Foi assim com o profeta Jonas: Deus o chamou para pregar em Nínive; ele hesitou, temeu, fugiu, não acreditou. Porém, Deus o fez enxergar, através de uma catástrofe, que ele precisava dessa missão para salvar-se.

Com certeza, até aquele momento, Jonas não sabia quem era Deus de verdade; ele precisou passar pela missão para enxergar que a salvação é para todos. É no instante em que falamos sobre a graça que a compreendemos em sua mais profunda essência. Não há dúvidas de que o plano de Deus é atrair, salvar, transformar e preparar os nossos jovens para a profecia de Joel 2:28: "E acontecerá, depois, que derramarei o meu Espírito sobre toda a carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões".

Os líderes da igreja precisam entender que grande parte da responsabilidade pela salvação dos jovens recaí sobre seus ombros. É necessário acreditar mais nos nossos adolescentes e crianças, dar-lhes mais oportunidades, apoiá-los financeiramente, amá-los como Cristo os amou, para que a profecia se cumpra.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. 3. ed. Rio de Janeiro: NVI, 2023.

GANE, B. **Operação resgate:** acerte o alvo. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2010.

DOSS, C. **Passaporte para a missão.** Trad. de Arlete Inês Vicente. 2. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

TWENGE, J**. iGen:** por que as crianças superconectadas estão crescendo menos rebeldes, mais tolerantes, menos felizes e completamente despreparadas para a vida adulta. 1. ed. São Paulo: [s.n.], 2018.

WHITE, E. **Mensagens aos jovens**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

CAPÍTULO 25

25

Mentalidade missionária: cinco razões para investir na formação e desenvolvimento da “mentalidade missionária” nas novas gerações

Krysthiann Zeferino

O que é mentalidade? A história humana registra inúmeras correntes de pensamento que influenciaram gerações ao longo dos séculos. É comum referir-se a esse conjunto de ideias como "mentalidade". O dicionário Oxford define mentalidade como o "conjunto de crenças, maneira de pensar, disposições psíquicas e morais, que caracterizam uma coletividade, uma classe de pessoas ou um indivíduo". Dentre as muitas formas de pensar ou "mentalidades", algumas se destacam pela força que exercem sobre os indivíduos e grupos. A mentalidade hedonista, por exemplo, surgiu na Grécia e é caracterizada pela busca do prazer como valor supremo. Já a mentalidade pragmática aponta para o valor das ideias e meios aplicáveis, que produzem resultado prático.

A mentalidade utilitarista quando aplicada às relações humanas avalia o indivíduo por sua capacidade produtiva, conferindo-lhe valor com base nisso. A mentalidade de sucesso orienta o indivíduo a buscar resultados e desempenho constantes, muitas vezes em detrimento dos demais. Cada uma dessas correntes de pensamento poderia ser estudada individualmente, a partir de seu contexto histórico e referencial teórico apropriado. Além do mais, inúmeras outras poderiam ser acrescentadas na lista acima, para mostrar como a força que as ideias têm de dirigir e orientar a conduta humana. Em cada uma dessas correntes de pensamento é possível encontrar conceitos positivos e negativos, contudo, seria apropriado ao jovem deixar-se conduzir inteiramente por alguma dessas formas de pensar?

DESENVOLVIMENTO HUMANO

Para compreender a importância de desenvolver mentalidade missionária, primeiro é necessário relacioná-la às teorias que tratam do desenvolvimento natural do ser humano. Inúmeras teorias abordam esse aspecto, como as teorias clássicas[1], teoria cognitiva[2], teorias sociais e emocionais[3], teorias

[1] Teorias clássicas, como a teoria psicanalista de Sigmund Freud (1856–1939), enfatizam a atuação do inconsciente e propõem fases para o desenvolvimento psicossexual; a teoria behaviorista (John B. Watson) estuda o aprendizado através do condicionamento mental e reforço positivo; a teoria humanista (Carl Rogers e Abraham Maslow) destaca o potencial humano de desenvolvimento e sua necessidade intrínseca de autorrealização.

[2] Destacam-se a teoria piagetiana (Jean Piaget) que descreve o desenvolvimento cognitivo em estágios (sensório motor, pré-operacional, operacional concreta e operacional formal); a teoria de Vygotsky (Lev Vygotsky) que enfatiza o valor da interação social no processo de desenvolvimento; e a teoria da mente (Simon Baron-Cohen) que explora a capacidade de desenvolver pensamentos e intenções, e atribuí-los a diferentes agentes.

[3] Destacam-se a teoria da aprendizagem social (Albert Bandura) que ressalta o valor da imitação e da modelagem do comportamento no processo de desenvolvimento; a teoria da inteligência emocional (Peter Salovey e John D. Mayer) que destaca a o valor da consciência emocional e da

contemporâneas[4], dentre outras[5], a partir de diferentes perspectivas (emocional ou cognitiva, por exemplo) e oferecem contribuições ao estudo teológico.

Berndt Wolter (2009) faz uma abordagem exploratória a respeito das "fases do desenvolvimento cristão", apontando que o indivíduo passa de uma postura de anomia (primeiro estágio) para uma visão legalista da vida religiosa (segundo estágio), seguido por decepções (terceiro estágio), até avançar para um novo nível de maturidade espiritual (quarto estágio). Portanto, a despeito da subjetividade da expressão da fé, a análise do desenvolvimento do indivíduo associada ao seu amadurecimento espiritual constitui um campo de estudos que merece ser explorado com rigor acadêmico.

MENTALIDADE MISSIONÁRIA

O texto bíblico apresenta uma lógica de pensamento que se distancia em grande medida de todas as correntes filosóficas construídas por pensadores humanos. Paulo evidencia a força que lhe governava as decisões e escolhas quando declara, "porém, em nada considero a vida preciosa para mim mesmo, desde que eu complete a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus para testemunhar o evangelho da graça de Deus" (At 20:24).

Sua vida era orientada pelo dever de compartilhar o evangelho de Jesus Cristo. Nem mesmo o valor da própria vida superava o senso de missão que ele havia assimilado como crença fundamental. Essa mentalidade orientada pela missão, ou "mentalidade missionária", também caracterizou a vida de Cristo nesta terra.

Desde o início do seu ministério, Ele "percorria toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do Reino e curando todo tipo de doenças e enfermidades entre o povo" (Mt 4:23). O Mestre declarou ainda que veio a terra "não para fazer a sua própria vontade, e sim a vontade daquele que me enviou" (Jo 6:38–40). Por fim, Jesus resume sua missão dizendo que

regulação no processo de desenvolvimento; e, por fim a teoria do apego (John Bowldy e Mary Ainsworth) que explora a relação entre o objeto e seus tutores no processo de desenvolvimento.

[4] Destacam-se a teoria da neuroplasticidade, que estuda a capacidade do cérebro de se adaptar e mudar; a teoria da resiliência, que enfatiza a capacidade do cérebro de lidar com adversidades; e a teoria da maturação cerebral, que explora o desenvolvimento cerebral ao longo da vida.

[5] Destacam-se a teoria de Erikson (Erik Erikson, 1985) que descreve o processo de desenvolvimento psicossocial em oito estágios; a teoria de Kohlberg (Lawrence Kohlberg) que explora o desenvolvimento moral do indivíduo; e a teoria de Gilligan (Carol Gilligan) que estuda e enfatiza a ética do cuidado.

"veio buscar e salvar o perdido" (Lc 19:10). A vinda de Cristo na plenitude dos tempos estabelece uma lógica única de pensar e agir que deveria caracterizar todos aqueles que viessem a ser seus seguidores: uma mentalidade guiada pela missão.

FUNDAMENTOS DA MENTALIDADE MISSIONÁRIA

O amor a Deus, sobre todas as coisas (Mt 22:36–40), deve ser o grande fundamento de uma mentalidade com foco missionário. Amar a Deus, adorá-lo e devotar-se a Ele alinhará as intenções do coração humano à Sua vontade. Então, quando o instrumento estiver em sintonia com o Maestro, poderá ser utilizado para cumprir seu papel: amar o próximo.

Esse ato de entrega total, evidência do amor de Deus, é também um fundamento importante (Mc 12:30–31). O próximo é o campo missionário daquele que assimilou de Cristo o amor e a missão. Por fim, é necessário que o missionário tenha a devida percepção da urgência necessária. Jesus e Paulo, os exemplos mencionados, não apenas viveram pautados por sua consciência missionária, sobretudo, evidenciaram um ritmo de ação orientado pela compreensão do tempo profético (Mt 24; 1Tm 4:1).

Esses três elementos, amor a Deus, amor ao próximo e senso de urgência, constituem a base de uma mentalidade missionária. Essa base sólida é crucial para o amadurecimento de novos discípulos, principalmente pelos seguintes motivos listados a seguir.

PROPÓSITO PARA A VIDA

A mentalidade orienta a noção de sentido e propósito da vida. A mais forte afirmação ou crença do cristianismo está relacionada a Jesus como Senhor e Salvador da humanidade. Na prática, essa crença se manifesta numa experiência cotidiana de adoração e submissão à vontade de Cristo. Além disso, a fé no Deus que se tornou homem torna-se o filtro de análise para a compreensão da realidade.

O trabalho de Powell e Griffin (2021) é uma excelente referência de estudo dos elementos que fundamentam a noção de sentido e propósito na vida de

adolescentes e jovens. Suas pesquisas recentes apontaram que a compreensão da "identidade" própria, do senso de "propósito" da vida e conexão com um ambiente de "pertencimento" são cruciais para esta faixa etária.

Sua análise mostra que valores bíblicos são fundamentais para ajudar os indivíduos em desenvolvimento a estruturar cada uma dessas áreas da vida, e como a comunidade de fé pode auxiliá-los nessa caminhada. A mentalidade missionária, estabelecida sobre as narrativas bíblicas e vivenciada junto com a comunidade de fé ajudará os jovens e adolescentes a encontrar e se comprometer com o propósito de suas vidas, levando-os a deixar de viver para si mesmos e buscar os interesses do reino de Deus.

TOMADA DE DECISÕES

O processo de decisão do ser humano é amplamente estudado e minuciosamente considerado para atender aos propósitos do mercado, produção e consumo. Nedley (2018) trata do processo cognitivo de formação do pensamento e sua correlação com as emoções, buscando proporcionar saúde e estabilidade emocional. Em sua abordagem, o autor esclarece que há pensamentos que exercem influência superior aos demais e são acessados constantemente pelo mecanismo cognitivo para agir como critério para decisões, ou para alicerçar cadeias de pensamentos a respeito de si mesmo, outras pessoas, objetos ou situações. Essas concepções, positivas ou negativas, coerentes ou distorcidas, atuam como princípios que interferem nas escolhas do indivíduo. Em outras palavras, desenvolver uma mentalidade missionária é como atuar na raiz do processo de escolhas.

Essa é uma tarefa que, evidentemente, deve se desenrolar ao longo do desenvolvimento cognitivo do indivíduo e quanto mais cedo for iniciada, maior será seu grau de influência sobre os demais pensamentos dentro da cadeia cognitiva natural. Em outros termos, a mentalidade missionária, quando desenvolvida de forma apropriada, proporcionará um fundamento para as decisões diárias. Uma mentalidade missionária fundamentada com sucesso pode ser verificada quando aparece fora do ambiente religioso tradicional. Assim, amizades, namoro, profissão, viagens, cursos, linguagem, arte, recreação,

finanças, uso do tempo, cuidado com o corpo, dentre outros aspectos cotidianos, evidenciarão a presença ou ausência dessa mentalidade.

Assim, das mais elementares às mais complexas, as decisões do indivíduo refletirão o grau de importância que a missão ocupa em sua mente.

AUTONOMIA E LIBERDADE

A religião, historicamente, é vista como uma forma de legitimar ações políticas, revoluções e até mesmo controle social (Denucci; Freitas; Teixeira, 2020, p. 104). De fato, isso tem acontecido ao longo da história do cristianismo, contrariando o pressuposto fundamental de seu Fundador. Entretanto, a autonomia do indivíduo e sua liberdade são valores fundamentais do cristianismo, apresentados de forma clara em seu livro base (Gn 2:15–17; Rm 2:6–11; Js 24:15; IICo 3:17; Sl 119:45; Gl 5:13; Jo 8:36; 1Pe 2:16; Tg 1:25; Lc 4:18).

Se esses e outros textos bíblicos apontam para o valor e necessidade individual de pensar e agir por si mesmo, rejeitando mecanismos de controle social externo, recai sobre a igreja a responsabilidade de auxiliar crianças, jovens e adultos a desenvolver a capacidade de pensar e agir com base nos valores bíblicos fundamentais. Quando a igreja desempenha esse papel, de usar seu tempo e recursos para ensinar (teoria e prática) seus membros a conduzirem-se como seguidores de Cristo, colocando esse privilégio no patamar mais elevado de suas considerações pessoais, terá alcançado seu objetivo institucional sem atuar diretamente sobre a autonomia e liberdades individuais.

USO DE DONS E RECURSOS

Centenas de líderes religiosos, visando o engajamento dos membros nos projetos da igreja, utilizam-se de constantes e assíduos apelos, convites e desafios. Muita energia seria poupada se houvesse mais interesse em instruir os membros a agir por princípio e não por motivações momentâneas. White (2007, p. 68) sugere que os "pastores devem cuidar muito mais em auxiliar e educar jovens obreiros". Essa perspectiva do ensino deve ser usada para diferentes assuntos, como missão, saúde etc. A autora ainda aconselha os

pastores a atuarem como educadores em seu trato com os membros (White, 2007, p. 584):

> É intento de Cristo que Seus ministros sejam educadores da igreja na obra evangélica. Cumpre-lhes ensinar o povo a buscar e salvar os perdidos. É essa, porém, a obra que estão fazendo? Ai! quantos estão porfiando por avivar a centelha da vida numa igreja quase a perecer! Quantas igrejas são cuidadas como ovelhas enfermas, pelos que deviam estar buscando a ovelha perdida! E todo o tempo milhões e milhões estão perecendo sem Cristo.

O uso dos dons, habilidades, recursos e tempo é resultado da compreensão do dever pessoal para com Deus e com o próximo. Assim, convites e apelos para o engajamento na missão não deveriam vir antes de levar o indivíduo a compreender a responsabilidade pessoal permanente de salvar pessoas. A participação nos movimentos missionários da igreja deve ser proposta com o objetivo de para consolidar, por meio de experiências e vivências, a formação dessa mentalidade missionária.

SENSAÇÃO DE PERTENCIMENTO

É natural ao ser humano buscar ambientes que lhe ofereçam acolhimento e senso de pertencimento. Essa ânsia é ainda mais pertinente para os adolescentes e jovens da atualidade (Powell; Griffin, 2021), o que justifica seu movimento constante entre os diversos nichos sociais, buscando por aprovação, amizades e, especialmente, pertencimento.

O estudo de Wright C. Mills (1975) a respeito da sociedade das massas, mostra como o indivíduo atua como um núcleo psicológico autônomo, sendo capaz de aceitar, de forma consciente e espontânea, as normas e objetivos que orientam seu comportamento. Esse processo revela uma relação dialética, na qual o sujeito molda suas regras de conduta ao mesmo tempo que é

transformado por elas. Essa conclusão de Mills, até certo ponto, poderia ser aplicada às relações sociais desenvolvidas a partir da perspectiva religiosa.

É preciso considerar ainda que existe uma relação importante entre o senso de pertencimento e o estilo de liderança daqueles que conduzem o grupo. Estilos de liderança que consideram a participação do grupo nas decisões e desafios organizacionais tendem a ter níveis mais altos de engajamento e rentabilidade (Botelho; Krom, 2010). Assim, líderes dirigidos pela mentalidade missionária tendem a criar ambientes atrativos para a formação e desenvolvimento de uma atmosfera organizacional voltada para a missão, que receba e envolva pessoas nesse propósito.

DESENVOLVENDO UMA MENTALIDADE MISSIONÁRIA

A formação de uma mentalidade, incluso a missionária, requer a atuação de diversos agentes, cooperando entre si para desenvolvê-la. Alguns dos agentes e ambientes importantes nesse processo são listados a seguir:

- Influência familiar: a formação de uma mentalidade missionária pode começar na infância, através das relações familiares. Nessa fase, as histórias bíblicas e narrativas de missão desempenham papel formativo;
- Experiência missionárias: ao envolver-se no maior número de atividades missionárias possíveis, o indivíduo perceberá que algumas lhe parecerão mais fáceis do que outras, dando-lhe a oportunidade de encontrar a área em que seus dons podem ser utilizados. Esse desafio o ajudará a desenvolver sua habilidade de servir e alcançar pessoas;
- Estudo das escrituras: a leitura superficial das escrituras não é suficiente. É necessário investigar os princípios e valores que fundamentam cada narrativa bíblica, escrevê-los e interiorizá-los. A Palavra de Deus tem o poder de modelar o pensamento humano;
- Processo de discipulado: relacionamentos deve ser intencionais, buscando compartilhar os conceitos, princípios e valores da Palavra de Deus já familiares ao indivíduo. É necessário disposição para aprender com outras

pessoas, especialmente aquelas que apresentam paixão pela palavra de Deus e pela salvação de outros;

- O valor da comunidade: é necessário ser um agente de mobilização, motivando outras pessoas a participar de atividades missionárias. Existem muitas ações que se tornam mais relevantes quando realizadas em equipe. Essas atividades missionárias, realizadas em grupo, produzem senso de pertencimento e ajudam envolver jovens mais tímidos na missão;
- Nível pessoal: a missão deve ser o critério fundamental de todas as decisões. No namoro (esse relacionamento aumenta ou diminui minha utilidade no reino de Deus?); na escolha profissional (como posso ser missionário nesse ambiente?); viagens (quais são as possibilidades missionárias nessa viagem?); nas leituras (como essa leitura me ajuda em minha missão de vida?); e qualquer outra atividade, deve-se sempre perguntar: "como isso me ajuda a cumprir a missão?".

Um indivíduo que tem esse filtro para suas escolhas provavelmente já é guiado por uma mentalidade missionária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, entende-se que, dada a relevância de desenvolver uma mentalidade missionária nos jovens, e considerando os passos práticos apresentados, a igreja e seus líderes devem concentrar suas energias e preocupações nesse processo. Isso significa iniciar um processo teórico-prático com os membros, visando o desenvolvimento dessa mentalidade. Os frutos desse grande empreendimento certamente serão notáveis no florescer de ministérios, iniciativas variadas e mais engajamento no cumprimento da missão.

Conforme a proposta desse trabalho, a mentalidade missionária poderia ser vista como o principal objetivo de um processo de ensino e discipulado. Sua aplicação na igreja poderia favorecer: a) o senso de propósito de vida entre adolescentes e jovens; b) auxiliar na condução vida pessoal através de decisões pessoais orientadas para o cumprimento da missão; c) preservar a atmosfera

de liberdade e autonomia dos membros, incentivando o engajamento e uso dos dons para o cumprimento da missão.

Sobretudo, o principal benefício seria experimentar, diariamente, a recomendação do apóstolo Paulo quando exortou: "e não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento, para que experimenteis qual seja a boa e perfeita vontade de Deus" (Rm 12:2).

REFERÊNCIAS

BOTELHO, J. C.; KROM, V. **Os estilos de liderança nas organizações.** São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/32054644/OS_ESTILOS_DE_LIDERAN%C3%87A_NAS_ORGANIZA%C3%87%C3%95ES. Acessado em: 16 abr. 2026.

DENUCCI, M. A. M.; FREITAS, R. F.; TEIXEIRA, F.; SOUZA, C. F. O. B. A. Religião, ciência e controle social. Em: ISTOÉ, R. S. C.; BARROS, E. C. B. M.; ISTOÉ, S. E. (org.). **Educação, gênero e sociedade**. Rio de Janeiro: Brasil Multicultural, 2020. p. 104–119.

MILLS, C. W. **A elite do poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

NEDLEY, N. **A arte de pensar:** assuma o controle da sua vida. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2018.

POWELL, K.; GRIFFIN, B. M. **3 Big Questions That Change Every Teenager:** Making the Most of Your Conversations and Connections. Michigan: Baker Books, 2021.

WHITE, E. G. **O Desejado de todas as nações.** Ellen G. White Estate, Inc. 2007.

WHITE, E. G. **Obreiros Evangélicos.** Ellen G. White Estate, Inc. 2007.

WOLTER, B. As Fases de Crescimento Cristão. **Kerygma**, Engenheiro Coelho, SP, v. 5, n. 1, p. 55–70, 2009. Disponível em: https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/218. Acessado em: 16 abr. 2026.

CAPÍTULO 26

26

4 fatores importantes para alcançar maior comprometimento dos jovens na atividade missionária

Samuel Parada Paniagua

A missão da igreja é pregar o evangelho a todo o mundo para que então venha o fim. Até agora, os índices de participação da membresia da igreja na pregação do evangelho são muito baixos em relação à quantidade de membros que a igreja possui. Ellen White (2007, p. 271) afirmou que "com tal exército de obreiros, como o que nossos jovens, bem preparados, poderiam fornecer, quão prontamente se proclamaria a mensagem de um Salvador crucificado, ressurreto e prestes a vir!".

Por esse motivo este trabalho pretende responder à pergunta: que fatores poderiam aumentar o comprometimento dos jovens com as atividades missionárias da igreja? O propósito deste artigo é identificar quatro fatores de importância para alcançar um maior comprometimento e participação dos jovens nas atividades missionárias. Reconhecendo que praticamente metade da membresia da Igreja Adventista na América do Sul é composta de jovens entre dezesseis e 30 anos e o potencial que as novas gerações representam, faz-se necessário fortalecer o comprometimento e maximizar a participação dos jovens nas atividades missionárias para alcançar os ideais e o cumprimento da missão, para ver Jesus voltar.

FORMAÇÃO ESPIRITUAL

O primeiro fator para alcançar um maior comprometimento da juventude com a missão sem dúvida é a preparação espiritual e a comunhão com Deus. A esse respeito, Ellen White (RH, 16 jun. 1881), escreveu: "Mas os rapazes que querem servir a Deus e entregar-se a Sua obra precisam, primeiramente, limpar de toda impureza o templo da alma e entronizar a Cristo no coração; serão então habilitados a pôr energia em seu esforço cristão e manifestarão entusiástico zelo em persuadir os homens a reconciliar-se com Cristo". Por essa razão necessita-se de jovens que resistam à maré da mundanidade e elevem uma voz de advertência contra os primeiros passos da imoralidade e do vício. Com isso em mente, observamos que, no coração do ser humano há pouco ou nenhum desejo de buscar a Deus ou de fazer sua obra. White menciona que a conduta ideal dos jovens é o envolvimento ativo na obra missionária. Contudo, infelizmente é mais comum observar o envolvimento

arrastado pelos próprios sentimentos, em união com as diversões e prazeres do mundo.

Com essa realidade da juventude em mente, White assevera que é necessário vigoroso nervo espiritual para introduzir a religião no ambiente de trabalho ou de estudos, santificando os detalhes da vida diária. Em outras palavras, se os jovens desprezam a comunhão e consagração diária não terão a Cristo em seu coração. De modo que será impossível que se comprometam quando a igreja apresentar planos e projetos missionários. Por outro lado, se um cristão diz ter a Cristo no coração, pela fé, este não pode guardar silêncio. Aqueles que encontraram a Cristo são verdadeiros missionários. O comprometimento com a missão é um termômetro espiritual. Se nossos jovens não estão comprometidos com a atividade missionária, é porque ainda não vivem uma vida de verdadeira comunhão e consagração a Deus, não têm hábitos espirituais.

É claro que cada jovem necessita de uma formação espiritual para se converter em um verdadeiro discípulo comprometido com a missão. Jesus mencionou quatro características essenciais de um discípulo verdadeiro:

1. Um discípulo se identifica com a pessoa de Jesus, negando-se a si mesmo, tomando sua cruz e seguindo a Cristo (Lc 9:23);
2. Um discípulo é obediente à palavra do Mestre, mantendo-se fiel aos Seus ensinamentos e vivendo de acordo com eles (Jo 8:31–32);
3. Um discípulo expressa e demonstra seu amor por todos os outros discípulos (Jo 13:35);
4. Um discípulo produz frutos no trabalho de Jesus, trazendo mais discípulos (João 15:616).

Jonathan Lewis argumenta que, para que um jovem discípulo possa ser estimulado em seu crescimento espiritual (comunhão com Deus) é necessário desenvolver os seguintes hábitos:

a. O senhorio de Cristo: à medida que crescem na fé, devem ser cativados pela pessoa de Jesus e render a Ele cada vez mais áreas de suas vidas: suas carreiras, planos de casamento, famílias, posses etc.;
b. Estudo da Bíblia: Os jovens precisam aprender a ler e desfrutar a Bíblia, a estudá-la pessoalmente, em grupo e memorizar passagens significativas. Com ajuda individual, os jovens logo aprendem a se alimentar das sagradas letras por si mesmos. Esse processo pode levar alguns anos;
c. Oração e devoção a Deus: dedicar um tempo significativo para a oração, com tranquilidade e adoração, intercedendo por outros, confessando seus pecados e agradecendo;
d. Companheirismo e a igreja: um crente cresce em companheirismo com outros crentes. Os jovens precisam pertencer, precisam aprender que a igreja é sua família espiritual;
e. Caráter cristão: Paulo se esforçou muito para apresentar "todos perfeitos em Cristo" (Cl 1:28). Essa meta de Paulo, de ser como Cristo, é o ponto mais crucial do discipulado. Esse é um processo de toda a vida que constrói a permanência essencial da fé, da esperança e do amor;
f. Relações: o discipulado afeta todas as relações interpessoais. Os jovens precisam aprender como empregar os princípios do evangelho em sua relação com as pessoas;
g. Testemunhar: os líderes mais experientes devem ensinar os jovens a compartilhar sua fé com seus familiares e amigos;
h. Justiça social: a vida cristã é pessoal, mas não individualista. Por isso os jovens devem se preocupar em ministrar aos famintos, aos sem-teto, aos oprimidos e marginalizados.

Para poder lograr estes objetivos e fazer de cada jovem um discípulo, Cheryl Doss indica quatro práticas essenciais para o crescimento espiritual do discípulo, semelhantes a algumas das já mencionadas:

1. Oração: o jovem deve cultivar uma vida diária de oração de diferentes formas: conversar com Deus, culto, meditação dentre outras;

2. Estudo da Bíblia: o jovem deve entender que a Bíblia é um registro de um diálogo entre Deus e seu povo sobre o que significa ser o povo de Deus. Como discípulos, somos convidados a participar desse diálogo, tirar princípios para o presente e aplicá-los em nossa vida pessoal;
3. Companheirismo: a Bíblia e a história do povo de Deus nos mostram que a fé é vivida em companheirismo. Esse companheirismo é uma atividade de dar e receber, que pode ter duas formas. A primeira são os pequenos grupos, nos quais os participantes se animam mutuamente e são responsáveis um pelo outro. A segunda forma são os cultos e congressos, que são mais intensos, com um grupo mais numeroso (Culto Jovem, Semana JA, Acampamento, Congressos);
4. Serviço: todo discípulo recebe dons com o propósito de cumprir a missão e servir. Cada discípulo deve descobrir seus dons e colocá-los em ação. A área de atuação pode ser tanto dentro da igreja quanto fora dela, mas nunca separada dela.

VISÃO CORRETA DA JUVENTUDE E A MISSÃO

Mais da metade da população mundial tem menos de 30 anos de idade, e a igreja reflete essa estatística. O futuro da igreja e do cumprimento da grande comissão depende deste grupo de cristãos. “Quando pensamos nos jovens, muitas vezes não estamos conscientes do tesouro e força que temos diante de nós para formar e desafiar, cometendo o erro de ignorá-los ou entretê-los”, disse Noemí Troncoso, coordenadora do Alcance Uma Etnia.

A igreja precisa se concentrar mais na preparação e discipulado dos jovens para garantir que o reino de Deus avance. Eles estão no plano divino para as nações. Seu entusiasmo, paixão, comprometimento e ideias frescas são o que os torna especiais. Eles têm a capacidade de ser exemplo à igreja por sua entrega sem limites, portanto, não é preciso esperar até que se tornem adultos. Uma geração que não envolve os jovens é uma geração destinada a morrer, já que não está investindo em seu legado para os próximos anos. Se não canalizarmos o potencial dos jovens que Deus nos deu agora, o mundo estará um passo a nossa frente.

Na Bíblia e na história cristã, o evangelho frequentemente foi confiado aos jovens, por isso devemos cuidar deles, apoiá-los e guiá-los. Eles não representam somente "o futuro da igreja", são o presente dela: a força missionária. Portanto, se, como líderes, queremos deixar um legado para as próximas gerações, devemos investir em cada um dos jovens que Deus está levantando agora. Confiar a missão a jovens sem tanta experiência ou preparação soa difícil, mas é nesse exato momento que começa o trabalho de um líder.

Os jovens estão cheios de energia e força de vontade, e com a orientação correta farão grandes coisas para a glória de Deus. "A igreja deve estar preparada para trabalhar com a juventude, não apenas com grupos grandes, mas também com grupos pequenos, tendo encontros pessoais, discipulando-os e ensinando-lhes sobre o evangelho e as missões", disse Andrés Corrales, missionário costarriquenho diretor da E625 no Uruguai.

White indica que Deus responsabiliza os jovens pelas oportunidades que lhes foram dadas. Deus espera muito dos jovens que vivem nesta geração de luz e fácil acesso ao conhecimento e deseja usá-los para sua missão. No entanto, muitas vezes, nem os líderes da igreja ou os próprios jovens compreendem quão significativa é a juventude para a missão.

Se a igreja apresentar todas essas verdades, vantagens e responsabilidades aos jovens, eles entenderiam a importância dessa questão. Uma vez que não raro os jovens deixam de cumprir seu dever por indolência ou vergonha, colocam em risco a própria salvação e a de muitos outros. Em contraste, aqueles que se unem a Cristo e aos anjos na obra de salvar os que perecem serão ricamente recompensados no céu. Por isso, a obra de salvar é superior a todas e é o assunto que deveria atrair e ocupar as energias do ser. Além disso, participar na missão traz benefícios para os que se comprometem: purifica o ser inteiro, o faz crescer à semelhança de Cristo.

Os jovens podem fazer uma obra que os que servem mediante a palavra e a doutrina não podem fazer. Podem alcançar uma classe à qual as palavras do pastor não mais comovem. Participar dessa obra traz a verdadeira felicidade e aperfeiçoa o caráter. A história bíblica nos mostra o papel importantíssimo da juventude na missão de salvar: Daniel e seus amigos, Davi, Jeremias, os

próprios discípulos de Jesus, Timóteo e muitos outros jovens que foram usados por Deus. O início da IASD também contou com o protagonismo dos jovens, e é por isso que agora, no fim dos tempos, os jovens são nossa esperança para a obra missionária.

FORMAÇÃO MISSIONÁRIA: FAMÍLIA E LIDERANÇA

A formação da juventude, em todas as áreas, incluindo o senso de dever missionário, começa sem dúvidas na família. A esse respeito White (2004, p. 209) afirma o seguinte:

> As crianças podem ser aceitas como obreiras missionárias no lar e na igreja. Deus deseja que lhes seja ensinado que elas estão no mundo para prestar serviço, e não somente para brincar. Podem ser exercitadas no lar a fazerem trabalho missionário que as prepare para uma esfera mais ampla de utilidade. Pais, ajudem as crianças a cumprir o desígnio de Deus para elas.

Considerando a afirmação de White e estudos realizados a respeito, não resta dúvida de que a educação e a formação missionária começam no lar. Recai sobre os pais e o lar inculcar desde cedo o sentido de comunhão com Deus e a missão que Ele ordenou. Muitas vezes os pais, a família ou a igreja pensam que as crianças ou adolescentes são muito jovens para serem usados por Deus. Mas quem disse que Deus usa apenas os adultos? Davi era um garoto quando Deus o usou, Timóteo era um jovem com autoridade da parte de Deus em seu ministério. A idade nunca será obstáculo para cumprir os sonhos divinos para o indivíduo. Abundantes atitudes da parte dos adultos desanimam os propósitos que Deus tem para as novas gerações: pensar que algum dia Deus usará as crianças e jovens, mas não hoje; menosprezar a nova geração, crer que não são capazes de realizar algo; comentários negativos etc. Estes são alguns dos pensamentos equivocados que muitos líderes e

responsáveis têm a respeito dos jovens e da missão. Ideias que, à luz da Bíblia e de estudos realizados, estão totalmente erradas.

Depois do lar, a liderança eclesiástica é o segundo braço importante para a formação do sentido missionário das novas gerações. White (2004, p. 184) solicita a este liderado o seguinte: "Ainda que os pastores, evangelistas e mestres negligenciassem buscar os perdidos, não se deveriam as crianças e os jovens descuidar de ser praticantes da Palavra". Ela coloca o discipulado das novas gerações da igreja no mesmo nível da obra missionária.

Sendo um trabalho tão sério, os líderes da igreja devem deixar de ser apenas promotores de eventos para tornarem-se discipuladores, com forte ênfase na renovação espiritual da juventude. Os líderes devem estar preparados para lidar com a velocidade das mudanças tecnológicas, espirituais e sociais que definem essa época, transmitindo uma fé consistente. Haverá êxito quando os líderes fortalecerem a visão do discipulado das novas gerações, priorizando a comunhão, a criação de comunidades espirituais saudáveis e a participação dos jovens na causa missionária.

Nesse sentido, os líderes devem cultivar algumas características como: comprometimento, comunicação com as novas gerações, saber escutar, responsabilidade, visão, habilidade para trabalhar em equipe, coerência, bom humor, flexibilidade e talento para estabelecer relações interpessoais saudáveis. No entanto, acima de tudo, os líderes devem ser éticos e espirituais.

Salomão indica que o senso de missão é o indicativo da liderança excelente, que gera um comprometimento que vai além do envolvimento com a organização. Quando o líder dá o melhor de si, motiva os demais a fazerem o mesmo. É uma liderança através do exemplo. Sobre a conduta do líder, podemos entender que os melhores líderes unem os valores e a ética em suas ações: Chauí (1995) assevera que consciência e responsabilidade são indispensáveis na ética; a liderança ética implica integridade, moralidade e responsabilidade social; Reilly (2006) diz que a liderança está relacionada com valores como a confiança, honestidade, consideração, carisma e imparcialidade.

Realmente a liderança no discipulado das novas gerações é de vital importância, por isso White (2007, p. 207) afirma: "Muito se tem perdido para a

causa da verdade por falta de atenção às necessidades espirituais dos jovens. Os ministros do evangelho devem travar amistosas relações com a mocidade de sua congregação. Muitos são relutantes neste ponto, mas sua negligência é pecado aos olhos de Deus".

Cynthia Sundman argumenta que, se a igreja deseja ter bons líderes no futuro, é necessário investir tempo e recursos neles agora, de modo que, quando se tornarem adultos, sejam líderes formados em:

1. Desenvolver seu caráter através de um bom discipulado, caminhando a seu lado. Um discípulo maduro é aquele que está cumprindo sua parte na grande comissão;
2. Ensiná-los a usar seus dons e talentos. Dar-lhes a oportunidade de ganhar experiência no ministério e desenvolver suas habilidades servindo na igreja;
3. Aprender a contextualizar a mensagem do Evangelho para alcançar outros jovens. Entender a maneira de ser e pensar dos jovens.

A fim de impactar a vida do jovem com o discipulado, Bruce MacPherson (2004) enumera onze pontos que o líder precisa ter. Segundo o autor, o líder:

1. Influencia outros jovens com seus ensinamentos, exemplo, orações, vida, família, amizade e pela bênção e presença de Deus em sua vida (Gn 39:5);
2. Mobiliza os jovens a trabalharem juntos harmoniosamente, compartilhando a mesma visão. Guia e orienta o povo de Deus na direção certa;
3. Ajuda a mudar as ideias, valores e emoções pessoais para o bem;
4. Organiza, administra, supervisiona (1Tm 5:17);
5. Ajuda outros a ter êxito no cumprimento do plano divino de cada um. Os orienta na resolução de problemas;
6. Ajuda outros em seu amadurecimento (Ef 4:11–13) e cresce com eles. Muitos tentam mudar o mundo, mas não querem mudar sua própria vida. (1 Tim. 4:7, 12, 16);
7. Ajuda a planejar e avaliar (Lc 9:1–6; 10:1–12, 17–20);
8. Busca e prepara outros líderes (2Tm 2:2);

9. Discipula outras pessoas (Mt 28:19–20);
10. É um bom exemplo (1Ts 1:6). É mais fácil pregar dez sermões que viver um. A boa pregação e ensino se baseiam em nossa experiência viva com o Senhor, pois demonstram o que o indivíduo realmente é;
11. Compreende, apoia, crê no próximo. Ama-os e é um amigo fiel, não apenas porque é um dever. Faz tudo sem manipular nem controlar, pelo contrário: com respeito, paciência e muita humildade.

PROJETOS ADEQUADOS

Para Monika Mench, cada geração tem seus pontos fortes. Os jovens são adequados para a missão por sua:

1. Aceitação global e tolerância: pensam além das fronteiras. Aprenderam sobre as atrocidades causadas pela intolerância, por isso detestam o racismo e são receptivos a outros povos e culturas;
2. Experiência intercultural: não apenas viram a globalização, mas a experimentaram. Esforçam-se para estabelecer contato com pessoas de outros idiomas e culturas;
3. Urbanização: seu pensamento é moldado pela cultura da cidade, devido à urbanização contínua. As missões do terceiro milênio serão nas megacidades, não na selva;
4. Mobilidade: mudam e se adaptam facilmente, poucos estudam em sua cidade natal, buscam se capacitar, ainda que tenham que ir centenas de quilômetros longe de casa;
5. Equipamento técnico: estão familiarizados com a tecnologia moderna. Cresceram com computadores, correio eletrônico, internet e celulares. A geração das redes sociais está conectada em todos os lugares;
6. Formação: no passado, as escolas proporcionavam apenas uma educação geral, mas hoje oferecem muitas oportunidades para a especialização;
7. Relações pessoais: sabem que as coisas materiais não são tudo. Concentram-se nas relações pessoais e preferem trabalhar em equipe;

8. Consciência de vida: muitos passaram por experiências dolorosas tornando-os mais sensíveis a um mundo caracterizado por guerras, refugiados e exploração;
9. Desejo de autenticidade: os meios lhes ensinaram que a aparência é enganosa e anseiam viver de maneira autêntica. Buscam fazer com que suas palavras e testemunhos coincidam com suas vidas diárias, querem viver em e depender de Jesus;
10. Aceitação de limitações próprias: são racionais, realistas. Estão conscientes de suas próprias limitações;
11. Entusiasmo: estão dispostos a investir em tudo aquilo que valha a pena. Querem participar de uma grande tarefa, aliviar as necessidades espirituais, emocionais e físicas das pessoas, e essa é a missão;
12. Criatividade: são extremamente criativos.

Todas estas razões mostram que os jovens têm grandes vantagens para a missão. Deus conhece todas as mudanças pelas quais a sociedade passou nas últimas décadas. Ele conhece as circunstâncias em que essa nova geração cresceu, e deseja usá-los em sua missão, com todas as suas forças e fraquezas.

Para alcançar os jovens devemos aprender de sua realidade e seu estilo de comunicação. Jesus foi relacional e ofereceu sua amizade (Jo 15:15). Um pastor disse: "O ministério relacional leva os jovens à maturidade através da amizade". Os jovens querem servir e ser parte de algo grande. Têm muita paixão e energia. Têm muito para oferecer, mas devemos ajudá-los, guiando-os para que usem bem todo o seu potencial.

A seguir, apresentam-se cinco conselhos para motivar os jovens à missão:

1. Dê-lhes o exemplo: "Não existe nada que mais motive os jovens que a presença de um modelo real";
2. Utilize a influência positiva dos amigos: atividades em grupo, atividades sociais como festas, esportes, recreação etc.;
3. Utilize todos os meios de publicidade: que o marketing dos projetos informe corretamente e incentive a participação;

4. Que tenham experiências missionárias: conseguir a participação dos jovens é a chave para transformar sua apatia pela missão (Missão Calebe, PG, Culto Jovem);
5. Que os projetos sejam algo próprio: envolvam os jovens em todas as etapas, desde o planejamento à execução.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como parte final deste estudo, pode-se confirmar que a pergunta "que fatores poderiam aumentar o comprometimento dos jovens com as atividades missionárias da igreja?" foi respondida. Devemos levar em conta os quatro fatores de importância identificados, que são:

1. A igreja e a família devem velar pela formação espiritual dos jovens fazendo o possível para que cada jovem viva uma vida de comunhão com Deus, sendo motivado por Ele para a missão;
2. Dessa maneira a igreja, assim como os jovens, poderá ter a visão clara de sua participação no cumprimento da missão de pregar a mensagem da segunda vinda;
3. É responsabilidade da família e da liderança da igreja capacitar e mobilizar a juventude rumo ao objetivo, cumprindo fielmente a parte que corresponde a cada um;
4. Finalmente tendo jovens consagrados, com os objetivos claros, treinados e capacitados para cumprir a missão, a igreja poderá elaborar junto com eles planos adequados de acordo com a época e cultura em que estão inseridos, aproveitando ao máximo as vantagens da nova geração.

Portanto, visando lograr maior comprometimento dos jovens nas atividades missionárias e assim maximizar a participação destes em ditas atividades, é necessário que a igreja faça o possível para colocar em prática as propostas aqui apresentadas. Entretanto, este estudo reconhece que tais propostas não são excludentes nem exclusivas, considerando e incentivando a existência e desenvolvimento de outras estratégias para alcançar o mesmo objetivo.

REFERÊNCIAS

BORTHWICK, P. **Youth and missions.** Scripture Press Publications, Inc., 1988.

BUSBY, D. **Creating a willingness within students for spiritual maturity**. Arrowhead Springs, Calif.: Here's Life, 1985.

CAMPITELLI, C (Coord.). **Manual do Ministério Jovem Adventista**. Florida, BA: Associação Casa Editora Sudamericana, 2018.

CAMPOLO, T. The Passionless Generation. **Youthworker Journal**, verão de 1985, p. 20, 1985.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1995.

CONTI, C (Ed.). Revista Vamos, agora nos toca a nós. 2018.

DOSS, C (Ed.). **Passaporte para a Missão**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

LEWIS, J (Ed.). **Working Your Way to the Nations: A Guide to Effective Tentmaking**. Downers Grove, IL: Inter Varsity Press, 1996.

MacPHERSON, B. **Liderança Cristã**. Chicago, Illinois: Inter Press, 2004.

POSTERSKI, D. Friendship: **A Window of Ministry to Todayś Youth**. Scaroorough, Ontario: Project Teen Canada, 1985.

REILLY, E. The future entering: Reflections on and challenges to ethical leadership. **Educational Leadership and Administration**, 2006.

SOLOMON, R. Ética e excelência: cooperação e integridade nos negócios. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: **Civilização brasileira**, 2006.

WHITE, E. **Conselhos aos pais, professores e estudantes**. Ellen G. White Estate, Inc., 2021

WHITE, E. **Educação**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E. **Fundamentos da Educação Cristã**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E. **Mensagens aos jovens**. Ellen G. White Estate, Inc., 2004.

WHITE, E. **Obreiros Evangélicos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E. **Testemunhos para a igreja** T. 1. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1999.

CAPÍTULO 27

27

Revitalizando o ministério jovem adventista na igreja local a partir do resgate de sua identidade missionária: uma reflexão sobre passado e futuro

Cândido Gomes da Silva

A Igreja Adventista do Sétimo Dia na América do Sul é composta por cerca de 2,6 milhões de membros, dos quais aproximadamente 750 mil tem entre dezesseis e trinta anos de idade. Este grupo representa 28,6% dos membros da igreja no território da Divisão Sul Americana (DSA). Durante o último concílio de departamentais de jovens da DSA, que ocorreu em Brasília-DF em março de 2023, foram apresentadas estatísticas atuais das entradas e saídas de jovens no livro de membros das igrejas nos oito países atendidos pela DSA. Nos últimos dez anos, a igreja adventista contabilizou, ano após ano, mais saídas que entradas de jovens entre dezesseis e trinta anos. Em 2022, por exemplo, a perda foi de 43,7% na faixa etária indicada, o que corresponde a 22.390 jovens a menos em nossos registros. De acordo com o Pr. Edward Heidinger, secretário executivo da DSA, esse é o maior desafio que a igreja adventista enfrenta hoje em nosso continente.

Os dados da secretaria se comprovam em cada visita feita a uma de nossas congregações em um sábado pela manhã. "Onde estão os jovens?" é a pergunta que se ouve ou que, pelo menos, deveria ser feita pelos líderes. Afinal, se perderem a próxima geração, os líderes poderão escrever o último capítulo da história de sua congregação.

A principal estrutura que a igreja adventista tem para atender e discipular a juventude é o ministério jovem, mas este parece inexistir em muitos lugares. E, mesmo onde existe, parece já não cumprir seu papel com relevância. Qual seria, portanto, o caminho para revitalizar essa importante estrutura da igreja?

Encontrar uma resposta definitiva para essa pergunta não é uma tarefa fácil. Existem muitos fatores que poderiam ajudar a explicar o aparente fracasso desse ministério em atrair e manter os jovens em nossas igrejas. Porém, esse trabalho não tem como objetivo listar as dificuldades, mas propor um caminho de retorno às origens do ministério jovem adventista como forma de revitalização do mesmo. Para isso, lançaremos um olhar para o passado, em busca das características e propósito das primeiras sociedades de jovens criadas na história da igreja adventista e direcionaremos também um olhar para o futuro, oferecendo propostas sobre como os programas desenvolvidos atualmente pelo ministério jovem adventista na América do Sul poderiam

oferecer as respostas necessárias para a crise de evasão jovem que vivemos nas igrejas de nosso continente. Entendemos que essa é uma reflexão importante e pode beneficiar pastores, líderes, pais e jovens que desejam fazer parte de uma igreja que ama, pastoreia, envolve e prepara a nova geração de adventistas.

ERA UMA VEZ

A história do Ministério Jovem Adventista começa nos Estados Unidos da América com dois jovens: Luther Warren e Harry Fenner, que em 1879 formaram a primeira Sociedade Adventista de Jovens que se tem notícia. Seu propósito inicial era ajudar seus amigos, jovens também, em sua caminhada espiritual. A segunda sociedade foi fundada em Mount Vernon, Ohio, em 1881, tendo os mesmos objetivos da primeira – salvação dos jovens e motivação para o serviço.

Nos anos seguintes, viu-se o surgimento de muitos grupos semelhantes em outros estados americanos e até mesmo em outros países. Em 1900, por exemplo, surgiu a Sociedade Jovem Alemã (Andross, 1920, p. 55), dando início ao processo de internacionalização desse movimento. Pelo menos vinte anos se passaram até que a igreja formalizasse uma estrutura de apoio aos jovens adventistas do sétimo dia. Em 1901 a Associação Geral criou os departamentos que atenderiam às diferentes frentes de ação da igreja. E o departamento de Escola Sabatina, nesse período, tornou-se responsável pelos jovens. Mas em 1908, durante uma Assembleia da Associação Geral, o departamento de jovens foi oficialmente organizado (Allen, 2012, p. 28–29), tendo a responsabilidade de coordenar as iniciativas e ações das sociedades já estabelecidas, bem como promover o surgimento de novas sociedades em outros locais, com o objetivo de oferecer à nova geração de adventistas uma experiência rica de discipulado e missão.

É interessante observar que a aparente negligência da denominação quanto aos jovens, em seus anos iniciais, poderia ser facilmente explicada pelo fato de a maior parte de seus pioneiros e fundadores ser composta por jovens. Assim, não havia, pelo menos a princípio, a necessidade de uma estrutura adicional que apoiasse os jovens, já que estes estavam totalmente integrados

à vida e à missão da igreja. Mas em meados dos anos de 1900, os principais líderes da denominação estavam na casa dos 50 ou 60 anos de idade. Os jovens membros, a essa altura, eram parte da segunda ou terceira geração de adventistas da família e, portanto, tornou-se necessário direcionar um olhar mais atento às suas demandas.

Ellen White começou a escrever sobre esse tema de maneira intencional durante seus anos de serviço na Austrália. Seu primeiro apelo aos líderes da igreja sobre o trabalho que deveriam fazer pelos jovens foi escrito em 1892 e lido no ano seguinte, durante uma reunião administrativa da Associação Geral. Ela escreveu:

> Temos hoje em dia um exército de jovens que podem fazer muito, se devidamente dirigidos e animados. Queremos que nossos filhos acreditem na verdade. Queremos que eles sejam abençoados por Deus. Queremos que eles tomem parte em planos bem organizados para auxiliarem outros jovens. Que todos sejam tão bem preparados, que possam representar devidamente a verdade, dando a razão da esperança que há neles, e honrando a Deus em qualquer ramo da obra no qual se achem aptos a trabalhar (White, 2002, p. 22).

Depois disso, muitos conselhos foram escritos contendo o mesmo direcionamento. Para Ellen White, os jovens tinham um papel crucial na obra, sendo designados pelo Senhor "para serem Sua mão auxiliadora" (White, 1995, p. 104). Ela também afirma: "jovens de ambos os sexos devem ser educados para se tornarem obreiros na própria vizinhança e em outros lugares" (White, 2002, p. 24). Segundo a orientação profética, em toda a igreja deveria haver grupos organizados que possibilitassem o envolvimento dos jovens na pregação e no serviço às pessoas da comunidade. A razão para isso estava clara: os jovens forneceriam a maior contribuição possível para a causa adventista. Em um de seus mais conhecidos apelos à igreja quanto ao preparo de jovens como

obreiros, ela declara: "Com tal exército de obreiros como o que poderia fornecer a nossa juventude devidamente preparada, quão depressa a mensagem de um Salvador crucificado, ressuscitado e prestes a vir poderia ser levada ao mundo todo!" (White, 1995, p. 271).

A história diz que foi a paixão pelo evangelismo que fez com que Luther Warren e Harry Fenner se levantassem em favor dos jovens de sua igreja. Eles promoviam atividades sociais para que os jovens da igreja pudessem convidar seus amigos não adventistas. Isso tinha claras intenções evangelísticas. Há registros de uma sociedade de jovens fundada em 1891 por um adolescente chamado Meade MacGuire no Wisconsin, cuja rotina era composta por devoção, através de cânticos, estudo da Bíblia e orações, e testemunho. Aliás, as orações tinham como objetivo principal a salvação de seus colegas. A sociedade de jovens organizada em 1893 em College View, Nebraska, tinha como objetivo fortalecer a espiritualidade nos jovens e alistá-los em atividades missionárias (Andross, 1920, p. 13). Quando todas essas sociedades de jovens passaram a ser, de certa forma, coordenadas pelo departamento de Escola Sabatina da Associação Geral, a sua declaração de propósito permaneceu clara. Elas existiam para oferecer um "serviço missionário mais eficaz" (Seventh-day Adventist General Conference, 1901, p. 332).

Não é difícil perceber uma característica comum nas primeiras sociedades de jovens que surgiram na história: elas tinham uma forte consciência missionária e uma disposição incansável para o serviço ao próximo. Por mais embaraçoso que seja admitir, o que vemos hoje em muitas igrejas é um ministério jovem bem diferente, mais focado em entreter jovens do que em prover a eles formas de usarem os dons no trabalho evangelístico. Parece que transformamos os jovens em público para eventos realizados por profissionais do ministério jovem e roubamos-lhes o papel de protagonismo na missão da igreja. As intenções por trás dessa transição podem ser boas, mas os frutos são amargos. Talvez por isso devamos rever a fórmula utilizada hoje e retornar do modelo de programação para a (re)construção de uma consciência missionária entre os jovens da igreja.

CONSCIÊNCIA MISSIONÁRIA

Missão é mais do que uma atividade isolada. Tem mais a ver com um estilo de vida. Por isso, devemos tornar claro à juventude da igreja o caminho para viver a missão intensamente e entregar a Deus o máximo potencial de sua energia, recursos e talentos. Embora os jovens tenham características distintas e vivam em contextos diferentes, ainda assim partilham o mesmo objetivo, que é "salvar do pecado e guiar no serviço". A nossa referência segura é esta:

> Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-Se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: "Segue-Me". (White, 2000, p. 143).

Assim, um plano que vise construir um ministério jovem ativo, sustentável e equilibrado deve necessariamente conter ações missionárias contextualizadas, que considerem o perfil da juventude e as necessidades da comunidade ao seu redor.

Uma vez que entendemos que a missão do cristão começa no exato lugar onde está, é essencial que se inclua marcos em nossa rotina como juventude. Por exemplo: pense nos encontros semanais dos jovens da igreja. Há pelo menos duas estruturas estabelecidas que podem se tornar plataforma de lançamento para a missão – o Espaço Jovem (EJ) e o Pequeno Grupo Jovem (PGJ). Em ambos, além dos momentos de sociabilização e inspiração, podemos estabelecer quadros fixos de missão. Isso permitirá que os jovens desenvolvam uma consciência missionária e sejam constantemente lembrados sobre o seu papel no mundo, como representantes do reino eterno.

Essas estruturas – EJ e PGJ – deveriam funcionar como um tipo de agência de preparo e envio de missionários. De maneira criativa, é possível incluir no programa testemunhos inspiradores de missionários que atuam longe, mas também de alguns que fazem a diferença mais perto, em contextos similares aos nossos. Podem ser estabelecidas rotinas de oração intercessora em favor

dos missionários e um plano de ofertas especiais que nos conectem ainda mais com o tema. Além disso, ações de impacto podem ser organizadas em conjunto pelo menos uma vez por mês. Essas ações, em geral, devem ocorrer perto da igreja, ou no bairro onde ela está localizada. Isso porque é importante, na medida do possível, dar sequência a alguns projetos e criar conexões entre os jovens e as pessoas a quem decidiram abençoar. Não precisa ser algo muito complexo ou que requeira grande investimento financeiro. Podem ser pequenas ações, desenvolvidas em poucas horas ou no máximo em um dia. Daí podem surgir ministérios com os quais os jovens se identifiquem e nos quais desejem se engajar por mais tempo. Porém, quanto mais frequentes e variadas forem as ações, mais provável é que o número de jovens envolvidos cresça. Deve fazer parte de nossa estratégia oferecer mais oportunidades de envolvimento. A experiência nos mostra que alguns jovens nunca irão se engajar na missão enquanto fizermos as mesmas coisas de sempre.

Uma ideia interessante é realizar uma reunião de *brainstorm* no início do ano para elaborar uma lista de ações que poderiam ser desenvolvidas ao longo dos próximos meses. Todos os jovens que demonstrarem interesse deveriam participar com ideias. Ter um roteiro prévio pode ajudar muito na organização e não nos deixa reféns da falta de ideias ou desânimo momentâneo. Mas isso não pode impedir que ideias surjam com o passar do tempo. A verdade é que ter a missão na rotina pode desenvolver nos jovens olhos atentos e corações sensíveis, para que sejam percebidas as oportunidades de abençoar pessoas.

MISSÃO CALEBE

A missão começa onde estamos, mas, quando ela vira rotina, em geral os jovens sentem o desejo de viver algo fora do comum. Para proporcionar esse cenário, existe a Missão Calebe, que, além de ser uma estratégia evangelística que envolve toda a igreja, é liderada e protagonizada pelos jovens. Esse já é um projeto consolidado em toda a América do Sul, com mais de quinze anos de existência. A história é conhecida, mas nos convém revisitar o conceito do projeto e alinhar alguns pontos para que ele seja ainda mais relevante no processo de revitalização do ministério jovem através da missão.

O QUE NÃO É MISSÃO CALEBE

Para que a Missão Calebe cumpra seu papel de revitalizar o ministério jovem, é fundamental desconstruir visões superficiais que limitam o alcance do projeto. Mais do que um evento isolado no calendário, um projeto sazonal "superficial", ele exige uma compreensão clara do seu propósito e de sua natureza eclesiológica. Nesse sentido, é preciso pontuar, primeiramente, o que a Missão Calebe não é:

1. A Missão Calebe não é apenas uma coleção de fotos com uma camiseta diferente cada ano;
2. A Missão Calebe não é simplesmente uma celebração animada no começo e outra no final do mês, o nome disso é culto jovem ou vigília;
3. A Missão Calebe não é um conjunto de ações desconexas e sem propósito definido. Quando isso acontece em algum lugar, caracteriza-se como um desperdício de tempo, energia e recursos;
4. A Missão Calebe não é um projeto à parte da igreja. Como foi dito anteriormente, trata-se de uma estratégia evangelística que envolve todos os membros e todos os departamentos. Embora seja liderada pelos jovens, toda a igreja deve se envolver de alguma forma no projeto.

O QUE É MISSÃO CALEBE

Uma vez definido o que a Missão Calebe não é, faz-se necessário definirmos a sua verdadeira essência. Ele representa a materialização do discipulado e a oportunidade de a juventude exercer seu papel profético na comunidade. Portanto, a seguir, enumeramos o que a Missão Calebe realmente é:

1. A Missão Calebe é uma das principais marcas da juventude adventista na América do Sul;
2. A Missão Calebe é uma das ênfases na construção de um Ministério Jovem ativo, sustentável e equilibrado;

3. A Missão Calebe é uma estratégia evangelística que envolve toda a igreja, mas é liderada e protagonizada pelos jovens;
4. A Missão Calebe é uma forma de apresentar a missão aos jovens como a maior de todas as experiências que eles podem viver;
5. A Missão Calebe é uma oportunidade para desafiar os jovens a usarem seus dons para abençoar pessoas e participarem da proclamação, através de estudos bíblicos e pregação;
6. A Missão Calebe é uma fábrica de líderes apaixonados por Jesus e apaixonados pela missão;
7. A Missão Calebe é uma ferramenta poderosa para levar a mensagem a lugares sem presença adventista, para fortalecer congregações pequenas e para conquistar pessoas para Jesus.

Todos os membros da igreja maiores de dezesseis anos, devidamente inscritos no S-JA (Sistema de Gerenciamento do Ministério Jovem) podem participar da Missão Calebe. Esse é um projeto que acontece durante as férias. É uma quebra na rotina, uma oportunidade de viver a missão de maneira ainda mais intensa do que é possível durante as ações mensais do EJ ou PGJ.

É importante ficar atento para não cair em um de dois extremos perigosos. Um deles é transformar a Missão Calebe em um projeto de um único dia. Isso não é Missão Calebe. É uma ação pontual. Outro extremo é tentar estender a Missão Calebe para que ela dure o ano inteiro. Isso também não é Missão Calebe. Na verdade, isso deveria se chamar Ministério Jovem. Não deveria ser necessário entregar uma camiseta colorida para mover os jovens para a missão depois das férias. A Missão Calebe existe para que os jovens vivam algo ainda mais intenso e marcante, fora de sua zona de conforto, a fim de que isso os marque para sempre e transborde num espírito missionário visível durante o ano todo, em todas as outras ações que forem propostas.

OS QUATRO PILARES DE UMA MISSÃO CALEBE RELEVANTE E SÓLIDA

Redefinir a semântica popular de Missão Calebe exige trocar o "cenário" sazonal pela "essência" duradora. Enquanto o senso comum a limita a fotos e vigílias animadas, sua eficácia real reside em ser uma estratégia evangelística unificada. A seguir, identificamos os quatros pilares necessários para a construção de uma Missão Calebe relevante para os jovens, para a igreja e para a comunidade:

1. Envolvimento da igreja. Toda a congregação deve receber as informações necessárias sobre o projeto e saber de que forma cada um pode se envolver. Isso conecta as gerações, aproxima as famílias, dá visibilidade aos jovens e fortalece a igreja;
2. Ações de impacto. São os atos de bondade que visam gerar conexões com as pessoas que queremos alcançar com a mensagem da volta de Jesus. A Missão Calebe tem ações de impacto porque também segue o método de Cristo. De maneira geral, a primeira semana ou os primeiros dias da missão devem ser dedicados à promoção de ações de impacto, que abençoem a comunidade, estabeleçam conexões positivas e abram portas para a pregação. A escolha dessas ações depende do plano estabelecido pela equipe, em acordo com o pastor distrital e com a liderança local. É importante lembrar que as ações de impacto não são um fim em si mesmas, elas são as ferramentas que utilizamos para identificar os corações abertos ao evangelho. Se os calebes limparem praças, pintarem muros, reformarem casas e forem embora, muito pouco terá sido feito. Porém, se essas ações de bondade forem parte de uma estratégia evangelística, tudo fica diferente. Seguindo o método de Cristo, os calebes também se misturam com as pessoas, demonstram simpatia e atendem suas necessidades. Mas não acaba aí. Com amor e sabedoria, eles também dizem: "Vamos seguir a Jesus";
3. Estudos Bíblicos. Parte essencial da missão é a proclamação. Isso acontece na igreja, durante a Semana Jovem, e nas casas, por meio dos Estudos Bíblicos. Entendemos que a Missão Calebe é um dos melhores momentos para que nossos jovens tenham a experiência de estudar a Bíblia com alguém pela primeira vez. Queremos que cada calebe tenha incentivo, treinamento

e material necessário para abrir as Escrituras com pelo menos uma pessoa durante a Missão, e assim plantar uma semente no coração da pessoa assistida com os estudos. Há pelo menos três grupos de pessoas que podem ser atendidas pelos calebes com estudos Bíblicos: a) os interessados que já têm ido à igreja e tem seus dados listados pela equipe do Ministério Pessoal da igreja local; b) os interessados da TV Novo Tempo que já receberam nossos materiais e estão abertos a abordagens presenciais; e c) novos interessados que serão descobertos durante as ações de impacto, ou mesmo através de uma pesquisa de campo realizada pelos calebes. É importante lembrar que todas as pessoas atendidas com estudos bíblicos devem ser devidamente cadastradas, para que a igreja ore por elas e ofereça o apoio necessário nas próximas etapas;

4. Semana Jovem + Colheita. Não é simplesmente uma semana de oração, com mensagens voltadas para os de dentro da igreja. Não depende da presença de um palestrante conhecido que vem de outro lugar. É uma semana com os jovens, dos jovens, para os jovens. É uma excelente oportunidade para atrair novos amigos e impactá-los com nossas mensagens e ambiente de acolhimento. Como em qualquer projeto, para que a Semana Jovem aconteça e alcance seus objetivos é preciso planejamento e organização.

Com o passar dos anos percebemos uma tendência da Missão Calebe se tornar apenas um movimento de ações solidárias. Há um perigo nisso. Como o missiólogo Stephen Neil afirmou, "se tudo é missão, nada é missão". É evidente que as ações do bem podem abençoar muitas pessoas, mas elas apenas seriam muito pouco diante do que temos a oferecer ao mundo como igreja. Aliás, há ONGs que poderiam realizar essas ações, talvez até de maneira mais eficiente. O que nos diferencia é a proclamação. Sendo assim, precisamos de um pacto como liderança para tornar a Missão Calebe cada vez mais missão, encorajando nossos jovens a abrirem a Bíblia diante das pessoas, para darem estudos bíblicos e para pregarem com fiel testemunho. Se queremos deixar uma marca na história, é preciso lembrar que as ações de bondade têm prazo de validade. O muro que pintamos, mais cedo ou mais tarde pode ser pichado

novamente. A praça que limpamos, logo ficará suja novamente. A casa que reformamos pode ser levada por uma enchente. No entanto, quando a Bíblia é aberta diante de corações sinceros, a marca fica para sempre. Talvez a Missão Calebe seja a melhor estratégia que temos para levantar a nova geração de missionários da igreja.

É preciso investir um pouco mais no planejamento da Missão Calebe para que seus objetivos sejam alcançados. Para isso, uma sugestão que pode facilitar o processo são as "trilhas". Elas são, simplesmente, modelos de planejamento que utilizamos no estado de São Paulo. São roteiros que podem auxiliar pastores e líderes de equipe a construir um projeto sólido, sustentável e atrativo, a fim de envolver o maior número de jovens, e dar a eles uma experiência mais profunda de missão. Há basicamente cinco trilhas, que podem ter nomes diferentes: 1) Calebe *Fit*; 2) Calebe *Family*; 3) Calebe *Save*; 4) Calebe *Impact*; e 5) Calebe Raiz. Uma vez enumerados, sigamos para a breve definição de cada trilha:

1. Calebe *Fit* é a trilha recomendada para igrejas que tem em seu rol de membros ou em sua rede de contatos um bom número de profissionais da saúde e que identificam necessidades na área da saúde no local onde o projeto será realizado. Assim, as ações de impacto serão selecionadas a partir dessa visão. Por exemplo, os jovens podem realizar eventos como: feira de saúde, ExpoSaúde, clube de caminhada, doação de sangue, visita a hospitais, curso de culinária saudável, curso "Como deixar de fumar", série de palestras sobre saúde etc. A lista poderia facilmente ser aumentada, mas esses exemplos são suficientes para ilustrar o ponto. Algo, no entanto, não pode ser esquecido: para cada ação realizada, uma estratégia deve ser estabelecida para identificar corações abertos ao evangelho e pessoas interessadas em estudar a Bíblia. Além disso, essas pessoas devem ser convidadas a participar da Semana Jovem, no final da Missão.
2. Calebe *Family* é a trilha que poderia ser escolhida por equipes que desenvolverão suas atividades em cidades ou bairros compostos por jovens casais ou por famílias com filhos pequenos. Algumas ações que podem ser realizadas

são as seguintes: domingo da família, Escola Cristã de Férias, musicalização infantil, dia de beleza, feira de saúde *kids*, visitação às famílias, curso sobre finanças, escola de pais etc., a lista é limitada somente pela criatividade dos organizadores. E nesse caso, cada ação deve ser conectada com uma forma de captar interessados e direcioná-los para a Semana Jovem.

3. Calebe *Save* é a trilha que atenderia melhor igrejas que identificaram um número expressivo de jovens afastados e desejam realizar um projeto forte de resgate. As ações sugeridas seriam: maratona de serenatas, entrega de presentes (pizza, cartas, quebra-cabeça etc.), dia do amigo, sábado total, domingo esportivo, convite para outras ações de impacto etc. Entendemos que mesmo nessa trilha há um grande potencial para a proclamação, seja através dos estudos bíblicos ou da pregação.
4. Calebe *Impact* é a trilha recomendada para igrejas que não tem a maior parte dos jovens de férias no mês designado para as ações da Missão Calebe. Nos contextos em que a juventude só tem os finais de semana livres também é possível realizar a missão. Nesse caso, a sugestão é que se escolham ações mais elaboradas que possam ser desenvolvidas de sexta a domingo, mas também conectadas a estratégias de identificação de interessados e convites para a Semana Jovem. Algumas ações sugestivas: reformas de casas, dia de beleza, dia do pet, lava jato da esperança, feira de cidadania, revitalização de espaço público, abraço grátis, sofá do desabafo, varal solidário, plantio de árvores, carrossel esportivo para crianças, visitas a hospitais, orfanatos e asilos, *flash mobs* em locais públicos etc.
5. Calebe Raiz é a trilha que mais se aproxima ao conceito original da Missão Calebe. É quando os jovens, em conselho com o pastorado e a liderança da igreja, escolhem uma cidade ou bairro sem presença adventista e decidem passar pelo menos quinze dias naquele local, numa espécie de imersão, hospedados em uma escola, numa casa alugada ou outro local cedido. Ali eles realizam um trabalho de plantio de igreja, ou pelo menos iniciam o processo. Para isso é necessário um bom planejamento e parceria com alguma igreja adventista vizinha, para formação de um núcleo que possa continuar o trabalho no local. Nesse caso, os jovens realizam caminhadas

de oração, fazem pesquisa bíblica, entram em contato com interessados Novo Tempo, realizam o curso "Como deixar de fumar" e alguma série de palestras especiais sobre saúde, família, finanças, emoções, por exemplo. Além disso, estudam a Bíblia com as pessoas e promovem uma série de evangelismo, com apelos e batismos.

UM ANO EM MISSÃO

Para aqueles jovens que querem viver algo ainda mais intenso e especial, longe de sua cidade ou região, o Ministério Jovem tem um projeto chamado "Um Ano em Missão", que é a tradução de *One Year In Mission*, expressão que dá origem à sigla OYIM. Esse também é um projeto já consolidado na América do Sul, com uma década de história e milhares de jovens que participaram e foram devolvidos a suas igrejas e localidades como líderes focados na missão.

Basicamente, OYIM é um projeto que visa desenvolver nos jovens uma visão missionária madura que possibilite não apenas que ele escolha a missão como estilo de vida, mas que também seja capaz de influenciar outros jovens e até mesmo sua igreja local. Ao decidir participar, o jovem renuncia a um ano dos estudos, trabalho ou outros projetos pessoais para viver a missão integralmente. E após receber treinamento específico, ele é direcionado ao local onde as atividades serão desenvolvidas. Em geral, as equipes são compostas por oito a dez participantes e os projetos são: a) o plantio de uma igreja em uma localidade desafiadora; b) a revitalização de uma congregação pequena; ou c) a formação de um centro de influência.

Esse não é um projeto para todos os jovens da igreja, mas a experiência revela os efeitos positivos do envio de um representante da juventude para viver essa experiência. Do OYIM saem líderes para a igreja, obreiros, pastores e missionários que continuarão servindo a Deus e abençoando pessoas além-mar.

SVA

Outra importante estrutura de suporte para a formação missionária de nossos jovens é o Serviço Voluntário Adventista (SVA). Trata-se de uma agência de envio de missionários para outros países e culturas, promovendo a

integração e o serviço transcultural. Seu o propósito de disponibilizar, de forma organizada, oportunidades de serviço voluntário temporário para jovens e adultos adventistas – sejam eles estudantes e profissionais – em instituições da igreja em várias regiões do mundo, auxiliando a igreja na proclamação do evangelho. Quando a visão missionária está no coração da igreja, novas fronteiras se abrem, e projetos de curta, média e longa duração tornam-se poderosos atrativos para as novas gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ministério jovem adventista existe, entre outras coisas, para desafiar o jovem a se comprometer pessoalmente com a missão de anunciar a última mensagem ao mundo e para criar oportunidades através de projetos e ações que permitam que os jovens assumam um papel ativo na missão da igreja. Em suas origens, nas sociedades de jovens, o ministério jovem trouxe uma forte marca missionária que foi se perdendo ao longo do tempo. O fruto disso é a apatia, o desânimo e a evasão de muitos jovens. Diante desse cenário, entendemos que mudar o foco do programa para a missão seja o caminho para revitalizar o ministério jovem na igreja local.

As propostas apresentadas nesse artigo não são necessariamente inéditas, mas o apelo é para que pastores, líderes da igreja local e pais deem as mãos e façam um pacto em favor da nova geração, oferecendo a eles novas oportunidades de envolvimento e protagonismo na missão da igreja. Creio que esse pode ser o primeiro passo para uma completa (re)estruturação do ministério jovem.

REFERÊNCIAS

ALLEN, Malcolm J. **Salvação e serviço:** o desafio do ministério jovem. 3. ed. São Paulo: Sobre Tudo, 2012.

ANDROSS, Matilda E. **Missionary volunteers and their work.** Washington, DC: Review & Herald, 1920.

SEVENTH-DAY ADVENTIST GENERAL CONFERENCE. Atas da Conferência Geral: vigésima terceira reunião, 18 de abril, 15h. **Boletim da Sessão da Conferência Geral**, v. 4, n. 15, p. 330–333, 1901.

WHITE, Ellen G. **A ciência do bom viver**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000.

WHITE, Ellen G. **Educação.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

WHITE, Ellen G. **Serviço cristão.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2002.

WHITE, Ellen G. **Testemunhos seletos**. Volume 3. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1995.

CAPÍTULO 28

28

Importância das escolas cristãs de férias: um método evangelístico para as novas gerações

María Virginia Zubco Kwazuk

UMA DESCOBERTA

É conhecida a frase: "o bom, se breve, é duas vezes bom". Assim poderia qualificar a primeira escola cristã de férias da qual participei de maneira indireta. Eu e minha família estávamos como estrangeiros em ouro país, tentando nos integrar nos poucos meses que ficaríamos lá. Durante o verão, buscamos atividades específicas para fazer com as crianças mais velhas da família, que na época tinham entre oito e dez anos. Até que um dia, quando entramos no salão da igreja, surpreendemo-nos enormemente ao ver a transformação que os irmãos haviam feito: grandes folhas verdes recortadas em tecido e cartolina, decoradas com imensas teias de aranha artesanais e múltiplos insetos que faziam parte de todo o ambiente. A decoração era tão formidável que parecia nos convidar a adentrar na aventura do mundo dos insetos.

Além de ser a responsável pelas crianças naquele dia, senti-me tão emocionada por conhecer toda a dinâmica que acompanhei meus filhos em todas as reuniões. Se eles desfrutaram de cada trabalho manual, de cada música e história, foi, indubitavelmente, porque houve irmãos que dedicaram parte de seu valioso tempo ao embelezamento do lugar, à preparação do programa, das brincadeiras e das oficinas. As crianças não apenas ansiavam ir à igreja a cada dia, mas seu entusiasmo era contagiante: convidavam outros pequenos para as reuniões. O que mais me comoveu foi perceber como, em poucos dias, meus filhos aprenderam cânticos cuja mensagem comovia o coração de quem os escutava. Além disso, exibiam com orgulho seus pequenos grandes trabalhos manuais nos quais foram auxiliados pelas mãos de quem sabia escutá-los e orientá-los. Ainda conservo na memória o momento da "formatura", quando todas as crianças se acomodaram para entoar a canção que resumia tudo o que haviam aprendido. Ver os pequenos adorando a Deus não tem preço.

Essa experiência me levou ao seguinte questionamento: se, para os irmãos da comunidade onde estávamos no Peru, essa tarefa era tão importante, que todas as igrejas da região já tinham agendado a próxima escola cristã, por que há igrejas do meu distrito que não estão aproveitando ao máximo essa atividade evangelística? Ou será que, como irmãos e/ou líderes não nos damos conta do quão valorosa é uma membresia ativa desde o início do ano?

Independente da resposta, minha decisão já estava tomada: compartilharia essa nobre atividade, incentivando as igrejas a realizá-la, enquanto Deus me permitisse.

Considero que conhecer a importância das escolas cristãs de férias pode ajudar cada igreja a programar essa atividade e descobrir, por si mesma, as vantagens tanto para as novas gerações quanto para a comunidade de fé em si.

EVANGELISMO INFANTIL INTENCIONAL

As primeiras escolas cristãs de férias foram uma iniciativa da escola dominical das igrejas evangélicas. No início o plano de atendimento às crianças foi chamado de "escola bíblica diária" e foi realizado pela primeira vez na cidade de Nova Iorque, Estados Unidos, em julho de 1898. A responsável foi a irmã Hawes, esposa de um médico. Seu trabalho dedicado foi tão bem-sucedido que foi repetido nos anos seguintes. Cinco anos após esse primeiro evento, já havia uma centena de reuniões semelhantes e, em 1924, mais de vinte e cinco anos depois, foram registradas mais de dez mil escolas bíblicas em todo o país. É muito provável que alguns adventistas as tenham frequentado e, mais tarde, adaptado e introduzido essa atividade na escola sabatina. Acredita-se que a primeira escola cristã de férias organizada pela igreja adventista foi na Coreia, no final da década de 1920, e que a senhora Wangerin foi a responsável por dirigi-la (Harris, 1967).

Quanto à Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), as escolas cristãs de férias vinham sendo desenvolvidas timidamente até que, em uma assembleia mundial da IASD, em 1953, o programa foi oficialmente adotado. Os líderes da época acreditaram que essa decisão traria uma renovação importante se fosse incorporada à tarefa do departamento de Escola Sabatina, com o objetivo de continuar ganhando pessoas para o reino de Deus. Além disso, considerou-se que as escolas seriam uma atividade significativa para o reavivamento espiritual da igreja.

O pastor W. Harris (1967), autor do livro *The Challenge of Vacation Bible School Evangelism: the story of the beginning, growth, and effectiveness of Seventh-day Adventist Vacation Bible School Evangelism*, menciona que a

escola tinha como objetivo atrair as crianças que viviam ao redor do templo. Esperava-se, come essa atividade, derrubar barreiras e criar um espaço para a demonstração prática da compaixão. Com essa proposta, o impacto evangelístico assumia novas frentes de avanço.

Em 1954, a assembleia mundial da IASD considerou meritório integrar três departamentos para canalizar a ação e os resultados das escolas: Escola Sabatina, Missionários Voluntários e o departamento de educação. Cada esforço realizado incentivava os professores da Escola Sabatina e outros líderes a dedicarem suas férias para evangelizar as crianças e os jovens que, pela decadente situação da sociedade norte-americana, encontravam nesse tipo de reuniões acolhimento, atenção e um programa equilibrado de cânticos, trabalhos manuais, histórias e aprendizado sobre a natureza (Harris, 1967).

O grande movimento evangelístico alcançado por meio das escolas aprimorou-se ao longo dos anos, levando à produção de novos materiais e à utilização de novos métodos de ensino. Tudo com o objetivo certeiro e intencional de evangelizar as crianças e os jovens que viviam na vizinhança da igreja.

MISSÃO: A ESCOLA CRISTÃ DE FÉRIAS

Graças a Deus, esse trabalho chegou a terras sul-americanas onde vem sendo implementado e expandido a muitos anos. Embora, possivelmente, ainda não tenha alcançado seu potencial total, devido a outras atividades que surgiram no caminho, ou porque a chama do evangelismo infantil que utiliza essa ferramenta foi se apagando, ainda está presente. No que hoje é a União Argentina, as escolas[1] se expandiram de maneira gradual, especificamente a partir dos últimos cinco anos. Lamentavelmente, a pandemia do coronavírus em 2020, assim como suas repercussões em 2021, diminuiu notavelmente a quantidade de eventos para crianças. Apesar disso, foi possível continuar com a evangelização das crianças nos períodos de recesso escolar por meios virtuais.

[1] Na União Argentina, utiliza-se a palavra "colônia" em vez de "escola" porque seu nome se refere ao que representa na sociedade argentina. Diversas organizações realizam colônias nos meses de recesso escolar, dedicadas às crianças.

A compilação de relatórios enviados pelos líderes do Ministério da criança dos sete campos da Argentina nos ajudam a compreender a evolução das escolas cristãs desenvolvidas nos últimos anos. Parece que, lentamente, os membros perceberam que uma igreja viva, ativa e preocupada em servir às crianças deve continuar suas atividades mesmo durante o período de férias. Isso, sem desmerecer a Escola Sabatina, as reuniões de Semana Santa e outras que fazem parte da tarefa evangelística com ênfase nos menores, que seguem vigentes.

Para se inteirar dos motivos que levam uma congregação a realizar ou não uma escola cristã de férias foram realizadas de maneira informal algumas perguntas aos diretores do departamento do ministério da criança, que tinham a liberdade de respondê-las ou de ignorá-las. Na União Argentina, entidade eclesiástica que se ocupa dos membros da igreja em todo o território da República Argentina, registram-se cerca de 1.050 igrejas e congregações. Desse total, foram recebidas respostas de cerca de 200 igrejas, o que nos fornece uma amostra interessante para analisar a opinião ali expressa. É importante ressaltar, que não foi realizada uma enquete formal que teria de ser validada para ser estatisticamente admitida, mas sim uma compilação espontânea de perguntas realizadas em um evento de capacitação para líderes de crianças, em abril de 2022.

Dos representantes das igrejas que responderam às perguntas, a maioria mencionou que não havia realizado a escola no verão de 2022, ou seja, entre os meses de dezembro de 2021 e março de 2022. Segundo os relatórios recebidos dos campos eclesiásticos, no verão citado, 241 igrejas realizaram o evangelismo infantil denominado escola cristã de férias.[2]

Notou-se que a maioria dessas igrejas elaborar o programa a cada ano assiduamente, e que a porcentagem que tomou o desafio de organizar-se e realizar a atividade pela primeira vez é mínima. É válido salientar, que boa parte das congregações pesquisadas estava em suas respectivas comunidades há cerca de vinte anos, de modo que suas atividades sociais e comunitárias já eram conhecidas nas redondezas.

[2] Os dados fornecidos abrangem até o realizado em março de 2022.

Entre as razões que alguns irmãos expressaram como motivadoras para que a igreja local realizasse a escola no verão, destacam-se as seguintes:

- O amor pelas crianças;
- Receber novas crianças na Escola Sabatina e no Clube de Aventureiros e/ou de Desbravadores;
- Criar um ambiente agradável de aprendizado e diversão para que as crianças se aproximem mais de Jesus;
- Dar a conhecer Cristo às crianças e suas famílias, acolher as que já participam e motivá-las a se preparar para a vinda de Jesus;
- Proporcionar um impacto missionário nas crianças que não conhecem os programas da igreja para que sejam motivadas a participar deles;
- A necessidade de fazer alguma atividade para ajudar as crianças, desde brincadeiras à orientação espiritual, depois de um longo período perdido com a pandemia;
- Reavivamento, união, amor, consagração, diversão;
- Desejo de viver a experiência da escola, devido à dificuldade de realizá-la em anos anteriores.

Por outro lado, Ellen White (2004, p. 114) menciona mais uma razão a ter em conta, ela diz: "Por meio dos filhos, frequentemente atingem-se os pais que, de outra maneira, não poderiam ser alcançados. Os professores da Escola Sabatina podem instruir as crianças na verdade e elas, por sua vez, a introduzirão no círculo doméstico". É reconhecido, por exemplo, uma lista de pais que, certamente, conheceram o Salvador devido a influência de seus filhos.

Ademais, algumas "consequências" que podem ser facilmente observadas nas igrejas que encararam o desafio da escola cristã são: aumento na frequência das crianças à classe da Escola Sabatina; envolvimento no Clube de Aventureiros ou de Desbravadores; famílias estudando a Bíblia e tomando a decisão de se batizar; relação amigável dos frequentadores com o pastor distrital e os líderes da igreja; e um conjunto de pessoas a quem continuar visitando e convidando para outras programações, como cursos de culinária,

Semana Santa etc. Além disso, a igreja local tem a oportunidade de fazer novos planos, contando com essas novas crianças, que ocuparão novos espaços e que precisarão ser instruídas, passo a passo, à semelhança de Cristo. Uma igreja que se atreve a trabalhar pelos demais não poupa esforços, dinheiro ou tempo, porque o objetivo é claro: fazer discípulos para Jesus, o que pode ser visualizado com o aumento de batismos ao longo do ano.

Ellen White escreveu o seguinte pensamento, no qual a palavra "pais" poderia ser facilmente substituída por "líderes" ou "professores de crianças", como um conselho em relação ao que devem tomar como prioridade:

> As crianças são grandemente suscetíveis aos ensinamentos do evangelho; seu coração está aberto às influências divinas, e com capacidade de reter as lições recebidas. As criancinhas podem ser cristãs, tendo uma experiência de acordo com seus anos (White, 1958, p. 549).

Apesar de entendermos nossa missão, infelizmente a maioria das igrejas ainda não pôde colocar em prática o programa evangelístico que nos cabe. Dentre os motivos para isso, encontram-se:

- Falta de organização e motivação em geral;
- Falta de crianças na igreja;
- Falta de recursos humanos;
- Infraestrutura insuficiente no templo;
- Férias ou trabalho dos líderes;
- Motivos de saúde (COVID) ou por protocolo sanitário;
- Falta de compromisso dos pais e líderes.

Cabe destacar que os motivos mais frequentemente mencionados pelos irmãos foram a falta de organização, de motivação e o fato de que havia poucas crianças na igreja. Agora, considerando que essa atividade (a escola cristã

de férias) consiste na evangelização infantil, é possível perceber que ela foi deixada de lado por diferentes razões e, por conseguinte, as crianças – tanto da comunidade adventista quanto do bairro – não tiveram oportunidade de aprender mais sobre o plano de salvação de maneiras criativas, dinâmicas e adaptadas para elas.

É necessário voltar o foco para a missão. O propósito de cada atividade realizada na igreja deveria ser levar a salvação a todos. A missão está bem delineada em Mateus 28:18–20, onde "fazer discípulos" é o ponto de destaque. É apenas por amor a Jesus que podemos agir buscando a todo aquele que necessite do verdadeiro serviço cristão. Porém é necessário intencionalidade no fazer. Warren (1998), reconhecido autor evangélico, compara o texto citado com Mateus 22:37–40 para esboçar alguns objetivos ou propósitos de uma igreja, a saber: adoração, serviço, evangelismo e discipulado. A adaptação desses propósitos ao trabalho com as crianças exige intencionalidade em:

- Adoração: respondendo ao amor que Deus nos oferece de forma pessoal e/ou familiar;
- Serviço: ministrando a nossos próximos da maneira que Jesus o fez em nosso mundo;
- Evangelismo infantil: levando a cabo tarefas concretas que, por meio de metodologia e dinâmicas adequadas às crianças, lhes permitam aprender e aceitar o plano de Deus em suas vidas;
- Discipulado: ser e fazer pequenos grandes discípulos de Jesus.

Um provérbio chinês diz: "não basta levar boas intenções para pescar. Também é preciso levar a rede". Uma frase muito adequada ao tema presente, pois a igreja tem diversas "redes" para alcançar a todos, inclusive as novas gerações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se pudesse recomeçar minha vida cristã, tentaria lembrar com mais frequência que, "Porque Deus amou o mundo [mas especialmente a cada criança] de

tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo [menino ou menina] que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna" (Jo 3:16) (acréscimo do autor). O amor de Deus motiva o indivíduo a qualquer esforço que conduza o seu semelhante a vida eterna, inclusive ao esforço de uma escola cristã de férias.

Recapitular a importância de evangelizar por meio de um programa dinâmico, simples, e tão eficaz animará as igrejas a continuarem se capacitando para darem o melhor de si. O amor de Deus em nossas vidas é demonstrado em adoração, em serviço e proclamação do evangelho. Os pequenos o percebem em cada momento que passam com seus líderes. Dão-se conta de que não é mais um entretenimento, mas que há uma intencionalidade sadia de alcançar algo muito melhor.

Entender a importância das escolas cristãs de férias inspira a liderança a superar os desafios e dificuldades e planejar, organizar e arregimentar recursos humanos chamados por Deus, com o claro objetivo evangelizar. No futuro, talvez, as escolas cristãs de férias possam ser parte das atividades regulares de cada igreja, assim como a Escola Sabatina ou os cultos da Semana Santa. Ainda há muito a ser feito, apesar da certeza da brevidade da vinda do nosso Senhor Jesus.

O autor Rick Joyner (2004) menciona em seu livro *Liderança: o poder da criatividade* que a diferença entre algo ordinário e algo realmente extraordinário está justamente naquele "extra" exigido de quem vá realizar qualquer empreendimento. Esse extra pode ser criatividade, liderança e excelência, mas sem eles tudo continua sendo normal. Talvez, seja a hora de sermos líderes extraordinários que trabalhem pelas novas gerações super extraordinárias e, juntos, desfrutemos do Céu, lembrando que tudo começou em uma linda escola cristã de férias.

REFERÊNCIAS

GENERAL CONFERENCE CORPORATION OF SEVENTH-DAY ADVENTISTS. **Discipling, nurturing and reclaiming:** nurture and retention summit. Madrid: Editorial Safeliz, 2020.

HARRIS, W. **The challenge of Vacation Bible Scehool Evangelism:** the story of the beginnings, growth, and effectiveness of Seventh-day Adventist Vacation Bible School Evangelism. Nashville: Southern Publishing Association, 1967.

JOYNER, R. **Liderança:** o poder de uma vida criativa. Cajamar: Editora Mundo Cristão, 2002.

WARREN, R. **Uma Igreja com propósito: c**omo crescer sem comprometer a mensagem e a missão. Miami: Editorial Vida, 1998.

WHITE, E. **Conselhos sobre a obra da Escola Sabatina**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, E. **O Desejado de Todas as Nações**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E. **A fé pela qual eu vivo**. Ellen G. White Estate, Inc., 1958.

CAPÍTULO 29

29

Impacto do projeto geração teen (gteen) nos adolescentes como plano de resgate

Yudy Villa de Romero

Jesus sente uma grande predileção pelas crianças e as coloca como exemplo de inocência, simplicidade e pureza de alma. Mais ainda, ele mesmo se identifica com elas ao dizer que quem receber um destes pequeninos, recebe a Ele, como vemos em Marcos 9:37. Para entrar no céu é preciso tornar-se como criança. E tal temática se mostra tão séria que o próprio Jesus repreendeu seus discípulos quando estes tentaram impedir que as crianças se aproximassem dEle (Marcos 10:13–16).

O maior volume de aprendizado ocorre nos primeiros anos de vida. As mentes das crianças elaboram ativamente significados e tentam compreender os motivos do que veem, ouvem e experimentam. As crianças aprendem melhor através da interação e participação naquelas coisas que atraem suas preocupações, energia e criatividade. A aprendizagem que inclui o aspecto mental, físico, social e emocional da criança é firmemente apoiada pelo exemplo das instruções divinas, do ensino dos métodos de Cristo e da investigação atual (Deuteronômio 6:6–9).

O adolescente, por sua vez, sente-se criança e adulto ao mesmo tempo, embora saibamos que não é plenamente uma coisa nem outra. Está em permanente transição: deixando de ser criança e de depender do mundo adulto para tudo, para tornar-se jovem e começar a se responsabilizar por sua própria vida. Conforme destaca o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF, 2020):

> A adolescência é uma etapa de florescimento, de projetos, de autodescoberta e descoberta do entorno. Nosso papel como adultos é exatamente o de colaborar para que isto flua e habilitar que aconteça, sem bloqueá-lo ou alentá-lo. Por isso, é fundamental que os pais, educadores e referentes dos adolescentes tenhamos presente que o grande objetivo ao transitar a adolescência é que possam aprender a tomar decisões, aprender de seus erros, se responsabilizar por seus atos, responder com liberdade, funcionar com

> responsabilidade e crescer em autonomia, para poder chegar a ser adultos saudáveis.

Considerando essas afirmações, a adolescência é a época da tomada de decisões em todas as áreas da vida e não está isenta daquelas que dizem respeito à vida eterna. Nos últimos anos, segundo o *Adventist Church Management System* (ACMS), as cifras de maior evasão de membros da igreja concentram-se entre os 15 e os 35 anos. Sabendo que a base da formação espiritual está na infância e na adolescência, surge o questionamento: o que podemos fazer em favor dos nossos menores para que não abandonem a fé e, quando cheguem à idade juvenil, mantenham-se no seio da igreja?

A fim de resgatar os adolescentes que deixaram de assistir especialmente à Escola Sabatina, o Ministério do Adolescente (público de treze a dezesseis anos) da União Peruana do Sul aplicou o projeto "Geração Teen" (GTeen) no ano de 2019 nas diferentes igrejas da região. Através desse projeto, a programação tradicional foi reestruturada de modo que permitisse maior participação, tornando-se mais ativa e inovadora, resultando em maior assiduidade.

O propósito deste trabalho é fornecer um documento prático para que o projeto seja aplicado pelos professores das classes de adolescentes da Escola Sabatina, a fim de alimentar, cuidar e conservar esse rebanho como Jesus o faria.

PROJETO – "GERAÇÃO *TEEN*" (GTEEN) COMO PLANO DE RESGATE

BASE BÍBLICA E DO ESPÍRITO DE PROFECIA

A escritora Ellen White (2007, p. 87) orienta:

> A Bíblia deve ser o primeiro livro da criança. Deste Livro devem os pais ministrar uma sábia instrução. A Palavra de Deus deve constituir-se a regra da vida. Por ela aprendam as crianças que Deus é o Pai; e das belas lições de Sua Palavra devem elas adquirir conhecimento de Seu

> caráter. Incutindo nelas os seus princípios, devem elas aprender a fazer justiça e juízo.

O REA, na página 405–408 seção FB fala sobre o Ministério Infantil e o Ministério do Adolescente e na página 406 diz:

> A instrução de Cristo em Mateus 18:5, 6 e 10 torna a igreja responsável pelas ações, influência e atitudes em relação às crianças. Deus não deseja que se perca uma única criança (v. 14). Uma igreja que reflita a atitude de Deus em relação às crianças compreenderá a importância da interação adulto-criança e da participação das crianças. A profecia prediz que a relação adulto-criança será uma das principais características da mensagem final apresentada antes da segunda vinda de Cristo (Mal. 4:5, 6). Portanto, a igreja considerará as crianças como sua mais alta prioridade e buscará maneiras de envolvê-las em todas as suas atividades. Desse modo as crianças se sentirão incluídas e unidas à comunidade cristã enquanto fazem sua decisão por Cristo e pela igreja. Uma forte conexão com a igreja as protegerá durante a transição para a idade adulta e as preparará para futuras funções de liderança. O Ministério Infantil (MI) e o Ministério do Adolescente (MA) existem em resposta a estes imperativos divinos, para coordenar ações que buscam o fortalecimento espiritual das crianças e adolescentes da igreja e seu compromisso com a missão.

APRESENTAÇÃO DO PROJETO

Considerando estas premissas, apresentamos o seguinte projeto que tem como proposta de trabalho capacitar os professores das unidades de ação da

escola sabatina e envolver os adolescentes de forma ativa, prática e peculiar, através de desafios e atividades focados nas três ênfases do discipulado: comunhão, relação e missão.

A base visionária desse projeto está em Romanos 14:8: "Se vivemos, para o Senhor vivemos; e, se morremos, para o Senhor morremos. Assim pois, seja que vivamos ou que morramos, somos do Senhor"; queremos desafiar cada adolescente a praticar os conceitos de vida cristã com ousadia e relevância, colaborando para o desenvolvimento de um estilo de vida cristão.

A execução desse projeto se dá na Unidade de Ação de escola sabatina, doravante "Base". Uma classe remodelada, com programa interativo e agradável.

OBJETIVOS "GERAÇÃO *TEEN*"

GTeen tem como objetivo integrar os adolescentes de maneira ativa, prática e peculiar, através de desafios e atividades focados nas três áreas de ênfase do discipulado: comunhão, relação e missão (CRM), conforme vemos em Marcos 3:13-14. Esses elementos podem ser compreendidos da seguinte maneira:

COMUNHÃO

Pressupõe o desenvolvimento de uma comunhão com Jesus através do estudo diário da Bíblia, da lição da escola sabatina e da prática diária da oração. Além disso, esse elemento envolve a participação ativa todo sábado nas atividades da base GTeen.

RELACIONAMENTO

O relacionamento, como nome sugere, faz parte do elemento que busca fortalecer a amizade entre os adolescentes da base, desenvolvendo também amor ao próximo através de ações sociais e solidárias.

MISSÃO

Por fim, a missão coloca os adolescentes para testemunhar aos seus semelhantes de que há um Salvador que os ama e que se preocupa com as pessoas

de maneira pessoal. Para isso, esse elemento incentiva os adolescentes a utilizarem seus diferentes dons para a salvação de outras pessoas.

(*Nota: os desafios do CRM podem ser semanais, mensais, trimestrais ou anuais*)

PASSOS PARA IMPLEMENTAR O "GERAÇÃO *TEEN*"

Para o pleno funcionamento do projeto, a liderança deve seguir um roteiro de organização e registro da base.

PRIMEIRA FASE: REGISTRO E ORGANIZAÇÃO DA BASE

1. Reunir a classe: explicar o propósito e a dinâmica do projeto aos adolescentes.
2. Escolher o nome da "base": é importante ter um nome criativo que gere identificação e pertencimento ao grupo;
3. Identidade visual: preparar uma bandeira ou *banner* com o nome da base e o logotipo do GTeen para compor a decoração da classe e servir de marco para os desafios;
4. Revitalização do ambiente: envolver os próprios adolescentes na confecção de novos elementos para a decoração da sala. O espaço físico deve refletir a identidade deles (Eles terão muitas ideias para isso!);
5. Registro de dados: atualizar os dados dos membros do GTeen no registro oficial da Unidade de Ação;
6. Oficialização: comunicar à diretora do Ministério do Adolescente da Associação/Missão local a organização e o estabelecimento da nova Base.

SEGUNDA FASE: AÇÃO E CONTINUIDADE

7. 7. Cumprimento de metas: Realizar os desafios propostos ao longo do ano nas áreas de comunhão, relacionamento e missão;
8. 8. Mídia e engajamento: registrar nas redes sociais (como o grupo do Facebook do Campo) todas as atividades e desafios cumpridos pela Base GTeen;
9. 9. Pequenos grupos: reunir a base como um pequeno grupo (PG) uma vez por semana, fora do ambiente da igreja.

RENOVAÇÃO VISUAL E DISPOSIÇÃO DA SALA

A renovação do espaço físico da "base" é de grande importância para reafirmar a identidade do grupo de adolescentes da escola sabatina. Devem-se utilizar ideias simples que façam da sala um ambiente autêntico e receptivo.

Um ponto importante é a disposição dos assentos durante a escola sabatina. O ideal é que o ambiente simule uma sala de estar, utilizando sofás e pufes (que podem ser feitos de materiais recicláveis), permitindo que os adolescentes sentem-se confortavelmente e olhem uns para os outros. Esse formato facilita a atenção e a conexão entre eles. Caso não seja possível utilizar sofás, disponha as cadeiras em círculo, e certifique-se de que o professor se sente no mesmo nível, compondo a roda. Se os adolescentes forem dispostos em fileiras tradicionais (formato de auditório), a tendência natural será agirem como meros espectadores passivos.

Dependendo da realidade local, o professor pode lançar o desafio para que a classe levante uma oferta especial (semanal ou mensal) destinada à compra dos pufes e da mobília da própria sala.

PROGRAMA DE ESCOLA SABATINA "GERAÇÃO *TEEN*"

Para garantir o dinamismo, propõe-se o seguinte cronograma de atividades para as manhãs de sábado a partir da tabela abaixo:

Tabela 1 – Cronograma sugestivo para escola sabatina Geração *Teen*

Horário	Atividade	Descrição e ações principais
09:10	Recepção	Saudação alegre, verificação do estudo da lição, orientação sobre o uso de celulares e entrega de papéis para pedidos de oração.
09:20	Adoração *Teen*	Boas-vindas oficiais e momento de louvor congregacional (preferencialmente com música ao vivo).
09:30	Em conexão	Momento de oração interativa, compartilhamento de experiências da semana e registro de pedidos (WhatsApp/papel).

09:38	Noticiário *Teen*	Boletim de notícias, testemunhos de ações do projeto, recepção de visitantes e celebração de aniversariantes.
09:42	Em missão	Informativo Missionário contado de forma vivencial ou encenada e recolhimento de ofertas.
09:50	Desafio semanal	Realização do *Quiz* da Série Conflito (digital ou impresso) e breve reflexão sobre os resultados.
10:00	Conectados	Estudo da Lição da Escola Sabatina (iniciando com um quebra-gelo e focando na aplicação prática para a vida).
10:35	Encerramento	Vídeo/música de conclusão, oração final, convite para o Pequeno Grupo e despedida com abraços.

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

RESULTADOS

O projeto "Geração *Teen*" foi aplicado na União Peruana do Sul no ano de 2019, contando com o forte apoio das líderes do Ministério do Adolescente dos sete Campos locais. O diagnóstico inicial apresentava um quadro preocupante: embora o sistema ACMS registrasse um total de 18.565 membros adolescentes (entre treze e dezesseis anos) no início do ano, apenas 5.108 eram listados como frequentadores assíduos da Escola Sabatina no final de 2018.

Com um ano de aplicação da nova metodologia de resgate, o projeto conseguiu reverter a tendência de queda e integrar novamente os adolescentes que haviam deixado de frequentar a igreja. Os resultados de crescimento, trimestre a trimestre, em 2019 foram:

- 1º Trimestre: 5.171 adolescentes presentes na escola sabatina.
- 2º Trimestre: 5.337 adolescentes presentes na escola sabatina.
- 3º Trimestre: 5.506 adolescentes presentes na escola sabatina.
- 4º Trimestre: 5.609 adolescentes presentes na escola sabatina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada professor que trabalha com mentes em plena formação deve ser capacitado diariamente pelo Mestre dos mestres, Jesus, para ser um modelo

por excelência para as novas gerações. Sobre a responsabilidade e o perfil desse educador, White (2004) adverte:

> Os que se acham ao cuidado do professor de Escola Sabatina necessitarão da sabedoria e experiência que Deus pode dar ao seguidor de Cristo. Aprenda o professor da mansidão e humildade de coração de Cristo, a fim de que seja um ensinador de verdade, e ganhe os alunos para Cristo, para que eles por sua vez se tornem fiéis missionários na grande seara.

Quando aplicado corretamente, este projeto é de grande ajuda não apenas para o professor – que passará a dirigir um programa dinâmico e agradável –, mas, sobretudo, será uma bênção salvífica para os menores da igreja. Trabalhar com mentes humanas em transição requer capacitação constante, dedicação para inovar em currículos e dinâmicas, e um coração sempre aberto ao campo da pesquisa e do amor prático.

REFERÊNCIAS

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **¿Qué es la adolescencia?** Uruguai, [202-?].

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. Divisão Sul-Americana. **Regulamentos Eclesiástico-Administrativos (REA)**. Brasília: DSA, 2021.

WHITE, Ellen G. **Conselhos aos professores, pais e estudantes**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, Ellen G. **Conselhos sobre a Escola Sabatina**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

CAPÍTULO 30

30

Desenvolvimento dos dons espirituais nas novas gerações

Isabel Laborda Vega

Um estudo realizado com jovens adventistas na Europa demonstrou que os jovens que estão em congregações que os apoiam, lhes dão a oportunidade de utilizar seus dons e participar da vida da igreja, têm duas vezes mais chances de permanecer na igreja pelos próximos vinte anos. Tendo em mente essa relação, este ensaio pretende discorrer sobre a importância de auxiliar as crianças e adolescentes a descobrir seus dons para que sejam participantes ativos na pregação do evangelho. O foco nesse tema parte da compreensão de que o desenvolvimento de seus dons é um elemento de conservação dos mesmos, fundamental no processo de discipulado.

Para dialogar sobre esse assunto, é necessário aprofundar-se no conceito, a fim de estar preparado para atender às crianças que tenham dúvidas sobre seus dons e assuntos relacionados, e guiá-las no caminho que possa desenvolver todo o seu potencial.

FUNDAMENTO BÍBLICO DOS DONS ESPIRITUAIS

Em geral, quando se fala na igreja de "dons espirituais", refere-se aos dons dados por Deus para o serviço à igreja. Quando uma pessoa entrega sua vida a Jesus, esses talentos naturais e habilidades são aperfeiçoados pela obra do Espírito Santo e postos ao serviço do Senhor, transforando-se em um dom espiritual. Saber qual talento pode utilizar na obra de Deus é muito impactante para vida do jovem cristão.

O cristão que conhece e desenvolve seus dons na igreja contribuirá para a pregação do evangelho e desenvolverá um sentido de missão em sua vida diária. Assim, em seu desenvolvimento pessoal, os membros da igreja formarão um corpo equipado para cumprir a missão (Mt 28:18–20). Esse processo é útil para fortalecer a igreja, guiando-a na unidade da fé e no conhecimento do filho de Deus. Nesse sentido, o corpo eclesiástico desenvolve a maturidade espiritual em Jesus, firmando seu crescimento à semelhança de Cristo. Uma igreja em que o desenvolvimento dos dons espirituais é incentivado será uma igreja saudável e vigorosa. Os cristãos, entre quem esses dons funcionam adequadamente, já não serão "como crianças, levados de um lado para outro pelas ondas ou jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina " (Ef 4:14).

Cristo ilustrou o uso dos dons do Espírito Santo com a parábola dos talentos (Mt 25:14–30): A cada servo, o senhor concedeu dons segundo sua capacidade (Mc 13:24). Dentro dessa metáfora, o Espírito Santo é o agente que distribui "a cada um como quer" (1Co 12:11) os dons que auxiliam a igreja na tarefa de pregar o evangelho. Portanto, considerando que os dons são distribuídos para esse fim, quem os recebe nem deve considerá-los como sua propriedade ou usá-los para exaltação pessoal, mas sim entender que os dons servem a um propósito missionário.

Paulo usou o corpo humano para ilustrar a harmonia que deve existir na diversidade de dons outorgados a igreja. O corpo tem muitas partes, cada uma das quais cumpre uma função específica. Nenhuma parte do corpo deveria dizer a outra: "Não preciso de você!". Todas dependem umas das outras. O funcionamento inadequado de qualquer órgão afeta todo o corpo. Assim também, a igreja sofreria se lhe faltasse qualquer um de seus membros, não importa quão insignificante pareça (1Co 12:12–31).

Paulo menciona duas listas de dons abrangentes, dos quais podem derivar outros mais específicos. A partir dessa listagem, é possível apresentar duas listas de ministérios espirituais.

IDENTIFICAÇÃO E CLASSIFICAÇÃO DOS DONS E MINISTÉRIOS ESPIRITUAIS

Dons espirituais
(1Co 12:8–10)

1. Palavra de Sabedoria;
2. Palavra de Ciência;
3. Fé;
4. Dons de cura;
5. Fazer Milagres;
6. Profecia;
7. Discernimento de Espíritos;
8. Diversos gêneros de línguas;
9. Interpretação de Línguas.

(Rm 12:6–8)
1. Profecia;
2. Serviço;
3. Ensinar;
4. Exortar;
5. Repartir;
6. Presidir;
7. Fazer misericórdia.

Ministérios espirituais
"Assim, na igreja, Deus estabeleceu..." (1Co 12: 28–30)
1. Apóstolos;
2. Profetas;
3. Mestres;
4. Os que fazem milagres;
5. Os que curam;
6. Os que ajudam;
7. Os que administram;
8. Os que falam em línguas;
9. Os que interpretam línguas.

"Ele designou alguns para..." (Ef 4:11)
1. Apóstolos;
2. Profetas;
3. Evangelistas;
4. Pastores;
5. Mestres.

Essa lista não engloba todos os dons que Deus pode outorgar a sua igreja. O objetivo do apóstolo não era fazer uma lista exaustiva, mas uma que fosse suficiente para mostrar a diversidade de dons e a compreensão que Deus tem das múltiplas necessidades da igreja.

A MISSÃO, AS NOVAS GERAÇÕES E OS DONS ESPIRITUAIS

Pedro apresentou o tema dos dons espirituais no contexto de que "o fim de todas as coisas está próximo" (1Pe 4:7). A urgência da hora requer que os crentes usem seus dons e não podemos subestimar a grande obra que realizarão nossas crianças e jovens na pregação do evangelho. A esse respeito, White escreveu:

> Nas cenas finais da história deste mundo, muitas dessas crianças e jovens encherão de admiração o povo pelo seu testemunho em favor da verdade, o qual será dado de modo simples, no entanto, com espírito e poder. Foi-lhes ensinado o temor do Senhor, e o coração se lhes abrandou por um estudo da Bíblia cuidadoso e acompanhado de oração. No futuro, muitas crianças serão revestidas do Espírito Santo, e farão, na proclamação da verdade ao mundo, uma obra que, naquela ocasião, não poderá ser feita pelos membros mais idosos das igrejas (White, 2006, p. 171).

Já que Deus concede esses dons para edificar sua igreja, podemos esperar que a confirmação final de nossos dons surja dela, e não de nossos próprios sentimentos. É comum que identifiquemos com facilidade os dons do nosso próximo, enquanto o nosso próprio talento pode ser difícil de identificar. Por isso é necessário que haja esse diálogo entre o corpo da igreja, onde todos prestam atenção uns aos outros, ajudando-os a confirmar seus respectivos dons. Especialmente nossas crianças e adolescentes a quem devemos discipular como membros ativos e futuros líderes de igreja, precisam de um olhar e apoio externo.

As novas gerações devem ser capacitadas e acompanhadas para desenvolver seus dons, sobretudo tendo em conta o iminente retorno de Jesus. Lembremos da promessa de Joel 2:28 " Depois disso, derramarei do meu Espírito sobre todas as pessoas. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os

velhos terão sonhos e os jovens terão visões". O Espírito Santo será derramado em nossas crianças e jovens para que sejam usados pelo Senhor com os dons que Ele lhes outorgou. Nesse contexto, White (2006, p. 161) afirma que:

> Cumpre-nos, como pais e como cristãos, imprimir em nossos filhos direção de vida. Devem eles ser cuidadosa, sábia e ternamente guiados às veredas do serviço cristão. Temos para com Deus o solene compromisso de criar nossos filhos para Sua obra. Rodeá-los de influências que os induzam a escolher uma vida de serviço, e dar-lhes o devido preparo, eis nosso primeiro dever.

Muitas vezes, infelizmente, o dever paterno e cristão de exercer tal influência sobre as crianças, e conduzi-las com tal retidão é negligenciado sob a máscara de "não ser muito duro" com as crianças ou "não forçá-las". É de suma importância, portanto, que os pais entendam, sem eufemismos, quão significante é a tarefa para a qual deveriam estar preparando seus filhos:

> O propósito de Deus para com os filhos que crescem em nossos lares é mais amplo, mais profundo, mais elevado, do que o tem compreendido a nossa visão restrita. Aqueles em quem Ele viu fidelidade têm sido, no passado, chamados dentre as mais humildes posições na vida, a fim de testificarem dEle nos mais elevados lugares do mundo [...]. A toda casa e escola, a todo pai, professor e criança sobre quem resplandeceu a luz do evangelho, impõe-se, neste momento crítico, a pergunta feita à rainha Ester naquela difícil crise da história de Israel: 'Quem sabe se para tal tempo como este chegaste a este reino?' (Ester 4:14)" (White, 2006, p. 167).

Considerando tamanha responsabilidade que recaí sobre os ombros de todos os adultos da igreja (não apenas sobre os pais ou professores), de conduzir as crianças e adolescentes do desenvolvimento de seus dons, a fim de prepará-las para essa profícua tarefa, é fundamental que estejam os membros preparados. Que entendam as crianças e como podem melhor conduzi-las na descoberta e desenvolvimento de seus talentos.

DESCOBRINDO OS DONS ESPIRITUAIS NAS CRIANÇAS

A escola sabatina e outros momentos que envolvem as crianças e jovens são uma excelente oportunidade de conhecê-los, identificar suas habilidades e guiá-los intencionalmente para desenvolver essas habilidades, que podem ser um dom que Deus lhes outorgou. À medida que sua maturidade permitir, é importante que entendam que Deus lhes entregou pelo menos um dom e que é sua responsabilidade desenvolvê-lo a favor de outras pessoas.

Embora existam crianças e jovens que percebam com clareza qual é seu dom espiritual, na maioria dos casos, esse processo de identificação pode demorar. Há várias maneiras de ajuda-as a visualizar quais áreas têm mais aptidão. Boa parte dessas maneiras se resume a dar-lhes mais oportunidade, espaço e voz na igreja. Além de programas que as envolvam, o incentivo dos adultos é um componente crucial para animar as novas gerações a crescer no serviço por amor a Jesus.

Ajudar as novas gerações a descobrirem seus dons é apenas uma parte do processo. A igreja tem a responsabilidade de ajudar os jovens e crianças a desenvolver esses dons, envolvendo-os na missão. Isso é ainda mais imperativo depois que as crianças já foram batizadas e são membros de igreja. Como disse White (2007, p. 7), "Todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como um missionário".

Há muitos benefícios sociais e psicológicos dessa atividade, atingindo âmbitos mesmo fora da igreja. Alguns dos mais relevantes para o tema deste ensaio são:

- Lhes ajudará a reconhecer que Deus é o dono de tudo, favorecendo a mordomia cristã e a gratidão;
- Ser parte do "corpo de Cristo" desenvolve o sentido de pertencimento e identidade com Sua igreja;
- O sentido de pertencimento à igreja fomenta uma boa autoestima e um sentimento de plenitude;
- Terão a oportunidade de envolver-se no serviço a favor do próximo;
- Ajudará a orientar a tomada de decisões transcendentes como "o que estudar" e "que quero ser na vida";
- Os motivará a superar desafios para alcançar objetivos;
- Poderão compartilhar o evangelho de maneira prática, o que é fundamental no processo de discipulado.

Por todos esses motivos, cada programação realizada com as crianças e jovens deve ter como objetivo primordial desenvolver valores espirituais que os ajudem a entregar sua vida a Jesus diariamente e que lhes inspirem o desejo de usar seus talentos e habilidades a serviço do próximo. Nesse processo, é muito oportuno envolver aos pais ou responsáveis da criança. E ainda, que seja feita uma reunião para destacar a importância dos adultos no desenvolvimento dos dons espirituais das novas gerações, integrando também o departamento de mordomia cristã.

As programações voltadas para o desenvolvimento dos dons não devem ser para as crianças apenas um espetáculo, antes devem ser um momento para que elas se envolvam ativamente no planejamento e execução. Alguns bons exemplos são:

- BaseTeen;
- Coral infantil e/ou juvenil;
- Evangelismo Kids (nesse programa as crianças podem descobrir alguns de seus dons e começar a utilizá-los);
- Classe bíblica pós-batismal com o material disponível de mordomia, com foco no uso e desenvolvimento dos dons;

- Em um pequeno grupo; em um ambiente informal, crianças e jovens se sentirão mais seguras e confiantes para desenvolver seus diversos dons. Também pode ser uma oportunidade para contar histórias de missionários que, com seus diversos talentos, servem em sua comunidade ou em terras longínquas, inspirando as crianças a fazer como eles;
- Envolvê-los em atividades sociais da ASA ou outros departamentos semelhantes;
- Implementar os Seminários de Enriquecimento Espiritual para crianças e adolescentes;

Uma das temáticas abordadas no seminário são os dons espirituais:

- Ensinar o significado da parábola dos talentos de maneira lúdica ou dinâmica;
- Criar uma rede de discipulado entre os líderes de igreja e as novas gerações. Por exemplo: escolher a crianças, adolescentes e jovens que demonstraram ter o dom de serviço e nomeá-los como "diáconos em treinamento". Os diáconos e diaconisas lhes ensinarão o serviço do diaconato e os ajudarão em algumas tarefas, para depois nomeá-los oficialmente como diáconos e diaconisas. O mesmo pode ser feito na liderança do clube de desbravadores, ASA, escola sabatina, equipe de mídia, sonoplastia etc. Para dar-lhes ainda maior relevância e seriedade, os nomes dos jovens escolhidos devem ser votados na comissão administrativa da igreja local como "líderes em treinamento";
- Envolver as crianças maiores e adolescentes, especialmente aquelas que têm o dom da liderança e serviço, como ajudantes na Escola Cristã de Férias, Feiras de saúde, Projeto Calebe etc.;
- Levar as crianças e jovens para visitar lares de idosos, hospitais ou outro lugar onde possam desenvolver o dom do serviço;
- Os pais podem formar duplas missionárias para dar estudos bíblicos junto com seus filhos que têm o dom do ensino.

Essas atividades são a oportunidade que a igreja tem de permitir que as novas gerações desenvolvam seus dons e de fazê-las sentirem-se valorizadas. Toda igreja deve se perguntar se está cumprindo adequadamente essa nobre tarefa. Pois há uma tendência humana em admirar e valorizar mais talentos visíveis, como canto ou a pregação, que pode levar os líderes a concentrar todos os seus esforços nestes, negligenciando outros dons que se apresentam em crianças mais introvertidas. É vital que os adultos entendam as características pessoais de cada um de seus liderados e incentivem-nos a vencer seus medos e obstáculos, porém, é igualmente vital que isso seja feito respeitando as individualidades de cada um.

Esse tratamento individualizado está em harmonia com o chamado à missão outorgado a cada filho de Deus. Cada um, atuando em sua área, de acordo com os dons recebidos, cumpre um papel fundamental na pregação do evangelho. Sobre isso, White diz:

> O lugar específico que nos é designado na vida, é determinado por nossas capacidades. Nem todos atingem o mesmo desenvolvimento ou fazem com igual eficiência o mesmo trabalho. Deus não espera que o hissopo atinja as proporções do cedro, ou a oliveira a altura da majestosa palmeira. Mas cada qual deve ter o objetivo de atingir tão alto quanto a união do poder humano com o divino lhe torne possível (White, 2008, p. 214–215).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, percebe-se que a IASD tem uma base teológica sólida sobre a importância dos dons espirituais para o cumprimento da missão da igreja. Entretanto, é quase inexistente a pesquisa e bibliografia a respeito do ensino prático do desenvolvimento desses dons nas novas gerações da igreja. Essa falta se agrava ainda mais ao considerar que essa é uma ferramenta importante para o discipulado e desenvolvimento da liderança dentro do

corpo eclesiástico. Por conseguinte, surgem outras perguntas para futuras pesquisas. Por exemplo, afirma-se que a missão dos departamentos do Ministério Infantil e do Adolescente é guiar às crianças e adolescentes no serviço missionário e comunitário para ajudá-las a assumir o compromisso de testemunhar por Cristo, por meio do uso de seus dons espirituais. Se essa é a missão do departamento, por que há tão poucos estudos teológicos e de campo sobre o uso e desenvolvimento dos dons nas novas gerações?

Também existe um estudo realizado por Christian Schwarz (1995), um dos maiores expoentes sobre crescimento de igreja, que estudou milhares de igrejas cristãs ao redor do mundo e concluiu que uma das oito características das igrejas saudáveis é sua organização em ministérios segundo dons. Nesse contexto, deveríamos envolver os membros da igreja na missão de acordo com seus dons e não procurar "preencher cargos" de acordo com os departamentos que existem sem considerar os dons dos membros. Se o desenvolvimento dos dons é fundamental no contexto da teologia adventista, a divisão tradicional de departamentos muitas vezes limita esse processo. Tentando enquadrar-se em departamentos, muitas pessoas não encontram espaço para desenvolver seus dons.

Considerando a importância desse tema, e o pouco estudo que a ele é direcionado na igreja, nota-se que um dos desafios que deve ser priorizado é a pesquisa a respeito do desenvolvimento dos dons nas novas gerações. Pois o Senhor conclama a sua igreja a guiar as novas gerações a seus pés e prepará-las para a excelência no serviço como seus discípulos e futuros líderes da igreja, que terminarão de pregar o evangelho ao mundo em sua geração.

REFERÊNCIAS

Schwarz, C. **Las 8 características básicas de una igreja saudable:** guía prática para un iglecrecimiento natural. Barcelona: Clie, 1995.

WHITE, E. **Fundamentos do lar cristão**. Ellen G. White Estate Inc., 2006.

WHITE, E. **Educação**. Ellen G. White Estate Inc., 2008.

WHITE, E. **Serviço cristão**. Ellen G. White Estate Inc., 2007.

CAPÍTULO 31

31

Estratégias de mobilização e discipulado em rede para alunos do ensino médio no contexto adventista de ensino

Matheus Maia

Diante dos desafios educacionais do século 19, da efervescência de filosofias contrárias à fé cristã, do fortalecimento da organização eclesiástica adventista e da nova luz sobre a educação redentora apresentada pela pioneira Ellen White, a liderança adventista entendeu que era essencial ter uma escola denominacional com dois propósitos: 1) fortalecer a fé dos "filhos da igreja", apoiando o lar e a igreja nessa missão; e 2) formar novos missionários capacitados para servir à igreja em lugares que ainda não haviam sido alcançados, produzindo um crescimento orgânico e saudável pautado na filosofia de suas crenças.

Após ser semeada no Brasil por pioneiros estrangeiros no final do século 19 e início do século 20, a educação adventista atravessou várias fases e, atualmente, é referência em educação no país. Como resultado, recebe, em sua maioria, alunos de famílias não adventistas.

Diante dessa nova fase, faz-se necessário continuar cumprindo o propósito de atender os filhos da fé, fortalecendo-os em sua identidade adventista e desenvolvimento missionário, bem como criar oportunidades para a evangelização de alunos e familiares não adventistas para que conheçam as verdades bíblicas e participem do movimento remanescente que vive e compartilha a tríplice mensagem angélica de Apocalipse 14.

Partindo de dois pressupostos: 1) que a evangelização e o discipulado – partes de um mesmo processo – não são um dever que compete somente a pastores e líderes, mas um compromisso de todos os que compõem o "corpo de Cristo", em um "sacerdócio real de todos os crentes", uma colaboração mútua da soma de membros envolvidos na missão, utilizando seus diversos dons; e 2) a afirmação de que a rede educacional não está divorciada da denominação, mas constitui um departamento que, apesar de suas peculiaridades, também deve cumprir o mesmo propósito da existência da igreja – levantam-se as seguintes reflexões: como deve ser interpretado o trabalho do pastor escolar (anteriormente chamado de capelão)? Deve ele ser o único promotor do evangelismo e discipulado no contexto escolar? Essa responsabilidade está somente nas mãos da liderança e de professores, ou pode ser compartilhada com os próprios alunos, mesmo estando estes em período de

formação? Se o chamado é para todos, como estudantes adolescentes podem ser envolvidos nesse processo atendendo suas necessidades e o "chamado de todos os crentes"? Como o adolescente que não professa a fé adventista pode ser alcançado por seus colegas adventistas e tornar-se um promotor das novas que acolheu?

A TAREFA DA EDUCAÇÃO ADVENTISTA

O modelo de igreja encontrado no Novo Testamento é multigeracional; sendo assim, ainda hoje os adolescentes também devem ser vistos como parte do corpo de Cristo. O relacionamento entre gerações é positivo e é parte do plano divino para o Seu povo. Os jovens devem ser guiados por modelos que os inspirem, motivem e, quando necessário, os repreendam com amor para contínuo amadurecimento na fé (Kelly, 2016). É dever desses modelos, pais e outros voluntários, "treiná-los para discipular seus amigos para se tornarem seguidores de Jesus" (Koh, 2020, p. 193).

Portanto, se os adolescentes devem participar do cumprimento da missão e sendo isso possível dentro do contexto adventista de ensino, faz-se necessário destacar três pontos:

1. A educação envolve todo o ser – a educação adventista entende o ser humano como um ente integral, formado por faculdades físicas, mentais, sociais e espirituais que estão intimamente interligadas e que devem ser harmoniosamente desenvolvidas (White, 2016, p. 13; Knight, 2017, p. 89);
2. Compreender o desenvolvimento na fase da adolescência – a educação é um processo que acontece durante toda a vida (White, 2016, p. 9) e, em cada fase dela, há um padrão de crescimento inato e esperado – todas foram prefixadas pelo próprio Criador. Entender quais são as necessidades e as perspectivas da adolescência é fundamental (Downs, 2001, p. 93–95) para aqueles que respondem ao chamado divino de auxiliar a nova geração em seu desenvolvimento (White, 2016, p. 19);
3. O plano da salvação e o convite ao serviço – a educação redentora "transcende as possibilidades da educação secular, bem como das diversas formas

> da educação cristã que, infelizmente, são adotadas por algumas escolas que dizem praticar a educação adventista" (Knight, 2016, p. 66–67). White (2016, p. 8–11) afirma que, para entender o que está envolvido na obra da educação, deve-se considerar quatro pontos: 1) a natureza do ser humano; 2) o propósito de Deus ao criá-lo; 3) a mudança na condição humana; e 4) o plano de Deus para restaurá-la. Tal restauração, que só é possível em Cristo, conduz o estudante a amar a Deus e ao próximo, demonstrando esse amor de forma prática em um serviço abnegado que promove o desenvolvimento das faculdades do corpo, mente e alma. Somente nessa abnegação e serviço há real desenvolvimento e habilitação para o Céu; aquele que recebe a salvação não se comportará como telespectador da guerra cósmica, mas tomará posição ativa para alcançar outros para o Senhor, por meio do poder do Espírito Santo.

De acordo com esses três destaques, é possível entender que acrescentar alguns padrões seculares a poucas aulas de ensino religioso, capelas, atendimento pastoral escolar e forçar uma "atmosfera religiosa" não fará as escolas serem adventistas. As atividades apresentadas anteriormente são instrumentos para o desenvolvimento do discente, mas não constituem um fim em si mesmas. Juntamente com diversas outras atividades de cunho físico, cognitivo, emocional, social e espiritual, deve-se buscar cumprir o propósito pelo qual existe a educação adventista: 1) levar o aluno ao encontro com Cristo; 2) desenvolver o ser humano como um todo e em todo o período de sua existência; e 3) promover, facilitar e dar autonomia para construir o serviço a Deus e ao próximo, que é iniciado na Terra e que avançará pela eternidade (Knight, 2007, p. 210–216).

Os três aspectos mencionados acima, devem ser o norte para qualquer proposta estratégica de discipulado para alunos do ensino médio na rede adventista de ensino. Além disso, faz-se necessário retornar ao tema do desenvolvimento humano – em especial na adolescência – para identificar quais são as necessidades e questionamentos levantados nessa fase da vida, a fim de que tal processo tenha relevância para o aluno e não seja somente um

"projeto fumaça" com fotos em um suposto relatório que apenas mascara a realidade e agrada a administração eclesiástica. É vital que haja estratégias de discipulado relevantes para o público-alvo, a fim de aprimorar o legado e a multiplicação na vida dos envolvidos.

ENTENDENDO AQUELES QUE PARECEM SER INCOMPREENDIDOS

A adolescência é como reformar uma casa sem sair dela. O corpo infantil precisa ser transformado em um adulto (Valenço; Oliveira, 2014, p. 10). Tal transformação gera grande indefinição, que é demonstrada de forma aterrorizante pelo próprio corpo e intensificada pelos mais velhos que tratam o adolescente como criança e como adulto ao mesmo tempo (Schlögl, 2009, p. 52). Com a angústia de não saber quem realmente é, a amizade se torna tão fundamental para o adolescente quanto é para o humano beber água. Sua identidade está nas mãos do grupo ao qual pertence, portanto, por lealdade a ele, o adolescente é capaz de abandonar seus princípios para satisfazer a necessidade de pertencimento, pois ser rejeitado é motivo de grande luto (Valenço; Oliveira, 2014, p. 10–15).

Essa fase também pode ser comparada a uma montanha-russa, cheia de altos e baixos nas emoções, desejos e novos conceitos (Schlögl, 2009, p. 53). Com o amadurecimento do cérebro, o pensamento abstrato torna o juvenil capaz de imaginar e refletir situações além das que vive e, nesse contexto, começa a questionar ou sugerir novas ideias ou comportamentos para seu lar, escola e igreja. Isso não quer dizer, necessariamente, que a fé do adolescente está em risco, mas que ele está usando sua capacidade cognitiva para pensar sobre ela. Isso é saudável e positivo, pois refletir sobre a própria fé é fundamental para o crescimento (Downs, 2001, p. 107–108). No período que antecede a vida adulta, é necessário que o adolescente tenha a própria crença, que não seja somente uma que herdou de seus pais. Infelizmente, existem também adolescentes que negam a crença da família, dizendo até serem ateus. Por detrás desse posicionamento há o anseio de autonomia e a busca de identidade (Schlögl, 2009, p. 47).

Durante toda a infância, pais, professores, igrejas e mídias ensinaram princípios, crenças e valores. A adolescência é quando o indivíduo "tira tudo isso da mochila" e, afastando-se um pouco dos pais, avalia se esses mesmos princípios estão presentes na vida de quem ele escolheu como referência – alguém de seu núcleo relacional ou da mídia (Valenço; Oliveira, 2014, p. 11). Além disso, os adolescentes também são imediatistas e desejam viver tudo de forma intensa, podendo correr perigo sem imaginar as consequências de sua exposição nas redes sociais, no uso de drogas, álcool, pornografia e no sexo precoce, irresponsável e fora do matrimônio (Valenço; Oliveira, 2014, p. 11; Schlögl, 2009, p. 53).

O CASAMENTO DA COSMOVISÃO COM O CONTEXTO

Deve haver um casamento entre as características da educação redentora e discipuladora com as da adolescência – uma união entre a cosmovisão e o contexto – para que então nasça um programa efetivo de discipulado escolar que leve em consideração os seguintes aspectos:

- A educação adventista tem o chamado de compartilhar uma religião que transforma – muitos dos grandes opositores do cristianismo declararam guerra não porque lhes foi negada a oportunidade de serem ensinados, mas porque esse conhecimento foi apenas conteudista. Talvez tenha alcançado a mente, mas não o coração. Os servidores adventistas não devem se contentar em transmitir informações sobre religião, mas estar preocupados com que seus alunos desenvolvam um relacionamento salvífico com Deus e se tornem missionários independentemente de onde estiverem (Knight, 2010, p. 169–173);
- Base bíblica inegociável – o perigo oposto reside em focar exclusivamente na experiência religiosa, visto que esta não pode acontecer no vácuo. É o estudo da Bíblia que valida a correta experiência, e o centro desse movimento deve ser a Palavra de Deus – não shows de fé vazia nem a frieza da robotização das práticas religiosas (Knight, 2010, p. 169–173; Downs, 2001, p. 69–80);

- Grupo de pertencimento adventista – promover a amizade em um ambiente de aceitação é fundamental para que os adolescentes não adventistas se identifiquem com o grupo e desejem participar da denominação (Valenço; Oliveira, 2014, p. 11);
- Liderança adulta – por mais que o programa de discipulado esteja no conceito de rede, quando alunos influenciam e ganham seus colegas da escola para Cristo, faz-se necessária a presença de adultos que sejam gestores, mentores, modelos e inspirações. Esses precisam amar seus adolescentes e administrar atitudes que valorizem um relacionamento crescente de confiança mútua (White, 1975, p. 456–457; Kelly, 2016; Confederação, 2015, p. 64–66; Hendricks, 1991, p. 15, 26, 27 e 36). Devem ser semelhantes a Cristo, que não apenas comunicava a mensagem, mas era, ele mesmo, a própria mensagem, ao demonstrar interesse real, atenção, amor e afeto – alguém próximo, sociável, sem perder a postura de líder (Gangel; Hendriks, 2000, p. 296–298; Gross; Gross, 2013, p. 89–90);
- O plano deve ser executável no contexto escolar – o pastor escolar deve construir os sonhos da pastoral junto com a equipe administrativa da escola. Ao buscar envolvê-la em seus planos, ganha apoio e envolvimento, pois uma escola funciona de tal maneira que, mesmo se distinguindo por adotar uma política confessional, tem uma rotina semelhante a outras unidades escolares públicas e privadas – como horário de aulas, planejamento, busca da qualidade pedagógica, ligações com o Núcleo Regional de Educação e outros. O programa de discipulado não deve ser desconectado dessa realidade, de modo que comprometa a rotina escolar, antes deve ser um valoroso adendo que a permeie (Menslin, 2012, p. 119–121). É isso que muitas igrejas tradicionais com uma administração eclesiástica já existente têm enfrentado para abraçar o discipulado. É preciso lembrar também que, mesmo em um contexto de domínio romano e de desavenças religiosas entre os judeus, na Palestina do primeiro século, Cristo colocou em prática o Seu discipulado e o mundo não foi mais o mesmo (Ferguson; Bird, 2018, p. 89–94, 29–34).

Se os adolescentes precisam tanto pertencer a um grupo com exemplos maduros e um norte para sua identidade, ter uma estratégia discipuladora para que alunos se envolvam ativamente nas atividades da pastoral do colégio – com ações criativas dentro e fora da escola – atende o que essa geração carece. Nesse modelo, a pergunta ideal não é o que o pastor escolar deve fazer para salvar seus alunos, mas como seus alunos podem salvar outros? Isso é o discipulado: uma forma de legado que sai da influência linear para a exponencial (Suárez, 2013, p. 187–189). Sendo assim, quais seriam as estratégias de discipulado em rede para alunos do ensino médio nos colégios adventistas?

ESTRATÉGIAS DE DISCIPULADO EM REDE NO CONTEXTO DE ENSINO MÉDIO NA EDUCAÇÃO ADVENTISTA

Mateus 9:35 apresenta o grande alcance do ministério de Jesus. O Messias ministrava três ações especiais: ensino, pregação e cura em todas as cidades e povoados. Porém, logo no verso seguinte, apresenta-se a percepção do próprio Cristo ao ver as multidões e compadecer-Se delas. Ele as enxergou como "aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor" (Mt 9:36). Por que o ministério tão abrangente e intenso do próprio Deus encarnado não parecia ser suficiente para alcançar as multidões? Simplesmente porque Ele, na forma humana, estava restrito e havia chegado o momento de Se multiplicar por meio da ação do Espírito Santo em Seus discípulos e assim iniciar a organização da igreja, Sua representante na Terra (White, 2016, p. 389 e 167).

Em Marcos 3:13–14, diz-se que, apesar de Jesus ter muitos seguidores, Ele seguiu três etapas para executar o discipulado com um grupo menor. Então, pelo poder do Espírito Santo por meio desse grupo, a obra multiplicou-se e assim (Ferguson; Bird, 2018).

O primeiro verso apresenta Jesus escolhendo quem seriam os doze. Esse pequeno grupo foi chamado de apóstolos e, no verso 14, são apresentadas as ações que esse grupo desenvolveria: "estariam com Ele" e seriam "enviados para pregar".

Refletindo sobre isso, é fundamental entender que Jesus não tinha um "plano B". O único plano do Mestre foi o discipulado. E diante de tantas definições

que esse termo possa abranger, nesses versos bíblicos é fácil dividir o processo em duas ações aparentemente contraditórias: o de permanecer e o de ser enviado. No primeiro momento, os discípulos estavam diariamente com Jesus e, ao observar, acompanhar e auxiliar o Mestre, aprendiam como ensinar, pregar, curar e amar (Koh, 2020, p. 191). No segundo momento, quando mais maduros, deveriam continuar seu desenvolvimento ao exercer maior desafio, que lhes dava a liberdade de executar o que haviam aprendido com o Mestre. Jesus os enviou, de dois em dois, em um ministério de compaixão e serviço guiado pelo Espírito Santo (Knight, 2017, p. 90–93).

Se a primeira atitude de Jesus foi selecionar Seu grupo base, os duas etapas seguintes podem ser identificadas como formar e enviar; com essa sequência, houve a multiplicação. Tal multiplicação teve um impacto ainda maior em algumas regiões da Palestina. Depois de algum tempo, foi possível, com o auxílio em rede dos primeiros doze, selecionar um grupo maior de 70 (Lc 10:1–12 e 17–20), formado e enviado para que "O precedessem em cada cidade e lugar aonde Ele estava para ir" (Lc 10:1) (Koh, 2020, p. 194).

Realizando a aplicação do modelo de Cristo no contexto da pastoral escolar adventista, anteriormente chamada de capelania, a primeira etapa – selecionar – já deveria ser assumida pelo pastor escolar (PE), que deve ter em mente:

- Mentalidade de multiplicação – desde o início, o PE precisa compreender que é impossível realizar o trabalho sozinho e que foi chamado para deixar um legado na vida daqueles a quem pode delegar propósito (Mt 9:37–38) (Ferguson; Bird, 2018, p. 84–94);
- Orar, jejuar, conviver, observar e escolher – não é possível iniciar um movimento com uma multidão; é preciso escolher um grupo base (GB) de alunos que serão discipulados diretamente pelo PE. Esses tomarão parte na liderança e construirão o planejamento e a execução das atividades da pastoral dentro e fora da unidade escolar. O texto de Lucas 6:12–13 diz que Cristo Se retirou em oração para tomar a decisão de quais seriam os Seus apóstolos. É mediante oração, jejum, convivência e observação que o PE terá segurança quanto àqueles que poderão formar o GB da pastoral escolar

(Suárez, 2013, p. 24). A escolha precisa ser específica, tal como em Marcos 3:13, diz: "Jesus [...] chamou os que Ele quis". Se não houver especificidade dos alunos líderes, a efetividade do trabalho e o alcance multiplicador serão comprometidos (Ferguson; Bird, 2018, p. 103);

- Para escolher quais alunos farão parte do GB, o PE deverá refletir sobre algumas perguntas: qual deve ser o ano escolar dos alunos líderes? Será melhor ter representantes de várias turmas? Se assim for, esse grupo conseguiria um bom convívio entre eles? Se forem escolhidos apenas formandos, haverá tempo suficiente para substituir a liderança em menos de um ano? Quantos adventistas farão parte do Grupo Base? Como outros professores e servidores podem ajudar nesse processo?

O primeiro passo (selecionar) envolve diálogos que demonstrem o interesse real do PE em conhecer seu aluno, sem pressa. Quando ele pergunta sobre a história de vida do adolescente e demonstra interesse em ouvi-la, uma conexão profunda acontece, contrastando com uma sociedade frenética e vazia (Bauman, 1999). Esse diálogo pode ocorrer durante uma refeição ou resultar em uma. Afinal, o ato de comer é mais do que alimentar-se – envolve compartilhamento de cultura. As festividades são comemoradas com comida e o compartilhamento da mesa aprofunda o relacionamento dos envolvidos. Não foi sem propósito que Jesus usou as refeições para alcançar muitos perdidos; tanto utilizou esse meio que foi acusado por seus inimigos de "glutão" (Lc 7:34) (Titus, 2013).

Ao analisar a segunda etapa (formar), percebe-se que Cristo investiu um tempo considerável na formação dos doze (Koh, 2020, p. 192). Nesse nível, que compreende o segundo passo, faz-se necessário um relacionamento crescente entre o PE e seus líderes, pois vínculos sem dedicação de tempo se rompem (Taporosky, 2019, p. 32–33). Já o terceiro passo da formação envolve gerar conexão por meio do serviço desinteressado (Gross; Gross, 2013; Santos, 2020). Assim, os alunos com quem o PE está construindo o Grupo Base devem se reunir para realizar ações que impactem a comunidade interna e externa do colégio. Exemplos de ações internas são iniciativas em aulas de

ensino religioso, capelas e classes bíblicas. As externas envolvem missões urbanas, Missão Calebe, visitações e homenagens a servidores (Menslin, 2012; Koh, 2020).

Nesses passos iniciais da formação, destaca-se a técnica "EVEV" para ajudar os adolescentes a compreenderem seus dons. Trata-se da frase "Eu Vejo Em Você...", uma forma de apontar as qualidades que o PE enxerga no aluno e como isso poderia ser usado como potencial (Ferguson; Bird, 2018). Um exemplo seria uma aluna com facilidade para lidar com crianças; ao ter isso reforçado, ela entenderia seu dom e seria incentivada a cumprir seu propósito nessa área.

No quarto passo da formação, o PE continua gerindo a pastoral, porém permite que seu GB participe do planejamento e execução dos planos espirituais da escola. Para esta fase, destacam-se as "5 etapas do aprendizado" (Ferguson; Bird, 2018), as quais permitem mais autonomia e protagonismo aos alunos (White, 2016), ajudando-os a amadurecerem o papel que desempenharão na sociedade (Valenço; Oliveira, 2014). Esta etapa de formação culmina com o nascimento de um Pequeno Grupo para os integrantes do Grupo Base – um encontro semanal para estudo bíblico, oração, confraternização, refeição e avaliação de projetos (Taporosky, 2019; Santos, 2020).

Na terceira etapa (enviar), inicia-se um programa em que o GB envolverá outros alunos (não adventistas ou afastados) nas atividades da pastoral. Usar um retiro espiritual ou "acampadentro" para impulsionar o lançamento dessa fase pode ser muito positivo. É necessário que o encontro use recursos como dinâmicas, músicas e testemunhos para transmitir a mensagem de que todos são chamados a ser uma influência intencional. Nesse momento, incentiva-se que os líderes escolham quem desejam alcançar e dar estudos bíblicos (Suárez, 2013b). O Pequeno Grupo torna-se, então, uma forma de avaliar como o GB está discipulando seus amigos, servindo de capacitação para dificuldades encontradas. É preciso esclarecer que esse evangelismo deve acontecer pela amizade, sem deixar de ser intencional (Ferguson; Bird, 2018).

Por fim, ocorre a quarta etapa (multiplicar) quando os alunos que são alvo dos líderes tomam sua decisão ao lado de Cristo. Projetos como a Missão Calebe ou viagens missionárias podem potencializar o amadurecimento da fé

e a decisão pelo batismo dos novatos (Koh, 2020). A partir desse momento, o GB aumenta e reinicia o processo: discipuladores antigos unem-se aos novos convertidos para alcançar novos alunos, reiniciando o ciclo de selecionar, formar, enviar e multiplicar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estatísticas mundiais da IASD apontam que a educação é o seu maior, mais longo e mais eficaz meio evangelístico. A igreja não seria a mesma sem o esforço intencional quanto a entrada e permanência das novas gerações em suas fileiras (Taylor, 2020).

Se tal departamento já traz resultados tão expressivos, imagine se os próprios alunos não apenas fossem pastoreados em um grande grupo, mas, a partir de um grupo pequeno, pudessem ser influenciados a desenvolver um relacionamento íntimo com Jesus, aprofundando-se nos hábitos espirituais e nas crenças fundamentais adventistas, descobrindo seus dons e usando-os para o serviço ao semelhante e para a evangelização de seus próprios amigos – sendo supervisionados por um pastor escolar que os ama, junto a um grupo de adolescentes com os quais se identificam. Tal contexto permitiria que as escolas adventistas tivessem um impacto ainda maior que o atual.

Para isso, é necessária uma releitura do trabalho do pastor escolar, que deve continuar cumprindo a rotina espiritual na escola, porém com a visão de multiplicar seus esforços por meio de uma rede de alunos, contribuindo ainda mais para a formação desses adolescentes. Visão, planejamento, paciência, intencionalidade e constante aperfeiçoamento são exigidos do pastor que implantar tais estratégias. No entanto, para que o PE exerça suas funções discipuladoras, a administração do campo e da escola deve desimpedir seu trabalho – equilibrando suas funções com as aulas semanais e não exigindo que ele cumpra funções que cabem ao pastor distrital –, para que ele tenha tempo suficiente para o projeto. Também é importante valorizar e contratar aqueles que tenham paixão pela educação e desejem fazer dela seu campo de ministério por longos anos. A rotatividade precoce dos pastores escolares

também é um impedimento ao sucesso de seu esforço, como apresentado neste trabalho.

É também necessário um coordenador regional que dê o apoio para que a visão apresentada seja compartilhada, construída, avaliada e aperfeiçoada entre os pastores. Tal coordenador também precisa ter ligação com os departamentais e presidentes do campo, além de experiência educacional.

Mesmo não havendo espaço para apresentar casos de sucesso de pastores escolares vocacionados – que também têm recebido apoio de suas administrações – neste trabalho, é importante mencionar as unidades escolares da região sul do Brasil que têm aplicado estratégias de discipulado em rede para alunos, em um projeto denominado "Minha Escola, Minha Igreja", e têm colhido bons resultados.

É importante lembrar que o discipulado não é optativo para o cristão, mas uma ordem do próprio Cristo. Por meio do Espírito Santo, um verdadeiro líder cristão multiplicará seus esforços por meio de seus discípulos. Tal visão promove renovação do significado do papel do pastor escolar, cumpre o propósito da existência da educação adventista no contexto da proximidade do retorno de Cristo e fomenta o surgimento de líderes que tem uma comunhão crescente com Deus, um relacionamento saudável de apoio mútuo, bem como a consciência e a capacitação para cumprir a missão.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

CONFEDERAÇÃO DAS UNIÕES BRASILEIRAS DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Pedagogia adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

DOWNS, P. **Introdução à educação cristã:** ensino e crescimento. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.

FERGUSON, D.; BIRD, W. **Formador de heróis:** cinco práticas essenciais para líderes multiplicarem líderes. Brasília: Editora Palavra, 2018.

GANGEL, K.; HENDRIKS, H. **Manual de ensino para o educador cristão**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2000.

GROSS, R.; GROSS, J. **Filosofia da educação cristã:** uma abordagem adventista. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

HENDRICKS, H. **Ensinando para transformar vidas**. Venda Nova: Betânia, 1991.

KELLY, P. A theology of youth. **Journal for Baptist Theology and Ministry**, New Orleans, v. 13, n. 1, p. 3–19, spring 2016. Disponível em: https://www.nobts.edu/baptist-center-theology/journals/journals/JBTM_13-1_Spring_2016.pdf. Acessado em: 21 jul. 2022.

KNIGHT, G. **Mitos na educação adventista**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2010.

KNIGHT, G. **Educando para a eternidade**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

KNIGHT, G. **Filosofia e educação:** uma introdução da perspectiva cristã. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2007.

KOH, L. Intentional discipleship of children and teens. In: **General Conference Nurture And Retention Committee (org.).** Discipling, nurturing and reclaiming: nurture and retention summit. Silver Spring: Review and Herald Publishing Association, 2020.

MENSLIN, D. **O que esperam de mim na gestão escolar**. Curitiba: Editora MM, 2012.

SANTOS, G. Discipling, nurturing, and reclaiming. In: **General Conference Nurture and Retention Committee (org.).** Discipling, nurturing and reclaiming: nurture and retention summit. Silver Spring: Review and Herald Publishing Association, 2020.

SCHLÖGL, E. **Ensino religioso:** perspectivas para anos finais do ensino fundamental e para o ensino médio. Curitiba: Ibpex, 2009.

SUÁREZ, A. **Ensino que transforma**. Artur Nogueira: Paradigma, 2013.

SUÁREZ, A. **Nos passos do Mestre:** a essência do discipulado bíblico. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

TAPOROSKY, B. **Ferramentas para o líder de jovens:** discipulado eficaz. Curitiba: Editora Schütz, 2019.

TAYLOR, J. Joining and remaining: a look at the data on the role of Adventist Education. In: **General Conference Nurture and Retention Committee (org.).** Discipling, nurturing and reclaiming: nurture and retention summit. Silver Spring: Review and Herald Publishing Association, 2020.

TITUS, D. A experiência da mesa: o segredo para criar relacionamentos profundos. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.

VALENÇO, C.; OLIVEIRA, H. Entendendo a adolescência. In: SANTOS, S. (org.). **Curso de liderança do Ministério do Adolescente**. 2014. Disponível em: https://downloads.adventistas.org/pt/ministerio-do-adolescente/manuais-e-guias/nivel-1-apostila-curso-de-lideranca-adolescente/. Acessado em: 20 jul. 2022.

WHITE, E. **Educação:** um modelo de ensino integral. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

WHITE, E. **O Libertador:** o desejado de todas as nações na linguagem de hoje. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

WHITE, E. **Fundamentos da educação cristã**. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1975.

Seção IV

Cultura, linguagem e desafios contemporâneos

CAPÍTULO 32

32

Sexualidade e conduta cristã: como conversar com crianças e adolescentes sobre sexo

Francilene Fróes Prado Gonçalves

A educação sobre sexualidade para crianças e adolescentes ainda é um tabu no contexto da igreja atual. A despeito da abertura de espaço para discussão e da permissão para ouvir as novas gerações, o tema da sexualidade e a questão de gênero ainda encontra muito preconceito.

Segundo Cláudio Mann, no blog *Discutindo saúde mental e sexualidade infanto-juvenil: de pequenino é que se torce o pepino*?1, é preciso superar o mito de que a educação sobre sexualidade pode erotizar ou incentivar a iniciação sexual precoce nas crianças e adolescentes, conceito refutado pela Organização Mundial da Saúde (OMS, 2015). A OMS comprovou que, quanto mais informações de qualidade sobre sexualidade são disponibilizadas, mais tardiamente os adolescentes iniciam sua vida sexual, em contrapartida, a carência de informações favorece o início precoce.

Se falar sobre sexualidade entre adultos ainda gera grande desconforto e estigmas, como, então, abordar esse assunto com crianças e adolescentes? Qual o melhor momento e qual o papel dos pais e da igreja nesse contexto?

Este ensaio tem por objetivo orientar pais, professores e líderes eclesiásticos sobre a abordagem correta do tema da sexualidade para crianças e pré-adolescentes. A finalidade é promover uma educação sobre sexualidade verdadeira e completa dentro dos parâmetros religiosos, buscando diminuir preconceitos, abusos e a falta de conhecimento, para que as crianças tenham uma sexualidade saudável.

O QUE É SEXUALIDADE? AS FASES INICIAIS

Muitos pensam que a sexualidade se limita apenas ao ato sexual, contudo, envolve um conceito muito amplo de vivências, descobertas, consciência corporal, emoções e personalidade. De acordo com o dicionário, sexualidade é o "conjunto de caracteres externos e internos determinados pelo sexo de um indivíduo" (Dicionário online de português)[2]. Sendo assim, somos concebidos como seres sexuais e nossa formação deve ser pautada a partir do desenvolvimento da sexualidade.

[1] Ver: https://blog.cenatcursos.com.br/discutindo-saude-mental-sexualidade-infanto-juvenil/. Acessado em: 23 abr. 2026.
[2] Ver: https://www.dicio.com.br/sexualidade/. Acessado em 23 abr. 2026.

A INFÂNCIA

É preciso pensar na educação sexual da criança desde sua concepção, visto que a atmosfera de respeito e amor entre pais que exercem sua sexualidade entendendo que esta é um presente de Deus para os seres humanos terá grande influência na vida da criança. Pais que se amam e demonstram esse amor dão segurança emocional para os filhos. Entretanto, isso não é suficiente quando se fala em educação sexual. Os pais devem ter intencionalidade ao falar sobre o tema com seus filhos. Pode-se listar algumas ações efetivas:

1) É muito comum, por exemplo, que pais coloquem apelidos nos órgãos genitais de seus filhos. Essa é uma prática que atrapalha a seriedade com que a sexualidade deve ser tratada desde a tenra idade. Apelidos como "Piu-Piu" e "periquita" não devem ser usados. Da mesma forma que ensinamos os bebês o nome da mão, do nariz, do pé, devemos ensinar o nome correto das genitálias – pênis e vagina. Isso não deve ser motivo de constrangimentos ou piadas entre os adultos que estão educando.

2) Assim que a criança descobrir que é diferente da irmã ou irmão, é saudável apresentar e identificar os órgãos genitais. A curiosidade da criança não é erotizada, impura e nem imprópria; a maldade a respeito desse assunto, geralmente, está na cabeça dos responsáveis que não tiveram uma educação sexual adequada na infância.

3) Outra situação que muitos adultos não sabem como proceder ocorre quando as crianças, precocemente, manipulam suas genitálias. Elas fazem isso pela sensação de prazer. Entretanto, não é o momento de explicar o motivo desse estímulo. Sendo assim, quando isso acontecer, as crianças não devem ser repreendidas, mas distraídas com alguma brincadeira ou objeto, sem chamar a atenção para o fato. Falar sobre sexualidade gera desconforto e reações inapropriadas porque existem tabus, não na mente das crianças, mas dos adultos que as educam. Por isso, é extremamente importante que os pais, professores e líderes estudem sobre o assunto e separem tempo para educar as crianças de forma adequada.

4) É essencial também que, desde sua primeira infância, a criança saiba como as pessoas podem fazer carinho, onde podem ou não ser tocadas e

quem pode trocar suas roupas. Deve estar claro para elas que não se pode tirar as roupas em qualquer lugar ou na frente de qualquer pessoa. Ela deve ter clareza de que isso envolve sua intimidade e somente as pessoas indicadas pelos pais podem ter essa inciativa (avós, babás, professora etc.). Porém, é necessário alertar que a maioria dos abusadores infantis é composta por amigos próximos ou parentes das vítimas; são pessoas em que as crianças confiam e que, inicialmente, fazem carícias inapropriadas que elas não percebem constituírem abusos. Se as crianças fossem ensinadas desde cedo sobre quais partes do corpo podem ser tocadas, quem pode tocá-las, quem pode dar banho ou trocar suas roupas, certamente elas falariam quando alguém avançasse o sinal ou fizesse um toque onde sabem que não devem ser tocadas. Por isso, vale repetir que a informação protege e não erotiza a criança.

5) Quando em suas brincadeiras infantis tirarem a roupa de bonecos, brincarem de médico ou outra brincadeira que na mente dos adultos são de cunho sexual, a criança não deve ser repreendida, mas ensinada de forma correta a brincar. A saber, pode sentar-se ao lado dela e dizer: "Nossa, essa boneca vai sentir frio, vamos colocar a roupa de volta?". Isso ajudará a criança a entender que a roupa protege, sem estimular sua curiosidade sexual prematuramente.

6) Músicas com letras sobre intimidade e sexo, assim como vídeos com danças erotizadas são um estímulo para a sexualidade precoce. Pesquisas apontam que crianças expostas a esse tipo de conteúdo entram na puberdade mais cedo. A alimentação e estilo de vida também exercem influência; meninas que estão acima do peso, por exemplo, entram na puberdade precocemente. Sendo assim, cuidar da saúde física, emocional e espiritual é cuidar da sexualidade, pois estão interligadas. Portanto, quando se pergunta quando devo falar sobre sexualidade para meu filho, a resposta é: sempre!

PRÉ-ADOLESCÊNCIA E ADOLESCÊNCIA

A palavra "adolescência" tem origem no latim, sua etimologia advém de: *ad* "para" e *olescere*, "crescer". Dessa forma, adolescência significa literalmente "para crescer". O conceito de adolescência não engloba apenas transformações físicas, mas também todo o processo de mudança e adaptação psicológica,

familiar e social. Por isso, as crianças precisam ser acolhidas e ensinadas sobre essas transformações antecipadamente, a fim de não serem surpreendidas e para que essa fase aconteça sem transtornos. O ideal é que sejam ensinadas por seus progenitores do mesmo sexo: pais ensinam os filhos e mães ensinam as filhas. Na ausência de um dos genitores, a responsabilidade da educação sexual cabe ao responsável que detém o cuidado da criança.

A educação sexual na pré-adolescência, entre outras coisas, envolve: 1) o ato de ensinar sobre a aceitação das mudanças físicas do corpo na puberdade; 2) falar sobre higiene corporal (hormônios causam odores fortes nessa fase); 3) mostrar os cuidados no período menstrual; 4) ensinar a higiene das genitálias; 5) e a depilação (para meninas e meninos).

Além disso, é preciso entender as múltiplas emoções que esse momento causa nos adolescentes. Isso fará com que o adulto tenha mais paciência e empatia para dar o suporte adequado nessa fase delicada. Os adolescentes não são difíceis, embora passem por grandes alterações em todos os aspectos da vida. As emoções são afetadas e mudanças de humor repentinas podem ocorrer. Dessa forma, precisam de espaço e solitude para organizar os pensamentos e entender seus sentimentos.

Ainda em relação à sexualidade, devemos apresentar respostas às perguntas feitas com a verdade. Sem responder a mais do que se precisa saber para a idade. A dica é: quando for questionado, pergunte de volta: "Onde você ouviu isso?" "Quem te falou?". É importante saber a origem do questionamento para que a resposta satisfaça apenas a curiosidade, evitando demonstrar constrangimento.

No entanto, quando não há o questionamento, a iniciativa deve partir dos pais. Deve-se tratar o tema com respeito, escolhendo o melhor ambiente para falar do assunto. Hoje, no Brasil, pré-adolescentes aprendem sobre sexualidade na escola com aproximadamente dez anos (5º ano do Ensino Fundamental). Esse, portanto, seria o momento adequado para falar quando não há o questionamento anterior. Isso é importante porque os laços familiares trazem segurança, a confiança é construída e o relacionamento é fortalecido. Na fase seguinte, a adolescência, reitera-se que os adolescentes que conversam sobre

sexo com irmãos mais velhos ou com os pais estão mais propensos a assumir posturas positivas em relação às práticas de sexo seguro (Kowal e Pike, 2004).

Muitos adolescentes, infelizmente, obtêm o conhecimento sobre sexualidade por intermédio dos meios de comunicação, os quais apresentam uma visão distorcida da atividade sexual, associando-a à diversão, à excitação, à competição, ao perigo ou à violência, raramente mostrando os riscos das relações sexuais desprotegidas. Os adolescentes expostos a conteúdo televisivo altamente sexual são mais predispostos à pornografia e à masturbação, aumentando o risco de envolvimento sexual e gravidez precoce.

Em vista disso, a consciência da sexualidade é um aspecto importante na formação da identidade pois afeta profundamente a autoimagem e os relacionamentos. Pais e líderes de adolescentes devem buscar espaço para diálogos abertos, visando informar e educar intencionalmente os adolescentes sobre sexualidade. Livros de autores cristãos também podem ajudar no processo de aprendizagem.

A QUESTÃO DE GÊNERO

A questão de gênero é outra vertente da sexualidade que precisa ser tratada com seriedade, pois tem alcançado grandes proporções de discussão entre as novas gerações. Nossos adolescentes e jovens são bombardeados pelos amigos, escola e pelos diversos meios de comunicação sobre esse tema. A pressão do grupo é relevante e pode levar jovens sexualmente instáveis a fazerem escolhas homossexuais simplesmente porque se tornou comum. Por isso, a conversa franca e informações relevantes são um meio de proteção para o desenvolvimento sexual saudável.

Pesquisas apontam causas multifatoriais para a homossexualidade. Existem artigos que mostram influências genéticas, embora outros estudos sugiram que a influência preponderante para a orientação homossexual seria o ambiente. Pessoas muito sensíveis, que sofreram bullying na infância e foram excluídas de grupos do mesmo gênero, têm maior probabilidade de se tornarem homossexuais. Abusos e famílias disfuncionais também aumentam essa probabilidade. Esses fatores causam uma “ferida de gênero”

levando à busca por conforto, aceitação e proteção, o que encontram no relacionamento homoafetivo.

Todos têm livre-arbítrio para definir sua opção sexual, no entanto, podemos contribuir no processo de escolha. Como baliza normativa da orientação sexual e da conduta de gênero, a Bíblia reconhece a homossexualidade como uma prática pecaminosa:

- "Não se deite com um homem como quem se deita com uma mulher; é repugnante" (Lv 18:22);
- "Se um homem se deitar com outro homem como quem se deita com uma mulher, ambos praticaram um ato repugnante" (Lv 20:13);
- "Da mesma forma, os homens também abandonaram as relações naturais com as mulheres e se inflamaram de paixão uns pelos outros. Começaram a cometer atos indecentes, homens com homens, e receberam em si mesmos o castigo merecido pela sua perversão" (Rm 1:27).

Precisamos conduzir as crianças e os adolescentes com orientações práticas e diálogos abertos, a fim de que sejam instruídos sob o escudo dos princípios bíblicos. Observe, a seguir, quatro posturas cristãs dos pais e responsáveis:

1. Ore desde a concepção pela sexualidade saudável de seu filho(a);
2. Ensine sobre Cristo e a fidelidade a Deus. Existem pessoas que, embora tenham tendências homoafetivas, não praticam a homossexualidade, pois buscam uma vida de santidade;
3. Cuide para que a criança não sofra abusos físicos ou emocionais;
4. Converse abertamente sobre o assunto da sexualidade.

A ciência não apresenta nada conclusivo sobre causa ou "cura" para a homossexualidade. Contudo, entendemos, pela Escritura, que o coração é enganoso. Todos somos pecadores, mas nenhum pecado é grande demais que Deus não possa perdoar. Ele é capaz de operar milagres; sua misericórdia e

graça são infinitas. Por isso, precisamos ter um olhar de amor para famílias e pessoas que enfrentam essa situação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entende-se que a sexualidade envolve toda a vivência em relação ao sexo e às relações afetivas ligadas a ela, sendo multideterminada. A escola e os profissionais que formam as crianças e adolescentes estão permeados por valores, ideologias e concepções vindas das relações culturais e informações da mídia. Os menores também carregam informações recebidas da família, religião, amigos e dos diversos meios midiáticos que acessam. Por isso, há a necessidade de orientação efetiva sobre a sexualidade. Deve-se ajudar as crianças e adolescentes a entender e processar seus sentimentos e descobertas, de forma que busquem escolher intencionalmente ter uma vida sexual nos parâmetros da Bíblia.

Não podemos, em algumas páginas, esgotar o assunto da sexualidade. O tema é amplo e suas diversas vertentes não podem ser expostas em poucas palavras. Como pais e líderes, não podemos fechar os olhos diante da exploração e pressão cultural à qual a sexualidade expõe nossas crianças e adolescentes. Precisamos ficar atentos, despir-nos de nossos preconceitos e buscar não apenas informar, mas cuidar desse aspecto, que tem sido alvo de muita pressão social e distorções por parte do mundo em que estamos inseridos.

REFERÊNCIAS

Organização Mundial da Saúde. **Saúde sexual e reprodutiva**. 2015. Disponível em: <https://www.who.int/es/teams/sexual-and-reproductive-health-and-research-(srhr)>. Acesso em: 4 ago. 2022.

CAPÍTULO 33

33

Identidade de gênero: a preparação do líder de juvenis

Noemí Albornoz e
Lidia Graciela Schneider

Ao longo de nossa experiência como líderes de campo, tivemos a oportunidade de visitar diversas igrejas e, em numerosas ocasiões, conhecemos adolescentes batizados da classe de juvenis (idades entre treze e dezesseis anos) que se identificam com o sexo oposto. Também conhecemos pais e líderes profundamente preocupados, que anseiam saber como podem instruir seus filhos a tomarem decisões que estejam em harmonia com os princípios cristãos.

Nesse contexto, surge a pergunta: nossos líderes na Argentina, que trabalham semanalmente com adolescentes, estão capacitados para lidar com as situações relacionadas aos conflitos de identidade de gênero entre seus liderados? Que ferramentas podem ser fornecidas a fim de aumentar os recursos que já possuem?

Sabemos que, em geral, as classes de escola sabatina são lideradas por voluntários que, frequentemente, carecem de formação pedagógica ou psicológica formal e enfrentam uma considerável lacuna geracional. Apesar disso, esses voluntários dedicam seu tempo, recursos e esforço, com o sincero desejo de guiar os adolescentes no caminho da salvação. No entanto, reconhecemos a necessidade urgente de fornecer-lhes recursos e conhecimentos que os capacitem para enfrentar situações tão complexas quanto as relacionadas à identidade de gênero na atualidade.

Este trabalho não tem como objetivo analisar as causas que levam os adolescentes a ter uma identidade diferente de seu sexo biológico, antes, intentamos analisar, através de um estudo de campo, o nível de conhecimento dos líderes que trabalham com adolescentes em nossas igrejas em relação à identidade de gênero e, a partir daí, oferecer-lhes ferramentas que lhes permitam estar melhor preparados para enfrentar essas situações de maneira adequada.

CONCEITOS

A identidade é uma construção, um processo de formação que dura toda a vida, que se forma com o ambiente, nossas vivências e experiências, que se misturam para formar quem somos, como o menciona Paulo: “Estou convencido de que aquele que começou a boa obra em vocês há de completa-la até o

dia de Cristo Jesus" (Fp 1:6).[1] Nos últimos anos o debate sobre a identidade de gênero se intensificou e tentou até envolver a educação e a igreja na polêmica, gerando controvérsia no papel de cada um perante a sociedade.

A ciência é muito clara ao definir o sexo como masculino e feminino, determinado pela genética e pelos traços físicos de cada pessoa. A identidade de gênero alude aos sentimentos ou pensamentos de uma pessoa a respeito de como ela se identifica com um gênero em particular, que pode ser diferente da identidade sexual. É uma construção social e cultural, que não está exclusivamente ligada ao sexo com o qual a pessoa nasce, mas que é o resultado de normas, papéis e expectativas que podem variar. A identidade sexual define o papel de cada sujeito na sociedade. O ambiente, cada história e cada vivência exercem uma grande influência no desenvolvimento da identidade, gerando um impacto que formará a personalidade, "A identidade de gênero é a vivência que cada indivíduo tem de si mesmo e de sua conduta; como se percebe, como se vê, como se sente com o que é" (Borghetti, 2023, p. 35).

Sobre esse assunto, é importante diferenciar os termos "identidade de gênero" de "disforia de gênero". O *Manual diagnóstico e estatístico dos transtornos mentais* (2014) compreende a identidade de gênero como uma faceta da identidade social, manifestando-se na forma como o indivíduo se reconhece – seja no espectro masculino, feminino ou em categorias alternativas. Diferente disso, a disforia de gênero caracteriza-se por um descompasso afetivo ou cognitivo em relação ao gênero imposto no nascimento, adquirindo um caráter mais restrito quando aplicada como parâmetro de diagnóstico clínico.

Para diagnosticar a disforia de gênero é necessário haver uma incongruência entre o sexo biológico e aquele ao qual a pessoa sente que pertence, por um mínimo de seis meses; a disforia também está associada a uma instabilidade em áreas importantes da vida, como a social, escolar, a relacional etc.

Existem certas normas sociais que variam entre países e culturas, e que, frequentemente, estão associadas ao sexo. Por exemplo, bonecas são consideradas um brinquedo para meninas, enquanto certos trabalhos são exclusivos para os homens. Além disso, cores como o azul-celeste são frequentemente

[1] Salvo indicação contrária, todos os textos bíblicos são da Nova Versão Internacional.

associadas aos homens, enquanto o rosa é mais tradicional das meninas. A ideologia de gênero desafia essas "crenças" afirmando que nenhuma delas define verdadeiramente o gênero de uma pessoa.

Embora existam os gêneros "padrão", muitos expoentes da ideologia de gênero afirmam que não se trata de sexos fixos, cada um pode escolher o papel que quiser. Os que propõem essa ideologia querem afirmar que o gênero não se define pelas diferenças anatômicas, mas que corresponde à maneira de ser, sentir e agir, que são produto da cultura e da época.

Essa ideologia busca impor uma aparente "libertação total" do ser humano através da desconstrução da linguagem, das relações familiares, da reprodução, da sexualidade, da educação, da religião, da cultura, da família e, podemos acrescentar, do desígnio divino e de Cristo (Borghetti, 2023). Dentro da desconstrução da educação, os defensores dessa ideologia tentam forçar as escolas a acrescentar o ensino desse conceito no plano escolar.

É importante deixar claro a diferença entre "ideologia de gênero", que tem a ver com o modo como o indivíduo enxerga a si mesmo, enquanto a "orientação sexual", refere-se à atração romântica ou sexual por pessoas do mesmo sexo, sem quaisquer implicações a respeito da identidade de gênero.

POSTURA OFICIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

A declaração oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia sobre a transexualidade, apresenta dez princípios bíblicos referentes à sexualidade. Embora esse tema não seja desenvolvido aqui, os princípios desdobrados nessa declaração são pertinentes ao tema presente. Além disso, os princípios apresentam uma maneira de se relacionar com as pessoas que atravessa a disforia de gênero:

- 1º princípio: baseados no relato da criação do homem, a Bíblia une de forma inseparável o gênero com o sexo biológico (Gn 1:27; 2:22–24);
- 2º princípio: o ser humano foi criado como um ser integral sem dicotomia entre a mente e o corpo. Ao longo de toda a Bíblia o homem é mencionado como uma "alma": um corpo, carne e espírito, sem distinção entre um e outro (Ez 18:4; Rm 12:1 e 2; 1Pe 1:24; 1Jo 4:1–3);

- 3º princípio: a queda do primeiro casal levou a uma separação do Criador (Gn 3:6–19); e as faculdades do ser humano (mentais, físicas e emocionais) perderam seu estado original, não sendo, portanto, indicadores absolutos para definir o correto ou incorreto (Jr 17:9). Como ser caído, o ser humano precisa se reger pelos princípios divinos estabelecidos na Bíblia (Rm 12:2);
- 4º princípio: disforia de gênero, atração pelo mesmo sexo e comportamentos similares não são consideradas em si um ato pecaminoso;
- 5º princípio: indivíduos que declarem uma identidade de gênero diferente do seu sexo biológico podem ser membros da igreja contanto que vivam de acordo com os princípios bíblicos quanto à sexualidade e ao matrimônio (Rm 1:21, 1Co 6:9,10);
- 6º princípio: como seres integrais, a Bíblia não provê distinção entre o sexo biológico e identidade de gênero. As Sagradas Escrituras também exortam o ser humano a não realizar cirurgias de mudança de sexo, já que isso não gera uma transição completa de um gênero a outro;
- 7º princípio: a Bíblia nos exorta a amar a todos, pois somos criados à imagem de Deus, portanto, todos devem ser tratados com dignidade e respeito, incluindo homens e mulheres transgêneros (Mt 12:31);
- 8º princípio: a igreja, como comunidade de Jesus Cristo, deve ser um refúgio e um lugar de esperança para aqueles que estão confusos (Mt 12:20);
- 9º princípio: a Bíblia oferece o perdão de Deus para quem o deseje e tenha fé no Senhor, independentemente dos pecados cometidos (1Co 6:9–11);
- 10º princípio: todo pertencemos a Deus e somos chamados a honrá-lo com nossos corpos e com as decisões relacionadas ao estilo de vida (1Co 6:19). Aqueles que experimentam incongruência entre seu sexo biológico e sua identidade de gênero devem ser animados a refletir no plano original de Deus de pureza e fidelidade sexual.

IMPORTÂNCIA DO DEVIDO PREPARO DOS PROFESSORES E LÍDERES DE JUVENIS

É mais do que evidente que aqueles que lidam com indivíduos em fase de desenvolvimento (crianças e adolescentes) devem estar preparados para lidar

com as diferentes dificuldades que estes encontram nessa fase. Entretanto, temas relacionados à orientação sexual e identidade de gênero muitas vezes são considerados tabu ou muito polêmicos para justificar um debate aberto sobre eles. De modo que essa é uma questão sobre a qual os líderes e professores de juvenis estão excepcionalmente despreparados.

Esse fato, não obstante, já acarreta enorme desvantagem para a igreja, pois a mídia está excepcionalmente preparada; e, dentre os fatores que influenciam o processo de tomada de decisão dos adolescentes, esse é um dos principais. Os meios de comunicação (séries, animes, músicas, livros, jogos etc.) estão impregnados por um forte doutrinamento LGBT (Carrera, 2022). Embora todas as variáveis mencionadas exerçam sua devida influência, um fator merece destaque: a influência da publicidade e das celebridades.

As pesquisas demonstram que:

> Os adolescentes não têm escrúpulos em reconhecer que as pessoas famosas exercem diferentes níveis de influência em aspectos de suas vidas. Por exemplo, o estilo de roupa que usam, é influenciado pelo que propõem suas celebridades admiradas. Por outro lado, e de maneira particular, as meninas reconhecem que seus artistas as motivam a defender as causas sociais que promovem ou a seguir os estilos de vida que propõem (Cisterna Osorio, 2017, p. 340).

Em outra seção de seu estudo Cisterna Osorio afirma que nas marcas, nas publicidades e nas celebridades há fatores que influenciam, se relacionam e incidem na percepção que os adolescentes têm de si mesmos. Essa doutrinação não isenta os adolescentes da igreja simplesmente pelo fato de participarem de uma comunidade religiosa com crenças contrárias.

Na era da hiperconectividade, infelizmente, nossos adolescentes estão sujeitos ao mesmo nível de exposição que os demais. De modo que é necessário que seus líderes exerçam uma força de influência na direção correta.

Obviamente, um único indivíduo não é capaz de fazê-lo sozinho, precisando do apoio oferecido pelo ambiente da escola sabatina e os momentos de encontro amigáveis, como os pequenos grupos.

O "grupo" é de extrema importância para o desenvolvimento dos adolescentes (Ayestarán, 1987). Quando os adolescentes confiam em alguém, interagem com outros, se sentem seguros e não julgados, são capazes de expressar seus pensamentos, ideias e conflitos. Longe do ouvido dos pais, muitos se animam a dialogar de temas que, por diferentes motivos, não o fariam no contexto familiar.

Nesse ambiente seguro, em que o adolescente está simultaneamente mais confortável para se abrir e mais suscetível a ser positivamente influenciado, o líder tem a oportunidade de tratar de tais assuntos sensíveis. Entretanto, o líder deve estar bem-preparado para uma conversa de tal gravidade. Adolescentes tendem a questionar e precisam de fundamentos sólidos, por isso o líder deve ter argumentos bem fundamentos e embasados, e deve estar plenamente convencido de seu ensinamento.

É fundamental que o responsável pelos adolescentes e/ou juvenis conheça a postura da IASD, assim como o que a Bíblia diz a respeito da identidade de cada pessoa, reconhecendo que o corpo é templo do Espírito Santo e que somos criados à imagem de Deus, como seres integrais, sem separação entre corpo e mente. Também é importante que os líderes estejam se atualizem continuamente a respeito das diferentes ideologias que circulam na sociedade, pois os adolescentes estão expostos a muitas filosofias que, em muitas ocasiões, geram confusão. Para guiá-los adequadamente é importante entender essas ideias e analisá-las, comparando-as com os princípios bíblicos, promovendo diálogos abertos em ambientes seguros.

RESULTADOS

Para responder o questionamento inicial: a respeito do preparo de nossos líderes para ajudar os adolescentes em conflitos de identidade de gênero, foi realizada uma pesquisa com 100 líderes e professores da classe de juvenis

(adolescentes entre treze e dezesseis anos) de diferentes partes do território argentino, entre julho e agosto de 2024.

A princípio, foram feitas quatro perguntas:

Tabela 1

Pergunta	Sim	Não
Você conhece a postura da igreja a respeito da identidade de gênero?	92%	8%
Sabe a diferença entre homossexualidade, lesbianismo e AMS?	92%	8%
Como líder/professor de juvenis, você se sente preparado para lidar com um adolescente lhe diga que tem uma identidade de gênero diferente da de seu sexo biológico?	54 %	46%
Sabe se em sua classe de juvenis há algum adolescente que esteja enfrentando essa situação?	17 %	83%

Fonte: elaborado pelos autores.

Dias depois, foi enviada uma segunda pesquisa aos mesmos líderes. Esse questionário tinha duas perguntas complementares ao primeiro formulário:

Tabela 2

Pergunta	Sim	Não
Leu o último documento oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia referente à identidade de gênero?	10%	90%
Sabe qual é o significado da sigla AMS?	13%	87%

Fonte: elaborado pelos autores.

Como mostram os resultados, embora 90% dos líderes pesquisados assegurem ter conhecimento da postura oficial da igreja, apenas 10% leram o documento oficial referente ao tema. Ainda que não de maneira absoluta, é possível deduzir de análise desses números que aqueles que pensam conhecer a postura oficial da igreja não necessariamente leram, estudaram e/ou se aprofundaram sobre o tema. Com isso em mente, cabe o questionamento:

como poderá o líder oferecer um acompanhamento efetivo e correto à luz completa das escrituras se o seu conhecimento é parcial?

É também digno de observação o fato de que 92% dos líderes afirmaram conhecer a diferença entre lesbianismo, homossexualidade e AMS (atração pelo mesmo sexo), contudo, apenas 13% afirmaram que sabia o significado de AMS.

Como é esclarecido no documento oficial da igreja e nos conceitos desdobrados anteriormente, é de suma importância que os líderes compreendam a diferença entre a prática da homossexualidade e a atração pelo mesmo sexo. O adolescente pode estar lutando com uma tendência, tentação; mas essa condição não significa que esteja praticando o pecado. Entender essa postura é fundamental para oferecer ajuda.

Numa pesquisa realizada em Buenos Aires, com 836 adolescentes, os pesquisadores concluíram que 3,3 % deles se percebe com uma identidade de gênero diferente da de seu sexo de nascimento, e 26% teve uma identidade de gênero não heteronormativa (Eymann *et al.*, 2022). Esses números se refletem entre os jovens adventistas? Infelizmente, não é possível fornecer essa resposta neste trabalho. Apenas recapitula-se o dado de que 17 % dos líderes e professores de adolescentes afirmaram ter conhecimento de que em seu grupo de escola sabatina há adolescentes com uma identidade de gênero diferente da de seu nascimento ou que se encontram confusos a respeito de seu gênero.

RECOMENDAÇÕES PARA OS LÍDERES

COERÊNCIA DE LIDERANÇA

Durante a infância, a principal referência das crianças são seus pais, a quem sempre tentam imitar. No entanto, na adolescência, esses "heróis" perdem parte de sua influência, à medida que os adolescentes começam a buscar outras referências. Nessa etapa de desenvolvimento e formação da identidade, é fundamental que os líderes se tornem essa referência para eles, oferecendo um exemplo de retidão, vida consagrada e os princípios estabelecidos por Deus. White (2021, p. 350) sustenta que "A fim de convencer os outros acerca do poder da graça de Cristo, devemos ter experimentado o Seu poder em

nosso próprio coração e vida". Isso pode ser alcançado através de um viver autêntico, no qual o indivíduo experimenta a salvação de maneira real. De acordo com Ortiz (2017), o mentor espiritual deve ser um modelo digno de ser imitado, e deve levar uma vida de santidade, maturidade espiritual e sabedoria.

ESTUDO PESSOAL E PROFUNDO DA BÍBLIA

Para transmitir a Palavra de Deus de uma maneira verídica e segura, é importante que os líderes dediquem tempo ao estudo minucioso. É crucial que aqueles que trabalham com adolescentes tenham um conhecimento profundo da Bíblia, para compreender sua postura sobre a identidade humana e poder transmiti-la com convicção e clareza.

No pensamento de Ellen White, o compromisso de ensinar ou liderar exige que o sujeito vá além da aceitação acrítica de conclusões alheias. É imperativo que esses profissionais busquem uma compreensão direta e pessoal dos fatos, assumindo o protagonismo no estudo e na validação das verdades que transmitem. A autora destaca aqui a importância de não se conformar com aceitar o que outras pessoas afirmam, mas dedicar tempo ao estudo individual.

INTEGRANDO E INTERAGINDO COM OS ADOLESCENTES

A interação do adolescente com outros colegas que tenham interesses, crenças religiosas e ética similares, assim como moral alinhada com os ideais da família, favorece a adesão aos valores familiares. Ayestarán (1987) aponta que a família e os colegas são igualmente impactantes para consolidação de valores. E, contrário ao que possa parecer, essa influência mútua não é contraproducente. Longe de estabelecerem um conflito, as esferas de influência do adolescente tendem a se reforçar e se complementar reciprocamente. Segundo estudos de Keniston (1975), Offer, Marcus e Offer (1970) e Sugarman (1973) (apud Ayestarán, 1987), essa sintonia nos fins primordiais ocorre predominantemente quando há uma homogeneidade entre o grupo de pares e o contexto socioeconômico da família.

A IASD criou em 2018, um projeto chamado G148 *Teen*. Um dos objetivos desse projeto é desafiar os adolescentes a praticar corajosamente os princípios

bíblicos, desenvolvendo um poderoso estilo de vida de acordo com os valores cristãos. Através de encontros periódicos, como atividades em grupo, desafios que estimulam o crescimento e a superação, momentos de diálogo aberto e sincero, oferecendo oportunidades para o estudo profundo da Bíblia e o desenvolvimento pessoal, as bases *Teen* reforçam a identidade adventista, fornecendo um espaço para tratar do conceito bíblico a respeito da sexualidade do homem. De acordo com a manual, que apresenta o fundamento do projeto, a *BaseTeen* foi criada com o objetivo de "ter uma geração que assuma o caráter e a identidade de Deus." (Manual G148 Teen, 2023, p. 4)

Para alcançar esse objetivo, é essencial que o líder crie espaços de confiança em que o adolescente possa falar livremente sobre diversos temas, sem medo de ser questionado ou pressionado por seus pais e colegas. É uma etapa na qual é necessário trabalhar arduamente pela formação de uma identidade baseada na Bíblia.

CAPACITAÇÕES COM ESPECIALISTAS

É importante capacitar os líderes para que estejam preparados para receber adolescentes com questionamentos sobre sua identidade de gênero, ou que se percebam de um sexo diferente do biológico. É necessário que os líderes recebam material bibliográfico com conteúdo baseado na Bíblia, para que possam e oferecer aos seus liderados fundamentos sólidos, enriquecendo assim sua tarefa.

Nos momentos de capacitação, não deve faltar o estudo das características próprias da adolescência como parte do desenvolvimento do ser humano. Esse conhecimento e entendimento permitirá que o líder ofereça ao adolescente um acompanhamento mais empático e pertinente, adaptando seus enfoques para guiá-lo.

Ellen White, esclarece que, " Se tomais sobre vós a sagrada responsabilidade de ensinar a outros, assumis o dever de vos tornardes senhor de toda matéria que vos propondes ensinar" (White, 2021, p. 158). Essa advertência deixa uma grande responsabilidade sobre cada um dos líderes e mestres que trabalham com adolescentes semanalmente.

TRABALHO EM EQUIPE

Os líderes devem trabalhar em conjunto com a família, uma vez que esta têm maior responsabilidade na formação e instrução das crianças. Ellen White, afirma que os pais, além de cuidar dos princípios e hábitos de seus filhos, devem ser firmes no relacionamento deles com outras pessoas e na tomada de decisões:

> Não permitais que se associem com qualquer pessoa cujo caráter não conheçais bem. Não consintais que tomem intimidade antes que estejais certos de que isso não lhes fará mal. Acostumai vossos filhos a confiarem em vosso discernimento e experiência. Ensinai-lhes que vós tendes percepção mais clara do caráter, do que eles em sua inexperiência podem ter, e que vossas decisões não devem ser desatendidas (White, 2004, p. 417–418).

Após o trabalho com a família, a próxima instância deve ser a membresia da igreja, que deve colaborar na criação de espaços de confiança, vínculos saudáveis e, sobretudo, para que os adolescentes se sintam parte de uma família na fé cristã, sem julgamentos nem críticas.

A igreja adventista tem diferentes ministérios que podem ajudar os adolescentes e famílias que estão passando por uma situação delicada como a confusão a respeito da identidade de gênero ou orientação sexual. O Ministério de Amizades Verdadeiras, por exemplo, foi criado com o objetivo de acolher às famílias de crianças e adolescentes que sentem atração pelo mesmo sexo, para que tenham uma boa saúde mental, desenvolvendo amizades verdadeiras e vivendo uma vida em concordância com os preceitos de Deus, evitando a prática do pecado.

LISTA DE PROFISSIONAIS

Cada distrito, missão e associação tem profissionais de saúde em sua membresia: psicólogos, pastores, especialistas na área. Recomenda-se listar esses

profissionais para que os líderes possam buscar ajuda externa, saber até onde podem acompanhar os adolescentes e que lugares não lhes correspondem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma análise das respostas obtidas na pesquisa com os líderes e professores de adolescentes permite concluir que: embora 54 % dos líderes se considere capacitado para lidar com possíveis situações referentes à identidade de gênero, na escola sabatina ou nas bases *G148Teen*, ainda existe um número igualmente alto (46 %) que não compartilha essa percepção. Por outro lado, as últimas duas perguntas sugerem que os números reais possivelmente diferem. Os resultados mostram que nem todos os que acreditam estar preparados realmente estão.

A Bíblia ensina princípios claros sobre a sexualidade humana, porém, o fato de que 17% dos pesquisados afirma que em suas igrejas há adolescentes que não se identificam com seu sexo biológico, evidencia que os adolescentes adventistas não estão isentos das influências da sociedade na qual vivem.

É importante ressaltar que o trabalho de campo descartou diversas variáveis, que devem ser consideradas em futuras pesquisas. A saber, não foram contabilizados para este estudo o sexo, idade, região do país nem grau de instrução formal dos participantes. Essas perguntas oferecem informação valiosa para interpretar melhor os resultados e compreender mais a fundo as diferentes percepções e conhecimentos entre os líderes pesquisados e melhorar as estratégias de formação e apoio.

As ferramentas apresentadas para os líderes, embora não sejam inovadoras, aplicadas com intenção e constância, serão de grande ajuda na preparação da liderança, assim como no acolhimento de nossos adolescentes. A criação de espaços de amparo, estudo da Bíblia, relacionamento com outros jovens cristãos e fortalecimento da identidade adventista são a base para o trabalho com os adolescentes.

REFERÊNCIAS

AYESTARÁN, S. El grupo de pares y el desarrollo psicosocial del adolescente. **Estudio General**, p. 123–135, 1987. Disponível em: https://scholar.google.es/scholar?hl=es&as_sdt=0%2C5&q=El+-grupo+de+pares+y+el+desarrollo+psicosocial+del+adolescente.+Estudio+General%2C&btnG=. Acessado em: 16 abr. 2026.

BORGHETTI, E. **Identidade sexual e desenvolvimento de gênero, o que com certeza deve saber**. [S.l.: s.n.], 2023.

CALERO, A. D.; BARREYRO, J. P.; FORMOSO, J.; INJOQUE-RICLE, I. Inteligência emocional e necessidade de pertencimento ao grupo de pares durante a adolescência. **Subjetividade e Processos Cognitivos**, v. 22, n. 2, 2018. Disponível em: http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1852-73102018000200003&lng=es&tlng=es. Acessado em: 16 abr. 2026.

CARRERA, J. Disney "foi além do limite" em doutrinamento LGTB, admite funcionário homossexual da empresa. **Religión en Libertad**, 2022. Disponível em: https://www.religionenlibertad.com/polemicas/227502866/disney-adoctrinamiento-lgtb-empleado-homosexual-compania-.html. Acessado em: 16 abr. 2026.

CISTERNA OSORIO, R. E. **A influência do uso de celebridades na publicidade e o valor simbólico das marcas na construção de identidade em adolescentes.** Os casos do Chile e Equador. Barcelona: Universidade Autônoma de Barcelona, 2017. Disponível em: https://ddd.uab.cat/record/187344. Acessado em: 22 abr. 2026.

DECLARAÇÃO sobre transgênero. Igreja Adventista do Sétimo Dia. Disponível em: https://noticias.adventistas.org/es/noticia/personas/igreja-adventista-vota-declaracion-transgenero/. Acessado em 16 abr. 2026.

EYMANN, A.; BELLOMO, M.; KRAUSS, M.; SOTO PÉREZ, A.; CAISICARIS, C.; MNLLI, V. Exploração das percepções de gênero em adolescentes. **Arquivos Argentinos de Pediatria**, v. 120, n. 4, p. 1–10, 2022. Disponível em: https://dx.doi.org/10.5546/aap.2022.240. Acessado em: 16 abr. 2026.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DOS TRANSTORNOS MENTAIS: DSM-5. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MORA, J. Dez chaves para a comunicação da fé. **Scripta Theologica**, v. 44, n. 3, p. 739–749, 2012. Disponível em: https://doi.org/10.15581/006.44.1190. Acessado em: 16 abr. 2026.

ITURRIETA, P. **Preso no corpo errado**. [S.l.: s.n.], 2019.

SÁNCHEZ, T. Desenvolvimento da identidade de gênero a partir de uma perspectiva psico-socio-cultural: um percurso conceitual. **Interamerican Journal of Psychology**, v. 43, n. 2, p.

250–259, 2009. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/284/28412891006.pdf. Acessado em: 16 abr. 2026.

DE NÚÑEZ, C.; NÚÑEZ, M. **Revolução sexual: uma perspectiva bíblica e uma análise médica.** [S.l.: s.n.], 2018.

ORTIZ, F. **Cada joven necessita un mentor**. E625, 2017.

SIMS, A. Uma perspectiva bíblica sobre a identidade de gênero: um manual para pais. **Enfoque a la Familia**, junho 2021. Disponível em: https://www.enfoquealafamilia.com/crianza/una-perspectiva-biblica-sobre-la-identidad-transgenero-un-manual-para-padres-y-para-quienes-batallan/. Acessado em: 16 abr. 2026.

THE NEW ATLANTIS: **A Journal of Technology & Society**. n. 50, 2016.

UNIÓN ARGENTINA. **Manual G148 Teen**. [S.l.: s.n.], 2023.

WHITE, E. **A ciência do bom viver**. Ellen G. White Estate, inc., 2021.

WHITE, E. **Conselhos aos pais, professores e estudantes**. Ellen G. White Estate, inc., 2021.

WHITE, E. **Conselhos sobre a obra da Escola Sabatina**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, E. **O lar adventista**. Ellen G. White Estate, inc., 2004.

CAPÍTULO 34

34

Influência da mídia sobre o comportamento da sociedade e como isso influencia as novas gerações

Gustavo Menezes Delgado

As sociedades ocidentais da segunda metade do século 20 e primeiras décadas do século 21 têm experimentado transformações frequentes no que diz respeito a crenças e comportamentos. Essa mudança pode ser percebida em temas éticos ou comportamentais, como a prática do divórcio; a prática de relações sexuais antes do casamento; a atitude social em relação à homossexualidade; a participação das mulheres no mercado de trabalho, incluindo sua função e lugar na família; a liberalidade das drogas; etc. Temas que, até as grandes guerras mundiais, eram estabelecidos como tópicos sólidos e definidos, passaram a ganhar novos contornos e protagonizaram novas discussões.

A taxa de divórcios no Brasil, por exemplo, aumentou significativamente desde a década de 1960, refletindo mudanças sociais e legais. No início dos anos 60, o divórcio era proibido no Brasil, e só foi legalizado com a Emenda Constitucional de 1977. Desde então, o aumento da prática foi gradual, com crescimento ainda mais expressivo a partir dos anos 2000, especialmente com a criação do divórcio extrajudicial em 2007, que facilitou o processo para casais em separação consensual.

Em 2021 o Brasil registrou 386,8 mil divórcios, um aumento de 16,8% em relação ao ano anterior, e em 2022 o número chegou a 420 mil. Esse aumento acompanha a simplificação dos trâmites legais que, por sua vez, se deu por conta da maior aceitação social da separação. Isso contrasta em grande parte com as décadas anteriores, quando o divórcio era visto com muito mais estigma.

Como também citamos, a aceitação do sexo antes do casamento também cresceu. Também até a década de 1960, o sexo antes do casamento foi amplamente considerado um tabu em muitas sociedades, principalmente em culturas ocidentais com fortes influências religiosas.

No entanto, pesquisas mostram que atitudes em relação ao sexo pré-marital mudaram drasticamente ao longo do tempo. Em 2020, o *Pew Research* realizou um estudo que apresentou uma mudança significativa nas atitudes da sociedade em relação ao sexo antes do casamento. De acordo com a pesquisa, 65% dos estadunidenses consideravam aceitável o sexo entre adultos solteiros em um relacionamento comprometido. Além disso, 62% concordavam que o sexo casual entre adultos que não estão em um relacionamento sério é, pelo

menos, aceitável. Em média, mais de 50% das pessoas agora veem o sexo antes do casamento como algo natural e praticável. Essa mudança é particularmente notável entre gerações mais jovens, influenciadas por movimentos de libertação sexual das décadas de 1970 e 1980.

Nas últimas décadas, a aceitação da homossexualidade também cresceu. Antes, esta era vista como ilegal e moralmente condenável em muitos países, com pouca ou nenhuma proteção legal para pessoas LGBT+. No Brasil, por exemplo, a homossexualidade foi descriminalizada em 1830, mas o preconceito ainda persistiu fortemente por décadas. A partir da década de 2000, no entanto, a aceitação cresceu significativamente. Em 2011, o Brasil reconheceu a união estável entre pessoas do mesmo sexo, e em 2013 o casamento homoafetivo foi legalizado.

De acordo com uma pesquisa realizada pela Ipsos em 2019 com 27 países, 74% dos entrevistados responderam que apoiam o casamento entre pessoas do mesmo sexo. O estudo revelou também que a aceitação dos direitos LGBT+ tem aumentado globalmente. No Brasil, o apoio ao casamento homoafetivo alcançou 55%.

A participação feminina no mercado de trabalho também vem se modificando. Em boa parte das sociedades do pré-guerra, as mulheres tinham papéis tradicionalmente confinados ao lar. No Brasil, a partir das décadas de 1970 e 1980, começou a haver uma maior inserção de mulheres nesse espaço, o que também impactou outros aspectos da vida social, como o aumento da idade média para o casamento e uma queda nas taxas de natalidade. Em 2020 a participação das mulheres na força de trabalho era de 53%, um aumento significativo em comparação com décadas anteriores.

O pensamento sobre o papel da mulher no lar, particularmente em relação à responsabilidade prioritária pela educação dos filhos e às tarefas domésticas, também mudou. A transformação foi impulsionada por mudanças sociais, culturais, econômicas e políticas que promoveram maior igualdade de gênero.

O uso e a aceitação das drogas, enfim, tanto lícitas quanto ilícitas, também passou por mudanças significativas ao longo das últimas décadas, impactando diretamente o comportamento da sociedade.

Mas, ao que se deve essa mudança do pensamento e comportamento da sociedade em relação a esses temas? Onde as pessoas foram mais influenciadas? Teria sido na escola, talvez nos lares, pela religião ou algo mais? Não se deve ser simplista na análise e propor que todas essas mudanças sociais se devem a um único fator. Pelo contrário, é claro que impactos multifatoriais contribuíram para essas mudanças.

Nosso objetivo aqui, entretanto, é analisar especificamente a contribuição e a influência da mídia nas transformações sociais através de filmes, séries, novelas, documentários, reportagens, músicas, clipes, programas em geral, internet, Youtube e redes sociais. Isto é, a mídia como um todo. O que o arcabouço teórico desses temas pode nos dizer sobre esse tipo de influência? A compreensão dessas questões ajudará a compreender, em partes, o comportamento da sociedade e das novas gerações, as transformações ao longo das décadas, os perigos que podem existir e se deveríamos usar filtros para mitigar essa influência e exposição ao pensamento da mídia.

IMPORTANTES TEORIAS DE COMUNICAÇÃO EM MASSA

TEORIA HIPODÉRMICA (OU DA AGULHA HIPODÉRMICA)

Uma das primeiras teorias da comunicação de massa sugeria que a mídia poderia "injetar" diretamente informações e influências nas mentes dos indivíduos de forma poderosa e imediata, sem que questionassem ou resistissem. Esse é parte do foco da obra de Harold Lasswell de 1927, *The Theory of Political Propaganda*, que examina como a propaganda, através dos meios de comunicação de massa, pode influenciar as massas diretamente, refletindo a ideia de que as mensagens da mídia são "injetadas" no público.

TEORIA DO CULTIVO

Estudada por George Gerbner, essa teoria sugere que a exposição prolongada à mídia, especialmente à televisão, molda a percepção de mundo dos espectadores. Em *Living with Television*, Gerbner e seus colaboradores exploram como essa exposição prolongada à mídia afeta as percepções das

pessoas sobre a realidade. Por exemplo, pessoas que assistem muitas notícias violentas podem ver o mundo como sendo mais perigoso do que realmente é.

TEORIA *DA AGENDA-SETTING*

McCombs e Shaw, em seu estudo de 1972 sobre a definição de "agenda", argumentam que a mídia influencia quais questões o público considera importantes, sem necessariamente dizer como deve pensar sobre elas. A teoria defende que a mídia não diz ao público o que pensar, mas sim sobre o que pensar, ou seja, a mídia influencia os temas que o público considera importantes ao decidir quais notícias serão amplamente divulgadas.

TEORIA DO USO E GRATIFICAÇÃO

A pesquisa de Katz, Blumler e Gurevitch sobre o uso da mídia para gratificações pessoais explora como o público utiliza os meios de comunicação para atender às suas próprias necessidades, como entretenimento, informação, interação social ou construção de identidade. A teoria sugere que as pessoas buscam ativamente nos mais diversos recursos midiáticos maneiras de satisfazer esses interesses individuais.

TEORIA DOS EFEITOS LIMITADOS

Propõe que a mídia tem efeitos limitados, pois os indivíduos interpretam e processam as mensagens de acordo com suas crenças, valores e interações sociais. Um exemplo clássico é o estudo *People's Choice* de Paul Lazarsfeld, que mostrou como a mídia mais reforça opiniões existentes do que de fato é capaz de moldar novas. Lazarsfeld demonstrou que as campanhas eleitorais têm menos impacto direto nas decisões dos eleitores do que se pensava, uma vez que as pessoas tendem a buscar informações que reforcem suas opiniões preexistentes. Ou seja, a mídia não molda drasticamente novas opiniões, mas reforça as já existentes. Esse estudo foi feito no contexto específico de campanhas eleitorais, focando no comportamento dos eleitores.

TEORIA DA ESPIRAL DO SILÊNCIO

Proposta por Elisabeth Noelle-Neumann, sugere que as pessoas tendem a silenciar suas opiniões quando percebem que estão em minoria, por medo de isolamento ou desaprovação social. Nesse sentido, o papel midiático seria o de apresentar qual seria a voz da maioria, hierarquizando vozes e dando importância a elementos pré-determinados.

EFEITOS PRÁTICOS

A partir do exposto, podemos observar que sob a perspectiva da teoria hipodérmica, é possível compreender que as mais diversas vertentes midiáticas podem "injetar" diretamente conceitos nas ideias e raciocínios dos indivíduos.

Ao longo do tempo, essa exposição prolongada – como descreve a teoria do cultivo de Gerbner – pode afetar o comportamento e o pensamento das pessoas. Às vezes, essa influência ocorre de maneira intencional, como na busca por uma maior aceitação social de certos temas, mas também pode acontecer de forma não intencional. Isso ocorre quando os conteúdos refletem os pensamentos ou crenças de um autor ou diretor, sem que haja por parte deste um objetivo consciente de influenciar, mas que, por estarem presentes em seu conteúdo, acabam exercendo influência.

Um exemplo claro é o conceito de sexo pré-marital. Não significa necessariamente que o autor ou diretor de uma obra esteja incentivando essa prática, mas, ao retratá-la de forma comum e não negativa em filmes, séries e outros conteúdos, a repetição dessas cenas por diferentes criadores pode, de maneira sutil, moldar a percepção e a mentalidade da sociedade. Esse fenômeno provavelmente vem sendo um dos fatores que contribuiu e contribui para que alguns dos temas anteriormente citados e considerados tabu tenham sofrido transformações ao longo das décadas.

A teoria da *agenda-setting* destaca o poder da mídia de determinar quais temas serão abordados e quais são considerados importantes. Com isso, a mídia assume o controle da influência gerada, decidindo não apenas quais assuntos serão apresentados, mas também a frequência com que serão discutidos.

Esses temas, muitas vezes, não refletem necessariamente os princípios do público, mas sim os de quem produz o conteúdo.

Embora a teoria dos efeitos limitados, de Paul Lazarsfeld, sugira que as pessoas interpretam as mensagens da mídia conforme suas crenças, a teoria da dissonância cognitiva, proposta por Leon Festinger, explica que as pessoas experimentam desconforto quando suas crenças entram em conflito com novas informações. Para aliviar esse desconforto, podem modificar suas crenças ou comportamentos. A exposição repetida a ideias conflitantes pode gerar dissonância e, eventualmente, resultar na mudança de atitudes, alinhando-se ao que é apresentado.

Ainda que a teoria dos efeitos limitados possa aparentemente contradizer o poder transformacional da mídia, é importante lembrar que essa teoria foi baseada, como já mencionamos, em um estudo realizado no contexto de campanhas eleitorais. Nesse recorte específico a mídia reforça opiniões já existentes, em vez de moldar novas. Contudo, em um contexto mais amplo, como o de mudanças sociais e quebra de tabus, a mídia pode ter um papel mais transformador, especialmente quando assuntos são introduzidos de forma sutil em narrativas emocionantes, como filmes, séries ou novelas.

Outro ponto relevante é que, ao buscar informações que reforcem suas crenças, as pessoas tendem a polarizar suas opiniões. Atualmente, algumas mídias se aproveitam disso por meio do uso de algoritmos, oferecendo cada vez mais conteúdos baseados nos interesses individuais analisados por esses sistemas. Um exemplo poderia ser o terraplanismo: embora suas ideias sejam amplamente refutadas, os terraplanistas geralmente consomem conteúdos alinhados à sua visão, evitando informações contrárias. No entanto, a situação muda quando temas são abordados em histórias envolventes e narrativas bem estruturadas, como em filmes, séries, novelas ou documentários, tornando a influência mais eficaz.

Por fim, ao considerarmos a influência da mídia em massa, o resultado a longo prazo pode ser uma transformação tanto no comportamento individual quanto no coletivo, refletindo-se em mudanças sociais. Mesmo aqueles que resistem a essas influências podem, eventualmente, sucumbir à "espiral do

silêncio" de Noelle-Neumann, quando sentem que suas opiniões estão em minoria, evitando expressá-las por medo do isolamento ou da desaprovação social. Isso fortalece ainda mais a percepção de que o novo comportamento ou pensamento é o ideal, especialmente nas questões que elencamos no início do nosso ensaio.

A INFLUÊNCIA ATRAVÉS DAS MÚSICAS

Dentro do conteúdo que estamos apresentando, cabe ainda pensarmos através destes termos na influência da música nas ideias e ações. Para Adorno – um filósofo e sociólogo da Escola de Frankfurt, conhecido por suas críticas à indústria cultural –, a música popular, ao ser produzida em massa, poderia moldar as emoções e o comportamento das pessoas. Segundo o autor, a música não é apenas uma forma de entretenimento, mas um meio que poderia reforçar normas sociais e ideologias dominantes. Já o antropólogo e musicólogo John Blacking, que estudou a relação entre música e sociedade, destacou que a música é uma forma de comunicação cultural que pode influenciar comportamentos, expressar identidade e facilitar a coesão social.

Corroborando com tudo isso, David Hargreaves, psicólogo da música, pesquisou o impacto da música na emoção e no comportamento, argumentando que a música não apenas afeta os sentimentos individuais, mas também pode influenciar a dinâmica social, como a formação de grupos e a identificação cultural. George Gerbner, embora mais conhecido por suas contribuições à teoria da mídia, também investigou como as representações na música (especialmente em videoclipes) podem afetar percepções sociais e comportamentos. Sua teoria do cultivo sugere que a exposição prolongada a conteúdos de mídia pode moldar a forma como as pessoas veem o mundo. Observe que todos esses aspectos têm íntima ligação e similaridade com os estudos sobre mídia já apresentados acima.

Simon Frith, um sociólogo e musicólogo, de forma semelhante aos autores anteriores, analisa a relação entre música, identidade e sociedade, e também relata que a música pode refletir e moldar identidades sociais, influenciando comportamentos e atitudes. A socióloga Patricia Hill Collins, por sua vez,

abordou o impacto da música na cultura afro-americana e como ela pode influenciar a identidade e a resistência social. Sua análise da música e da cultura pop enfatiza seu papel na formação de resistência cultural e na promoção de mudanças sociais.

Por fim, Brett McKenzie analisou a relação entre a música e o comportamento, especialmente no contexto da adolescência. Ele investigou como a música pode influenciar a autoimagem, o comportamento social e as relações interpessoais. Observa-se, então, que a música também tem o poder de influenciar pessoas, uma vez que também é capaz de moldar pensamentos e comportamentos da sociedade.

CONCLUSÃO

É possível, após a apresentação dos dados mencionados, asseverar o grande poder que a mídia tem de influenciar pessoas e a sociedade como um todo, muitas vezes moldando comportamentos e percepções. Embora se compreenda que a transformação da sociedade em diversos assuntos, como os mencionados aqui, seja fruto de fatores multifatoriais, podemos afirmar que um desses fatores – e um dos mais fortes – é o poder de influência que a mídia exerce por meio da comunicação em massa e da exposição prolongada e contínua a esses conteúdos.

O consumo de produções midiáticas é hoje massificado e afeta uma quantidade crescente de pessoas. Um exemplo disso é a série infantil *Peppa Pig*, disponível em mais de 180 países, que acumulou mais de 32 bilhões de visualizações no YouTube e é considerada a série *on-demand* mais assistida no mundo. Já para o público jovem e adulto, a oitava e última temporada de *Game of Thrones* alcançou uma média impressionante de 44,2 milhões de espectadores por episódio. Além disso, o episódio final quebrou recordes com 19,3 milhões de telespectadores apenas na transmissão inicial.

Quando se fala de música, a mais ouvida da história da plataforma Spotify, com base no número de streams, é *Blinding Lights* do The Weeknd, que alcançou mais de 5 bilhões de streams no Spotify até abril de 2026. Não é

difícil chegar à conclusão de que esses conteúdos podem exercer um impacto significativo sobre as pessoas e a sociedade.

Também podemos compreender que, embora essa influência atinja os telespectadores em geral, independentemente da idade, a influência sobre as novas gerações pode ser ainda maior. A ideia de que crianças e jovens são mais suscetíveis a influências externas do que adultos é amplamente respaldada por teóricos do desenvolvimento. Jean Piaget argumenta que as crianças passam por estágios progressivos de desenvolvimento cognitivo, enquanto Lev Vygotsky enfatiza o papel das interações sociais no aprendizado, afirmando que o ambiente social e cultural é fundamental para a formação da mente e do comportamento infantil. As interações sociais, nesse contexto, referem-se principalmente às trocas entre indivíduos, como o aprendizado mediado por professores, pais ou colegas. Entretanto, assistir a filmes, séries, novelas e desenhos pode ser considerado uma forma de interação social mais ampla, pois esses meios também transmitem valores, normas e conhecimentos que afetam o desenvolvimento.

Enquanto crianças, adolescentes e jovens têm maior potencial para serem influenciados, os adultos, com pensamentos mais estruturados e consolidados, tendem a ser menos suscetíveis (mas não imunes), comparados àqueles que ainda estão em processo de formação de identidade e crenças.

Portanto, é essencial reconhecer o poder de influência que a mídia possui e utilizá-la com sabedoria e filtros. Por um lado, esse conhecimento nos alerta sobre o cuidado necessário, tanto para crianças quanto para adultos, diante do impacto transformador desses conteúdos. Por outro, ele também nos ajuda a compreender por que, às vezes, pensamos e agimos como o fazemos, seja como indivíduos ou como sociedade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **On Popular Music**. 2 ed. Athens: The University of Georgia Press, 1998.

BLACKING, J. **How Musical Is Man?** Londres: Faber & Faber, 1976.

COLLINS, P. H. **Black Feminist Thought**. New York: Routledge, 2000.

FESTINGER, L. **A Theory of Cognitive Dissonance**. Stanford: Stanford University Press, 1957.

FRITH, S. **Sound Effects**: Youth, Leisure, and the Politics of Rock. London: Constable, 1983.

GERBNER, G. et al. Living with television: The violence profile. **Journal of Communication**, v. 26, n. 2, 1976.

HARGREAVES, D. J.; NORTH, Adrian C. **The Social Psychology of Music**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

KATZ, E.; B., J. G.; GUREVITCH, M. Uses and gratifications research. **Public Opinion Quarterly**, v. 37, n. 4, 1973.

LASSWELL, H. D. **Propaganda Technique in the World War**. New York: Knopf, 1927.

LAZARSFELD, P.; BERELSON, B.; GAUDET, H. **The People's Choice**. New York: Columbia University Press, 1944.

MCCOMBS, M.; SHAW, D. The agenda-setting function of mass media. **Public Opinion Quarterly,** v. 36, n. 2, 1972.

NOELLE-NEUMANN, E. **The Spiral of Silence**: Public Opinion – Our Social Skin. Chicago: University of Chicago Press, 1984.

CAPÍTULO 35

35

Inferências sobre possíveis impactos das mídias sociais e jogos no cérebro

Fabiola Canedo Guedes

O cenário social contemporâneo estimula diversas mudanças nas relações sociais, econômicas, profissionais e, eventualmente, eclesiásticas. É notório, por exemplo, que a transição da humanidade da sociedade industrial para a sociedade da informação e do conhecimento foi catalizada pelo avanço das tecnologias em todas as esferas do homem moderno. Tais recursos, imersos diariamente, promovem mudanças que abrangem todos os âmbitos da sociedade e, por conseguinte, as igrejas.

A internet tem causado uma mudança social incrível. Em certo sentido, o mundo se tornou pequeno e ainda mais dinâmico; os relacionamentos e as atividades de lazer foram impactados e reconfiguradas com a chegada dos *gadgets*[1] de última geração. Sua chegada evidenciou as diferenças geracionais de modo mais rápido. Por isso, a proposta deste ensaio é averiguar como esses *gadgets* e suas ferramentas têm transformado as dinâmicas da contemporaneidade. Se tal mudança tem ocorrido, cabe analisar como é possível auxiliar as crianças, adolescentes e seus responsáveis a gerenciarem esses equipamentos, de tal sorte que sejam utilizados positivamente. Ademais, é apresentado brevemente os impactos neuroquímicos que podem ocasionar dependência da ferramenta tecnológica que acabam por prejudicar, de modo geral, os comportamentos sociais. A pesquisa realizada detém uma abordagem qualitativa, pautada em artigos publicados a respeito do tema.[2]

Durante as últimas décadas, têm-se observado uma mudança social célere e constante devido ao avanço tecnológico. As gerações se sucedem rapidamente, construindo um mundo multigeracional. Dentre essas mudanças, verifica-se um mundo hiperconectado, cheio de novidades que impactam, transformam e moldam as relações humanas. À luz dessas considerações, o que se pretende inferir com este ensaio é a forma de agir e reagir em um mundo volátil, incerto, complexo e ambíguo.

Além disso, de acordo com o GlobalWebIndex[3] (2025), no período pós-pandemia se observa uma ascensão no uso de redes sociais como o TikTok, além de jogos e vídeos, porém observa-se também menor gerenciamento

[1] Pequenos dispositivos eletrônicos.
[2] Essas pesquisas estão relacionadas tanto ao uso das redes sociais quanto da internet.
[3] Empresa que compila dados de comportamento do consumidor pelo mundo.

dos responsáveis. Diante dessa realidade, este ensaio propõe inferências sobre a funcionalidade dos mecanismos cerebrais – que têm se adaptado às diversas tecnologias. Paralelamente, apresentam-se os possíveis danos que as tecnologias podem causar aos indivíduos e às suas relações sociais. Por fim, discorrer-se-á sobre as formas de utilizá-las de maneira proveitosa.

OS EFEITOS DOPAMINÉRGICOS: ENTRE TELAS, ENTORPECENTES E REDES SOCIAIS

De acordo com a pesquisa da GlobalWebIndex (2025), nesses últimos anos, na pandemia e pós-pandemia, vê-se o avanço do TikTok, rede social que é repleta de danças e memes que fizeram e fazem parte da vida de muitas crianças (oito aos onze anos) e adolescentes (doze aos quinze anos).

Nesse tópico, ainda que introdutoriamente, discorre-se sobre como se processa o nosso relacionamento com as redes sociais e jogos, bem como a maneira pela qual isso impacta o encéfalo, moldando as reações e podendo, inclusive, modificar o comportamento humano. Embora, segundo GlobalWebIndex (2025), o uso de telas como computador e aparelhos celulares tenha apresentado um decréscimo, tais dispositivos ainda constituem parte integrante do cotidiano de crianças e jovens. Ademais, a emergente tendência do metaverso (ainda em fase de desenvolvimento) –, tecnologia com a qual a geração Alfa já demonstra proficiência devido à convivência com jogos como Roblox e Minecraft – pode interferir de forma ainda mais acentuada na conduta dos indivíduos.

No cotidiano das novas gerações, ainda que o uso dos smartphones seja considerado "necessário" e, virtualmente, irremediável, os responsáveis não devem agir de modo desprevenido diante desses *gadgets*, visto que estes podem apresentar prejuízos aos seus usuários. Estudos indicam que: "o uso da internet, mesmo que de vez em quando, predispõe o indivíduo a sair de controle, o que causa deterioração na funcionalidade social ou profissional/acadêmica" (Bozkurt *et al.*, 2016, p. 236). Reconhece-se, ainda, que o dispositivo móvel provoca impactos emocionais nos dependentes, tais como: "depressão, pensamentos suicidas, baixa autoestima, solidão e isolamento social" (Bozkurt *et al.*, 2016, p. 242).

Haja vista que alguns desses sintomas estão relacionados ao sistema neuroquímico do cérebro, faz-se necessário elucidar o que é um neurotransmissor, em especial, a dopamina e o cortisol.

A DOPAMINA

A dopamina é o neurotransmissor responsável pela sensação do prazer e do bem-estar, e está presente em várias partes do cérebro e do corpo; ela influência múltiplas funções cerebrais, tais como: a concentração, o aprendizado, a memória, o humor, o controle motor e a qualidade do sono. Diante disso, quando os níveis de dopamina estão reduzidos, há um impacto direto e natural em todos esses processos cognitivos. É válido salientar que, embora outros neurotransmissores também estejam relacionados ao uso do dispositivo móvel – como a serotonina, o cortisol e a oxitocina –, o foco do estudo é a dopamina, devido ao seu envolvimento em aspectos concernentes ao vício e substâncias entorpecentes.

De modo geral, denomina-se "dependente químico" aquele que utiliza substâncias químicas lícitas – como álcool, tabaco e cafeína –, ou, ainda, drogas ilícitas – como maconha, cocaína e heroína etc. – de maneira desregulada, isto é, o indivíduo não possui mais o controle sobre os seus impulsos e desejos. No entanto, alguns comportamentos também pode ser viciantes, a saber, os jogos de azar, o sexo, as compras e o consumo excessivo de telas (televisão etc.). Em ambos os casos, o sistema mobilizado é o de recompensa, no qual um dos principais neurotransmissores envolvidos é a dopamina.

A dopamina é um neurotransmissor relacionado ao prazer. Quando se realiza uma ação que promove a liberação de dopamina no cérebro – como o ato de alimentar-se, por exemplo –, este é estimulado a realizar a mesma ação novamente a fim de obter o mesmo estímulo, o que se configura como um mecanismo biológico positivo. O problema ocorre quando há um "derramamento" em excesso de dopamina no sistema nervoso central. Por exemplo, ao consumir alimentos ultraprocessados, os *fast foods* ou açucares, a dosagem de dopamina liberada suplanta a normalidade, gerando um fenômeno semelhante ao que será analisado nos contextos das redes sociais. A título

de exemplo, segundo Kotler, a expectativa de recompensa – manifestada pelos *likes* ao se publicar um texto ou imagem e pela constante verificação das reações externas – pode ocasionar um aumento de 400% nos níveis de dopamina no cérebro. As curtidas, que representam igualmente um sinal de validação – necessidade natural do ser humano –, também fomentam essa explosão dopaminérgica. Mas, se a dopamina é responsável por sensações gratificantes, qual seria o problema? O problema é o excesso. Constata-se, por exemplo, que o aumento de 400% na quantidade de dopamina no cérebro é comparável a uma dose de heroína (Kotler, 2017). Devido ao intenso êxtase ocasionado e às disfuncionalidades ocorridas, o sistema nervoso necessita realizar um ajuste homeostático; desse modo, ele reduz a sensibilidade dos receptores dopaminérgicos. Por conseguinte, a próxima "curtida" não causará a mesma sensação da primeira, aquela que o indivíduo busca reiterar.

Sob esse prisma, torna-se necessário uma dosagem superior de estímulo, ou seja, um recurso "droga" que proporcione a mesma gratificação. Sendo assim, as publicações demandam um engajamento progressivamente maior, visto que a manutenção ou a redução desse índice de interação poderá acarretar um déficit no organismo, em particular, no sistema nervoso central.

Nesse cenário condicionado, o indivíduo adentra um *looping* onde ele busca nas redes sociais o efeito dopaminérgico: (1) ele compartilha uma publicação (foto, vídeo, texto, comentário ou repostagem); (2) espera a reação (uma curtida ou comentário); (3) é recompensado (pela curtida, comentário, compartilhamento ou salvamento); (4) e reinicia o ciclo novamente (Kotler, 2017). Essas mesmas reações acontecem em diálogos via aplicativos de mensagens, na troca de elogios e nos comentários, de sorte que o cérebro passa a se configurar diante da expectativa de recompensa, demandando níveis mais elevados de dopamina.

O CORTISOL

Ao discorrer sobre um encéfalo em estágio de desenvolvimento, o impacto desse ciclo pode se tornar mais destrutivo, assim como as drogas na adolescência adquirem um caráter mais viciante. Essa dinâmica favorece a

busca por uma validação externa cada vez mais acentuada, manifestada em postagens cada vez mais sensuais, engraçadas ou arriscadas, o que compromete a integridade emocional e física do jovem.

É possível que essa seja uma das causas do aumento da depressão, da ideação suicida, alexitimia e o sentimento de insuficiência em diversos usuários, especialmente na adolescência. Esse fenômeno também induz à conexão constante aos dispositivos móveis. Cada notificação estimula a síntese de cortisol – hormônio do estresse que compele à verificação do aparelho eletrônico –, culminando no recebimento da recompensa, o que perpetua o ciclo (Dergisi, 2018).

Reconhece-se, no entanto, que não cabe somente ao uso excessivo dos dispositivos móveis e das redes sociais as alterações no sistema químico no cérebro. É fato que o conhecimento do que foi escrito e o acompanhamento de notícias submetem o encéfalo a uma constante troca de neurotransmissores, embora algumas interações possuam menor impacto que outras. Essa também é a lógica dos jogos. Cada vez que se computam pontos ou se avança de nível, o corpo vivencia uma intensa experiência hormonal. O cortisol da busca pelos pontos gera a expectativa e a ansiedade, que são substituídas pela dopamina imediatamente após a primeira pontuação. Em virtude dessa alternância, o indivíduo não interrompe o ciclo e sempre retorna, como um rato de laboratório em busca de sensações e recompensas.

O mesmo sistema opera no que se refere ao ato de assistir a conteúdos cômicos. Este processo libera no sistema nervoso central uma quantidade superior à normalidade do neurotransmissor dopamina. Essa experiência, quando vivenciada em um ciclo constante, gera, na ausência do instrumento promotor de prazer, uma sensação entorpecimento, anedonia e vazio, além da necessidade de estímulos mais atrativos (Bozkurt, 2016).

As redes sociais, além de espaços de socialização, se tornaram um ambiente de jogo, um *game*, no qual a busca por curtidas estimula a continuidade das interações. Níveis elevados de exposição, risco ou teor cômico resultam em um maior volume de aprovação digital. A conquista de novos seguidores representa, para muitos, o ápice da experiência; em casos extremos, o valor

atribuído a esses índices sobrepõe-se à própria integridade vital. Esse cenário explica a popularidade de desafios e tendências que emergem periodicamente e acarretam sérios prejuízos.

Para prosseguirmos com a análise sobre os jogos, é preciso refletir sobre pesquisas que indicam, como o tratamento para depressão, a aplicação de toxina botulínica na face. Observou-se que, ao utilizar essa substância, os indivíduos ficaram impossibilitados de expressar tristeza por meio da face, o que resultou em uma alteração na percepção subjetiva do sentimento, reduzindo o quadro depressivo. No entanto, há um contraponto: os participantes demonstraram menor empatia, uma vez que a capacidade de se colocar no lugar do outro ocorre via expressões faciais (Amini, 2022). Esse fenômeno evidencia que, da mesma forma como o cérebro molda as ações, os comportamentos e movimentos moldam a estrutura encefálica.

No que concerne aos jogos eletrônicos, o foco recai sobre as ações praticadas pelos seus jogadores, as emoções e as interações químicas, somadas ao agravamento da violência. Se as redes sociais promovem a violência por meio de suas tendências, os jogos a promovem mediante ações e expressões violentas. Um estudo sobre o impacto cardiovascular do entretenimento digital violento (Ballard; Wiest, 1996) demonstrou que, após usuários jogarem Mortal Kombat 1 (MK1), os participantes apresentaram alterações cardiológicas superiores, porém inferiores às registradas naqueles que jogaram o MK2 – título considerado mais violento. Somado ao incremento da frequência cardíaca, observaram-se oscilações na pressão arterial e um comportamento mais agressivo. Outro estudo, ainda mais aprofundado, sobre a violência nas versões de MK mostrou que a crueldade tem evoluído à medida que o 3D é aprimorado. Além das cenas com sangue, existem detalhes mais realistas dos *fatalities* que fazem o perdedor sofrer, lembrando os cenários dos espetáculos públicos das arenas romanas quando a audiência escolhia entre a morte e a vida dos combatentes (Kogawa, 2020). Hoje, a escolha continua nas mãos, no entanto, o jogador é quem decide e executa.

COMO LIDAR COM OS EFEITOS DOPAMINÉRGICOS? A CONTRIBUIÇÃO DE ELLEN WHITE

A problemática reside no fato de o dispositivo móvel ser um instrumento lícito e onipresente em nosso cotidiano. Diferentemente das substâncias entorpecentes, das quais se orienta o distanciamento dos filhos, há pais que entregam tais aparelhos às crianças como forma de entretenimento por meio de jogos, para que assistam a conteúdos durante as refeições ou para que se mantenham em silêncio enquanto os responsáveis atendem a outras demandas. Em suma, um dispositivo dotado de mecanismos com alto potencial de dependência é disponibilizado a crianças e adolescentes sem que haja o suporte necessário para resguardá-los dos danos decorrentes.

Alguns, inocentemente, têm submetido a trajetória de seus filhos aos algoritmos que operam de forma contínua para viciar os usuários – ou, de modo mais preciso, futuros consumidores – às suas telas. Os prejuízos são incomensuráveis. Porém, nesta sociedade em que o capital é o valor supremo, é provável que tais efeitos estejam sendo estrategicamente mensurados. Sobre esse espírito cômodo e "não" consciente do indivíduo, Ellen White (1993, p. 596) adverte que:

> É lei do espírito adaptar-se ele gradualmente aos assuntos de que é ensinado a ocupar-se. Se ele se ocupa apenas com coisas comuns, tornar-se-á definhado e enfraquecido. Se nunca lhe é exigido atracar-se com problemas difíceis, quase perderá depois de algum tempo a faculdade de crescimento.

Em outra obra, ela afirma que:

> É lei, tanto da natureza intelectual como da espiritual, que, pela contemplação, nos transformamos. O espírito gradualmente se adapta aos assuntos com os quais lhe é permitido ocupar-se. Identifica-se com aquilo que está acostumado a amar e reverenciar. Jamais se levantará o

> homem acima de sua norma de pureza, de bondade ou de verdade. (2005, p. 555).

À luz dessas informações, é importante que os pais monitorem os dispositivos de seus filhos, por mais complexa que pareça a tarefa. É necessário supervisionar o tempo de uso e escolher os jogos juntos, trazendo-os à reflexão. Muitos indivíduos, desde a pré-adolescência e adolescência, já optam por jogos de simulação esportiva, como o futebol. Essa prática configura-se como uma forma de unir o lúdico ao entretenimento de maneira saudável. Todavia, até que as crianças e os jovens atinjam a maturidade necessária para responder por suas decisões, a orientação parental permanece indispensável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inferimos por intermédio de diversas pesquisas e leituras que há um impacto neuroquímico no uso excessivo da internet e dos jogos, ao mesmo tempo que existe um impacto emocional e cognitivo. Além disso, nota-se que os mecanismos neuroquímicos do encéfalo têm sido manipulados pelos algoritmos digitais; o empenho é proposital, visando uma permanência do usuário diante das telas, quer seja nas redes sociais ou jogos variados. Ademais, o que diferencia os jogos das redes sociais é a adesão da violência por parte dos usuários, que, evidentemente, ocasiona impactos na experiência diária das novas gerações.

Nessa linha de raciocínio, da mesma forma que não se deve permitir que crianças e adolescentes transitem sozinhos e sem proteção numa rua escura, não se pode deixá-los à deriva na internet. É necessária uma conscientização da necessidade de utilizá-la de forma prudente. Na Bíblia, lê-se: "Eu os estou enviando como ovelhas no meio de lobos. Portanto, sejam astutos como as serpentes e sem malícia como as pombas" (Mt 10:16). De fato, abdicar do uso das ferramentas disponíveis para a pregação do evangelho não é sábio. Porém, usá-las de forma irresponsável é perigoso.

Conscientizar adolescentes e pais é um caminho viável para que eles possam ter a escolha sobre quem terá o poder sobre sua mente.

REFERÊNCIAS

AMINI, P. *et al*. Hipertensão: potencial jogador na incidência de doenças cardiovasculares na pré-eclâmpsia. **Toxicologia Cardiovascular**, 22, 5, p. 391–403, 2022. Disponível em: 10.1007/s12012-022-09734-w. Acessado em: 09 abr. 2026.

BALLARD, M.; WIEST, J. Mortal Kombat (tm): The Effects of Violent Videogame Play on Males' Hostility and Cardiovascular Responding 1. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 26, n. 8, p. 717-730, 1996. Disponível em: https://onlinelibrary.wiley.com/doi/pdf/10.1111/j.1559-1816.1996.tb02740.x. Acesso em 23 de abr. 2026.

BARRIOS-BORJAS, D.; BEJAR-RAMOS, V.; CAUCHOS-MORA, V. Uso excesivo de smartphones/telefones celulares: Phubbing e Nomofobia. **Revista Chilena de Neuro-Psiquiatria**, Santiago, v. 55, n. 3, p. 205–206, jul. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S071792272017000300205&lng=es&nrm=iso>. Acessado em: 23 abr. 2026.

BOZKURT, H.; ŞAHIN, S.; ZOROĞLU, S. Internet Bağımlılığı: Güncel Bir Gözden Geçirme. **Journal Of Contemporary Medicine**, v. 6, n. 3, p. 235–247, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.16899/ctd.66303. Acessado em: 09 abr. 2026.

GLOBALWEBINDEX. **Reports on Gen Alpha**. 2025. Disponível em: https://www.gwi.com/reports/gen-alpha#get-pdf. Acessado em: 09 abr. 2026.

KOGAWA, João. Violência é divertida? Uma análise de fatalities do Mortal Kombat. **Policromias – Revista de Estudos do Discurso**, Imagem e Som, v. 5, n. 3, p. 48–72, 2020.

KOTLER, S.; WHEAL, J. **Roubando o fogo:** a ciência por trás dos super-humanos. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

MACIT, H. B.; MACIT, G.; GÜNGÖR, O. A research on social media addiction and dopamine driven feedback. **Journal of Mehmet Akif Ersoy Üniversitesi İktisadi ve İdari Bilimler Fakültesi Dergisi**, v. 5, n. 3, p. 882–897, 2018. Disponível em: https://doi.org/10.30798/makuiibf.435845. Acessado em: 23 abr. 2026.

PASSOS-FERREIRA, C. Seria a moralidade determinada pelo cérebro? Neurônios-espelhos, empatia e neuromoralidade. Physis: **Revista de Saúde Coletiva**, v. 21, n. 2, p. 471–490, jul. 2011. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-73312011000200008. Acessado em: 23 abr. 2026.

ZIMMER, R. T. *et al*. Acute Effects of Esports on the Cardiovascular System and Energy Expenditure in Amateur Esports Players. **Front. Sports Act. Living**, 4, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.3389/fspor.2022.824006. Acessado em: 23 abr. 2026.

STROPPA, T. V. S.; GOMES, D. A. G.; LOURENCO, L. M. Vídeo-games violentos e a violência/agressividade do jogador: uma revisão sistemática de literatura. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 1012–1033, dez. 2017. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682017000300014. Acessado em: 23 abr. 2026.

WHITE, E. G. **Patriarcas e Profetas.** Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1993.

WHITE, E. G. **O Grande Conflito.** Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

CAPÍTULO 36

36

Pregando na linguagem de hoje: a busca de uma linguagem apropriada para alcançar as novas gerações

Marcos Lemes Cardoso

Vivemos numa era de relativismo, onde tudo tem sido questionado pelas novas gerações que estão colocando em cheque todo tipo de autoridade tradicional, especialmente a autoridade religiosa, seus líderes e sua mensagem. Isso ocorre devido ao mau exemplo de seus líderes e adeptos no decorrer da história[1].

Muitos dizem que a religião é quase sempre fundamentalista e que deve se tomar cuidado com os cristãos que levam a Bíblia, o "livro base" de suas crenças, "ao pé da letra". Quando na visão da geração pós-moderna, esse livro não passaria de ficção (Kimball, 2011, p. 153).

Sob esse prisma, a pregação, ponto fundamental na propagação da mensagem cristã, em especial a protestante, tem sido questionada ou ignorada pela atual geração, que não a considera relevante, devido aos maus exemplos dos cristãos que não vivem o que pregam. Na maioria das vezes, a pregação não demonstra aspectos práticos que transformem a vida diária, trazendo assim significado para os jovens das novas gerações. Talvez isso ocorra porque a mensagem pode ser relevante, mas nossa linguagem ao propagá-la pode estar desatualizada[2].

Um dos grandes problemas enfrentados hoje, é que tanto membros quanto pregadores e pastores, por questões culturais relacionadas à tradição religiosa, têm grande dificuldade em "abandonar um estilo, uma estratégia, um sistema que foi criado em outra era para uma cultura que não mais existe" (Keller, 2017, p. 117) e adaptarem a mensagem para a era atual, numa linguagem que venha atingir as necessidades desta geração[3].

Vivemos numa sociedade que atravessou grandes transformações nas últimas décadas, que impactaram a visão de mundo de cada pessoa. Por esse motivo, a forma como a mensagem é apresentada deve ser revista. Caso contrário, não conseguiremos alcançar as gerações emergentes. A religiosidade

[1] O termo "novas gerações" neste estudo se refere a pessoas pertencentes às chamadas gerações Z, nascidas após 1990, ou Alfa, nascidas após 2010.

[2] Neste ensaio, o termo "pregação" não se refere exclusivamente à exposição no púlpito das igrejas, mas à toda forma de testemunho cristão.

[3] O termo "tradição religiosa" aqui se refere à tradição desenvolvida na linguagem e liturgia das denominações tradicionais protestantes, onde também se enquadra a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

perderá seu sentido e ao envelhecerem os membros atuais, haverá cada vez menos adeptos ao cristianismo[4].

Essas dificuldades podem ser constatadas dentro do adventismo por intermédio de dados da secretaria da igreja na Divisão Sul-Americana (DSA), que demonstram que no intervalo de cinco anos, entre 2012–2017, houve uma queda no número de pessoas entre treze e trinta anos que foram batizadas pela igreja em toda região da DSA, conforme o quadro abaixo (Tabela 1):

Tabela 1 – comparativo de ganhos por faixa de idade entre 2012–2017 (batismos, rebatismos e profissão de fé)

	2012:	2013:	2014	2015	2016	2017
Idosos (66+)	5,2%	5,3%	5,5%	5,5%	5,8%	5,8%
Adultos (31–65)	29,2%	30,6%	31%	31,7%	32,6%	33,5%
Jovens (17–30)	24,6%	24,8%	24,3%	24,6%	24,1%	23,7%
Adolescentes (13–16 anos)	15,5%	15,5%	15,3%	14,9%	14,2%	13,5%
Crianças (-12)	25,4%	23,8%	23,9%	23,3%	23,3%	23,5%

Fonte: elaborado pelo autor.

De acordo com este quadro, percebe-se que, em 2012, a porcentagem de pessoas que adentraram a igreja na idade entre treze e dezesseis anos era de 15,5%. Já em 2017, na mesma faixa etária, a porcentagem de conversos foi de 13,5%. Na faixa de dezessete e trinta anos, em 2012, a porcentagem era de 24,3% e em 2017, de 23,7%. É possível observar, portanto, que o número de conversos das novas gerações está em declínio gradual, indicando uma queda contínua nos próximos anos na região da DSA.

[4] O termo "gerações emergentes" se refere às novas gerações que estão tomando corpo na sociedade e ao estreitamento do período entre cada geração.

Este ensaio busca, resumidamente, fazer um estudo sobre a importância do aperfeiçoamento da pregação bíblica em alguns formatos, para alcançar as gerações pós-modernas, satisfazendo seus anseios por meio da pregação contextualizada e relevante para este tempo. Uma vez que o movimento adventista deve proclamar o evangelho eterno (Ap 14:6), procurando alcançar todas as tribos. Hoje, mais do que nunca, o termo "tribo" tem um significado especial.

Este estudo não visa analisar todos os aspectos do adventismo que poderiam ser revistos, como liturgia, estrutura de prédios, ministérios especiais, espaço dedicado a crianças, adolescentes, jovens e mulheres, ministérios dedicados às minorias, entre outros fatores que podem ser analisados em trabalhos posteriores.

Na realidade, diferente de qualquer outra época da história cristã, o orador adventista, por ter uma mensagem urgente e distintiva, deve se perguntar: "Qual é a estrada que leva a Cristo?" (Reis, 2003, p. 43), desbravando o caminho para que as novas gerações possam conhecer a graça proposta pelo Salvador numa linguagem relevante a eles e que traga credibilidade à pregação em todas as suas esferas.

CONHECENDO AS NOVAS GERAÇÕES

DADOS ALARMANTES

As novas gerações são muito diferentes das anteriores, principalmente devido às transformações ocorridas no mundo nos últimos trinta anos.

A globalização, o acesso cada vez mais rápido à internet e a todo tipo de informação, a popularização dos smartphones, o relativismo generalizado da era pós-verdade, a influência do iluminismo e racionalismo, a crítica às instituições e autoridades, tem feito com que essa geração tenha muitos questionamentos, muitas respostas e poucas conclusões objetivas. Pois a própria objetividade tem perdido seu lugar na cultura.

Tendo isso em vista, as pessoas têm se distanciado cada vez mais umas das outras, e a vivência na comunidade religiosa tem sido afetada. Segundo uma pesquisa do Instituto Barna, publicada no livro *Geração Perdida*, de David Kinnaman (2014), levando em conta a realidade dos EUA, entre a idade de

dezoito e vinte nove anos há uma queda de 43% na frequência dos jovens a igreja. Outra pesquisa dirigida por Kinnaman e Lyons, (2012) do mesmo instituto, mostra que nos EUA, 40% dos jovens entre dezesseis e vinte nove anos não são cristãos. E desses, 38% têm uma má impressão do cristianismo, principalmente por, na opinião deles, ser um *ethos* homofóbico, julgador e hipócrita.

Dentro deste panorama, o cristianismo em geral, e em especial o adventismo, que é considerado uma denominação conservadora por sua crença na inspiração de toda a Bíblia e por valorizar a literalidade das Escrituras em assuntos como a criação, o nascimento virginal, milagres, ressurreição, segunda vinda de Jesus, milênio e juízo final, deve buscar formas inovadoras, criativas e envolventes para alcançar as novas gerações. Que tem uma barreira natural contra qualquer tipo de suposição de "verdade absoluta", que não seja a visão deles de "verdade".

Para alcançar este objetivo, não se deve apenas fazer da religiosidade uma "experiência" marcante, mesmo sendo uma forte característica dessas gerações. Pois, como diz Carson (2010, p. 270):

> É evidente que verdade e experiência não possuem exatamente o mesmo tipo de fundamento. A verdade em si, desde que corretamente entendida, pode corrigir a experiência, embora o contrário não ocorra. A experiência, por sua vez, pode nos levar a rever nossa compreensão anterior de verdade.

A supervalorização da experiência poderá levar os jovens a um êxtase momentâneo e até atraí-los inicialmente. No entanto, precisará ser reforçada para que os jovens mantenham a frequência. Como se essa experiência fosse viciante e sempre precisasse de maiores doses para suprir o prazer.

A transformação, que é a proposta do verdadeiro cristianismo, necessitará de algo mais profundo do que apenas uma "experiência". Tornando necessário que o expositor se envolva com seu público-alvo para que este compreenda e

para que haja uma comunicação contextualizada que influencie positivamente a cosmovisão do indivíduo.

ENVOLVIMENTO INTEGRAL COM OS JOVENS

Aqui está um grande desafio: buscar uma real contextualização, misturando-se com as novas gerações, ouvindo o que elas têm a dizer, falando na sua linguagem e conhecendo sua cosmovisão. Para que, por meio desse mergulho em seu mundo, encontre-se a melhor forma de transmitir a mensagem da verdade.

Nesta era pós-verdade, existem jovens que, embora frequentem a igreja, desconfiam dela, por serem influenciados diariamente por outros jovens céticos com a religião institucionalizada. Porém estão dispostos a aprenderem "o novo" e participarem de algo que seja relevante para sua vida, que possa trazer um benefício imediato e futuro para a sociedade. Pois um dos grandes anseios desses jovens é terem relevância em algo que transforme o mundo. Eles não querem ser meros espectadores, querem fazer parte de uma transformação profunda na sociedade que traga esperança de um futuro melhor.

Visando esse objetivo, cabe o conselho de Ellen White quanto aos "métodos de Cristo", para haver êxito na pregação às novas gerações:

> Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: "Segue-Me" (White, 2003, p. 143).

Misturar-se com esta geração, romper as barreiras que a tradição denominacional, consciente ou inconscientemente criou, entender sua cosmovisão, ouvir, sentir, meditar e então comunicar-se com ela. Agindo assim, o expositor "será mais capaz de apresentar a palavra de Deus com clareza, precisão e compaixão" (Neely, 2010, p. 54), falando mais claramente às novas gerações.

Quanto mais tempo o pastor ou expositor da mensagem passar com essa comunidade, melhor ele entenderá suas necessidades, descobrindo como apresentar a palavra de Deus de forma relevante e transformadora.

A partir dessa contextualização o expositor passa a compreender e falar a linguagem de seu ouvinte. Então poderá confrontá-lo com amor, para que haja transformação, como Cristo fez enquanto esteve pregando por aproximadamente três anos e meio.

Assim como o Mestre, em nossa interação com os jovens, não devemos demonstrar perplexidade frente a seus hábitos ou escolhas de vida, eles precisam sentir de nós verdadeiro amor cristão. Dessa maneira, perceberão que o real interesse por eles como pessoa, e serão mais abertos à mensagem. Surgirá, então, a possibilidade de uma mudança pessoal e transformação de cosmovisão. Transformação essa que não será momentânea ou superficial, mas que alcançará o coração, que é o principal objetivo do cristianismo (Ez 36:26). Agindo assim, o expositor seguirá o conselho de Cristo de demonstrar amor por todos (Jo 13:35).

CONTEXTUALIZANDO A MENSAGEM

A tarefa da contextualização da mensagem é algo dramático e que precisa ser feito de forma integral, envolvendo não só o que se diz, mas nossa vida. Pois, "a comunicação contextualizada do evangelho se adaptará à cultura na maneira de persuadir, chamar e convencer as pessoas" (Keller, 2014, p. 147).

A contextualização deve ser feita não para que o expositor se "pareça" com eles, mas para que ele "entre" em seu mundo. Demonstrando preocupação por eles, entendendo seus anseios e assim encontrando formas de levá-los a uma mudança de foco. Para isso, "É fundamental, portanto, em cada nova geração e cenário, que encontremos maneiras de comunicar o evangelho de modo claro e notável, diferenciando-o de seus opositores e imitadores" (Keller, 2014, p. 26).

Se o objetivo da contextualização for meramente a exposição da palavra para satisfazer os desejos destas novas gerações, o resultado será exatamente o contrário do que é proposto no evangelho. Pois "À medida que um ministério

se superadapta ou subadapta à cultura, ele perde o poder de transformar vidas" (Keller, 2014, p. 29). O objetivo final da contextualização deve ser a mudança de vida. Ou seja, a mudança da cosmovisão. É por isso que "para alcançar as pessoas, precisamos valorizar e abraçar sua cultura, mas também é importante desafiá-la e confrontá-la" (Keller, 2014, p. 28).

Abraçar, confrontar e desafiar são palavras chaves na contextualização, para que a graça de Cristo alcance as novas gerações de tal forma que sua cosmovisão seja impactada e transformada. Conforme Zacharias (2015, p. 31), "a verdade mais dramática acerca do evangelho é que ele confronta a experiência que temos de nós mesmos como seres vivos e nos constrange a definir de modo drástico o que entendemos por vida"; este é o objetivo principal do cristianismo: sair da teoria e ser vivido no íntimo do ser. E, para isso, somente a graça salvadora pode levar a verdade presentes às novas gerações de modo que as instigue a mudança, a uma experiência real com Cristo. Afinal, esse dom divino "sempre resulta em vidas transformadas, marcadas pela santidade e justiça" (Keller, 2014, p. 28).

NECESSIDADE DE RESPOSTAS BEM FUNDAMENTADAS

No passado, era comum que um jovem levasse suas dúvidas a um líder eclesiástico e já tivesse uma ideia aproximada da resposta que receberia. E, na maioria das vezes, o jovem se conformava ao receber a resposta formatada e previsível. Na atualidade, porém, as novas gerações são diferentes.

Para a geração pós-verdade, respostas prontas, baseadas somente na autoridade não tem grande valor. Eles querem algo que responda seus anseios mais profundos e que seja o produto de pesquisa sobre o tema, pois enfrentam diariamente questionamentos e críticas à religião.

Portanto, o expositor da Palavra deve estudá-la profundamente, visando adquirir uma forte base sobre o tema para dar respostas convincentes ao jovem questionador. "Ler não é luxo, é uma necessidade. Deve estar no topo das prioridades daqueles que estão lidando com pessoas e ideias" (Morris, 2016, p. 120), especialmente se tratando das novas gerações.

A partir do estudo diligente, o expositor poderá escolher um texto que atenda às necessidades específicas do contexto da comunidade na qual está inserido. Não se esquecendo, como diz Neely (2010), de que o propósito exegético e o propósito homilético devem ser iguais. Ou seja, deve-se aplicar o texto bíblico à nossa vida diária, de acordo com o princípio que ele apresenta. Ou seja, "Quando tentamos provar uma reivindicação da verdade, é necessário haver uma coerência lógica, uma adequação empírica e uma relevância experimental" (Morris, 2016, p. 116).

A pregação cristã, em seu anseio por contextualizar e alcançar as novas gerações, não deve apelar apenas para as experiências emocionais. Esse caminho coloca a solidez doutrinária e a santidade da vida em segundo plano, de modo que a cosmovisão não é influenciada, e as pessoas não são alcançadas para Cristo. Segundo Keller (2014), esse tipo de experiência é somente mais um prazer passageiro.

Keller (2017, p. 121) dá uma definição do que significa contextualizar dentro do cenário da pregação cristã:

> Significa identificar-se com a cultura à sua volta, sem, porém, deixar de confrontá-la. Significa antagonizar os ídolos da sociedade e, ao mesmo tempo, demonstrar respeito pelas pessoas e por muitas de suas esperanças e aspirações. Significa comunicar o evangelho de um modo que não seja apenas compreensível, mas também convincente.

Os jovens que foram profundamente influenciados pela pós-modernidade e pós-verdade possivelmente apreciarão uma comunidade com uma pregação contextualizada que visa uma real mudança de cosmovisão. Para contextualizar a pregação é necessário falar na linguagem que as novas gerações entendem, a fim de conduzi-los numa jornada de relacionamento com o Salvador, em que Cristo deve se tornar o Centro da vida para que haja nova vida nEle.

MUDANÇAS NA LINGUAGEM

PREPARANDO A IGREJA PARA NOVOS MÉTODOS

Para alcançar esses jovens que estão se distanciando cada vez mais do evangelho, a igreja deve ser ousada e estar preparada para a mudança da linguagem, sendo:

> [...] uma igreja preparada para assumir riscos, que aprende com suas falhas e erros. É uma igreja capaz de aceitar a mudança. É uma igreja que incentiva a prestação de contas em todos os níveis. É uma igreja que descentraliza a tomada de decisões e está preparada para capacitar pessoas ao ministério. É uma igreja que não vive para si mesma, mas vive sua vida na comunidade mais ampla (Gibbs, 2012, p. 277).

Ellen G. White, pioneira do movimento adventista, já falava da necessidade de novos métodos destinados para uma época específica: "Novos métodos precisam ser introduzidos. O povo de Deus tem que despertar para as necessidades da época em que vive" (White, 2008, p. 70). Além disso, segundo a autora, "alguns dos métodos usados nesta obra serão diferentes dos que foram usados na mesma no passado. Mas não permitamos que alguém, por causa disto, ponha obstáculos no caminho mediante a crítica" (White, 2008, p. 105).

A igreja deve estar preparada para receber o público pós-moderno. Por isso um culto específico para este tipo de público, com membros treinados para recebê-los, pode fazer grande diferença na sua percepção da mensagem e da igreja. Pois a mensagem para eles não se restringe apenas ao púlpito, é abrangente, alcança todos os parâmetros que podem ser medidos dentro da vida e adoração da comunidade cristã.

Se o culto falar ao coração deles, será um forte marco para que se sintam incluídos e desejem fazer parte do cristianismo adventista. Pois "um dos apelos mais poderosos à mente pós-moderna é a comunidade adoradora" (Zacharias, 2015, p. 30). Não devemos ser, como alguns creem, uma comunidade apenas

tolerante, "precisamos superar o muro da tolerância que nos impede de sermos testemunhas de Cristo" (Long, 2015, p. 362).

Em vez de tolerarmos nosso próximo, devemos amá-los, como Cristo nos mandou: "Um novo mandamento dou a vocês: Amem uns aos outros. Como eu os amei, vocês devem amar uns aos outros. Deste modo todos saberão que são meus discípulos: se vocês amarem uns aos outros" (Jo 13:34–35). O verdadeiro amor cristão terá como marca fundamental a aceitação. E "O objetivo da aceitação é trabalhar para a transformação, não para que as pessoas sintam-se mais confortáveis sobre seus pecados" (Gibbs, 2012, p. 237), mas para terem sua cosmovisão revisada e transformada.

A LINGUAGEM ADAPTÁVEL NO CULTO

Como existem várias gerações convivendo no dia a dia da igreja local, deveria haver, como foi dito acima, um momento específico de criação de pontes e evangelismo para as novas gerações. Não para separá-las, mas para criar uma conexão entre a mensagem e elas. Pois o objetivo é que o corpo de Cristo, a igreja, possa trabalhar unida na propagação do evangelho e na adoração. Mas como há grande diferença na visão de mundo entre as gerações, um culto com dia, horário e local específico pode fazer grande diferença, atingindo esse público através de uma linguagem acessível.

Esse culto que serviria como uma "ponte" entre a mente pós-moderna e a cristã poderia acontecer no horário reservado ao atual culto jovem – que, em alguns lugares, precisa de uma revitalização e de voltar ao propósito inicial do ministério jovem, envolvendo-os na evangelização. Reconhece-se, portanto, que não há nada melhor do que jovens trabalharem na evangelização, pois além de serem úteis para a propagação do evangelho, se fortalecem na fé e nas virtudes do Espírito.

O USO DE NOVOS CANAIS DE COMUNICAÇÃO

Nesta era tecnológica, no ambiente digital, pode-se dialogar sobre a mensagem em chats, podcasts, WhatsApp e salas de bate-papo. Além de transmissão da mensagem via videochamada ou em canais do YouTube e Facebook em

tempo real. No que concerne ao ambiente físico, habitualmente nas igrejas, recomenda-se que após o momento de culto, haja um diálogo com o propósito de ampliar a mensagem central. Esse movimento intencional gera um impacto significativo na vida do ouvinte, visto que o indivíduo participa da construção de sentido, sanando dúvidas e suprindo demandas espirituais.

Outro ponto importante é o uso de ilustrações presentes em vídeos e na internet, ou pequenas encenações. Já que a atual geração é muito mais atraída por imagem, som e tecnologia do que qualquer outra geração anterior. Além da igreja local, esses métodos podem se estender às mensagens em pequenos grupos, transmitindo de forma mais vívida o conteúdo.

Essas encenações não deveriam ter como fim a promoção pessoal nem transformar a igreja em um palco teatral. O objetivo dessa iniciativa e de outras semelhantes deve ser mostrar a verdade em formatos fortes e aproveitar dons e aptidões dos indivíduos das novas gerações que tenham propensão para esse tipo de ministério.

O SERMÃO EXPOSITIVO

O ensinamento público é um fator marcante no cristianismo e fundamental à fé cristã (Rm 10:17). O sermão expositivo pode ser uma ferramenta poderosa para transmitir a mensagem a uma geração acostumada ao uso de narrativas.

Na pós-modernidade, toda realidade depende do sujeito (Zacharias, 2015, p. 22). Essa subjetividade integral da realidade, constitui-se como um dos grandes problemas da influência pós-moderna na sociedade. Cada pessoa faz uma leitura e interpretação particular de qualquer conteúdo, inclusive da Bíblia, dando-lhe a interpretação que lhe aprouver.

Deus, porém, tem uma verdade absoluta que deve ser apresentada às novas gerações de forma profunda, inteligível, vivencial e relevante. O sermão expositivo é o tipo de sermão mais poderoso para esse objetivo. Pois nele o texto é destrinchado de tal modo que ouvinte compreende o que o escritor bíblico quis dizer, para quem quis dizer, porque quis dizer, qual o princípio apresentado e como podemos aplicá-lo em nossa vida.

Esse sermão, que busca levar o ouvinte para "dentro" da época bíblica, cria imagens e trabalha poderosamente com a imaginação humana em suas narrativas, podendo atingir poderosamente essas gerações.

EXPOSIÇÕES TEMÁTICAS PRÉ-DEFINIDAS

É possível criar um calendário de sermões temáticos, com assuntos pertinentes às novas gerações, para lhes capturar a atenção. O calendário deve trazer uma prévia dos temas dos sermões, para que os jovens pesquisem sobre eles antecipadamente e, assim, tenham maior oportunidade de participação. Ter um calendário temático bem definido pode ser uma abordagem útil na exposição da palavra nas igrejas ou em pequenos grupos.

PEQUENOS GRUPOS DE ADORAÇÃO, ESTUDOS E SOCIALIZAÇÃO

Os pequenos grupos proporcionam a oportunidade de trabalhar temas relevantes à juventude em sua linguagem de maneira mais direcionada. Além disso, permitem maior envolvimento dos ouvintes, gerando um senso de pertencimento que nem sempre pode ser alcançado no culto divino. Os jovens que estão se preparando para o batismo podem encontrar nessas reuniões o acolhimento que lhes é fundamental, principalmente para aqueles que veem as igrejas como excludentes, julgadoras e discriminatórias.

Nos pequenos grupos, a adoração, estudo e debate das Escrituras, devem ser conduzidos por uma pessoa que se preocupe com o grupo, que esteja preparada para dirigir o debate e seja um agente motivador do relacionamento entre todos com amor e confiança. Assim, poderá fortalecer o senso de pertencimento almejado para as novas gerações.

Em todos os momentos, deve-se usar uma Bíblia com linguagem acessível como a NVI ou NAA, tanto para a compreensão do ouvinte, como para o estudo posterior[5].

[5] Nova Versão Internacional (NVI) e Nova Almeida Atualizada (NAA) são traduções bíblicas com linguagem contemporânea, tendo como base o texto crítico, que é considerado o mais fiel aos originais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso mundo mudou de sobremaneira. As cosmovisões de hoje são muito diferentes daquelas de trinta anos atrás, e diferem ainda mais das cosmovisões da época bíblica. Mas, "o coração humano de hoje carrega ainda as mesmas lutas, dúvidas, vazio, desejos perversos e frustrações que afligiam o coração de homens e mulheres da antiguidade bíblica" (Neely, 2010, p. 59). Por isso, a mensagem das escrituras será relevante para as novas gerações quando for primeiramente vivida pelo expositor, trazendo esperança a uma geração questionadora e que está desiludida com praticamente tudo.

Para que isso ocorra, é necessário contextualização correta. Não para dar à mensagem um "sabor secular". Mas para que as novas gerações experimentem o sabor restaurador do evangelho eterno que deve ser proclamado pelo movimento adventista.

A contextualização não deve ocorrer através jargões populares, antes, por intermédio de cultos e reuniões intencionais que venham, com uma linguagem adequada, criar pontes para jovens entre treze e trinta anos. Esse jovens, principalmente no período da adolescência, estão deixando de lado a fé ou menosprezando-a, aderindo cada vez mais a um pensamento secular que descarta totalmente a mensagem cristã. Para isso, o expositor, pregador ou pastor, primeiramente, buscará uma íntima comunhão com Deus através da oração e estudo intencional e profundo da Bíblia. Para que ele esteja preparado espiritualmente para mergulhar nos assuntos de interesse dos adolescentes e jovens desta geração. Ele deverá estar fundamentado espiritualmente e ter uma cosmovisão sólida. Para então transmitir a mensagem numa linguagem correta, atingindo a cosmovisão desta geração ávida por conhecimento mas que, muitas vezes, pela facilidade de acesso, acaba tendo uma base muito rasa que consideram profunda.

O desafio é imenso, tanto para eles quanto para a liderança da igreja que tem que aprender uma nova linguagem. Mas com a presença de Deus, fortalecimento espiritual, fóruns, estudos, esforço, adaptabilidade, pesquisas e principalmente ouvindo os anseios das novas gerações, Deus usará novos líderes que levarão a verdade presente a uma nova geração que carece de

exemplos e palavras de esperança. É necessário que os jovens vejam, em nós, tais atributos, para que possam atender ao chamado de Cristo e formar uma igreja que, de forma rápida e contundente, abalará o mundo.

REFERÊNCIAS

CARSON, D. A. **Igreja emergente:** o movimento e suas implicações. São Paulo: Edições Vida Nova, 2010.

GIBBS, E. **Para onde vai a igreja:** mudanças na maneira de conduzir ministérios. Curitiba: Editora Esperança, 2012.

KELLER, T. **Igreja centrada**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2014.

KELLER, T. **Pregação:** comunicando a fé na era do ceticismo. São Paulo: Edições Vida Nova, 2017.

KIMBALL, D. **Eles gostam de Jesus mas não gostam da Igreja:** insights das gerações emergentes sobre a igreja. São Paulo: Editora Vida, 2011.

KINNAMAN, D. **Geração perdida:** por que os jovens estão abandonando a igreja... e repensando a fé. Pompeia: Editora Universidade da Família, 2014.

KINNAMAN, D.; LYONS, G. **Descrentes: o que a nova geração realmente pensa sobre o cristianismo... e por que isso é importante**. Pompeia: Editora Universidade da Família, 2012.

LONG, J. Gerando esperança: uma estratégia para alcançar a geração pós-moderna. In: CARSON, D. A. (Org.) **A verdade:** como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno. São Paulo: Edições Vida Nova, 2015.

MORRIS, D. **O poder da pregação bíblica**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2016.

NEELY, W. **A aplicação das escrituras à vida contemporânea**. In: KOESSLER, J. (Org.) Manual de pregação. São Paulo: Edições Vida Nova, 2010.

REIS, E. **Como preparar e apresentar sermões**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2003.

WHITE, E. **A ciência do bom viver**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

WHITE, E. **Evangelismo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

ZACHARIAS, R. Uma antiga mensagem, por meios modernos, à mente pós-moderna. In: CARSON, D. A. (Org.) **A verdade: como comunicar o evangelho a um mundo pós-moderno**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2015.

CAPÍTULO 37

37

Utilização da metodologia de ensino imersivo para a evangelização das novas gerações

Daniel Sebastián Cayrus Pereyra

A sociedade avança a passos agigantados; basta olhar para trás no tempo para constatar todos os avanços que chegaram de mãos dadas com a ciência, a pesquisa e a tecnologia, mudanças que também são necessárias para o ensino e o aprendizado das novas gerações. Em vista desse cenário, cabe questionar: até que ponto é necessário que a igreja invista em novas tecnologias para alcançar as pessoas? Deve se "computadorizar" a evangelização? Pode a Bíblia ser mais bem compreendida pelas novas gerações usando o método imersivo de ensino? Este estudo pretende, a partir de cada seção, mostrar a importância de "estar continuamente atualizados" na forma de compartilhar o evangelho. Diga-se de passagem, que o movimento adventista, em seu estágio inicial, caracterizou-se pela utilização dos meios disponíveis de sua época, como a imprensa e recursos gráficos (em cores ou em preto e branco). Nesse sentido, infere-se que novas dinâmicas tecnológicas são essenciais para o avanço da missão na contemporaneidade.

Embora acreditemos que os métodos modernos (que a tecnologia nos permite aproveitar) não substituem os métodos antigos – que já se provaram eficazes – nem a interação interpessoal, é vital para que se alcance as novas gerações e as vindouras, um olhar para além da folha impressa e começar a conhecer os métodos de aprendizado que usam a tecnologia atual.

Neste projeto, plantearemos a necessidade de pensar uma metodologia de ensino-aprendizado imersivo para ensinar a Bíblia às novas gerações, fazendo uso de tecnologias tais como: realidade aumentada, realidade virtual e vídeos em 360°. Esta última caracteriza-se pelo seu formato imersivo, uma tecnologia que vem ganhando espaço não apenas em jogos, mas também em colégios e universidades, como método de ensino em distintas disciplinas. Também se falará da importância da criação de conteúdos virtuais imersivos que compartilhem os ensinamentos da Bíblia. Por fim, será apresentado um exemplo de projeto imersivo realizado pelo autor.

DEFINIÇÕES E CONCEITOS

APRENDIZADO IMERSIVO

O aprendizado imersivo faz referência a uma categoria de aprendizado que utiliza e brinca com a realidade virtual, isto é, a realidade aumentada ou o vídeo em 360º, proporcionando uma possibilidade real de interação com os conteúdos que serão transmitidos ao usuário.

Nazareth Barrio (2016) menciona que a realidade virtual busca despertar todos os sentidos e levar o participante a vivenciar uma experiência maior, estimulando sua curiosidade, motivação, implicação e criatividade, favorecendo desta forma a compreensão e assimilação de conteúdos de forma natural.

Nesse sentido, é válido suscitar a questão: a que se deve esse êxito de ensino tecnológico? Uma vez que a nossa memória é seletiva, apenas recordamos aquelas coisas que foram mais significativas no aprendizado. Assim, esse método se propõe a captar a atenção de seus participantes, com o intento de que a assimilação dos conteúdos seja mais dinâmica e impactante – comparada aos métodos tradicionais. Essa metodologia se formula a partir de um sistema muito particular, conhecido como: *learning by doing* – aprendizado a partir da prática –, elaborado pelo psicólogo behaviorista Roger Schank.

REALIDADE AUMENTADA

A realidade aumentada (RA) é considerada como uma das tecnologias emergentes mais promissoras da atualidade, devido ao seu caráter revolucionário dos processos de ensino, ela preserva um alto nível de motivação e inovação.

A ferramenta de RA foi definida originalmente por Azuma (1997) como uma tecnologia que combina elementos reais e virtuais, criando cenários interativos, em tempo real e registrado no espaço tridimensional. Essa integração mista – da realidade física e digital – pode ser realizada em diferentes níveis: uso de QR codes, imagens, objetos em 3D, a mobilização de coordenadas mediante GPS ou, ainda, pegadas térmicas (Fundação Telefônica, 2011; Cabero e García, 2016).

A RA permite ao usuário, mediante o uso de dispositivos tecnológicos, perceber a realidade acessando e interatuando em tempo real com informação aumentada – imagens, modelos 3D, vídeos, áudio, e até mesmo sensações tácteis de acordo com sua localização no contexto real. Podemos dizer que a RA agrega informação sintética à realidade.

REALIDADE VIRTUAL

A realidade virtual (RV) é um termo aplicado a um conjunto de experiências sensoriais sintéticas, ou seja, geradas por computador, comunicadas a um operador ou participante. A partir das definições propostas por distintos autores, pode-se concluir que os investigadores coincidem no entendimento de que a RV é, fundamentalmente, uma simulação computadorizada da realidade, cuja principal característica é a capacidade de prover um tipo de imersão sensorial.

A maioria das aplicações de RV consiste em experiências visuais nas quais o participante se vê imerso e interage em um ambiente ou cena virtual. A cena virtual se visualiza mediante algum dispositivo de visualização. Segundo o estudo publicado na *Revista de Ensino e Tecnologia* (2000), a RV apresenta uma capacidade significativa de mimetizar cenários reais. No âmbito educacional, essa tecnologia favorece o processo de ensino-aprendizagem ao proporcionar imersão e uma experiência de aprendizado em primeira pessoa, permitindo uma interação direta que potencializa a absorção de conhecimento.

Numerosos estudos indicam que a tecnologia de RV é uma ferramenta eficaz para o ensino, devido à sua capacidade de proporcionar entornos imersivos, multissensoriais e verossímeis. A diferença principal entre RV e RA é que, por um lado, a RV implica na imersão total do participante em um mundo sintético, enquanto a RA permite que o usuário permaneça no mundo real, acrescentando-lhe elementos virtuais.

VÍDEO 360°

Os vídeos em 360° também são parte da metodologia de ensino imersivo. Eles permitem ao participante sentir-se dentro de outro ambiente distinto

ao que se encontra. Os ambientes podem ser otimizados com imagens reais (filmadas com câmeras para gravação no formato de 360°), ou virtuais (desenvolvidos completamente com computador). Podem ser utilizados com áudio ou sem áudio; com óculos de RV ou unicamente com o celular.

UTILIZAÇÃO DAS TECNOLOGIAS NO ENSINO

Na tecnologia de RV se baseiam numerosas aplicações que empregam a teoria de que um conhecimento é mais bem absorvido quando experienciado. A postura de inatividade, enquanto espectador do conhecimento apresentado, demonstra ser menos produtiva. Assim sendo, percebe-se que a base dessa teoria é o conceito de conhecimento em primeira pessoa, segundo o qual um indivíduo adquire a maioria dos conhecimentos de sua vida diária mediante experiências naturais, diretas, não reflexivas e subjetivas.

No ensino tradicional tem sido frequente abusar do método expositivo, que converte o aluno em um ser receptivo-passivo, chegando a limitar seu aprendizado a um exercício reprodutivo e ignorando seu grau de motivação. Neste cenário de expectativas pedagógicas, cabe notar a experiência vivida pelo autor do presente estudo, em que reconhece o uso das redes sociais, juntamente com os avanços da tecnologia multimídia e o desenvolvimento de tecnologias existentes aplicadas (de uso livre), como agentes de transformação das dinâmicas educativas da sociedade, nas quais o “ensinar” e “aprender” abrangem dimensões que transcendem a esfera escolar e familiar.

As novas gerações buscam maior participação e interação com seu entorno, talvez como nunca. Eles sabem que têm acesso a muita informação e, muitas vezes, buscam a simplicidade em todas as coisas de sua vida. Em outras ocasiões, no entanto, já não se sentem atraídos por um ensino expositivo. Nessa condição é que as ferramentas modernas podem oferecem novas tecnologias, chamadas a converterem-se em algo mais do que um apoio para o modelo tradicional de ensino.

Para compreender melhor a relevância do método imersivo, devemos conhecer alguns de seus atributos, como visto na lista de atributos realizada por Ernesto Yannini:

1. Faz dos conteúdos educativos, recursos lúdicos e empáticos;
2. Potencializa o aprendizado a partir da estimulação dos sentidos;
3. Possui grande adaptabilidade para atender diferentes estilos de aprendizado;
4. Está comprovado de maneira científica que implica uma retenção de 90% dos conhecimentos transmitidos;
5. Favorece a agilidade nos processos de ensino-aprendizado;
6. Simula praticamente qualquer espaço e representa dinâmicas da realidade;
7. Brinda a possibilidade de aprender desde diferentes locais;
8. Seu formato o volta um recurso acessível em diferentes ferramentas digitais.

Deve-se, ainda, levar em conta que essa metodologia é muito recente e a implementação no tempo seguirá permitindo maiores avaliações. Uma das formas utilizadas pelos educadores como um medidor válido do nível de profundidade e aprendizado alcançados ao longo de um curso (desde o ponto de vista aptitudinal), é a taxonomia cognitiva desenvolvida por Bloom e Krathwoh[1] (1956). Esta considera os seguintes objetivos educativos, ordenados de menor a maior segundo seu grau de dificuldade (Tabela 1):

Tabela 1 – objetivos educativos

1	Conhecimento	Capacidade básica para recordar informação sem requerer um entendimento do material que está sendo tratado;
2	Compreensão	Capacidade para entender e interpretar um material ou situação, assim como para extrapolar o entendido para áreas não cobertas pelo planejamento original;

3	Aplicação	Capacidade para determinar qual conhecimento é relevante para uma situação particular e aplicar corretamente esse conhecimento para produzir uma solução correta ao problema em questão;
4	Análise	Capacidade para determinar qual conhecimento é relevante para uma situação particular e aplicar corretamente esse conhecimento para produzir uma solução correta ao problema em questão;
5	Síntese	Capacidade para criar uma entidade única nova, traçando os diferentes aspectos do conhecimento e entendimento, de forma que o resultado é mais do que simplesmente a soma de suas partes componentes;
6	Avaliação	Capacidade para julgar o valor das ideias, soluções, métodos etc. Esse nível é considerado o máximo da hierarquia cognitiva porque o estudante deve empregar todos os níveis anteriores mais um critério de avaliação apropriado para determinar o valor geral do material que está sendo examinado.

Fonte: adaptado pelo autor.

Está comprovado que a tecnologia de RV é uma ferramenta muito válida para alcançar os níveis mais elevados da taxonomia de Bloom, já que proporciona capacidades para desenvolver aplicações nos níveis mais elevados e complexos desta classificação. Nesse sentido, a imersão digital permite que o estudante transite do campo teórico para a experimentação prática. Uma conhecida citação de Confúcio sintetiza essa premissa: "Me o contaram e o esqueci; o vi e o entendi; o fiz e o aprendi". Por um lado, há uma geração que busca novas formas de aprender e por outro, uma tecnologia preparada para fazê-lo e assim, construir "uma realidade nova", como afirma Barroso (2017, p. 25):

> Sua importância na educação deriva das possibilidades que nos oferece esta tecnologia para enriquecer a informação que se apresenta, proporcionando uma combinação de informação digital e informação física em tempo real por meio de distintos suportes tecnológicos,

> como por exemplo os tablets ou os smartphones, para criar com isso uma realidade nova.

Após terem sido diagnosticadas as consistências metodológicas imersivas proporcionadas pela RA e RV, cabe, no próximo tópico, responder à inquietação proposta pelo estudo: seria necessário que a igreja adventista avaliasse a possibilidade de investir tempo e recursos na produção de materiais virtuais para a apresentação da Palavra de Deus às novas gerações? Diante do que foi exposto, acreditamos que sim. Essa anuência será desenvolvida a partir do projeto elaborado pelo autor para as novas gerações. O projeto foi chamado *ApocTeens* e tinha como finalidade ensinar o livro de Apocalipse aos adolescentes da cidade de Caleta Olivia, na Argentina.

PROJETO DE EVANGELISMO PARA NOVAS GERAÇÕES UTILIZANDO O MÉTODO IMERSIV*O: APOCTEENS*

ApocTeens é um projeto realizado na cidade costeira de Caleta Olivia, na província de Santa Cruz, Argentina. O tema escolhido para o *ApocTeens* em 2019 foi "Lutas de nações", em que foi enfatizada a profecia mencionada na Bíblia em Daniel 2 e Daniel 7. A partir do tema principal, o projeto teve como objetivo específico: 1) chamar a atenção de adolescentes adventistas e não adventistas para um projeto evangelístico da igreja adventista para sua geração; 2) aproximar os adolescentes da Palavra de Deus de uma maneira atraente, utilizando o tema das profecias e "o fim do mundo"; 3) realizar um projeto utilizando a metodologia imersiva de ensino (RA, RV, vídeo 360° etc.) para conhecer a reação dos adolescentes a essas novas iniciativas.

Para alcançar os objetivos propostos, foram produzidas campanhas publicitárias nas redes sociais (Instagram, Facebook e Whatsapp), convidando os usuários para um primeiro encontro em um lugar icônico e central da cidade, conhecido como "*El Gorosito*" – monumento feito em homenagem aos petroleiros, atividade principal da região. A publicidade constava de um vídeo que explicava a versão bíblica do fim do mundo. Tal iniciativa, curiosamente,

identificou algumas ideias apocalípticas populares como obsoletas e antibíblicas. O vídeo também foi publicado no YouTube.[1]

Ademais, o projeto contou com a inciativa de aprendizagem imersiva. O evento convocado em *El Gorosito*, permitiu que os participantes pudessem, por meio da RA, visualizar e experienciar algumas páginas da história, primariamente, da história da Babilônia, Daniel e Nabucodonosor. Entre as tecnologias aplicadas, a imagem 3D (gerada por computador), introduzia o tema das nações que, desde Babilônia, governaram o mundo, tal como é apresentado na profecia bíblica de Daniel.

Após essa experiência digital centrada na temática bíblica, os participantes se envolveram em uma atividade em grupo, na qual o uso da tecnologia imersiva foi aplicado. Nesse cenário, os participantes puderam conhecer as estruturas arquitetônicas e o cotidiano dos quatro impérios do mundo antigo, são eles: Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma. Todo o projeto, e a sua aplicabilidade, consistiu do uso da RA, RV e vídeos 360°, como ilustrado abaixo (Tabela 2):

Tabela 2 – tecnologia e aplicabilidade no projeto

Tecnologia	Aplicabilidade pedagógica
Realidade aumentada	Permitiu a visualização das pessoas, locais e instrumentos do cotidiano: armas, guerreiros antigos, construções etc.
Realidade virtual	Possibilitou a visualização das cidades de impérios antigos, por exemplo: levou os participantes as paisagens de Roma do primeiro século d.C.
Vídeos 360°	Além da produção visual, possibilitou a imersão do participante em locais históricos e simbólicos do mundo antigo, por exemplo: o coliseu romano em 360°.

Fonte: elaborado pelo autor.

Logo após a atividade em grupo, os participantes participaram de um circuito tipo carrossel (luta de nações). Na ocasião, quatro grupos disputaram entre si, virtualmente, em jogos típicos do mundo antigo. Embora

[1] Ver: https://www.youtube.com/watch?v=c-tTQUo1Q-E. Acessado em: 26 mar. 2026.

seja perceptível uma complexidade de registros arqueológicos referente ao principal evento esportivo de cada império no mundo antigo, os jogos foram projetados conforme a lista a seguir: Babilônia, um concurso de arco e flecha; Medo-persa, um jogo de obstáculos; Grécia, as olimpíadas (lançamento de disco e dardo); Roma, um jogo de dados.

Terminadas as atividades imersivas, foi proposto uma breve reflexão sobre o cuidado de Deus ao longo da história, além de um convite aos participantes para que continuassem envolvidos nos próximos projetos.[2]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante essa experiência, foi possível comprovar as teorias das fontes consultadas. Por meio da coleta de informações e dados, observou-se que, por ser um tema relativamente recente, ainda há escassez de literatura específica. Para além disso, entende-se que a incorporação da tecnologia imersiva no aprendizado das novas gerações aparenta ser positiva, visto que não apenas desperta o interesse dos jovens, mas potencializa sua experiência e a imaginação no que tange ao conhecimento dos temas tratados. Assim sendo, reconhecemos que o ensino – de modo geral – por meio da tecnologia, deve ser levado em consideração na hora do ensino-aprendizado com as novas gerações.

É nesse cenário, portanto, que se evidencia a oportunidade e a viabilidade do investimento de tempo e recursos na produção de conteúdos digitas. Tal material servirá de apoio aos distintos esforços missionários e evangelísticos realizados pela igreja. Além de preservar os métodos tradicionais, a proposta almeja conservar, resgatar e alcançar as novas gerações. Entretanto, sua ilustre e digital presença, será de pouca serventia se não houver clareza sobre como e quando utilizá-la. Embora o tempo continue a fornecer experiências e avaliações mais completas sobre essa metodologia na educação, acredita-se que a igreja possa agir de maneira oportuna, aproveitando as tecnologias disponíveis e as tendências atuais.

[2] Ver: https://www.facebook.com/apoc.teens.7. Acessado em: 26 mar. 2026.

REFERÊNCIAS

AZUMA, R.; Uma pesquisa sobre Realidade Aumentada. **Presence:** Teleoperators and Virtual **Environments**, v. 6, n. 4, p. 355-385, 1997.

BARRIO, N. **Aprendizagem imersiva, uma nova estratégia de aprendizagem**. Novembro, 2016. Disponível em: <https://revistadigital.inesem.es/educacion-sociedad/aprendizaje-inmersivo/>. Acesso em: 10 out. 2019.

BLOOM, B.; KRATHWOHL, D. Taxonomia de objetivos educacionais: **Manual I, o domínio cognitivo**. Nova York, USA: David McKay Company, 1956.

CABERO, J.; GARCÍA, F. (coords.). Realidade aumentada: tecnologia para a formação. Madrid: Síntese, 2016.

CASEY, L. **Realidade virtual**. Mc Graw Hill, 1994.

DE ANOTONIO, A.; VILLALOBOS, M.; LUNA, E. Quando e como usar a Realidade Virtual no ensino. **Revista de Ensino e Tecnologia**, p. 26-36, jan./abr. 2000.

FUNDAÇÃO TELEFÔNICA. **Realidade aumentada:** uma nova lente para ver o mundo. Madrid: Fundação Telefônica-Ariel, 2011.

OSUNA, J.; PÉREZ, Ó. Produção de recursos de aprendizagem apoiados em Realidade Aumentada por parte de estudantes de magistério. EDMETIC, v. 6, n. 1, p. 23-38, dez. 2016. ISSN 2254-0059. Disponível em: <https://www.uco.es/ucopress/ojs/index.php/edmetic/article/view/5806/5440>. Acesso em: 7 out. 2019. doi: https://doi.org/10.21071/edmetic.v6i1.5806.

TORRAS, E. **A tecnologia 3D ou realidade imersiva na educação infantil**. Valencia, mar. 2018.

CAPÍTULO 38

38

Narratologia e gamificação como ferramentas no discipulado de adolescentes

Mariano Sanz

É significativo o papel do ensino bíblico para a igreja cristã; no entanto, o pedido de Cristo em Mateus 28:16–20 – chamado no mundo cristão de "grande comissão" – não limita o trabalho eclesiástico ao ensino bíblico, mas o inclui dentro de um conceito maior: o discipulado. O discipulado é um labor contínuo: embora seja fácil identificar o início, não há um término claro, pois ele se estende por toda a vida da pessoa. Isso nos mostra que o processo de discipulado cresce à medida que a pessoa vai incorporando novos hábitos, novas decisões e, sobretudo, à medida que há um desenvolvimento do caráter à semelhança de Cristo – uma maturidade espiritual, nas palavras do apóstolo Paulo em Efésios 4:13.

Entende-se que a "grande comissão" é atribuída a todo aquele que conheça a obra salvadora de Cristo, para que apresente essa obra a quem ainda não teve contato com o maior conteúdo que o cristianismo tem para o mundo. Não existe, dentro da Bíblia, limitação de sexo, procedência ou raça que exclua algum ser humano de receber essa boa notícia – o evangelho – e, assim também, não se encontra dentro da Bíblia limitações etárias ao processo de discipulado.

Quando a igreja desenvolve seu plano de discipulado, não pode, sob nenhuma norma, mandamento, conceito ou filosofia, excluir as novas gerações desse plano. Essas faixas etárias – que vão desde o nascimento até o ingresso na idade adulta (entre vinte cinco e trinta anos de idade) – são o tesouro que a igreja tem nas mãos para que possa permanecer relevante e manter uma visão de futuro.

O presente ensaio irá focar no trabalho com a faixa etária das novas gerações: os adolescentes. Tomar-se-á, para este ensaio, a adolescência como a idade compreendida entre treze e dezoito anos (Leys, 2017). Os adolescentes têm características distintivas no mundo das novas gerações, entre as quais podemos citar, sem se limitar a elas: mudanças corporais, tomada de decisões transcendentais em sua vida, vulnerabilidade e um desejo extremo de responder perguntas sobre sua identidade, seu valor pessoal e seu propósito.

Voltando ao início dessa introdução: a grande comissão aponta para um processo e, ao envolver o fator do público, é necessário contemplar esse nicho

e observar as ferramentas disponíveis para alcançar os corações e mentes que desenvolverão uma resposta a esse estímulo espiritual.

É bem sabido que, com o avanço da internet, das redes sociais e da internet das coisas, os adolescentes vivem imersos em uma realidade de múltiplas telas e, embora entenda-se que essa realidade não é inerentemente boa ou ruim por si mesma – a internet é uma ferramenta (Bonazzi, 2022)[1] –, ela causou mudanças de hábitos e consumos na geração atual que podem dificultar a conexão desta com gerações anteriores.

Em conexão com o discipulado bíblico, se são seguidos padrões ou formas antigas, poder-se-ia estar perdendo a janela de atenção que os adolescentes oferecem aos seus interlocutores, por considerá-los entediantes ou sem estímulos que captem sua atenção. Diante disso, tanto a narratologia quanto a gamificação surgem como grandes ferramentas para estimular a mente dos adolescentes para as verdades bíblicas e ao seu papel transcendente dentro de uma visão profética do fim dos tempos.

Essas ferramentas se destacam por sua simplicidade, naturalidade, espontaneidade e clareza. Seu uso é atemporal e consegue unir tanto os pensamentos quanto as emoções, com o objetivo de que os adolescentes tomem suas decisões a favor do evangelho eterno, ingressem no ciclo de discipulado e sejam protagonistas desse mesmo processo com seus semelhantes.

Assim sendo, o estudo pretende apresentar uma imersão descritiva de ambas as técnicas e, ao final, propor um modo de utilizá-las dentro do discipulado bíblico de adolescentes para a Igreja Adventista do Sétimo Dia.

PROTAGONISTAS EM PRIMEIRA PESSOA

Considere um professor diante de uma sala de alunos do ensino médio; ali, frente aos pares de olhos que acompanham o professor de pé diante do quadro, ele tem o poder de decidir dar a aula de duas formas: a) a primeira é de maneira impessoal, apenas passando o conteúdo acadêmico necessário de acordo com o plano da disciplina; a outra alternativa é: b) desenvolver a

[1] BONAZZI, D. Entrevista concedida no âmbito do MBA de liderança com ênfase no estudo das novas gerações da UNASP – Guarulhos, São Paulo, 3 maio 2022.

aula de forma pessoal, passando o conteúdo da aula por meio da vivência, da emoção, da ética, da norma e da ação de um público que, quer saibam ou não, está diante de um conteúdo que será construtivo em seu processo de vida.

Qual seria o perigo de tomar a primeira decisão? Afinal, o professor é contratado, pago e mantido em seu trabalho para ensinar; o perigo reside na fixação do conhecimento por parte do adolescente, já que o conteúdo, ao não se mostrar atraente, cai no esquecimento. Em contrapartida, a segunda opção trabalha com o aluno de maneira holística, fornecendo conexões emocionais com o conteúdo dado, que fica incorporado para seu uso no decorrer da vida e serve de plataforma para maior conhecimento.

Ao se falar de discipulado de adolescentes, é interessante notar que não ser trata apenas de compartilhar conteúdo, mas de uma experiência a ser explorada por cada jovem. Isso é necessário, pois a ideia do discipulado é incorporar não apenas o conhecimento sobre Cristo nas mentes – e especificamente nas mentes adolescentes – mas promover uma experiência real com o Salvador que impacte todas as partes da vida. O discipulado se vale do ensino, contudo, o mero ensino não faz discípulos (Noboa; Leys, 2020).

A adolescência tem detalhes que precisam ser explorados profundamente por líderes religiosos para entender a elaboração de pensamentos, decisões e hábitos que acabam construindo sua cosmovisão. Papalia e Wendkos (2001) escrevem que a adolescência basicamente se trata de mudanças: fisiológicas, cognitivas, morais, sociais e de personalidade. Nessa enorme etapa cronológica de mudanças é importante considerar, além da idade, as transições entre adolescência, pré-adolescência e juventude. Tamanha oscilação, somada à quantidade de estímulos externos que bombardeiam essa faixa etária consiste num tremendo desafio ao discipulado desta. Entre esses estímulos podemos comentar brevemente dois a seguir.

Primeiro, o uso da internet se massificou em vários processos; o último deles foi o dos *smartphones*, que formam uma das indústrias com maiores dividendos existente. No uso da internet, destaca-se o nicho dos aplicativos de redes sociais, que, apesar de serem diferentes uns dos outros, têm como objetivo reunir pessoas com gostos e ideias parecidos por meio de algoritmos

de consumo. Há algoritmos menos invasivos (Twitter) até outros que coletam muito maior quantidade de dados e personalização (Instagram, TikTok) e fazem com que a interação entre a aplicação e a pessoa seja de maior duração. Essa recopilação de dados move uma indústria bilionária de publicidade que pretende manter o consumidor preso à tela pelo maior tempo possível.

Segundo: o mundo dos videogames. Antes era normal ver adolescentes buscando o último console ou comprando o último jogo para convidar amigos a passar um bom momento em casa; essa maneira de consumir os videogames foi mudando e, desde o surgimento da internet nos consoles, as barreiras de localização se romperam e seu uso se massificou em todas as faixas etárias. Assim, uma pessoa pode estar jogando seu jogo preferido online, com seus amigos da universidade que moram no exterior, ou depois da aula com seus colegas Esses jogos têm várias categorias dependendo do tema (batalha, aventura, RPG, esportes), da posição do jogador em relação à história (em primeira ou em terceira pessoa), da linha de tempo (temporal ou atemporal) etc. Isso permite maior personalização por parte dos jogadores, que decidem a maneira de consumir o videogame.

Esses dois grandes estímulos na adolescência podem aparentar uma luta injusta contra o que a igreja tem para oferecer. Tanto as redes sociais quanto os videogames são indústrias que movem enormes quantidades de dinheiro apenas em publicidade, sem citar a potência dos algoritmos ou a especialização em arte e semiótica.

As palavras de Cristo de ir e fazer discípulos (Mateus 28:18–20) não falam de métodos, mas de intencionalidade, de um trabalho de ganhar corações e mentes e levá-los ao conhecimento do Salvador. Dentro da mesma narrativa das últimas palavras de Cristo antes da ascensão, em Atos 1:8, fala-se da maneira como esse processo será realizado até os confins da terra: receberão poder pela obra do Espírito Santo e o cristão passará a ser testemunha – portanto, terá uma experiência para contar. Ao retornar a esse conflito entre os estímulos da internet e o discipulado, percebe-se que não é um conflito em si mesmo, mas apenas um chamado à reestruturação de métodos e a um maior acompanhamento das pessoas.

Diante disso, existem duas ferramentas que explicam o sucesso das redes sociais e dos videogames: a narratologia e a gamificação. Essas ferramentas – simples, pedagógicas, atraentes e de grande alcance para a mente humana – são chave no discipulado, pois utilizam estímulos para atrair a atenção dos adolescentes para as questões eternas mostradas na Bíblia. Esses estímulos são inerentes ao ser humano e são as emoções que partem dos sentidos. A seguir, serão apresentadas cada uma dessas ferramentas e como podem ser utilizadas no discipulado bíblico para adolescentes. É fundamental entender o motivo pelo qual essas ferramentas funcionam nas pessoas: toda pessoa joga e toda pessoa conta ou é parte de uma história. Portanto, longe das implicações que têm os videogames ou as redes sociais, eles são baseados em narratologia e gamificação; seu uso para a igreja hoje não apenas é importante, mas é imperativo para comunicar a mensagem correta que a igreja possui por meio da revelação bíblica, da maneira que os adolescentes necessitam.

NARRATOLOGIA OU *STORYTELLING*

O ato de contar histórias é uma das atividades mais comuns da humanidade. Por meio dela é possível expressar identidade, cosmovisão, emoções e princípios. A história comove, alegra, clarifica e alimenta emoções; não é por acaso que, na educação formal, é uma das disciplinas acadêmicas mais apreciadas pelos alunos em geral. Nas palavras de Miller (2018), a história funciona como um mecanismo de criação de sentido, cujos princípios organizam os fatos de modo que o cérebro compreenda os acontecimentos sem a necessidade de grande esforço. A pergunta que surge é: por que a narrativa é tão importante no discipulado? Conforme observa o teólogo Ratzinger (1985), a Escritura acabou se tornando um livro de acesso restrito, transformando-se em objeto exclusivo de especialistas, a ponto de os leigos e até teólogos de outras áreas não se sentirem seguros para discuti-la.

Houve uma tendência da teologia em buscar a exegese mais como ciência do que como divulgação para os crentes, e é aí que a narrativa ocupa um lugar de privilégio, levando teologia aos adoradores de uma maneira que possam entender. As histórias são importantes para a experiência do discípulo, pois

amplificam as verdades da Palavra de Deus e realçam o valor que a Bíblia tem no dia a dia de cada pessoa, independentemente de seu contexto familiar. Isso ainda é muito mais visível em adolescentes, que se deparam com tanta informação nova que é necessário uma relação entre o *trending topic* e a Palavra eterna de Deus.

A narrativa, nas palavras de Veland et al. (2018), pode ser entendida como uma estrutura cognitiva que permite ao indivíduo conferir sentido à sua própria experiência. Além disso, ela possibilita a promoção de diálogos sobre temáticas complexas, nas quais se exige a compreensão e a correlação de diferentes vivências dentro de um processo de co-criação de significado. Essa definição nos ajuda a compreender a importância que a história tem no processo comunicacional para tornar simples temas complexos, como salvação, justificação, eventos finais, caráter de Deus, encarnação de Cristo, a lei, a graça, a justiça, entre outros. Tem-se, portanto, à mão uma ferramenta que pode estimular a busca por essas verdades eternas em um contexto de extrema imediatez.

O *storytelling* pode ser utilizado em ampla variedade de momentos. Dentro das atividades de uma igreja adventista local, percebe-se que existem momentos cúlticos e momentos extracúlticos.

Nos momentos de culto, por exemplo, existem atividades nas quais a participação dos adolescentes é menor (pregação, estudo bíblico, exposição de conteúdos no clube de Desbravadores) e, então, a história tem um objetivo definido: conexão. Ali são necessárias histórias que conectem o conhecido com o desconhecido, o efêmero com o eterno; o discipulador deve pesquisar os textos bíblicos que serão expostos e criar ou trazer uma história que possa tornar esses textos mais tangíveis. Quanto mais sensorial for a história, mais impregnada ficará na mente do adolescente. Esse é o momento de utilizar todos os recursos que contribuam para esse objetivo (ex.: se a história é sobre a casa da avó, trazer objetos de lá – roupas, livros – para que sejam tocados, cheirados etc.). Essa conexão convida a mente a receber as verdades bíblicas e mostra que elas podem ser vivenciadas pelos adolescentes.

Nas atividades extracúlticas (saídas missionárias, caminhadas, passeios de bicicleta, celebrações de aniversário, pequenos grupos etc.), a história tem outro objetivo: aprofundar. O que deve a narrativa aprofundar? Relações e princípios. Fora dos momentos de culto, os adolescentes se mostram como realmente são. Esse momento deve ser sabiamente utilizado pelos discipuladores para abrir diálogos e compartilhar experiências. Nesse contexto, o *storytelling* não parte apenas do discipulador para o discípulo, mas também segue o sentido inverso. Esse intercâmbio enriquece o conhecimento sobre a pessoa, fortalece o vínculo e a leva a compartilhar. No momento de contar uma história, tudo comunica: o tom de voz, a velocidade da narração, os silêncios e a gesticulação (Gámez, 2022). Esses elementos realçam a narração e criam emoções que tornam a história inesquecível.

É interessante notar que o *storytelling* não é simplesmente uma técnica de marketing ou uma forma de passar conhecimento; a história é parte do ser humano e o próprio Jesus utilizava narrativas para transmitir valores eternos. Essa perspectiva é corroborada pelo teólogo Dodd (2001), que considera as parábolas como o elemento de maior distinção na doutrina de Jesus Cristo apresentada nos Evangelhos. Somado a isso, White (1999) explica que Deus escolheu se revelar por meio da semelhança humana, de modo que os ensinos de Cristo utilizavam o que era familiar e terreno para ilustrar verdades desconhecidas e divinas, facilitando a compreensão do povo.

Isso significa que o grande método de Jesus para comunicar verdades eternas a mentes corrompidas pelo pecado era por meio de parábolas ou histórias. No Evangelho de Marcos, cita-se que Cristo não lhes falava senão por meio de parábolas. Não se poderia hoje utilizar uma melhor ferramenta do que o *storytelling* para chegar aos corações de adolescentes sedentos pelas verdades eternas em um mundo hiperestimulado.

GAMIFICAÇÃO

É sempre necessário definir conceitos para uma melhor compreensão dessa ferramenta: a gamificação consiste no uso de mecânicas, elementos e técnicas de design de jogos em contextos que não são jogos, para engajar

os usuários e resolver problemas (Zichermann; Cunningham, 2011; Werbach; Hunter, 2012). Esses princípios de jogo ajudam imensamente na formação de uma experiência prazerosa no aprendizado, o que é vital para a igreja, pois as verdades bíblicas compreendidas de maneira correta trazem benefícios na maneira como os adolescentes verão sua realidade eclesial e sua contribuição para ela.

Mais do que apenas jogar, a gamificação consiste na tomada de decisões dentro de um leque de possibilidades. Isso é essencial no trabalho com adolescentes, porque é possível utilizar sua autonomia na tomada de decisões para o discipulado. Por exemplo, pode-se oferecer a escolha entre a classe bíblica no prédio da igreja ou ao ar livre. Ou então, num momento de estudo bíblico pode-se propor uma encenação ou vídeo para redes sociais, demonstrando o que foi aprendido.

Levar os conteúdos ao jogo traz vários benefícios: controle do aprendizado, trabalho em equipe e retroalimentação constante, pois podemos construir outros conceitos a partir de um inicial (Borrás, 2015).

No mundo adolescente, eles já possuem habilidades e acumularam experiência suficiente para ser protagonistas, mas têm diminuído seu nível de disposição para as tarefas (Leys, 2017). Portanto, nota-se a importância da integração do jogo como processo para assimilar conhecimentos, incorporar emoções e chegar a decisões que tenham a ver com sua etapa como discípulos e sua preparação para uma liderança que os converta em discipuladores de outros.

Um dos objetivos do jogo é gerar um "flow" ou fluxo que, segundo Csikszentmihalyi (1990), é um estado imersivo na execução de uma atividade. Esse é o objetivo do jogo: um equilíbrio entre a dificuldade da tarefa e a capacidade para cumpri-la. Se o objetivo do jogo é saltar quatro metros sem impulso e o adolescente mais alto que temos mede 1,70 m, a maioria terá dificuldade em cumprir a tarefa, de modo que não conseguirão experimentar o *flow*. O jogo deve ter componentes como desafio, oportunidade, competição e retroalimentação; dessa forma, o ciclo se completa e a atividade lúdica pode ser realizada de maneira precisa. Outros aspectos importantes

na gamificação são as possibilidades de escolha e de uma progressão que seja social ou compartilhável, criando uma espécie de fidelidade e constância para com a atividade.

Concluindo este aspecto, nota-se que o jogo é algo intrínseco do ser humano: toda pessoa joga, seja sozinha ou em grupo; e que a atividade lúdica ajuda no aprendizado. Pode-se citar, como exemplo, que nenhum esporte começa como disciplina, mas sim com uma série de jogos em que vão sendo incorporadas habilidades; ou que, para aprender o alfabeto, utilizam-se jogos de memória entre amigos.

Na igreja, isso se torna altamente importante: um pastor no púlpito utilizando um aplicativo de celular para que os adolescentes escolham o tema da pregação provavelmente captará muito mais a atenção deles do que aquele pastor que apenas cumprimenta e começa a pregar.

Hábitos como esse são ainda mais relevantes no discipulado fora das paredes da igreja, pois o jogo nesse contexto serve principalmente para mostrar o caráter e construir relações de amizade e respeito. O jogo inclui e iguala, e isso o torna importante no discipulado de adolescentes.

Por fim, como insight, pode-se observar que o jogo não é algo inerente apenas ao ser humano, mas que o próprio Deus utilizou o jogo como vínculo com Cristo. Isso é perceptível em Provérbios 8:30: "eu estava com ele e era o seu arquiteto. Dia após dia eu era a sua alegria, divertindo-me em todo o tempo na sua presença". A trindade estava envolvida em uma prazerosa tarefa, criando o perfeito mundo edênico, para deleite deles e deleite de toda a raça humana. Jogar faz parte do ser humano e é uma ferramenta útil para atrair corações a Cristo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A igreja como corpo não pode cair na dicotomia sobre os métodos de discipulado nem supor que a batalha está perdida diante dos estímulos externos. Em vez disso, deve dialogar com as mudanças. Os princípios são tão eternos quanto Deus o é; o método, porém, pode mudar com o tempo.

Tanto a narrativa quanto a gamificação não são ferramentas novas, mas precisam ser estudadas para seu correto uso nos dias que se vivem, é também necessário aplicá-las de maneira eficiente e assertiva. Isso significa que se não se deve escolher aleatoriamente o jogo ou história para cada momento, mas que o momento e a aplicação da ferramenta devem ser profundamente estudados para criar o impacto desejado nos adolescentes.

Em suma, esse ensaio pode ser enumerado em três partes notórias para o leitor:

A. Vivem-se tempos de grandes impactos e as indústrias trabalham para prender a atenção de cada adolescente na tela, porque isso significa mais. No entanto, a igreja pode manter-se relevante com ferramentas de profunda construção social que trabalham tanto as emoções quanto a razão;

B. A narrativa e a gamificação são ferramentas úteis na construção de um discipulado relevante, pois acompanham o processo de elaboração de decisões nos adolescentes e lhes apresenta uma alternativa importante para manter sua atenção e compartilhar quem são com o mundo;

C. É possível propor um vai e vem comunicacional com os adolescentes que podem parecer apáticos e frios, a fim de que eles possam tomar decisões; oferecer essa possibilidade permite que o processo de discipulado seja acompanhado até que alcancem a juventude e a idade adulta.

O presente estudo dedicou-se a descrever e apresentar ideias de como utilizar ferramentas atuais no desenvolvimento de um discipulado autêntico e estruturado. A relevância dessa abordagem reside na sua capacidade de atender às demandas específicas das novas gerações, consolidando a formação espiritual em uma etapa decisiva do desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS

BORRÁS, O. **Fundamentos de la gamificación.** Madrid: Universidade Politécnica de Madrid, 2015.

CSIKSZENTMIHALYI, M. **Flujo:** la psicología de la experiencia óptima. Barcelona: Kairós, 1990.

DODD, C. H. **Las parábolas del Reino**. 2. ed. Madrid: Ediciones Cristiandad, 2001. p. 21.

GÁMEZ, A. **Como contar histórias. Storytelling:** aprenda a contar histórias. [S.l.]: Amazon, 2022.

LEYS, L. **Liderazgo generacional**. Dallas: E625, 2017.

MILLER, D. **Como construir uma StoryBrand**. São Paulo: Empresa Ativa, 2018.

NOBOA, D.; LEYS, L. **Proyecto discipulado:** ministério de adolescentes. Texas: E625, 2020.

PAPALIA, D. E.; WENDKOS, S. **Psicología.** México: McGraw-Hill, 2001.

RATZINGER, J. **Informe sobre la fe**. Madrid: BAC, 1985.

VELAND, S.; SCOVILLE-SIMONDS, M.; GRAM-HANSSEN, I.; SCHORRE, A. K.; EL KHOURY, A.; NORDBØ, M. J.; BJØRKAN, M. Narrative matters for sustainability: the transformative role of storytelling in realizing 1.5°C futures. **Current Opinion in Environmental Sustainability**, v. 31, p. 41–47, 2018. https://doi.org/10.1016/j.cosust.2017.12.005. Acessado em: 23 abr. 2026.

WERBACH, K.; HUNTER, D. **For the win**: how game thinking can revolutionize your business. Philadelphia: Wharton Digital Press, 2012.

WHITE, E. **Parábolas de Jesus**. Ellen G. White Estate, Inc, 1964.

ZICHERMANN, G.; CUNNINGHAM, C. **Gamification by design:** implementing game mechanics in web and mobile apps. Sebastopol: O'Reilly Media, 2011.

CAPÍTULO 39

39

O uso das histórias em quadrinhos no evangelismo da IASD

Thiago de Passos Lobo

As histórias em quadrinhos, também conhecidas como HQs, podem ser consideradas um gênero textual que se apresenta por meio de linguagem verbal e não verbal. Elas possuem os fundamentos básicos de uma narrativa, como enredo, personagens, lugar e tempo. No Brasil, a primeira HQ com as características que conhecemos hoje foi *O Tico-Tico*, publicada no ano de 1905. Já em 1960, os brasileiros tiveram acesso à primeira HQ totalmente colorida: A *Turma do Pererê*, do cartunista Ziraldo. Ao todo, foram 43 edições publicadas até 1964, com uma tiragem média de 120 mil exemplares. Foi também na década de 1960 que surgiu a HQ mais conhecida do Brasil, a *Turma da Mônica*, criada pelo artista paulistano Mauricio de Sousa.

Essas publicações eram direcionadas principalmente a crianças e jovens, razão pela qual possuíam um custo acessível. É importante destacar que o principal meio de distribuição eram as bancas de jornal. Naquele período, porém, muitos pais não aprovavam esse tipo de leitura, sobretudo os de famílias evangélicas. As HQs já sofreram censura, fenômeno que ocorreu com forte intensidade nos Estados Unidos, onde o psiquiatra Fredric Wertham liderou uma campanha contra o gênero, fazendo uma ligação direta entre a leitura de quadrinhos e a delinquência juvenil. No Brasil, a *Revista Adventista*, periódico oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), abordou o tema de formas variadas, apresentando pontos positivos, mas também refletindo associações com a delinquência juvenil e classificando as HQs como uma subliteratura, conforme constatam Carmo e Novaes (2017, p. 114) no livro *Adventismo em Quadrinhos*.

UMA BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE OS QUADRINHOS NA REVISTA *NOSSO AMIGUINHO*

A revista *Nosso Amiguinho* é publicada pela Casa Publicadora Brasileira (CPB) há 70 anos. Criada em 1952, foi aprimorada em 1972, quando passou a contar com a arte do desenhista uruguaio Heber Pintos, criador do visual clássico dos personagens. Inicialmente, o grupo foi chamado de "Turma do Noguinho". No ano de 2017, o ilustrador Thiago Lobo coordenou a reformulação

da turma para as novas gerações, adotando novos traços, além de mudanças significativas em roupas e penteados.

Não era incomum a presença de páginas de histórias em quadrinhos na revista. Os temas eram os mais diversos e, em alguns casos, poderiam ser considerados inapropriados para os dias de hoje – como uma edição da década de 1980, ilustrada por Antônio Rios, em que um caçador aparece perseguindo um animal com um rifle nas mãos. Algumas edições traziam HQs com as aventuras da própria turma. Na década de 1990, o artista Paulo Godoy foi responsável por uma série mensal de página única sobre histórias bíblicas, que posteriormente foi assumida pelo ilustrador Andrei Vieira, criador da personagem Gi, segunda menina a integrar a turma como amiga de Luísa.

Embora a utilização da linguagem dos quadrinhos seguisse em alta no final dos anos 80 no Brasil, as publicações de bancas eram majoritariamente protagonizadas por apresentadores de programas de auditório. Esse período (entre o final da década de 80 e o começo dos anos 90) rendeu uma série de quadrinhos peculiares: Xuxa, Gugu, Faustão, Sérgio Mallandro e Angélica ganharam edições próprias pelas editoras Globo (Xuxa, Faustão e Sérgio Mallandro), Abril (Gugu, Faustão e o início de Sérgio Mallandro) e Bloch (Angélica). *Os Trapalhões* também ganharam sua versão em HQ, criada por Cesar Sandoval. Esse quadrinista ainda lançaria uma revista autoral, *A Turma do Arrepio*, publicada de 1989 a 1993 (Abra, 2021).

No contexto da Igreja Adventista do Sétimo Dia, os quadrinhos estavam presentes na já mencionada revista *Nosso Amiguinho* e no formato de tiras em outras publicações da editora. Contudo, essas publicações estavam limitadas ao contexto institucional, servindo apenas como recurso literário para atrair jovens leitores.

A HISTÓRIA EM QUADRINHOS E A APRENDIZAGEM

As HQs têm sido amplamente utilizadas no aprendizado infantil, tanto em escolas públicas quanto particulares. Diferentemente do que ocorreu no passado, o ambiente escolar hoje reconhece as histórias em quadrinhos, incluindo-as como parte do currículo obrigatório de algumas disciplinas, ao

lado de literaturas tradicionais. Segundo o Ministério da Educação (Brasil, 2011, p. 7), "é exatamente esta aparência lúdica das Histórias em Quadrinhos que as torna um veículo de comunicação poderoso, bem aceito por estudantes, que se sentem estimulados a refletir e se expressar por meio delas". Essa aceitação, por sua vez, perpassa pela compreensão do formato. Conforme dissertam Bunzen e Mendonça (2013, p. 105):

> Enxergar uma história em quadrinhos como texto implica trabalhar com uma acepção de texto mais abrangente, que incluía o diálogo entre diferentes códigos, do visual ao verbal escrito. É algo que vem sendo chamado de texto multimodal ou multisemiótico. O sentido é construído por meio do domínio e da articulação de tais códigos.

Assim, a denominada "nona arte" tem ganhado espaço nos noticiários como um assunto sério. Parte desse fenômeno deve-se à grande adesão da indústria cinematográfica, cujas adaptações de HQs têm lotado as salas de cinema. Isso movimenta um mercado que se retroalimenta: alguns passam a ler quadrinhos após assistir aos filmes, enquanto outros assistem às adaptações após lerem os quadrinhos.

Os autores também têm vivenciado um bom momento com a chegada de grandes eventos de cultura pop, como a *Comic Con Experience* (CCXP). Nessas feiras de quadrinhos, cinema e colecionáveis, os artistas têm a oportunidade de apresentar o material produzido durante o ano e vendê-lo diretamente ao público fidelizado por meio de suas redes sociais. Outra forma que tem viabilizado a produção independente de HQs são os financiamentos coletivos em plataformas como o *Catarse*, onde o autor disponibiliza uma prévia do trabalho para captar recursos. Há também programas estaduais, como o ProAC em São Paulo, que incentivam a produção independente de gibis autorais sem a necessidade de uma editora tradicional. Assim, muitos quadrinistas conseguem lançar seus projetos e contar suas histórias.

Ao financiar obras de forma independente, os autores ganham maior liberdade temática. Dessa forma, assuntos antes restritos a um público específico ou circunscritos a livros teóricos ganham visibilidade nas páginas das HQs. É o caso do artista Hugo Canuto, que transformou os orixás do candomblé em super-heróis em uma publicação independente, comercializada em eventos e em seu site oficial. Logo, compreende-se que as histórias em quadrinhos desempenham um papel importante na propagação de mensagens e no aprendizado cultural e religioso. A instituição adventista, portanto, encontrava-se diante da oportunidade de aproveitar essa linguagem em um período histórico tão promissor para a nona arte.

O PROGRAMA ANUAL DE DISTRIBUIÇÃO DE LIVROS MISSIONÁRIOS NA AMÉRICA DO SUL

Desde 2007, a IASD promove o projeto *Impacto Esperança*, distribuindo milhares de livros com mensagens focadas em trazer paz ao leitor. Trata-se de um programa bem-visto pela sociedade, pois fomenta a leitura. O material tem excelente aceitação por ser entregue gratuitamente nas residências e locais de trabalho, e por apresentar qualidade editorial (brochura com lombada quadrada), diferenciando-se de um simples panfleto.

Em 2017, na comemoração de dez anos do *Impacto Esperança*, a Casa Publicadora Brasileira e a Casa Editora Sudamericana já haviam impresso mais de 170 milhões de livros missionários, números que atestam o sucesso do evento na América do Sul. Até 2022, contando desde o início do projeto, apenas no Brasil já haviam sido distribuídos 200 milhões de livros.

Foi também em 2017 que a Casa Publicadora Brasileira promoveu um evento em sua sede, em Tatuí (SP), recebendo líderes como o Pr. Wilmar Hirle (diretor associado do departamento de publicações da sede mundial adventista) e o Pr. Erton Köhler (na época, líder da Igreja na América do Sul). O clima era de empolgação diante dos números astronômicos alcançados. Em entrevista, o Pr. Wilmar Hirle relatou:

> A ideia do livro missionário surgiu em 2006, em Washington, nos Estados Unidos. Em 2007, começamos a espalhar os livros. Depois de dez anos, podemos dizer que foram distribuídos mais de 400 milhões de exemplares ao redor do mundo, pois a cada ano, um novo país se envolve com o projeto. E mesmo na janela 10-40 e outras regiões de difícil acesso, os livros têm sido espalhados. Já temos traduções em árabe e em outras línguas daquela região. Na China, o *Viva com esperança* está sendo impresso e apenas uma pessoa decidiu comprar um milhão de livros (Redação, 2017).

Na fala do Pr. Erton Köhler, embora houvesse a celebração de uma década de entregas, ele apontou uma lacuna: a falta de um material para que as crianças também pudessem participar ativamente da distribuição. Geralmente, as crianças acompanhavam os pais, mas não tinham um material correspondente à sua faixa etária para entregar. Ele lançou, então, o desafio para que a editora desenvolvesse um material com esse propósito para o ano seguinte.

Nas semanas seguintes ao evento, o coordenador de ilustrações da editora preparou rapidamente um *mockup* para apresentar ao então diretor da CPB, Pr. José Carlos de Lima. Tratava-se de uma adaptação do livro O *Poder da Esperança*, de Julián Melgosa e Michelson Borges. O projeto da HQ missionária foi organizado, apresentado e teve rápida aceitação.

Uma das principais exigências era que o material não tivesse o aspecto de uma simples "revistinha" institucional, mas sim de um gibi tradicional, nos mesmos moldes das produções dos estúdios Mauricio de Sousa. O objetivo era garantir rápida adesão por parte das crianças, para que elas reconhecessem o formato da mídia impressa ao recebê-lo de presente de outra criança.

O gibi deveria ter 52 páginas no formato 13,5 x 19 cm (conhecido como "formatinho", padrão no Brasil desde a década de 80). A escolha do papel também foi debatida. A proposta inicial era usar o "papel jornal", tradicional nos gibis, para tornar a publicação mais acessível e fidedigna ao estilo clássico.

A administração resistiu, sugerindo o uso de papel *couchê* brilho para realçar a arte. No entanto, o papel jornal prevaleceu para garantir maior semelhança com os quadrinhos já existentes no mercado.

A diagramação foi cuidadosamente elaborada para facilitar a leitura, sendo distribuída em um limite de três quadros na altura por dois na largura por página, com calhas (espaços entre os quadros) de 2 mm. A fonte escolhida seguiu o padrão das tirinhas e HQs, e os balões foram construídos de forma arejada, evitando que o texto ficasse espremido, favorecendo a leitura até mesmo para crianças em fase de alfabetização.

Com esse formato definido, desde 2017 a igreja passou a distribuir anualmente um gibi contendo uma mensagem de esperança. Para os anos de 2023 e 2024, o tema adaptado será o livro *O Grande Conflito*, da escritora Ellen G. White.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme o objetivo deste trabalho, discutimos a utilização das histórias em quadrinhos no programa anual de evangelismo da IASD, evidenciando como um formato historicamente marginalizado – e outrora censurado no meio religioso e familiar – transformou-se em uma ferramenta importante de comunicação evangelística. O projeto *Impacto Esperança*, ao adotar a distribuição gratuita de HQs infantis a partir de 2017, com tiragens expressivas que ultrapassaram a marca de centenas de milhares de exemplares, demonstra a força e atualidade da nona arte.

O sucesso dessa iniciativa, por sua vez, revela que os quadrinhos são um veículo de comunicação de massa capaz de traduzir mensagens complexas, inclusive as de ordem teológica e espiritual. Contudo, a experiência demonstrou que, para que essa comunicação seja efetiva, é indispensável respeitar os critérios de formatação estabelecidos pelo gênero. Ao adotar o formato clássico do "formatinho", o papel jornal, a diagramação arejada e a estética própria dos gibis seculares, a instituição garantiu que o material fosse recebido e reconhecido com naturalidade pelo seu público-alvo infantil.

Assim, conclui-se que o investimento em histórias em quadrinhos como material literário vai muito além do mero entretenimento. Trata-se de um texto multimodal que, quando elaborado com rigor estético e respeito às suas características como produto cultural, cumpre com excelência o seu propósito evangelístico, conectando as novas gerações de forma lúdica, imersiva e relevante.

REFERÊNCIAS

ABRA. **História dos quadrinhos brasileiros:** anos 80 e 90. 2021.

BUNZEN C.; MENDONÇA, M. (orgs.). **Múltiplas linguagens para o ensino médio**. São Paulo: Editora Parábola Editorial, 2013.

CARMO, F.; NOVAES, A. (Orgs.). **Adventismo em quadrinhos:** as relações entre a Igreja Adventista e a 9ª arte. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2017.

LEMOS, Ágatha. "Uma década de esperança". **Revista Adventista**. 26 maio 2017. Disponível em: https://www.revistaadventista.com.br/da-redacao/destaques/uma-decada-de-esperanca/ Acessado em 17 abr. 2026.

CAPÍTULO 40

40

Mateus 19:16–22: questões geracionais da juventude e discipulado

Aryel Marques de Paula

O discipulado das novas gerações é fundamental no atual contexto da igreja. Vivemos em uma cultura cada vez mais pós-cristã, as influências e os valores que dão forma às gerações emergentes não se alinham com o cristianismo.

Outro fator decisivo e refratário ao alinhamento entre as novas gerações e o cristianismo é o ritmo intenso das mudanças nos tempos atuais. Imagine um cidadão egípcio do ano 1000 a.C., viajando no tempo até o ano 500 a.C., ele certamente ficaria surpreso com as mudanças estruturais, com as novas construções, as palavras incorporadas à língua, mas não teria muita dificuldade em adaptar-se à nova realidade. Religião, agricultura, política, estrutura familiar e cultura provavelmente teriam sofrido poucas mudanças nesses 500 anos. No entanto, nas últimas décadas o ritmo das mudanças se intensificou. O sociólogo canadense Douglas Coupland (2008), em seu livro *Geração* X afirmou que houveram mais mudanças nos últimos 40 anos do que nos 400 anos anteriores.

Nesse sentido, pode-se dizer que um jovem que hoje tem vinte anos de idade já nasceu em uma sociedade que será chamada por Bauman (1997) de "Sociedade Líquida", enquanto o seu pai de 60 anos fazia parte de uma "Sociedade Sólida". É comum ouvir de pais que possuem filhos adolescentes a queixa sobre um abismo na comunicação. Semelhantemente, há uma dificuldade dos filhos para compreender as ordens e "broncas" dos pais. Fato é que o ritmo, menos intenso, das mudanças no passado, permitia um período maior de convivência entre as diferentes gerações, não havia ruptura abrupta. Conforme Jeffries e Hunte (2003), citando Novaes (2018), geração representa um grupo de pessoas nascidas em determinado período e que podem compartilhar experiências comuns no processo histórico e social e, em um estágio similar de sua vida, predispõem-se a uma modalidade comum de pensamento e experiência e a um modo comum de comportamento.

Os especialistas em estudos de gerações apontam que atualmente existem seis gerações que convivem simultaneamente. Evidentemente, estas classificações não são constantes em todas as realidades. Ambientes isolados ou áreas rurais podem alterar as condições e comportamentos de um grupo. Porém, de forma global, os estudos apontam para essas seis gerações. Vale

ressaltar ainda que é comum que haja discordâncias entre os autores sobre as nomenclaturas e os períodos exatos de cada geração.

Ao analisarmos as sequências das gerações, verificamos que às vezes um valor ou comportamento defendido e vivido por uma geração, pode ser questionado veementemente pela próxima. Em seguida, iremos apresentar algumas características de cinco destas gerações. Não será abordada a geração Alfa, a primeira 100% digital, que nasceu após o ano de 2015 e que ainda está sendo estudada.

GERAÇÕES

VETERANOS OU GERAÇÃO *SILENCIOSA* (NASCIDOS ENTRE 1925-1945)

De acordo com os estudos de Jacques *et al.* (2015), os *veteranos* sofreram forte influência das guerras mundiais e, nacionalmente, da chamada *Era Vargas*. O fato de terem vivido entre duas guerras mundiais contribuiu para uma educação com profundo compromisso com a disciplina rígida e respeito às hierarquias.

É uma geração que viveu em época de recessão e privações. Sacrificaram-se e contribuíram para a reconstrução do mundo pós guerra e crises mundiais, como a queda da bolsa de Nova Iorque, em 1929. Para essa geração o amor à pátria é um valor absoluto. No que tange aos valores do cotidiano, valorizam o comprometimento, a lealdade a hierarquia no trabalho (Andrade *et al.*, 2012).

BABY BOOMERS (NASCIDOS ENTRE 1945-1964)

Andrade *et al.* (2012) afirmam que o nome *baby boomers* está associado ao alto crescimento populacional da época. A ausência de guerras mundiais e a consequente melhora de condições econômicas e sociais contribuíram para esse aumento. Os *baby boomers* sofreram forte influência do período da Guerra Fria e do mundo polarizado entre capitalismo, liderado pelos Estados Unidos da América, e o comunismo da União Soviética.

De acordo com Jacques *et al.* (2015), as pessoas dessa geração possuem um perfil ponderado, são obedientes e, pelo fato de terem nascido no pós-guerra, tomam para si a responsabilidade de reconstrução. Os *baby boomers*

são *workaholics* (gíria em inglês que significa alguém viciado em trabalho), valorizam o status e o crescimento profissional. São funcionários fiéis às suas organizações, se orgulham de trabalhar grandes períodos e são apegados às tradições.

GERAÇÃO *X* (NASCIDOS ENTRE 1965-1984)

São filhos dos *baby boomers*, segundo Junior *et al.* (2016), seus pais os ensinaram, por meio de palavras e exemplos, que para obter sucesso era necessário batalhar muito, portanto, normalmente, buscam cedo sua independência financeira e pessoal. As influências do período são: o fim da Guerra Fria e a queda do Muro de Berlim; e, no Brasil, o fim do Regime Civil-Militar e a redemocratização.

Nesse período, ocorre também uma queda nos nascimentos devido a popularização dos métodos anticoncepcionais. Curiosamente, é a primeira geração da história que recebe uma mesada, isso é, um valor mensal em dinheiro dado pelos pais e responsáveis aos filhos. Um conceito que levaria as gargalhadas qualquer pai das gerações anteriores na história do mundo.

Para a geração X o trabalho é fonte de renda, não um local para divertimento e experiências. Buscam equilíbrio entre trabalho, família e lazer. Nesse sentido, Jacques *et al.* (2015) argumentam que, para a geração X, os objetivos pessoais são mais importantes que os organizacionais, muito embora sejam capazes de conciliá-los. A geração relaciona-se com as novas tecnologias, mas com desconfiança. Possuem raciocínio linear e valorizam a experiência.

GERAÇÃO *Y* (NASCIDOS ENTRE 1985-2000)

Segundo o estudo de Melo, Santos e Souza (2013), os indivíduos da geração Y cresceram em contato com as tecnologias de informação e são individualistas. Defendem suas opiniões e priorizam o lado pessoal em relação às questões profissionais. As principais influências do período são: o surgimento da internet e o processo de globalização; a queda das torres gêmeas do *World Trade Center* em Nova Iorque, que gerou a alarmante preocupação com o

terrorismo; e, no Brasil, a criação do Plano Real, que trouxe uma estabilidade econômica e o fim da inflação no cenário nacional.

Essa geração recebe o apelido de "geração canguru", pois seus integrantes não querem sair de casa e apresentam dificuldade de autonomia, visto que recebem mesada e muita proteção dos pais. Diferente das gerações anteriores, buscam um trabalho que lhes proporcione realização, e não apenas sustento.

Uma característica marcante dessa geração é, também, uma resposta ao modo de vida das anteriores. Para a geração Y, as experiências da vida têm mais valor que bens materiais e de consumo. Seus integrantes preferem andar de Uber ou alugar um veículo a comprometerem-se com um bem que gere despesas e vínculos; entendem ser melhor alugar uma casa do que se prender a um imóvel financiado por vários anos. Viajar é mais importante que adquirir bens de consumo. Nesse sentido, Jordão (2016) ratifica que, no passado, a questão era saber equilibrar a vida íntima com a carreira; hoje, porém, isso não é nem sequer questionado. A vida fora do escritório é a mais importante, e "ponto final".

Muitos representantes da geração Y tiveram a estrutura familiar abalada pelo divórcio; avaliam, portanto, que uma vida focada no trabalho prejudicou a família. Por isso, buscam um comprometimento maior com amigos e parentes do que com o trabalho. Curiosamente, tratam pais e autoridades como colegas. Além dessas características, essa geração tem fácil acesso à informação e à formação acadêmica. Por serem uma geração mais instruída, preocupam-se com questões sociais e ambientais, sendo, ainda, capazes de executar múltiplas tarefas simultaneamente e lidar facilmente com novas tecnologias.

Segundo Jacques *et al.* (2015), os membros dessa geração são uma combinação da ética de trabalho em equipe dos *boomers* com a atitude de "eu consigo fazer" dos Veteranos e a segurança tecnológica da geração X. Além disso, os autores aludem ao fato de que a entrada desses jovens no mercado de trabalho fez com que as organizações alterassem a forma de gerir pessoas. Isso, na leitura dos autores, ocorre porque a geração Y é pouco fiel às organizações em que trabalham, importando-se prioritariamente com a experiência pessoal.

GERAÇÃO *Z* (NASCIDOS 2000-2015)

A maioria dos autores posiciona o nascimento das pessoas da geração Z entre 1990 e 2010. Afirmam que o "Z" vem de zapear, ou seja, trocar os canais da TV de maneira rápida e constante. *Zap*, do inglês, significa "fazer algo muito rapidamente".

Em alguns aspectos são parecidos com a geração Y. Possuem fácil acesso ao estudo e informação, são extremamente preparados para os desafios deste mundo, como ser aprovados em um vestibular ou concurso. Porém, é uma geração de contradições, afinal alguns deles estão se preparando para dar a volta ao mundo, mas pelo mundo complexo e perigoso em que vivem, nunca foram sozinhos fazer compras no supermercado que fica a 200 metros de casa.

Jordão (2016) comenta que aprendem muito rápido, porém tem dificuldade de concentração. Também explica que são críticos, dinâmicos, exigentes, sabem o que querem, autodidatas, não gostam de hierarquias e nem de horários pouco flexíveis. Relacionam-se principalmente pelas redes sociais. Seguem uma busca constante por novidades e tem alta intolerância às frustrações. Como a geração Y valorizam as experiências acima de bens.

Considerando todas as gerações apresentadas, é importante lembrar que uma nova geração considera como "tecnologia" apenas aquilo que ela viu nascer. A geração que cortava lenha para cozinhar alimentos maravilhou-se com o fogão a gás; para a geração seguinte, isso já era algo comum. Da mesma forma, a geração que tirava água do poço vibrou com a chegada da água encanada, enquanto as gerações atuais abrem a torneira sem sequer pensar no processo envolvido. Para elas, *smartphones* e outras comodidades são elementos naturais. As demasiadas tecnologias estão totalmente incorporadas ao seu modo de vida e comportamento.

E A IGREJA?

O mercado de trabalho está se adaptando para aproveitar o potencial das novas gerações. Quando o assunto são essas duas gerações (Y e Z) o que mais se escuta é que esses jovens são distraídos demais. Ou seja, jamais poderiam ser bons líderes. Mas é justamente o contrário: são eles, e não os homens

de terno e gravata, que estão prontos para mudar o mundo. Eles ditam o consumo, a moda, o comportamento e até mesmo as formas de se comunicar e dar nome às coisas. Em certo sentido, eles já estão liderando sem que se perceba (Salomão, 2018).

É válido questionar, portanto, qual o comportamento da igreja frente a essas gerações: ela tem se adaptado para responder as questões antológicas das novas gerações? E, ainda, engajá-las na ordem "Ide" de Mateus 28:19–20? De acordo com Salomão (2018, p. 18) "rotular essas novas gerações de desinteressadas e apáticas é mais simples do que se esforçar para criar um conteúdo que as instigue". Fechar os olhos para as demandas das gerações Y e Z é fechar os olhos para o nosso próprio futuro. Essas gerações querem ser, sobretudo, felizes – note, a felicidade não era uma demanda prioritária nas gerações anteriores. Isso posto, observamos que as novas gerações não são complicadas. Na verdade, essas gerações surgiram para nos ensinar novas perspectivas, pois demonstraram que a felicidade não é um acúmulo material a ser conquistado apenas no fim da vida. Portanto, a felicidade dessa geração não está ligada ao que se possui, à poupança, ao apartamento que você compra, mas alicerçada na experiência de vida e na chance de desfrutar daquilo que é gratuito.

Diante desse cenário, seria fundamental que a igreja tomasse a iniciativa de compreender as novas gerações e conduzi-las adequadamente no discipulado. Segundo Gane (2014), a continuidade de qualquer igreja depende diretamente de sua capacidade de sucessão geracional, visto que a ausência de jovens sinaliza o risco de extinção da instituição. Para o autor, a juventude representa o maior valor e a principal esperança de uma congregação pois, ao vivenciarem a fé com seriedade, esses novos líderes introduzem um entusiasmo capaz de contagiar a comunidade, impulsionando-a a reconsiderar sua própria identidade e o cumprimento de sua missão.

PRINCÍPIOS PARA DISCIPULAR AS NOVAS GERAÇÕES

> [16] E eis que alguém, aproximando-se de Jesus, lhe perguntou: – Mestre, que farei de bom para alcançar

> a vida eterna? [17] Jesus respondeu: – Por que você me pergunta a respeito do que é bom? Bom só existe um. Mas, se você quer entrar na vida, guarde os mandamentos. [18] E ele lhe perguntou: – Quais? Jesus respondeu: – "Não mate, não cometa adultério, não furte, não dê falso testemunho; [19] honre o seu pai e a sua mãe e ame o seu próximo como você ama a si mesmo." [20] O jovem disse: – Tudo isso tenho observado. O que me falta ainda? [21] Jesus respondeu: – Se você quer ser perfeito, vá, venda os seus bens, dê o dinheiro aos pobres e você terá um tesouro nos céus; depois, venha e siga-me. [22] Mas o jovem, ouvindo esta palavra, retirou-se triste, porque era dono de muitas propriedades (Mt 19:16–22).

A comunidade dos tempos bíblicos não era focada nas crianças e nos jovens. Existem poucos textos bíblicos com orientações para essas faixas etárias, fato que torna esse encontro ainda mais significativo. A abordagem de Jesus ao jovem rico, ao desafiá-lo ao discipulado, é válida conceitualmente para abordarmos a geração atual?

Gualberto (1993) identifica, no texto bíblico que narra o encontro de Jesus com o jovem rico, cinco princípios norteadores para o trabalho com jovens: a porta aberta, para dar atenção significativa ao jovem; a mente aberta, para tentar entender seus questionamentos; o coração aberto, para amá-lo verdadeiramente; a Bíblia aberta, para orientá-lo no padrão da Palavra e da vontade de Deus; e a mão aberta, para permitir que ele vá, mas também para recebê-lo com carinho em um possível retorno. Estes princípios mostram a sabedoria da abordagem de Jesus ao jovem rico em Mateus 19:16–22.

PRINCÍPIO DA PORTA ABERTA

Jesus deu atenção total ao jovem. Nossos jovens precisam ser ouvidos, para serem compreendidos e apoiados. Vivemos em uma época em que a

internet deu voz a todos. O estudo de Melo, Santos e Souza (2013), enfatiza que a geração Y cresceu em contato com as tecnologias e mídias sociais. Esse ambiente forma indivíduos que defendem suas opiniões e são individualistas. O ambiente da rede social é extremamente democrático: todos podem comentar, curtir e compartilhar. É nesse cenário que os jovens possuem milhares de amigos nas redes sociais e recebem retorno positivo ou negativo de suas opiniões. No entanto, muitas vezes, sentem que na igreja não há espaço para a mesma troca. Segundo Powell *et al*. (2016), quanto mais você dá espaço para a geração Y, entregando-lhe a chave de tudo – desde a igreja e a máquina de refrigerante até a sala dos jovens –, mais eles vão prosperar.

PRINCÍPIO DA MENTE ABERTA

As gerações mais antigas precisam ter a mente aberta para entender os questionamentos das atuais gerações, pois os tempos mudam e os costumes mudam, para melhor e para pior. A Bíblia nos adverte a não ficarmos focados no passado; como disse Salomão, "Nunca pergunte: 'Por que os dias passados foram melhores que os de agora?' Pois não é sábio fazer essa pergunta" (Ec 7:10). Não existe nada errado em mudanças que preservam os princípios bíblicos.

Segundo Kimball (2011), as novas gerações têm grandes questionamentos em relação às instituições. A atual geração acredita que a maioria das igrejas cristãs vive em uma bolha, pois está mais preocupada em permanecer santa e pura, tornando a bolha ainda mais segura, do que em compartilhar com os demais as boas-novas que conhece. E, quando há alguma interação, a impressão que fica é a de uma insistência em apontar o dedo e reclamar dos terríveis aspectos da "cultura".

Segundo White (2007, p. 409) em seu livro *Fundamentos da educação cristã*, foi Deus que permitiu e conduziu o mundo até momento atual:

> Deus dotou os seres humanos de talentos e capacidade inventiva, a fim de que seja efetuada a Sua grande obra em nosso mundo. As invenções da mente humana parecem proceder da humanidade, mas Deus está

> atrás de tudo isso. Ele fez que fossem inventados os rápidos meios de comunicação para o grande dia de Sua preparação.

Sendo assim, a rapidez das mudanças – também das tecnológicas – deve ser encarada como oportunidade. Ela afirma, ainda, que "Deus deseja que sigamos métodos novos, ainda não experimentados", a fim de que a obra se mantenha viva e preponderante. Tendo em vista que "serão descobertos meios que possam alcançar os corações" e o posicionamento da igreja, em sua visão, deve ser de tolerância: "alguns dos métodos usados nesta obra serão diferentes dos que foram postos em prática no passado; mas ninguém, por causa disto, feche o caminho pela crítica" (White, 2007, p. 125).

PRINCÍPIO DO CORAÇÃO ABERTO

Aparentemente, o princípio do coração aberto é difícil de ser analisado e incluído em um trabalho científico, uma vez que entra no campo da subjetividade. Todavia, a subjetividade é um dos elementos imprescindíveis para se analisar a experiência humana em sociedade. Tal conceito, quando aplicado ao estudo em questão, identifica que as gerações anteriores lutaram para conquistar seu espaço na igreja; assim, é com certa virtude e respeito às diferenças, que não devemos falar mal da atual geração, em razão dela ser fruto das ações da anterior. Segundo Junior *et al*. (2016) a geração X foi ensinada pelos seus pais, *baby boomers*, a buscar logo cedo seu espaço, conquistas e independência financeira e pessoal. Em outras palavras, assim como nas outras áreas da vida, buscaram logo cedo seu espaço na igreja.

As gerações dos Veteranos e *baby boomers* vinham de fábrica com o alvo de permanecer por um longo tempo no mesmo trabalho e possuíam resiliência para suplantar possíveis obstáculos a esse objetivo (Andrade *et al*., 2012; Jacques *et al*., 2015). Já as gerações Y e Z, não possuem essas características. De acordo com a pesquisa de Toledo, Albuquerque e Magalhães (2012) a geração Z se caracteriza por ficar pouco tempo em um tipo de trabalho, caso percebam que esta empresa já lhes proporcionou toda experiência possível,

eles seguem em frente. Por outro lado, Jordão (2016) salienta que, diferentemente das gerações anteriores, o mais importante para essa geração não é a carreira ou a remuneração. As experiências e a vida fora do escritório são mais importantes. Ou seja, eles não permanecerão na igreja independente das circunstâncias, como fariam as gerações dos Veteranos ou os *baby boomers*, tampouco lutarão por espaço e mudanças na igreja como a geração X. Em vez disso, permanecerão caso se sintam amados e essenciais, e se tiverem amigos e experiências pessoais e significativas com Deus e com a missão.

PRINCÍPIO DA BÍBLIA ABERTA

Segundo Novaes (2018), em toda relação intergeracional, espera-se que haja certa continuidade. As gerações mais velhas têm expectativa de que a juventude carregue o legado construído. Nesse sentido, a juventude é, novamente, vista como essencial para a preservação da memória e dos feitos da geração anterior. Por outro lado, Novaes, analisando Mannheim (1968), salienta que abordar a juventude como questão geracional é conferir importância às experiências e leituras de mundo dos jovens e, ainda, apontá-las como fator impulsionador das transformações e mudanças socioculturais. Isso ocorre porque toda nova geração – isto é, os jovens de um determinado momento histórico – não está completamente "enredada" por uma herança cultural e institucional que a impeça de questionar o presente e a sua realidade (Mannheim, 1968, p. 73). Nesse sentido, o que Mannheim (1968, p. 73) propõe, na verdade, é que os jovens ainda não são membros "plenos" do universo adulto, dado que não dominam totalmente os valores, os códigos sociais e os comportamentos já estabelecidos pelas gerações mais antigas. Logo, para ele, as relações intergeracionais – entre jovens e adultos e jovens e idosos, por exemplo – possuíam um grande potencial de mudança e inovação da juventude, uma vez que os vícios e falhas da cultura da geração adulta poderiam ser identificados e reparados pela nova geração.

Para que as novas gerações mantenham as verdades bíblicas e o legado da fé, é necessário permitir que o debate franco, o aprendizado mútuo e discipulado sejam constantes, afinal as novas gerações, segundo as análises

de Novaes (2018) e Mannheim (1968), têm o potencial para a continuidade ou desconstrução de todo o legado, seja ele, institucional, religioso, social etc. A título de exemplo, percebe-se que Jesus não debateu assuntos periféricos. O debate foi em alto nível e sobre pontos essenciais: vida eterna, mandamentos e entrega total. Jesus não suavizou os assuntos religiosos e sociais. Por outro lado, não podemos perder o foco do discipulado, tal como Jesus o fez. Por vezes, há o risco de incorrer em erros, pois o apego a tradições não bíblicas e a costumes da igreja pode impedir o potencial da nova geração em descontruir o que não é essencial.

Ainda, segundo Botelho *et al.* (2015), as gerações anteriores eram como esponjas; como o acesso ao conhecimento era restrito, absorviam as informações de pais, professores, livros e de tudo a que tinham acesso. Contudo, a atual geração convive com o excesso de informação, de modo que precisa peneirar o essencial, separar as verdades das *fake news* e das informações menos relevantes. As novas gerações não compram um "pacote fechado", pois foram treinadas pela vida a buscar o essencial.

PRINCÍPIO DA MÃO ABERTA

De acordo com Andrade *et al.* (2012) e Jacques *et al.* (2015), as gerações dos Veteranos e *baby boomers* tinham a postura de fazer carreira longa nas empresas, mesmo que não possuíssem as melhores condições, mantinham o ideal de lealdade a sua atribuição e gestão.

Já as gerações Y e Z têm posturas diferentes. Segundo Toledo, Albuquerque e Magalhães (2012), permanecem pouco tempo nas empresas, caso percebam algum incômodo, ou acreditem que não viverão experiências significativas na continuidade de seu ofício. Eles priorizam a experiência em um ambiente de trabalho que os faça sentir bem, ainda que o custo seja abnegar de uma remuneração maior.

Diferente das gerações anteriores – como a geração X que, orientada pelos pais *baby boomers*, lutou e conquistou seu espaço na igreja –, as novas gerações não irão confrontar a liderança experiente para conquistar o seu espaço, pois

não foi assim que foram educadas. Logo, a liderança deve estender a mão, renunciando ao seu espaço de controle, ou essas gerações deixarão a igreja.

Uma coisa muito séria no trabalho com jovens é que, depois que eles decidem ir embora, é difícil reverter a decisão, como aconteceu na história de Jesus e o jovem rico. As pesquisas têm mostrado que a maior perda de membros ocorre nas faixas etárias das novas gerações. O princípio da mão aberta é cruel e tem sido a triste realidade em muitos lares e igrejas: o jovem atinge a idade e a autonomia e decide ir; os apelos dos pais e da igreja são insuficientes para segurá-lo. O princípio da mão aberta também inclui a disposição para recebê-lo com carinho em um possível retorno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As palavras e abordagem de Jesus Cristo ao jovem rico em Mateus 19:16–22 tem uma impressionante amplitude e harmonia com os métodos mais modernos de desenvolvimento da juventude. Jesus de Nazaré abriu um canal de comunicação com o jovem e lhe deu total atenção. Manteve a mente aberta para compreender seus sonhos, questionamentos e lutas interiores; foi com o coração aberto que Ele o amou, mostrando empatia e interesse real em seu bem-estar. Além disso, com a Bíblia aberta, estabeleceu uma cosmovisão atrelada à soberania divina e ofereceu a ele um ministério em harmonia com seus talentos, com real recompensa e realização.

No estudo apresentado, percebemos que não faz sentido falar mal das gerações atuais, visto que elas não vieram de outro planeta. São os filhos e netos das gerações anteriores. Suas qualidades e defeitos são resultado das sementes plantadas no passado. As gerações antigas são detentoras de um rico legado, mas de nada adianta essa riqueza se não for apresentada no diálogo entre as gerações. Com empatia, as agendas devem ser comparadas: cada geração tem suas lutas e sonhos, seus próprios adversários; sofre o impacto da cultura e tem sua contribuição na história do grande conflito entre o bem o mal. Assim como Deus era chamado de “Deus de Abraão, Isaque e Jacó”, também é o Deus das gerações antigas e das gerações Y e Z.

Existe algo curioso no encontro de Jesus Cristo com o jovem rico: o jovem retirou-se triste, recusando a oferta do Mestre. Como desenvolver um modelo de convite ao discipulado em uma abordagem que, na prática, resultou em recusa? A permissão e o silêncio de Cristo ao ver o jovem indo embora estavam em harmonia com o princípio bíblico do livre-arbítrio. Ao permitir que esta história faça parte do sagrado cânon bíblico, o convite e abordagem do mestre tornam-se universais.

Esse episódio na vida de Jesus nos ensina que a igreja não pode ignorar o livre-arbítrio das novas gerações, com as suas mais variadas características, perspectivas e posturas. O convite e o chamado devem ser feitos independentemente das diferenças; seria um absurdo dar as costas a elas, por estar preocupada em manter tradições e costumes não bíblicos.

Outro fator apresentado é que as novas gerações convivem com o excesso de informação e buscam o essencial. Metaforicamente, elas não irão comprar o "pacote completo" sem uma avaliação criteriosa. É uma geração até mais nobre que as anteriores, em alguns pontos como, o foco na família nos amigos acima de coisas materiais. A geração atual tem totais condições de cumprir fielmente sua parte na história de salvar do pecado e guiar no serviço, mas não sem antes analisar, colocar à prova, conferir na Bíblia, adaptar e, por fim, imprimir seu próprio estilo e assinatura.

As gerações que atualmente lideram a igreja devem tomar a iniciativa, solicitando a Deus que lhes conceda sabedoria e amor para tratar com as novas gerações. Essas novas gerações ouvirão líderes que as amem e as ouçam com atenção e desejo real de compreendê-las. Lembre-se de que as novas gerações sentem o cheiro de hipocrisia a quilômetros de distância. Assim, percebemos que a abordagem de Jesus ao jovem rico é um modelo de convite ao discipulado perfeitamente adequado para alcançar as novas gerações. Jesus Cristo ofereceu ao jovem um ministério, um ideal nobre e um propósito. Cada adolescente e jovem almeja encontrar seu próprio caminho e deixar a sua marca. Isso é marcante nas novas gerações, que estão em busca de uma causa pela qual lutar. Por isso, estão conectados à política ou a causas ambientais e se ressentem das injustiças.

À luz da discussão realizada, torna-se claro que, historicamente, a igreja – o adventismo – tem lidado com os conflitos geracionais de maneira reativa, optando por esperar que as tensões se dissipem naturalmente em vez de enfrentá-las com ações planejadas. Essa postura de ignorar as demandas dos mais jovens enquanto se aguarda o arrefecimento das vozes tradicionais mostra-se pouco eficaz diante das particularidades das gerações atuais. Para reverter esse cenário, é essencial transformar as estruturas já consolidadas da denominação – como a rede educacional, a Escola Sabatina, os clubes de jovens e o culto doméstico – em instrumentos estratégicos, ativos e respeitosos para o discipulado das novas gerações.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, S. *et al*. **Conflito de gerações no ambiente de trabalho**: um estudo em empresa pública. In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA, 9., 2012, Resende. **Anais...** Resende: AEDB, 2012. 1 eletrônico. Disponível em: https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos. Acessado em: 17 abr. 2026.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BOTELHO, M.; FONTANA, V. **Antes esponja, amanhã peneira:** o direito de ligar e desligar na sociedade de informação. Viçosa: Ultimato, 2015.

COUPLAND, D. **Geração X:** contos para uma cultura acelerada. Lisboa: Teorema, 2008.

GANE, B. **O caminho de volta.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

GUALBERTO, M. **Amigo da tchurma**. Niterói: Editora Vida, 1993.

JACQUES, T. *et al*. **Geração Z:** peculiaridades geracionais na cidade de Itabira-MG. Revista Pensamento Contemporâneo em Administração, v. 9, n. 4, p. 67–85, 2015. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/20333. Acessado em: 16 mar. 2026.

JORDÃO, M. **A mudança de comportamento das gerações X, Y, Z e Alfa e suas implicações.** 2016. Disponível em: https://kipdf.com/a-mudanca-de-comportamento-das-geracoes-xyz-e-alfa-e-suas-implicacoes_5aadc9cd1723ddb988064b53.html. Acessado em: 16 mar. 2026.

CORRÊA JÚNIOR, C. *et al*. **O gerenciamento das relações entre as múltiplas gerações no mercado de trabalho**. Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós, [S. l.], v. 6, n. 21, fev. 2016. Disponível em: https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170509162633.pdf. Acessado em: 16 mar. 2026.

KIMBALL, D. **Eles gostam de Jesus mas não da Igreja:** insights das gerações emergentes. São Paulo: Editora Vida, 2011.

MANNHEIM, K. **O problema da juventude na sociedade moderna.** In: BRITTO, Sulamita. Sociologia da Juventude I. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, p. 69-94.

MELO, F.; SANTOS, D. C.; SOUZA, C. C. M. A geração Y e as necessidades do mercado de trabalho contemporâneo. In: **SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA**, 10., 2013, Resende. Anais... Resende: AEDB, 2013. Disponível em: https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos13/9418164.pdf. Acessado em: 16 mar. 2026.

NOVAES, A. O jovem na literatura acadêmica: elementos para um estado da arte dos estudos da juventude. **Revista Fragmentos de Cultura – Revista Interdisciplinar de Ciências Humanas**, Goiânia, Brasil, v. 28, n. 2, p. 246–257, 2018. Disponível em: https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/6001. Acessado em: 16 mar. 2026.

POWELL, K.; MULDER, J.; GRIFFIN, B. **Growing young:** six essential strategies to help young people discover and love your church. Grand Rapids: Baker Books, 2016.

SALOMÃO, P. **LYdereZ**: o exercício da liderança para conectar gerações. Rio de Janeiro: Best Business, 2018.

TOLEDO, P.; ALBUQUERQUE, R.; MAGALHÃES, A. O comportamento da geração Z e a influência nas atitudes dos professores. In: **SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA**, 9., 2012, Resende. Anais... Resende: AEDB, 2012. Disponível em: https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos12/38516548.pdf. Acessado em: 16 mar. 2026.

WHITE, E. **Evangelismo.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E. **Fundamentos da educação cristã.** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

CAPÍTULO 41

41

Protagonistas conhecedores do roteiro: um breve panorama das expectativas de Ellen G. White sobre as novas gerações nos eventos finais

Neila Diniz de Oliveira

Ellen White (1826–1915) nutria uma perspectiva bastante otimista sobre a juventude e sempre acreditou em seu potencial para realizar grandes coisas em favor da obra de Deus. Ao longo de seu ministério, esse foi um assunto recorrente, a ponto de sua última visão, datada de 3 de março de 1915, estar relacionada exatamente à sua preocupação com a espiritualidade dos jovens. Esse tem sido um motivo de tensão também entre aqueles que lidam com as novas gerações. Ao mesmo tempo que existe um forte entusiasmo da parte de alguns líderes da Igreja Adventista do Sétimo Dia para que os jovens assumam o papel de protagonistas no cenário atual, há novas realidades e desafios para os quais precisamos nos atentar a fim de que eles sejam devidamente preparados, e o "roteiro" não seja comprometido.

Este trabalho explora a visão de Ellen G. White sobre o papel das novas gerações nos últimos dias e identifica não somente os fatores, mas a realidade atual que pode estar comprometendo o potencial atribuído por Ellen G. White à juventude, e busca respostas para as seguintes perguntas: há um papel profético e/ou missiológico especial confiado às novas gerações? Existe algum conselho ou estratégia proposta nos escritos de Ellen G. White para envolver os jovens e conscientizá-los de sua missão?

A PROFETISA E AS NOVAS GERAÇÕES

Apesar de ter nascido e vivido a maior parte do tempo no século 19, Ellen Gould White continuou exercendo uma poderosa influência sobre as pessoas ao longo dos séculos 20 e 21. Suas obras – incluindo livros, artigos e cartas – ainda constituem um importante legado e têm sustentado a identidade da IASD durante mais de 156 anos, servindo de referência para aconselhamento em diversos aspectos que abrangem desde a vida de seus membros, até a de pessoas não adventistas ao redor do mundo.

De acordo com Burt (2017, p. 315):

> Mesmo tendo falecido há mais de cem anos, milhões de pessoas são ainda abençoadas pelos escritos de Ellen White, e estes continuam a ser traduzidos em muitas

> outras línguas. As pessoas continuam a conhecer melhor Jesus e a ler mais a Bíblia depois de ler seus escritos. Por que é assim? Porque os escritos e o ministério de Ellen White foram e ainda estão focados em conduzir as pessoas a Jesus e à Bíblia. É vital que os adventistas do sétimo dia e outros grupos interessados em Ellen White orientem a compreensão de sua vida e seus escritos ao redor desse foco.

Reconhecida como profetisa verdadeira, por cumprir todas as condições bíblicas comuns a um porta-voz de Deus (Douglass, 2001, pp. 28–34), Ellen G. White teve uma forte influência sobre a geração que passou pelo evento de 22 de outubro de 1844, conhecido historicamente como "o grande desapontamento", e tem servido como instrumento divino para fornecer a estabilidade necessária à IASD tanto no que diz respeito a questões teológicas como questões de outra natureza. Certamente, uma de suas maiores contribuições foi a compreensão clara e inequívoca sobre o tema do grande conflito, confirmada por meio de uma de suas visões, concedida em março de 1858, e que se tornou uma das principais características do pensamento adventista (Holbrook, 2011, p. 1104) e um diferencial em relação a outras denominações.

Por ter sido chamada ainda bem jovem, aos 17 anos, para exercer o ministério profético, e sendo considerada uma escolha improvável para realizar uma obra tão grandiosa – em parte devido aos seus graves problemas de saúde (White, A., 2015, p. 21) –, Ellen G. White nutria um carinho e uma preocupação muito nobres pelas novas gerações. Era seu especial interesse partilhar com elas o amor de Deus, sua paixão por Jesus e despertar nelas a real necessidade de conhecer as Escrituras Sagradas, para que pudessem cumprir o papel reservado a elas, conforme anunciado em Joel 2:28. Fazendo referência a esse texto, ela escreveu:

> Nas cenas finalizadoras da história deste mundo, muitas destas crianças e jovens encherão de admiração o povo

> pelo seu testemunho em favor da verdade, o qual será dado de modo simples, no entanto com espírito e poder. Foi-lhes ensinado o temor do Senhor, e o coração se lhes abrandou por um estudo da Bíblia cuidadoso e acompanhado de oração. No próximo futuro, muitas crianças serão revestidas do Espírito Santo, e farão na proclamação da verdade ao mundo uma obra que, naquela ocasião, não pode bem ser feita pelos membros mais idosos das igrejas (White, 2014, pp. 166–167).

Ellen G. White acreditava na missão bíblica/profética que as novas gerações desempenhariam, especialmente nos eventos finais, e se dedicou intensamente a conscientizar os responsáveis por elas a se envolverem no processo de discipulado e mentoreamento, unindo forças para que o cumprimento dessa missão acontecesse de forma plena e completa.

O CONCEITO DE GERAÇÕES EM ELLEN WHITE E NA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA

Aos 17 anos, Ellen G. White começou seu ministério profético, no qual levava as mensagens que recebia de Deus onde Ele mandasse (Burt, 2017). Não fosse a certeza do chamado divino, ela teria muitos motivos para resistir e não levar a cabo essa tarefa monumental confiada a uma garota adolescente que vivia em uma época em que o preconceito, em suas várias formas, era ainda mais forte do que atualmente. Ainda adolescente, ela mesma passou a exercer o potencial natural dessa fase da vida e não teve dificuldade de enxergar nas novas gerações o poderoso e inusitado exército que Deus usaria no tempo do fim para completar Sua obra. Era assim que ela as considerava:

> Com tal exército de obreiros como o que poderia fornecer a nossa juventude devidamente preparada, quão depressa a mensagem de um Salvador crucificado, ressuscitado e prestes a vir poderia ser levada ao mundo todo! (White, 2015a, p. 271).

As mãos da profetisa escreveram centenas de textos inspirados animando as novas gerações a exercerem seu lugar de protagonismo na obra divina. Não raras vezes, ela insistia no cuidado e na dedicação que os pais e responsáveis devem exercer para preparar devidamente crianças e jovens a fim de que desenvolvam plenamente seu caráter e se tornem uma bênção para a família e para a sociedade, sendo assim "respeitados pelos homens e amados por Deus" (White, 1997, p. 491).

Ao analisar os estudos atuais sobre juventude e novas gerações, é perceptível a semelhança tanto entre as definições aplicadas a esse grupo como entre o papel que ocupam no cenário social e a visão vanguardista de Ellen G. White sobre esse grupo etário em especial.

Para perceber essa relação, é válido lembrar que a própria definição do conceito de geração em si é algo relativamente recente. Em vez de agrupar as pessoas como pertencentes à mesma geração apenas pelo fato de terem nascido no mesmo tempo cronológico, vários pesquisadores sociológicos têm preferido considerar as gerações mais pela maneira como esses grupos pensam e reagem aos mesmos acontecimentos e conteúdos de vida. Essa é a defesa, por exemplo, do sociólogo e filósofo húngaro Karl Mannheim (1893–1947), que se dedicou a estudar a sociologia do conhecimento de forma mais ampla e é considerado o fundador da abordagem moderna do tema gerações. Para ele, o que forma uma geração não é uma data de nascimento comum. O vínculo geracional está mais ligado às experiências vividas pelos membros de um grupo etário, que se conectam na socialização (apud Feixa; Leccardi, 2010, p. 187). O seguinte texto de Mannheim reflete de forma apropriada seu pensamento:

> Indivíduos que crescem como contemporâneos experimentam nos anos de maior disposição à receptividade, mas também posteriormente, as mesmas influências condutoras tanto da cultura intelectual que os impressiona como da situação político-social. Eles constituem uma geração, uma contemporaneidade,

> porque essas influências são homogêneas. Justamente por essa mudança – de que a contemporaneidade não significa uma data cronológica no histórico da humanidade mas uma similaridade de influências existentes –, a questão colocada escapa de um plano que tendia a converter-se em uma aritmética mística, ao domínio da simples compreensão da temporalidade interior que pode ser percebida. (apud Weller, 2019, pp. 208–209).

Outra importante contribuição na ampliação do conceito de geração veio do renomado historiador e sociólogo inglês Philip Abrams (1933–1981). Para Abrams, "gerações é o lugar em que dois tempos diferentes, o do curso da vida e o da experiência histórica, são sincronizados" (Feixa; Leccardi, 2010, p. 191), ou seja, a história individual e a social se entrelaçam. Tanto na visão de Mannheim quanto na de Abrams, o tempo histórico-social e seus ritmos serão primordiais para definir as novas gerações e a sua identidade social.

O filósofo e sociólogo polonês Zygmunt Bauman (1926–2017) agregou às definições anteriores a ideia de que as novas gerações não surgem da sucessão das anteriores, mas nascem da "coincidência" e "sobreposição", sugerindo uma coexistência parcial entre elas. Em sua visão, "as fronteiras que separam as gerações não são claramente definidas, não podem deixar de ser ambíguas e atravessadas e, definitivamente, não podem ser ignoradas" (Bauman, 2007, p. 373).

Esses conceitos combinam com a maneira como Ellen G. White também enxergava as novas gerações. Apesar de a expressão "geração" não ser nova, sendo usada com frequência em textos mais antigos, os estudos e a aplicação do termo ganharam mais visibilidade nos séculos 20 e 21. Considerando que a autora em questão viveu a maior parte de sua vida entre os séculos 19 e 20, para compreender melhor a relação entre os conceitos apresentados e a atualidade dos seus textos, este artigo propõe uma transposição de termos. Onde se lê as expressões "crianças e jovens", "juventude" e termos afins, é sugerido

aplicar o conceito mais moderno de "novas gerações". Nota-se que a simples mudança de termo torna mais clara a interpretação de seus escritos e aponta também para as expectativas otimistas que a profetisa mantinha a respeito desse grupo etário, revelando a convergência de seu ponto de vista para o que estudiosos da área da sociologia analisaram e concluíram em sua época.

Apenas para efeito de comparação, segue o excerto de um trecho citado no livro *Educação*, em que é possível observar a atualidade conferida ao texto na simples substituição da expressão "criança e jovem" por "novas gerações":

> Depois da disciplina do lar e da escola, todos terão de enfrentar a severa disciplina da vida. Como enfrentá-la sabiamente, é a lição que se deve explicar às novas gerações. É verdade que Deus nos ama, que Ele está atuando para nossa felicidade, e que, se Sua lei tivesse sempre sido obedecida, jamais teríamos conhecido o sofrimento; não menos verdade é que neste mundo, como resultado do pecado, sobrevêm à nossa vida sofrimentos, perturbações e cuidados. Podemos proporcionar às novas gerações um bem para toda a vida, ensinando-os a enfrentar corajosamente estas dificuldades e encargos. Conquanto lhes manifestemos simpatia, isto nunca seja de maneira a alimentar-lhes a compaixão de si mesmos. Eles necessitam daquilo que estimula e fortalece, em vez de enfraquecer. (WHITE, 2015a, p. 295).

O texto mostra não apenas a modernidade na aplicação do termo, mas também a integração do sentido prático para a vida, agregando alguns conceitos em relação às novas gerações que já foram estudados e aceitos, e outros que ainda estão sendo descobertos e validados pelos estudos científicos no que diz respeito a como lidar com as novas gerações na transmissão de valores.

UMA OBRA QUE SÓ AS NOVAS GERAÇÕES PODERÃO DESEMPENHAR

É importante ressaltar como os escritos da profetisa apresentavam a juventude, ou as novas gerações, como tendo um papel proeminente. Ellen G. White enxergava nas crianças e nos jovens (e consequentemente nos adolescentes) os protagonistas de eventos e profecias relacionados ao tempo do fim. Ela também nutria a expectativa de que desempenhassem seu papel da melhor forma possível. Ao que parece, quanto mais se aproximava o fim de seu ministério, mais essa ideia era reforçada em seus escritos. É possível perceber a urgência em suas palavras, em 1884:

> Nunca antes houve tantos interesses importantes em jogo. Nunca houve questões tão importantes diante de alguma geração, como as que aguardam aquela que agora está chegando ao palco da ação. Nunca foram os jovens de alguma época [...] tão intensamente observados pelos anjos de Deus como os jovens o são hoje. Todo o Céu observa com intenso interesse cada uma das indicações do caráter que eles estão formando – se, ao serem postos à prova, permanecem firmes ao lado de Deus e do que é direito, ou são dominados por influências mundanas. (White, 1992, p. 128).

É compreensível a atenção e a preocupação que Ellen G. White demonstrou pelas novas gerações ao considerar sua devoção à Bíblia. Deve-se observar que, sob inspiração, ela estava também refletindo o que a Palavra de Deus apresenta como uma estratégia divina no que tange à atuação desse imprescindível grupo ao longo da história, considerando também o seu papel no tempo do fim.

Em uma análise superficial é possível perceber que a continuidade do plano da salvação se dá por meio das novas gerações. Essa ideia é reforçada em Deuteronômio 6, quando Moisés enfatiza que os israelitas devem orientar as novas gerações de modo a preservar a identidade do povo, que consistia

em representar a Deus e dar testemunho às nações sobre os atos divinos ao longo do processo de salvação do ser humano. Essa questão é bastante séria poque caso uma geração não entenda ou não aceite seu papel, corre o risco de perder o rumo e comprometer o cumprimento dessa missão.

Por ter ciência da missão e da responsabilidade confiadas às novas gerações, Ellen G. White esteve à frente do seu tempo tanto na forma como as enxergava como na maneira que lidava com elas. Não raras vezes, ela aconselhou, alertou e animou crianças e jovens a fim de que usassem ao máximo seu potencial. Em uma época em que os jovens eram vistos de maneira geral com desconfiança, avaliados como impulsivos e inconsequentes em suas atitudes (Aires; Marton, 2019), ela fez a seguinte descrição, na *Review and Herald* de 16 de maio de 1912, urgindo com os pais quanto a administração desse potencial:

> As crianças e os jovens, com seu vigoroso talento, energia e coragem, sua impressionabilidade, são amados de Deus, e deseja Ele pô-los em harmonia com Seus instrumentos divinos. [...] Nossos filhos acham-se, por assim dizer, na encruzilhada dos caminhos. [...] Tornar-se sua vida uma bênção ou um mal, depende da escolha que fizerem. [...] Eles pertencem a Cristo. São aquisição de Seu sangue, a reivindicação de Seu amor. Vivem porque Ele os mantém, por Seu poder. Seu tempo, suas forças, suas habilidades Lhe pertencem, para serem desenvolvidos, educados e usados por Ele. (White, 1912).

Paulo Sohn, em sua obra *Quarter-Life Calling: Pursuing your God-Given Purpose in Your Twenties* (2017), faz eco às palavras de Ellen White ao afirmar que esta é uma geração que precisa experimentar o alinhamento entre quem eles são (identidade), quem eles foram criados para ser (chamado) e o que o Criador projetou para eles fazerem (potencial).

As novas gerações podem ser, de fato, os protagonistas desta história que caminha para seu ato final. E Ellen G. White estava certa em sua avaliação

sobre elas. Vislumbrando um futuro promissor, seu conselho aos pais, líderes e responsáveis por crianças, adolescentes e jovens foi de que assumissem sua parte no preparo deles e trabalhassem como colaboradores de Deus. Assim ela descreveu:

> Temos hoje em dia um exército de jovens que podem fazer muito, se devidamente dirigidos e animados. Queremos que nossos filhos acreditem na verdade. Queremos que eles sejam abençoados por Deus. Queremos que eles tomem parte em planos bem organizados para auxiliarem outros jovens. Que todos sejam tão bem preparados, que possam representar devidamente a verdade, dando a razão da esperança que há neles, e honrando a Deus em qualquer ramo da obra no qual se achem aptos a trabalhar. (White, 2007, p. 27).

Bem como:

> O talento juvenil, bem organizado e bem exercitado, é necessário em nossas igrejas. Os jovens farão alguma coisa com suas transbordantes energias. A menos que essas energias sejam dirigidas por condutos certos, serão pelos jovens usadas de maneira que ferirá sua própria espiritualidade e se demonstrará um mal àqueles com quem se associam. (White, 1993, p. 211).

Daniel Siegel (2016), renomado médico pediatra e psiquiatra da atualidade, também é um defensor da ideia de que a juventude pode ser a melhor época da vida de uma pessoa, se for devidamente assessorada. Segundo ele, é nessa fase que o adolescente (entre os doze e os 24 anos) pode alcançar seu potencial máximo, uma vez que seu cérebro está em pleno desenvolvimento. As mudanças naturais e sadias no cérebro deveriam ser vistas como excelentes

oportunidades para o amadurecimento. Estas ajudam a criar, em vários aspectos, uma jornada vital mais positiva e produtiva (Siegel, 2016, pp. 8–11).

CONCLUSÃO: PROTAGONISTAS CONHECEDORES DO ROTEIRO

Ao longo de 70 anos de ministério, Ellen G. White se dedicou fielmente a transmitir as revelações que lhe foram concedidas em sonhos e visões. Na manhã do dia 3 de março de 1915, por volta das 10 horas, quando ela estava com 87 anos de idade, seu filho William foi chamado para ouvir o relato de sua última visão. Sua preocupação novamente foi com os jovens. "Há livros de vital importância", disse ela, "e que nem são olhados por nossos jovens. São negligenciados por não lhes parecerem tão interessantes como certas leituras leves" (White, A., 2015, p. 536). Em seguida, ela contou que passara a noite separando livros que não seriam úteis para os jovens, pois não despertavam neles o interesse pelas palavras sagradas da Bíblia.

Em suas últimas palavras de alerta aos que lidam com as novas gerações, Ellen G. White revelou urgência para que fossem desenvolvidos projetos que ajudassem os jovens a gravar na memória os pontos mais essenciais da fé. Em sua percepção, os jovens tinham apenas "um vislumbre dessas verdades, mas não um conhecimento que os leve a encarar com prazer o estudo desse conteúdo" (White, 2015b, p. 18). E ainda disse:

> Agora é o tempo e a oportunidade para trabalharmos pelos jovens. Diga-lhes que atualmente estamos numa crise perigosa, e precisamos saber como distinguir a verdadeira piedade. Nossos jovens precisam ser ajudados, erguidos e animados, mas da maneira correta. Talvez não como eles gostariam, mas da maneira que os ajude a ter mente santificada. (White, 2015b, p. 18).

A expectativa da profetisa sobre crianças, adolescentes e jovens é de que eles se tornem os protagonistas dos capítulos finais da história deste mundo, assim como foi profetizado na Palavra de Deus (Jl 2:28). Mas, para que

desempenhem com excelência seu papel, eles precisam conhecer profundamente o roteiro, ou seja, ter uma cosmovisão alinhada com os princípios bíblicos, baseada na compreensão do grande conflito cósmico entre Cristo e Satanás. Desse modo é possível evitar que sejam enganados pelo inimigo de Deus, que, por saber que lhe resta pouco tempo (Ap 12:12), tem distorcido o script, invertido os papéis, confundido os espectadores, criado distrações e procurado neutralizar o potencial das gerações que estão hoje no palco da ação.

A perspectiva do grande conflito, tão cara a Ellen White e tão característica da identidade doutrinária e profética da Igreja Adventista, sugere que "ser protagonista" e "entender o roteiro" é muito mais que contar a história da redenção ou conhecer superficialmente o drama da cruz. Não se resume a aceitar a salvação pela graça ou confessar publicamente a Cristo como Salvador pessoal. Tampouco consiste na prática de um "evangelho social" e genérico que peca, não por ser caridoso e "engajado", mas por perder de vista a verdade presente; por deixar de aludir, como Enoque, Daniel e João Batista, às profecias e necessidades próprias do tempo em que se vive. A verdade que nos foi revelada é uma positiva advertência quanto aos perigos do relativismo, aos sofismas do espiritismo, às ciladas da autossuficiência humana e às seduções das idolatrias contemporâneas, cada vez mais diversificadas e menos perceptíveis a olho nu. Sem as lentes da Bíblia e a visão dos profetas, nossa juventude corre o risco de se igualar aos demais jovens deste mundo sobre cuja vida (ainda) não brilhou toda a luz do conhecimento que o Senhor quis confiar a nós. Esse é o desafio daqueles que treinam para a batalha final o exército de jovens do qual falou Ellen G. White.

Em conclusão, pensando na saúde física e mental desse exército, futuros estudos devem explorar o impacto que o uso excessivo das tecnologias e os entretenimentos digitais podem ter sobre o corpo, a mente, a espiritualidade e a missão escatológica das crianças, adolescentes e jovens adventistas, comprometendo o seu potencial e inculcando-lhes ideias sobre Deus e sobre a vida que são alheias ao cristianismo bíblico e às revelações de Seus profetas.

REFERÊNCIAS

AIRES, L.; MARTON, F. A invenção da juventude. **Aventuras na História**, out. 2017. Disponível em: https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/a-invencao-da-juventude.phtml. Acesso em: 27 dez. 2019.

BAUMAN, Z. Between us, the generations. In: LARROSA, J. (ed.). **On generations:** on coexistence between generations. Barcelona: Fundació Viure i Conviure, 2007.

BURT, M. **Quando Deus fala**. Org. TIMM, A.; ESMOND, D. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2017.

DOUGLASS, H. **Mensageira do Senhor**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001.

FEIXA, C.; LECCARDI, C. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, pp. 185–204, 2010.

HOLBROOK, F. O grande conflito. In: **Tratado de Teologia Adventista do Sétimo Dia**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

SIEGEL, D. **Cérebro adolescente:** o grande potencial, a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos. São Paulo: nVersos, 2016.

SOHN, P. **Quarter-life calling:** pursuing your God-given purpose in your twenties. New York: FaithWords, 2017.

WELLER, W. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 25, n. 2, pp. 205–224, 2010.

WHITE, A. **Ellen White:** mulher de visão. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

WHITE, E. **A ciência do bom viver**. 8. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1997.

WHITE, E. **Conselhos a professores, pais e estudantes**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2014.

WHITE, E. **Educação**. 9. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015a.

WHITE, E. **Exaltai-O!** Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1992.

WHITE, E. **Nos lugares celestiais**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1968.

WHITE, E. **Obreiros evangélicos**. 5. ed. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1993.

WHITE, E. **Review and Herald**, 16 maio 1912.

WHITE, E. **Serviço cristão**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E. **Só para jovens:** segredos para aproveitar o melhor da vida. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015b.

CAPÍTULO 42

42

A relevância da pregação bíblica para adolescentes e jovens

Sidnei da Silva Guimarães

A adolescência e a juventude representam uma fase decisiva do desenvolvimento humano, caracterizada pela construção da identidade e do caráter. Nesse período de escolhas cruciais, os jovens necessitam de instrução, aconselhamento, encorajamento e exortação. Contudo, a igreja e os pastores têm tomado consciência de um fenômeno preocupante: crianças que crescem na igreja estão, gradativamente, perdendo o interesse pelos cultos, pelo estudo profundo da Palavra e pela Escola Sabatina. Imersos em uma era digital, o acesso irrestrito à informação tem levado essa geração a dar mais ouvidos a filosofias seculares, ambientes universitários e discursos de redes sociais do que à experiência religiosa tradicional.

Tais filosofias modernas frequentemente se apresentam sob uma capa muito atrativa de respeito, amor e igualdade, mas, como adverte Provérbios 14:12, mascaram caminhos que conduzem à morte espiritual. Encantados por essas narrativas e declarando-se amantes da ciência, muitos jovens passam a defender ideias seculares e, munidos de uma análise rasa e de uma hermenêutica tendenciosa, buscam na própria Bíblia justificativas textuais isoladas para as suas crenças. A linguagem cristã, nesse cenário, parece ter perdido sua influência comunicativa, criando um abismo que dificulta o alcance das novas gerações.

Diante desse desafio, a pregação litúrgica ressurge com papel central e indispensável. Como salientou Ellen White, a Bíblia deve ser aberta perante o povo de maneira imperativa, visto que possui um caráter inerentemente educativo e transformador. É urgente que a igreja estude esse fenômeno com seriedade e combata a incredulidade de frente, com sabedoria e embasamento, para alinhar o discurso juvenil à correta cosmovisão bíblica. Para isso, o púlpito não pode se furtar de abordar assuntos complexos e reais do cotidiano, tais como depressão, suicídio, desemprego e homossexualidade, demonstrando a confiabilidade do texto sagrado para a vida prática.

Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivo analisar como a pregação pode atuar como um instrumento eficaz de instrução e exortação para adolescentes e jovens. A pesquisa busca compreender a relevância da exposição bíblica sob a perspectiva desse público, apontando caminhos para

aumentar seu interesse no sermão por meio de uma linguagem adequada. Para alcançar tais propósitos, adota-se um método exploratório com análise bibliográfica, buscando uma consonância entre teóricos da homilética e especialistas em novas gerações. Trata-se de um esforço que se justifica não apenas por sua relevância acadêmica para a eclesiologia, missiologia e homilética, mas, fundamentalmente, pela urgência vital de resgatar o compromisso com o culto e promover a salvação da juventude.

A PARTICIPAÇÃO ATIVA DA NOVA GERAÇÃO NA LITURGIA E ESTUDO BÍBLICO

Para enfrentar o crescente desengajamento do jovem com a igreja, principalmente ao entrar na adolescência – seja por influência das amizades ou a própria universidade que tem colocado no coração do jovem desígnios e objetivos diferentes dos que são ensinados na igreja –, é necessário trabalhar alguns pontos fundamentais que permeiam essa faixa etária. Conforme aponta White (2007, p. 38): "A incredulidade, como o manto da morte, está envolvendo nossas igrejas, porque não empregam os talentos que Deus lhes deu, comunicando a luz aos que não conhecem a preciosa verdade".

De modo geral, observa-se nas congregações uma preocupação acentuada com a qualidade das programações. Frequentemente, prioriza-se a participação de indivíduos já habilitados – em alguns casos, inclusive, até mesmo profissionais remunerados – para a condução da adoração. Essa dinâmica, no entanto, pode gerar um sentimento de exclusão no jovem que ainda está em processo de aprendizado, seja na execução de um instrumento ou na oratória, resultando em seu progressivo desinteresse pela igreja. Em contrapartida, quanto mais envolvido o jovem estiver na adoração, mais interesse ele terá em se aprofundar nas coisas de Deus; mais divulgará suas atividades para os amigos, fazendo com que outros se interessem em conhecer e até participar do culto.

Nota-se ainda um número considerável de jovens com baixa participação e pouco compromisso com os cultos, sem motivação aparente para reverter esse quadro. Diante disso, grande parte das interações que recebem se limita

a discursos que soam esvaziados de sentido prático – frases como "vou orar por você" ou "você precisa se apegar mais a Deus". Tratam-se de jargões aos quais já estão habituados, na maioria das vezes desde o ambiente familiar, de modo que tais abordagens perdem a eficácia e não geram reflexão profunda e transformadora. Assim, para que o jovem desenvolva o sentimento de pertencimento, o desejo de participar e crescer espiritualmente, é imprescindível envolvê-lo de forma prática no serviço de adoração.

Cabe à liderança eclesiástica a tarefa de mapear, de forma sensível e intencional, as aptidões, os interesses e as inclinações dessa juventude. Embora muitos não demonstrem proatividade inicial ou desconheçam os próprios dons, uma observação atenta permite direcionar cada indivíduo a uma área de atuação, seja no apoio técnico, na música ou até mesmo na pregação.

Esse incentivo à participação, contudo, deve estar atrelado ao estímulo à pesquisa e ao aprofundamento nas questões bíblicas. A busca por conhecimento teológico está diretamente ligada à disposição do jovem para assumir um papel ativo. Portanto, o oferecimento de classes de aprofundamento, aulas de canto e instrumentos, incentivo ao estudo sistemático da lição e minicursos de homilética são estratégias fundamentais para que o indivíduo perceba um desenvolvimento pessoal na qualidade da adoração que presta a Deus.

À medida que ocorre esse crescimento intelectual e técnico focado em áreas que servem de maneira prática à liturgia, eleva-se também a qualidade das contribuições que esses jovens apresentarão. Sendo assim, o engajamento litúrgico não se sustenta apenas pela atividade mecânica, mas exige uma base intelectual estruturada. Quando a igreja investe na formação de seus jovens, ela não apenas aprimora a qualidade do culto, mas também os prepara para um desafio ainda maior: a defesa de sua própria fé diante dos dilemas contemporâneos.

O PÚLPITO DIANTE DOS QUESTIONAMENTOS DA PÓS-MODERNIDADE

O aprofundamento no estudo da Bíblia não visa apenas ao aprimoramento litúrgico, mas atua como uma ferramenta prática para reafirmar a confiabilidade do texto bíblico. Na era digital, os jovens têm acesso imediato a

questionamentos de viés pós-moderno que desafiam a fé cristã – tais como a suposta adulteração dos escritos proféticos, a ausência de provas sobre a historicidade das narrativas bíblicas e o próprio ceticismo quanto à existência de Jesus. Embora a crítica textual, a arqueologia e o estudo aprofundado das profecias já ofereçam respostas sólidas que demonstram a condução histórica do povo de Deus, tais evidências raramente são exploradas nos cultos.

Ainda que o culto divino não comporte exaustivas exposições acadêmicas, a inserção pontual desses temas desperta o interesse e reforça a credibilidade da mensagem. O púlpito pode atuar como uma ponte, estimulando a curiosidade de ouvintes inclinados ao debate e à pesquisa teológica. A igreja deve, portanto, compreender a liturgia como parte de um processo contínuo de aprendizado, e não como um fim em si mesma. O culto é o espaço onde muitos consolidam seu entendimento, enquanto outros dão os primeiros passos rumo a um estudo mais aprofundado. Por essa razão, temas de relevância escatológica, como as profecias de Daniel e Apocalipse, devem figurar de modo constante nas pregações, refinando o escopo do ensino transmitido.

Esse estímulo vai ao encontro do conceito de motivação cognitiva, processo no qual o indivíduo se sente instigado a dominar um novo conteúdo e a confrontar seus saberes prévios. Ao apresentar informações que exigem reflexão, o pregador fomenta o desejo pelo estudo autônomo. Quando o jovem é intelectualmente desafiado a buscar respostas para aquilo que desconhece, a necessidade de incentivos externos diminui, dando lugar a uma busca intrínseca pelo conhecimento.

Contudo, o engajamento juvenil não depende exclusivamente do conteúdo, mas da capacidade de traduzi-lo de forma inteligível. Por isso, um dos entraves comunicativos reside no uso inadequado do registro linguístico. Enquanto o excesso de academicismo afasta o jovem pela falta de familiaridade com os termos teológicos, o extremo oposto – uma linguagem demasiadamente coloquial – pode esvaziar a seriedade da mensagem.

Além da forma, há a exigência por respostas diretas. A falta de orientações objetivas sobre comportamento, relacionamentos e dilemas cotidianos tem gerado desinteresse. Cabe ao pregador debater esses aspectos com clareza

bíblica, oferecendo balizas seguras para as expectativas dos jovens. Quando a pregação assume um tom demasiadamente subjetivo, corre o risco de ser assimilada apenas como uma palestra de autoajuda, distanciando-se de seu caráter salvífico e doutrinário.

Nesse escopo, constata-se que temas sensíveis à juventude, como a homossexualidade, são frequentemente negligenciados nos púlpitos, seja por receio de rejeição social ou de possíveis implicações legais. Entretanto, o discurso pastoral deve manter seu compromisso com a ética cristã, abordando as transgressões de forma prática e direta. Caso a complexidade de um tema extrapole a formação teológica do orador, é salutar a integração de profissionais cristãos de áreas específicas, garantindo uma abordagem embasada e academicamente responsável.

Essa postura evidencia a importância da interdisciplinaridade na homilética. O pregador contemporâneo deve buscar noções fundamentais de diversas ciências – como matemática, filosofia, história, biologia e astronomia –, compreendendo que Deus é o autor de toda a verdade científica. Uma vez que correntes filosóficas seculares frequentemente utilizam argumentos equivocados para desconstruir a fé das novas gerações, o alinhamento do discurso bíblico com o rigor acadêmico torna-se uma importante ferramenta apologética. Mais do que confirmar a fé dos crentes, essa abordagem alcança mentes céticas. Em um diálogo com um biólogo ateu, por exemplo, o ponto de partida mais eficaz pode não ser o apelo estritamente teológico, mas a demonstração de evidências e do *design* inteligente dentro de seu próprio campo de atuação, conduzindo-o, gradativamente, à Bíblia como fonte de verdade.

Para dialogar com uma juventude influenciada pelo pensamento pós-moderno e pela supervalorização do método científico, o púlpito precisa expor a ciência em sua dimensão real: como um esforço construído sobre conjecturas humanas, sujeito a erros, discordâncias e quebras de paradigma. Apontar as limitações intrínsecas ao fazer científico previne a confiança cega no secularismo e evidencia que a própria ciência possui sua história e evolução. Assuntos nos quais o consenso científico parece desafiar a lógica cristã, como a teoria da evolução, devem ser discutidos com maturidade. Ainda que o pregador

não seja um especialista, ele deve instigar o pensamento crítico e evidenciar as lacunas que permitem a inserção dos fundamentos teológicos, contando com o respaldo de pesquisadores cristãos para aprofundamentos específicos.

Não por acaso, os comunicadores que mais se destacam no meio cristão atual frequentemente recorrem a essa interdisciplinaridade. Demonstrar a harmonia entre as evidências e o relato bíblico confronta a incredulidade e atesta que verdades milenares não foram escritas ao acaso, forçando o cético a reconhecer o fator divino nas Escrituras.

Em contrapartida, parte da liderança religiosa tem cedido ao discurso pós-moderno em uma tentativa falha de reter os jovens seduzidos por filosofias seculares. O verdadeiro compromisso pastoral, todavia, exige firmeza para apontar a verdade e alertar sobre caminhos que, embora atrativos, conduzem à perdição. A juventude possui notável percepção para identificar a convicção e a coerência do orador. Contudo, possuir um conteúdo teológico robusto e coragem apologética resolve apenas parte do problema. A eficácia dessa mensagem dependerá, inevitavelmente, da forma como ela é comunicada e da capacidade da igreja de se conectar com a dinâmica de uma geração imersa em estímulos.

O MUNDO DIGITAL

A contemporaneidade é marcada por uma dinâmica acelerada, na qual as novas gerações são inseridas, desde a primeira infância, em um ecossistema tecnológico e hiperconectado. Consequentemente, a exposição precoce a estímulos visuais intensos e à rápida sucessão de imagens – típicos do consumo em dispositivos móveis – altera os padrões de concentração, dificultando a manutenção do foco em liturgias extensas e de formato estritamente verbal. O indivíduo, no entanto, não é um ser isolado, mas uma construção social; a própria psique humana opera não apenas na individualidade, mas também como um fenômeno atravessado pela coletividade. Logo, é relevante que haja uma intencionalidade quanto ao ambiente sociocultural em que o jovem está imerso e aos estímulos cognitivos que recebe, uma vez que tais elementos são agentes determinantes na formação de seu caráter e de sua visão de mundo.

Sob essa ótica, a mesma tecnologia frequentemente associada à dispersão pode ser instrumentalizada para captar a atenção e conferir maior dinamismo à liturgia. A modernidade oferece a possibilidade de tornar o culto mais interativo mediante a incorporação de vídeos, linguagens visuais, apresentações esquematizadas, mapas conceituais e outras ferramentas que dialoguem diretamente com o perfil de uma geração predominantemente visual. Essa adequação metodológica facilita a aproximação entre o cotidiano do jovem e o ambiente religioso, gerando um senso de familiaridade e pertencimento. É fundamental ressaltar que a adoção desses recursos para otimizar a explanação da Palavra não equivale a secularizar o culto ou "trazer o mundo para a igreja", mas sim utilizar mediações pedagógicas contemporâneas para inserir o jovem, de forma efetiva, na realidade eclesiástica.

Ao tomar consciência de que sua identidade é, em grande parte, moldada pelo meio em que vive, o indivíduo tende a buscar espaços que promovam o seu desenvolvimento integral e a sua capacitação. No contexto eclesiástico, essa percepção fomenta o anseio por uma participação assídua e orgânica no corpo da igreja. Conforme sugere a literatura da área de desenvolvimento humano, uma interação qualificada com o meio proporciona ao adolescente um elevado senso de motivação social. Conclui-se, portanto, que, ao aliar esse engajamento social à compreensão do chamado missional cristão, o jovem apresenta uma probabilidade significativamente maior de se envolver em um ministério pautado por propósito e compromisso prático.

CONCLUSÃO

Entende-se ser imperativo a necessidade de maior participação do jovem na adoração e maior interesse dessa faixa etária pela participação dos serviços do culto. Conclui-se, no entanto, que despertar o interesse do jovem para estudar, entender e disseminar o conhecimento sobre profecias, principalmente as profecias apocalípticas, também é uma responsabilidade da igreja local e de sua liderança.

Dentre as muitas demandas das novas gerações está a necessidade de aumentar a confiança e credulidade da juventude no texto bíblico. Numa

sociedade de crescente relativismo, pós-verdade e pluralismo, na qual a verdade absoluta é constantemente questionada, ressaltar a Bíblia como regra de fé e prática e inseri-la na realidade cotidiana das novas gerações representa um grande desafio.

Encarando a realidade do mundo pós-moderno, a igreja precisa se posicionar diante do enfrentamento dos dilemas e dúvidas práticas do dia a dia com um pensamento dentro da cosmovisão bíblica e preceitos cristãos. A relevância da igreja inclui tornar o culto divino mais relevante para a vida prática do jovem. Tal empreitada deve ser construída por meio de um trabalho coletivo entre pastor, liderança leiga da igreja local e adolescentes e jovens.

REFERÊNCIAS

BURNS, B. **Contextualização missionária: desafios, questões e diretrizes**. São Paulo: Vida Nova, 2016.

DAVIDOFF, L. **Introdução à psicologia**. São Paulo: Pearson, 2019.

JUNG, C. **O eu e o inconsciente**. São Paulo: Vozes, 2008.

KIMBAL, D. **Eles gostam de Jesus, mas não da Igreja**. São Paulo: Vida, 2011.

REIS, E. **Como preparar e apresentar sermões**. Tatuí: CPB, 2003.

ROBINSON, H.; LARSON, C. **A arte da pregação bíblica**. São Paulo: Sheed, 2004.

SIEGEL, D. **Cérebro adolescente:** a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos. São Paulo: Nversos, 2016.

TURNER, S. **Engolidos pela cultura pop**. Viçosa: Ultimato, 2014.

VENDEN, M. **Como Jesus tratava as pessoas.** Tatuí: CPB, 1989.

WHITE, E. **Mente, caráter e personalidade**. Tatuí: CPB, 2010.

WHITE, E. **Testemunhos para ministros**. Tatuí: CPB, 1993.

WHITE, E. **General Conference Bulletin**, 1893.

WHITE, E. **Serviço cristão**. Sem local: Ellen White Estate, 2007.

CAPÍTULO 43

43

Características de um líder de adolescentes

Yasna Liz Cárdenas Seguel Oliveira

A fase da adolescência representa um momento crítico e decisivo no desenvolvimento humano, sendo o momento em que a identidade e os valores espirituais, juntamente com as concepções de vida, são consolidados. Nesse cenário, o Ministério dos Adolescentes exerce um papel fundamental na igreja. Contudo, este esbarra constantemente no seu maior desafio: a formação e manutenção da liderança. A cada ano, observa-se uma alta rotatividade, bem como a escassez de voluntários dispostos a assumir classes de escola sabatina e a coordenação dessa faixa etária. Somado a isso, evidencia-se também uma lacuna teórica. Embora a literatura especializada sobre liderança, em termos gerais, seja vasta no que se refere a características e perfis estruturais (Barna, 1999; Maxwell, 1999; Miller, 2004; Stanley, 2008), as obras focadas nas especificidades e nos desafios da liderança direcionada exclusivamente aos adolescentes ainda são raras (Burjack, 2015; Campitelli, 2019; Cruz, 2016; Lins 2017).

Diante dessa realidade, surgem questionamentos basilares para o ambiente eclesiástico: Qual é a base para escolher um líder/professor de adolescentes? Que características devem possuir? Qual deve ser o perfil de um líder para trabalhar com esta faixa etária tão desafiadora?

Para responder a essas indagações e delinear o perfil ideal desse líder, este trabalho propõe uma dupla abordagem. Além da revisão bibliográfica das literaturas disponíveis sobre o tema, foi realizado um levantamento empírico. Foram desenvolvidas duas pesquisas independentes, disponibilizadas via formulário digital, visando cruzar as expectativas de quem lidera com as de quem é liderado. O estudo obteve um retorno significativo, contando com a participação de 105 líderes/professores e 344 adolescentes, cujos dados fundamentam as análises a seguir.

PESQUISA PARA PROFESSOR/LÍDER DE ADOLESCENTES

Para compreender a realidade prática e os desafios enfrentados para aqueles que estão à frente do Ministério dos Adolescentes, a primeira etapa da pesquisa de campo voltou-se exclusivamente para os líderes e professores. O questionário aplicado buscou traçar um perfil demográfico, avaliar o nível de

experiência dos profissionais e mapear as principais motivações, dificuldades e percepções que esses indivíduos têm sobre o próprio ministério. Assim, a análise de dados coletados dos 105 líderes revelou o seguinte panorama. Em relação à idade, 8,6% têm entre dezoito e vinte anos; 32,4% têm entre 21 e 30 anos; 21% têm entre 31 e 40 anos de idade; 29,5% têm entre 41 e 50 anos; e 8,6% têm mais de 50 anos. Quanto ao gênero, 76,2% são mulheres, enquanto 23,8% são homens.

A experiência em liderança, por sua vez, revelou que 41,9% têm menos de um ano como líderes; 50,5% têm entre um e cinco anos como líderes; 5,7% têm entre seis e dez anos como líderes; e 2,9% têm entre doze e trinta anos como líderes.

Quanto aos motivos pelos quais se tornaram líderes, elenca-se que: 13,3% tem convicção de que se tornou líder/professor de adolescentes porque Deus permitiu; 20% acredita que foi eleito líder pela forma que se relaciona com os adolescentes; 9,5% porque gosta muito de adolescentes; 14,2% pelas qualidades que possui, como responsabilidade, dedicação, compromisso etc.; 9,5% porque foi a única pessoa que aceitou o desafio de liderar os adolescentes; 3,8% porque é mãe/pai de adolescente; 2,9% por já ser professor; 0,9% pelas características dos adolescentes; e 1,9% porque foi ele que escolheu ser líder.

Cerca de 53,3% já pensou em desistir da função pelos motivos a seguir: falta de apoio financeiro e de estrutura física (sala ou ambiente para classe), desafios espirituais pessoais, porque coordena outro ministério e se sente sobrecarregado(a), muitos afazeres na vida pessoal, desinteresse dos adolescentes, sentimento de incapacidade, falta de apoio dos pais, enquanto 46,6% jamais pensou em desistir.

No que diz respeito as dificuldades que encontram, os fatores são variados: desde a falta de espaço físico (8,6%); falta de interesse dos adolescentes (6,6%); falta de estudo da lição pelos adolescentes (14,3%); atividades realizadas paralelamente e falta de integração entre departamentos (1,9% cada); falta de mão de obra para auxiliar (7,6%); falta de ideias (3,8%); escassez de recursos financeiros (12,4%); falta de apoio dos pais (6,6%) e da igreja (2,9%); e falta de tempo ou má administração do tempo (4,8%).

As facilidades encontradas, por sua vez, são: aceitação e forma de ser dos adolescentes (33,3%); nenhuma facilidade (6,6%); apoio da igreja (6,6%); o grupo de WhatsApp (3,8%); assistir treinamentos (2,9%); o amor (2,9%); materiais e projetos existentes (3,8%); e apoio do pastor, unidade, experiência e linguagem adequada (0,9%).

Quanto às qualidades que um líder deve possuir, foram mencionadas: ser espiritual (11,4%); paciente (8,6%); amar e saber ouvir (5,7%); ser amigo (6,6%); gostar do que faz, gostar dos adolescentes e ser dinâmico (4,8% cada); responsável, comunicativo e criativo amoroso e conhecer os adolescentes (3,8% cada); respeitoso, perseverante e firme (2,9%); líder, com experiência, faz pastoreio e tem apoio da liderança (1,9%).

Aproximadamente 52,4% se sente qualificado para exercer o ministério do adolescente como líder/professor por ter experiência, por já serem professores, pelo entrosamento com os adolescentes, por terem materiais adequados, por serem amigos e porque Deus escolhe e capacita. 39% não se sente qualificado para desenvolver o ministério porque acredita que lhe falta capacitação e, se a tivesse, poderia fazer mais; e 3,8% não sabe responder.

Ainda sobre o perfil, 52,4% não se inspiram em ninguém que trabalhe na nova geração, enquanto o restante (47,6%) inspira-se em diferentes pastores, líderes de campo, professores e, principalmente, Jesus. Por fim, quanto à autoavaliação de sua liderança, 19% avalia que precisa fazer mais atividades fora da igreja, envolvendo os adolescentes na missão; 9,5% acredita que deve buscar mais conhecimento; a mesma porcentagem diz que não sabe o que dizer ou como avaliar; 6,7% acredita que precisa melhorar o diálogo com seus adolescentes; 7,6% precisa de mais organização; 5,7% analisa que devem fazer mais visitação a seus adolescentes; 4,8% precisam buscar a Deus; a mesma porcentagem diz que precisa de espaço físico e mais recursos; o restante apresenta diferentes situações.

PESQUISA PARA OS ADOLESCENTES

Uma vez compreendida a visão da liderança, partimos agora para entender a perspectiva do público-alvo, os adolescentes. Afinal de contas, a eficácia de

um líder é medida também pela forma como ele é recebido por seus liderados. Assim, a segunda etapa da pesquisa foi direcionada aos próprios adolescentes, com o objetivo de captar o seu nível de engajamento institucional, o grau de satisfação com o ministério atual e, principalmente, quais características eles consideram essenciais na figura de um líder.

A partir das respostas dos 344 adolescentes que participaram da pesquisa, foram coletados dados significativos. A distribuição de idade dos participantes foi: treze anos (29,4%); quatorze anos (25,3%); quinze anos (22,1%); e dezesseis anos (23,5%). Quanto ao gênero, 67,8% são mulheres e 42,2% são homens.

Sobre a participação na Escola Sabatina, 91% dos adolescentes são membros; 2% não são membros; e 7% frequentam esporadicamente. Quanto à avaliação do Ministério de Adolescentes de sua igreja: 57% consideram muito bom; 30,8% consideram bom; 11,3% avaliam como regular; e 0,9% o consideram ruim.

Sobre a identificação com o líder/professor: 71,8% se identificam com o líder/professor de sua classe; e 28,2% não se identificam. Nesse sentido, as qualidades imprescindíveis para um líder, segundo os adolescentes, são: responsável (18%); paciente (14,5%); animado (11%); espiritual (6,4%); amigo (5,2%); criativo e respeitoso (4,4%); companheiro (4,1%); comunicativo, saber explicar e gentil (3,8%); dedicado, comprometido e amoroso (3,4%); sábio (3,2%); exemplo, educado e conhecer a Bíblia (2,9%); pontual e simpático (2,6%); leal e dinâmico (2,3%); calmo, humilde, disposição, saber interagir com adolescentes, confiável, bom humor, inteligente, atencioso, ser líder, experiente e corajoso (1,5%).

Quando indagados sobre qual seria a qualidade de um 'líder ideal': 15% não soube responder; 9% divertido e animado; 8,7% responderam que já tem o líder ideal; 5,8% responderam que seria alguém que entende os adolescentes; 5,2% deve ser paciente e responsável; 4,6% legal, alegre e amigo; 3,5% deve ter Deus em primeiro lugar e explicar bem, entre outras características.

Quanto à existência de uma idade ideal para ser líder/professor: 62,8% acreditam que não precisa uma idade específica para ser líder; 33,7% acreditam que precisa de uma idade mínima, que seja jovem ou um adulto.

ANÁLISE COMPARATIVA

Com os dados de ambos os grupos devidamente tabulados, a etapa seguinte consistiu em cruzar as informações para identificar os pontos de convergência e divergência entre as expectativas da nova geração e a realidade vivida pelos professores. Essa análise comparativa é fundamental para diagnosticar se a oferta da liderança está alinhada com as necessidades reais dos adolescentes, evidenciando as forças do ministério local e as lacunas que ainda exigem atenção.

Ao analisarmos as respostas de ambos os grupos, destacam-se alguns pontos similares. As mulheres representam a maioria dos que responderam às pesquisas. Em relação à idade dos líderes, destaca-se que 41% deles pertencem à faixa etária denominada de nova geração, e 92,4% deles têm até cinco anos de experiência de liderança, ou seja, são novos no cargo.

Menos de 10% são líderes porque ninguém mais aceitou o desafio, e mais de 90% deles têm claro e bem definido porque é líder de adolescentes. Porém, mais de 50% já pensou em desistir do ministério por diferentes motivos. Assim, existe um leque de dificuldades que enfrentam; contudo, ao mesmo tempo, há outras situações que facilitam o desenvolvimento de sua liderança. A que se destaca, na opinião deles, é a aceitação e forma de ser dos adolescentes (33,3%).

Os líderes dão uma série de características que acreditam que um líder de adolescentes deve possuir: ser espiritual, paciente, amoroso, saber ouvir, ser amigo, gostar do que faz, gostar dos adolescentes, ser dinâmico, responsável, comunicativo, criativo, conhecer os adolescentes, respeitoso, perseverante, firme, ter liderança, ter experiência e desenvolver o pastoreio.

Logo após, 52,4% se sentem qualificados a exercer a função de líder/professor de adolescentes por várias razões: já serem professores formados, terem experiência e se darem bem com esta faixa etária. Porém, 39% não se sente qualificado porque necessitam de treinamento nesta área. A maioria (52,4%) não se inspira em pessoas que trabalham com a nova geração e muitos deles não conhecem alguém que se destaque trabalhando com a faixa etária de adolescentes (treze a dezesseis anos).

O restante dos líderes que responderam à pesquisa disse que se inspiram em pastores que são pregadores, líderes de jovens ou de desbravadores. A pergunta que os leva a fazer uma autoanálise de sua liderança revela que poderiam melhorar em vários aspectos, como: fazer mais atividades fora da igreja que implicam envolver os adolescentes na missão; acreditam que devem buscar mais conhecimento; alguns que precisam melhorar o diálogo com seus adolescentes; precisam ser mais organizados; devem visitar seus adolescentes; precisam ter um relacionamento mais íntimo com Deus; outros precisam de espaço físico e mais recursos para melhorar seu desempenho; e outros não sabem o que dizer ou como se avaliar.

As respostas dos adolescentes revelam que mais de 90% são membros da escola sabatina, onde a grande parte das atividades direcionadas a eles acontece; portanto, as respostas são de adolescentes envolvidos. 87,8% estão satisfeitos com o Ministério de Adolescentes de sua igreja e 78% dos adolescentes se identificam com seu líder/professor da classe.

Os adolescentes também definem uma lista de qualidades que um líder de adolescentes deveria possuir: ser responsável, paciente, animado, espiritual, amigo, criativo, respeitoso, companheiro, comunicativo, saber explicar e ser gentil, dedicado, comprometido, amoroso, sábio, ser exemplo, educado, conhecer a Bíblia, pontual, simpático, leal, dinâmico, calmo, humilde, ter disposição, saber interagir com adolescentes, confiável, ter bom humor, inteligente, atencioso, ser líder, experiente e corajoso.

CONCEITOS DE LIDERANÇA DE ADOLESCENTES

Em seu livro *Liderando Adolescentes*, Cruz (2016) compartilha sua vasta experiência de ministério com adolescentes, fundamentado na crença de que o trabalho com os adolescentes deve ser diferente daquele realizado com os jovens. Dentre as características que ele menciona, destaca-se que o líder deve ser dinâmico, comunicativo, interessante e capaz de apresentar a palavra de Deus de forma atrativa. Sem ser excessivamente rígido, deve ser alguém "muito legal", mas que, quando precisa falar sério, sabe se posicionar.

Os líderes não podem ser uma imitação dos pais. Pelo contrário, o líder deve criar uma 'identificação' com eles, demonstrando que compreende a linguagem e as expressões de cada um. Nas palavras de Cruz:

> Quanto mais animado e espontâneo o líder for, maior possibilidade de conquistar o coração do adolescente e, uma vez alcançada a confiança deles, o líder poderá falar ao coração e estarão abertos para ouvi-lo [...]. Sua proximidade não pode chegar ao ponto de você se tornar 'amiguinho' deles, eles não podem confundir liberdade com libertinagem, a amizade não pode chegar ao ponto de perderem o respeito por você (Cruz, 2016, p. 14).

Os líderes devem ter equilíbrio na abordagem, maturidade para que não percam o respeito de seus liderados. Assim, o líder precisa ensinar o adolescente a conhecer Jesus e ter um relacionamento com Ele, ensinando-os a ser mais espirituais e viver um cristianismo prático. Além disso, é essencial que o líder de adolescente tenha um bom relacionamento com os pais. Conforme salienta Cruz (2016, p. 32): "quem é líder de adolescentes tem dois ministérios: um com os adolescentes e outro com os pais dos adolescentes".

O líder também deve se aproximar das redes sociais, pois esse é o mundo no qual a nova geração habita. Nos capítulos 9, 10 e 11 de sua obra, Cruz (2016) faz menção de que todo adolescente tem uma turma, um referencial e uma causa. Daí a importância de o adolescente ter amizades na igreja e fazer atividades não somente na igreja. Como os adolescentes buscam um referencial fora do círculo familiar, o líder deve ser esse referencial que aponte para Jesus, o maior referencial. Todo adolescente busca algo para se apegar, um projeto de vida. O líder de adolescente, portanto, deve "esforçar para despertar no adolescente o desejo de viver pela causa do evangelho" (Cruz, 2016, p. 61).

Já Lins (2017), em seu livro *Chamados para Liderar*, apresenta outras características que devem possuir aqueles que lideram adolescentes. O primeiro passo para um líder cristão é entregar sua vida por completo a Jesus

e depender plenamente dele. O segundo passo, por sua vez, é ter coragem para desafiar sua capacidade. Partindo desses dois primeiros passos, um líder precisa ser um referencial, um exemplo, assim como Cristo foi. Pois é isso que os adolescentes anseiam. Para ser um referencial, o líder precisa estar convicto do chamado de Deus para cuidar de pessoas.

Assim, o líder precisa ter um relacionamento com Deus e saber identificar as habilidades e talentos de seus liderados. Outra característica crucial é a humildade, aliada à submissão e à autoridade espiritual. Um líder que não aceita ser liderado não serve para ser líder. Nas palavras de Lins (2017, p. 36, 46): "Querem ser compreendidos sem julgamento, mas com as mãos estendidas para ajudá-los nos seus dilemas. Esperam líderes que tenham visão do reino, que sejam exemplo, amigos e confiáveis".

Eles querem que os líderes os escutem e os envolvam em causas que deem sentido à vida. O líder precisa conhecer os adolescentes, seus dilemas, precisa ser amoroso, firme, desenvolver um relacionamento próximo, baseado na confiança, amizade e respeito, precisa amar o que faz e não pode ter medo de ser avaliado.

A obra *Insight sobre liderança de jovens e adolescentes*, organizada por Juan Cruz e escrita por múltiplos autores, reforça esses pontos. Em seu artigo, Cruz afirma que a tarefa do líder é apresentar o liderado a Deus, para que seja transformado por Ele. O líder deve ser intencional ao criar momentos de intimidade com Deus, atuar como modelo, ter bom senso de humor e trabalhar em parceria com os pais. Além disso, deve oferecer programações de qualidade com propósito, precisa planejar, criar e fortalecer relacionamentos saudáveis.

Por sua vez, Burjack (2015, p. 53, 77) afirma que: "Não creio que há um perfil ideal, pois creio que liderança não deixa vácuo". Ele conclui que nem sempre será possível encontrar um modelo perfeito ou focado exclusivamente em "dom" ou "perfil", pois liderar é sobre executar o serviço da melhor forma possível (Burjack, 2015).

Reforçando essas diretrizes, o *Guia para líderes do ministério de adolescentes da divisão sul-americana* apresenta uma lista de quatorze características

fundamentais de líderes de adolescentes, baseado no "Projetos que Salvam" do pastor Jorge Mario Oliveira:

> 1. Amar a Deus acima de tudo. 2. Amar os adolescentes. 3. Servir com entusiasmo. 4. Apreciar a natureza, ter espírito de aventura. 5. Conhecer as principais características dos adolescentes. 6. Estar informados sobre os grandes fatos da atualidade. 7. Ser polivalentes. 8. Ser organizados. 9. Saber manter relacionamentos agradáveis com seus cooperadores. 10. Possuir estabilidade emocional. 11. Senso de humor. 12. Ter recursos e criatividade. 13. Irradiar dignidade de presença. 14. Comportamento e vestuário adequados.

COMPLEMENTOS SOBRE LIDERANÇA

Visando construir uma lista de características que um líder de adolescentes deve possuir, consideramos outros autores que falam do tema de liderança e que são conhecidos pelas suas pesquisas e diferentes livros.

Barna (1999, p. 25), em seu livro *Líderes em ação*, afirma que: "Um líder cristão é alguém chamado por Deus para liderar; que lidera com um caráter plenamente semelhante ao de Cristo; e revela as aptidões funcionais que permitem uma liderança concretizar-se". Sendo assim, o chamado de Deus se destaca como primeiro elemento. Em seguida, o autor apresenta que um líder genuíno possui inclinação natural para a função, é visionário, estratégico e influente. Além de gostar de trabalhar em equipe, é corajoso e apaixonado pelo que faz. São esses sinais, segundo Barna (1999), que provavelmente indicam que a pessoa foi chamada para ser um líder cristão.

Já Stanley (2008), em seu livro O *líder da próxima geração*, apresenta uma lista de cinco características que marcam um líder: competência (descobrir seus pontos fortes), coragem (controlar os seus medos), clareza (alcançar as incertezas), *coaching* (mentoria) e caráter (conservar a autoridade moral). Segundo ele, são as qualidades de liderança que definirão o futuro.

Maxwell (1999), por sua vez, em seu livro As *21 irrefutáveis leis da liderança*, apresenta uma série de características que um líder deve possuir. Para ele, o líder deve ter capacidade de liderar, influência, p. É o caráter que possibilita a confiança, pois a partir dele se revela respeito, coerência e potencial. Outros aspectos importantes elencados por Maxwell também são: saber relacionar-se, ter conhecimento, ser visionário, ter experiência, designar responsabilidades, fazer conexão com as pessoas, saber trabalhar em equipe e ser exemplo.

Miller (2004), em seu livro *Liderança espiritual segundo spurgeon*, analisa várias qualidades que sobressaíam na vida de Charles Spurgeon. Ele afirma que:

> Embora uma parcela significativa das instruções de Spurgeon sobre liderança tenha sido dirigida a pastores, os princípios abordados neste livro são úteis em praticamente qualquer área de atuação do líder – seja você professor, missionário, líder de grupo, auxiliar de ministério, diretor de programação ou aluno de seminário teológico com aspirações a se tornar líder espiritual (Miller, 2004, p. 11).

As qualidades destacadas em um líder espiritual são: ter uma vida de oração, ter uma fé firme que resiste às provações, viver em santidade, assim como é santo Quem o chamou, deve servir o próximo como servo. As características essenciais de um servo são: abnegação, bondade, humildade, generosidade, diligência e sinceridade. Também deve amar a Deus e Sua Palavra, estar disposto a sofrer, ter entusiasmo em pregar a Palavra de Deus e, por último, ter paixão pelas almas.

Por fim, Tutsch (2011), em seu livro *Liderança inspirada*, apresenta as descobertas que fez sobre o perfil de um líder analisando os escritos de Ellen White. Segundo a autora, a liderança é um chamado no qual o indivíduo é capacitado pelo Espírito Santo para ter seu caráter moldado. A total dependência divina geral humildade, compaixão e habilidade para o trabalho em equipe. O líder ideal, nesse sentido, busca sabedoria por meio da oração e

do jejum, é abnegado, delega funções, prepara as novas gerações e trata a todos com respeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a literatura disponível sobre liderança de adolescentes, juntamente com as respostas das pesquisas e os livros de liderança em geral, encontramos vários pontos de convergência. Todas elas mostram, de certa forma, as características indispensáveis para quem trabalha com adolescentes.

A primeira delas é convicção do chamado de Deus. Afinal, se Deus chama, Ele capacita. Portanto, o líder deve buscar a direção do Espírito Santo e depender completamente de Deus a fim de exercer o ministério de forma eficaz. Como conhecedores da Palavra de Deus, a ação do Espírito Santo na vida do cristão vai agindo e moldando o caráter dos filhos de Deus e desenvolvendo os frutos do Espírito, segundo Gálatas 5:22–23: "Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio".

Outras características, amplamente destacadas tanto pelos adolescentes e pelos líderes, são o agir de Deus na vida das pessoas, à medida que elas permitem ser moldadas; capacidade de liderar, assim como organização e planejamento, ter conhecimento da Palavra de Deus e do público que lidera, ser responsável, ter espírito de serviço, ser humilde, ser exemplo, ser espiritual, ser um mentor e levar os adolescentes a desenvolver suas habilidades no serviço de Deus.

Se analisarmos profundamente, essas são virtudes que todos os filhos de Deus deveriam possuir. Ao sermos salvos e chamados, passamos a integrar o que está descrito em 1 Pedro 2:9: "Vocês, porém, são geração eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamar as virtudes daquele que os chamou das trevas para a sua maravilhosa luz". Tornamo-nos, assim, especiais e diferentes. Contudo, como ilustra a parábola dos talentos em Mateus 25:14–30, cada pessoa recebe habilidades distintas e é responsável pelo uso delas. Tendo a convicção desses dons, devemos utilizá-los integralmente para a glória de Deus.

REFERÊNCIAS

BARNA, George. **Líderes em ação:** sabedoria e encorajamento na arte de liderar o povo de Deus. Tradução Heloisa Martins. Campinas, SP: Editora United Press, 1999.

CRUZ, Marcos da. **Liderando adolescentes**. Goiânia: M Cruz Produções, 2016.

CRUZ, Juan; LIVEIRA, Vladimiro; CORRÊA, Alan; BURKACK, Guilherme; CORRÊA, Fabricio; CRUZ, João Eduardo. **Insight sobre liderança de jovens e adolescentes**. São Paulo: Garimpo Editorial Ltda., 2015.

EARLEY, Dave. **Transformando os membros em líderes**. Curitiba, PR: Ministério Igreja em Célula, 2009.

Guia para líderes: Ministério do adolescente. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira.

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. Divisão Sul-Americana. Ministério do Adolescente. **Guia para líderes**: Ministério do Adolescente. Divisão Sul-Americana, 2017.

LINS, Lauren. **Chamados para liderar:** um guia para líderes de jovens e adolescentes. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2017.

MAXWELL, John C. **As 21 irrefutáveis leis da liderança**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1999.

MILLER, Steve. **Liderança espiritual segundo Spurgeon**. São Paulo: Editora Vida, 2004.

STANLEY, Andy. **O líder da próxima geração:** qualidades da liderança que definirão o futuro. São Paulo: Editora Vida, 2008.

TAVARES, Davi Pereira. **Liderança eficaz na igreja local:** um eficiente e prático manual para treinar e capacitar os diretores de departamento da igreja. Artur Nogueira, SP: Editora Paradigma, 2011.

TUTSCH, Cindy. **Liderança inspirada:** conceitos de Ellen White sobre a arte de influenciar pessoas. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.

WARREM, Rick. **Liderança com propósito:** princípios eficazes para o líder do século XXI. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.